REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XXXIX

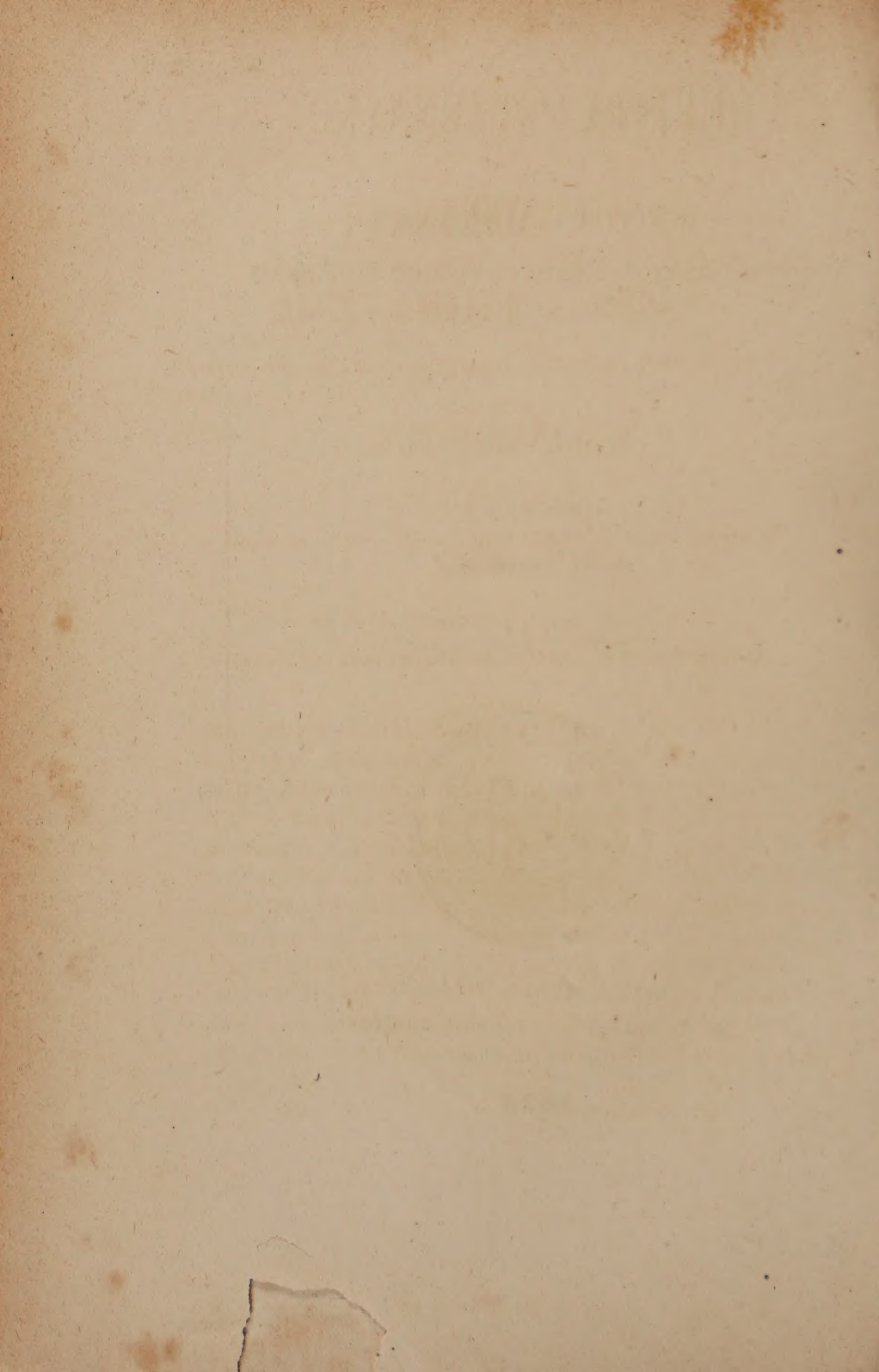
Parte segunda

Hoc facit, ŭt longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier — Livreiro-editor

65 Rua do Ouvidor 65

1876

NOTAS

SOBRE A HISTORIA PATRIA

Lidas na sessão do Instituto Historico de 10 *de Dezembro de* 1875

PELO SOCIO

CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

Primeiros tempos da descoberta do Brasil. — Varios assumptos.— Rectificações.

Quem levou a noticia da descoberta do Brasil?

A historia do nosso paiz está cheia de factos mal averiguados, e não poucos creados pela imaginação de escriptores em épocas mui afastadas dos acontecimentos, e quasi sempre no interesse de dar importancia e rodear de prestigio certas individualidades de sua affeição, influentes e poderosas, de quem dependiam, estabelecendo relações de parentesco, reaes ou ficticias, com entidades que exaltavam, e de existencia muitas vezes problematica. Vivemos assim cercados de fabulas, que deturpam a historia; fabulas que se dramatisam com detalhes de pura imaginação, sentindo-se que por falta de verdadeira critica ellas se reproduzam nos livros dos modernos cultores da historia nacional.

O dever do moderno historiador é, armado de uma critica, tão sensata como severa, expurgar de nossa historia taes excrescencias, que tanto a maculam.

Cumpre entretanto confessar: todos esses defeitos provieram em grande parte do pouco cuidado que houve em Portugal, desde as primeiras descobertas, tanto na Africa occidendal, como na oriental, Asia e America, em resguardar de todo o viciamento e abandono as memorias de factos verdadeiros.

Se se archivassem convenientemente os roteiros dos navegantes, as correspondencias administrativas, as relações dos viajantes e quaesquer documentos relativos a esses grandes feitos dos portuguezes, facil seria coordenar desde logo uma chronica séria e veridica d'esses acontecimentos, base indispensavel para a historia, de que podessemos tirar, pelo seu facil e agradavel estudo, todo o proveito.

Sem chronicas verdadeiras, abundantes em factos e organisadas, uma boa historia é impossivel. A chronica é o metal em bruto, apenas livre das escorias; a historia é o metal trabalhado, é a obra cinzelada, grata aos olhos e ao espirito.

Muito tarde, talvez, confiou-se a João de Barros, litterato, senão já alcançado em annos, cheio de encargos (1),

(1) E' o que se lê no prologo da sua *Asia*; preparando-se João de Barros para tal commettimento muito antes de 1520, quando apresentou a D. Manoel, em Evora, como ensaio ou habilitação, a *Historia do Imperador Clarimundo.*

D'essa leitura resultou que foi, pelo mesmo rei, encarregado de escrever uma historia sobre as cousas do oriente.

Mas quando Barros preparava o material para desempenho do encargo, monumento de sua gloria, falleceu D. Manoel, e no novo reinado não se deu toda a consideração a esse serviço. Barros foi distrahido do seu empenho e mandado a governar a fortaleza de S. Jorge da Mina, no littoral da Guiné.

a honra de escrever os feitos memoraveis dos portuguezes nas regiões que haviam percorrido, e por seus gigantescos esforços descoberto e conquistado.

Mas o famoso escriptor, tendo de representar o papel de chronista e de historiador, não podia satisfatoriamente desempenhar o herculeo encargo. Rever manuscriptos e decifrar documentos mal traçados, peregrinar em demanda de informações fidedignas, confrontar e digerir tudo, era trabalho superior ás forças de um só homem, por melhor que fosse sua vontade e elevada a tempera de sua robustez.

Por isso pouco fez, e não póde concluir o que emprehendêra. Mas o que produziu é por certo de mui elevado

Volvendo á patria foi logo occupar os cargos mui onerados de thesoureiro e feitor das casas da India e Mina, que lhe absorviam o tempo quasi todo em seu lidar.

Gastou em preparar a obra, assim o assegura, perto de 30 annos, mas durante esse intervallo publicou outras de menor folego. E conclue dizendo que foi o primeiro que escrevêra sobre o assumpto: —« *fui o primeiro que brotei este fruto de escriptura* d'esta vossa *Asia*, etc., » dirigindo-se a D. João III.

Com a idade que lhe dá Innocencio no *Diccionario Bibliographico* não é provavel que lhe encommendassem, no reinado de D. Manoel, a historia dos feitos dos portuguezes nas conquistas da Asia e tambem da America.

Castanheda tambem no prologo de sua *Historia da India* diz, como Barros, o mesmo quanto ao encargo da escriptura; dos esforços que fez para realizar o empenho, publicando o seu trabalho primeiro que João de Barros.

Não faz especie o haver mais de um litterato encarregado de escrever a historia de tantas façanhas, em vista do que diz Damião de Goes no prologo da *Chronica de D. Manoel*, porquanto mais de um teve esse encargo, e não poderam levar a effeito, pelo que D. João III mandou tomar o que já haviam escripto, afim de que outros acabassem, e sem melhora, despendendo-se n'esse empenho trinta e sete annos.

Esses esboços naturalmente aproveitaram a João de Barros.

merecimento. Esse pouco só foi aproveitado em relação á Africa e Asia, a esta sobretudo; e seria menos defectivo se o Tito Livio portuguez, desembaraçado da chronica, se limitasse a traçar a historia. Mesmo em relação á Africa podia fazer mais do que estampou: seu guia foi Eannes de Azurára, mas pouco, mui pouco, estudou o seu horizonte. Parece que necessitava de todo o seu tempo para os feitos de mór nomeada, explendorosos, do oriente.

O que João de Barros escreveu de nossa America é mui reduzido (2), e isso mesmo em demasia deficiente, e a muitos respeitos. Foi para o Brasil um infortunio.

O nosso distincto e incansavel historiador Varnhagen, hoje visconde de Porto Seguro, declara, em uma nota aos seus interessantes opusculos sobre Americo Vespucio, que Barros muito aproveitára das *Lendas da India*, de Gaspar Corrêa, ainda ha bem poucos annos impressas. Mas parece-nos que n'esta proposição ha notavel engano que a chronologia demonstra: faltava a possibilidade. Tal é nossa opinião, aliás fundada no que diz Innocencio no *Diccionario Bibliographico*, no artigo relativo a esse escriptor, que, ainda em 1561, retocava e polia a sua obra. N'esse tempo já as *Décadas* corriam impressas.

Se o douto historiador se referisse á *Historia da India* de Fernão Lopes de Castanheda, ainda bem; a suspeita teria fundamento por isso que foi primeiro estampada que as *Décadas*, accrescendo que Castanheda tinha por si a autoridade de haver passado grande parte da sua vida na India, onde proveu-se de todas as informações que pôde adquirir.

(2) João de Barros escreveu sómente sobre nossa America o que se lê no liv. 5º da I decada da *Asia*.

Veja-se o que diz sobre este assumpto Varnhagen na *Revista do Instituto*, tomo 13, pag. 397.

Vamos dar de nosso asserto uma pequena prova, e que interessa á nossa historia.

Confrontando a narrativa da viagem de Pedro Alvares Cabral por estes dois escriptores as differenças são numerosas e salientes, ao passo que entre as obras de Barros e de Castanheda são muitas as approximações. E são tantas que parece que o manuscripto de Castanheda andára por mão de Barros, ao menos na occasião em que solicitava a licença para a impressão.

Parece que nas cousas do oriente prestou-lhe Castanheda tanto serviço, como Azurara no que respeita á descoberta e conquista da Guiné, na Africa occidental, como o proprio Barros d'este confessa no prefacio da *Asia*.

Occupemo-nos aqui com uma das differenças que interessa á nossa historia.

Barros, na *Asia*, decada I, liv. V, cap. 2°, assegura que Pedro Alvares Cabral expedira um dos navios da sua frota, capitão Gaspar de Lemos, para communicar a nova da descoberta a el-rei D. Manoel.

Gaspar Corrêa, nas *Lendas*, tomo 1°, pag. 151, assevéra o contrario. O navio de Gaspar de Lemos, diz Corrêa, foi um dos que se perderam junto ás ilhas de Tristão da Cunha, após a sahida de Porto Seguro. O portador da nova foi André Gonçalves, nome infelizmente não contemplado na lista dos capitães da frota de Cabral em Barros.

Ouçamos as palavras de Corrêa :

« O capitão-mór (*Alvares Cabral*) foi em terra com os capitães, d'onde esteve cinco dias, e não acharam quem lhes fizesse mal(3). Havia muitas povoações e gente toda

(3) Em outro lugar diz :

« Gente mansa que nem fugiu, nem faziam mal, nem tinham armas mais que uns arcos grandes como de ingreses, etc. »

Sabe-se que na Europa eram os inglezes e os turcos os melhores archeiros, mas os primeiros usavam de arcos grandes e pesados.

branca(4), e os rostros largos, e narizes largos e baixos como de Jáos.

« Onde o capitão-mór por conselho de todos, e d'aqui tornou á mandar ao reino o navio de *André Gonçalves*, com a nova a el-rei d'esta nova terra que descobrira (*sic*), e mandou homens, e mulheres e moços, e suas rêdes e vestidos, e dos papagaios grandes (*ardras*,) e d'outros mais pequenos.

« O mantimento da terra era milho, e o navio carregado dos páos vermelhos aparados, que eram mui pesados, a que chamavam—*brasil*—por sua vermelhidão ser fina como brasa.

« E mandou André Gonçalves que fosse correndo a costa sempre emquanto podesse, e trabalhasse por lhe vêr o cabo, o que elle assim fez, e descobriu muito d'ella que tinha muitos bons portos e rios, escrevendo tudo, e as sondas e signaes, com que tornou a el-rei, e houve muito prazer, e logo armou navios em que *tornou* a mandar André Gonçalves a descobrir esta terra(5): e porque mandou ex-

(4) *Branca*. Assim expressa-se para distinguil-os dos negros da Guiné; Barros diz—*gente nua, não preta*, toda de côr baça.

Note-se que no *Diario da navegação* de Pero Lopes de Sousa usa-se da expressão *alva*, tratando-se da côr dos selvagens da Bahia n'estes termos:

« A gente d'esta terra é toda *alva*, etc. »

Como os portuguezes, especialmente os do sul, são trigueiros, não admira que Pero Lopes de Sousa achasse os *Tupinambás* da Bahia *alvos*, e Gaspar Corrêa *brancos* os *Tupininquins* de Porto Seguro.

A estes trata Pero Vaz de Caminha, testemunha ocular de—*pardos*—em sua tão celebrada carta do 1° de Maio de 1500.

(5) Seria este maritimo o chefe da pequena frota onde embarcou Americo Vespucio, ou foi simplesmente companheiro para ir mostrar a terra ao cosmographo florentino?

E' tambem possivel que o chefe da frota, capitão-mór, fosse pessoa de nobreza, levando André Gonçalves por subordinado e guia.

perimentar o páo e acharam que fazia muito fina côr vermelha, com que logo fez contrato com mercadores que lhe compraram o páo a peso, que foram carregar este *brasil*(6), de que houve grande trato e muito proveito por ser mercadoria para muitas partes, e mórmente para Flandres, de que el-rei houve grandes proveitos, como ora parece(7). »

Ainda mais.

No facto da celebração da missa em Porto Seguro, com especialidade a primeira dita em uma barraca, *esperavel*, como se expressa Vaz de Caminha, armada no ilhéo que

O que parece fóra de duvida é que a frota onde embarcára Vespucio dirigiu-se directamente a um ponto da costa oriental de nossa America, como quem estava seguro de encontral-o, e um ponto tão saliente como o cabo de S. Roque, o que por certo não fizéra se não fôra a confiança no guia.

Entretanto a asserção de Gaspar Corrêa é positiva, e é mui de presumir que quem soube levar com tanta segurança á Lisboa a boa nova fosse tambem encarregado da expedição para complemento da descoberta, levando em sua companhia o cosmographo para fixar astronomicamente as posições importantes das novas terras.

D'esta opinião não parece ser o illustre visconde de Porto Seguro quando aponta como chefe d'esta expedição a D. Nuno Manoel.

(6) Sobre este assumpto diz ainda o seguinte:

« D'este brasil mandou o capitão-mór tomar algum, que levou á India e não teve muita valia, porque a tinta vermelha fazem de lacre, e por ter mór valia no reino nom carregou para a India. »

E em outro lugar:

« A mór parte do arvoredo era de um páo vermelho, que deitado n'agua fazia vermelho muito bom, e se acharam n'esta terra outras cousas que não escrevo porque depois se descobrio. »

(7) Vide *Lendas da India*, tomo 1°, pags. 151 e 152.

Note-se que se, como diz Innocencio no *Diccionario Bibliographico*, em 1561 Gaspar Corrêa ainda retocava sua obra, não podia desconhecer as obras de Castanheda e de Barros, que corriam impressas.

E pois se manteve opinião contraria á vinda de Gaspar de Lemos é porque tinha para isso bons fundamentos.

havia no ancoradouro, assim como no facto da cruz, sua materia e levantamento, e no navio que se esgarrára antes da descoberta, Barros está em desaccordo com Gaspar Corrêa e Pero Vaz de Caminha, precisamente o que melhor, mais segura e fielmente narrára esses factos por havêl-os presenciado.

A vinda de Gaspar de Lemos á Lisboa para dar tão importante noticia conta em seu apoio Castanheda (1551), Barros (1552) e Damião de Goes (1566), na *Chronica de el-rei D. Manoel*, os mais antigos escriptores d'este assumpto, cujas obras se publicaram no seculo decimo sexto.

Mas, note-se, esses testemunhos se reduzem a um—Castanheda—na *Historia da India*, que os ultimos copiaram ou acolheram. E é sómente este chronista que se póde contrapôr a Gaspar Corrêa, que aliás entra em outros detalhes que o tornam mais digno de credito.

A fé n'aquelles escriptores, apezar de sua nomeada, não póde ser tão grande, porquanto tem seus desfallecimentos mesmo no assumpto que ora tratamos.

Todos elles asseguram que o navio esgarrado fôra o de Luiz Pires, e comtudo Pero Vaz de Caminha, que acompanhou a frota, assevéra haver sido o de Vasco de Athayde! A quem se deverá acreditar?

Sem duvida a Vaz de Caminha, testemunha presencial, cujo destino fôra tão agro succumbindo na carnificina de Calicut com Ayres Corrêa, como acreditamos, se não naufragára com as quatro nãos nas alturas do archipelago de Tristão da Cunha (8).

(8) Era elle um dos escri[illegible] de Ayres Corrêa, feitor ou almoxarife da armada, como tambem [illegible] Gonçalo Gil Barbosa, de Santarem, que ficára em Cochim depois da carnificina de Calicut por ordem de Pedro Alvares Cabral (Castanheda, *Historia da India*, liv. 1º, cap. 43).

O autor da *Navegação de Pedro Alvares Cabral* não indica o nome d'essa náo; mas o seu moderno annotador, acolhendo-se á autoridade de Barros e de Castanheda, assegura ser a de Luiz Pires.

Gaspar Corrêa nas *Lendas* indica a náo de Pedro de Figueiró. D'ahi naturalmente o engano no nome de Pedro de Athayde por Vasco de Athayde. Está Corrêa mais approximado de Vaz de Caminha do que os precedentes.

Preferimos Gaspar Corrêa a Castanheda, Barros e Damião de Goes n'esta questão, porque viveu na India desde moço, e nos primeiros tempos da descoberta (1512) quando era mui fresca a memoria dos acontecimentos importantes das navegações portuguezas. Por outro lado, a sua chronica, feita com tanto esforço, zelo e consciencia, inspira mais fé que os trabalhos de Castanheda, preparados com menos sagacidade, e os de Barros e de Goes por serem de segunda mão.

A lista dos navios da frota de Cabral em Gaspar Corrêa é completa; não assim as de Castanheda, Barros e Damião de Goes, que não indicam o nome do capitão do ultimo dos treze vasos, precisamente o de mantimentos do commando de André Gonçalves. Nos nomes dos capitães ha duas differenças, uma já explicada, e outra em que o nome de Braz Mattoso em Gaspar Corrêa é substituido por Ayres Gomes em Damião de Goes, Barros e Castanheda.

Em Barros e Damião de Goes, seu copista, o nome do irmão de Bartholomeu Dias, em vez de Diogo é Pedro Dias, o que não dizem Castanheda e Gaspar Corrêa.

Se, pois, o navio escolhido para a volta á Lisboa foi o de mantimentos, como diz Vaz de Caminha e o autor da *Navegação de Cabral*, esse era commandado por André Gonçalves, não só porque Gaspar Corrêa o affirma, como porque o contrario se não sustenta em outros escriptores,

porque são silentes a este respeito. E o que diz Vaz de Caminha é confirmado pelo autor da *Navegação de Pedro Alvares Cabral*, ambos companheiros da frota, e o ultimo na qualidade de piloto.

Sómente Ayres de Casal na *Corographia Brasilica* sustenta, por illação, que o navio dos mantimentos era do commando de Gaspar de Lemos, o que não é exacto.

Havia na frota de Cabral dez náos e tres navios pequenos ou redondos, como diz Castanheda, commandados por Luiz Pires, Gaspar de Lemos e por André Gonçalves; mas o d'este capitão era o dos mantimentos. Qual a razão da preferencia dada a este vaso por Alvares Cabral de accordo com seus capitães?

Era porque André Gonçalves mostrava-se homem de provada confiança, um verdadeiro lobo de mar e digno da honrosa commissão.

Esses titulos alcançou-os tendo acompanhado Vasco da Gama na precedente viagem á India, que lhe conhecêra o merito, recommendando-o a Cabral.

Por outro lado: Gaspar Corrêa affirma positivamente nas *Lendas* que, dos quatro navios abysmados na travessia de Porto Seguro ao Cabo de Boa Esperança, um era o de Gaspar de Lemos(9).

(9) Segundo Castanheda, *Historia da India*, liv. 1°, cap. 31, esses navios eram os commandados por Bartholomeu Dias, Ayres Gomes da Silva, Simão de Pina e Vasco de Athaide

O mesmo dizem João de Barros, *Asia*, dec. 1, liv. 5°, cap. 2°, e Damião de Goes na *Chronica de el-rei D. Manoel*, pag. 1, cap. 57.

Excluido Vasco de Athayde, cujo navio esgarrára na altura de Cabo Verde, ilha de Santiago, em presença do testemunho de Pero Vaz de Caminha, como preencher a vaga sem ser pelo que assegura Gaspar Corrêa?

As náos infelizes, e que este autor indica, são, além da de Gaspar de Lemos, as de Simão de Pina, de Bartholomeu Dias e de Vasco de

Em verdade se este capitão não commandava o navio de mantimentos, e nem figura entre os que escaparam do desastre da travessia, evidentemente naufragou, e não podia ter vindo á Lisboa trazer a nova da descoberta do Brasil. Parece-nos isto fóra de questão.

Os outros detalhes do facto da descoberta, em que os mesmos escriptores discordam entre si, têm fraca importancia. E n'esta parte o melhor director é sempre, e será, Pero Vaz de Caminha n'essa tão celebrada carta do 1º de Maio de 1500.

Entretanto elles provam o pouco cuidado com que taes successos se relatavam, e quão fragil confiança podemos depositar em semelhantes historiadores. E o defeito já era outr'ora tão radicado e conhecido entre autores portuguezes que o proprio Barros, referindo-se a dois christãos de Cranganor, de que um tinha ido á Roma e á Veneza, onde relatára o que sabia de sua religião e costumes, do que se fez um summario, incorporado no *Novus orbis* de Grynœus, disse que n'isso eram os italianos mais curiosos que os portuguezes.

Assim este famoso historiador, tratando da cruz que em Porto Seguro se levantou, escreveu o seguinte:

« Passados alguns dias, emquanto o tempo não servia, e fizeram sua aguada, quando veiu a 3 de Maio, que Pedralvares se quiz partir, por dar nome áquella terra por elle *novamente* achada, mandou arvorar uma cruz mui grande no mais alto lugar de uma arvore, e ao pé d'ella se disse missa, etc., etc. (10)

Castanheda sobre o mesmo facto exprime-se d'esta sorte:

Athayde. Mas esta, pelo que já se notou, deve ser substituida pela de Ayres Gomes da Silva, que provavelmente é a mesma de Braz Mattoso da lista de Corrêa, talvez o piloto d'esse vaso.

(10) João de Barros, *Asia*, dec. I, liv. 5º, cap. 2.º

« Nesta terra mandou Pedralvares metter um padrão de pedra com uma cruz, e por isso lhe pôz nome *terra de Santa Cruz*, e depois se perdeu este nome e lhe ficou o de *Brasil* por amor do pau-brasil(11). »

Damião de Goes na *Chronica* já citada, cap. 55, narra o facto por outra fórma:

« Antes que Pedralvares partisse d'este lugar (*Porto Seguro*) mandou pôr em terra uma *cruz de pedra* quomo por padrão, com que tomava posse de toda aquella provincia para corôa dos regnos de Portugal, á qual pôz nome de Santa Cruz, posto que se agora (erradamente) chame do Brasil, por causa do pau vermelho que della vem, a que chamam *brasil*. »

Como todos são discordes, e quanto distam da narração tão veridica e tão ajustada de Pero Vaz de Caminha, e ainda do autor da *Navegação de Pedro Alvares Cabral*, mais limitado em sua narrativa! Eis o que elle diz no cap. 3°:

« Despachado o navio sahiu o capitão em terra, e mandou fazer uma cruz de madeira muito grande(12) e a plan-

(11) Castanheda, *Historia da India*, liv. 1°, cap. 31.

(12) *Uma cruz de madeira mui grande*. Eis a verdade confirmada por duas insuspeitas testemunhas de vista.

A frota de Cabral ia para a India abrir relações e commerciar com populações de certa cultura e industriosas; não ia fazer descobertas: e eis porque não trazia marcos, padrões preparados para deixar no littoral.

As frotas de 1501, de 1503 e mesmo a de 1531 de Martim Affonso de Sousa, encarregadas de explorar a nossa costa traziam padrões apparelhados.

Os de Cananéa, os mais celebrados, foram, como bem diz Ayres do Casal na *Corographia Brasilica*, apoiado em Mariz, collocados alli pela frota de 1503, não sendo possivel que fosse pela de 1531 por ser esse lugar, na épocha, mui conhecido dos navegantes portuguezes e

tou na praia, deixando, como já disse, os dois degradados n'este mesmo lugar, os quaes começaram a chorar, e foram animados pelos naturaes do paiz que mostraram ter piedade d'elles. »

Em relação á primeira missa a discordancia é grande, e ainda a autoridade da carta de Vaz de Caminha deve prevalecer. A primeira missa foi celebrada em domingo da Pascoéla de 1500, dentro de um *esperavel* armado no ilhéo do ancoradouro, e a segunda junto á cruz levantada, ou chantada, á certa distancia do mar, em ponto elevado.

Nenhum marco consta que fosse lançado, porquanto a frota de Cabral não ia fazer descobertas em territorio dominado por selvagens: ia para um paiz mui habitado e culto. A lembrança dos marcos em tal situação revela pouca critica da parte do escriptor.

Em verdade a nossa historia, no seculo XVI sobretudo, tem summa necessidade de ser bem e convenientemente expurgada. Ha muita fabula ridicula e mesmo intoleravel.

Apontaremos, em resumo, algumas que devem acautelarnos no estudo de nossa historia e lição de escriptores pouco zelosos em suas narrações, e pouco discretos na escolha dos factos. Vejamos:

A narrativa referente ao *Caramurú*, infelizmente introduzida na melhor chronica que possuimos, a de Simão de Vasconcellos, foi em grande parte destruida pela douta me-

não disputado pela Hespanha, e menos pela de 1501, que, no littoral do Brasil, não passou do porto de S. Vicente.

Confrontando o que diz Ayres de Casal na sua nota á provincia de S. Paulo com as cartas do illustrado visconde de Porto Seguro, parece-nos que houve demasiada severidade no que allegou o ultimo. Vide *Revista do Instituto*, tomo 21, pag. 439, e tambem o tomo 13, pag. 399.

moria do nosso já citado historiador Varnhagen, o *Caramurú perante a historia*, que se acha no tomo 10 da nossa *Revista.*

Mas este esforço não nos parece bastante; é indispensavel reduzir esse personagem historico a seu justo valor.

Essa lenda ou pia fraude foi creada em tempos posteriores, no interesse dos descendentes desse profugo ou naufrago, que se tornou tão pratico na linguagem dos indigenas da Bahia.

Como supportar com seriedade o conto dos arcabuzes em época (1510) em que ainda não eram inventados na Europa? Então havia alguns ensaios com fraco resultado, e o melhoramento foi tão demorado que, ainda no fim do seculo XVI, a bésta era de preferencia usada em alguns paizes da Europa para certa ordem de serviços (13).

A acreditar-se Cantu na *Historia Universal* a primeira vez que se empregou o arcabuz, que aliás demandava o concurso de duas a tres pessoas, foi na luta contra Parma em 1521 pelas tropas do Imperador Carlos V. Cada arcabuz pesava quasi cincoenta libras e era difficil no maneio: e como empregal-o em caçar?

Por outro lado: os indigenas da Bahia, desde 1501, conheciam o estouro do canhão, mais forte, mais troante que o do arcabuz. O porto da Bahia, descoberto pela frota que conduzia Americo Vespucio em 1501, foi ainda visitado

(13) A Inglaterra foi um dos paizes onde os archeiros eram afamados; demorou-se muito no abandono da bésta.

Entre nós, ainda em 1561, pedia-se da mãi patria a remessa d'essa arma para defesa do paiz, ao mesmo tempo que se pediam espingardas, como se vê de uma carta de Jorge Moreira, de S. Paulo:

« ..... e confiando no animo liberal e magnifico de Vossa Alteza (a rainha viuva de D. João III) pedimos o seguinte: primeiramente nos faça mercê de nos mandar prover de armas, sendo duas duzias de espingardas *e uma duzia de béstas*, e dois pares de bêrços com a polvora necessaria. »

pelo mesmo navegante em 1503, e antes de 1510 por outros navegantes. Ora, a data de 1510 é a que se suppõe da entrada ou naufragio de Diogo Alvares na Bahia.

Continuemos.

O facto da miraculosa achada da imagem de Nossa Senhora da Graça entre os destroços do naufragio da capitania da frota de Simão de Alcaçova Souto-Maior por sonhos da imaginaria indigena Paraguassú, intitulada princeza e senhora da Bahia, é mais outro escandalo historico que de todo convem fulminar, maxime pelo abuso que se tem feito em materia de religião.

Durão, no *Caramurú*, mostra-se pouco conhecedor da nossa historia nos primeiros tempos da colonia, e parece nunca haver lido a *Chronica* de Simão de Vasconcellos, posto que a cite erradamente nas *reflexões prévias* de seu poema ; do contrario não explicaria este facto, aliás tão conhecido depois da publicação d'aquella obra, de fórma differente e tão sem necessidade, a menos, o que não é provavel, que não quizesse tirar-lhe o seu caracter de seriedade em que era, e cremos que ainda é tido na Bahia, aonde por certo não quereria desagradar. A liberdade poetica não póde ir tão longe.

Não é menos notavel entre os nossos chronistas e historiadores o modo por que relatam o facto do recebimento de Thomé de Sousa em 1549 (28 de Março) na Bahia, em que Diogo Alvares figura tão conspicuamente no primeiro plano. Parece-nos não haver n'isto muita exactidão.

Francisco de Andrade, na *Chronica de D. João III*, pag. 4, cap. 32, mui positivamente assevera que essa recepção fôra desempenhada por Gramatão Telles. Eis suas palavras :

« Com esta armada partiu Thomé de Sousa do porto de Lisboa o 1° de Fevereiro d'este anno de 1549, e fazendo

sua viagem com prospero tempo chegou aos 28 de Março á Bahia de Todos os Santos, que era na capitania de Francisco Pereira, onde já havia novas da sua ida por duas caravelas que el-rei mandára diante notifical-a aos capitães(14), e foi recebido com muito gosto e alvoroço de toda aquella povoação, porque Gramatão Telles, *que estava n'ella*, não tinha comsigo mais que sós trinta homens(15), e ainda que estava de paz com os gentios não vivia sem grandes receios das suspeitas e não cuidadas mudanças d'aquella gente, que nunca está menos segura que quando trabalha de o parecer mais. »

Como, pois, acreditar que foi Diogo Alvares, o *Caramurú*, quem recebeu Thomé de Sousa?

Jaboatão, um dos nossos chronistas de mui curta critica e menos boa fé, não duvida sustentar no *Orbe Seraphico*, para fazer vingar as pretenções caramuruanas, que Gramatão Telles(16) era um dos capitães das caravelas que precederam a chegada da frota de Thomé de Sousa!

(14) *Capitães.* Seriam os principaes, caciques ou *morobixábas*? Não é de presumir. Provavelmente refere-se aos capitães donatarios das capitanias dos Ilhéos, de Porto Seguro, e do Espirito Santo e de S. Vicente, e de passagem os de Itamaracá e de Pernambuco.

Era mister pôl-os em relação com o novo governo por muitas e convenientes razões.

(15) *Trinta homens.* Eis a primeira colonia da Bahia antes de chegar Thomé de Sousa, a cuja frente estava Gramatão Telles e não Diogo Alvares, cuja descendencia, verdadeira ou supposta, posteriormente procurou exaltal-o.

(16) Este appellido tinha certa importancia na Bahia nos primeiros tempos da colonia.

As cartas dos religiosos da companhia de Jesus referem o facto de um principal que, com seu filho Bastião Telles, muito defenderam esses religiosos em certa emergencia.

Ora, os indigenas não adoptavam taes appellidos senão quando pertenciam a pessoas de importancia na localidade.

Mas a prova não passa de sua palavra simplesmente, contra o que diz Andrade, que, como chronista regio, coevo e de posse de documentos officiaes, affirma.

O *Caramurú* não tinha outra importancia senão a que resultava do conhecimento da linguagem dos indigenas; mas, como elle, haviam outros no littoral do Brasil, de que se utilisavam os europêos de fórtuna, armadores ou donatarios, que vinham a este paiz para commerciar ou colonisar.

Mas por fortuna, como João Ramalho, o bacharel de S. Vicente ou de Cananéa, deixou uma prole numerosa illegitima, que muito depois, augmentando em recursos e influencia, procurou circumdar a memoria de seu progenitor da aureola que conhecemos, afim de encobrir ou amenisar a irregularidade da origem.

A carta de Pedro do Campo Tourinho a D. João III de 28 de Julho de 1546, e as do padre Manoel da Nobrega, invocadas por Varnhagen na sua tão importante *Memoria*, dão a justa medida de seu merecimento, que aliás não era para desprezar-se, e foi bem aproveitado.

A carta de Tourinho, o donatario de Porto Seguro, veiu ainda corrigir um erro, que sob a autoridade de Gabriel Soares se tem mantido, isto é, que Francisco Pereira Coutinho se refugiára aos Ilhéos, de onde tornára a demandar a Bahia, onde o infortunio esperava-o. Ora, foi Porto Seguro o refugio tanto de Coutinho, como de Diogo Alvares, e d'ahi volveram á Bahia.

Diogo Alvares, o *Gallego*, como diz Tourinho, foi na Bahia um povoador, como em S. Vicente foi João Ramalho, o bacharel. O primeiro, de melhores creditos que o segundo, pois não se sabe ao certo se foi naufrago, degradado, ou desertor das frotas ou de navios particulares, como os dois grumetes que se evadiram da frota de Cabral

em Porto Seguro em 1500, e da de Pero Lopes de Sousa em 1532 na Bahia.

Mas João Ramalho tem outra celebridade que o realça, por isso que soube manter-se em S. Vicente com outra preeminencia, e foi o primeiro progenitor d'esses famosos *mamelucos* que, por tanto tempo, levaram por sua bellicosidade, ousadia e animo féro, o terror ás colonias limitrophes, sob o dominio da Hespanha, e ás populações barbaras do nosso territorio.

Por conclusão a esta nota, apontaremos ainda a fabula de tanto renome da execução do calvinista João Bolés, que por tantas vezes tem servido de thema ás objurgatorias contra a igreja catholica, e por meros actos do poder civil, segundo a hypothese conhecida, e sobretudo contra a companhia de Jesus, a mira fixa e constante dos inimigos do catholicismo, que, aliás em casos d'esta especie, procedeu sempre ao inverso do que se lhe imputa. Em prova temos o insuspeito testemunho do inglez Antonio Knivet, protestante, salvo por ella da forca, como se lê em suas curiosas aventuras em nosso paiz, ultimamente publicadas, da traducção hollandeza.

Tanto este, como os precedentes assumptos merecem exame mais detalhado, e o faremos, se fôr possivel, em outra opportunidade, com particularidade a questão relativa ao bacharel de S. Vicente, que suppomos referir-se a João Ramalho, o herculeo Nemrod, patriarcha do paiz de *Morpion*, como diziam os *Tamoyos*, ou da Paulicéa, titulo ou grão que, sem razão, se lhe tem contestado.

E' na nossa primitiva historia um dos vultos mais imponentes, personalidade heroica com todos os seus defeitos, verdadeiro Titan d'aquellas éras, e a quem pouca importancia se tem até hoje dado.

Rio de Janeiro, em 10 de Outubro de 1875.

N. B. Depois de escripta a nota *supra* lemos na *Historia Geral do Brasil* do illustrado visconde de Porto Seguro, tomo I da segunda edição, a pags. 196 e 197, e 236 e 237, dois documentos importantes e que muito interessam á lenda caramuruana. Um é uma carta de sesmaria de 20 de Dezembro de 1536, passada em nome do donatario Francisco Pereira Coutinho a favor de Diogo Alvares, extrahida do archivo dos benedictinos da Bahia ; o outro é uma carta escripta por D. João III ao mesmo Diogo Alvares, em data de 19 de Novembro de 1549, tratando-o por *cavalleiro de sua casa*, recommendando-lhe a expedição de Thomé de Sousa, cujos documentos não nos inspiram fé alguma, como em outra nota procuraremos demonstrar.

Copiaremos aqui o mais importante, que muito se assemelha com a carta que, diz-se, Carlos V tambem dirigira ao mesmo individuo, agradecendo-lhe o acolhimento que fez aos naufragos da capitanea de Simão de Alcaçova, como se vê da *Chronica* de Vasconcellos, liv. I, § 39.

Eil-o :

« Dioguo Alvares. — Eu el-rei vos envio muito saudar.

« Eu ora mando Thomé de Sousa, fidalgo da minha casa, á essa Bahia de Todos os Santos (17) por capitão governador, para na dita capitania, e mais outras d'esse estado do Brasil, prover de justiça d'ella e do mais que ao meu

(17) Eis o que diz Sr. visconde de Porto Seguro :

« Antes de prompta a expedição escreveu el-rei, por um barco que largava para o Brasil, a seguinte carta régia ao *Caramurú.* »

Em nota diz S. Ex. : — « Veja-se a noticia do achado d'este documento, pelo autor no *Diario Official* do Rio de Janeiro de 13 de Novembro de 1872. »

Mas apezar de todo o serviço, não podemos encontrar essa noticia, no *Diario Official*, desde o 1° de Julho até 31 de Dezembro d'esse anno.

Houve engano na data.

serviço cumprir; e mando que na dita Bahia faça uma povoação e assento grande e outras cousas do meu serviço: e porque sou informado, pela muita pratica e experiencia que tendes d'essas terras e da gente e costumes d'ellas, o sabereis bem ajudar e conciliar, vos mando que tanto o dito Thomé de Sousa lá chegar, vos vades para elle, e o ajudeis no que lhe deveis cumprir e vos elle encarregar, porque fareis n'isso muito serviço.

« E porque o cumprimento e tempo de sua chegada, ache abastada de mantimentos da terra, para provimento da gente que com elle vai, escrevo sobre isso á Paulo Dias, *vosso genro*, procure se haverem, e os vá buscar pelos portos d'essa capitania de Jorge de Figueiredo, sendo necesario vossa companhia e ajuda, encommendo-vos que o ajudeis, no que virdes que cumpre, como creio que o fareis.

« Bartholomeu Fernandes a fez em Lisboa a 19 de Novembro de 1548. *Rey.* »

Sobrescripto: — « *Por el rey* a Dioguo Alvares, cavalleyro de sua casa, na Bahia de Todos os Santos. »

MOTIM POLITICO

de Dezembro de 1833 no Rio de Janeiro.

REMOÇÃO DO TUTOR DO IMPERADOR

MEMORIA LIDA EM SESSÃO DO INSTITUTO

PELO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Abdicando a corôa do Brasil, nomeou D. Pedro I para tutor dos principes, seus filhos, ao conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva; mas a assembléa legislativa não confirmou a nomeação do ex-Imperador, pelo que despeitado José Bonifacio lavrou, em 17 de Junho de 1831, o seguinte protesto :

« José Bonifacio de Andrada e Silva crê do seu dever e honra declarar á face do Brasil e do mundo inteiro que, inhibido pela força de uma decisão da maioria da camara dos Srs. deputados, que denega ao Sr. D. Pedro de Alcantara o direito de nomear tutor a seus filhos, decisão esta que o abaixo-assignado julga injusta e illegal, apezar da fonte d'onde emanou (pois que o justo não provém dos homens, mas sim da lei moral gravada por Deus no coração e entendimento humano), que não póde, sem faltar, como disse, ao seu dever e á sua honra, cumprir com a

palavra dada ao ex-Imperador de cuidar na tutoria dos desgraçados orphãos que lhe tinha commettido.

« O abaixo-assignado pelos motivos acima expendidos julga não estar mais obrigado a satisfazer a promessa feita logo que não valha a nomeação paterna, que tinha aceitado por sensibilidade e em agradecimento á honrosa confiança que n'elle puzéra o ex-Imperador. »

Determina a constituição que será tutor do Imperador, durante sua minoridade, quem seu pai lhe tiver nomeado em testamento; mas tendo D. Pedro abdicado, julgou a assembléa legislativa que não lhe competia semelhante direito e sim á representação nacional; de feito, convocada a assembléa geral, em 30 de Junho de 1831, para proceder á eleição do tutor, obtiveram em segundo escrutinio sessenta e dois votos o conselhéiro José Bonifacio, trinta e dois o senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, e vinte e um o marquez de Caravelas; recahindo a escolha da assembléa no mesmo individuo designado pelo ex-Imperador; mas exerceu a representação nacional um direito que julgou ser-lhe privativo.

Marcou a lei de 12 de Agosto d'esse anno as attribuições do tutor, e determinou que o tutor do Imperador fosse tambem das princezas, suas irmãs.

Quer pelas sympathias que deixára D. Pedro, quer pelo desejo que tinham de subir os que estavam debaixo, porque jamais tem o poder falta de candidatos, começou a apparecer, logo depois do acontecimento de 7 de Abril, um partido favoravel á restauração d'aquelle soberano; installou-se no morro do Castello, em casa do general Antonio Manoel da Silveira Sampaio, a Sociedade Restauradora, destinada a destruir o que se fizéra em 7 de Abril e chamar ao Brasil o ex-Imperador. Celebradas as primeiras sessões, resolveu-se enviar á Europa Antonio Carlos Ribeiro de

Andrada Machado e Silva, munido de um numeroso nós-abaixo-assignado, rogando a D. Pedro seu regresso á America ; e para as despezas da viagem deu cada socio 200$000.

Cuidando, como outros brasileiros, que a patria estava em perigo, e só por meio do antigo regimen podia salvar-se, mostrou-se José Bonifacio partidario da restauração de D. Pedro I, pelo que começou a opinião publica a indicar o paço de S. Christovão como o ponto de reunião dos restauradores ou caramurús. De feito, apresentando-se em campo, em 17 de Abril de 1832, o partido restaurador, sahiram do paço da Boa-Vista os soldados que atacaram o governo ; nas fileiras dos rebeldes alistaram-se criados da casa imperial ; serviram-se os revoltosos de duas peças de artilheria, guardadas no palacio de S. Christovão, para investirem contra as tropas legaes, e no recinto imperial foram acolhidos muitos individuos que haviam entradona luta.

Ao povo pareceu manifesta a tolerancia do tutor com os rebeldes, e irritado, exaltado em seus sentimentos, apedrejou a casa do velho servidor do Estado.

Provavam os factos a existencia do partido restaurador ; a imprensa clamava e indicava o palacio da Boa-Vista como o castello feudal onde erguia-se o estandarte d'esse partido ; pelo que desejando acalmar a opinião publica resolveu a assembléa remover o tutor, cuja dedicação pelo ex-Imperador tornava-o suspeito; e submettida a questão á commissão de justiça criminal e de constituição da camara dos deputados, apresentou esta, em 28 de Junho de 1832, este parecer :

« A commissão de justiça criminal e de constituição, tendo maduramente reflectido sobre a parte do relatorio do ministro da justiça, relativa ao tutor de S. M. o Imperador e de suas augustas irmãs, e tendo em vista o art. 3°

da lei de 12 de Agosto de 1831, é de parecer que, removendo-se o tutor, se proceda á nomeação de outro, e que para isso se officie ao senado afim de que marque o dia em que, reunidas ambas as camaras, tenha lugar a nova nomeação. Paço da camara dos deputados, 28 de Junho de 1832.—*João Candido de Deus e Silva.* —*Antonio Maria de Moura.*—*Francisco de Paula Araujo.*— *Honorio Hermeto Carneiro Leão.* »

Lavrou o deputado Manoel Alves Branco o seguinte parecer separado :

« Eu entendo que, antes de qualquer resolução, deve a camara ouvir o tutor de S. M. o Imperador sobre as arguições que lhe fez o ministro da justiça em seu relatorio. »

Levantou vivo e caloroso debate o parecer da remoção do tutor, por ser uma questão que interessava ambos os partidos, ao liberal e ao restaurador ; era uma luta de bandeira contra bandeira, de principios e idéas oppostas ; a camara dividiu-se em dois grupos, se um bradava contra José Bonifacio, repetindo que o palacio da Boa-Vista se tornára refugio de conspiradores, de criminosos, de gente armada, o outro louvava o tutor, lembrava seus merecimentos, seus serviços e accusava seus adversarios. Das galerias ouvia o povo os debates, que interessavam-lhe, por ser a questão capital, tratando-se de aniquilar um partido, e tambem um homem que pelo seu cargo e prestigio era apontado como chefe d'esse partido, quer fosse ou não, pois necessita cada época de alguem que sirva de chefe.

Discutia o deputado Carneiro da Cunha a questão ; sustentava como medida necessaria a remoção do tutor, quando arremeçaram-lhe da galeria do lado da cidade uma

moeda de cobre; produziu esse insulto um violento alarido, muita confusão; e disposta a tomar immediatamente providencias regimentaes, ordenou a camara que todo o espectador que quizesse assistir ás sessões devia apresentar-se decentemente vestido de casaca ou sobrecasaca.

Em sessão de 9 de Julho approvou a camara por quarenta e cinco votos contra trinta e um o parecer da remoção do tutor; mas, levada ao senado a questão, depois de renhido debate, foi regeitada, por um voto, em 26 de Julho de 1832.

No dia seguinte o ministro da justiça, padre Diogo Antonio Feijó, e com elle todos seus companheiros deixaram o ministerio.

Chegára a nação a um estado deploravel; a sociedade mostrava-se abalada em seus fundamentos; desejava o partido exaltado prolongar a luta para sustentar-se; porfiava em vencer e sobrepujar ao partido contrario; antepondo sua salvação á lei, á humanidade, conspirava, prégava doutrinas subversivas, revolucionava a nação e repetia as palavras de Saint-Just: *A liberdade deve vencer seja por que preço fôr.* Procurava o partido caramurú restaurar o antigo regimen, e para triumphar ateava a anarchia, exaltava os animos, exasperava as paixões, e acreditava na necessidade indeclinavel da volta do antigo systema, sem attender que nas revoluções se não póde retrogradar. Viviam em luta diversas provincias, e parecia que prestes a chamma da rebellião invadiria todo o paiz.

Em tão tormentosa crise entendeu o partido moderado, que occupava o poder, que só a reforma da constituição poderia tranquillisar os animos e tirar aos partidos contrarios o pretexto da luta; combinou então o golpe de Estado de 30 de Julho, que será assumpto para outro trabalho; demittidos a regencia e o ministerio, assumiria a cama

dos deputados o caracter de assembléa nacional, com poderes especiaes para reformar a constituição.

Chegado o dia 30 a regencia communicou á camara sua demissão e do ministerio ; immediatamente o corpo legislativo, camara dos deputados e senado, declarou-se em sessão permanente; mas ao apresentar o deputado Paula Araujo o parecer de que fôra relator, para converter-se a camara em assembléa nacional, comprehendeu cada um deputado a gravidade da situação, o golpe politico que ia soffrer a nação, e, abjurando odios de partido, encarou só na imagem da patria e protestou; o autor do requerimento pediu para retiral-o ; approvou a camara, e enviou uma deputação á regencia, convidando-a a conservar-se em seu posto; a regencia ficou, mas constituiu-se novo ministerio.

Crescêra, porém, o partido caramurú; animára-o o senado regeitando a remoção do tutor, e surgiram na imprensa novos orgãos para sustental-o ; ferina, violenta, tornou-se a linguagem d'esses periodicos que atacavam o governo ; não havia limite nos ultrajes ; tornaram-se licitos a difamação, a intriga e o insulto, e commum o abuso da expressão de pensamento ; em Setembro de 1832 propalou a imprensa restauradora que o governo pretendia roubar o joven monarcha, e fallando dos individuos que cercavam o joven Imperador escreveu o ministro da justiça Chichorro da Gama : —Panicos medos se imprimiram em seu espirito, discursos e phrases assustadores se repetiam diante de sua candida minoridade (1).

Partiu para a Europa Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, e jornaes da Inglaterra e da França annunciaram a qualidade de sua missão. Uma folha de Liverpool, o *Albion* de 12 de Agosto de 1833, disse :

(1) Veja o relatorio de 1834 do ministerio da justiça.

« Os ministros occupam-se em um accordo para a volta de D. Pedro ao Brasil. Têm já havido varias conferencias entre Mr. Talleyrand e lord Palmerston a este respeito. Foi enviado um agente por um partido influente no Brasil, onde tudo se acha em confusão, e chegou já a este paiz, de caminho para Portugal, encarregado de tratar com D. Pedro o seu regresso ao Brasil, para que alli reassuma a sua imperial autoridade. »

Propalava-se que o palacio da Boa-Vista era o conventiculo de ambiciosos, forasteiros e bandidos; fallava-se que se tencionava corromper a fidelidade de alguns corpos de linha e de guardas nacionaes, e que já se havia distribuido cartuxame embalado (2).

Raiou o dia 2 de Dezembro de 1833, anniversario natalicio do Imperador D. Pedro II; houve cortejo no paço, onde, em nome do corpo diplomatico, orou o ministro da França, conde de S. Priest; a Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia do Brasil enviou como seu orador, para felicitar o monarcha, o socio Antonio Felix Martins, e compareceram em numero de mais de setenta os alumnos das escolas e officinas do arsenal de guerra, dos quaes um, chamado Feliciano Porfirio, exposto da santa casa da Misericordia, e que teria pouco mais ou menos a idade do Imperador, recitou um discurso de saudação, e em nome de seus companheiros offereceu diversas obras por elles feitas nas officinas do arsenal, as quaes podiam servir de brinquedos a D. Pedro II e de indicios de seus talentos, aproveitados pelo governo em beneficio de sua orphandade e da nação. De noite, apezar de copiosa chuva, houve espectaculo de gala no theatro Constitucional Fluminense, presidido pelo juiz de paz José Ignacio Coimbra.

(2) Veja o relatorio de 1834 do ministerio do Imperio.

Findo o espectaculo, capacitado o povo de que na frente da casa da Sociedade Militar, creada em 11 de Agosto de 1833, estava, entre as figuras dos officiaes das differentes armas, o retrato do duque de Bragança, pediu e obteve que o quadro fosse d'alli tirado, e depositado em casa do juiz de paz; arreado o painel, e, procedendo-se sobre elle o competente auto de exame, viu-se que havia o seguinte :

A figura de um anjo com um distico que dizia : *E' o meu Deus que me alumia e salva: quem temerei ? O meu senhor protege a minha vida ; que fatal perigo póde assustar-me ?*

Sobre um pedestal erguia-se um escudo com a corôa imperial na parte superior ; no meio, sobre um campo verde, *Pedro II* ; logo abaixo um livro aberto que dizia : *Constituição politica*, com uma bandeira de cada lado ; da parte direita levantava-se uma figura que mostrava ser de um official de cavallaria ; logo adiante um dito da guarda nacional, e na frente a de um militar com o fardamento do estado-maior, chapéo armado com arminhos, botas á russilhana, esporas, cinto amarello e encarnado, a qual figura, vista ao longe, demonstrava o todo do duque de Bragança, porém vista de perto nada se parecia no semblante, e nem se lhe acharam insignias que indicassem ser o ex-Imperador.

Do lado esquerdo apparecia um official de marinha, logo adiante um dito do batalhão do ex-Imperador, e na frente um da artilheria montada, o qual, com o outro que occupava o primeiro plano do lado direito, tinham as mãos postas sobre a carta constitucional.

A exhibição d'esse painel, no qual lobrigára o povo a figura do duque de Bragança, pareceu ser uma provocação do partido restaurador ; além d'isso um dos orgãos d'esse partido ousou publicar que as moças das familias brasileiras se ufanavam de preferir em casamento os portuguezes e que era isso o maior brasão d'essas familias.

Na manhã do dia 5 appareceu um annuncio, declarando que a Sociedade Militar ia reunir-se para objecto de muita consideração, e vieram mais superexcitar os animos pequenos editaes que se espalharam por toda a cidade com a seguinte proclamação :

« Brasileiros ! —Hoje se reune o conselho da Sociedade Restauradoura, que se encobre com o nome enganoso de Militar. Trabalham contra nossa liberdade e para entregar-nos ao jugo do principe portuguez que nos opprimiu por dez annos. Até quando soffreremos que se aggreguem, que deliberem os conspiradores que querem escravisar-nos e derrubar do throno o senhor D. Pedro II ? Até quando, Brasileiros ! A vossa paciencia já toca o extremo do aviltamento. Reunamo-nos, exaltados, moderados, em face d'essa associação de malvados, de traidores á nossa querida patria, e sem faltar ao respeito que se deve ás leis e ás autoridades, ahi mesmo formemos um requerimento em que se peça ao governo a dissolução d'este ajuntamento inimigo de nossa patria. Brasileiros ! Quando vêmos o paiz ameaçado por vis restauradores a indifferença é um crime. Não hesitemos um momento. Vamos.—*Um patriota.* »

Não realizou-se a sessão annunciada, mas reuniu-se o povo na tarde do dia 5 no largo de S. Francisco de Paula, do que, tendo noticia o juiz de paz José Ignacio Coimbra, dirigiu-se para alli, e, vindo ter comsigo diversos cidadãos, denunciaram-lhe que constava existirem armas na casa das sessões da Sociedade Militar, e requereram se désse busca. Acompanhado do juiz de paz do segundo districto, de seu escrivão, de dois officiaes de justiça e de quatro a seis pessoas para servirem de testemunhas, penetrou Ignacio Coimbra na casa indicada, actualmente occupada pelo es-

criptorio da companhia de bonds de S. Christovão; porém nada encontrou, nem tinteiros, e só alguns bancos, cadeiras e mesas.

Emquanto se procedia á busca, invadiu o povo a casa, arremessou á rua alguns trastes, e da frente das janellas do segundo andar arrancou a taboleta que indicava o nome da sociedade em letras de ouro sobre campo azul ferrete.

Mais de mil pessoas, que atopetavam a praça, declararam que queriam representar á regencia pedindo a dissolução da Sociedade Militar e a demissão do tutor por pertencer ao partido caramurú, e ser connivente com seu irmão Antonio Carlos. Assignaram a representação no proprio largo, e exigiram que o juiz de paz se encarregasse de leval-a; annuiu esta autoridade, e regressando annunciou que a representação, acolhida benignamente pelo governo, seria tomada em consideração. Geral enthusiasmo despertou esta noticia ao povo, que levantou vivas a D. Pedro II, ao dia 7 de Abril, á constituição, á regencia, ao ministerio, e insultou e apupou os individuos do partido restaurador.

Levados pela exaltação do momento, excitados por alguns chefes, que ousam crear conspirações para terem o direito e o merito de punil-as, como diz Segur, dirigiram-se diversos individuos á typographia do *Diario*, onde imprimiam-se os periodicos caramurús, intitulados *A Trombeta, Arca de Noé, Verdadeiro Caramurú e Pedro I*, e á typographia Paraguassú, de David da Fonseca Pinto, redactor do *Caramurú* e espalharam os typos, quebraram as caixas, inutilisaram os impressos e arremessaram-os á rua; não satisfeitos, não saciados em seu vandalismo, apedrejaram as casas de alguns influentes do partido restaurador, como as do marquez de Baependy, Huet Bacellar,

e generaes Moraes e Nobrega Botelho, sendo estes dois ultimos directores da Sociedade Militar. Concorreram para exacerbar os animos as proclamações do partido restaurador impressas no periodico *Facão dos Chimangos*, que, como diz outro periodico da época, *pôz remate a tudo quanto a ousadia, a impudencia e a torpeza de escriptores anarchicos têm até hoje vomitado*, e tambem as proclamações inseridas no periodico *Esbarra*. Eis uma d'essas proclamações :

« Com effeito o sanguinario governo da regencia, composto dos mais abjectos dragões, que todas as furias do inferno poderiam produzir, desafia cada vez mais contra si a execração do povo, que pasmado admira a audacia e insolencia com que elle o acommette ! Não é possivel encontrar-se um composto tal de malvadeza e bestialidade ! Mais estupidos do que selvagens, e mais ferozes que tigres, os nossos capoeiras governantes só attendem ás suas particulares paixões e a uma incomprehensivel cabeça ! Orgãos e escravos da ladra facção chimanga, a vontade d'esta é a primeira das leis ; embora se comprometta a nação e se percam o repouso e prosperidade publica !

« A medonha e tenebrosa perspectiva da anarchia nenhuma sensação produz nos malvados sanguinocratas, que, affeiçoados aos crimes e aos roubos, nenhum attentado ha de que não sejam capazes de perpetrar. Não sabemos, com ingenuidade o dizemos, em que se estribam os monstros para tanto abusarem da paciencia do povo, que os despreza e detesta. Porém o nosso coração palpita de jubilo com a lembrança de que breve está o termo das nossas amarguras ; o raio da vingança nacional cedo deve vibrar sobre os salteadores, piratas, alcoviteiros, pelintras, sevandijas, bandalhos e estupidos embusteiros, petulantes, incestuosos

e malcriados camellos. Nenhum chimango, ainda o mais desprezivel, deixará de ser castigado como merece; não haverá a minima contemplação com os renegados, descarados, sem vergonhas, adoptivos patifes e nescios que até contra seus conterraneos conspiram. Essa trempe de facto, monstruoso parto da mais negra e abominavel traição, que para bem do Brasil julgou o corpo legislativo ter nomeado, mas que sómente para roubar tem trabalhado, seja a primeira cumplice a castigar-se; mas como? Se Luiz XVI, innocente e virtuoso monarcha, amante do povo francez, foi guilhotinado, como devem ser punidos larangeiras despreziveis e tyrannos? Do mesmo modo? Não; de uma maneira exemplar. »

De um passaro que ha na provincia do Rio Grande do Sul derivou-se o nome de chimango, dado a principio a um corpo militar que alli existiu, applicado depois por analogia aos addidos á guarda municipal permanente do Rio de Janeiro, e empregado por fim pelos caramurús para denominar os homens do partido moderado.

Tratando-se em época de eleições ácerca do direito de votar, attribuido ou recusado aos soldados addidos á guarda municipal permanente, appellidados chimangos, sustentaram os moderados esse direito, allegando terem os chimangos a renda exigida pela constituição; mas ponderaram os caramurús que taes homens não tinham parochia e por consequencia em nenhuma d'ellas era-lhes permittido votar; vencidos, porém, n'esta contestação, começaram a denominar indistinctamente chimangos a todos seus contrarios, fosse qual fosse a modificação do credo politico d'estes.

Em 6 de Dezembro a regencia proclamou ao povo nos seguintes termos:

« Brasileiros! —Tende confiança no governo que eminentemente patriotico não consentirá jámais que prevaleça qualquer partido hostil ao Brasil; mas cumpre que vós sejais os primeiros a respeitar as leis e as autoridades constituidas, e a obedecer aos seus mandados; do contrario cahiremos na mais hedionda anarchia de que todos seremos victimas; recolhei-vos ás vossas casas, e esperai tranquillos que o governo obre como fôr de justiça e o bem geral exija; é ao governo, que sciente das verdadeiras necessidades da patria, cumpre tomar medidas justas e prudentes para manter a segurança individual, e fazer respeitar a constituição, o throno do nosso augusto monarcha brasileiro o Sr. D. Pedro II e as leis; o governo está vigilante; descansai sobre elle e não vos mancheis com actos, que vos podem desdourar, e dar razão e força aos inimigos da prosperidade do Brasil.

« Brasileiros. Confiai no governo; recolhei-vos ás vossas casas, e estai tranquillos, assim vol-o ordena a regencia em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II.

« Viva a religião, viva a nação brasileira, viva a constituição politica do Brasil, viva o Sr. D. Pedro II! — *Francisco de Lima e Silva.— João Braulio Muniz. — Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho.* »

Por aviso de 7 de Dezembro de 1833 prohibiu o governo aos militares de 1ª e 2ª linha, e ordenanças, fazerem parte da Sociedade Militar, sob pena de serem castigados como desobedientes e infractores da disciplina.

Se o partido restaurador conspirára e commettêra excessos, tambem praticára-os o partido dominante; o proprio governo entregava-se a pequenas intrigas, e procurava servir-se de todas as occasiões de desordem que as circumstancias apresentavam-lhe para atacar e destruir o

partido contrario, pois em tempos de paixões não sabem os partidos conciliar-se e só desejam vencer e aniquilar os adversarios.

Fallava-se que o partido restaurador premeditava uma nova revolta; corrêra no dia 14 que se distribuira cartuxame pelos agentes da conspiração, e, ou houve se verdade n'esta noticia ou fosse pretexto, reuniu-se o ministerio na noite d'esse dia em casa do ministro da justiça Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba, e ahi durante um sarão assignou os decretos suspendendo o tutor e nomeando para substituil-o o marquez de Itanhaem.

Eis os decretos:

« A regencia permanente, considerando os graves males que devem resultar de que o conselheiro José Bonifacio de Andrada continue no exercicio da tutella de S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II e de suas augustas irmãs, ha por bem, em nome do mesmo Senhor, suspendêl-o do indicado exercicio, emquanto pela assembléa geral legislativa se não determinar o contrario. Antonio Pinto Chichorro da Gama, ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 14 de Dezembro de 1833, duodecimo da independencia e do Imperio. — *Francisco de Lima e Silva.* — *João Braulio Muniz.* — *Antonio Pinto Chichorro da Gama.* »

« A regencia permanente, tendo attenção ás distinctas e bem notorias qualidades que caracterisam o marquez de Itanhaem, ha por bem, em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II e emquanto pela assembléa geral legislativa

se não determinar o contrario, encarregal-o da tutella do mesmo Senhor, e de suas augustas irmãs, de cujo exercicio foi suspenso por decreto d'esta data o conselheiro José Bonifacio de Andrada. Antonio Pinto Chichorro da Gama, ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 14 de Dezembro de 1833, duodecimo da independencia e do Imperio. — *Francisco de Lima e Silva.* — *João Braulio Muniz.* — *Antonio Pinto Chichorro da Gama.* »

Convocados no dia seguinte pelo juiz de paz do terceiro districto da freguezia de S. José, João Silveira do Pilar, os juizes de paz das outras freguezias, dirigiram-se por ordem da regencia á quinta da Boa-Vista, com cento e vinte homens de infanteria e igual força de cavallaria do corpo de permanentes, e, depois de dividirem essa força em patrulhas para rondarem as circumvizinhanças e guardarem as sahidas, penetraram no paço e apresentaram ao tutor o decreto da regencia; José Bonifacio reagiu, declarou que não cumpria a ordem, que se não dava por suspenso do exercicio de tutor, commettendo, levado pelos assomos de seu genio que ás vezes irrompia violento, um acto inconveniente, uma desobediencia á lei, á autoridade. Vendo sua reluctancia retiraram-se os juizes de paz para uma casa proxima, onde residia Joaquim Moreira da Costa, e participaram o occorrido á regencia. Officiou José Bonifacio ao ministro do Imperio nos seguintes termos:

« Tendo de responder ao officio de V. Ex., que acompanhava o decreto da regencia de 14 do corrente, digo que não reconheço na mesma o direito de suspender-me do exercicio de tutor de Sua Magestade e de suas augustas irmãs.

« Cederei á força, pois que a não tenho, mas estou capacitado que n'isto obro conforme a lei e a razão, pois que nunca cedi á injustiças, a despotismos, ha longo tempo premeditados e ultimamente executados para vergonha d'este Imperio. Os juizes de paz fizeram tudo para me commoverem, porém a tudo resisti, e torno a dizer que só cederei á força. »

Sciente a regencia do que expuzeram-lhe os juizes de paz, ordenou-lhes que prendessem immediatamente o conselheiro José Bonifacio, fazendo-o embarcar para a ilha de Paquetá em escaler do arsenal de guerra para esse fim ancorado na praia de S. Christovão, e enviou ao meio-dia ao palacio da Boa-Vista os brigadeiros José Joaquim de Lima e Silva e Raymundo José da Cunha Mattos, em companhia do novo tutor marquez de Itanhaem, incumbidos de pedirem ao Imperador a transferencia de sua residencia para o palacio da cidade, e intimarem ao conselheiro José Bonifacio a sua suspensão. Officiou a Francisco Maria Telles da Silva, aio de D. Pedro II, que no caso de recusar José Bonifacio cumprir as ordens que lhe fossem intimadas, dando-se com isso alguma inquietação de espirito do Imperador, velasse sobre este, e o conduzisse com suas irmãs para o paço da cidade, se porventura não se apresentasse antes o marquez de Itanhaem; e se por não ter inteira e religiosa observancia essa recommendação experimentasse o joven principe qualquer incommodo, d'elle aio seria a responsabilidade.

Intimada de novo a ordem do governo accedeu José Bonifacio, e, entrando na sege de um dos juizes de paz, encaminhou-se para o cáes de S. Christovão, onde embarcou para a ilha de Paquetá, em companhia do capitão João Nepomuceno Castrioto, encarregado de conduzil-o, e de seu

sobrinho o capitão Gabizo, que quiz acompanha-lo até sua casa.

Em uma allocução convidou o brigadeiro Cunha Mattos a D. Pedro II e ás princezas para estabelecerem sua residencia por algum tempo no paço da cidade, ao que annuiram o Imperador e suas irmãs; e, deixando o palacio de S. Christovão ás 4 1/2 horas da tarde, foram recebidos no Campo da Acclamação,e acompanhados até o paço pelos regentes e ministros de Estado. De noite illuminaram-se os edificios publicos, muitos cidadãos percorreram as ruas entoando,ao som da musica, e de vivas ao monarcha e á regencia, o hymno de 7 de Abril ; porém na effervescencia dos animos, pela viva rivalidade então existente entre brasileiros e portuguezes, dos homens do partido sahiram sicarios que feriram com punhal ou estoque cinco ou seis individuos na rua da Quitanda.

No mesmo dia 15 de Dezembro publicou a regencia esta proclamação :

« Brasileiros ! A tranquillidade, a ordem publica são ainda uma vez ameaçadas por individuos, que devorados de ambição, de orgulho, nada poupam para levar a effeito seus intentos detestaveis, embora com isso sacrifiquem os destinos e prosperidade nacional. Uma conspiração acaba de ser pelo governo descoberta, a qual tem por fim deitar abaixo a regencia, que em nome do Imperador governa, e quiçá destruir a monarchia representativa na terra de Santa Cruz. No proprio palacio de S. Christovão, nas immediações d'este, e em outros pontos se forjaram os planos; armamento e cartuxame foram já distribuidos, e os scelerados só aguardam o momento destinado para lhes dar execução. Brasileiros ! A regencia está vigilante, e tem tomado todas as medidas ao seu alcance para frustrar

as insidias dos conspiradores, havendo entre ellas lançado mão de uma que julgou indispensavel para desalentar as criminosas esperanças dos perturbadores da ordem. Ella acaba de suspender o tutor de Sua Magestade Imperial e de suas augustas irmãs, o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, o homem que servia de centro e de instrumento aos facciosos, havendo nomeado para substituil-o, emquanto pela assembléa geral legislativa se não determinar o contrario, o marquez de Itanhaem, brasileiro distincto, e que tão dignamente já exercêra a mesma tutoria quando d'ella encarregado. Brasileiros, confiai no governo; a paz publica será mantida, e conservado inabalavel o throno nacional do joven monarcha, ingente penhor da prosperidade e gloria do Imperio, idolo dos brasileiros, que se honram de pertencer á briosa nação de que somos membros. Viva a nossa santa religião, viva a constituição, viva o nosso joven Imperador o Sr. D. Pedro II.—*Francisco de Lima e Silva.—João Braulio Muniz.— Antonio Pinto Chichorro da Gama.* »

No dia seguinte remetteu a regencia uma circular aos presidentes de provincia, relatando o que occorrêra na côrte, e recommendando vigilancia e cuidado na manutenção da ordem publica. N'esse dia o juiz de paz do segundo districto da freguezia do Sacramento, Luiz Francisco Pacheco, foi ao paço de S. Christovão, e dando busca encontrou em um quarto, por baixo do torreão novo, 33 armas quasi novas com feixos e uma sem elles; 15 bayonetas, 36 pederneiras, 10 balas soltas, 334 cartuxos de pistola e 40 de espingarda, assim como os individuos seguintes, que foram remettidos presos para o quartel de Mataporcos:

Tenente-coronel José Ricardo da Costa, brasileiro adoptivo.

Sargento-mór Caetano Cardoso de Lima, idem.
Tenente Manoel Joaquim Pereira Braga, idem.
Tenente reformado Antonio de Araujo Silva, idem.
Miguel José Tavares, brasileiro.
Innocencio José de Menezes, idem.
José Marty Mavignard, francez.
José Pereira Ayas, portuguez.
Francisco José Ribeiro Bastos, idem.
Francisco Joaquim Pinto, idem.
José Dias de Faria, idem.
Antonio Manoel de Sousa, idem.
Francisco José de Sousa, idem.
Antonio Pereira, idem.

Prenderam-se na quinta da Joanna tres individuos, dos quaes dois eram portuguezes e um francez, official militar que servira de ajudante de ordens do brigadeiro Labatut. Arrombada a casa do feitor encontraram-se pistolas carregadas, cartuxos embalados, um embrulho com uma quantidade de quartos de bala, bayonetas, e uma d'ellas encravada em um páo, uma clavina carregada, com bayoneta, e um cavallo que um preto confessou pertencer a um individuo que na noite antecedente conferenciára com o feitor e fugira com este.

Ao juiz de paz do segundo districto da freguezia de Santa Anna remetteu o ministro da justiça este officio:

« Havendo o governo descoberto uma conspiração que se tramava para os fins declarados na proclamação que fez publicar hontem, e tendo-se encontrado no paço da Boa-Vista, depois de haver d'elle sahido S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, algum armamento, cartuxame e varios individuos cumplices d'aquella conspiração,

assim como outros muitos que se evadiram, como foi o coronel Theobaldo Sanches Brandão, que se conheceu distinctamente no momento da fugida, ordena a regencia, em nome do mesmo augusto Senhor, que vossa mercê dê todas as providencias para ser capturado o dito Sanches, e proceda ás mais escrupulosas pesquizações afim de vir no verdadeiro conhecimento dos individuos do seu districto, que entraram n'essa trama, bem como aonde existe o armamento e cartuxame que se distribuiu pelos conspiradores, procedendo criminalmente contra todo aquelle individuo, que encontrar incurso em semelhante delicto, do que dará conta por esta secretaria de Estado.

« Deus guarde a Vmcê. Paço, em 16 de Dezembro de 1833. — *Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho.*— Sr. juiz de paz do segundo districto de Santa Anna. »

Foram recolhidos á fragata *Paraguassú* quatorze officiaes accusados de cumplices na conspiração da quinta da Boa-Vista. Por determinação da regencia dispensou o novo tutor do serviço do paço a certos individuos, e encarregou do exercicio de camareira-mór D. Marianna Carlota de Verna, que desvelada e judiciosamente dirigira a educação do joven Imperador até ser desviada d'esse encargo; mas, admittida de novo no serviço do paço, mostrou-se solicita e dedicada, e mereceu ser condecorada com o titulo de condessa de Belmonte no dia da coroação do segundo Imperador do Brasil.

Alguns dos individuos encontrados occultos na quinta de S. Christovão na occasião da remoção do tutor, e por isso suspeitos de quererem oppôr-se ás ordens do governo, foram soltos por alvará do jury, porém outros foram pronunciados á prisão e livramento, como o conselheiro José Bonifacio, que continuou a residir em sua casa

da ilha de Paquetá; e quanto a seu sobrinho, o capitão Gabizo, foi remettido á fragata *Paraguassú* e mais tarde teve a cidade por menagem até ser julgado pelo jury.

Em 27 de Maio de 1834 officiou o marquez de Itanhaem ao ministro do Imperio, participando haverem sido encontrados enterrados no jardim da quinta da Boa-Vista cinco espadas com bainhas de ferro, uma patrona com cartuxame, e algum cartuxame embalado e estragado pela humidade.

Encetada n'esse mez de Maio a discussão da remoção do tutor, pronunciaram-se contra José Bonifacio diversos deputados, como José Pedro, que asseverou ter se achado cartuxame no quarto do Imperador, e terem-se occulto no recinto do paço os sediciosos fugitivos de Minas.

Em 28 de Maio leu-se o seguinte parecer da commissão de constituição:

« A commissão de constituição, a quem foi remettido o relatorio do ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio, apresentado na actual sessão, observa que a primeira medida que elle dá conta á assembléa geral pela sua merecida importancia, é a que na fórma do decreto de 14 de Dezembro de 1833, suspendeu ao cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva do cargo de tutor de S. M. Imperial e das princezas suas augustas irmãs. Esta medida, sendo ha muito tempo reclamada, logo que foi patente a ingerencia do mesmo tutor em negocios politicos, contra o disposto no art. 2º da lei de 12 de Agosto de 1831, por actos que compromettiam essencialmente os interesses do seu augusto pupillo, servindo de centro e de apoio á facção estrangeira, que ainda não desanimou de restabelecer no Brasil o dominio do duque de Bragança, tornava-se absolutamente necessaria e indispensavel á conservação do throno constitucional de 7 de Abril no momento em que

o governo d'ella lançou mão para fazer abortar o plano vasto, concertado, e que já começava a executar-se, contra as liberdades publicas, a autoridade do Sr. D. Pedro II e a existencia do governo legalmente estabelecido.

« Os factos que comprovam esta asserção são muitos e incontestaveis, e foram com geral escandalo praticados dentro e fóra do Imperio, na presença de todos, para que seja mister enumeral-os; ninguem ha que os ignore, ninguem que com justiça possa contestal-os. Os processos judiciaes, que derradeiramente se intentaram a tal respeito, não podem augmentar os gráos de convicção e de certeza, que cada um deve ter adquirido sobre a connivencia ou ineptidão do tutor, segundo a expressão apropriada de um ministro patriota; apenas poderão elles ter contribuido para dar maior evidencia á primeira parte d'esta alternativa.

« Accresce que a medida de que se trata não é opposta á lei de 12 de Agosto de 1831, posto que n'ella não se ache expressa, e parece muito conforme aos principios geraes da legislação que regulam a remoção dos tutores suspeitos.

« N'estes termos a commissão, tendo em vista a referida lei de 12 de Agosto de 1831, e convencida não só da conveniencia, senão mesmo da necessidade de ser removido o tutor, propõe á consideração da camara a seguinte resolução:

« Artigo unico. O cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva é removido do cargo de tutor de S. M. o Imperador e das princezas suas augustas irmãs.

« Paço da camara dos deputados, em 27 de Maio de 1834. — *Oliveira* — *Mello*. — *Limpo de Abreu*. »

Aberta a discussão sobre este parecer foi approvado depois de longo debate em 10 de Junho, por cincoenta

e sete votos, recolhendo-se trinta e um contra, tendo sido nominal a votação. Em 21 de Julho votou o senado o mesmo parecer por vinte e tres votos, havendo quinze contra; e reunidas em assembléa geral as camaras, no paço do senado, em 11 de Agosto, sahiu eleito tutor por setenta e tres votos o marquez de Itanhaem.

Citado em Fevereiro de 1835 para comparecer perante o tribunal do jury, escreveu José Bonifacio ao juiz de paz n'estes termos:

« Illm. Sr. juiz de paz. — Accuso a recepção de sua carta de 20 do corrente em que V. S. me participa que no dia 2 de Março tenho de comparecer no tribunal do jury.

« Duvido muito que o estado da minha saude me permitta ir á côrte; porém como todo o cidadão honrado não póde hoje duvidar que a minha remoção do lugar de tutor, e depois o processo informe e ridiculo a que se procedeu e por fim a declaração de minha criminalidade, são todos effeitos de uma cabala pueril, eu, confiado na justiça e luzes dos meus juizes, não preciso da formalidade de defender-me ou pessoalmente ou por advogados. Os crimes que eu commetti são de outra categoria, em que muito amor proprio gratuito se offendia; mas perante a lei nunca foi crime. Não preciso, portanto, de defesa que não seja o negar positivamente o de que sou accusado em um processo irregular, injusto e absurdo. Se, porém, para não demorar o livramento de outros meus chamados co-réos, é de absoluta necessidade que eu tenha advogado, então nomeio a todos aquelles homens de probidade, que queiram officiosamente encarregar-se da minha defesa, bem curta e facil.

« Deus guarde a V. S. Paquetá, 24 de Fevereiro de 1835.— Illm. Sr. Antonio Luiz Pereira da Cunha.— *Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva.* »

Constituido o jury em 14 de Março serviu de promotor o Dr. José Maria Frederico de Sousa Pinto, tendo-se recusado a fazerem o libello diversos advogados e juizes, como o promotor publico João Antonio de Miranda, o bacharel José Moreira Barbosa e Guilherme Bandeira de Gouvêa; presidiu a sessão o Dr. Justino José Tavares; José Bonifacio não compareceu, mas apresentou-se para defendêl-o o desembargador Candido Ladisláo Japiassú. O povo atopetava o recinto do tribunal, não por julgar que José Bonifacio e outros seriam condemnados; pois, tendo fallecido em 1834 em Portugal o duque de Bragança, desapparecêra no Brasil o partido restaurador, mas só por curiosidade; e estando arrefecida a luta desejavam todos socego e uma nova ordem de cousas.

Recolhido o conselho de jurados á sala secreta, voltou algum tempo depois, lendo o presidente Luiz Affonso de Moraes Torres a absolvição de vinte e um individuos, entre os quaes estava o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva; e na sessão de 8 de Abril foram absolvidos sete que restavam.

Os amigos e enthusiastas de José Bonifacio deram-lhe um baile em 9 de Maio, onde saudaram as musas de alguns vates ao sabio, ao poeta e ao politico, e ao som d'esses hymnos recolheu-se ao seu domicilio em Nictherohy o Francklin brasileiro, onde pouco esperou pela morte, legando á patria seu nome illustre.

Depois do acontecimento de 7 de Abril entrára o paiz em uma phase nova; inexperientes na luta politica tornaram-se os partidos, que então se organisaram, imprudentes e precipitados; mais de uma vez conspirára o partido restaurador, e o moderado que debellava-o excedêra-se algures em suas perseguições, e pintára aquellas conspirações com um caracter mais assustador do que haviam

tido. Reprovaram os Andradas o movimento de 7 de Abril, e em politica, especialmente em época de effervescencia, consideram-se inimigos e traidores os que sustentam opinião contraria á que predomina ; começáram os Andradas a ser mal vistos pelo governo ; abraçára Antonio Carlos o partido restaurador (3), e José Bonifacio, ou por sympathisar com a idéa da volta do antigo systema, ou por fraqueza de animo, se deixára apresentar como chefe dos caramurús, por necessitarem estes do prestigio de seu nome para propagarem suas crenças politicas; assim escudados foram até ao paço imperial, até junto do Imperador; conspiraram, reuniram gente, accumularam armas, munições de guerra, transformaram em fortaleza, em torre de refugio a residencia imperial; e José Bonifacio, que tantos serviços prestára á independencia, á organisação do novo Imperio, deixou-se arrastar por um partido, por uma idéa anti-nacional como era a restauração do governo do ex-Imperador ; antepondo o coração á razão, fraqueou e quiz pugnar por um principe que a nação afastára, sem lembrar-se de que não só violentava a vontade nacional, como das graves e funestas consequencias que esse procedimento poderia trazer á causa publica.

Ainda que, mudada a época em que uma medida foi concebida, ella é desfigurada, todavia vê-se que mesmo em 1834 era a restauração de Pedro I um erro politico, e aquelles que n'isso pensaram conspiraram contra a lei, contra o verdadeiro soberano acclamado pela vontade nacional e contra a nação, que admittira outros principios e outra ordem social.

(3) Veja o relatorio do ministerio do Imperio de 1834.

ARCHEOLOGIA

Reliquias de uma grande tribu extincta

POR

ANTONIO MANOEL GONÇALVES TOCANTINS

Socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

I

Em Maio do anno passado tive occasião de chegar até o famoso lago Arary que occupa mais ou menos o centro da ilha de Marajó.

Fazia eu parte de uma commissão de engenheiros, que o governo da provincia enviára com o fim de estudar as causas da inundação extraordinaria que então submergia essa rica ilha em quasi toda sua extensão.

Tendo o vapor da commissão ancorado defronte da fazenda Tuyuyú, no rio Arary, segui eu em escaler acompanhado de dois senhores fazendeiros.

Partimos de madrugada e chegámos ao lago ao romper da manhã.

Avistando á margem opposta a pequena ilha do Pacoval, não pude resistir ao ardente desejo de visital-a, apezar de dispôr de pouco tempo, pois que os meus collegas me esperavam á hora aprazada a bordo do vapor.

E' esta pequena ilha mui celebre por ter sido toda como que edificada a braços pelos antigos aborigenes, e porque conserva ainda enterrados innumeros vasos e utensilios, quasi todos em fragmentos, que revelam a existencia de um povo bastante adiantado na industria ceramica.

Que povo, porém, foi este? A que grão de civilisação chegára?

Qual foi sua maneira de viver?

Qual a sua origem? Eis-aqui por certo questões de vivo interesse, que merecem occupar por um momento nossa attenção.

Alguns artefactos ceramicos que ahi têm sido descobertos, e outros que ainda existem enterrados, são, por assim dizer, as unicas reliquias que restam d'esta tribu, hoje totalmente extincta.

Porém considerações de alto valor prendem os productos ceramicos ao estudo da historia dos povos primitivos e ao das diversas phases de sua civilisação.

Vamos, pois, fazer uma descripção succinta d'esses artefactos, tendo em vista alguns que possuimos e outros que se acham depositados no museu paraense, assim como alguns outros que existem em mão de particulares.

II

Em minha excursão á ilha do Pacoval encontrei uma — igaçaba — quasi inteira, medindo quarenta centimetros de altura: affecta em sua base a fórma esphercidal, e em sua parte superior a fórma cylindrica.

Toda a superficie exterior está coberta de pinturas em relevo, descrevendo curvas mais ou menos regulares,

niente da mesma procedencia, que acho notavel por sua fórma espheroidal muito regular, não destituida de certa elegancia.

Seu maior diametro é apenas de vinte e cinco centimetros; a parte superior, porém, termina por um bocal de fórma cylindrica.

E' todo de argilla ferruginosa, e esmaltado por uma camada de argilla mais fina e branca, e está todo pintado com listas de ocre encarnado, descrevendo curvas concentricas e variadas, combinadas de fórma a guardar uma certa symetria.

Este devia na tribu ser um vaso de luxo, e talvez destinado a guardar fructos ou farinha, ou outra substancia semelhante.

Outro artefacto que possuo é uma especie de apito, de dez centimetros de comprimento, ôco, com dois orificios de diametros desiguaes, ornado com relevos em fórma de espiral e outros enfeites.

Este utensilio servia provavelmente para dar signal aos companheiros quando se empregavam na caça ou pesca.

Possuo ainda mais quatro outras— igaçabas— ou urnas funerarias, provenientes de escavações em Marajó, de fórmas e capacidades differentes, cobertas de ligeiro esmalte argilloso, e ornadas com pinturas variadas.

III

Que povo, porém, seria este?

Tal foi a primeira questão que se apresentou ao nosso espirito.

A pittoresca ilha do Pacoval está situada no meio do

lago Arary, e o lago no meio da ilha de Marajó, que mede oitenta leguas de comprimento sobre cincoenta de largura.

Está condemnada a desapparecer em um espaço de tempo mais ou menos proximo, porque a acção erosiva das aguas do lago a vai desmoronando pouco a pouco.

Já está evidentemente reduzida a uma área muito menor do que fôra primitivamente. Hoje mede apenas cerca de duzentas braças de comprimento sobre cem de largura.

Quando a visitei, erguia-se cinco palmos acima do nivel das aguas do lago, entretanto que os campos adjacentes estavam dez palmos abaixo do mesmo nivel.

Em um raio de varias leguas era este o unico ponto que dominava sobre as aguas de inundação, pois que toda a bacia central da ilha de Marajó estava inteiramente submersa.

E', pois, fóra de toda duvida que na ilha do Pacoval residiu por longos annos uma tribu numerosa, agricola e habil na manufactura de productos ceramicos. A séde d'esta tribu ainda hoje se distingue dos terrenos adjacentes por uma espessa camada de terra vegetal, mui negra, actualmente sombreada por opulenta vegetação.

Ora, nas mesmas condições d'esta, existem ainda varias outras ilhas nos campos de Marajó, taes como as de Camotim, Larangeiras, etc., formadas pela mesma terra vegetal, coberta com a mesma vigorosa vegetação, e encerrando depositos de vasos de argilla, e particularmente de — igaçabas— ou urnas funerarias, de fórmas diversas. De um ponto qualquer de Marajó passa-se, atravessando para outros campos, a pé, em tempo de verão, e em canôas em tempo de inverno.

As differentes tabas gentilicas deviam portanto estar em continua communicação entre si, e em paz não inter-

rompida, porque em caso de guerra as mais fracas não poderiam escapar ás emboscadas e sorprezas, e seriam promptamente exterminadas.

Todas ellas deviam formar um só povo, tendo cada uma denominação differente, segundo a localidade que habitava, mas tendo tambem uma existencia commum e formando vasta confederação.

A maneira de viver d'estes incolas devia naturalmente ser adaptada ás condições locaes do terreno que habitavam, isto é, um vasto campo no verão, convertido em vasto lago navegavel durante o inverno.

No verão, quando os lagos e rios vão gradualmente seccando, a pesca torna-se mais certa e abundante, podendo abastecer facilmente tribus numerosas.

No inverno, pelo contrario, quando as aguas vão invadindo os terrenos baixos, as caças vão-se concentrando nas partes mais elevadas.

As aves, taes como pombos, marrecas, garças, guarás e outras muitas, ainda abundam de maneira extraordinaria. Os incolas tinham, pois, subsistencia facil e abundante.

Até hoje os descendentes d'estes barbaros são notaveis por sua elevada estatura, por sua força muscular e por seus habitos selvagens e energicos.

Só se occupam de pastorear gado na qualidade de vaqueiros; nem querem outra profissão: andam constantemente a divagar pelos campos, a cavallo, e são insensiveis a toda sorte de privação.

Marajó estava muito povoada quando a expedição portugueza, commandada por Caldeira Castello Branco, veiu fundar a capitania e descobrir as terras do Amazonas em principios de 1616.

Sabe-se tambem que todas as margens dos grandes rios, desde as vertentes do Madeira até as fronteiras de Maranhão,

estavam occupadas pelas aldéas dos *Tupinambás*, que eram em grande numero.

Os *Marajoáras*, porém, acastellados em sua immensa ilha, viviam afastados dos *Tupinambás*, sem comtudo hostilisarem-se, como era costume geral entre os povos selvagens do Amazonas.

Segundo toda a probabilidade historica, não eram os *Marajoáras* da mesma raça dos *Tupinambás*; nem tinham precisamente os mesmos habitos e costumes; nem fallavam a mesma lingua. Tanto assim que os *Tupinambás* os designavam pela denominação de *Nheengaibas*.

Ora *Nheengaibas* em sua significação *tupy* quer dizer — povo que *falla mal*, ou que falla *lingua desconhecida ou confusa*.

E' assim que os romanos tambem chamavam *barbaros* a todos os povos que não fallavam a sua propria lingua.

A principio Castello Branco estabeleceu relações de paz e de amizade, tanto com os *Tupinambás*, que dominavam no continente, como com os insulares *Nheengaibas* ou *Marajoáras*.

A guerra, porém, não tardou a rebentar, e continuou longa e porfiada.

Nem podia ser de outra maneira, porque os portuguezes procuraram desde logo pôr em pratica a sua antiga e fatal pretenção de reduzir á escravidão aquelles que na vespera tratavam de alliados.

Entretanto os *Nheengaibas* mantiveram por muitos annos commercio com os francezes, inglezes e hollandezes, cujos navios frequentavam as costas do cabo do Norte e ilhas adjacentes e penetravam pelo Amazonas e seus affluentes, procurando fundar feitorias.

A novel capitania bem sabia quanto risco corria em frente de tão formidaveis inimigos.

Em sua propria ilha os *Nheengaibas* eram inexpugnaveis, e adoptavam um systema de defesa que os tornava verdadeiramente invenciveis.

O padre Antonio Vieira assim descreve este formidavel reducto.

« Por muitas vezes quizeram os governadores passados, e ultimamente André Vidal de Negreiros, tirar este embaraço tão custoso ao Estado, empenhando na empreza todas as forças d'elle, assim de indios, como de portuguezes, com os cabos mais antigos e experimentados; mas nunca d'esta guerra se trouxe outro effeito mais que o repetido desengano, de que as nações *Nheengaibas* eram inconquistaveis pela ousadia, pela cautela, pela astucia e pela constancia da gente, e mais que tudo pelo sitio inexpugnavel com que os defendeu e fortificou a mesma natureza.

« E' a ilha toda composta de um confuso, e intrincado labyrintho de rios e bosques espessos: aquelles com infinitas entradas e sahidas; estes sem entradas nem sahida alguma, onde não é possivel cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda vêr o inimigo, estando elle ao mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores apontando e empregando as suas frechas.

« E porque este modo de guerra volante e invisivel não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres e filhos, a primeira cousa que fizeram os *Nheengaibas*, tanto que se resolveram á guerra com os portuguezes, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pelas terras a dentro, a grandes distancias, para que em qualquer perigo podesse uma avisar as outras e nunca ser acommettidos juntos.

« D'esta sorte ficaram habitando a ilha sem habitarem nem uma parte d'ella, servindo-lhe, porém, em todos os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaya, e

cada *Nheengaiba* de sentinella, e as suas trombetas de rebate. »

Os *Nheengaibas*, porém, tinham consciencia de quanto valiam e não se limitavam a uma simples defensiva. Habitando, como já dissemos, campos inundados durante uma parte do anno, e cortados de rios e lagos immensos, possuiam uma importante esquadrilha, composta de embarcações ligeiras, porém bem armadas, nas quaes atravessavam audazmente a perigosa bahia que os separava do continente, e vinham trazer o espanto e o terror até junto os muros da cidade.

Diz ainda o padre Vieira na citada carta, dirigida a el-rei a 11 de Fevereiro de 1660:

« Usa esta gente canôas ligeiras e bem armadas, com as quaes não só impediam e infestavam as entradas que n'esta terra são todas por agua, em que roubavam e matavam muitos portuguezes, mas chegavam a assaltar os indios christãos em suas aldêas, ainda d'aquellas que estavam mais vizinhas de nossas fortalezas, matando e captivando; e até os mesmos portuguezes não estavam seguros dos *Nheengaibas* dentro de suas propriedades e fazendas, de que se vêm ainda hoje muitas despovoadas e desertas, vivendo os moradores d'estas capitanias dentro em certos limites, como sitiados, sem lograr as commodidades do mar, da terra e dos rios, nem ainda a passagem d'elles senão debaixo das armas. »

Corsarios destemidos, estendiam sua navegação até o cabo do Norte, e frequentavam os estabelecimentos de Camaú, Torrego, Filippe, e outros que os hollandezes procuravam fixar em terras do Amazonas.

Ainda em 1798 D. Francisco de Sousa Coutinho propõe ao ministro dos negocios ultramarinos o chamar das costas para o interior de Marajó os *Aruans* (ora nação *Nheengaiba*)

declarando que são estes indios dos que *mais parentes têm entre os francezes.*

Grande, sobretudo, foi o susto e terror dos portuguezes, quando em 1668 chegou ao Pará D. Pedro de Mello com a noticia da guerra declarada contra a Hollanda, e com recommendação de que se acautelassem contra as aggressões d'estes tenazes inimigos. Deviam lembrar-se que alguns annos antes tinham vindo os *Nheengaibas*, em defesa d'esses estrangeiros, medir-se denodadamente com o famoso capitão Pedro Teixeira, que regressava victorioso de Gurupá.

Os moradores do Pará, reunindo-se em conselho, decidiram que era chegada a hora do exterminio da capitania, se os *Nheengaibas* levassem a favor dos hollandezes o poderoso concurso de sua alliança.

Enviaram, em consequencia, á presença do governador um emissario para reclamar sobre este ponto toda sua attenção e providencia.

O governador consultou a todas os cidadãos mais conspicuos, tanto seculares e militares, como ecclesiasticos, ás quaes foram de accordo sobre a eminencia do perigo. E propuzeram que se fizesse guerra desesperada aos *Nheengaibas,* reunindo todos os recursos de que a capitania podesse dispôr antes que chegassem estes barbaros a fazer juncção com os hollandezes.

O padre Vieira, porém, que narra este acontecimento com todos os seus promenores, offereceu-se para tentar, como mediador, um tratado de paz com os *Nheengaibas*, emquanto em segredo se faziam todos os preparativos para esta guerra decisiva.

Este padre, que tinha empregado seu grande talento e prestigio em favor da liberdade dos indios, conseguiu que alguns chefes *Nheengaibas* viessem á cidade buscal-o.

Quando se viu chegarem trinta caciques, em outras tantas canôas carregadas de gente armada, tal foi o susto que a fortaleza e cidade se poz secretamente em armas.

Emfim, o padre Vieira, dirigindo-se algum tempo depois das aldêas de Cametá para Marajó, foi recebido com cordial hospitalidade, e com grande apparato e solemnidade, e conseguiu dos *Nheengaibas* juramento de vassallagem á corôa de Portugal. Um d'estes barbaros, porém, chamado Peye, recusa prestar o juramento, dizendo ao padre : « Aquillo que aqui nos dizes vai dizêl-o aos portuguezes, pois foram elles, e não nós, que têm faltado á fé de paz e amizade que entre nós existia. » Depois de quatorze dias de festas e folguedos, e de um *Te-Deum* solemne, arvorou o padre Vieira uma cruz em signal de alliança que ficava para sempre estabelecida.

Os portuguezes, abandonando a louca e antiga pretenção de fazer escravos entre os *Nheengaibas*, poderam emfim penetrar como amigos n'essa ilha formidavel, onde nunca podêram tocar como conquistadores.

El-rei D. Affonso VI eregiu depois a mesma Ilha Grande de Joannes ou de Marajó em baronato e donataria em favor e beneficio de seu conselheiro Antonio de Sousa de Macedo.

Hoje pascem n'essas ricas campinas grandes manadas de gado vaccum, calculadas em trezentas mil rezes, pertencentes a diversos proprietarios.

IV

Os *Nheengaibas*, pelo que acabamos de referir, representavam papel importante entre os indigenas do valle do Amazonas.

Já dissemos as razões porque nos parece que estas tribus não pertenciam á grande raça *Tupy*, da qual viviam separadas em sua ilha immensa. Já vimos que não fallavam a lingua *tupy*, e que apresentavam em sua existencia uma feição particular.

O padre Antonio Vieira, que, assim como todos os outros padres da companhia de Jesus d'estas missões, era mui reservado n'esta lingua, só por meio de interpetres pôde entender-se com os *Nheengaibas*.

D'onde vieram, pois, estes indigenas plantar suas tabas no meio das numerosas aldêas espalhadas pelo valle do Amazonas, e pertencentes quasi todas aos *Tupinambás* e outros *Tupys*?

Desde que começámos estas pesquizas fomos logo de parecer que os *Nheengaibas* ou habitantes de Marajó eram descendentes de alguma tribu peruana descida pelo Amazonas no tempo dos Incas.

N'esta hypothese estavamos, quando vimos uma opinião muito competente que veiu confirmar a nossa. Querêmos fallar do Sr. Ladisláo Netto, tão bom juiz n'estas materias, que assim se exprime:

« Dizer-lhe que esse presente é uma collecção archeologica da ilha de Marajó, o mesmo fôra pintar-lhe o bom acolhimento que para logo de mim recebeu.

« N'aquella ilha quer-me parecer que se fixou e floresceu por largos annos a tribu mais industriosa e mais culta de quantas povoaram a principio o Brasil; e tenho que alli é que por mais tempo se hão conservado os vestigios e as pallidas tradições da civilisação andina, transferida para essa porção da America, onde mais tarde duas grandes nações, a *Tupy* e a *Guarany*, tanto medraram sem comtudo alcançarem nunca esse grão de rude cultura de seus maioraes.

. . . .

« Veiu em tão boa hora isentar-nos de tamanha falta o Sr. Ferreira Penna com o seu bello presente, composto quasi todos de fragmentos de vasos (procedentes de Marajó) mui diversos dos que hão sido até hoje desenterrados n'outras paragens do Brasil: estes apresentam de ordinario a fórma do fruto das sapucayas, e são lisos ou toscamente escamados, como se houvéra a intenção de copiar n'elles a pelle de giboia; os de Marajó são multiformes, e delicadamente esculpidos ou pintados á maneira dos da Bolivia ou do Perú.

« No em que mais se distingue dos demais productos ceramicos de nossos indigenas é, porém, na representação de figuras humanas que lhes servem de ornato, conforme o que se observa nos vasos ordinarios.

« Estas figuras simulam individuos acocorados, com as mãos unidas á face, e algumas vezes ao peito, isto é, na attitude de muitos dos *Canópas* ou *Cónopas* dos *Incas*.

« Apezar das suas imperfeições, notam-se-lhes os traços caracteristicos de nossos autochtones: orelhas largamente fundas, labios espessos, fronte deprimida, etc.

« Se nos desenhos e nas insculpturas existem caracteres geroglificos, não lhe quero, nem que o quizesse, lhe devêra affirmar; antes devo negar-lhes qualquer significação, que não tem elles. »

A pequena collecção archeologica de Marajó que possuo eu a offereço n'esta data ao meu muito illustre amigo o Sr. Dr. Couto de Magalhães, que manifestou-me o desejo de fazer d'ella acquisição para o museu nacional.

Os *Nheengaibas* consagravam profundo respeito e veneração a seus mortos, e este era tambem um dos costumes caracteristicos dos antigos indios peruanos que rendiam verdadeiro culto a seus *Guacas*.

A época provavel da immigração dos ascendentes dos

Nheengaibas para Marajó seria a mesma que o da entrada dos hespanhóes no Perú em 1531.

Las Cazas, o grande defensor e protector dos indigenas americanos, refere que:

« Quando os hespanhóes invadiram o Perú submetteram os indios que encontraram em sua passagem; no momento, porém, que quizeram entrar em Cusco, os habitantes, que a principio tentaram defender-se, vendo depois que este partido era impossivel, abandonaram sua capital e emigraram. »

Ora, o movimento geral de emigração n'essa época foi para os Andes, onde muitos peruanos ficaram com seu principe Tito, do sangue dos *Incas*, e outros desceram pela vertente oriental e seguiram pelo Amazonas no mesmo rumo que depois seguira Orellana.

A colonia fugitiva, encontrando as margens do Amazonas dominadas por muitas tribus hostís, desceria naturalmente o curso do rio até a foz e até Marajó, onde se fixára.

N'esta importante ilha ainda se póde fazer pesquizas, e descobertas archeologicas e ethnographicas, que provavelmente virão ainda confirmar a hypothese enunciada pelo illustrado Sr. Ladisláo Netto, de que a tribu que habitou essa ilha fôra a mais culta de todo o Brasil, conservando traços mui claros da tradição e da civilisação andina.

O Sr. professor Hartt tambem promette occupar-se d'este assumpto em um trabalho que pretende dar á publicidade. A' sombra d'estes dois nomes illustres eu não me decidira a consignar aqui estas toscas idéas se não fôra para corresponder ao convite do Sr. Dr. Couto de Magalhães, a quem devo finezas de amigo. Devo dar-lhe este testemunho do muito que aprecio seu caracter elevado e seus brilhantes talentos.

Belém do Pará, 2 de Dezembro de 1872.

PAULO FERNANDES E A POLICIA DE SEU TEMPO

Memoria apresentada ao Instituto Historico Geographico Brasileiro

PELO SEU 1.º SECRETARIO

CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO

Senhores.—De posse de preciosos e authenticos documentos venho esboçar-vos, a largos traços, uma das mais activas e proficuas administrações que contou o reino do Brasil: refiro-me á intendencia da policia, exercida pelo desembargador do paço conselheiro Paulo Fernandes Vianna desde 5 de Abril de 1808 até 26 de Fevereiro de 1821. Antes, porém, de fazêl-o consenti que investigue a origem de semelhante cargo, cujos limites não me parecem ainda hoje circumscriptos na sua devida orbita.

Não encontrei nas chronicas da antiga monarchia portugueza cargo algum que podesse exactamente corresponder ao de intendente-geral da policia; sendo algumas das suas attribuições da competencia do corregedor do crime da côrte e casa. Foi só no reinado da Sra. D. Maria I, e por alvará de 25 de Julho de 1760, que creou-se o emprego a que alludimos, sendo o seu primeiro serventuario o desembargador Ignacio Ferreira Souto, que teve por ajudante o desembargador João Xavier Telles. O segundo intendente

foi o desembargador Manoel Gonçalves de Miranda, por cuja morte, occorrida em 1780, entendeu a rainha dever ampliar as attribuições do cargo, confiando-o ao reconhecido zelo do desembargador dos aggravos da casa da supplicação Diogo Ignacio de Pina Manique. Fallando d'este magistrado eis como se exprime o Sr. conselheiro Soriano na sua *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal* (tomo II, 1ª época) : « Immediato aos secretarios de Estado figurava por aquelle tempo, como personagem de grande prestigio e influencia no reino, o desembargador do paço Diogo Ignacio de Pina Manique, intendente-geral da policia, lugar com que tambem accumulava o de administrador-geral das alfandegas. Este homem, apezar da pouca illustração, de que alguns dos seus contemporaneos o accusavam, deixou todavia provas de que na intendencia geral da policia (repartição que lhe deve a fundação dos registros da sua correspondencia official) foi elle o mais notavel de todos os seus chefes. »

Os notaveis serviços prestados por esse digno funccionario suggeriram ao principe regente D. João a idéa de procurar quem o imitasse no novo reino que vinha fundar aquem do Atlantico. Recahiu a acertada escolha na pessoa do desembargador ouvidor-geral do crime Paulo Fernandes Vianna, que, com grande honradez e intelligencia, occupára varios lugares de confiança, tanto na metropole, como na America, d'onde era natural.

Tenho presentes os mais lisongeiros attestados de benemerencia, passados por personagens maiores de todo a suspeição ; servir-me-hei, porém, de preferencia da singela narrativa que dos seus actos na administração da policia deixou-nos o mencionado Paulo Fernandes.

Creador de uma repartição teve de traçar-lhe o regulamento organico, regularisar a matricula dos estrangeiros

em ordem de averiguar a sua procedencia e idoneidade, crear fontes de renda e entabolar a correspondencia com as provincias do Brasil, cujas intendencias de policia eram todas subordinadas á do Rio de Janeiro.

Havendo o decreto de 13 de Maio de 1809 instituido a guarda real da policia, composta de uma companhia de cavallaria e tres de infantaria, julgou-se conveniente aquartelal-as em diversos bairros da cidade, ficando o intendente incumbido de proporcionar-lhes accommodações convinhaveis, o que levou a effeito como lh'o permittiram as circumstancias pecuniarias, que obrigaram-n'o a recorrer ao credito individual e á generosidade de alguns amigos.

D'esse mesmo subsidio serviu-se elle para pagar os soldos e o fardamento dos soldados da dita guarda, emquanto não lhe foi possivel contrahir um emprestimo a juro modico com o Banco do Brasil.

Conhecendo serem os pantanos causadores de muitas molestias que affligiam (e infelizmente ainda affligem) esta cidade, resolveu aterral-os, calçando successivamente as ruas do Sabão e S. Pedro (da Cidade Nova), a dos Invalidos (desde a dos Arcos até a de Matacavallos), parte da do Cattete, a do Conde e a de Catumby até Mataporcos.

No louvavel empenho de dotar esta capital de todos os possiveis melhoramentos ordenou se cingisse de um caes a praia do Vallongo, construindo-se rampas e escadas, afim de facilitar o embarque e desembarque, até então difficil, senão perigoso, não se descuidando de guarnecêl as de lampeões para a indispensavel segurança e vigilancia.

Não menos relevante serviço foi o do abastecimento de agua potavel, cuja escassez muito fazia-se sentir. Para este fim contratou Paulo Fernandes alguns mineiros, afamados pelos seus conhecimentos praticos, e trouxe agua da distancia de uma legua, conduzindo-a por um bicame de ma-

deira desde o Barro Vermelho até o campo de Sant'Anna no breve prazo de seis a sete mezes. N'esse mesmo campo construiu um chafariz com dez bicas, obra muito apreciada pelos nossos maiores e de que tiravam summo proveito os moradores das circumvizinhanças.

Mais tarde, averiguada a insufficiencia da agua, pensou o intendente em augmentar-lhe o volume, fazendo-a vir de differente manancial, e, parecendo-lhe então que o do rio Maracanã seria bastante para o consumo de toda a cidade, dispôz a sua canalisação e trajecto para o mencionado chafariz do campo de Sant'Anna, que foi augmentado com mais doze bicas, elevando-as ao numero de vinte e duas.

Sendo o terreno da cidade nova e dos arrabaldes summamente alagadiço, e entrecortado de mangues, corregos e riachos, forçosa foi a construcção de varias pontes e pontilhões, alguns de madeira e outros de pedra, como os do rio do Faria, do campo de S. Christovão e a fronteira ao portão da quinta da Boa Vista.

Por occasião da chegada da familia real bragantina a cadêa da cidade do Rio de Janeiro achava-se no edificio onde hoje funcciona a camara dos deputados. Com todo o acerto entendeu o intendente-geral da policia que muito conviria removêl-a para sitio mais apropriado, e pareceu-lhe havêl-o encontrado no *aljube*, prisão ecclesiastica, que com grande actividade foi engrandecida e adaptada ao seu novo destino. Como, porém, a localidade não lhe consentisse dar as precisas dimensões, tratou logo de adquirir terreno para uma nova cadêa, obtendo do coronel Fernando José de Almeida uns chãos que possuia na cidade nova, onde actualmente se acha a matriz de Sant'Anna.

Impossivel será conceber cidade bem policiada sem um bom systema de illuminação, e por isso cuidou seriamente o digno magistrado, cujos feitos estamos epilogando, d'este

importantissimo ramo do publico serviço. Circumdou de lampeões o paço da cidade, o da quinta de S. Christovão e a das Larangeiras, onde residia a rainha a Sra. D. Meria I. Distribuiu-os depois com a parcimonia determinada pela deficiencia de rendas, pelas principaes ruas e praças, da cidade velha e da nova, levando os mais tarde até S. Christovão, em postes de pedra, collocados de ambos os lados da respectiva estrada.

Bem no centro d'esta hoje opulentissima metropole, e no sitio onde campêa a escola polytechnica, via se um collossal acervo de pedras e materiaes abandonados, formando immenso esterquilinio, e servindo de couto aos vagabundos e malfeitores. Não podia Paulo Fernandes tolerar semelhante abuso, e, não lhe consentindo a exiguidade de meios, de que podia lançar mão, o emprehender algum dos commettimentos que assomavam ao seu patriotico animo, contentou-se em mandar desentulhar o sobredito esterquilinio, que occupava o espaço outr'ora destinado para a nova Sé, temporariamente aposentada na igreja do Rosario, aproveitando a localidade para a construcção de depositos de lampeões da illuminação publica e para pequenas casas alugadas á pobreza.

Eram n'esse tempo mui difficeis as communicações entre a capital e o interior do paiz, o que contribuia grandemente para encarecer os generos de primeira necessidade: a isso attendeu Paulo Fernandes, empregando esforços afim de que se abrissem novas estradas e caminhos, e se melhorassem os existentes. Abriu uma estrada de rodagem de Nictheroy á Maricá, por onde el-rei transitou de carruagem com a sua comitiva; outra nas mesmas condições, que da côrte se dirigia a Iguassú, prolongando-a depois até o Rio Preto, limite d'esta provincia com a de Minas Geraes. Esta

ultima estrada custou a exigua quantia de 48:000$, pagos em prestações de 8:000$ semestraes.

O ameno sitio da Tijuca, tão apreciado pelos estrangeiros, preferindo-o alguns á pittoresca Petropolis, era então de penosissimo accesso; mereceu lhe particular cuidado, e ao deixar a intendencia da policia, estava prestes a con, cluir-se uma boa estrada de rodagem até o alto da serra. Ainda inacabada prestava ella reaes serviços ao mercado do Rio de Janeiro, abastecendo-o de frutas, hortaliça e excellente carvão.

Outra vantagem resultou das obras de viação ordenadas na Tijuca: e foi a de devassarem-se as suas matas, expellindo d'ahi os desertores e escravos fugidos, cujas depredações tanto incommodavam os moradores.

Já vimos que ao intendente preoccupava a idéa de jámais faltar agua á cidade, e por isso, não satisfeito com o chafariz do campo de Sant'Anna, a que déra maiores proporções do que ao da Carioca, cuidou em construir outro (de quatro bicas) em Matacavallos, e dois mais pequenos no Cattete e no largo das Larangeiras.

Estranho parecerá que semelhantes serviços corressem por conta da policia; porém ainda mais parecerá que á sua intervenção se devessem a creação do Banco do Brasil e a edificação do theatro de S. João (hoje de S. Pedro de Alcantara). No circulo de seus amigos e affeiçoados, tanto da capital, como das provincirs, encontrou Paulo Fernandes propugnadores de ambos os projectos, que, tomando a si grande numero de acções, asseguraram a fundação do primeiro estabelecimento de credito que houve em nossa terra, assim como a abertura do theatro, que pela sua architectura e decoração interna podia rivalisar com o de S. Carlos em Lisboa.

No manuscripto d'onde extrahi estes apontamentos quei-

xa-se o digno magistrado da negligencia do senado da camara que descurava dos principaes ramos da administração da cidade, deixando que a policia d'elles se incumbisse, cedendo ao justo reclamo do povo. Se trasladassemos para aqui as palavras do velho intendente dir-se-hia que faziamos ferinas allusões ás nossas actuaes e illustrissimas municipalidades.

Antes que ninguem se lembrasse de discutir o magno problema social da organisação do trabalho, attendia Paulo Fernandes á imperiosa necèssidade de occupar os braços das classes desprovidas dos bens da fortuna, e n'esse intuito multiplicava obras de publica utilidade, e estudava cuidadosamente as relações reguladoras da offerta e da procura, e quando parecia esquecêl-as era porque interesses de ordem mais elevada a isso obrigavam-n'o. Exemplificarei o presente asserto.

Sabido é que na época a que me estou referindo havia na nossa cidade crescido numero de pessoas que viviam do producto dos jornaes de seus escravos, officiaes de officio e serventes de obras, resultando d'essa mesma abundancia que os salarios dos escravos fossem insignificantes, o que excluia toda a concurrencia dos trabalhadores livres. Não ignorava o illustrado brasileiro que então dirigia a policia, essa lei rudimental de economia politica; mas, como um dos moveis que o haviam determinado a emprehender essas obras era ter contentes e felizes as classes inferiores da população, ordenou a seus prepostos que dessem sempre preferencia aos braços livres, embora seus salarios fossem mais avultados do que os dos escravos. E isto fazia sem a minima ostentação e em beneficio d'esses mesmos populares, que mais tarde deveram vozear no largo do Rocio reclamando a destituição do *despota da policia !...*

Emquanto, porém, não chegava o dia da ingratidão continuava a vespera do beneficio.

Cada vez mais irradiava-se a esphera de actividade do intendente. Não lhe bastavam os municipios vizinhos e os do outro lado da bahia de Guanabara; porquanto o longinquo territorio de Campos dos Goytacazes attrahiu a sua attenção ; e, para ahi trasladando-se, mandou limpar vallas e ordenou um immenso aterro de trinta leguas, providencias estas que muito contribuiram para o saneamento da villa e lugares adjacentes.

Duplamente proveitosa foi a visita de Paulo Fernandes ao municipio de Campos, não só pelos documentos materiaes que attestavam a sua benefica estada, como principalmente por haver, com o seu prestigio, posto termo a antigas desavenças e rancores que, por motivos de terras, existiam entre os fazendeiros d'essa localidade. Os ocios de engenheiro eram consagrados á justiça de paz.

Não escapou á solicitude do grande intendente o magno problema da colonisação, e, conhecedor das qualidades que tanto recommendam o açoriano, procurou attrahil-os á nossa terra, determinando que pelos cofres da policia se pagassem as passagens na razão de 50$ a 70$ por pessoa, não incluidas as crianças. Essa gente, trabalhadora e morigerada, distribuiu-a pelas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia e Espirito Santo, em cuja governança se achava seu primo o capitão de mar e guerra Francisco Alberto Rubim, a quem se deve a fundação da formosa villa de Vianna, cuja capella foi erecta á expensas suas.

Guarda a tradição lembrança da pompa ostentosa com que no tempo de el-rei se celebravam as solemnidades publicas ; mas o que poucos sabem é que semelhantes festas não custavam um real ao erario, sendo os fundos fornecidos por subscripções agenciadas pelo zeloso e popularissimo

intendente-geral da policia, que dir-se-hia possuir o dom que a mythologia grega attribuia a Midas.

No vasto plano de organisação e reforma, concebido pelo supradito intendente, entrou a abolição do barbaro uso das rotulas e gelosias de madeira, que, além de incommodas, eram prejudiciaes á saude dos moradores, interceptando a livre circulação do ar em suas acanhadas casas, sitas em ruas estreitissimas. Digno de todo o encomio foi o modo por que conseguiu estirpar tão inveterada usança, recorrendo no memoravel edital de 11 de Junho de 1811 aos estimulos da emulação e da vergonha de não se mostrarem os fluminenses dignos aos olhos dos estrangeiros da grande honra que haviam recebido com a residencia em sua cidade da familia real. Vieram os factos comprovar que não se illudira a autoridade em sua espectativa, porquanto no curto prazo de oito dias desappareceram as rotulas das janellas dos sobrados e no de seis mezes nas casas terreas, facultando-se, porém, a conservação das que se abrissem para o interior sem gravame do transito publico.

Dando conta d'esse melhoramento assim se exprime o conego Luiz Gonçalves dos Santos nas suas *Memorias para servir á historia do reino do Brasil*, tomo I, época 1ª:

« Nunca no Rio de Janeiro se executou ordem superior com tanto gosto e geral satisfação. Era certamente espectaculo agradavel vêr por todas as ruas ao mesmo tempo cahirem por terra as disformes e funebres gelosias á voz da autoridade publica, que aconselhava e mandava o desassombramento de uma cidade que, sendo já famosa pela sua situação plana, ruas pela maior parte rectas e regulares, limpas e bem calçadas, edificios solidos e elegantes, ostentava ainda a apparencia de morada de encarcerados, não obstante ter já a honra de ser côrte de um grande sobe-

rano. Tanto poder tinham os prejuizos com que nos criaram os nossos avós ! »

Absorvido em tantas e tão variadas occupações, não se descuidava Paulo Fernandes dos seus deveres estrictamente policiaes, sabendo que a seu zelo e perspicacia estava entregue a segurança d'esta cidade, e quiçá de todo o Brasil, visto como de suas mãos pendiam os fios que ligavam entre si seus prepostos nas provincias.

Era commandada por um coronel a guarda real da policia(1), mas seu verdadeiro chefe, o homem da particular confiança do intendente, chamava-se Vidigal, e tinha apenas a graduação de major (2). Pessoas antigas com quem tenho conversado ácerca d'esse agente policial,referiram-me factos que muito abonam o seu tino e a perspecuidade de vistas em rastear os delictos e apoderar-se dos culpados. Dispensava na mór parte dos casos a acção solemne e lenta da justiça, applicando uma penalidade mais simples e não menos proveitosa. Tornaram-se legendarias as *cêas de camarão*, que pelos seus granadeiros mandava ministrar aos valdivinos, quasi sempre aproveitados para engrossarem o numero dos defensores da patria. Sua subita apparição nos *batuques*, então mui frequentes nos suburbios da nossa cidade, produzia o effeito da sombra de *Banquo* no *Hamleto* de Shakspeare. Paulo Fernandes tinha em grande apreço esse diligentissimo auxiliar, e prodigalisava-lhe testemunhos de estima e consideração.

Felizmente a indole pacifica, que em todos os tempos tem caracterisado os habitantes d'esta boa cidade, facilitava em extremo o onus da policia, que raro tinha de tomar conhecimento de algum homicidio ou d'esses roubos audacio-

(1) José Maria Rebello.
(2) Reformou-se no posto de brigadeiro.

sos que sóem apparecer nos lugares em que a civilisação, tocando ao seu auge, deixa nos alambiques os mephiticos residuos.

Mas se d'esses cuidados repousava o activo intendente cumpria-lhe volver toda a attenção para o elemento estrangeiro, que, favorecido pela abertura dos portos, fazia erupção entre nós. Importava munir-se de aperfeiçoados cadinhos que extremassem o ouro do cascalho, ou, deixando figuras, que lhe fizessem distinguir o hospede util, de cujos braços ou intelligencia o paiz tanto carecia, do emissario de occultos inimigos, ou aquelles que por propria iniciativa aprazem-se em propagar perniciosas doutrinas. Releva não esquecer que durante quasi toda a gerencia de Paulo Fernandes sustentava Portugal gigantesca luta com o autocrata do Sena, e que ainda depois da paz geral proseguiam os adeptos da propaganda revolucionaria em buscarem sectarios na capital e nas provincias do Brasil.

Uma sociedade secreta, conhecida pela denominação de *pedreiros livres* ou *franco-maçons*, que tanto aterrára ao intendente-geral Manique, inspirando-lhe inuteis medidas de rigor, se propagára por todo o reino luso-americano, e preludiára a sua constituição em Imperio independente na mallograda revolução pernambucana de 1817.

Em cumprimento dos deveres, inherentes ao seu cargo, teve Paulo Fernandes de vigiar os passos d'essa associação, de aceitar denuncias, ordenar prisões, talvez arbitrarias, mas em todos esses actos nenhum rancor se descobria contra as victimas, nenhum proposito deliberado de perdêl-as.

Tenho á vista uma carta do conde dos Arcos, quando capitão-general da Bahia, agradecendo ao intendente-geral da policia o bom tratamento que déra aos presos que lhe remettêra, sobre os quaes recahiam supeitas de serem agentes secretos de Bonaparte. « Alegrou-me (dizia o

conde) o bom successo *dos meus presos*, o qual espere desde que elles foram remettidos a V. S., cujo animo e espirito de justiça tenho a presumpção de conhecer e avaliar. Verdade, verdade: doeu-me tanto ou quanto ser mandado ter aquelle procedimento assim aspero contra homens, que era da minha obrigação vigiar muito de perto, desde que elles aqui chegassem, e segurar em prisões as mais fortes se houvesse o mais fraco motivo. »

Por este documento, summamente honroso para ambos os correspondentes, depõe contra a precipitação, quiçá leviandade, com que avaliamos de certos actos administrativos, cujo movel nos é desconhecido. O conde dos Arcos apparentava severidade, que particularmente condemnava e Paulo Fernandes Vianna acolhia com brandura supposto réos de espionagem ou machinações contra o seu soberano!

Eis, senhores, o tosco bosquejo que vos havia promettido dos relevantes serviços do nosso illustre conterraneo(3), que a sedição militar de 26 de Fevereiro destituiu da governança, dando-lhe por successor o desembargador Antonio Luiz Pereira da Cunha, mais tarde marquez de Inhambupe

(3) Paulo Fernandes Vianna era natural d'esta cidade, onde falleceu no dia 1º de Maio de 1821.

RELATORIO

DA

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO DOS RIOS DAS VELHAS E S. FRANCISCO

FEITA NO VAPOR « SALDANHA MARINHO »

POR

FRANCISCO MANOEL ALVARES DE ARAUJO

Socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

I

O progresso e desenvolvimento de todos os paizes dependem essencialmente da presteza dos meios de transporte e locomoção. Quanto maior fôr o numero de vias de communicação; quanto maior fôr a brevidade do transporte, quer de passageiros, quer de mercadorias, tanto mais auspicioso será o futuro de qualquer Estado.

Se isto, com sobeja razão, se póde dizer dos paizes em geral, do Brasil se deve dizer em particular.

De feito, nação nova, onde tudo está por fazer; onde as idéas adiantadas do seculo, que corre, estão ainda em embryão; nação que a natureza, com mão prodiga, dotou de todas as riquezas, para ser grande e tornar-se verdadeiro colosso apenas basta aproveitar seus immensos recur-

sos naturaes, creando, ou, para fallar com mais propriedade e acerto, utilisando as numerosas e multiplicadas vias de communicação, com que tambem o dotou a natureza. Refiro-me aos rios, que possuimos, grande parte dos quaes são navegaveis em notavel extensão, que, melhorados pelos meios, que a arte ensina, o serão ainda muito mais, e, unindo nossas longinquas e dispersas povoações, trarão, como consequencia logica e inevitavel, o augmento da riqueza, tanto publica, como particular.

Procurar attingir este alvo é dever imprescindivel de todos os que desejam sinceramente o augmento e prosperidade de sua patria. Os que, podendo, não empregam todos os seus esforços na resolução de tão momentoso problema, commettem verdadeiro crime, de que a posteridade póde, ainda mais, deve tomar-lhes severas contas, lançando sobre sua memoria o stygma da mais acre censura e reprovação.

Em um paiz, porém, como o nosso, onde a iniciativa individual jaz no mais profundo lethargo, onde os povos não querem prescindir da tutela e protecção da autoridade; em um paiz de vastissima extensão e em sua maxima parte despovoado, cujas rendas são sempre inferiores ás despezas previstas e determinadas, a acção do governo, no que diz respeito a melhoramentos materiaes, ha de necessariamente, por força de uma impossibilidade, que se não póde remover, ser lenta, insensivel quasi.

Se, porém, os brasileiros tivessemos confiança no futuro; se pensassemos que a prodigiosissima uberdade de nosso immenso territorio é segura e demasiada fiança de riqueza e prosperidade; se tivessemos iniciativa propria, o Brasil hoje occuparia lugar muito distincto na lista das nações.

Descendentes, porém, de uma raça, que marcha sempre

muito á retaguarda dos progressos de seu seculo, os brasileiros, se não estamos estacionarios e até não retrogradamos, é isso devido, é força confessal-o, mais á acção do tempo em seu perpetuo caminhar do que ao esforço humano.

Este estado de cousas, porém, não póde e nem deve continuar; urge despertar a iniciativa individual, innòculando no espirito publico a mais profunda e inabalavel convicção de que lhe corre o imprescriptivel dever de curar de seus interesses, pertencendo unicamente á autoridade o exercicio de uma influencia benefica e benevola sobre seus esforços para o conseguimento de semelhante *desideratum*.

E nem se diga que os povos, por si sós, não podem emprehender grandes commettimentos. Os *Estados-Unidos da America do Norte*, com os seus numerosos exemplos praticos, protestam com energia contra semelhante asserção, provando, do modo mais irrefragavel, quanto póde a força de vontade de um povo viril e audacioso. Alli, concebida e estudada a idéa, por mais longinqua que esteja a época em que os capitaes n'ella empregados possam produzir vantagens, é emprehendida com decisão e levada a effeito com tenacidade rara e admiravel. Alli não se conhecem impossiveis. As difficuldades do terreno, que uma via ferrea tem de atravessar, as pedras mais ou menos mergulhadas, as cachoeiras, os bancos de arêa, tudo, em summa, que obstrue os leitos dos rios e difficulta sua navegação; o emprego de capitaes fabulosos; todos esses obstaculos, digo, desapparecem ante á energia e força de vontade dos americanos do norte.

E' que nos *Estados-Unidos* verifica-se o celebre *querer é poder*.

Os brasileiros procedemos de modo diametralmente opposto. Por mais esperançosa que seja uma empreza, por

mais lisongeiro e auspicioso que seja seu futuro, desde que o governo não estende sua mão protectora, assegurando-lhe garantia de juros, isenção de direitos dos artigos que tiver de importar, etc., é abandonada, porque entendemos que, sem o auxilio dos cofres publicos, se não póde realizar idéa alguma. Que prova isto? Unicamente o estado de abatimento e desanimo que lavra entre nós de modo prodigioso, assustador, incrivel quasi.

E no entanto, facto digno de notar-se, temos qualidades para ser povo emprehendedor. Acaso nos falta intelligencia? Não. Actividade? Tambem não. O que nos falta, e urge adquirir, é vontade propria, é iniciativa individual, é despertar do lethargo em que jazemos.

II

Todos os esforços, é incontestavel, empregados no intuito de tornar faceis, rapidas e economicas, as communicações entre nossos dispersos e afastados povoados, jámais serão demasiados. Como todos sabem, dois são os meios de transporte e locomoção: as vias por terra e as por agua. Não é possivel prescindir de nenhum d'elles.

Sempre, porém, que se possa alcançar o mesmo objectivo pelo emprego de qualquer d'aquelles systemas, o segundo, isto é, os caminhos por agua devem ser preferidos.

Com effeito, desde que são destruidos os obstaculos, que um rio apresenta em seu leito, sua navegação torna-se franca, facil e desimpedida.

E' despeza, na maioria dos casos, que se faz uma vez unica.

O mesmo, porém, não acontece com as estradas terrestres, quer ferreas, quer de rodagem, as quaes, em razão

do transito continuado de peões, cavalleiros e vehiculos, das inundações, etc., exigem constantemente reparações e concertos, que, muitas vezes, importam em sommas avultadas. D'ahi a preferencia ás vias maritimas e fluviaes.

De alguns annos á esta parte tem havido bastante desenvolvimento na exploração de nossos rios mais notaveis, sendo de lamentar que não seja isso devido, como muito fôra para desejar, ao esforço e vontade dos povos, mas sim á iniciativa do governo imperial. De todos os rios, porém, a cujo estudo se procede, no intuito de tornal-os navegaveis, incontestavelmente ao *S. Francisco* cabe a primazia.

Realmente, desobstruido este magestoso rio até a *Vargem Redonda*, destruidas as difficuldades do rio das *Velhas*, affluente d'aquelle, levadas a seu termo as estradas de ferro *D. Pedro II*, *Bahia* e *Recife*, e construindo-se uma outra de *Piranhas* á *Vargem Redonda*, rasgam-se novos e brilhantes horizontes ás provincias de *Minas-Geraes*, *Bahia*, *Sergipe*, *Alagôas*, *Pernambuco*, *Ceará*, *Piauhy* e *Goyaz*, cuja prosperidade se tornará muito notavel.

III

Nomeado, por portaria do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, de 28 de Setembro de 1870, para conduzir o vapor *Saldanha Marinho*, do porto de *Jaguára*, no rio das *Velhas*, ao *S. Francisco*, e explorar não só este, como seus affluentes *Paracatú* e *Grande*, no dia 19 de Outubro do mesmo anno, tendo na vespera recebido as respectivas instrucções, parti d'esta côrte, levando comigo o seguinte pessoal :

Um machinista ;

Tres foguistas ;

Um primeiro sargento do corpo de imperiaes para servir de mestre do vapor, e tres praças de 1ª classe do mesmo corpo.

Deixaram de ir um ferreiro e um carpinteiro, porque os que se prestavam a fazer parte da commissão, pediam, a meu vêr, ordenados muito subidos.

A 8 de Novembro, no arraial da *Quinta do Sumidouro*, tomei conta do referido navio, que se achava entregue ao inspector de quarteirão João Antonio Corrêa, a quem o confiára o engenheiro João Victor de Magalhães Gomes, que, pela presidencia da provincia de *Minas-Geraes*, fôra incumbido de recebêl-o do poder do engenheiro civil Henrique Dumont.

Reconhecendo eu que n'aquelle arraial não havia os recursos de que carecia, no dia 13, ás 2 horas da tarde, segui para a *Casa Branca*, onde aportei ás 3, sem que durante tão curta viagem acontecesse cousa alguma ao vapor, se bem que arrastasse um pouco em fundo de arêa e fosse de encontro a um páo mergulhado, cuja existencia o pratico desconhecia.

Não tendo o navio commodos, nem ao menos para abrigar das intemperies o pessoal da commissão, e não convindo fazer as obras, que elle urgentissimamente exigia, porque isso produziria augmento de callado d'agua, e, como consequencia inevitavel, maiores difficuldades, senão impossibilidade, no descer o rio das *Velhas* até sua confluencia com o *S. Francisco* — a villa de *Guaicuhy*, mandei fazer uma cobertura provisoria de algodão americano trançado, sob a qual, quando as chuvas não eram muito copiosas e constantes, o pessoal ficava regularmente agazalhado.

Na crença de que o material, d'aqui remettido, chegaria a tempo de ser empregado na promptificação do vapor

Saldanha Marinho, não tratei da acquisição de outro, não só porque não desejava fazer despezas em duplicata, mas tambem porque não devia desfalcar o dinheiro que tinha para as despezas de minha commissão.

Limitei-me, pois, a comprar os sobresalentes indispensaveis, e que só podiam ser feitos em presença da machina, caldeira e fornalha, pelo que não estavam incluidos no material, á cuja espera continuei na *Casa Branca*.

O tempo, porém, corria velozmente; eu já havia perdido quatro magnificas enchentes, em qualquer das quaes, sem risco, teria descido o rio das *Velhas*, e, pelo que me affirmavam os naturaes do lugar, a minha permanencia, na localidade em que me achava, já não era prudente.

Tive então noticia de que, a 4 de dezembro, os artigos enviados d'esta côrte não tinham chegado á cidade de *Barbacena!*

Em semelhante conjunctura duas unicas alternativas se me antolhavam:

1.ª Continuar á espera do referido material, perder a estação das aguas e espaçar por mais dez mezes ou um anno a solução de um problema, para o qual o governo e o paiz tinham voltado sua attenção;

2.ª Comprar outro material, aproveitar a primeira opportunidade, e cumprir do modo por que o permittissem minha apoucada intelligencia e os tenues conhecimentos profissionaes, que possuo, a muito difficil, ardua e arriscada commissão, que me fôra confiada.

Opinei pela segunda, e ao engenheiro Henrique Dumont, unica pessoa que me podia vender os objectos de que o vapor carecia, fiz compra d'elles.

Cabe aqui declarar que, se a navegação a vapor dos rios das *Velhas* e *S. Francisco* é hoje facto consummado, deve-se, em parte, ao referido engenheiro; porquanto, se

elle não tivesse querido vender-me o material, eu me teria visto na impossibilidade absoluta de cumprir as ordens do governo imperial.

IV

O conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, quando presidente da provincia de *Minas-Geraes*, em portaria de 25 de Junho de 1867, ordenou á thesouraria provincial que contratasse com o engenheiro civil Henrique Dumont a compra de um vapor, posto no rio das *Velhas*, pelo preço de setenta e cinco contos de réis, tendo o contratante o usufruto do navio durante dez annos, e sendo-lhe impostos diversos onus. Mais tarde, em 1869, querendo a presidencia de *Minas-Geraes* tomar a seu cargo o vapor, que fôra denominado *Saldanha Marinho*, como era seu direito por força do § 5º do art. 2º do contrato, recebeu o referido engenheiro a quantia de dezoito contos de réis (18:000$) de indemnisação.

O vapor é de fundo de prato, de ferro, sendo as chapas do costado de 0^m,003 de grossura ; sua machina é de alta pressão, sem expansão e nem condensação, inclinada á acção directa e faz quarenta rotações por minuto. Tem uma só caldeira e um só cylindro. Aquella, que é tubular, do systema belga, o melhor que hoje se conhece, é alimentada por uma bomba e um injector, e tem 57 tubos.

O referido navio tem as seguintes dimensões :

Comprimento de roda á roda....	28^m,00
Boca...................... ...	7,00
Callado d'agua descarregado.....	0,35
» » carregado.......	0,50

Comprimento das pás..........	1,25
Largura » »	0,36
Grossura » »	0,18
Diametro das rodas...........	2,60
» dos circulos..........	2,20
» do cylindro..........	0,33
Numeros de pás de cada roda....	12
Força em cavallos.............	25

A caldeira supporta a pressão de seis atmospheras.

A marcha média do vapor, descendo o rio, é de 22 kilom. 630^{m} por hora, approximadamente, e, subindo, 14 kilom. 340^{m}.

Como é geralmente sabido, o vapor *Saldanha Marinho* constava, quando o recebi, unicamente de casco e machina.

Depois de feitas as obras, que entendi necessarias, acha-se elle no seguinte estado: tem uma camara com quatro camarotes, um salão á ré da camara, dois camarotes fóra d'ella, dois porões com capacidade para receberem 51,400 kilog. de carga, duas despensas, duas latrinas e um rancho á prôa para commodo da guarnição, isto é, uma grande lancha a vapor está transformada em um paquete de pequenas e modestas dimensões.

V

Preparado o vapor *Saldanha Marinho* do melhor modo por que foi possivel, fiquei á espera que o rio crescesse, afim de descer até a villa de *Guaicuhy*.

Os dias, porém, succediam-se sem alteração; horizontes claros e limpidos, e nem uma nuvem na abobada celeste!

A descrença e a desesperança já começavam a obumbrar

meu espirito, quando, na tarde de 8 de Janeiro do anno passado, o céo começou a toldar-se de nuvens e senti renascer a esperança, que eu considerava perdida quasi.

Na madrugada de 9 começou a chover e as aguas do rio principiaram a augmentar de volume, mas com uma lentidão desesperadora !

Tomei a resolução de partir no dia seguinte.

Quando amanheceu, as aguas estavam paradas, a chuva tinha cessado, indicando tudo que a vasante se não faria esperar muito.

Effectivamente, pelas marcas, que eu havia feito collocar, reconheci, ás 10 horas da manhã, que o rio tinha baixado cerca de $0^m,027$.

Desejoso, ávido da gloria de ser o primeiro que fizesse conhecido no rio *S. Francisco* o maravilhoso descobrimento de Fulton, descobrimento em que não acreditou Napoleão-o Grande, mandei accender o fogo, e, ao meio-dia, sahi da *Casa Branca*, decidido a ir até onde o permittisse o estado do rio. Chegando, porém, ao arraial de *Jequitibá*, convenci-me que proseguir na viagem seria, já não digo imprudencia, mas sim rematada loucura, pelo que ali fiquei.

Entretanto o tempo corria magnifico, e o rio a baixar, a baixar sempre !

Novas duvidas e incertezas me assaltaram ; o desanimo a pouco e pouco de mim se apoderava ; felizmente a chuva reappareceu, e, havendo agua bastante, ás 6 horas da manhã do dia 24, parti de *Jequitibá*, aportando, ao meio-dia, na fazenda do *Bom Successo*.

Alli estive até a manhã do dia seguinte, quer para prover-me de alguns mantimentos, de que tinha necessidade, quer para endireitar dois raios das rodas, que estavam tortos.

Ao meio-dia de 25 parti do *Bom Successo*, e, ás 6 horas da tarde, fundiei proximo ao lugar indevidamente denominado cachoeira do *Funil*, visto como não ha differença de nivel ou quéda d'agua.

Pela manhã do dia immediato, prosegui na viagem, chegando ao meio-dia ao arraial de *Trahiras*.

A's 6 horas da manhã de 27 deixei o referido arraial e 12 horas depois cheguei á barra do *Paraúna*.

Ainda que d'esse ponto em diante, excepção feita das pedras que têm o nome de *Escaramuça*, o rio das *Velhas* não offereça tantas difficuldades, como em sua parte superior, fui forçado, em razão do rio ter baixado consideravelmente, a demorar-me alli até 2 de Fevereiro, dia em que me foi possivel seguir aguas abaixo.

Pernoitei em *Tamboril*, e, ás 11 horas da manhã de 3, cheguei á villa de *Guaicuhy*.

Estava, finalmente, resolvido o gigantesco problema da navegação a vapor dos rios das *Velhas* e *S. Francisco*: já não era cousa idéal, já não era utopia. Estavam desmentidas as assustadoras prophecias dos pessimistas.

No dia 5 de Fevereiro dei começo ás obras, de que necessitava o vapor, quer em obediencia ao que preceitua a condição quinta de minhas instrucções, quer pela necessidade de esperar o material, de que já tenho fallado, o qual, segundo eu determinára, devia ir ter áquella villa, e, principalmente, o dinheiro que eu havia requisitado para as despezas da commissão.

As obras, porém, proseguiam com lentidão, não só porque na localidade, em que eu me achava, os recursos são muito escassos, quasi nenhuns, como ainda porque eram muito fracos os meios pecuniarios de que eu dispunha.

Entretanto, com a vasante do rio, as sezões começaram a grassar com grande intensidade; o pessoal da commissão

foi atacado violentamente, havendo uma serie não pequena de dias em que só estava isento da enfermidade um imperial marinheiro, o qual, por seu turno, tambem soffreu.

Sendo a mudança de ares um dos meios aconselhados pela therapeutica para o curativo de semelhante molestia, tomei a deliberação de ir para a cidade da *Januaria*, logo que fosse possivel, alli continuar as obras e aguardar o dinheiro que eu havia solicitado, em 9 de Janeiro, á presidencia de *Minas-Geraes.*

Em virtude d'essa resolução, tendo melhorado o estado sanitario da guarnição do vapor, no dia 10 de Abril, ás 7 horas da manhã, parti de *Guaicuhy*, chegando á *Januaria* ás 3 horas da tarde do dia 14.

Durante essa viagem, cuja extensão foi de 299 kilom. 970^m, toquei no arraial da *Extrema*, *Paracatú de seis-dedos*, villa de *S. Romão* e arraial das *Pedras dos Angicos.*

Na cidade da *Januaria*, mandei continuar com as obras; e não tendo recebido o dinheiro que requisitára, como já disse, a 9 de Janeiro, e pelo qual instei a 14 de Fevereiro, 12 de Março e 9 de Abril, tendo-me visto na indeclinavel necessidade de tomar a premio um conto de réis (1:000$) ao capitalista capitão José Eleuterio de Sousa, e comprar a credito até os generos precisos á alimentação do pessoal, no dia 10 de Junho despachei um proprio para *Ouro-Preto*, levando um officio á presidencia, no qual, descrevendo a situação em que me achava, instava pela satisfação de meu pedido. Em resposta, me foi communicado, a 12 de Julho, que, por falta de credito na thesouraria de fazenda, não era possivel ser-me fornecida a quantia que eu havia solicitado; mas que, logo que chegasse a autorisação pedida ao ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, me seria enviado o dinheiro.

De feito, no dia 27 de Agosto, por Francisco Magno de

Jesus, inferior do corpo de policia, recebi a quantia de oito contos de réis.

Como se vê pelas datas officiaes acima exaradas, meu pedido foi satisfeito sete mezes e 18 dias depois que o fiz.

Recebido o dinheiro, incontinenti procedi ao ajuste de contas com os negociantes, que haviam fornecido os objectos precisos á commissão, feito o que parti da *Januaria*, ás 10 horas da manhã de 31 do referido mez, chegando á villa de *Carinhanha* á 1 hora da tarde de 2 de setembro.

Alli demorei-me até o dia 14, em virtude de molestia do machinista.

Em frente ao arraial do *Espirito-Santo*, 35 kilom. 32^m abaixo de *Carinhanha*, encalhou o vapor em fundo de arêa, sendo necessario, para pôl-o a nado, espiar um ferro pela pôpa, passar o virador no bolinete, que está adaptado ao eixo das rodas, e andar atraz á toda força.

No correr d'esse trabalho partiu-se o virador, e indo de encontro ás anteparas da camara a EB, as damnificou.

Safo o navio, ainda encalhou duas vezes, tendo logo fluctuado com o unico auxilio da machina.

Estes accidentes, que só não acontecem a quem não embarca, não foram causados por impericia ou descuido do pratico, mas sim por mudanças havidas no canal.

Ao meio-dia de 21 do mesmo mez, cheguei á villa da *Barra do Rio Grande*, onde mandei proceder aos reparos, que a camara precisava, e, concluidos elles, segui aguas abaixo a 23 de Outubro.

Entre *Carinhanha* e a villa da *Barra do Rio-Grande* estive no arraial do *Senhor Bom Jesus da Lapa* e na villa do *Urubú*.

No referido dia 23, cheguei á villa de *Chique-Chique;* parti, ás 6 horas da manhã de 25, fundeando n'esse mesmo dia no arraial de *Pilão Arcado*, d'onde sahi, ás 6 horas

da manhã de 27, chegando á villa do *Remanso*, ás 4 horas da tarde do mesmo dia.

N'esta ultima villa, em consequencia de não haver agua sufficiente para transpor, sem perigo, a cachoeira do *Sobradinho*, demorei-me até 2 de Dezembro, dia em que parti.

Pernoitei na pequena povoação do *Bem-Bom*; segui ás 6 horas da manhã de 3; á tarde fundiei no arraial do *Riacho da Casa Nova*; parti no dia 4, e, ás 3 horas da tarde d'esse mesmo dia, amarrei á barranca da villa do *Joazeiro*.

A 8 de Janeiro do corrente anno, tendendo o rio a subir, deixei aquella villa, e, seguindo aguas abaixo, cheguei á povoação da *Boa-Vista*, d'onde não me foi possivel passar, em razão de não haver agua bastante no rio e ser certissima a perda do vapor, se porventura eu proseguisse.

Indicando tudo que o rio ia vasar, e tendo se desvanecido a esperança, que eu nutrira, de poder ir até a *Vargem Redonda*, porque para isso seria necessario uma enchente extraordinaria, como a de 1865 por exemplo, a maior de que ha noticia; no dia 25 sahi da *Boa-Vista*.

Estive na villa do *Capim Grosso*, e, ás 2 horas da tarde de 26, de novo amarrei o navio á barranca do *Joazeiro*, continuando o rio a baixar.

Em 20 de Agosto do anno passado, estando ainda na cidade da *Januaria*, officiei á presidencia da *Bahia*, pedindo que mandasse pôr á minha disposição na villa da *Barra do Rio-Grande* a quantia de tres contos de réis (3:000$), importancia do credito, que, pelo ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, fôra mandado abrir, a 10 de Junho, para as despezas de minha commissão.

Não tendo recebido semelhante quantia, a 15 de Outubro, da villa da *Barra*, de novo me dirigi áquella presidencia,

rogando se dignasse ordenar á thesouraria de fazenda que me remettesse, para a villa do *Joazeiro* ou do *Remanso*, oito contos de réis (8:000$), se não tivesse sido satisfeita minha requisição de 20 de Agosto, ou cinco contos de réis (5:000$) unicamente, se me tivessem sido remettidos para a villa da *Barra do Rio-Grande* os tres contos de réis (3:000$) a que acima alludo.

Em 4, 16 e 27 de Novembro, e 22 de Dezembro, instei por esse meu pedido.

A presidencia da *Bahia* communicou-me, em 11 de Dezembro, que á thesouraria de fazenda expedira ordem para me ser entregue a quantia de tres contos de réis (3:000$), de accordo com a letra do aviso do ministerio da agricultura, de 10 de Junho, não podendo mandar fornecer toda a quantia por mim requisitada por falta de autorisação do respectivo ministerio, mas que, tendo em attenção o que expuz em meus citados officios, ia pedir o preciso credito.

Em o dia 27 de Janeiro ultimo, recebi aviso do ministerio da agricultura, de 25 de Agosto do anno passado, scientificando-me de que ás presidencias da *Bahia* e *Minas* haviam sido expedidas as precisas ordens para o auxilio de que eu carecesse.

Na mesma occasião me veiu ás mãos um officio do Exm. Sr. presidente da *Bahia* de 15 de Janeiro, participando-me que, em virtude do disposto em aviso do competente ministerio, de 30 de Dezembro do anno findo, ordenára á thesouraria de fazenda que me entregasse, ou á pessoa por mim autorisada, mais a quantia de cinco contos de réis (5:000$000).

Em consequencia do que deixo exposto, saquei, contra aquella repartição, em 8 de Fevereiro ultimo, a quantia de oito contos de réis (8:000$000).

A 25 de Março recebi unicamente cinco contos, sendo-me communicado que os tres contos de réis (3:000$) do credito de 10 de Junho haviam cahido em exercicio findo.

A despeito da falta de recursos pecuniarios, e de ter apenas entrado em convalescença de séria enfermidade, a 27 de Março sahi do *Joazeiro* e segui aguas acima, com destino á villa de *Guaicuhy*, onde cheguei ás 5 horas da tarde de 21 de Maio.

Durante a viagem, toquei em diversos pontos, afim de prover-me do que era necessario ao navio e ao pessoal.

Da *Torrinha*, onde fui receber combustivel, tive de voltar á villa da *Barra do Rio-Grande* para fazer alguns reparos na machina.

Em *Guaicuhy*, a 29 de Maio, chegou-me um aviso do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, ordenando-me que desse por finda a commissão e me recolhesse á côrte, afim de apresentar o resultado de meus trabalhos e prestar contas.

Na mesma occasião, ordenou-me a presidencia de *Minas-Geraes* que entregasse o vapor *Saldanha Marinho* á camara municipal da villa de *Guaicuhy*.

Acto continuo, dei as providencias necessarias para a entrega do navio, e tomei todas as precauções e cautelas afim de que seu casco e machina se deteriorassem o menos possivel.

Tendo aquella camara tomado posse do vapor a 18 de Junho, por meio de inventario (appenso n. 1), a 27 puz-me a caminho para esta côrte, onde cheguei no dia 3 de Setembro ultimo.

VI

A exploração do rio das *Velhas*, um dos mais notaveis affluentes do *S. Francisco*, é trabalho do illustrado Dr. Em. Liais, coadjuvado pelos habeis e talentosos engenheiros Drs. Ladisláo Netto e Eduardo de Moraes.

Quando me foi possivel descer, no vapor *Saldanha Marinho*, o mencionndo rio, tinha elle pouca agua, pelo que seria muito imprudente e arriscada qualquer demora, porquanto daria em resultado a perda das duas ultimas enchentes do anno.

Assim, como já disse no relatorio de 20 de Agosto do anno ultimo e em officio de 12 de Fevereiro do corrente, limitei-me a examinar os lugares mais perigosos, visto que o tempo me faltava.

Tendo sempre diante dos olhos a planta do referido rio e descripção, que d'elle fez o distincto Dr. Liais, naveguei a distancia de 555 kilom. 500^m do rio das *Velhas*, chegando á villa de *Guaicuhy* sem que, felizmente, durante tão longo trajecto acontecesse sinistro algum, a despeito dos muitos e grandiosos obstaculos, que tive de transpôr.

A meu vêr, pois, navios a vapor, de helice, tendo 20^m de comprimento e 0^m,40 de callado d'agua carregado, poderão, com segurança, navegar no rio em questão, nas enchentes regulares, se forem rigorosamente observadas as indicações do Dr. Liais.

No espaço, por mim percorrido desde a *Quinta do Sumidouro* até *Guaicuhy* encontram-se diversas fazendas bem organisadas, e os arraiaes de *Jequitibá*, *Trahiras* e *Piçarrão*.

O primeiro d'elles não tem a menor importancia, estando,

porém, muito pittorescamente situado; os dois outros estão em via de prosperidade.

Do arraial do *Piçarrão*, ou barra do *Paraúna* para baixo, as margens do rio das *Velhas* são, póde-se dizer, despovoadas. Apenas, de grandes em grandes distancias, encontra-se uma ou outra miseravel choça.

Os terrenos das margens do rio citado são uberrimos; cortados por muitos corregos, cheios de brejos e têm faceis meios de irrigação.

VII

DE PIRAPÓRA À VILLA DE GUAICUHY

Da cachoeira de *Pirapóra* à villa de *Guaicuhy* ha 27 kilom. 775^m de distancia.

Pouco abaixo da cachoeira, na margem direita, fica o povoado do mesmo nome, que tem cerca de 70 casas e 350 almas.

Os habitantes d'essa povoação e suas cercanias empregam-se na lavoura, pescaria e creação, principalmente de gado vaccum.

O peixe, que alli superabunda, depois de sêcco ou salgado, é conduzido em costas de animaes para diversas localidades, onde encontra prompta extracção.

Assim, a agricultura, a pesca e a creação, são os ramos de industria a que se dedicam os *piraporenses*.

Sahindo-se de *Pirapóra*, em demanda da villa de *Guaicuhy*, é necessario aproar immediatamente à margem opposta, afim de evitar uma corôa que se prolonga pela direita em grande extensão. Chegando-se ao meio do rio dirige-se logo a embarcação para baixo e entra-se no canal, que em ponto nenhum tem menos de 62^m de largura, e cujo fundo, cascalho e arêa grossa, não desce de 2^m.

As pedras e bancos, que ha no leito do rio, ficam tão proximas de suas margens, que só por muita impericia ou deleixo se encalhará n'ellas.

O rio *S. Francisco*, em sua confluencia com o das *Velhas*, faz uma curva de raio muito pequeno : alli existem diversos bancos que, no tempo das grandes sêccas, difficultam a passagem.

Será indispensavel, quando se tratar da navegação a vapor a partir de *Pirapóra*, destruir semelhantes obstaculos.

O engenheiro Halfeld orça em cincoenta contos de réis (50:000$) a despeza com esse trabalho.

A villa de *Guaicuhy* foi elevada á essa categoria pela lei da assembléa provincial de *Minas Geraes* n. 1112 de 16 de Outubro de 1861 ; compõe-se do arraial da *Manga* e do povoado denominado *Porteira*, onde é a séde da villa.

No primeiro, ha 50 casas, 250 habitantes, a igreja do *Senhor Bom Jesus de Mattosinhos*, que jámais foi concluida, agencia de correio, uma escola publica para o sexo masculino, frequentada por 56 alumnos, e uma outra para o feminino com 27 alumnas.

No segundo, ha 85 casas, 425 habitantes, a matriz de *Nossa Senhora do Bom Successo*, uma fraquissima cadêa, sendo do outro lado do mesmo edificio a camara municipal.

As collectorias, provincial e geral, são annexas ás da villa do *Curvello*.

O arraial da *Manga* é muito sujeito ás inundações e o povoado da *Porteira* pouco salubre.

Seria muito conveniente mudar a villa para *S. Gonçalo*, que fica equidistante dos dois pontos acima ditos, onde jámais chegaram as enchentes.

O clima de *Guaicuhy* é muito insalubre. Alli predominam de modo tão prodigioso as febres intermittentes, e, como consequencia inevitavel, as affecções de figado e baço,

que, quem lá vai uma vez, não tem vontade de voltar. E' muito raro encontrar-se uma pessoa com boas côres e mais signaes de saude vigorosa.

Todo o municipio de *Guaicuhy* tem 5.000 habitantes, quatro districtos de paz—*Villa*, *S. Gonçalo das Tabocas*, *Extrema* e *Pirapóra*—que dão 16 eleitores, uma companhia da guarda nacional activa e uma secção da reserva.

Os habitantes do municipio de *Guaicuhy* empregam-se na creação de gado vaccum e cavallar, pescaria e lavoura.

O milho, feijão, arroz, mandioca, canna, etc , produzem muito abundantemente, o que é prova da uberdade do solo.

Seu commercio, aliás pouco avultado, é com diversas localidades do rio *S. Francisco* e com a *Diamantina*, *Pitanguy*, *Curvello*, etc.

O municipio em questão exporta o seguinte:

3.000 cabeças de gado vaccum..	20$	60:000$000
500 ditas de dito cavallar.......	30$	15:000$000
6.000 meios de sola...........	3$	18:000$000
500 couros seccos............	3$	1:500$000
Peixe sêcco e salgado..........		20:000$000
Generos alimentares...........		8:000$000
Diamantes....................		2:000$000
	Rs.	124:500$000

E importa:

Fazendas seccas..............	20:000$	
Molhados....................	5:000$	
Ferragens....................	2:000$	
Sal..........................	16:000$	
Diversos generos..............	5:000$	48:000$000
Saldo a favor da exportação.	Rs.	76:500$000

Durante o ultimo quinquennio a camara municipal rendeu:

Exercicio	de 1866 a 1867....	333$300
»	» 1867 a 1868....	450$936
»	» 1868 a 1869....	616$387
»	» 1869 a 1870....	581$564
»	» 1870 a 1871....	981$500

Foram qualificados cidadãos votantes:

Em 1867..................	1.104
» 1868....................	1.092
» 1869....................	1.004
» 1870....................	972
» 1871....................	1.134

Uma carga de 150 kilog. do *Rio de Janeiro*, para Guaicuhy, paga de frete 80$000.

DE GUAICUHY Á VILLA DE S. ROMÃO

Partindo-se do porto de *Guaicuhy* para o de *S. Romão*, distante 138 kilom. 75^m, deve-se navegar pelo meio do rio. Encontra-se logo abaixo a pequena povoação denominada *Gequitahy*, nome do rio que alli desemboca no *S. Francisco* pela margem direita. Esta povoação não tem prosperado.

Seguindo-se sempre pelo meio do rio, e acompanhando-se suas sinuosidades, ha certeza de navegar-se com segurança, visto o canal ser limpo e desembaraçado. Em ponto nenhum ha menos de 2^m,5 de fundo, cascalho e arêa grossa, e 48^m de largura.

Continuando-se por este modo, chega-se ao arraial da *Extrema*, situado na margem esquerda.

Este arraial, que tira seu nome de um pequeno riacho, que na mesma margem desagua no *S. Francisco*, não tem feito progresso:compõe-se de 50 casas, 250 habitantes e uma igrejinha sob a invocação de *Nossa Senhora da Conceição*.

Os seus moradores occupam-se da lavoura, pescaria, e criação de gado vaccum e cavallar.

Segue o canal desembaraçado, pelo meio do rio, dando navegação franca e desimpedida.

Antes de chegar ao *Paracatú*, famoso tributario do rio *S. Francisco*, ha, em frente ao povoado das *Cachoeirinhas* e proximo á margem direita, umas pedras que não embaraçam a navegação, porquanto ha meio seguro de evital-as.

Basta, para conseguil-o, encostar-se a embarcação um pouco á margem esquerda, e, logo que se esteja 150^{m} distante de uma ilhota sem nome, que alli existe, procurar de novo o meio do rio que se vai livre de todo e qualquer perigo.

Depois de desembocar o rio *Paracatú*, começa o *S. Francisco* a alargar-se consideravelmente ; e ainda que as corôas e páos, encalhados no leito do rio, augmentem de numero e grandeza, não ha difficuldade e nem perigo para a navegação, porque ficam muito perto da margem esquerda.

Acima da villa de *S. Romão* 12 kilom., 200^{m} e na margem direita, está assentado o pequeno arraial de *Jatobá*, e no meio do rio a ilha do mesmo nome, que é cercada de bancos de arêa e cascalho.

N'esta paragem, o rio offerece duas passagens ou canaes : uma a *léste* e outra a *oeste* da ilha, nenhum dos quaes, nas grandes vasantes, dá navegação franca e desembaraçada.

Fazendo-se, porém, as obras indicadas pelo engenheiro Halfeld, cuja despeza orça elle em tres contos e quatro-

centos mil réis (3:400$), é minha opinião que o canal de *léste* ficará em circumstancias de offerecer navegação facil e desimpedida, tornando-se mais suave a grande curva, que ora é necessario descrever.

Um pouco abaixo da ilha de *Jatobd,* na margem direita, existe um banco de cascalho e arêa, que se evita procurando o canal encostado á margem esquerda, logo que se passa o vertice da curva acima alludida, ficando-se tambem livre da influencia perigosa de uma forte corredeira, que ha na direcção do mencionado banco.

Chega-se então á villa de *S. Romão* ou *Risonha de S. Romão,* nome que lhe deu, segundo diz a tradição, um dos nossos mais distinctos, eminentes e respeitaveis estadistas.

A referida villa tem 210 casas e 1.100 habitantes.

O municipio é dividido em cinco districtos de paz: *Villa, Pedras dos Angicos, Brejo da Passagem, Bom-Fim* e *S. Sebastião das Lages;* tem 9.000 habitantes e dá 19 eleitores.

Tem a villa duas igrejas: *Nossa Senhora do Rosario, Nossa Senhora da Abbadia* e a capellinha de *Santa Rita.* Nao tem cadêa; trata-se, porém, da edificação de uma, á expensas do povo, com as precisas condições de segurança.

Está se construindo tambem um cemiterio.

Todo o municipio exporta annualmente:

2.000 cabeças de gado vaccum.	16$000	32:000$000
500 ditas de dito cavallar...	30$000	15:000$000
1.000 couros seccos........	2$200	2:200$000
3.000 meios de sola........	2$400	7:200$000
Generos alimentares........		10:000$000
Diamantes................		20:000$000
	Rs.	86:400$000

E importa:

Fazendas seccas............	40:000$000	
Molhados..................	8:000$000	
Ferragens.................	5:000$000	
Sal.......................	6:000$000	
Differentes artigos.......	4:000$000	
		63:000$000
Saldo a favor da exportação...	Rs.	23:400$000

As repartições do municipio renderam nos ultimos annos o que segue:

Camara municipal

Exercicio de 1866 a 1867.......	180$500
» » 1867 a 1868.......	150$100
» » 1868 a 1869.......	270$100
» » 1869 a 1870.......	655$000
» » 1870 a 1871.......	606$500

Collectoria provincial

Exercicio de 1869 a 1870.......	1:387$672
» » 1870 a 1871.......	1:451$250

Collectoria geral

Exercicio de 1869 a 1870.......	1:260$139
» » 1870 a 1871.......	816$221

No ultimo quinquennio foram qualificados :

Cidadãos votantes

Em	1867.........	1.100
»	1868.........	1.143
»	1869.........	1.272
»	1870.........	1.169
»	1871.........	1.250

Guardas nacionaes

Em	1867......................	689
»	1868......................	455
»	1869......................	472
»	1870......................	463
»	1871......................	482

No que é relativo á igreja, durante o mesmo quinquennio, realisaram-se :

Baptizados

Em	1867......................	164
»	1868......................	182
»	1869......................	143
»	1870......................	172
»	1871......................	195

Obitos

Em	1867	179
»	1868	181
»	1869	163
»	1870	185
»	1871	167

Casamentos

Em	1867	87
»	1868	99
»	1869	112
»	1870	109
»	1871	111

O commercio do municipio de *S. Romão* é com o *Rio de Janeiro*, *Congonhas*, *Sabará* e *Bahia*.

Uma carga de 150 kilog. paga de frete do primeiro ponto 75$, de *Gongonhas* e *Sabará* 45$, e da *Bahia* 60$000.

A villa de *S. Romão* é a cabeça da comarca do rio *S. Francisco*, na provincia de *Minas Geraes*: tem agencia do correio, camara municipal, uma escola publica para o sexo masculino com 38 alumnos e uma outra para o feminino com 26 alumnas.

No meio do rio, e em frente á villa, fica a ilha de *S. Romão*, parte da qual é cultivada e assaz productiva.

Ao occidente da ilha o canal está obstruido por uma grande corôa de arêa e cascalho, de fórma que só dá passagem á pequenas canôas, e essas mesmas, nas grandes sêccas, encontram serios embaraços.

DE S. ROMÃO Á CIDADE DA JANUARIA

Logo abaixo da villa de *S. Romão*, desagua no *S. Francisco* o riacho d'aquelle nome.

Se bem que haja alguns bancos na sua fóz e a extensa corôa de *Porto Alegre*, a navegação é sem difficuldade desde que se dê attenção ao movimento das aguas afim de evitar uma forte corredeira que alli ha.

O canal continúa a ser pelo meio do rio, tendo de 46 a 50^m de largura e 2 a 2^m,5 de profundidade até a grande corôa das *Caraibas*, sem que haja cousa alguma digna de notar-se a não ser o rio *Urucuia*, um dos mais abundantes affluentes do *S. Francisco*, que entra pela margem esquerda e torna-se notavel pela limpidez e pureza de suas aguas.

Este rio, segundo diz o engenheiro Halfeld e informações que obtive, é navegavel por barcas e ajoujos na extensão de 133 kilom. 73^m pouco mais ou menos acima de sua fóz, sendo de grande fertilidade os terrenos de suas margens.

Ha n'elles magnificas madeiras de construcção, das quaes os habitantes fazem um dos seus ramos de commercio de exportação.

Approximando-se á corôa das *Caraibas*, o canal encosta-se á margem direita até o ponto em que o rio, mudando seu curso do oriente para o occidente, segue o caminho pela esquerda, perto da qual fica a corôa da *Barreira* e do lado opposto a do *Gado Brabo*: nenhuma d'ellas embaraça a navegação.

Passadas as referidas corôas, deixa-se á direita a corôa da *Vargem*, e á esquerda as da *Garça* e *Prata*.

Logo depois d'ellas encontram-se os decadentes e insignificantes povoados do *Bom Jardim* e *Praia Grande*.

Em frente ao primeiro fica a corôa do mesmo nome, bem como um cordão de pedras, perfeitamente visivel nas enchentes regulares e que não difficulta a passagem.

Na margem esquerda, 205 kilom. 35m distante de *Pirapóra* e sobre uma eminencia, está pittorescamente situado o arraial de *S. José das Pedras dos Angicos*, fundado em 1858. Tem elle 250 casas, 1.250 habitantes, sendo a povoação de toda a freguezia de 5.000 almas.

O referido arraial tem um cemiterio edificado em 1868, uma escola publica primaria para o sexo masculino com 43 alumnos, inclusive 10 do feminino, e uma outra particular com 28 discipulos dos dois sexos.

Exporta annualmente :

1.000 cabeças de gado vaccum.	25$000	25:000$000
500 ditas de dito cavallar....	35$000	17:500$000
2.500 couros seccos.........	2$500	6:250$000
Generos alimentares.........		14:000$000
	Rs.	62:750$000

E importa :

Fazendas sêccas............	30:000$000	
Molhados.................	8:000$000	
Ferragens.................	5:000$000	
Sal......................	6:000$000	
Diversos generos...........	2:000$000	51:000$000
Saldo em favor da exportação.....	Rs.	11:750$000

O arraial das *Pedras dos Angicos* commercia com a *Bahia* e *Rio de Janeiro.*

Uma carga de 150 kilog. paga de frete do ultimo porto 80$ e do primeiro 55$000.

Partindo-se d'este arraial, que pertence, como já ficou dito, ao municipio de *S. Romão*, deve-se navegar pelo meio do rio, ficando á esquerda a corôa dos *Angicos*.

Chegando-se á ilha do mesmo nome, é preciso seguir proximo da margem direita, afim de não encalhar nas corôas,que existem entre aquella ilha e a do *Rio Pardo.*

Logo abaixo d'esta ultima ilha, desemboca, no *S. Francisco*, o rio *Pardo*, passado o qual dirige-se a embarcação um pouco pela esquerda do meio do rio; d'este modo vai-se livre da grande corôa do *Barro Alto* ; e, montada ella, torna o caminho a ser pelo meio do rio, ficando á direita a ilha da *Tapera*. Em frente ao riacho dos *Patos*, ha uma corôa, que é necessario contornar em parte, pelo que navega-se pela margem direita, voltando-se a pouco e pouco para a esquerda ; por ahi continúa o canal até chegar-se ás corôas da *Ventania* e do *Cascalho*, entre as quaes se deve passar, voltando-se logo depois para a direita.

Ahi ha páos no leito do rio, que não impedem a navegação.

Entre as duas corôas acima citadas,ha uma corredeira.

No *Bebedor* o canal muda para a esquerda, afim de evitar a grande corôa das *Tres Ilhas*, no extremo norte da qual, na margem opposta, começa a não menos extensa do *Frango*. O caminho mais seguro é entre ellas.

Deixando-se a ultima corôa á direita, deve-se navegar pelo meio do rio, acompanhando suas sinuosidades.

Sobre uma pequena eminencia está assentado o pequeno e pittoresco arraial de *Nossa Senhora da Conceição das*

Pedras de Maria da Cruz, que tem uma capella com aquella invocação, 60 casas e 300 habitantes.

O canal, franco e desimpedido, continúa a ser pelo meio do rio até chegar-se á cidade da *Januaria*, emporio do commercio da provincia de Minas Geraes no rio *S. Francisco*.

Na margem esquerda fica o porto, vulgarmente conhecido pelo *Salgado*.

Em 1860 começou a formar-se uma corôa em frente a este porto, e hoje estende-se de uma á outra extremidade da freguezia, formando, nas sêccas, uma perfeita peninsula.

A parte sul d'essa corôa é de $7^m,92$ de altura, de fórma que só em grandes enchentes fica submergida.

Os habitantes do *Salgado* a chamam ilha : ha n'ella moradores que se empregam na lavoura.

Nas cheias, passam as embarcações por cima da corôa ; nas vasantes, porém, é necessario dobrar a ilha pelo lado do sul e então tomar o porto.

O *Salgado*, povoação que começou a fundar-se em 1828, sendo elevada a districto de paz em 1832, tem 674 casas, 3.300 habitantes, a matriz sob a invocação de *Nossa Senhora das Dôres*, edificada em 1833 com os recursos do povo, uma capellinha dedicada a *S. João*, uma cadêa pouco segura e 86 casas de negocio,que pagam imposto de balcão.

A maior parte do seu commercio é com a *Bahia* e o resto com o *Rio de Janeiro*.

Uma carga de 150 kilog., ida d'esta *côrte*, chega ao *Salgado* com 70$ de despeza e da *Bahia* com 52$. D'ahi a preferencia que dão os negociantes ao commercio com a ultima.

O municipio da cidade da *Januaria* está dividido em

seis districtos : *Salgado, Brejo, Mocambo, S. João, Morrinhos* e *Japoré* : tem 28.000 habitantes e dá 35 eleitores. Seu territorio é de prodigiosa uberdade ; tem muitos brejos, é cortado por muitos corregos e possue bons meios de irrigação.

E' o ponto do rio *S. Francisco* que exporta mais generos alimentares. Seu commercio, segundo me informaram, tem decrescido sensivelmente.

O municipio da *Januaria* exporta annualmente :

1.500 cabeças de gado vaccum a 15$..	22:500$000
1.000 ditas de dito cavallar a 30$....	30:000$000
Generos alimentares...............	90:000$000
Diversos objectos..................	2:000$000
Rs.	144:500$000

E importa :

Fazendas seccas...	160:000$000	
Molhados........	35:000$000	
Ferragens, etc.....	25:000$000	
Sal..............	40:000$000	
Differentes artigos..	5:000$000	265:000$000
Saldo a favor da importação.......		120:500$000

A camara municipal rendeu no ultimo quinquennio o seguinte :

Exercicio de 1866 a 1867..........	3:616$679
» de 1867 a 1868..........	2:585$840
» de 1868 a 1869..........	4:373$059
» de 1869 a 1870..........	3:544$897
» de 1870 a 1871..........	3:448$182

No ultimo quinquennio foram qualificados :

Guardas nacionaes

Em 1867.....................	1.717
» 1868.....................	1.236
» 1869.....................	1.192
» 1870.....................	1.314
» 1871.....................	1.218

A guarda nacional compõe-se de um batalhão, um esquadrão de cavallaria e uma secção da reserva.

Jurados

Em 1867.....................	287
« 1868.....................	300
» 1869.....................	324
» 1870.....................	292
» 1871.....................	302

Relativamente á igreja, no mesmo quinquennio, deram-se os seguintes :

Casamentos

Em 1867	115
» 1868	88
» 1869	97
» 1870	94
» 1871	99

Baptizados

Em 1867	417
» 1868	587
» 1869	408
» 1870	562
» 1871	454

Obitos

Em 1867	77
» 1868	68
» 1869	92
» 1870	105
» 1871	79

A estatistica relativa aos obitos não merece plena confiança, porque, sendo a freguezia muita extensa, sepultam-se muitos cadaveres em grandes distancias de sua séde, sem sciencia do digno e zeloso parocho, padre Livinio José Torres Jatobá.

Tem ainda o *Salgado* :

Uma escola publica primaria para o sexo masculino, com 72 alumnos.	72
Uma escola primaria publica para o sexo feminino, frequentada por 25 alumnas.	25
Duas ditas ditas particulares para o sexo masculino, com 30 alumnos.	30
Uma dita dita para o sexo feminino, com 18 alumnas.	18
Total.	145

Tem mais uma aula de latim e outra de francez, exercidas pelo mesmo professor, que são muito pouco frequentadas.

Aos 5° NO., e na distancia de 3 kilom. 86ᵐ, fica o lugar denominado *Pequiseiro*, onde, em 1868, fundou-se um cemiterio. Alli festeja-se, com a pompa compativel aos recursos da localidade, a *Invenção da Santa Cruz.*

O cemiterio tem uma capellinha decente e é todo murado.

Na distancia de 4 kilom. 629ᵐ, e aos 10° NO. do *Salgado*, fica o *Brejo*, lugar pittoresco, aprazivel e salubre, para onde, por lei da assembléa legislativa de *Minas Geraes* de 30 de Setembro do anno findo, foi transferida a séde da cidade da *Januaria*

O *Brejo* tem duas igrejas : *Nossa Senhora do Rosario* e *Nossa Senhora do Amparo*, e uma ermida dedicada a *Santo Antonio do Boqueirão* ; casa da camara municipal em um sobradinho, havendo em seu pavimento terreo uma cadêa pouco segura ; 102 casas e 510 habitantes.

Ao *Brejo* liga-se um facto historico de grande importancia : foi o primeiro ponto do Brasil onde se cultivou a canna e se fabricou assucar. Pertencia então á *Bahia.*

DA JANUARIA Á CARINHANHA

Entre a *Carinhanha* e *Januaria* ha uma distancia de 166 kilom. 55^m.

Sahindo-se do porto d'aquella cidade, o canal, assaz largo e profundo, é pela margem esquerda, porque na opposta existe a grande corôa da *Moradeira*, passada a qual, muda elle para o meio do rio, cujo leito é, n'essa posição, bastante obstruido por páos e corôas, pelo que deve-se ter muita cautela na passagem.

Para facilidade e segurança da navegação devem ser tirados aquelles madeiros.

Apezar, porém, d'esses embaraços, o canal não é máo, pois que em ponto nenhum tem menos de 2^m,3 de fundo e 37^m de largura.

Pouco abaixo da corôa acima citada depara-se uma fortissima corredeira, que deve ser evitada com o maior cuidado.

Logo depois chega-se ás povoações da *Boa-Vista* e *Vaqueiro do Raymundo*, pouco além das quaes o rio estreita bastante, em razão da existencia da ilha e corôa da *Boa-Vista*, e mais adiante pela do *Rodeador*.

N'esse lugar ha diversos madeiros mergulhados, que são nocivos e perigosos á navegação ; urge tiral-os.

Depois d'esses ultimos obstaculos, o canal segue desembaraçado, devendo deixar-se á esquerda a corôa e a ilha da *Vendinha*.

Abaixo da *Januaria* 20 kilom. 75^m entram no *S. Francisco*, pela margem direita, o riacho do *Pdo Preto*, e pela esquerda o da *Cruz*, estando situada depois do ultimo a ilha do *Amargoso*.

Ahi o rio apresenta dois canaes : o primeiro, entre a

ilha e a margem direita, é bastante profundo, porém muito obstruido por madeiros, de modo que é necessario navegar em verdadeiro zig-zag o segundo, entre a ilha e a margem esquerda, comquanto seja menos fundo, não offerece tantos obstaculos.

Passa o canal a ser proximo da esquerda, onde está assentado o arraial de *Jatobá*.

Deixam-se á direita as corôas das *Malhadinhas* e do *Jatobá*, e duas ilhas do mesmo nome, sendo o rio por detraz d'ellas extremamente raso.

Perto do morro do *Angú*, que tem 36^{m} de altura, desemboca o riacho do *Salitre*.

N'este ponto, para navegar-se com segurança, é necessario deixar á direita, como fica dito, as ilhas de *Jatobá*, a corôa do *Angú* e a ilha do *Retiro* ; e, rodeando a referida corôa até confrontar com o riacho do *Salitre*, seguir proximo á margem esquerda.

Ha diversos páos encalhados no leito do rio, cuja remoção é indispensavel.

Pouco abaixo da ilha do *Retiro*, ha um ponto onde a corrente do rio é quasi insensivel, pelo que tem o nome de *Poço*.

D'ahi em diante o canal é pela direita, devendo-se evitar a corôa das *Cabaceiras*.

Logo que se passa a corôa dos *Campos*, o caminho muda para a esquerda.

Ahi existem madeiros no leito do rio que é urgente tirar.

Pela esquerda, desaguam no *S. Francisco* os riachos *Peruassú* e *Saboga*, que não são navegaveis ; d'esse mesmo lado fica a povoação do *Sobradinho* e do opposto a dos *Campos*.

Na distancia de 49 kilom. 95^{m} da cidade da *Januaria* fica o arraial do *Jacaré*, que tem uma capellinha, 55 casas

e 280 habitantes, que se empregam na lavoura, criação de gado vaccum e cavallar, e pescaria.

Entre a margem esquerda e as corôas do *Sobradinho*, *Tres Ilhas* e *Jacaré*, o rio *S. Francisco* não dá passagem.

Continuando-se a navegar, o canal é entre as corôas da *Fortuna* e *Jacaré*, ficando esta á esquerda e aquella á direita, contornando-se a primeira pelo lado do norte.

Entre essa ilha e a corôa do mesmo nome, ha um canal assaz raso e obstruido por páos.

Chegando-se ao pontal da ilha, o canal segue pelo meio do rio, entre a corôa da *Fortuna* e a margem esquerda.

Existem alguns madeiros que devem ser removidos.

E' tambem navegavel o canal entre as corôas e ilhas do *Retiro*, e a margem direita: não é frequentado por ter alguns escolhos.

Continúa o caminho sem obstaculos: deixam-se á direita as ilhas do *Retiro* e *Porto do Retiro*, e as corôas das *Pedras de Fogo*.

Em seguida, depara-se, na margem direita, o insignificante e decadente povoado *Pedras de Fogo*. O canal, que ainda segue pelo meio do rio, chega a ter 8^m de profundidade, mas estreita consideravelmente, em razão da existencia de grande numero de pedras, que tomam mais de metade de sua largura, as quaes, porém, de nenhum modo embaraçam ou difficultam a navegação.

Passada a ultima povoação, desaguam no *S. Francisco* o riacho *S. João* e o sangradouro da *Barreira*.

Segue o canal pelo meio do rio até o principio da corôa e grande ilha do *Japão*, ponto onde o rio se bifurca, offerecendo então dois caminhos, dos quaes é melhor o que fica entre aquella ilha e a margem esquerda.

Continúa a navegar-se por esta margem, devendo-se passar entre ella e a grande ilha da *Ressaca*, acima e

abaixo da qual ha algumas pedras ,que devem ser extrahidas.

Approximando-se ao arraial de *Morrinhos*, o caminho muda para a direita.

Ha alli uma grande corôa ligada á terra, á qual atracam as embarcações.

O referido arraial tem uma igreja dedicada á *Nossa Senhora da Conceição*, 110 casas e 550 habitantes, que se empregam na criação de gado vaccum e cavallar, e na cultura de algodão, que exportam para *Paracatú*, onde é convertido em tecidos.

Pouco abaixo de *Morrinhos*, em frente ao lugar denominado *Gameleira*, ha umas pedras visiveis nas enchentes ordinarias, e, como seja um perigo para a navegação, é necessario tiral-as.

Pela margem esquerda, entra o sangradouro da *Anta*; na direita está situada a povoação da *Praia* e mais abaixo a do *Cromatá*.

O canal segue entre a ilha d'este ultimo nome, que tem habitantes e é cultivada, e a direita. Ao norte da ilha de *Cromatá* ha uma grande corôa.

Até o arraial da *Manga do Amador*, situado em posição onde jámais chegou nenhuma enchente, deve dirigir-se a embarcação entre a margem esquerda e a ilha de *Cromatá*.

Estando-se, porém, com a ilha do *Carculo*, o caminho é pela margem direita.

O arraial da *Manga do Amador* tem 150 casas, 750 habitantes, uma escola publica para o sexo masculino, frequentada por 29 alumnos, e uma capella sob a invocação de *Santo Antonio*.

Cerca de 2 kilom. abaixo da ilha do *Carculo*, o canal muda para o meio do rio, ficando á esquerda a grande ilha e corôa da *Esperança:*

Na margem direita, ha numerosos páos encalhados no leito do rio, que não difficultam a navegação, pelo que não ha necessidade de tiral-os.

Na extremidade norte d'aquella corôa, deve-se seguir entre a ilha da *Esperança* e um banco de cascalho que alli ha.

Chegando-se á ilha do *Severino*, é preciso andar em zig-zag, afim de evitarem-se os madeiros que obstruem o rio e convem tirar.

Passados esses páos, entra, pela margem direita, o rio *Verde*, divisa pelo lado oriental das provincias da *Bahia* e *Minas-Geraes.*

Segundo me informaram, esse rio só dá navegação a canôas.

Deixando o rio *Verde*, segue-se proximo da margem esquerda, ficando á direita a extensa corôa das *Almas*, até perto do sitio denominado *Roncador*, onde o canal muda para o meio do rio.

No *Roncador* ha umas pedras e a corôa das *Melancias*, ao sul da qual muda o caminho para a direita, lado por onde desaguam no *S. Francisco* dois sangradouros sem nome.

N'essa mesma margem está assentada a insignificante povoação da *Cachoeira.*

O canal, que conserva as necessarias dimensões, deixa á esquerda a continuação da corôa das *Almas* e a ilha da *Cachoeira*, de cujo pontal deve-se dirigir a embarcação para a esquerda.

O riacho *Japoré*, navegavel unicamente por canôas, desemboca pela margem esquerda.

A direcção do caminho, passado este riacho, muda para a esquerda, ficando á direita as corôas e ilhas do *Angaseiro*, e o banco e a ilha do *Estreito.*

O canal do lado oriental das referidas ilhas é cheio de difficuldades.

Estando-se ao norte da ultima ilha, procura-se o meio do rio, deixando-se á direita a corôa do *Estreito* e á esquerda a da *Ipocira*, e tres pequenas ilhas adjacentes á ultima.

Muda então o canal para a esquerda, ficando ao lado opposto a corôa do *Escuro*, depois da qual ha uma forte corredeira.

Na margem direita, aos 7° NO., e na distancia de 4 kilom. da villa de *Carinhanha*, fica o arraial da *Malhada*, onde existe uma recebedoria pertencente á provincia de *Minas-Geraes*, afim de cobrar os direitos de exportação dos generos que vão para a *Bahia*.

No citado arraial ha uma pequena capella sob a invocação de *Nossa Senhora do Rosario*, 150 casas e 750 habitantes, e uma escola publica para o sexo masculino, com 28 alumnos.

Sahindo-se da *Malhada*, em direcção á *Carinhanha*, é necessario navegar pelo meio do rio, e, logo que se confronte com a matriz, seguir directamente para o porto.

A villa de *Carinhanha* está collocada em uma eminencia, onde não ha noticia de terem chegado as maiores enchentes; foi elevada áquella categoria em 1834. Tem ella 250 casas, 1.250 habitantes, uma igreja dedicada a *S. José*, em verdadeiras ruinas, uma pessima cadêa, agencia do correio e uma escola publica para o sexo masculino, frequentada por 43 alumnos.

O municipio da *Carinhanha* é dividido em quatro districtos de paz: *Villa*, *Alegre*, *Malhada* e *Paratéca*; tem 14.000 habitantes e dá 18 eleitores.

Sua exportação annual é a seguinte:

1.500 cabeças de gado vaccum a	20$000	30:000$000
500 ditas de dito cavallar a..	30$000	15:000$000
2.000 couros seccos a........	3$500	7:000$000
Algodão em rama...........		5:500$000
Assucar..................		8:000$000
Diversos artigos............		3:000$000
	Rs.	68:500$000

E importa:

Fazendas sêccas.............	50:000$000	
Molhados..................	10:000$000	
Ferragens	5:000$000	
Sal......................	15:000$000	80:000$000
Saldo em favor da importação.	Rs.	11:500$000

O rendimento da camara municipal oscilla entre 700$ e 800$; o da collectoria geral entre 400$ e 500$, e o da provincial entre 750$ e 850$000.

No ultimo quinquennio foram qualificados:

Cidadãos votantes

Em 1867.........	1.268
» 1868.........	1.400
» 1869.........	1.415
» 1870.........	1.410
» 1871	1.253

Guardas nacionaes

Em	1867.........	798
»	1868.........	778
»	1869.........	789
»	1870.........	790
»	1871.........	781

Durante o mesmo quinquennio effectuaram-se os seguintes :

Baptizados

Em	1867.........	394
»	1868.........	167
»	1869.........	129
»	1870.........	274
»	1871.........	217

Obitos

Em	1867.........	20
»	1868.........	41
»	1869.........	57
»	1870.........	45
»	1871.........	63

Ainda os enterramentos se fazem na igreja ; trata-se, porém, da fundação de um cemiterio.

No districto do Alegre ha uma escola para o sexo masculino, frequentada por 32 alumnos.

DA CARINHANHA A URUBU'

Entre as villas de *Carinhanha* e *Urubú* medêa a distancia de 225 kilom. 500^m.

Sahindo-se da primeira, deve-se navegar entre a ilha do mesmo nome e a margem esquerda, güinando-se um pouco para a direita, afim de evitar a corôa, que fica do lado occidental.

Pela margem esquerda, entra no *S. Francisco* o sangradouro das *Pedras*, e pela opposta os do *Lará* e *Boa Vista.*

Abaixo d'elles, o canal, que conserva 3^m de profundidade e 360^m de largura, segue perto da margem esquerda, deixando á direita as corôas do *Lará* e *Riacho*.

Logo depois, estão situadas as pequenas povoações do *Barreiro*, do *Tauá* e do *Mariz*.

Ha diversos páos encalhados no leito do rio, que não impedem a navegação.

Continúa a ser o caminho pela esquerda, deixando á direita as corôas do *Buraco do Inferno* e a ilha dos *Angicos*, de cujo pontal segue pelo meio do rio.

Desemboca, pela esquerda, o sangradouro *Barreira Branca*; depois do qual encontra-se o povoado do *Espirito Santo*, que tem uma pequena capella, 50 casas e 250 habitantes.

Segue o canal pelo meio do rio, ficando o banco de aréa do *Espirito Santo* á esquerda, e á direita uma corôa que existe em frente á *Barreira Branca*.

Navega-se, então, um pouco pela esquerda do meio do rio, passando-se entre a corôa das *Tres Ilhas* e a margem esquerda, na qual está assentada a pequena povoação d'aquelle nome.

Torna o canal para a direita do meio do rio; deixa d'esse

lado uma corôa abaixo da *Boa-Vista*, bem como a ilha das *Pedras ;* volta o caminho a ser pela margem occidental, devendo seguir-se entre ella e a ilha das *Pedras.*

N'este ponto, ha um cordão de pedras, que de nenhum modo impede a passagem.

A navegação continúa a dirigir-se proximo á margem occidental, ficando na opposta a ilha da *Barra da Ipoeira*, uma ilhota sem nome, uma corôa no pontal d'esta e a ilha *Paratéca*, em frente da qual entra o riacho do mesmo nome.

O canal muda rapidamente para a margem direita, afim de evitar um grande banco de arêa, que ha na esquerda, e as duas pequenas ilhas da *Barreira*, passadas as quaes, segue-se um pouco perto da margem oriental, devendo ficar do lado opposto as ilhas do *Estreito*.

Depois d'estas ultimas ilhas, o canal, que chega a ter até 7^{m} de profundidade e 230^{m} de largura, é de novo pela esquerda e muito proximo ao barranco.

Montado o sangradouro da *Volta*, deve-se procurar immediatamente a margem direita, ficando-se, assim, livre de um grande banco de arêa, que formou-se no meio do rio e tende a unir-se com a margem esquerda. Este banco só é visivel nas grandes sêccas. Segue o caminho encostado ao barranco da margem direita ; depois entre esta e a ilha das *Rãs*, em direcção ao meio do rio.

O braço do rio *S. Francisco*, que fica por detraz d'aquella ilha, é extremamente secco.

A navegação continúa a ser entre uma corôa, que fica em frente á barra do rio das *Rãs*, e a ilha do *Cabeço*, guinando-se sempre um pouco para a direita por causa das corôas que confrontam com a *Pitubinha.*

Póde-se seguir por entre aquella ilha e a margem esquerda : esse canal, porém, é pouco frequentado, em razão

dos constantes desmoronamentos do barranco e de páos encalhados, que devem se removidos.

Na margem esquerda está collocada a mesquinha povoação da *Pituba*, constando apenas de 18 miseraveis choupanas e cêrca de 100 habitantes.

Depois d'essa povoação desemboca o riacho da *Pitubinha*.

Passa o canal a ser entre a margem esquerda e a ilha da *Pituba*; chegando-se ao pontal d'esta navega-se pelo meio do rio, porque o braço entre aquella ilha e a margem direita é muito obstruido por corôas. Comtudo, nas grandes cheias, passa-se francamente.

D'esse ponto em dianto é o caminho por entre as corôas do *Barreiro*, procurando-se a margem direita.

Logo após muda o canal para a margem opposta.

Ha, na margem direita, um grande banco de arêa, sobre o qual se têm formado algumas ilhas.

Muda o rio seu curso para o oriente, sendo então o canal pela esquerda, e ficando á direita um banco de cascalho e arêa, passado o qual deve navegar-se pela margem direita até perto dos bancos das *Palmas* e ilhas do mesmo nome. Montadas estas ultimas, é o caminho pela esquerda, deixando-as á direita e contornando-se os bancos em parte. Encontram-se logo as ilhas da *Palma*, *Batalha* e *Bebedouro*. Ahi ha diversos páos encalhados no leito do rio, cuja existencia é muito nociva á navegação.

Passando-se aquellas ilhas, segue-se entre o lado occidental e a ilha da *Volta*.

Da ponta septentrional da ilha da *Batalha*, segue um outro canal entre a da *Volta* e a direita. Não é frequentado, quer por causa dos grandes e repentinos desmoronamentos do barranco, quer por haver muitos madeiros encalhados.

Logo abaixo da ilha da *Volta* os braços e canaes unem-se em um só.

Deparam-se então umas corôas de arêa em frente ao lugar denominado *Campo Largo*, que fica na margem direita, as quaes devem ser contornadas, procurando-se sempre a margem esquerda.

Depois da *Volta de baixo*, pequeno e insignificante povoado, ha diversos páos que devem ser extrahidos, porque difficultam a navegação.

Continúa o caminho pela esquerda; ficam á direita as ilhas do *Campo Largo* e as corôas que lhe são adjacentes; contornam-se o banco e ilha do *Pambú*, que devem ficar á esquerda, as corôas fronteiras áquella ilha, á direita, e, procurando de novo a margem esquerda, segue-se proximo á ella.

O canal entre a ilha do *Pambú* e a margem esquerda só dá passagem a canôas.

Até em frente das corôas da fazenda do *Pambú*, deve-se andar perto da margem esquerda; chegando-se a esse ponto, deixam-se duas corôas á direita. Muda o canal para esse lado, ficando do contrario o banco de arêa, que existe abaixo do *Pambú*, e á direita a ilha do *Medo*.

O caminho entre esta ultima ilha e a margem esquerda é perigoso por ter muitos baixios, e alguns madeiros encalhados no leito do rio.

Na margem esquerda está assentado o esperançoso e florescente arraial do *Senhor Bom Jesus da Lapa*, que, distante 561^{m} da margem do rio, tem 300 casas, 1.500 habitantes e uma escola publica para o sexo masculino, frequentada por 45 alumnos, sendo 10 do sexo feminino.

Ha n'este arraial, em uma lapa, uma capella dedicada ao *Senhor Bom Jesus*, pelo qual a devoção é extrema, de

modo que nenhuma embarcação por alli passa sem que atraque, afim da equipagem e passageiros irem á capella fazer oração e entregar suas offerendas.

O rendimento da capella é notavel, sendo que, quando alli estive em Abril ultimo, havia mais de 50;000$ em cofre.

A mesa administrativa actual, por um erro imperdoavel, está substituindo as obras da natureza pelas da arte, no intuito, ao que parece, de consumir aquella quantia.

Seria immensamente melhor e louvavel que ella, compenetrando-se dos verdadeiros e sãos principios de nossa religião, applicasse a somma já mencionada á edificação de um pequeno e modesto hospital de caridade, onde a pobreza encontrasse abrigo e lenitivo a seus males.

Trata-se alli da construcção de um cemiterio.

O arraial do *Senhor Bom Jesus da Lapa* exporta annualmente:

2.000 cabeças de gado vaccum.	25$	50:000$000
1.000 ditas de dito cavallar....	35$	35:000$000
Generos alimentares..........		25:000$000
Cal..........................		6:000$000
1.500 couros seccos..........	3$	4:500$000
1.500 meios de sola..........	3$	4:500$000
	Rs.	125:000$000

E importa:

Fazendas sêccas..............	80:000$	
Molhados.....................	15:000$	
Ferragens....................	5:000$	
Sal..........................	10:000$	110:000$000
Saldo a favor da exportação	Rs.	15:000$000

Sahindo se do arraial do *Senhor Bom Jesus da Lapa*, a navegação deve ser dirigida por entre a margem direita e a ilha d'aquelle nome, que é cultivada e povoada; passada ella, segue-se pelo meio do rio, deixando-se á esquerda a ilha e corôas de *Itaberava*, e á direita a ilha da *Canna Braba*.

Do pontal do norte da ilha do *Senhor Bom Jesus*, parte um outro caminho encostado á margem direita; poucas embarcações, porém, passam por alli em razão de estar muito obstruido por grande numero de páos encalhados.

O braço do rio, entre a margem direita e a ilha de *Itaberava*, só dá passagem á canóas.

Segue o caminho entre esta ultima ilha e a da *Canna Braba*, devendo-se ter cuidado com as corôas, que ha no pontal d'esta e com os madeiros, que existem nas proximidades da primeira.

Montada a ilha da *Canna Braba*, deve se andar encostado á margem esquerda, deixando-se d'esse mesmo lado as corôas de *Piranhas*.

A ilha da *Canna Braba* tem habitantes e é cultivada; produz arroz, farinha, feijão, milho, canna, etc.

Segue, então, o canal entre o lado esquerdo e a ilha do *Sitio do Mato*.

Por aquella margem desagua o rio *Corrente*, um dos mais notaveis tributarios do *S. Francisco*.

Aquelle rio é navegavel pelas maiores barcas até o porto de *Santa Maria*, 133 kilom. 20^{m} acima de sua foz.

Os terrenos das margens do *Corrente* são de prodigiosa uberdade; alli tudo produz de modo admiravel, sendo hoje respeitavel concurrente aos productos da *Januaria* e *Paracatú*, os dois principaes pontos que abastecem de generos alimentares os habitantes do rio *S. Francisco*, de *Urubú* para baixo.

Pelas informações que obtive, aquella localidade presta-se maravilhosamente á colonisação.

De feito, clima saudavel, solo fertilissimo, abundante de corregos e cheio de brejos, reune as condições necessarias para semelhante fim.

Deixando-se o *Corrente*, continúa a navegar-se proximo á margem esquerda. Encontra-se, n'esse mesmo lado, o pequeno povoado do *Sitio do Mato*, que tem uma capellinha, 50 casas e 250 habitantes.

Segue-se do mesmo modo, ficando a ilha do *Sitio d Mato* á direita, e contornando-se as corôas, que lhe são fronteiras, evitando-se assim as muito extensas corôas da margem direita. Montada a ultima d'ellas, é preciso guinar-se immediatamente para a direita até o meio do rio, por onde é o caminho, que, se bem que assaz estreito, é seguro e sem difficuldades.

Em frente á localidade, que tem o nome de *Garças*, e um pouco abaixo d'elle,ha duas corôas, por entre as quaes sepassa, tendo o canal nunca menos de 3^{m} de profundidade e 265^{m} de largura.

Depois das corôas acima mencionadas, desembocam no *S. Francisco* tres sangradouros, o segundo dos quaes chama-se *Urubú*.

Na occasião das cheias vai-se por elle até a villa do mesmo nome.

Logo que se passa o ultimo d'aquelles sangradouros, segue-se pela direita até a ilha da *Bandeira*, d'onde se deve procurar o meio do rio, de modo que se deixem á direita os bancos do *Barreiro*, e á esquerda duas grandes corôas e a pequena ilha do *Mariano*, abaixo da qual fica a barra do riacho dos *Cavallos*, entrando um pouco mais adiante dois sangradouros.

Muda o caminho para a margem occidental, ficando d'esse

lado a ilha do *Viegas*; passa-se entre duas corôas, que ha em frente ao sitio dos *Cavallos*, deixando-se á direita os bancos de arêa da *Conceição* e da *Piedade*.

Segue-se, então, pelo braço do rio entre a margem esquerda e a ilha do *Barroso*, passada a qual o caminho é pela direita.

Abaixo da referida ilha, fica a de *Santo Antonio*, cujos habitantes occupam-se da lavoura.

Motanda a ilha de *Santo Antonio*, muda o canal para proximo da esquerda.

Ha, n'esse lado, alguns madeiros encalhados no leito do rio, que devem ser tirados para maior segurança da navegação.

Deixando a margem esquerda, deve-se navegar entre a ilha da *Vasante Grande* e uma grande corôa, que alli ha.

Segue-se pela margem direita, d'onde se aprôa ao povoado do *Mangal*, logo que com elle se confronta.

O canal entre a esquerda e a ilha da *Vasante Grande* só dá passagem a pequenas canôas.

No pequeno povoado do *Mangal*, ha uma capellinha sob a invocação de *Nossa Senhora do Rosario*, cerca de 60 casas e 300 habitantes.

A navegação deve ser dirigida de modo que o banco, que ha em frente áquelle povoado, e a ilha do mesmo nome, fiquem á direita.

Entre a ilha do *Mangal* e a margem direita, ha um outro canal, que não é frequentado, não só porque tem muitas corôas, senão tambem muitos páos, que difficultam e embaraçam a passagem.

Ao chegar ao pontal do norte da ilha do *Mangal*, deve-se andar pelo meio do rio, encostado á ilha *Sêcca* e a dos *Cavallos*.

O braço do rio, entre a primeira d'ellas e a margem es-

querda, não é navegavel, nem mesmo por pequenas canôas.

Quasi junto do pontal da ilha dos *Cavallos*, é necessario seguir-se pela margem direita, afim de evitar uma corôa, que, partindo do meio do rio, termina muito perto da direita.

Em frente á povoação de *Pernambuco*, torna o canal a ser pelo meio do rio.

No principio da ilha de *Lamarão*, ha dois caminhos, ambos navegaveis.

Em frente á essa ilha entra um pequeno riacho.

Por detraz do povoado ultimamente referido, fica o morro de igual nome, principio da *Serra Branca*, cuja direcção é do sul para o norte.

Ha diversos madeiros no leito do rio, que devem ser extrahidos, porque são nocivos á navegação.

Passando-se o lugar denominado *Canna Braba*, divide-se o rio em dois braços: o primeiro segue entre a margem esquerda e a ilha de *Urubú*, e o segundo entre esta e a direita.

O primeiro é bastante profundo, largo e desembaraçado; o segundo tem algumas corôas, pelo que, querendo navegar-se por elle, é necessario empregar muita attenção e cuidado, afim de evitar algum sinistro.

Navegando-se por aquelle canal, chega-se á villa do *Urubú*, a cujo porto se amarra a embarcação sem a menor difficuldade.

Esta villa, que está situada 594^m distante da margem do rio, foi elevada a semelhante categoria em 1799: tem 518 casas, 2.650 habitantes, tres igrejas: *Santo Antonio*, que é a matriz, *Nossa Senhora do Rosario* e *S. Gonçalo*, que está em ruinas; uma escola publica para o sexo masculino, frequentada por 58 alumnos; uma pessima cadêa; casa da camara municipal, edificio particular; agencia do correio, e collectorias provincial e geral.

Seu commercio é com a capital da *Bahia.*

Exporta annualmente :

4.500 cabeças de gado vaccum a..............	25$000	112:500$000
1.600 ditas de dito cavallar a	35$000	56:000$000
3.500 couros seccos a....	3$000	10:500$000
Algodão em rama..........		9:000$000
Artigos diversos..........		10:000$000
	Rs.	198:000$000

E importa :

Fazendas sêccas..........	120:000$000	
Molhados	25:000$000	
Ferragens...............	16:000$000	
Sal.....................	12:000$000	173:000$000
Saldo a favor da exportação.	Rs.	25:000$000

O municipio da villa de *Urubú* está dividido em cinco districtos de paz : *Villa*, *Senhor Bom Jesus da Lapa*, *Bom Jardim*, *Brejinho* e *Sitio do Mato*, os quaes dão 64 eleitores e têm 15.000 habitantes.

Seus rendimentos, durante o ultimo quinquennio, foram os seguintes :

Camara municipal

Exercicio de 1866 a 1867	500$020
» » 1867 a 1868..............	480$070
» » 1868 a 1869..............	530$800
» » 1869 a 1870..............	496$723
» » 1870 a 1871..............	480$040

O rendimento do exercicio de 1871 a 1872 está orçado em 550$240.

Collectoria geral

Exercicio de 1866 a 1867	887$480
» » 1867 a 1868	575$820
» » 1868 a 1869	730$241
» » 1869 a 1870	692$370
» » 1870 a 1871	630$952

Collectoria provincial

Exercicio de 1866 a 1867	482$208
» » 1867 a 1868	1:487$412
» » 1868 a 1869	1:409$909
» » 1869 a 1870	1:658$633
» » 1870 a 1871	1:692$420

O municipio do *Urubú* tem a seguinte guarda nacional, segunda consta das respectivas qualificações.

Em 1870 :

Um batalhão de infantaria, n. 100	812
Um esquadrão de cavallaria n. 13	159
Uma companhia da reserva	191
	1.162

Em 1871 :

Um batalhão de infantaria, n. 100..........	658
Um esquadrão de cavallaria n 13..........	147
Uma companhia da reserva...............	180
	985

O districto do *Senhor Bom Jesus da Lapa*, cujo arraial já ficou descripto no lugar competente, é, depois da villa o ponto mais importante do municipio.

Segue-se o do *Bom Jardim*, que tem uma capella dedicada á *Nossa Senhora da Guia*, 180 casas e 950 habitantes.

Sua exportação annual é a seguinte :

800 cabeças de gado vaccum.	25$000	20:000$000
200 ditas de dito cavallar...	35$000	7:000$000
1:000 couros seccos.........	3$000	3:000$000
Differentes generos..........		2:000$000
	Rs.	32:000$000

E importa :

Fazendas sêccas....	30:000$000	
Molhados..............	5:000$000	
Ferragens.............	4:000$000	
Generos alimentares	3:000$000	
Sal...................	3:000$000	
Artigos diversos.........	2:000$000	47:000$000
Saldo a favor da importação	Rs	15:000$000

O districto do *Sitio do Mato* não tem a menor importancia. O do Brejinho tem uma capellinha sob a invocação de *Nossa Senhora da Oliveira*, 50 casinhas e 300 habitantes: suas cercanias são muito povoadas.

Pelo que fica expendido, vê-se que todo o municipio da villa de *Urubú* annualmente exporta....................	355:000$000
E importa....	330:000$000
Sendo o saldo a favor da exportação.....Rs.	25:000$000

DO URUBU' Á VILLA DA BARRA DO RIO GRANDE

Sahindo-se do porto do *Urubú*, é o caminho por entre a extensa ilha do mesmo nome e a margem esquerda, devendo haver muito cuidado em evitar alguns madeiros,que ha no leito do rio e d'alli devem ser removidos, visto como são um perigo permanente para a navegação.

A ilha do *Urubú* tem habitantes, que se empregam na lavoura.

Abaixo d'essa ilha 5 kilom. 550^m, está assentada a pequena povoação de *Jatobá*, que não tem importancia.

Deixando o pontal do norte da ilha do *Urubú*, segue-se entre diversos bancos de arêa e, passados elles, navega-se por perto da margem direita.

Ha grande numero de páos encalhados, que difficultam e embaraçam a passagem, pelo que devem ser extrahidos.

Pela margem esquerda,desagua no *S. Francisco* o riacho do *Morro*, depois do qual anda-se pela referida margem.

Ficando á direita uma grande corôa, é o caminho pelo meio do rio até confrontar com o mesquinho povoado

do *Riacho*, d'onde se aprôa immediatamente para o da *Extrema*, que fica na margem direita, por onde, então, é o canal, deixando-se d'esse mesmo lado as corôas, que ficam proximas ao *Mandacarú*, e do opposto as corôas e ilhas fronteiras ao *Joazeiro*.

Pouco abaixo da *Extrema*, ha diversos madeiros, cuja remoção é indispensavel e urgente. Ha, proximo á esquerda, para onde muda o caminho, diversas pedras que não servem de impedimento á navegação.

Afastando-se a pouco e pouco da citada margem, e procurando a contraria, é o canal por muito perto da ilha da *Serra Branca*, ficando por detraz d'esta a do *Mandacarú* e diversas corôas, que se estendem até a margem direita.

Chegando-se á ponta septentrional d'aquella ilha, deve navegar-se proximo ao barranco da direita, ficando do lado opposto a grande corôa da *Serra Branca*.

Junto á base do barranco, proximo ao pequeno povoado da *Serra Branca*, ha umas pedras que devem ser tiradas.

O canal, cuja profundidade oscilla entre 4 e 6^m, tendo 180^m de largura, é encostado á direita, como fica dito, devendo-se passar entre as corôas da *Serra Branca*, passadas as quaes muda o caminho para a esquerda.

Desembocam, então, um riacho e quatro sangradouros, depois dos quaes deve-se andar encostado á margem direita; ficando á esquerda um banco de arêa, segue-se pelo braço do rio ao lado oriental da ilha do *Saco*.

Estando-se com o pontal do norte d'esta ilha, é preciso navegar pelo meio do rio.

O canal entre a ilha e a margem esquerda tambem é navegavel.

Em frente ao povoado do *Saco do Militão*, ha alguns páos nocivos á navegação: devem ser tirados.

Passa o caminho a ser pela esquerda, ficando a esse lado a ilha do *Barreiro*.

Entre esta ilha e a margem direita,o caminho é difficil, em razão de ter algumas corôas e madeiros, pelo que não é procurado.

A ilha do *Barreiro* tem habitantes.

Depois d'esta ilha,ficam, na margem esquerda, os pequenos povoados das *Caraibas* e *Passagem*, e na direita o arraial do *Bom Jardim*, já descripto, pittorescamente situado. Um pouco abaixo d'este arraial entram no *S. Francisco* dois sangradouros e dois riachos, sendo o ultimo denominado *Santo Onofre*.

Do pontal da ilha de *Barreiro*, segue-se encostado á margem esquerda, ficando do lado opposto um extenso banco de arêa.

Chegando á povoação da *Passagem*, muda o caminho para a direita.

Sahindo-se do *Bom Jardim*, procura-se a margem occidental, ficando d'esse lado uma grande corôa e do opposto alguns baixios.

Abaixo do povoado da *Cachoeirinha*, ha um cordão de pedras, que não impede a passagem.

Ha um outro caminho,pela direita da ilha de *Barreiro*: tem bastantes difficuldades e por isso não é frequentado.

Continúa a navegar-se do mesmo modo ; mas 2 kilom. 750^{m}. acima da ilha da *Pedra Grande*, é o rio grandemente obstruido, em toda a sua largura, por bancos de arêa que se prolongam até a referida ilha

E' necessario melhorar o canal n'este ponto.

Na margem direita estão situadas as povoações da *Pedra Grande* e a *Ponta da ilha da Pedra Grande*.

No pontal d'aquella ilha os dois caminhos confundem-se em um só.

D'ahi segue-se proximo á margem esquerda até a ilha do *Caximbó*, montada a qual navega-se pela direita, ficando ao lado opposto a corôa do *Pichaim*.

O canal, que fica á esquerda da ilha do *Caximbó*, só é navegavel por canôas.

No principio da ilha do *Sipó* ou *Boa Vista*, ha um banco de arêa que é preciso contornar em parte; depois segue-se encostado áquella ilha, torna-se para a direita, passa-se entre duas corôas, e navega-se então proximo á ilha do *Barro Alto*.

Na margem direita ficam os povoados da *Boa Vista* e do *Barro Alto*.

A ilha do *Sipó* é habitada.

O braço do rio á esquerda das referidas duas ilhas, *Sipó* e *Barro Alto*, é muito obstruido por madeiros, pedras e bancos de arêa: por elle só passam embarcações muito pequenas e essas mesmas correm risco não pequeno.

Da ilha do *Barro Alto*, é o caminho entre o extenso banco de arêa e cascalho do mesmo nome e a ilha das *Aboboras* e, logo que se chega ao pontal d'ella, encosta-se ao banco da margem direita.

Pelo braço do rio, á esquerda da ultima ilha, navegam pequenas canôas com bastante difficuldade.

Prosegue o canal pela margem direita, ficando á esquerda e a meio do rio uma grande corôa, montada a qual muda para a esquerda até confrontar com a fazenda do *Limoeiro*, lugar onde passa a ser de novo pela direita.

Pela margem esquerda desaguam dois sangradouros e o riacho do *Morro Grande*.

Continúa o caminho pela direita, deixando se do lado contrario a corôa das *Batentes*; depois d'esta segue-se pela margem esquerda, onde fica o povoado das *Batentes* ou *Piri-piri*.

Ao lado oriental do caminho, ficam uma corôa de arêa e cascalho e a ilha do *Piri-piri*.

O canal prosegue do mesmo modo : pouco antes, porém, de chegar á corôa, que confronta com a fazenda *Grande*, situada na margem esquerda, bifurca-se o rio, havendo, então, duas passagens : uma proxima ao barranco da margem esquerda, e outra entre a referida corôa e a ilha da *Fazenda Grande*, deixando á direita as ilhas da *Imburana*, *Sussuarana*, e mais tres pequenas, cujos nomes não pude saber, e uma corôa que lhes fica adjacente.

Os braços do rio entre essas ilhas são navegaveis unicamente por canôas.

A ilha da *Fazenda Grande* e todas as mais são habitadas.

Segue o canal pela margem esquerda em direcção á ilha da *Boa Vista ;* fica do mesmo lado um banco, depois do qual deve andar-se pelo meio do rio.

A' direita, ficam as povoações da *Boa Vista* e *Caraibas*.

O caminho, cuja profundidade varia de 3 a 5^{m}, e tem de largura 462^{m}, é por entre diversas corôas ; depois vai em direcção á ilha das *Caraibas*, de cuja ponta septentrional segue pelo meio do rio.

A' direita fica a primeira ilha do *Meleiro ;* navega-se proximo á segunda, deixando-se á esquerda uma pequena ilha e uma corôa.

Confrontando com o morro do *Meleiro* ou das *Queimadas*, é o caminho encostado á margem esquerda, ficando á direita a ilha do *Sabonete*, bem como uma grande corôa, sobre a qual existe uma ilhota.

O braço do rio, que fica por detraz da ilha do *Sabonete*, só dá passagem á canôas.

Na margem direita fica o povoado do *Sabonete*.

Continúa o canal encostado á margem esquerda, deixando-se á direita a ilha da *Fazenda da Barra*.

E' tambem navegavel o braço do rio que fica á direita da referida ilha.

Ambos os canaes precisam ser desobstruidos dos páos, que n'elles estão encalhados.

Do pontal da ilha da *Fazenda da Barra*, e em frente ao povoado do *Riachão*, segue-se pela direita, ficando do lado contrario a ilha das *Canôas*.

Navega-se do mesmo modo, deixando-se á esquerda o riacho das *Canôas* e o povoado que tem igual nome, e á direita um extenso banco de arêa ; d'ahi em diante o canal é pelo meio do rio.

A ilha das *Canôas* é sujeita a continuados desmoronamentos.

Passada essa ilha, procura-se a margem direita, deixando-se á esquerda a ilha e corôa da *Jurema*, e á direita o banco de arêa e ilha da *Desordem*, e a pouco e pouco approxima-se ao lado occidental, voltando-se depois para o meio do rio.

Montada a *Ponta da Vargem*, o rio bifurca-se, offerecendo dois caminhos.

O principal d'elles segue pelo meio do rio, contorna a corôa da *Desordem* e encosta-se á margem direita, deixando do lado opposto um pequeno banco de arêa e mais outro um pouco abaixo do povoado da *Tóca*.

O outro caminho segue muito encostado á margem esquerda ; deixa á direita a ilha d'aquelle nome, passa proximo ao penedo da *Tóca*, pouco abaixo do qual une-se ao primeiro, confundindo-se os dois em um só.

Na margem esquerda fica a pequena povoação da *Tóca*.

Por perto do lado meridional da ilha do *Roçado* segue o caminho, ficando á direita alguns bancos de arêa.

Pela margem oriental, desemboca o rio *Pará-mirim* e, logo em seguida,está situada a povoação do *Pará*.

Depois de ter entrado no *S. Francisco* aquelle ultimo affluente, a direcção do canal é pelo meio do rio, deixando-se á direita a ilha e corôa de *Arapod* e á esquerda o banco de arêa proximo á *Torrinha* ; segue-se por perto da ultima ilha e depois encosta-se á margem occidental.

O braço do rio, que fica por detraz da ilha do *Arapod*, só dá passagem a pequenas canôas.

A navegação continúa a ser dirigida da mesma maneira ; deixam-se á direita a ilha e corôa da *Torrinha*, as ilhas do *Timbó*, dos *Sebastiões* e da *Picada*, bem como o banco á esta adjacente ; contorna-se a corôa que está proxima ao barranco, e sobre o qual fica o povoado do *Timbó*. Pela margem esquerda, entra o riacho de igual nome.

O canal, que fica entre o ultimo lado e as ilhas dos *Sebastiões*, tambem dá passagem.

A direcção do caminho afasta-se a pouco e pouco da margem occidental ; deixa d'esse lado um braço sêcco do rio atraz das ilhas das *Caraibas*, encosta-se ao pontal da ilha da *Picada*, procura a margem direita, e, um pouco além das ilhas das *Caraibas*, dirige-se de novo para a esquerda, lado por onde desaguam tres sangradouros.

Ha numerosos e grandes madeiros encalhados no leito do rio, que, para facilidade e segurança da navegação, devem d'alli ser removidos.

Em frente á ilha de *Itacutiára*, divide-se o canal em dois. Ambos são navegaveis ; deve-se, porém, dar preferencia ao que segue entre aquella ilha e as corôas que ficam proximas á margem direita por ser mais profundo e desimpedido, não tendo em ponto nenhum menos de $3^{m},8$ de profundidade.

Prosegue o caminho pelo ultimo canal descripto, contornando-se a corôa que fica adjacente á ilha de *Itacutiára*, e, estando-se proximo ao seu pontal, vai-se pelo meio do rio, deixando-se de um e outro lado diversas corôas.

O segundo, entre a ilha de *Itacutidra* e a margem esquerda, tambem é navegavel, mas não tão franco e seguro como o primeiro.

Abaixo do pontal do norte da referida ilha,os dois canaes reunem-se em um só.

Pelo occidente entra um riacho denominado *Itacutidra* e pelo oriente quatro sangradouros.

Continúa a andar-se pela margem esquerda ; deixam-se á direita os bancos de arêa proximos ao *Mata Fome*, pequeno povoado que ha na margem direita ; afasta-se d'aquelle lado, deixa-se a léste o banco do *Mata Fome*,approxima-se da *Tapera* e segue-se encostado á direita até perto da ponta da ilha do *Angical*, que fica do lado occidental.

Ha outro caminho,com sufficiente profundidade,entre a ultima ilha e o barranco da margem esquerda.

No lado direito estão assentadas as povoações da *Tapera* e do *Angical*.

Da ponta da ilha d'este ultimo nome,vai-se por junto do barranco da localidade denominada *Maria de Araujo* ; fica á direita o grande banco da *Fazenda do Angical* ; anda-se um pouco pela esquerda do meio do rio, e, montando-se o pontal da ilha citada, deixa-se á esquerda a ilha de *Prepicé*.

Em frente ao pontal do norte da ilha do *Angical*, entra, pela direita, um sangradouro, pelo qual, na época das enchentes, seguem algumas barcas, aproveitando as inundações, em direcção á *Ipoeira*, junto á villa de *Chique-Chique*.

Perto da povoação do *Prepicé* desemboca, no rio *S. Francisco*, o riacho d'aquelle nome.

Segue o canal pela direita, approximando-se, porém, a pouco e pouco do lado opposto ; deixa uma ilha e um banco que lhe é adjacente, a corôa de arêa e ilha da *Gaivota* á di-

reita, e abaixo da fazenda de *Icatú* muda o canal para o lado oriental, desaguando pelo occidental tres sangradouros.

Navega-se, então, por perto das ilhas da *Gaivota* e *Inã*, acompanhando as sinuosidades da margem esquerda do rio.

Em frente á ilha do *Inã*, que é habitada, fica o povoado de igual nome.

Continúa o caminho da mesma maneira, devendo-se deixar á direita a ilha de *Madeira Sêcca*.

O banco de arêa, que tem este ultimo nome, exige ser evitado cuidadosamente.

Deixam-se á direita a ilha do *Camaleão* e a corôa annexa.

Na margem esquerda estão assentadas as povoações da *Madeira Sêcca* e da *Concceição*, que tem uma pequena capella. Entre essas duas povoações desagua um sangradouro.

Um pouco acima da ilha do *Laranjal*, o rio bifurca-se, apresentando dois canaes, ambos navegaveis.

O primeiro é pelo braço, que, com a profundidade de $4^m,28$ a $7^m,32$, vai directamente á villa da *Barra do Rio Grande*, tendo em sua confluencia com o rio d'este nome de $9^m,24$ a 12^m54 de fundo.

O segundo fica do lado direito ; encosta-se á corôa adjacente á ilha do *Camaleão*, deixa á direita o lugar chamado *Passagem*, e o banco de arêa e cascalho do *Timbó*, e entra pelo braço do rio,que segue entre aquelle banco e a ilha do *Timbó*.

Segundo me informaram habitantes da villa da *Barra*, de alguns annos á esta parte, a ponta septentrional ou do norte da ilha do *Laranjal* tem-se approximado do continente.

Na villa da *Barra*, o rio *S.Francisco* tem 1.848^m de largura.

Tratando de tão notavel localidade, diz o engenheiro Halfeld:

« O caracter nobre e leal que manifestam os habitantes da villa da *Barra*, em todas as suas acções civis e religiosas, particularmente das familias de maior distincção, faz reconhecer que reina franqueza, o mais polido cavalheirismo e em extremo delicadas maneiras na vida social, *que rivalisam com as dos habitantes de uma côrte das mais civilisadas*, o que, como com admiração tenho observado, tem produzido uma influencia notavel e benefica sobre o desenvolvimento moral, e bons costumes do povo da classe inferior, que é, na verdade, na villa da *Barra do Rio Grande*, extremamente docil e pacifico. »

Ao lêr o que aqui fica transcripto, senti-me tomado da maior sorpresa, e anciosamente esperava chegar áquella villa, afim de verificar até que ponto o engenheiro Halfeld tinha sido hyperbolico.

Alli aportando, dei-me incontinenti ao estudo dos habitos e costumes do povo em suas diversas divisões ou camadas; e, ainda que não partilhe o ardente enthusiasmo do illustre explorador do *S. Francisco*, ordenam a justiça e verdade que eu confesse que fiquei admiradissimo de vêr tanta civilisação, tanta amenidade, tanto cavalheirismo e cordialidade no trato da parte da classe mais distincta e elevada, assim como os modos respeitosos e cortezes da parte do povo pertencente ás classes inferiores de nossa sociedade.

Na villa da *Barra do Rio Grande* nem as mesquinhas questões de politica, que, em nossos sertões, tomam sempre caracter gravissimo, sendo, muitas vezes, uma luta que termina por correr a jorros sangue de irmãos, são capazes de converter em inimigos pessoaes os adversarios politicos. Alli, durante o pleito eleitoral, e até no dia da decisão

final, reina harmonia ; os partidarios apertam-se as mãos, conversam e gracejam, esperando tranquillamente que as urnas fallem.

Conheço o rio *S. Francisco* desde *Pirapóra* até *Boa Vista*, e, pelo que tenho observado, não trepido dizer que sua localidade mais adiantada está para a villa da *Barra do Rio Grande* na mesma razão que qualquer de nossas provincias de segunda ordem para a capital do Imperio.

Por qualquer lado que se encare aquella villa, é ella, sem a menor contestação, o ponto mais importante do magestoso *S. Francisco.*

A villa da *Barra do Rio Grande* foi fundada em 1753 (1). Está assentada em uma vargem vasta, e de muito pittoresca e aprazivel perspectiva : tem 608 casas, 3.800 habitantes, tres igrejas : *S. Francisco das Chagas*, em construcção ; *Senhor Bom Jesus da Boa Morte*, que serve de matriz, e *Nossa Senhora do Rosario* ; quatro irmandades : *SS. Sacramento, Nossa Senhora do Rosario, Senhor Bom Jesus da Boa Morte* e *Misericordia* ; tres cemiterios : da irmandade do *SS. Sacramento*, de *Nossa Senhora do Rosario* e do *Senhor Bom Jesus da Boa Morte.*

Dos cemiterios acima mencionados, o mais importante é o do *Santissimo Sacramento*, por si só mais que sufficiente para a villa. E' feito de alvenaria de tijolo, mas ainda não está concluido

Os outros são cercados com paredes de taipa.

A instrucção primaria é regularmente cuidada, e, em

(1) Não ha certeza n'aquella data. Como outr'ora, porém, logo que qualquer localidade era elevada á categoria de villa, levantava-se um padrão de vergonha, ignominia e barbarismo, é de presumir que em 1753 fosse estabelecida a villa, porque, n'aquelle anno, erigiu-se o *pelourinho* em uma de suas praças, segundo consta do archivo da respectiva camara municipal.

tempos idos, alli se ensinavam todos os preparatorios exigidos para a matricula em nossos estabelecimentos de instrucção superior.

Actualmente a villa da *Barra do Rio Grande* conta as seguintes escolas de primeiras letras:

Uma, publica, primaria para o sexo masculino, tendo 89 alumnos.	89
Uma dita dita para o feminino, com 60 alumnas.	60
Quatro particulares para os dois sexos, com a frequencia de 180 alumnos.	180
Total	329

Isto é, seis escolas primarias, publicas e particulares, frequentadas por 329 alumnos.

Ora, sendo a povoação da villa de 3.600 almas, é claro que 1/11 d'ella recebe instrucção primaria.

Quando alli estive, em Maio ultimo, o distincto juiz municipal, Dr. Valle Moraes, dirigiu-se á camara do municipio, pedindo que lhe franqueasse um de seus salões e mandasse fornecer luz, para elle, á noite, leccionar primeiras letras a adultos.

A camara, como era de presumir e esperar, acquiesceu a tão louvavel pedido, e á esta hora já deve estar funccionando a aula nocturna.

Trata-se energicamente da fundação de um collegio, internato e externato, para instrucção primaria e secundaria.

A villa da *Barra do Rio Grande* tem agencia de correio, uma boa casa de camara, em um sobrado, com dois salões forrados e decentemente decorados, sendo um para a cele-

bração de suas sessões, e outro para as do jury e audiencia das diversas autoridades, uma sala onde está o archivo, e ainda uma outra para as sessões secretas dos jurados.

No pavimento terreo está a cadêa com duas grandes enxovias, regularmente seguras, mas que exigem ser melhoradas, visto como cada uma d'ellas só recebe ar e luz por duas pequenas janellas.

O hospital de caridade, gerido pela irmandade da *Santa Casa da Misericordia*, é o unico que existe em todo o centro da provincia da *Bahia*.

Fundado em 1852, funccionou em um miseravel pardieiro, prestando, ainda assim, bons serviços á pobreza.

Em 1860, porém, começou a decrescer, até que, em Agosto de 1869, fechou suas portas, quér por causa da falta de recursos pecuniarios, quer por lavrar na irmandade o maior desanimo.

No mez de Novembro do mesmo anno, porém, foi eleita nova mesa administrativa, sendo seu provedor o intelligente, activo e honrado juiz de direito, Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, que tomou a si a ardua tarefa de reerguer a instituição, dando-lhe mais elementos de vida e prosperidade.

Efficazmente coadjuvado pelos irmãos de mesa, o digno provedor, que é incansavel no cumprimento e desempenho de seus deveres, levou a effeito a construcção de um bello edificio, o mais notavel do rio *S. Francisco*, o augmento do patrimonio, o do rendimento da irmandade, etc.

Tem o hospital 10^m,99 de fundo, 5^m,61 de altura, e 26^m,40 de largura, além de mais 3^m,30 de cada lado do edificio, onde estão assentados dois portões, um dos quaes é fingido para conservar a symetria. E' todo de alvenaria de tijolo, assoalhado 1^m,65 acima do nivel do terreno e cercado de janellas envidraçadas, em numero de

23, de fórma que recebe ar e luz em grande quantidade; tem uma sala onde está collocado um decente oratorio com a imagem de *S. Pedro*, e o corredor, forrados, e é todo pintado a oleo.

Tem mais o hospital tres grandes enfermarias, duas salas e um quarto, um grande quintal, que se está ajardinando, com 23ᵐ,10 de largura e 87ᵐ,45 de fundo, todo murado, havendo, em continuação do edificio, cinco quartos com 3ᵐ, 79 em quadro, e um outro com 3ᵐ,79 de fundo e 7ᵐ,56 de largura.

Estes quartos servem de cozinha, despensa, deposito de cadaveres, enfermaria de escravos, etc.; são todos de alvenaria de tijolo, ladrilhados, e, como todo o muro, rebocados e caiados.

O patrimonio do hospital consiste do edificio em que funcciona, da miseravel casinha em que esteve ao principio e da quantia de cinco contos de réis a premio em um dos estabelecimentos bancarios da praça da *Bahia*.

A sua receita consta de uma ordinaria annual, que lhe dá a provincia, do premio dos cinco contos de réis acima mencionados, do aluguel da casinha e da mensalidade dos irmãos, perfazendo tudo o computo de cerca de dois contos e setecentos mil réis (2:700$000).

O novo hospital abriu suas portas em 26 de Maio de 1871; por ora só póde admittir seis enfermos; já tem tido, porém, até o numero de oito, porque soccorre não só todo o centro da provincia da *Bahia*, como tambem as limitrophes — *Goyaz* e *Piauhy*.

A irmandade da *Misericordia*, reconhecida aos immensos e grandiosos serviços prestados por seu zeloso e activo provedor, mandou tirar seu retrato a oleo, de tamanho natural, tencionando offerecer-lhe um baile, no dia em que fosse collocado o retrato em uma das salas do hospital.

O Dr. Montenegro, scientificado de semelhante projecto, dirigiu carta a um dos promotores de tal manifestação, pedindo que o dinheiro, que tinham de despender com o baile, fosse applicado á manumissão de crianças do sexo feminino.

Quando estive na villa da *Barra do Rio Grande*, em Outubro do anno passado, fallava-se vagamente na edificação de um pequeno theatro, e quando por lá passei, em Abril ultimo, já estava elle com as paredes externas promptas, e ia tratar-se do telhado e divisões internas, devendo ficar completamente prompto até o fim do corrente anno.

O theatro é propriedade de uma associação anonyma, cujo capital está dividido em acções de trinta mil réis (30$000.)

Como já ficou dito anteriormente, a igreja do *Senhor Bom Jesus da Boa Morte* está servindo de matriz, emquanto se não conclue a de *S. Francisco das Chagas*, cujas obras estão paradas, ha quatro annos, por falta de dinheiro.

Até 1868 havia-se despendido a quantia de vinte e cinco contos de réis (25:000$), sendo unicamente quatro contos de réis (4:000$) suppridos pelo governo.

Eleva-se a mais de trinta contos de réis (30:000$000) a importancia do que falta fazer, sendo que, depois de promptas todas as obras, ficará um templo magnifico, o melhor do centro da provincia da *Bahia*, e que rivalisará com alguns dos bons das cidades do littoral.

Já existe em cofre cerca de quatro contos de réis (4:000$), mas a commissão, encarregada da conclusão das obras, só lhes dará andamento quando tiver quantia sufficiente para encetar e levar ao cabo a cobertura, que é o que mais urge fazer.

A freguezia e municipio da villa da *Barra do Rio Grande* tem 354 kilom. 148m de extensão pela margem do rio e de 98 kilom. 752m até 154 kilom. 300m para o centro; dois districtos de paz e subdelegacias, *Villa* e *Icatú*, que dão 50 eleitores.

Além d'esses districtos, conta o municipio alguns povoados, sendo o mais importante o de *Porto Alegre*, superior em todos os sentidos a algumas villas do centro da provincia da *Bahia*. Seguem-se logo depois : *Canudos*, *Sambaiba* e *Boqueirão* : este situado na confluencia do rio *Preto* com o *Grande*, e aquelle na margem direita do *S. Francisco*.

Segundo informaram-me pessoas fidedignas, o povoado do *Boqueirão* ha de ser, no futuro, um dos mais importantes e notaveis d'aquellas regiões.

Espalhadas pela grande extensão da freguezia ha diversas capellas particulares edificadas em fazendas, taes como : *Nossa Senhora da Abbadia*, em *Icatú* ; *Nossa Senhora da Conceição*, no *Boqueirão* ; *Nossa Senhora da Piedade*, na fazenda de *Fóra* ; *Nossa Senhora da Conceição*, na *Japira* ; *S. Gonçalo*, no *Burity*, e *Santo Antonio*, no *Riacho do Meio*.

O municipio da villa da *Barra do Rio Grande* tem a seguinte guarda nacional : dois batalhões de infantaria, uma companhia de cavallaria e uma secção do batalhão de reserva, sendo sua totalidade de 2.370 praças divididas do seguinte modo :

Batalhão de infantaria n. 92....	942
» » » 93....	928
Secção de batalhão da reserva...	332
Companhia de cavallaria......	168
	2.370

No ultimo quinquennio suas diversas repartições renderam :

Camara municipal

Exercicio de 1866 a 1867	845$918
» » 1867 a 1868	871$459
» » 1868 a 1869	1:240$600
» » 1869 a 1870	1:971$937
» » 1870 a 1871	1:607$060

Collectoria geral

Exercicio de 1866 a 1867	1:498$313
» » 1867 a 1868	911$152
» » 1868 a 1869	1:029$023
» » 1869 a 1870	1:415$935
» » 1870 a 1871	2:572$150

Collectoria provincial

Exercicio de 1866 a 1867	1:967$053
» » 1867 a 1868	871$459
» » 1868 a 1869	2:132$378
» » 1869 a 1870	2:726$116
» » 1870 a 1871	2:607$060

No mesmo quinquennio foram qualificados :

Cidadãos votantes

Em 1868	2.182
» 1869.	2.207
» 1870.	2.247
» 1871.	2.287
» 1872.	2.372

Cidadãos jurados

Em 1867	146
» 1868	164
» 1869	159
» 1870	163
» 1871	190

No que diz respeito á igreja, no mesmo quinquennio fizeram-se os seguintes :

Baptizados

Em 1867	495
» 1868	498
» 1869	389
» 1870	338
» 1871	467

Casamentos

Em 1867	91
» 1868	101
» 1869	101
» 1870	71
» 1871	87

Obitos

Em 1867	120
» 1868	139
» 1869	80
» 1870	119
» 1871	132

A estatistica, com relação aos obitos, não merece inteira confiança, porque, sendo a freguezia muito extensa, sepultam-se muitos cadaveres sem que seu digno parocho, conego Francisco Marques de Almeida, tenha sciencia.

O commercio de exportação de todo o municipio da villa da *Barra do Rio Grande* é annualmente o seguinte :

18.000 cabeças de gado vaccum .	20$000	360:000$000
2.000 ditas de dito cavallar. . .	30$000	60:000$000
4.000 couros seccos.	3$000	12:000$000
Aguardente, etc.		8:000$000
Objectos diversos e fazendas seccas.		110:000$000
	Rs.	550:000$000

E o de importação :

Fazendas seccas	300:000$000	
Molhados.	80:000$000	
Ferragens	15:000$000	
Generos alimentares.	15:000$000	
Artigos differentes.	40:000$000	450:000$000
Saldo a favor da exportação.	Rs.	100:000$000

A villa da *Barra do Rio Grande* é a unica localidade das margens do *Rio S. Francisco* onde a industria está regularmente desenvolvida ; não menos de trinta officios são alli exercidos, e alguns por officiaes peritos. N'ella se supprem quasi todos os habitantes d'aquellas margens, indo até encommendas de outras provincias, o que dá em resultado um importante ramo de exportação.

Ha tambem diversas industrias feminis: trabalham perfeitamente em labyrintho, crivo, bordado, *crochet* e mais obras de agulha.

Em resumo, a villa da *Barra do Rio Grande*, que já é, em minha opinião, o ponto principal do *S. Francisco*, podendo ser considerado sua côrte, por sua posição geographica, amor ao trabalho, e genio pacifico e um pouco emprehendedor de seus habitantes, está destinada a fazer, no futuro, um brilhante papel, logo que a navegação a vapor e as estradas de ferro a arranquem do estado de segregamento em que jaz sepultada, bem como todo o immenso e riquissimo valle do rio *S. Francisco*, e seus numerosos e importantes affluentes.

DA VILLA DA BARRA A CHIQUE-CHIQUE

Da villa da *Barra do Rio Grande* a *Chique-Chique* ha a distancia de 78 kilom. 250m.

Sahindo-se do primeiro porto, com destino ao segundo, deve-se navegar encostado ao barranco da *Jurema*, passando-se entre elle e a ilha do mesmo nome; fica á esquerda o banco de arêa, que está proximo ao barranco de *Santa Barbara*, e continua-se por aquelle lado até confrontar com o sitio da *Tapera*.

Ha outro canal, pelo braço direito do rio, entre a corôa do *Timbó* e a ilha da *Jurema*, e por elle se vai até a povoação da *Aroeira*, lugar onde se confundem os dois caminhos.

Depois da povoação acima mencionada, segue-se pela margem occidental; passa-se sobre o banco da *Tapera* e encosta-se á opposta, da qual, um pouco abaixo do banco,

é preciso afastar-se, rodeando a ilha e banco de arêa fronteiros á povoação da *Lagôa da Onça*.

Continúa-se do mesmo modo, ficando do lado occidental as ilhas do *Saco* e *Sambaiba*, e do contrario dois sangradouros, pelos quaes, quando as enchentes são grandes, seguem algumas embarcações até a *Ipoeira*, proximo á villa de *Chique-Chique*.

Na margem esquerda está assentada a povoação da *Sambaiba*.

O braço do rio, entre esta povoação e a ilha do mesmo nome, só dá passagem á pequenas canôas.

Afasta-se o canal da direita; deixa a corôa, que fica acima da ilha dos *Canudos*, á esquerda, e á direita a referida ilha; toma pelo meio do rio e de novo encosta-se á direita.

Nas enchentes extraordinarias, mui notavel extensão da margem direita fica circulada pelas aguas do sangradouro fronteiro á *Sambaiba*, em direcção á villa de *Chique-Chique*, formando a ilha do *Gado Brabo*.

Prosegue o canal pela direita, deixando á esquerda a corôa *Alta*. Bifurca-se, então, o rio, apresentando dois braços: um pela direita, entre a ilha da *Batalha* e a do *Caboré*, e o outro entre a primeira e a esquerda.

Depois d'aquella ilha, unem-se os dois braços.

Segue-se o caminho melhor e mais seguro entre aquellas duas ilhas; fica á esquerda a de *Porto Alegre*, e, estando em frente á do *Amaro*, navega-se proximo á direita.

Pouco abaixo da ultima ilha, fica a povoação de *Porto Alegre*, que tem uma capellinha, 130 casas e 650 habitantes.

Da direita deve-se, a pouco e pouco, seguir para a esquerda, afim de evitar uma forte corredeira, que ha do lado opposto, e passada ella torna-se para a direita, deixando-se

á esquerda a ilha do *Sitio* e uma corôa, que lhe fica annexa.

Continùa a navegação a ser dirigida do mesmo modo: as ilhas de *Jatobásinho* e *Gaivota* ficam á esquerda.

Um pouco acima do povoado do *Mocambo do Vento*, muda o caminho para a esquerda, deixando desse mesmo lado as ilhas da *Gaivota* e *Mocambo*.

Na margem esquerda está situada a povoação do *Mocambo do Vento*.

Ao chegar em frente ao sitio da *Arêa Branca*, anda-se pelo meio do rio, tendo o canal bastante profundidade e largura: fica á esquerda, defronte do sitio denominado *Champrona*, um grande banco de arêa, montado o qual o rio *S. Francisco* apresenta tres braços: o primeiro segue de léste a oeste, entre a ilha da *Champrona* e a corôa fronteira, que tem igual nome; o segundo entre essa corôa e a ilha do *Icatú*; e o terceiro, finalmente, entre esta e a margem esquerda.

O primeiro e segundo confundem-se abaixo da corôa da *Champrona*.

Pela margem esquerda desemboca o riacho do *Icatú*.

O canal d'este nome, que fica do lado occidental, deixa a léste a ilha do *Chupa*, e, logo abaixo do pontal d'esta, une-se ao que vai pela direita; continúa entre e banco de arêa proximo á ilha do *Icatú*, e a ilha e bancos do *Bomburral*.

O terceiro caminho, mais procurado por ser mais limpo e desimpedido, é pela margem direita, ficando á esquerda as ilhas do *Bomburral* e a corôa do *Cipó*.

Em frente ao pontal da ilha da *Canna Braba*, o rio tem dois braços: um que parte da direita ao rumo de 40° SE. proximamente, deixando á esquerda aquella ilha, e outro que segue entre a ilha do *Miradouro* e a margem esquerda

até chegar á ipoeira que se encaminha para o sul, em direcção á villa de *Chique-Chique*.

Nas enchentes, as embarcações entram por ella e vão atracar ao barranco da villa; nas vasantes, porém, são forçadas a entrar por um braço do rio, no lugar denominado *Barra da Picada*, e por elle subir até a villa, que fica a léste da mencionada ipoeira.

A villa de *Chique Chique* tem 492 casas, 2.500 habitantes, inclusive 150 escravos, uma matriz sob a invocação do *Senhor do Bom Fim*, em meia construcção, faltando-lhe os consistorios, as torres e obras internas.

Depois de concluida será a segunda igreja do centro da provincia da *Bahia*.

Tem a villa um cemiterio de alvenaria de tijolo, de proporções adequadas e sob a mesma invocação da matriz; uma cadêa acanhada, velha e sem nenhuma segurança.

Tem ainda:

Uma escola publica primaria para o sexo masculino, frequenta la por 62 alumnos...	62
Uma dita dita dita para o sexo feminino com 37 alumnas..........................	37
Uma dita particular para o sexo masculino, tendo 31 alumnos......................	31
Uma dita dita para o sexo feminino, frequentada por 28 alumnas........... .	28
Total.... .	158

Os dois professores publicos são filhos da escola norma da *Bahia*.

Do outro lado do canal, á cuja margem direita está situada a villa, fica o povoado da ilha do *Miradouro*, hoje

em decadencia, mas onde se conserva ainda em bom estado a pittoresca e elegante capella da invocação de *Sant'Anna.*

A povoação de todo o municipio de *Chique-Chique*, cujo territorio é o mesmo da freguezia, é de 20.000 habitantes, sendo a vigesima parte escrava. Sua extensão, do nascente ao poente, é de 205 kilom. 550^m : é a mesma, pouco mais ou menos, do norte ao sul.

Encerra o municipio 10 povoações, sendo duas de mineração diamantina e uma de mineração aurifera, muito abundantes e exploradas ha mais de 30 annos; as outras sete são propriamente agricolas, a despeito da má qualidade do solo.

O rendimento das collectorias geral e provincial orça annualmente, termo médio, por seiscentos mil réis (600$000).

Durante o ultimo quinquennio, a camara municipal teve o seguinte rendimento:

Exercicio de 1866 a 1867........	461$600
» » 1867 a 1868........	348$800
» » 1868 a 1869........	148$650
» » 1869 a 1870........	476$444
» » 1870 a 1871........	392$300

Nos annos anteriores a 1868, a qualificação de cidadãos votantes oscillava entre 1.400 e 1.500; d'aquelle anno em diante, porém, foi a seguinte:

Em 1868....................	2.018
» 1869....................	2.150
» 1870....................	2.300
» 1871....................	2.402
» 1872....................	2.564

Este accrescimo, rapido e successivo, é devido á immigração dos garimpeiros das *Lavras Grandes*, em parte occasionada pelas grandes sêccas e em parte pelos excitamentos partidarios.

O municipio de *Chique-Chique* exporta annualmente:

Diamantes..................	140:000$000
Carbonato..................	20:000$000
Ouro (pouco minerado)........	15:000$000
Couros seccos..............	6:000$000
Ditos cortidos..............	2:000$000
Peixe secco.................	4:000$000
Carne secca................	8:000$000
Caruá	1:500$000
Toucinho	2:000$000
Gado vaccum................	6:000$000
Dito cavallar...............	3:000$000
Cêra.......................	500$000
Cal	2:000$000
Fumo	5:000$000
Sal da terra................	8:000$000
Algodão tecido..............	2:000$000
Rs.	225:000$000

E importa:

Fazendas sêccas.	130:000$000	
Molhados.......	10:000$000	
Ferragens	5:000$000	
Generos alimentares.......	12:000$000	
Diversos objectos	3:000$000	160:000$000
Saldo a favor da exportação..Rs.		65:000$000

(Continúa.)

ESBOÇO DA VIAGEM

feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde Setembro de 1825 até Março de 1829.

ESCRIPTO EM ORIGINAL FRANCEZ PELO 2º DESENHISTA DA COMMISSÃO SCIENTIFICA

HERCULES FLORENCE

Traduzido por

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

(*Continuado do tomo XXXVIII parte segunda, pag.* 301.)

N'aquelle dia tivemos, desde que sahimos do Tucurisal, boa navegação, sem cachoeiras nem correntezas, chegando á noite á corredeira dos Ternos, onde se juntou a nós uma *igarité* que vinha subindo o rio. Tripolada por oito homens; pertencia aquella embarcação a tres negociantes que haviam deixado atraz suas *monções*, impacientes por se libertarem dos soffrimentos que tinham vindo aturando e tambem se furtarem ás insolencias e insultos dos camaradas, gente que, uma vez no sertão, perde todo comedimento, chegando a ponto de arrombarem os caixões á vista dos proprios donos e sem rebuço sacarem garrafas de vinho e aguardente para se embebedarem, accrescentando chufas grosseiras a taes desmandos. Nossa marinhagem fazia-nos, é certo, alguns furtos de pequeno valor, mas nunca nos faltára com o respeito devido, e isso pelo receio que

lhes inspirava o consul, o qual desde principios mostrára-se severo para com ella. Demais o tinham na conta de general.

Em lastimavel estado achavam-se aquelles infelizes negociantes. Como não se houvessem premunido de luvas e botas, tinham as mãos, as pernas e pés cobertos de feridas, provenientes das picadas dos piuns e borrachudos. Foram elles que nos disseram o dia e o mez em que estavamos então: 20 de Maio.

21 de Maio de 1828. Recomeçou a igarité a subir o rio e nós nos preparámos para descer a cachoeira. Antes haviam o guia e o piloto ido na canôa nova examinar se as rochas do canal estavam descobertas ou debaixo d'agua.

Voltaram afim de passar a primeira canôa, e tal é a extensão da cachoeira que não regressaram senão uma hora depois para levar a minha embarcação. Atirámo-nos em cheio no meio dos rebojos. As aguas não têm direcção certa, cortada que é a superficie de sulcos tortuosos; arrebentam do fundo e borbulham como azeite a ferver. Emquanto eu observava esse phenomeno, percebi que se accelerava nossa marcha. Olhei para diante e vi um canal estreito e inclinado, onde a correnteza recrudece de velocidade. Penetrámos resolutamente. Ahi a canôa verga, vôa, e, alagando-se toda, pula no meio da espuma que dos dois lados espadana como tocada de violento vento. Se esbarrar contra um dos parceis que pejam o leito, está perdida. O piloto e seu ajudante á pôpa, á prôa o proeiro e remadores desenvolvem admiravel pericia para a cada instante virarem de bordo, segundo as sinuosidades e perigos d'esse angusto canal.

Afinal d'elle nos safámos e abicámos tranquillamente á esquerda n'uma praia, onde a gente da primeira canôa já suspendêra as rêdes e estendêra a roupa

Novamente esquecemos o dia do mez, tão doentes estavamos todos. Transpuzemos diversas cachoeiras, cujo nome e trabalhos se me riscaram da memoria. Lembro-me que, alguns dias depois da passagem da das Furnas, por pouco ia se perdendo nosso batelão n'uma d'ellas. Ao sahirmos da de S. Lucas, escapou minha canôa de cahir n'um medonho rebojo ou torvelinho onde de repente se some uma embarcação, sem que o melhor nadador possa se salvar. Assim perderam-se já n'aquelle redomoinho muitas canôas com tripolações inteiras.

N'essas paragens todas as cachoeiras são *criminosas*, na energica expressão da nossa gente, isto é, n'ellas se têm dado sinistros. Na tarde do dia em que vencemos a de S. Lucas, passámos pela de S. Raphael.

Ahi estavam todas as canôas no porto inferior, á margem esquerda, quando demos por falta da canôinha. Cahiu a noite, quasi sem crepusculo, como acontece n'essas latitudes, e nada d'ella apparecer. Suppuzemos então que naufragára n'um canal apertado e revolto que separa duas ilhas e que os tres homens que a tripolavam se salvaram nas margens. Como a escuridão era intensa, não podiamos subir a corrente á procura d'elles sem nos arriscarmos tambem; limitámo-nos pois a tocar toda a noite buzina, para avisarmos áquelles infelizes que não estavamos longe.

De manhã embarcámos eu e mais o guia e tres camaradas afim de indagarmos de seu destino e frechámos a cachoeira com difficuldade. Emquanto trabalhavam os remadores, eu dava tiros de espingarda e tocava buzina; ninguem nos respondeu.

Chegados a S. Lucas, onde tinham sido vistos e ficando os signaes sem resultado, voltámos ao ponto d'onde sahiramos, contristados com a inutilidade de nossos esforços. O Sr. Langsdorff mostrou-se muito afflicto com tudo isso.

Partimos ás 10 horas e ao meio-dia chegámos a uma grande cachoeira. O primeiro remador que saltou na praia gritou : Rasto de Joaquimzinho ! nome de um dos homens extraviados, crioulozinho por nós trazido de Itú e bom caçador. Acudimos todos a vêr, mas ficámos tristemente desenganados, verificando que havia muitas pégadas de homens, mulheres e crianças. Por alli tinham os *Mundurucús* passado, deixando um fogo que não se apagára de todo.

No dia seguinte o guia e um caçador voltaram por terra até S. Raphael, fazendo signaes para chamar os naufragados. A medida foi ainda infructifera.

Sahindo do pouso ao meio-dia, meia hora depois alcançámos um salto bastante perigoso. O guia, depois de examinal-o, declarou que as canôas podiam transpôl-o com meia carga. Como de costume iam os Srs. Langsdorff e Rubzoff de rêde. Entrei na primeira canôa para ir observar a passagem, porque o guia não me inspirava mais confiança. Tinha sempre tanta pressa que, por mais de uma vez, pôz-nos a todos em perigo de vida. Descemos com a rapidez de um cavallo a todo o galope : a arfagem era a mais forte possivel. A prôa cortava as ondas que, entrando de bulcão, lavavam tudo.

A' sahida do canal, mais um risco corremos. Alli ha uma quéda de um metro de alto que se não passa ordinariamente sem ter tirado o resto da carga, para o que é preciso encostar á margem direita, mas nossa canôa, levada de rodo, tombou e se alagou. Não viamos mais as margens pela muita espuma: felizmente conseguimos atirar um cabo para a terra, que alcançámos, ajudados pela camaradagem a qual de prompto nos acudira.

No dia seguinte cargas e canôas estavam no porto inferior, d'onde se avista a grande cachoeira chamada *Canal*

do Inferno, cujo estrondo ao longe echôa. Em menos de um quarto de hora a attingimos:

Durante o dia, indo me assentar nas pedras da margem direita e pondo-me a contemplar a velocidade da corrente, vi passar uma *pirára* que, nadando a montante, deitava dez nós pelo menos. Quanta força por toda a parte ostenta a natureza! A *pirára* é um peixe grande de 80 centimetros de comprido e pouco apreciado.

Emquanto estavamos no Canal do Inferno, ahi chegou uma das monções dos negociantes da igarité, composta de quatro canôas carregadas de mercadorias procedentes de Santarém.

Vencemos a cachoeira *Misericordia* e na manhã seguinte alcançámos a de *S. Florencio*, uma das maiores d'essa zona. A montante é dividida em dois braços por uma ilha cheia de matto e a jusante termina n'uma bella praia, onde fomos acampar com todas as commodidades. Chegou então a segunda monção dos negociantes, composta de sete canôas e trazendo mais de 50 pessoas. Em nada nos agradavam esses encontros, pois o guia e os pilotos descuidavam-se demais dos seus deveres.

A' entrada do matto, á esquerda, dormia nossa camaradagem. Sahindo da barraca de madrugada, achei-os todos elles sentados nas rêdes e tolhidos de medo. Perguntei-lhes a causa e disseram-me que não haviam toda a noite pregado olho, por isso que desde meia-noite lhes tinham sido atiradas da outra margem pedradas que cahiam á direita, á esquerda, nas arvores e no chão. Ora a margem de lá ficava n'uma distancia tripla da que poderia alcançar uma pedra jogada por braço de um homem, o que mostra a que ponto chega a superstição d'essa gente.

Depois de uma parada de tres dias em S. Florencio, partimos para a grande cachoeira ou *Salto de S. Simão de*

Gibraltar, acima da qual encontrámos uma monção de nove canôas e 90 pessoas, que no dia seguinte seguiu viagem. As sete primeiras embarcações transpuzeram com felicidade o canal; a oitava correu tres vezes o perigo de ser levada pela corrente até a quéda, que tem $1^{m},5$ de altura e onde se despedaçaria infallivelmente; a tripolação perdêra a cabeça, salva de cada vez pelos esforços da gente da nona canôa que ficára no porto para lhes dar soccorro.

O que muito nos tocou, foi a anciedade de um passageiro que comsigo levava sua mulher e dois filhos de tenra idade. Empregava todas suas forças para ajudar os companheiros. Por fim o piloto procurou outra passagem e atravessou o canal.

Depois do *Salto Augusto*, é a cachoeira de S. Simão de Gibraltar a mais penosa de todas d'essa navegação, porque é muito comprida, pejada de quédas e cortada de dois saltos de $1^{m},5$ a dois de altura. As canôas têm que ir, em alguns trechos, arrastadas sobre as pedras. O descarregador é o mais extenso de toda a carreira desde o Diamantino até Santarem. Não foi senão depois de quatro dias de canseiras,que podemos vencer esse afanoso obstaculo, passando n'esse mesmo dia da partida outro denominado *Todos os Santos.*

A tão pesados trabalhos succederem dois dias e duas noites de perfeita calma, durante os quaes navegámos de dia muito a gosto, não abicando á terra senão para prepararmos as refeições. A' noite ia a branda correnteza nos levando as canôas, que só precisavam de uma sentinella em cada uma d'ellas.

No terceiro dia, porém, penetrámos n'uma infinidade de cachopos, bancos de pedra e correntezas mais difficeis do que as cachoeiras, pois n'uma distancia de quasi dois quartos de legua não ha um descarregador que permitta

alliviar a carga das canôas. Esses baixios são tambem considerados o trecho mais perigoso de toda a viagem.

Transpuzemol-os com rapidez, tomando varios desvios para fugir de uma porção de rochas á flôr e fóra d'agua. A poder de fadigas immensas, safámo-nos de successivos rebojos, cortando correntezas, cujas ondas a cada instante pareciam querer devorar nossos frageis bateis. Entretanto corriamos por entre duas aguas tranquillas.

Imaginem essa carreira vertiginosa pelo meio de innumeros parceis e em ligeiras embarcações. Não cessou a grita dos pilotos um instante sequer, muitas vezes uma hora afio, porque avançavamos diagonalmente, ora achegando-nos a uma margem, ora a outra, como um navio que bordeja em estreito canal.

Tivemos ainda metade de um dia e uma noite de rio morto para entrarmos na região dos *Mundurucús*, cujas palhoças começavamos a avistar nas margens. No interior e á esquerda têm elles mais importantes rancharias.

Em duas d'ellas penetrámos, saltando em terra. A primeira consistia em duas ou tres choupanas, perto das quaes via-se uma plantaçãozinha de mandioca e algodão. N'uma d'estas entrei e lá achei cinco mulheres e igual numero de crianças sentadas em redes, e vestidas tão sómente de uma tanga grosseira que os negociantes lhes vendem a troco de mantimentos. Tinham o pescoço cercado de collares de sementes de gramineas ou de contas de vidros que conseguem tambem por aquelle meio de permuta. Pareceram-me comtudo aborrecidas de nossa visita, naturalmente pela ausencia dos maridos que então cuidavam das plantações. Querendo eu desenhar esse grupo, voltei á canôa para buscar o album, mas de volta achei a porta fechada e a gente da parte de fóra da choupana. Abri-a devagar, mas como as mulheres tinham accendido dentro

um fogaréo, era tal a fumaça que não me arrisquei a entrar. Ao envez dos *Apiacás*, pelo menos n'essa occasião, haviam usado d'esse meio para nos repellirem.

No porto de outra casa pouco distante da beira do rio, fomos jantar. Varios *Mundurucús* vieram até nossas canôas, acompanhados de mulheres e crianças. Apresentaram-se nús. Por duas facas de nenhum valor, deram-me dois cestos de cará e aipim, em tal abundancia que, depois de distribuir pela tripolação, tive para guardal-os por oito dias.

No dia seguinte parámos algumas horas n'uma grande choupana cheia de rêdes e onde se achavam perto de quarenta pessoas. Algumas mulheres se occupavam em socar mandioca, outras em tirar-lhe o succo que é veneno mortal; outras ainda em seccal-a ao fogo n'umas grandes panellas de barro.

O modo de extrahirem o succo é muito curioso e demonstra como esses pobres indios estão atrazados em sua industria.

Suspendem á uma das linhas da choupana uma manga feita de juncos e de embiras, tendo 20 centimetros de diametro e dois a tres metros de comprimento, toda cheia de massa de mandioca, de modo que toma um volume duplo do que tem quando vasia. Na extremidade inferior prendem dois páos atravessados em cruz, onde se assentam quatro mulheres que com o peso distendem a tira e fazem escorrer o succo n'um cocho. Por esse processo é facil conceber quão pouco deve cahir, mas de que mais precisa o selvagem ? A prensa mais rudimentaria suppõe já um principio de idéas sobre mecanica, de que elle nem vislumbre tem.

Por tal modo grosseira é a farinha de mandioca que preparam, que ha caroços do tamanho de uma ervilha, dura como pedra e que a gente é obrigada a engulir sem tri-

turar; o que comtudo a torna em extremo nutritiva, pois contêm quasi toda a fécula; no que muito differem esses indios dos que hoje se dizem civilisados que tiram o mais que podem o amidon, para ir vender a freguezes esfaimados serragem lenhosa em vez de farinha de mandioca.

Se, quando sêcca, é difficil de comer e assim é que d'ella usam com todas as comidas, pelo contrario é excellente depois de escaldada, qualquer que seja o modo por que a preparem, em consequencia sempre da abundancia de fécula que contém. O mingáo de tapioca, de que fazem muito uso no Pará, é uma papa sobremaneira agradavel, preparada com farinha d'essa qualidade, ovos, assucar, canella, etc.

No meio d'aquelles *Mundurucús* fui assentar uma especie de tenda de negociante, buscando trocar facas, machados, e collares de todas as côres, por gallinhas, patos, e raizes nutritivas; unica cousa que pude, apezar dos esforços, conseguir. Entretanto, a privação d'aquelles alimentos nos era extremamente sensivel, mais ainda por causa dos nossos dois companheiros, cuja fraqueza era tanta que não podiam sahir em viagem da barraca e em terra da rêde.

Como as mais choupanas de *Mundurucús* e aliás as casas de pobres em todo o Brasil, essa era construida de páos a pique collocados juntinhos uns aos outros com um trançado horizontal de tiras de palmeiras ou taquáras amarradas com cipós, grade que, tapada com terra amassada n'agua, fórma muros e tapumes perfeitamente fechados. Facil é, porém, conceber a pouca duração de tudo aquillo, pelo que depressa se formam buracos e innumeros intersticios, em que se aninham multiplos e nojentos insectos. A coberta é feita de sapé ou folhas de palmeira.

Alguns dias depois que deixámos essa rancharia, passámos os baixios da *Mangaréra* e a cachoeira da *Montanha*, que

tem o appellido de uma ilha conica de cem metros de altura, cheia de arvores e bem no meio do rio.

Ainda transpuzemos as cachoeiras *Guapuz*, *Cuatd*, *Maranhão Grande* e *Maranhãozinho*. São perigosas e pejadas de rochas, ilhas e arvores, que lhes dão aspecto summamente pittoresco. Na sahida do *Maranhãozinho*, ultima cachoeira d'essa viagem, esteve minha canôa a ponto de partir-se de encontro a uma pedra submersa, incidente que era aliás o typo de nossa navegação desde o Rio Preto, isto é uma successão ininterrompida de perigos, canseiras sem nome, pericia e lances felizes.

Estavamos então no *Rio Morto*, sem a menor correnteza, o mais insignificante baixio, desvanecidos todos os receios. Os pilotos davam-nos os parabens, trocavam felicitações e deixavam ir as canôas á feição das aguas; sem mais cuidados, nem cautelas. De seu lado os remadores, abandonando os remos, bebiam, cantavam e em signal de rigozijo atroavam os ares com tiros de espingarda.

A' noite vimos uma fogueira á margem esquerda, d'onde partiam salvas que respondiam ás nossas. Era gente no matto á procura de salsaparrilha com indios.

A festança durou até meia-noite: depois aos poucos entregámo-nos todos ao descanso e ao somno, confiados nos vigias, emquanto as canôas desciam calma e vagarosamente o rio.

13 de Junho de 1828. De madrugada avistámos choupanas de *Mundurucús*, mais bem construidas e á esquerda outras de *Maués*, tribu diversa d'aquella e que mora n'essa margem, estendendo-se para o interior, onde fica mais bravia. As plantações e a região, embora pouco cultivada, trouxem-nos agradavel diversão ás vistas, cansadas de vêr tantos desertos. Ao surgir o sol, arvorámos a bandeira russa que os contra-pilotos salvaram com descargas,

ao passo que a camaradagem ia remando e cantando e os proeiros batendo cadencialmente com os pés á prôa ou com as mãos no chato das pás.

Com essas festivas demonstrações abicámos em frente á casa de um morador oriundo de Cuyabá e muito conhecido da nossa gente, o qual nos recebeu cordialmente, e nos proporcionou uma refeição de tartaruga e *pirarucú*, pratos que pela novidade nos agradaram. O de tartaruga tinha parecença com um excellente cosido de carne de vacca, ornado demais de collares de gemmas de ovos, prato succulento, capaz a um tempo de satisfazer os olhos e o appetite.

Tornando a embarcar, fomos mais abaixo á *Itaituba*, onde morava o commandante do districto, excellente velho muito estimado. Estabelecido uns cinco annos atraz n'esse lugar que achou deserto, reuniu cerca de 200 *Maués*, os quaes, apezar de pouco dados ao trabalho, tinham já levantado 10 ou 12 casas e plantado alguma mandioca, occupando-se tambem um tanto na extracção da salsaparrilha. Com cachaça, porém, gastam tudo quanto podem receber.

Em Itaituba achámos uma goleta de Santarem, ancorada diante da casa do commandante, vista que me impressionou agradavelmente, pois era indicio de que chegáramos a paiz maritimo, embora ainda ficassemos distantes do oceano umas 160 leguas portuguezas.

O districto tem o nome de Itaituba. Compõe-se a parca população de portuguezes e seus escravos, brasileiros e *Maués*, estes em maior numero.

Espontaneos são em sua maior parte os productos de exportação: a *salsaparrilha* que os *colhedores* vão buscar do Pará nas mattas do Tapajóz; a *borracha*, fonte de grande riqueza futura; o *cravo;* o *pichirí*, preciosas especiarias que attestam o vigor das regiões equatoriaes, quando ba-

nhadas por grandes rios; o *guaraná* tão procurado da gente de Cuyabá, e que um dia juntará uma beberagem fresca e aromatica ao luxo dos botequins das cidades da Europa.

Como complemento d'essa producção espontanea, deveriamos accrescentar a da pesca, como o *pirarucú*, que por si só póde dar alimento ao norte inteiro do Brasil, e a *tartaruga*, da qual tratarei no capitulo intitulado Gurupá, onde então mencionarei não só os productos nativos do Amazonas e seus affluentes, mas tambem os cultivados, como cacáo, café, assucar, etc.

Defronte de Itaituba na margem opposta fica o districto de Uxituba, igualmente habitado por alguns portuguezes e *Mundurucús* que se exprimem em outro idioma que não os *Maués*, embora derivem todos elles da *lingua geral brasilica.*

Como a goleta estava prestes a seguir viagem, não perdemos esse excellente ensejo de commodamente alcançarmos Santarem. Dissemos então adeus á nossa camaradagem, e adeus eterno, pois ella n'aquellas mesmas canôas devia regressar para os lugares d'onde tinha sahido, affrontando novamente os perigos, de que nos viamos livres; e, agradecendo ao commandante sua amavel hospitalidade, abrimos no dia 18 de Junho de 1828 as velas á bonançosa brisa, no meio de salvas que de terra e agua saudavam nossa partida.

Tão fraco se achava o Sr. de Langsdorff, que só carregado em rêde é que pôde ser embarcado. O patrão do navio era um moço brasileiro de excellente caracter, cujo pai, portuguez e morador em Santarem, apezar de analphabeto, conseguiu grandes cabedaes n'esse abençoado paiz, o que lhe valêra além do mais o posto de coronel de milicias. Durante a guerra civil de 1824, em que foram

perseguidas pelos nacionaes as pessoas de origem portugueza, estivéra acoutado em Cuyabá, deixando a casa de negocio entregue ao filho, que, ou por inclinação, ou para salvaguarda dos bens que lhe eram confiados, não só se declarou filiado ao partido brasileiro, como transformou um grande predio pertencente ao pai em quartel de tropa. Organisando e fardando á sua custa uma companhia de cavallaria, marchou contra a gente de Monte Alegre, que, segundo era voz geral, queria o assassinato em massa dos portuguezes e assim concorreu efficazmente para a manutenção da ordem publica em Santarem, devendo-lhe até a propria vida muitos patricios de seu pai; entretanto, voltando este por occasião de sanados os disturbios, censurou acremente o filho e não lhe perdóou ter feito despezas que subiam a tres contos de réis (9 a 10.000 francos).

A bordo tinhamos para regalo habitual bananas chamadas do Maranhão, sêccas com casca e achatadas, como figos seccos. Assim preparadas, são exportadas até para Portugal.

Reinam no Amazonas e seus affluentes, durante quasi todo o anno, os ventos alizeos. Os de oeste ás vezes não sopram senão em Janeiro, Fevereiro e Março. Ora como o Tapajoz corre para N. E. e estavamos então em Junho, tinhamos sempre, com excepção de inconstante brisa que vinha de terra quando o vento cahia ou ás vezes á noite, vento contrario. Accrescente-se a isto a quasi nenhuma correnteza e ter-se-ha a explicação de 13 dias de navegação para chegarmos a Santarem, e ainda assim por estarem os indios e negros de bordo agarrados de continuo aos remos.

Uma legua de largura tem o Tapajoz, immensa superficie de agua doce que se agita com o furacão, levantando grandes ondas onde joga o navio como se fô[illegible] mar alto. Bandos de botos passam a cada instante de lado e de outro, de modo que se não fôra a esplendida vegetação

que por toda a parte limita o horizonte ou surge do meio das aguas como ilhas esparsas, crêr-se-ia a gente em pleno oceano. E entretanto o Tapajoz não é mais que um affluente do Amazonas!..

Durante a viagem não vimos senão tres povoações maiores: Aveiro, Santa Cruz e Alter do Chão, destinadas sem duvida n'esta rica região a tornarem-se grandes cidades. Ha ainda Pinhaes, Brim e Villa Franca que não avistámos. De vez em quando enxergam-se aqui, e alli choupanas de pobres lavradores.

Chegámos a Santarem no dia 1º de Julho de 1828. Do porto avista-se o Amazonas que ahi tem duas leguas de largo. Assente na confluencia dos dois rios e á margem oriental do Tapajoz, é o povoado bonito e bem situado em terreno plano que desce por uma rampa suave para a agua. N'uma eminenciazinha a E. vêm-se ainda as ruinas de um fortim construido pelos hollandezes, quando até ahi levaram suas conquistas. O paiz em torno é chato umas tres leguas para o sul, onde se erguem montanhas, as primeiras que vimos desde Itaituba. As ruas são largas, cortadas em angulo recto e bem alinhadas a cordel. A igreja, bem no centro, a melhor que se me deparou desde S. Paulo, tem a fachada ornada de um frontão e de duas torres.

Como quasi todas as povoações da provincia, possue Santarem seu aldêamento de indios. Fica elle para L., separado por um grande terreno quasi baldio. Transposto que seja, não se ouvem mais os asperos sons da palavra portugueza, porém sim as doces e incompletas entonações da lingua geral brasilica, que fallavam os pais d'aquelles aldêados, reunidos e congregados n'essas choupanas pelos jesuitas. O nome primitivo da aldêa fôra Tapajoz, nome tambem da povoação proxima, substituido porém pelo de Santarem,

sem duvida por effeito da influencia que buscou dar denominações de origem portugueza á todas as localidades do valle do Amazonas.

Quando se chega do interior, uma cousa que causa estranheza é o modo de fallar dos habitantes, carregado e com sotaque dos filhos d'além Atlantico : é que os portuguezes são alli numerosos, e a pronuncia européa póde-se conservar em sua integridade sem soffrer a modificação brasileira.

A' meia legua N. de Santarem, ha umas ilhas rasas formadas pelas bocas do Tapajoz e braços do seu grande confluente.

Na bahia havia dez a doze sumacas de fundo chato e numero duplo de canôas. Veiu-nos visitar a bordo o commandante de uma goleta de guerra de quilha. Ia partir para o Rio Negro, a 230 leguas portuguezas do mar.

Além d'esta que viéra do Rio de Janeiro e que já anteriormente subira o Amazonas até aquelle ponto, estava ancorada outra goleta, essa de marinha mercante, que pertencia a um negociante do Pará e fôra construida nos Estados-Unidos.

Em Santarem cahira já á agua uma embarcação que podéra ir até Portugal, mas tão mal construida que nunca de lá voltára. Assim abortam muitas emprezas. Por uma linha são povos novos e velhos separados do progresso, mas essa linha equivale a um muro de bronze. Onde o segredo de aplainar difficuldades acabrunhadoras?

Cinco classes distinctas se notam na população de oito a dez mil almas de Santarem : brancos, indios, mamelucos, mulatos e negros. Entre os primeiros a metade é filha da Europa, de modo que as paixões politicas são ainda muito vehementes. Os indios são geralmente appellidados *tapuyos* e menos cobreados que os das mattas. Livres por lei,

o são de facto, graças mais ás florestas do que pelo respeito que merecem seus direitos. Doceis, e, embora indolentes, são elles que fazem quasi exclusivamente a navegação dos innumeros rios da provincia do Pará. Com pouco se contentam: uma choupana, umas plantaçõezinhas, algumas gallinhas, roupa pouca de algodão, uma viola, eis o que desejam. Quando lhes dá na cabeça, deixam o amo sem se lhes importar com o que devem ou têm que receber. Nem fazem caso da roupa e objectos de propriedade sua, quando não se lh'os entregam. Fogem para o matto, deixando a casa no momento mais urgente ou a canôa em meio da viagem. O que póde ainda prendêl-os é a aguardente, que apreciam mais que o dinheiro.

Da mistura de brancos com indias nasce a classe dos mamelucos. Com habitos mais ou menos indiaticos, são um tanto mais claros. A lingua porém é a mesma. As mulheres no geral vivem com muita licença. O trajo consiste n'uma camisa de musselina bordada, de mangas compridas e de uma saia de chita, cheia de dobras atraz e dos lados, com uma abertura pela qual se vê a camisa tambem toda artisticamente franzida. Não andam senão de branco. Sustenta-lhes os cabellos um immenso pente, inclinado para a frente e com certos ares de enorme viseira. No pescoço trazem collares e reliquias de ouro, metal que brilha tambem nas orelhas, e no meio das tranças negras e escorridas da cabelleira. Vão sempre descalças.

Na provincia do Pará, os negros e mulatos são em pequeno numero, porque, tendo logo em principio sido os indios reduzidos á escravidão, tornou-se tardia e menos activa do que em outros pontos do Brasil a introducção dos filhos da Africa.

Da janella do quarto que eu occupava em Santarem, e no qual todos os dias ficava duas horas a tremer de frio e febre,

via á pequena distancia e do lado septentrional, não só o maior rio do mundo, da largura ahi de 6.000 braças, como, do outro lado, a Goyana Brasileira. Necessitando fazer provisão de gallinhas, aluguei uma igarité e um homem e, atravessando o Tapajoz, dobrei a ponta NO. de sua embocadura e fui navegar no grande rio, tal qual Orellana, seu primeiro explorador, um d'esses memoraveis filhos de Colombo que completaram o descobrimento do Novo Mundo. Eram no XVI seculo o que são hoje os Volta, Fulton, Jacquart e tantos outros.

As florestas circumvizinhas de Santarem estão cheias de uma linda palmeira, de viso não alto, e que deita cachos de côcozinhos, com os quaes se faz uma bebida agradave do gosto e consistencia do leite, do qual comtudo tanto se afasta que a côr parece calda de mirtillo.

N'essa minha primeira excursão em aguas do magestoso Amazonas, por muitas ilhas fui passando que impediam a vista da outra margem. A uma d'essas abiquei attrahido por uma casa pittorescamente collocada e pertencente, como d'ahi a instantes soube, a um lavrador portuguez que me deu bom agazalho, como é de uso no Brasil. Passei, pois, o resto do dia com elle. A vivenda nada tinha de confortavel, mas deleitava-me passear á sombra dos cacaoseiros plantados em linha recta ou das multiplas arvores ensombrarem aquelle socegado e ilhado recanto, que surge uns dois metros quando muito do seio das aguas, coberto por espessa e verdejante cupola.

Fiquei ainda a noite com esse meu hospede occasional, que á cêa me apresentou postas de peixe-boi e tartaruga. No dia seguinte voltei para Santarem.

Não permittindo mais o estado de saude do Sr. Langsdorff a continuação da viagem, despachámos um proprio para o Rio Negro, afim de levar cartas ao Sr. Riedel, dan-

do-lhe conta de todo o occorrido e marcando a capital do Pará para ponto de reunião.

DE SANTAREM A BELEM

A bordo da goleta mercante, partimos para a cidade de Belem no dia 1° de Setembro de 1828. Abrindo velas á fagueira brisa, depressa deixamos de avistar Santarem com seus navios ancorados e suas duas torres, entrando em cheio no immenso Amazonas. A gosto se me dilatava o peito, navegando em alterosa embarcação n'aquelle rio que tanto tem de largo quanto muitos da Europa de comprido, deparando grandes ilhas a correrem, chatas e extensas como pontões gigantescos cobertos de luxuriante vegetação, avistando a Goyana, admirando o movimento das ondas como em pleno oceano, e de vez emquando tendo ante os olhos um horizonte em que o céo se confundia com as aguas do grande caudal. Poucos dias depois de entrados n'elle e em lugar muito largo e semeado de baixios e escolhos, tivemos que supportar as furias de um furacão equatorial. A trovoada não cessava e o vento soprava rijo. N'estas condições cahiu densa noite. Eis senão quando o prôeiro deu um grande grito em guarany : *Itá !* (pedra). Não houve tempo senão de fazer força no leme ; mais dois minutos, estava o barco perdido. Deitámos então ancora ao fundo, mas o rio parecia o mar em furia, quebrando-se em vagalhões e espumando, e,como pela correnteza, o navio não podia pôr pôpa ao vento que soprava de NE., recebiamos de flanco as vagas de modo demais incommodativo. Tão fortes eram os balanços, tão rapidos, que me era impossivel ficar na rêde, pelo que subi ao tambadilho, d'onde presenciei toda aquella scena

de furor. Tão altos se elevavam os caixões, que uma falua que ficava proxima de nós, parecia querer vir se atirar dentro da goleta, subindo e descendo com o movimento das aguas a seis metros de altura. A's 9 horas tudo entrou em calmaria ; a trovoada dissipou-se ; o rio voltou á primitiva tranquillidade ; e o ar refrigerado soprou suavemente.

Perto de Gurupá, fortim e porto aduaneiro, assente á margem direita, avistámos á esquerda montanhas onde fica a cidade de Monte Alegre. Do alto d'ellas descortinar-se-iam o rio e o immenso valle em que corre, se não fossem, até aos mais altos cumes, cobertas de espessa vegetação.

Em Gurupá ficámos algumas horas. Havia tres peças de calibre quatro e duas ruas de casas terreas.

O commandante deixou-me copiar de seus registros a seguinte relação dos productos do paiz que durante o anno de 1827 haviam descido o rio e sido revistados na estação fiscal. Avisou-me comtudo que, por causa do contrabando, as quantidades erão inferiores á importação real.

Barras de ouro....	30	no valor de	3:125$220
Cacáo............	190.452	arrobas	
Salsaparrilha.......	5.744	»	
Cravos (especiaria)...	5.646	»	
Breu.............	260	»	
Oleo de copahyba...	167	potes	
» » »	18	barris	
Guaraná..........	89	arrobas	
Urucú............	6	»	
Castanhas doces.....	1.953	saccos	
Fumo.............	7.380	arrobas	
Café..............	5.725	»	
Algodão..........	126	»	

Estopa do paiz	317	arrobas
Amarras de piaçaba .	253	»
Piaçaba em rama ...	618	»
» » mólhos.	357	»
» » cordas.	4.328	pollegadas
Arroz	314	alqueires
Feijão	43	»
Farinha de mandioca.	1.256	»
Carne sêcca	4.271	arrobas
Cebo	215	»
Chifres...........	730	
Couros	1.612	
Pirarucú secco.....	48.718	arrobas
Manteiga de tartaruga	7.896	potes
Mixira............	230	»
Rêdes............	30	
Taboas de itauba...	182	
» » cedro...	24	

Grande porção de preciosos productos que o paiz exporta não está comprehendida n'esta tabella. A razão não a sei, como por exemplo: o pichiri, a noz-moscada, o cautchuc ou borracha, casca de tartaruga e especiarias varias. Só a tartaruga tornou-se ramo de commercio de grande importancia: do mesmo modo a borracha, da qual sahiam 10.000 arrobas em 1827 e que em 1859 deu 200.000 arrobas.

De Gurupá por diante começámos a navegar em braços muito estreitos. As margens estavam cheias de palmeiras *assais*, umas carregadas de cachos de meio metro de comprido e formados de côcozinhos do tamanho de um bago de uva. E' um nucleo espherico coberto de uma pellicula finissima da côr da amóra madura. Quando o navio deitava

ancora, colhiamos os cachos e, desbagando-os, enchiamos cestos e cestos que levavamos para bordo. Derramando uma porção de assay em gamella com agua e esfregando os côcos com as mãos, destaca-se a pellicula e tinge-se a agua de uma côr negro-carminea. Passando tudo por um panno, faz-se uma bebida muito agradavel com consistencia e gosto approximados do leite. Pondo-lhe um pouco de assucar, é refresco da melhor qualidade. A gente pobre addicciona-lhe um bocado de farinha de mandioca e tem assim nutrição tão simples quão substancial. Esta combinação é, como o guaraná, invento dos indigenas.

Havia tambem em abundancia nas margens uma planta aquatica de folhas grandes e chamada *aniuca*.

Navegavamos ás vezes em canaes tão apertados que as vergas do navio iam tocar nas ramadas da floresta. A agua é parada como se fôra azeite. Uma tarde em que estavamos ancorados, e que armado de um oculo, eu me comprazia a vêr os ramos de arvores quasi a alcance do braço, ouvi distinctamente vozes na matta, o que a principio não deixou de me sorprehender, mas attentando verifiquei que eram vozes de quem rezava o terço. A' pouca distancia havia uma choupana de morador que fazia sua réza com a familia e provavelmente com os vizinhos.

Tem o Amazonas, como o Nilo e o Paraguay seus transbordamentos periodicos, pelo que são essas casas edificadas sobre estacas. Durante as inundações as visitas se fazem em canôas, podendo penetrar até debaixo do alpendre ou dentro do corredor das habitações. Quando ha festança, na frente se vê uma verdadeira flotilha de canôas.

Continuando a navegar, passámos diante de Breves, tendo á esquerda a grande ilha de Marajó e á direita collinas, casas, e roças de canna. Ahi sente-se já o fluxo e refluxo do oceano, o que obriga o barco a deitar ancora a cada maré de enchente.

N'essa viagem póde o homem curioso ou de sciencia observar mudanças notaveis nos ornamentos ceramicos de que usam os indigenas. Os dos *Apiacás* são constantemente feitos em angulo recto; em losangos os dos *Mundurucús*, ao passo que em outros lugares são irregulares no desenho, embora sempre de mais ou menos gosto. Apparecem nos potes, vasilhas, e tubos de cachimbo.

Depois de sahidos do estreito canal de *Breves*, entrámos n'um mar de agua doce que para E. se estende a perder de vista. E' a embocadura do grande rio Tocantins, cujas aguas sahem da serra de Santa Martha em Goyaz, na região denominada Cayapónia, por onde passáramos ao visitarmos o Urubupungá, isto é, do lugar em que então estavamos, umas 340 leguas marinhas francezas. Essa extensão d'agua, que de E. a O. tem 10 leguas, chama-se *Bahia do Limoeiro*. Atravessando-a, fomos navegar no rio Pará, onde tambem ha estreitos canaes, em cuja margem direita vêm-se casarias e roças de cannas de assucar.

No dia 16 de Setembro de 1828 chegámos, emfim, á cidade do Pará. Acolhidos pelo general João Paulo dos Santos Barreto, commandante então das armas da provincia, d'elle recebemos a hospitalidade brasileira realçada pelas vantagens que dá a sociedade de um homem de merito e de sciencia.

A cidade é bonita. Dividida por uma praça em duas grandes áreas, o *bairro da Campina* e a cidade de Oeste, n'esta se acham reunidos alguns vastos edificios. N'aquella praça fica o palacio da presidencia, tido em conta do melhor de todo o Brasil. A' direita vêm-se os restos de vasto theatro que nunca foi terminado e cahe em ruinas. A' esquerda se ergue a cathedral, no fundo de um largo de menores dimensões, bello templo do mesmo estylo e tamanho que o de S. Francisco de Paula no Rio de Janeiro.

N'essa praça ficam tambem a igreja da Misericordia, o palacio do bispo, antigo collegio de jesuitas, o hospital e um fortim banhado pelas aguas do rio. Seguindo uma rua bem recta que da cathedral se dirige para o poente, chega-se ao arsenal de marinha, onde vi no estaleiro uma fragata de 54.

No bairro da Campina é que se acha a rica igreja e o convento dos carmelitas perto do mar e no centro a *rotunda de Santa Anna*, notavel pela sua architectura grega. Grande quantidade de bonitas casas de negociantes dão realce a esse bairro, feitas em parte de cantaria vinda de Portugal como lastro de navios. Lindos passeios cheios de frondente vegetação cercam por todos os lados a cidade. Para o sul fica o jardim botanico.

No porto havia uns trinta navios mercantes, inglezes, americanos, portuguezes e brasileiros, um francez, outro sardo, dois brigues de guerra da marinha brasileira e outro da franceza, que viéra de Cayenna para carregar gado.

Contaram-me que o illustre marquez de Pombal concebêra sobre os destinos do Brasil e particularmente da provincia do Pará o plano mais extraordinario que jámais preoccupára o pensamento de um homem de Estado, plano que, realizado, não encontraria igual na historia senão a celebre retirada dos hebreus do Egypto. Como se sabe, a côrte de Hespanha nunca podéra vêr com bons olhos aquella nação portugueza, pequena em dimensão, mas de animo sempre firme em não se sujeitar como tinham feito as suas treze irmãs ibericas. Quando o gabinete do Escurial não ameaçava directamente a independencia lusitana, suscitava aos estadistas de Lisboa mil inquietações, ora com questiunculas na Europa, ora com duvidas sobre limites na America. Talvez tambem já previa o ministro que o Brasil mais ou menos tarde se tornaria independente.

Por tudo isto concebeu elle o projecto de não só trocar com a Hespanha o Portugal,recebendo toda a porção hespanhola da America Meridional, como transportar a nação portugueza em massa para o Brasil. Formar-se-ia no continente europeu um Imperio, constituindo-se outro de extraordinaria grandeza no Novo Mundo, collocado todo debaixo do sceptro da casa de Bragança. Entravam no plano a nobreza e o alto clero. Durante tres annos consecutivos deveria o pulpito apregôar em todo o reino, que era vontade de Deus a emigração em massa para o Brasil, afim de sem mais tardança espalhar a fé catholica n'essa vasta região, ainda quasi toda entregue a gentios idolatras, obstinados em suas falsas crenças e correndo o risco de serem conquistados por nações protestantes. Tal era o manifesto designio da Providencia que escolhêra o povo portuguez para realizar tão elevados intentos. Ai dos que não se subordinassem de prompto aos decretos divinos! Para esses tornar-se-ia a terra esteril e sêcca; fechar-se-iam os mananciaes do céo e, renovando-se as pragas do Egypto, vêr-se-iam entregues sem resistencia possivel á fome e á miseria!

Na esperança de fundar o mais vasto Imperio do mundo e querendo levantar-lhe a capital á margem do maior rio da terra, tinha o ministro escolhido a cidade do Grão-Pará em razão de sua collocação sobre o Amazonas, cujo curso de milhares de leguas é caminho franco e aberto para os Andes, tornando-se os seus grandes tributarios outros tantos braços de communicação com a America Meridional.

Li uma memoria escripta, na qual vinha uma exposição d'esse gigantesco plano. Chimerico ou não, diz o autor, a elle deve a provincia do Pará os progressos que fez no governo do marquez de Pombal, vendo sua capital enriquecida de grandes edificios, taes como o palacio do

governo, o theatro, o arsenal, etc. N'esse tempo tambem se construiu a fortaleza de Macapá, mudando-se, talvez para tornar mais portugueza a região toda, os nomes das cidades e povoações de indigenas que eram para outros de caracter perfeitamente lusitano, taes como Santarem, Obidos, Alter do Chão, Almeirim, etc.

Póde tudo quanto acabo de expôr ser méra fantasia feita sem base nem razão, mas o que é certo é que, ao passo que trabalhavam nas obras do Pará, outras não menos importantes surgiam em Matto-Grosso. Na cidade de Villa Bella, destinada a ser capital da provincia, os habitantes maravilhados viam simultaneamente se erguer do chão o palacio, a intendencia, a fundição, a cadêa, etc., é a 50 leguas nas margens do Guaporé como por encanto apparecia a fortaleza do Principe da Beira. E' que o ministro queria assentar solidamente o poder portuguez n'aquella extrema fronteira. Em Villa Bella os trabalhos começados não foram levados á conclusão. A cidade cahe hoje em ruinas, está quasi abandonada, cercada por todos os lados de pantanaes; mas o forte, que foi terminado, impressiona vivamente o viajante ao deparar-se-lhe n'esses solitarios termos uma fortaleza sobranceira, construida com todas as regras exigidas pela arte militar.

CONCLUSÃO

Durante minha estada no Pará, travei relações com o Dr. Antonio Corrêa de Lacerda, naturalista conhecido e estimado na Europa. Embora portuguez, presidiu a provincia em épocas bastante criticas, respeitado pela gente de todos os partidos.

Quatro mezes inteiros esperámos pelo Sr. Riedel. Afinal chegou elle por seu turno magro e desfeito das molestias que apanhára no Rio Madeira, onde de seu lado soffrêra tanto como nós.

Como já tinhamos fretado um brigue brasileiro para alcançarmos o Rio de Janeiro, dez dias depois da chegada d'aquelle nosso companheiro, partimos para o mencionado porto, trazendo a bordo o ex-presidente da provincia José Felicio Pereira de Burgos. Quarenta e oito horas já tinhamos de viagem, e ainda apanhavamos agua doce.

Quinze dias depois de sahidos, estivemos a naufragar nos baixios da costa do Maranhão a 12 leguas de terra, pelo que aprôámos logo para o norte a ir buscar a róta seguida por todos os navegantes e que por certo não deveriamos ter deixado. Se não fóra a mudança da côr do mar e o aviso da sonda, estavamos irremediavelmente perdidos. Em boa hora e a tempo nos precavemos, prolongando-se comtudo a viagem por mais 15 dias, o que motivou alguns incidentes desagradaveis ; mas, afinal com 46 dias de bordo alcançámos a cidade do Rio de Janeiro, dando fim á nossa penosissima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior do vasto Imperio do Brasil.

FIM

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

BREVE NOTICIA

ácerca do fallecido bispo do Maranhão

D. Fr. Carlos de S. José e Sousa (*)

E' preciso honrar os grandes homens, disse um notavel escriptor, para que o seu numero augmente.

N'este caso está um pernambucano illustre, luminar da ordem dos carmelitas, prelado virtuoso e ornamento da igreja brasileira, que desceu ao tumulo ha mais de um quarto de seculo, sem que no entanto até hoje seu nome tenha merecido as honras de uma justa commemoração.

Fr. Carlos de S. José e Sousa, de quem vou entretervos por alguns momentos, senhores, mereceu o nosso respeito e consideração, porque reuniu, á uma illustração variada e profunda, dedicação sem limites á causa da ordem e das instituições fundamentaes da nação, e seja-me licito accrescentar, sem receio de abusar de vossa benevolencia, porque o consocio que n'esta hora vos falla deve áquelle preclaro bispo do Maranhão tudo quanto sabe, sendo este titulo incontestavel a sua immorredoura gratidão.

A cidade do Recife, opulenta rainha das nossas cidades do littoral, não só por sua belleza, como pela fertilidade de seu solo, distinguindo-se de suas irmãs do Imperio pelos aprimorados dotes com que a fadou a natureza, foi o solo

(*) Memoria que não póde ser lida por falta de tempo nas sessões ordinarias do Instituto Historico durante o anno de 1876.

abençoado em que viu a luz da existencia o preclaro bispo D. Fr. Carlos de S. José.

Foram seus pais Carlos José de Sousa e D. Marianna Machado Freire. Seu corpo alimentado com o materno leite, e seu espirito com o da fé e da doutrina da religião do Crucificado, que tanto os seus amantes progenitores lhe souberam inspirar, bem como a seu tambem finado irmão Fr. Pedro de Santa Marianna, tal estimulo exerceram em sua alma, e tamanha influencia em seu coração, que logo desde o começo de sua vida deu exuberantes provas de seu peregrino talento, e de todos os fulgidos attributos que esmaltaram a sua intelligencia e a sua alma.

Crescendo em idade ao passo que se adiantava em virtudes, e tendo já alguns preparatorios (latim e rhetorica), foi obrigado a abraçar a carreira das armas, de cujo exercicio — pela negação absoluta que para elle tinha — foi dispensado.

Conhecendo as chimeras do mundo e seus enganosos attractivos quiz voluntariamente seguir o estado religioso, para que sentia verdadeira vocação, e quando contava 19 annos, deixando extremamente saudosos seus pais, impellido com presteza nas aras de seu vehemente desejo, bateu ao portico do convento do Carmo da reforma de Pernambuco, onde benignamente e com unanimes applausos foi recebido, conjunctamente com seu referido irmão, no dia 3 de Dezembro de 1796, em cujo convento, entregue ás meditações espirituaes e á pratica das mais edificantes virtudes, passou o anno de seu noviciado, professando aos 4 de Dezembro de 1797, sendo presidente do convento o padre-mestre Fr. Felix de Sant'Anna e prior o padre-mestre Fr. Caetano de S. José.

Moldado para as brilhantes acções dos grandes scenarios do mundo, Fr. Carlos de S. José, reconcentrou-se no retiro do seu claustro, acostumando-se ainda em juvenil idade ao

acanhado de sua cella, cujas paredes queria que fossem as unicas testemunhas de suas lucubrações, como o foram de suas pungentes dôres.

Teve por companheiros no convento Fr. Pedro de Santa Marianna, Fr. Leandro do Sacramento, Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, Fr. João de Santa Isabel Pavão e tantos outros varões que illustraram a ordem carmelitana.

Tendo Fr. Carlos obtido permissão do seu superior, matriculou-se no seminario episcopal de Olinda, inaugurado a 16 de Fevereiro de 1800 pelo saudosissimo bispo de Pernambuco D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, sendo seu primeiro reitor o conego José de Almeida Nobre.

N'este estabelecimento scientifico, fundado no collegio dos jesuitas da cidade de Olinda, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça, crearam-se as seguintes cadeiras : latim, grego, francez, rhetorica, geographia, historia, philosophia, mathematicas, theologia moral e dogmatica, moral e cantochão.

A carta régia de 22 de Março de 1796 doou á igreja as alfaias e tudo quanto mais era preciso ao seminario episcopal.

Fr. Carlos preferiu matricular-se nas aulas de philosophia, e n'esta sciencia tornou-se notavel, porquanto, na presença de distinctos professores d'aquelle seminario e do diocesano, defendeu theses, sendo proclamado por seus examinadores com approvação plena e louvor.

Não satisfeito ainda matriculou-se depois no curso de sciencias mathematicas e naturaes, sendo examinado na igreja da Madre de Deus, perante insignes professores, que galardoaram com os maiores titulos de louvor o seu talento.

Nomeado mestre de philosophia de seu convento, mostrou sempre profundos conhecimentos, e tão alto era o seu

renome, que a mocidade, avida de saber, ia em grande numero ouvil-o no recinto de sua ordem.

Constituido prelado maior, honrosa distincção, longe de se vangloriar com este encargo, pois era ainda muito joven, não abusou jámais do poder de que se achou revestido, tratando a todos os religiosos com a urbanidade e candura proprias de sua alma, por assim dizer, angelica.

Em 1809 foi nomeado visitador de sua ordem pelo breve de 6 de Novembro, declarando o referido documento que o visitador tinha plenos poderes para exercer todo e qualquer acto de reforma na mesma instituição.

Revestido d'estas honras e constituido em tão alta dignidade, não usou d'ella para extorquir direitos e occultar razões de seus subditos, não deixando nunca o merito sem premio, nem o delicto sem punição, e acolhendo a todos, que benignamente acariciava, estremecia e paternalmente aconselhava.

Tanto foi o seu zelo e solicitude, que depois de alguns annos o elegeram provincial, cargo que tambem exerceu sempre com a maior circumspecção.

Terminadas estas commissões, quando esperava o descanso, quando pretendia abrigar-se á doce sombra da paz e da tranquillidade, uma tempestade imprevista se levanta, e o convento do Carmo é designado em virtude de ordens superiores para servir de quartel e hospital militar. Deu-se este acontecimento em 1817, quando rebentou a revolução de Pernambuco.

O padre-mestre Fr. Carlos, pungido da mais acerba dôr, obedece á ordem, e só, desamparado de seus companheiros de claustro, pede, insta e roga, que se lhe conceda ao menos uma parte do consistorio da igreja. Tendo alcançado o seu pedido, mandou chamar seus irmãos que já haviam partido para a cidade de Olinda e para o interior,

e n'aquelle posto continuou, como fiel sustentaculo e vigilante sentinella de sua religião, os seus encargos de professor, leccionando publicamente philosophia e geometria á mocidade da capital da provincia, que ambicionava instruir-se com tão abalisado mestre.

Em 1832 foi chamado, em companhia de dois distinctos clerigos seus compatriotas, para governar o bispado de Pernambuco, quando o bispo eleito D. João teve de vir sagrar-se n'esta côrte.

Desempenhou esta elevada incumbencia com a mais escrupulosa pontualidade, discernimento e honradez, de modo que em reconhecimento de seus meritos o nomeou ainda o diocesano, examinador synodal do bispado.

O governo provincial, tendo de collocar á testa do collegio dos orphãos da cidade de Olinda um homem prudente, rico de instrucção e de proverbial moralidade, foi buscal-o ao convento e o nomeou para dirigir aquelle estabelecimento de instrucção no anno de 1835.

Deixou este encargo, que desempenhou durante seis annos com todo o zelo, actividade e amor da ordem, fiscalisação e vigilancia extrema, quando foi reformado em 1841 o lyceu da cidade do Recife pelo presidente Francisco do Rego Barros, sendo nomeado então professor de philosophia.

O probo e venerando religioso desenvolveu a sua reconhecida proficiencia, de maneira que recebeu do governo provincial exuberantes provas de apreço, tanto assim que, vagando o lugar de director pela nomeação do bispo D. Thomaz de Noronha, foi elle nomeado para substituil-o, não deixando comtudo o insigne mestre de lêr na sua cadeira de philosophia.

Collocado n'este distincto lugar e quasi exclusivamente entregue ao bom desempenho das funcções que lhe foram

commettidas, nunca se esqueceu das obrigações de seu convento nem se negou aos trabalhos de que podiam resultar honra e prosperidade á sua ordem, sujeitando-se expontaneamente a ser mestre de noviços, que em 1841 tiveram ingresso, quando alguns poucos religiosos receberam parte de seu convento, de que por espaço de 24 annos estiveram privados.

Muito extremoso foi sempre o padre-mestre Fr. Carlos com a educação dos noviços. Apenas terminados os trabalhos litterarios, dirigia-se ao noviciado para conhecer do adiantamento de seus discipulos e irmãos, e instruil-os com seus salutares preceitos.

Depois de longos annos, de porfiadas lutas, de aturadas fadigas civicas e ecclesiasticas, o commedimento de seu porte, a gravidade de sua conducta moral e religiosa, sua vida retirada e simples, sua modestia, sua prudencia, os seus conhecimentos e mais predicados que esmaltavam a sua individualidade, lhe haviam grangeado a estima de quantos tinham a fortuna de conhecêl-o e apreciar a sua sabedoria.

Foi n'esta época que a Providencia Divina, em justa remuneração de suas virtudes e afans, inspirou o augusto imperante a nomeal-o bispo da diocese do Maranhão.

Por decreto de 13 de Maio de 1843, referendado pelo ministro da justiça Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois marquez de Paraná, foi o Rev. Fr. Carlos designado bispo de S. Luiz do Maranhão e confirmado por letras apostolicas de 24 de Janeiro de 1844 com o respectivo beneplacito de 18 de Março do mesmo anno.

Muitas foram as lagrimas e saudades dos pernambucanos logo que se espalhou a noticia d'esta nomeação.

Seus numerosos discipulos, parentes e amigos, correram ao convento para abraçal-o, e encontraram-o melancolico e pezaroso.

A eminente dignidade com que o havia honrado o governo do Imperador foi-lhe diadema de espinhos nos males que lhe acarretou.

Sagrado solemne e pomposamente na igreja de sua ordem, no dia 2 de Junho de 1844, pelo Exm. diocesano D. João da Purificação Marques Perdigão, assistiram a este acto o bispo resignatario de Olinda o padre-mestre Fr. João Pavão, provincial do Carmo, as principaes autoridades da provincia e grande concurso de povo.

Ancioso por tomar conta de seu rebanho deixou a cidade do Recife no dia 19 de Junho do dito anno e aportou á cidade de S. Luiz a 25.

Com que alvoroço não é recebido, com que apparato esperado, com que enthusiasmo saudado ao desembarque no Maranhão, dizem-o os jornaes d'aquella época. Grato a tantos favores de seus filhos tomou conta de sua diocese, empenhando todos os seus esforços e efficacia em prol de suas ovelhas.

Quando esperava, porém, ainda maior impulso dar a seus serviços nas funcções do episcopado, cruel enfermidade o acommetteu e o inhibiu d'essa resolução, coagindo-o a ausentar-se saudoso de seu rebanho e voltar á terra natal na esperança de conseguir o restabelecimento de sua deteriorada saude.

Regressando ás serenas plagas do Capibaribe, ás virentes margens da terra de que era oriundo, a provincia inteira o esperava, abrindo-lhe os braços e fagueira acolhendo-o a 23 de Julho de 1847.

A' sombra do lar paterno, onde primeiramente se deslisaram os sorrisos e alvoreceram as douradas aspirações da juventude, pouco tempo gozou dos applausos e festejos que lhe tributava sua provincia nativa, porque a terrivel enferdade que o obrigou a deixar a sua diocese, o prostrou no

leito, onde com a maior paciencia e piedosa resignação soffreu as mais pungentes e lacerantes dôres. Recolhendo-se a seu convento, entregou a alma ao Creador no dia 3 de Abril de 1850.

Sepultado no mesmo convento onde recebeu e distribuiu tão bellas lições de saber e de virtude, ainda hoje os religiosos carmelitas misturam o sereno pranto de sua saudade com os canticos dos mortos, entoados por seus irmãos no triste anniversario de seu fallecimento.

Carlos Honorio de Figueiredo.

O NOME DE AMERICA SERÁ AMERICANO?

Memoria lida na sessão do Instituto Historico de 10 *de Dezembro de* 1875.

POR

CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

Socio do mesmo Instituto

Eis um problema que se tem suscitado entre os cultores da geographia do novo continente, pela natural repugnancia que ha em deduzir o nome de *America* do prenome(1) do celebre navegante e cosmographo florentino—*Vespucci* ou *Vespucio*—com prejuizo do verdadeiro descobridor do mesmo continente—*Christovão Colombo.*

Em verdade quando pronunciamos a palavra *America*, nome tão doce em nossos labios, tão caro a nossos corações, parece que outro não podia melhor assentar ao mundo tão desconhecido dos antigos. Applaudimos a felicidade da designaçao, mas desejáramos que não assentasse em uma injustiça com ou sem sciencia do piloto ou cosmographo florentino.

A conspiração ou conjuração, se houve, partiu de geographos; formal ou silente, impellida pela necessidade do nome, transpôz todas as barreiras, mas sómente logrou o seu triumpho no seculo decimo setimo.

O principal criminoso já está descoberto: foi Martinus Hylacomylus (*Waldzee muller*), geographo-livreiro de Saint-Dié, uma pequena cidade nas vizinhanças dos Vosges, em França. O trama foi em nossos tempos bem esquadrinhado;

(1) Vide infra a nota (8).

e no inquerito tomou posição, mui proeminente, um distincto membro do nosso Instituto, o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, visconde de Porto Seguro.

A principio o nome amaldiçoado pelos devotos de Colombo foi imposto á vasta e formosa peninsula que habitamos, o que em extremo irritou os nervos de Antonio de Tordesilhas Herrera, talvez, o mais notavel e abundante chronista, o mais circumspecto historiador do Novo Mundo.

Eis como elle, no fim do seculo XVI, se exprime no cap. 14 da sua *Descripção das Indias Occidentaes* :

« A parte das Indias do meio-dia, injustamente chamada *America*, he todo o descoberto desde Nombre de Dios e Panamá, ao sul, em que se incluem Terra-firme (*Colombia*, *Venezuela*), nos reinos do Perú-Chile, que os indios chamam—Chile. »

A outra peninsula, a do norte, mais vasta, e então menos conhecida e apreciada, maxime na parte mais septentrional, pelo seu aspero clima, não tinha nome commum. Foi Abrahão Ortelius quem, no seu *mappa-mundi*, quasi no fim do seculo XVI (1587), generalisou, estendeu áquelles paizes o nome de *America*, completando assim o audacioso projecto de Hylacomylus. Ortelius, o Ptolomeu d'aquelle seculo, propôz tambem o nome de *India Nova*, mas o outro foi, ao envez, geralmente preferido.

O nome de *America*, como já dissemos no nosso resumo da *Historia do Commercio*, impôz-se aos olhos de todos como um facto providencial, e para o qual todos de alguma sorte concorreram, e não ha, propriamente, culpados.

Pela sua euphonia agradou geralmente, e, como já notámos, triumphou de todos os embaraços, de todas as barreiras que se lhe antepuzeram.

Entretanto o que convem sobretudo saber é se, sendo um facto providencial a imposição ou lembrança d'este

nome, como acreditamos em presença da victoria que alcançou, ha uma razão que assignale e justifique a fortuna ou a justiça de sua escolha, sem culpar Vespucci, e menos sacrificar o heróe da descoberta—*Colombo.*

Mas, facto ainda mui notavel—a parte do novo continente que primeiro recebeu o baptismo de *America* é a que menos ostenta pretenções ao exclusivo d'esse nome, que é principalmente reclamado por um grande e poderoso paiz da peninsula septentrional, os Estados-Unidos, pretenciosamente intitulados da America—*United-States of America*—o que parece comprehender todas as regiões ou todos os Estados do Novo Mundo, desde as eminencias do monte de S. Elias, ou ainda além, até o cabo de Horn e dependencias!

E os habitantes d'esse paiz julgam-se predestinados para alcançarem esse magno empenho, por assombroso que a muitos pareça. Assim Brownson, na sua obra *Republica Americana,* diz o seguinte :

« A chave do mysterio está justamente n'essa expressão de *Estados-Unidos*, que de nenhuma sorte é o nome geographico do paiz (outr'ora *Bimeni*, *Norumberga*, *Virginia*, *Florida*, *Nova França*, *Quivira*, *Cybola*, etc.), porquanto o seu verdadeiro nome é *America*, mas uma palavra que exprime sua organisação politica. Isto quer dizer que não ha povo soberano sem os Estados, e nem ha Estados fóra da *União.* »

E em outro lugar:

« O conde de Maistre predisse, no começo d'este seculo, a quéda dos Estados-Unidos, porque não tinham nome proprio. Mas sua prophecia apoiava-se em um facto inexacto.

« Os Estados-Unidos têm um nome proprio, sob o qual o universo inteiro os conhece. O nome proprio do paiz é *America.* ..

« Fallai simplesmente de americanos, e a ninguem acu-

dirá a idéa de pensar nos habitantes do Canadá, do Mexico, ou do Perú. Todo o mundo comprehenderá que fallais dos Estados-Unidos.

« O facto é significativo, e prediz ao povo dos Estados-Unidos *um destino continental.*

« Esse destino tambem está annunciado na doutrina de Monroë, que a França foi autorisada a violar durante nossas discordiãs civis, com a condição de não intervir em nossas dissenções privadas. »

Mas voltemos ao nosso ponto de partída. Dous escriptores modernos, ou antes d'este seculo, sustentam a doutrina de que o nome de *America* tem origem puramente americana, e não no prenome, como dizem os francezes e outros europeus, ou nome de baptismo do piloto ou cosmographo florentino.

Alberico é o nome verdadeiro de seu baptismo; *Amerigo*, *Morigo*, *Almerigo* e *Americo* a denominação familiar ou de camaradagem. As suas cartas epistolares impressas na Europa em 1504, 1505, nas linguas italiana, latina e germanica, e tão grande celebridade deram a Vespuchi ou Vespucci, dizem na assignatura ou na indicação *Alberico*, *Albericus*, etc.

Eis o primeiro ponto de partida. Se o prenome de Vespucci era Alberico, como declaram as assignaturas de suas cartas no original e nas differentes traducções, como explicar a intervenção da outra denominação tão pouco conhecida em differentes paizes da Europa dos cultores da geographia do novo continente? Qual a razão d'esta coincidencia, do nome dado ás regiões que habitamos, com uma das denominações familiares, e pouco conhecidas de Vespucci? Eis o problema a resolver.

Um d'esses autores é de nação inglez, de profissão negociante e viveu em nossa patria durante dois lustros: é

João Luccock. Elle publicou em Londres no anno de 1820 as suas impressões, o que observou e ouviu contar. *Notes on Brazil*, ou melhor *Notes on Rio de Janeiro and the southern ports of Brazil; taken during a residence of ten years in that country from* 1808 *to* 1818, *by John Luccock*, tal é o titulo da sua obra, cujo manuscripto foi revisto e coordenado por um ministro anglicano, o Rev. Joseph Bowden.

Luccock não acredita que o prenome familiar do Vespucci concorresse para a denominação da quarta parte do nosso mundo sublunar, e pensa que esse nome tem sua origem na palavra *maricá*, que, como inglez, pronuncia *merica*.

Maricá é corrupção da palavra *maracá*, instrumento de musica, e ao mesmo tempo objecto de culto, de que os indigenas de nossa America de certa importancia usavam e traziam constantemente comsigo, maxime os que eram denominados *Carahybas* e *Pagés*. Ora, esse instrumento por tal circumstancia devia logo attrahir a attenção dos europeus, e bem depressa conheceriam sua denominação, que cada um a seu modo reproduziria em sua linguagem com a inflexão correspondente que o ouvido aceitasse, como aconteceu com outros vocabulos. Reproduzamos suas palavras (2) :

« *America* era antigamente o principal lugar n'estas regiões, e provavelmente a residencia de alguns chefes indigenas. Este nome deriva-se de *maricá*, palavra commum na linguagem tupy, que significa uma cousa concava ou ôca (3).

(2) Cap. X, pag, 312 e tambem 306.

(3) Segundo este autor, a palavra *America*, em tupy, compõe-se de *a* e *marica*; significa a barriga, bojo, cousa concava ou ôca, e os penates, divindades de dimicilio, Quem lhe diria tudo isto ?

« Ainda que termo generico, é mui frequentemente applicado á casca sêcca da cabaça, ou de fruto da flôr da paixão (*maracujá*), que não foi partido, e em que chocalham as sementes.

« Estas cousas o povo conservava e venerava como seus penates, como um santo deposito dos deuses.

« Logo que começaram as suas relações com os europeus, quando estes aportaram á suas costas, novos objectos attrahiram a attenção dos indigenas e forçoso foi achar-lhes nomes. Assim, um barril e um navio de coberta, como tambem a outros objectos concavos ou ôcos, foi transferido ou applicado o nome de *maricá* ou *americá*.

« Os europeus, por sua parte, foram tambem obrigados a conferir uma denominação a um paiz novamente descoberto.

« Não adoptariam elles, para este fim, uma palavra que frequentemente ouviam proferir? E não estarão os differentes nomes dados ao Novo Mundo, agora quasi absorvidos por commum consentimento, por outro apparentemente mais natural?

« Estará provado que Vespucio trouxesse comsigo o nome de Americo, e que não o adoptasse como uma honrosa e apropriada distincção, assim como Scipião recebeu a addicção de—*Africano*?

« Não é fundamento para a menor duvida que a aldêa chamada *Americá*, e especialmente as divindades do paiz, tenham feito prevalecer seu nome nos tempos modernos; os sul-americanos nunca o tomariam de seus conquistadores, cujos costumes elles nunca seguiram, e cuja civilisação menosprezavam. »

A opinião de Luccock, resultado de uma apreciação pouco esclarecida, encontra em Constancio, *Historia do Brasil*, cap I, um adversario rigoroso; mas ao mesmo tempo não

offerece melhor solução, com quanto sustente o escriptor inglez a doutrina de que o nome de America não provém de Alberico Vespucci.

E' mui curiosa a explicação que, ao envez de Luccock, dá este escriptor, infelizmente um dos menos considerados que têm tratado de nossos annaes. Ella pouco satisfaz, e geralmente não é bem aceita; não obstante aqui a consignaremos como esclarecimento. Eil-a:

« O termo *America* era já usado em Portugal em 1530, porquanto por um alvará de 20 de Novembro do dito anno foi Martim Affonso nomeado por el Rey D. João III governador da *America Lusitana* ou *Terras Brasilianas*(4).

« Ora não he crivel que os portuguezes adoptassem essa denominaçao em honra de Amerigo Vespucci, apenas conhecido entre nós, antepondo o nome de um estrangeiro que nunca capitaneou expedição alguma portugueza ou hespanhola, ao de Cabral. Não he menos inverosimil que os Castelhanos esquecendo os illustres nomes de Ojeda, Pinzon, Solis e Balbôa, lhes preferissem o de um piloto italiano.

« Parece-me pois que a opinião geralmente admittida que attribue o nome de America a Amerigo Vespucci *he sem fundamento*.

« He tambem inadmissivel a supposição de Mr. Luccock. Pretende elle que o nome de America foi dado pelos primeiros descobridores ao novo continente, em razão do termo *Maricá* da lingua *Tupy*, que significa *cousa ôca, concava*, e que os indigenas applicaram talvez aos navios. *Maricá* designa particularmente uma cabaça de abóbora ou outro fructo semelhante (*maracujá*).

« Não me demorarei em refutar opinião tão gratuita e extravagante.

(4) Inexacto.

« Eis a minha conjectura.

« He bem sabido que na epocha que se seguio ao descobrimento do Novo Mundo era geral entre os eruditos o estudo da lingua Grega, e a mania de traduzir em grego até os nomes proprios, v. g. o de *Melanchton*, traducção de *Schwartzerde*, terra preta, nome do celebre heresiarca; não he portanto de estranhar que se désse ao novo Continente hum nome composto de radicaes gregos.

« Eu creio o nome formado de *meiró* separar, dividir, e *gaia* terra, e *a* augmentativo : *ameirogaia*, isto he, terra mui remota, ou *terra do ultramar* ; ou de *myrios*, muito grande, muito extenso, ou muito distante. »

O segundo escriptor, que procura dar ao nome de America origem puramente americana, é um francez, *Julio Marcou*, mui notavel geologo e geographo. Sua opinião é mui differente da de Luccock , e sua argumentação, bem deduzida, cheia de considerações tão interessantes, de alguma sorte attrahe a persuasão, com quanto não exhiba provas tão satisfactorias que excluam toda a duvida.

E' uma conjectura mui seductora e que se deseja vêr realizada ou fortalecida por outros meios que garantam a exclusão da hypothese fundada no nome familiar de Vespucci.

Marcou expendeu-a em um artigo publicado no *Boletim da Sociedade Geographica de Paris*, do mez de Junho d'este anno (1875), que traduzi, no interesse de fazêl-a bem conhecida no nosso paiz, e como assumpto para interessantes estudos e proficuas investigações ethnographicas.

E', pois, para a leitura d'esta traducção que solicito permissão do Instituto.

ORIGEM DO NOME—AMERICA—POR JULIO MARCOU

« America, Amerrica ou Americ, é um nome de lugar

em Nicaragua, que designa as terras altas ou cadêa de montanhas entre Juigalpa e Libertad, provincia de Chontales, e que se prolonga de um lado, no paiz dos indios *Carcas*, e do outro no dos indios *Ramas*. Os rios Mico, Artigua, Carca, formando o rio Blewfields; o rio grande Matagalpa e os rios Rama e Indio, que se lançam directamente no Atlantico, assim como os rios Comoapa, Mayales, Acoyapa, Ajocuapa, Oyale e Terpenaguatapa, que se lançam no lago de Nicaragua, tem todos suas nascentes nas montanhas da America(5).

« A terminação em *ique* ou *ic* se acha muitas vezes nos nomes de lugares das linguas indianas da America central.

« Essa terminação parece querer dizer *grande, elevada, proeminente*, e se applica sempre á linhas de cumiadas ou á paizes montanhosos, elevados, mas sem vulcões. Exemplo: *Nique* e Aglasin*ique*, no Darien (Colombia); Tucor*ique* e Amer*ique*, em Nicaragua; Amat*ique*, Manab*ique*, Chapparrist*ique*, Lepater*ique*, Llot*ique* e Ajuter*ique*, em Honduras; Atenqu*ique*, no Mexico; Tact*ic* e Poloch*ic*, em Guatemala; Tep*ic*, Acat*ic* e Mesquit*ic*, em Jalisco. Poder-se-hia facilmente dar lista mais extensa de nomes de lugares ou outros indianos, que terminam em *ique* ou *ic*, como cac*ique* ou grande chefe.

« Presentemente sabe-se, por numerosos estudos de erudição desempenhados durante os ultimos vinte e cinco annos sobre a origem dos nomes de lugar, que nada ha tão solidamente estabelecido como as denominações locaes. Mesmo as conquistas as mais absolutas, se senão consegue exterminar inteiramente a raça aborigene que habitava o

(5) Vide diversos documentos officiaes do governo de Nicaragua e *The naturalist in Nicaragua*, by Thomas Belt, oito volumes. London, 1873.

(*Nota do autor.*)

paiz, não podem apagar de todo os nomes de localidades, ou *lieux-dits*, segundo a expressão franceza.

« Estes nomes podem ser levemente modificados, soletrando-os com variações, mas o som primitivo subsiste, conserva-se. Demais, no proprio lugar em que a raça aborigene inteiramente desapparece, conserva-se muitas vezes os nomes de lugares, ao menos como synonimos ; do que existem numerosos exemplos no Canadá, na Nova Inglaterra e no Estado de New-York.

A questão é saber se esta palavra *America* ou *Americ*, que designa uma parte do paiz de terra firme, descoberta por Cristoforo Colombo, durante a sua quarta e ultima viagem de descobertas no Novo Mundo, foi conhecida do grande navegador; e por consequencia póde ser por elle repetida ou por seus companheiros de viagem. Certeza, não ha, desde que a palavra se não encontra na narração, aliás mui resumida que elle nos deixou.

« Mas como a apparição do nome *America* tornou-se um enigma, apezar das interpretações e versões que se têm dado ; e como por uma solução, ficamos reduzidos a reconhecer que Vespuchy nada concorreu para esta denominação, d'elle ignota ; e que um livreiro de uma pequena cidade perdida nos Vosges (*Saint-Dié*) é o creador do nome *Americi*, que de nenhuma sorte era o prenome verdadeiro de Vespucci ou Vespuchy ; não é talvez fóra de proposito passar em revista os factos e mostrar de que lado estão as maiores probabilidades, para chegar se a conhecer de onde nos vem este grande nome de *America*, que por si só abrange todo um hemispherio.

« Christoforo Colombo, na sua *lettera rarissima*, onde em resumo descreve a sua quarta viagem, 1502 a 1503, diz que depois de haver passado o cabo *Gracias a Dios* na costa dos Mosquitos, chegou ao rio do *Desastre*, que é o rio

grande Matagalpa ; e, alguns dias depois, parou em uma aldêa ou terra chamada *Cariai* ou *Cariay*. onde demorou-se algum tempo para reparar seus navios e fazer descansar sua tripolação.

« Alli os habitantes lhe fallaram muito de minas de ouro, o que era o objecto principal de suas indagações; encaminhavam-o para outra aldêa chamada *Carambarú*, onde os indigenas traziam ao pescoço espelhos de ouro. Estes indios lhe apontaram muitos lugares onde havia muitas minas de ouro: o ultimo lugar apontado era *Veragua*, a 25 leguas mais distante, na costa.

« Os habitantes de Cariai impressionaram Colombo e os homens de suas tripolações, como tendo entre elles muitos feiticeiros; e os marinheiros acreditavam depois terem sido por elles enfeitiçados, em vista das numerosas tempestades e contrariedades de todas as especies que tiveram de supportar durante o resto da viagem.

« Onde o local de Cariaï? onde Carambarú? e Veragua? Este ultimo ponto está bem fixado; é na grande bahia de Chiriqui no littoral de Costa-Rica, paiz em que se tem encontrado n'estes ultimos annos tumulos de aborigenes contendo ouro, como o indica Colombo em sua narrativa: «—os grandes do territorio de *Veragua* têm por costume « fazer-se sepultar com todo o ouro que possuem. »

« *Carambarú* ficava á uma distancia de ao menos 25 leguas de *Veragua*, isto é, *Chiriqui*, o que nos conduz um pouco ao norte do rio S. João e de Greytown. *Cariaï* devia ficar um pouco mais distante para o norte, isto é, na vizinhança da embocadura do rio Blewfields, onde se acham muitas pequenas ilhas, o que corresponde á narração de Colombo.

« Presentemente este paiz é habitado pelos indios *Carcas*, e um dos affluentes do rio Blewfields se chama *Carca*.

Estes indios *Carcas* trabalham ainda hoje nas minas de ouro de Santo Domingo e de Libertad sobre o rio Mico, outro affluente do Blewfields.

« Carambarú devia estar proxima do rio Rama, e no paiz dos indios *Ramas*. Ora estes indios *Ramas* e *Carcas* resistiram sempre á toda a especie de civilisação ; a mór parte, sobretudo os *Ramas*, são inteiramente selvagens e não deixam alguem penetrar no seu paiz ; e ficaram absolutamente no mesmo ponto, como quando os visitou Colombo em 1502. Sabe-se com que tenacidade os indios se aferram a tudo o que os cerca.

« Pois bem, é entre estes indios *Carcas* e *Ramas* que se encontra o lugar denominado *Americ* ou *Amerique* (America) formando uma cadêa de montanhas, a mais elevada (perto de 3.000 pés) do paiz, que serve de linha de separação entre as aguas que se escoam directamente para o Atlantico, e as que se lançam no lago de Nicaragua.

« Na opinião dos que têm visitado esta cordilheira em certos lugares, os arredores de Libertad, Juigalpa e Acoyapo, é ella das mais proeminentes : vê-se de longe, apresentando pincaros nús e rugosos, isolados, com enormes roturas ou rochas escarpadas perpendiculares, de côr branca ; accrescendo que sua mesma elevação divide o territorio em duas partes inteiramente distinctas e totalmente differentes pelos seus climas ; á léste jazem bosques impenetraveis, em razão das chuvas quasi continuas ; ao passo que a oeste d'esta linha de cristas tem-se um paiz arido e sêcco em consequencia da falta de chuvas, as montanhas da America impedindo totalmente os vapores do lado do Atlantico.

« Essas montanhas estão lançadas de nor-noroeste ao sul-sudeste, e veem esbarrar ao littoral Atlantico, um pouco ao norte de Greytown ; as ultimas ramificações estando in-

teiramente no paiz d'esses indios selvagens e inabordaveis, os *Ramas*.

« Sabe-se que por toda a parte nada muda menos como os nomes de montanhas, valles, lagos, rios, em uma palavra como os lugares ou locaes nomeados (*lieux-dits*) ; os povos desapparecem, e esses nomes conservam-se.

« E' da maior evidencia que essa denominação da cordilheira e dos rochedos de *Amerique* ou *Americ* é um nome indigena, cuja terminação em *ique* ou *ic*, é commum nos nomes de lugares da lingua dos indios *Leuca* ou *Chontales* da America central e de uma parte do Mexico ; este nome se tem perpetuado desde a descoberta do Novo Mundo, intacto e sem alteração, em consequencia do estado de completo isolamento em que têm vivido os indios d'essa parte do continente, que hoje, como em 1502, quando Colombo visitou-os, chamam ainda suas montanhas *Amerique* ou *Americ*.

« Ora essas montanhas são auriferas ; é na sua vizinhança que estão as minas de ouro de Libertad e de Santo Domingo, e demais, o ouro das alluviões ou dos *placers* (jazidas) está ahi inteiramente esgotado, o que não se explica senão por uma exploração anterior á dos proprios indios ; não se acha o ouro senão nos veios do quartz.

« Colombo diz que os indios lhe disserão muitos nomes de localidades ricas em ouro, nomes que elle não consigna em sua narrativa tão resumida, contentando-se com citar o nome da provincia de Ciamba ; mas é mui provavel que o nome de *Amerique* ou *Americ* fosse pronunciado muitas vezes pelos indios, respondendo ás importunas perguntas dos europeus.

« A avidez por obter ouro era tal, n'esses primeiros navegadores, que por toda a parte era sua principal preoccupação, e é quasi certo que á suas continuas perguntas aos

indios *Cariaï* ou *Carcaï* (pois esta palavra podia ser mal lida no manuscripto de Colombo, onde se teria tomado um *c* por um *i*) e *Carambarú*, de onde provinha o ouro que traziam como ornamentos—os ultimos respondessem « *de Americ*, »—esta palavra significando a parte mais elevada e a mais proeminente do interior das terras, o alto paiz, o *landmark* da provincia de Ciamba. O nome *Americ* ou *Amerrique*, sendo empregado como os Alleghanys, Ozarks, os Vosges, o Jurá, os Alpes.

« Da falta do nome *Amerique* na *lettera rarissima* ou narrativa de Cristoforo Colombo á Sua Magestade Catholica, o poderoso rei de Hespanha, não se segue que Colombo o desconhecesse. A mesma sua indicação da existencia de muitos nomes de lugares não citados que lhe disserão os indios, onde se achava o ouro, demasiado mostra que elle não disse tudo quanto sabia.

« Demais convem não perder de vista em que penivel e amargurada circumstancia foi redigida e escripta a sua *lettera rarissima*, estando prisioneiro, carregado de ferros por ordem do governador Ovando(6), na ilha da Jama*ique* (ainda um nome de lugar em *ique*) ; velho, adoentado, desgostoso por causa de tantas especies de soffrimentos e injustiças, Colombo não estava em posição de fazer um relatorio mui completo.

« Por isso, de todos os seus escriptos, a narrativa da sua quarta viagem é a menos clara, a menos precisa. O estylo é melancolico, amargurado e bastante confuso.

« Ha grandes probabilidades de que esse nome de *Ame-*

(6) Engano ou descuido do autor, porquanto Ovando não prendeu Colombo, acto praticado por Bobadilla. Mas a situação do grande nauta era a mesma descripta pelo autor, por outras causas, a molestia, o naufragio, a fome, e a revolta de pessoas importantes que estavam sob seu commando.

rique ou *Americ* fosse muitas vezes pronunciado pelos indios perante Colombo e seus companheiros de viagem; e este nome ficou entre elles como o de um *El-Dorado*, não explorado, nem mesmo entrevisto, mas que jasia no interior das terras, de que elles haviam occupado os contornos das costas na provincia de Ciamba.

« De volta á Europa, Colombo, e sobretudo os homens de sua tripolação, narrando sua viagem, ter-se-hiam gabado da descoberta das minas de ouro, mui ricas, de que lhes haviam fallado os indios do littoral de Nicaragua, dizendo que estavam situadas do lado da America. D'isto resultou uma especie de popularidade dada á palavra—*America*—como nome vulgar da parte dos indios, descoberta por Cristoforo Colombo, em sua ultima viagem, onde deviam existir as mais ricas minas de ouro do Novo Mundo. Pois não se deve perder de vista que todas as expedições de Colombo e dos outros navegantes d'aquella época tinham sobretudo por fim principal e material a acquisição de grandes riquezas e a descoberta de minas de ouro.

« Este nome de *America*, synonimo do paiz de ouro por excellencia, é natural que se houvesse espalhado nos portos de mar das Indias occidentaes, e depois na Europa; e pouco a pouco penetrou no interior do continente europeu, e é assim que o professor-livreiro de Saint-Dié, junto aos Vosges, ouvira fallar d'esse nome de America, sem conhecer o valor, excepto como designando um paiz das Novas Indias, mui rico em ouro.

« Como essas descobertas faziam então o assumpto das conversações de todo o mundo, Hylacomylus de Saint-Dié (*Martinho Waldzeemuller*), não conhecendo outras relações impressas além das de *Albericus* Vespucius, publicadas em latim em 1505 e em allemão em 1506, julgou vêr n'esse prenome de *Albericus* a origem do nome para elle

corrompido e alterado de *Amerique* ou *Americ*; renovando a fabula do golfinho, elle tomou o Pireu por um homem e denominou esta terra de conformidade com o unico nome dos navegadores que chegára á sua noticia, e que apresentava alguma analogia com a palavra *Amerique* ou *Americ*.

« Para isto foi-lhe preciso modificar e torturar o prenome de Vespucio: de *Albericus*, *Alberico*, *Amerigo* e *Morigo*, que são as diversas maneiras de soletrar o prenome de Vespuzio ou Vespuchy, Hylacomylus fez *Americus!* D'esta sorte, segundo o meu modo de vêr, foi em consequencia de um erro de Hylacomylus que o nome aborigene do Novo Mundo *Amerique*, *Amerrique* ou *Americ* foi europeanisado, latinisado e ajustado com o nome do filho de Anastacio Vespucci.

« Se este erro fosse commettido na Hespanha, em Portugal o nas Indias, evidentemente houvéra sido notado e emendado, porque então viviam ainda Vespucci e muitos companheiros da viagem de Colombo. Mas em Saint-Dié, pequena cidade desconhecida, e cujo nome provavelmente nem mesmo chegára ao conhecimento nem de Cristoforo Colombo, nem de Alberico Vespuzio, distante de todos os portos de mar, esse opusculo do livreiro Hylacomylus ficou limitado a um pequeno circulo; foi effectivamente em torno d'esse pequeno circulo que o erro se prolongou e propagou pelas publicações, em Strasburgo em 1509, de uma nova edição do livro de Hylacomylus, e em Basiléa em 1522, da primeira carta, na qual lê-se: *America provincia*.

« Quando esta carta com o nome *America* appareceu e chegou á Hespanha, Cristoforo Colombo, havia largo tempo, era fallecido (1506); seus companheiros de viagem, quasi todos analphabetos, tambem haviam fallecido ou voltado ás Indias, e ninguem existia em condições para corrigir o erro de Hylacomylus, supppondo que essa carta d'elle fizesse menção.

« Ouviu-se o nome de America, não como o nome de um homem, mas como o de um paiz, de uma parte indeterminada do Novo Mundo; aceitou-se sem difficuldade, e sem prestar-se attenção ao erro do livreiro de Saint-Dié, de quem provavelmente não se conhecia o opusculo (7).

« Em verdade não é duvidoso, que se o nome de America não fosse já um nome conhecido e mesmo até um certo ponto bastante popular nos portos de mar da Hespanha, de Portugal e das Indias, não o teriam aceitado desde logo, e como de entuviada, sem discussão. E tanto mais quanto Hylacomylus, além da modificação e da alteração profundas por que fazia passar o prenome *Alberico*, afastava-se das regras geralmente seguidas nas denominações de paizes, dando o prenome em lugar do nome proprio do seu heróe (8); deveria ter chamado á America *Vespuccia* ou *Vespuchia*.

« As testas coroadas, reis, imperadores, rainhas ou principes, são os unicos que têm o privilegio de empregar-se os seus prenomes na designação de novos paizes. Por isso diz-se: estreito de Magalhães, ilha de Vancouver, Tasmania, ilha van Diemen, etc., ao passo que se diz—Luiziana, Carolina, Georgia, Maryland, Philippinas, Victoria, etc., etc.

« Este habito de dar aos novos paizes os prenomes dos descobridores tem-se mantido sem uma só excepção, mesmo em relação á Cristoforo Colombo; pois ninguem ainda teve a idéa de dar o nome de Cristoforia ou Christophia á um paiz, e o de Cristoforo ou de Christovão á uma cidade; e não obstante têm-se creado, em diversas épocas, muitas *Colombia*, *Colombie*, *Columbia*, *Columbus* e *Colon*.

(7) Não seria isto mui natural se se attender que n'essa época Saint-Dié estava mui proxima de territorios que dependiam da Hespanha, como por exemplo: o Franco-Condado e os Paizes-Baixos.

(8) Conforme o systema francez, porque entre nós o nome de baptismo é o proprio.

« Ainda mais : Hylacomylus, dando á Vespuchy a honra de dar nome ao novo continente, e servindo-se contra todos os precedentes de seu prenome em vez do seu nome, deveria chamal-o : *Albericia*, ou *Amerigia*, ou *Amerigonia*, ou *Morigia*, e nunca *America*. Ora este nome forjado penivelmente não se torna explicavel senão admittindo que Hylacomylus tinha de antemão ouvido o nome de *Amerique* ou *Americ*.

« Amerigo Vespuchy, conforme a ortographia de Cristoforo Colombo em sua carta datada de Sevilha de 5 de Fevereiro de 1505, fallecêra em 1512, isto é, longo tempo antes da publicação da carta de Basiléa (*Bâle*), em *Mela cum commentario Vadiani*(9) ; sem nada conhecer da « perigosa gloria que se lhe preparava em Saint Dié, » segundo a expressão de Humboldt, julgou até o seu ultimo momento que as costas da Asia eram o Novo Mundo, e morreu como tinha vivido, *piloto mayor de las Indias* (10).

« Esta crença nas Indias, na proxima chegada ás embocaduras do Ganges, foi a causa principal que impediu Colombo, seus contemporaneos e seus successores de dar um nome collectivo ás terras descobertas. Esta idéa não podia nascer senão em pessoas do interior das terras, não conhecendo praticamente a navegação d'esses tempos febricitantes de enthusiasmo de viagens ; e que, repetindo os *diz-se* dos maritimos, applicaram, sem muito saberem o que faziam, um nome já conhecido dos que voltavam das Indias, mas sem posição geographica precisa, á todo um grupo de terras novas então apenas conhecidas em grosso (*en bloc*).

« Este erro dos geographos theoricos e de gabinete de Saint-Dié, de Strasburgo e de Basiléa, não podia desde logo

(9) Vadianus, isto é, Joaquim de Watt, suisso annotador da obra de Pomponio Mela, 1518—1522.

(10) Piloto-mór das Indias.

ser corrigido senão por Colombo, que já tinha fallecido. Depois as descobertas de Cortez, de Pizarro e outros, vieram mudar a direcção das idéas sobre os paizes fabulosamente ricos em ouro.

« Nicaragua, ainda que conquistado em 1522 por Gil Gonzales d'Avila, ficou em parte desconhecido, sobretudo a região que se estende entre o Atlantico e o lago Nicaragua, onde estão situadas as montanhas da America. Esta ignorancia foi levada tão longe, que mesmo a emigração californiana através o isthmo Nicaragua passou ao lado d'esta parte da America sem conhecêl-a, e sem em nada tocal-a.

« Póde-se dizer que a região da terra firme entre o mar dos Caraïbas e a linha da divisão das aguas que correm para o lago de Nicaragua acha-se ainda, na hora presente, inteiramente desconhecida. Os indios *Carcas* e *Ramas*, sobretudo os ultimos, não deixam ninguem approximar-se e explorar seu paiz; elles repellem os proprios indios extractores de borracha (*caoutchouc*) que, ha dez annos, vão intrepidamente proseguir em suas pesquizas nas partes do paiz, até hoje, inteiramente fechadas.

« A versão que acabo de apresentar tem grandes vantagens. Primeiramente nada tira á gloria de Cristoforo Colombo: o nome do continente descoberto por elle era um nome indigena, que de uma pequena localidade limitada estendeu-se á todo o Novo Mundo, graças á um erro de um livreiro-editor de uma pequena cidade perdida nos Vosges.

« As accusações de plagiato, lançadas contra Alberico Vespuzio, cahem, e não ha mais razões para censural-o de haver imposto o seu prenome, ou ao menos de têr deixado impôr o seu prenome a todo um continente; tanto mais quanto o seu prenome nunca foi *Americo*, mas ao contrario *Alberigo* ou *Amerigo*.

« O nome de America, posto que aborigene, não crea

confusão entre a parte e o todo ; porque a localidade em que existe como ponto assim denominado (*lieu-dit*) é mui pequena, mui insignificante e mui occulta para dar occasião á falsas ou dôbres interpretações.

« Emfim, este nome parece admiravelmente escolhido, porque se estende do centro ás extremidades do continente, radiando, dando a mão ao norte e ao sul, encarando as Antilhas e o Pacifico, e sendo no meio mesmo d'essa crista de montanhas immensas, a mais extensa que existe em nosso planeta, e que se estende da Terra do Fogo ás margens do rio Makenzie, formando a espinha dorsal do hemispherio occidental.

« Tambem é bem escolhido, porque é mui provavel que esse nome fosse ouvido pelo grande almirante Colombo durante a sua quarta viagem, e que o illustre descobridor do Novo Mundo foi o primeiro europeu que ouviu e pronunciou o nome *Amerique* ou *Americ*, ainda que nós não possuamos a certeza e a prova material.

« Se este nome pertencesse á algumas partes das extremidades do norte ou do sul do continente, é pouco provavel que o aceitassem tão facilmente ; mas elle segurava o Novo Mundo, por assim dizer, pelo meio do corpo, vagamente, sem outra significação que a de região mui rica em minas de ouro ; e empregou-se e aceitou-se sem pensar-se em nada com relação ao piloto Alberico Vespuzio ; e foi longo tempo depois que as discussões entre sabios geographos se levantaram que o erro grosseiro de Hylacomylus se impôz como uma verdade.

« Em uma palavra, o nome de *America* é americano.

« Cambridge, Massachussets, 3 de Dezembro de 1874. »

RELATORIO

DA

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO DOS RIOS DAS VELHAS E S. FRANCISCO

FEITA NO VAPOR SALDANHA MARINHO

POR

FRANCISCO MANOEL ALVARES DE ARAUJO

Socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

(Continuado da pag. 155.)

DA VILLA DE CHIQUE-CHIQUE Á DO REMANSO

Na distancia de 167 kilom. 500^{m} da villa de *Chique-Chique* fica a do *Remanso*. Partindo-se da primeira em direcção á segunda, deve-se levar a embarcação por muito proximo do barranco da margem esquerda, deixando-se do lado contrario as ilhas de *Canna Braba*, do *Povo* e dos *Cavallos*, e os numerosos bancos que lhes estão adjacentes.

Entre essas ilhas e bancos só ha passagem para pequenas canôas.

Ao chegar proximo de uma grande corôa de arêa, que ha na margem esquerda, deixa-se d'esse mesmo lado a ilha do *Rezende* e do opposto a *Barra da Picada*, e a embocadura do braço do rio, que parte de *Chique-Chique;* segue-se então pela direita, onde estão situadas as povoações da *Pinguela*, *Alto Grande* e *Mato Grosso*.

A navegação continúa a ser do mesmo modo ; deixam-se

á esquerda as ilhas do *José Maria* e da *Anta*, os bancos annexos e as ilhas do *Mendonça* e dos *Bois*, que ficam á esquerda; toma-se depois pelo braço do rio, que passa entre a barra do *Saquinho* e as ilhas do *Brandão* e do *Povo*.

Os outros dois canaes são muito pouco procurados, porque não têm bastante profundidade e são em extremo tortuosos.

Continúa a navegar-se pela margem esquerda, em pequena distancia do barranco, e, logo que se monta uma corôa de cascalho, que ha d'esse lado, passa-se para a direita, ficando d'essa banda o grande banco fronteiro ao porto do *Saco*, e da contraria as ilhas das *Marrecas*, das *Marrecas do Mendonça* e a grande corôa, que lhe fica proximo.

No barranco da margem esquerda, está o porto do *Saco*; por esse mesmo lado entram no *S. Francisco* tres sangradouros; depois do ultimo d'elles segue-se pelo meio do rio, em direcção á ilha do *Silva*, ficando á direita as ilhas das *Cabras* e os extensos bancos, que lhes são annexos.

Ha ahi diversos páos encalhados no leito do rio, que devem ser extrahidos, porque embaraçam e difficultam a navegação.

Partindo do barranco da ilha do *Silva*, muda o caminho a pouco e pouco para a direita, por onde é a melhor passagem, andando-se por entre diversas corôas, que ha no meio do rio e á direita, até perto do arraial da *Boa Vista das Esteiras*, que tem 70 casas, 360 habitantes e uma capellinha sob a invocação de *Santo Antonio de Valença*.

Em frente a esse arraial, o rio bifurca-se, offerecendo dois canaes, ambos navegaveis.

O primeiro é pela margem direita até um pouco abaixo d'aquelle arraial: afasta-se, então, dirigindo-se á ilha da

Boa Vista, confrontando com a qual, procura de novo a direita, por onde segue até o sitio, que tem o nome de *Roçado*. O segundo, que é entre a esquerda e a ilha e corôas da *Boa Vista*, confunde-se com o primeiro logo abaixo d'aquelle sitio.

Navega-se pela direita, guinando-se um pouco para a esquerda; volta-se para proximo d'aquella, deixando-se do lado occidental o extenso banco do *Cabeça* e mais abaixo um outro, situado no meio do rio.

Do barranco da margem direita atravessa-se o rio até quasi o penedo *Pedra da Manga*, na margem opposta; afasta-se logo depois; deixa-se o banco de arêa e cascalho da *Tapéra de cima* á direita; approxima-se ao lado do norte da ilha da *Venda*, ficando em frente d'esta e a oeste um grande banco de arêa.

Ahi ha um pequeno porto muito abrigado e garantido das ventanías: tem o nome de *Manga*.

O braço do rio entre a ilha da *Venda*, que é povoada, e a direita, só dá passagem á canôas.

Sahindo-se do barranco d'aquella ilha, o canal procura a margem esquerda, á qual se encosta, passando por perto da *Pedra da Tapéra de baixo*, volta-se para o meio do rio, deixando-se á esquerda a corôa das *Queimadas*.

Muda o caminho para a margem oriental, ficando na contraria as ilhas dos *Páos Brancos* e da *Gamella*, e os bancos de arêa e cascalho,que a ellas são adjacentes.

Perto da ilha *Jatobá*, o rio *S. Francisco* apresenta dois canaes: o primeiro pelo lado direito e o segundo pelo esquerdo da referida ilha.

Ambos são francos, desimpedidos e sem difficuldades.

Ao chegar á ilha e banco de arêa do *Pé do Morro*, segue o canal entre ella e a corôa, que lhe fica ao norte.

Na margem esquerda, desembocam cinco sangradouros, estando n'ella o povoado do *Taquaril de cima*.

Em frente ao banco do *Amadio* unem-se os dois canaes. Ficam á direita as ilhas das *Cabras*, da *Boa Vista* e dos *Mulatos* ou do *Amadio*, e á esquerda o banco, que tem este ultimo nome.

Pela esquerda desaguam dois sangradouros.

Segue o caminho pelo meio do rio; fica á esquerda a ilha do *Povo* ou *Angical*, que é habitada; encosta-se ao lado occidental da ilha do *Sutéro* ou *Lamarão*; segue de novo pelo meio do rio; passa em frente da barra do rio *Verde*; contorna o banco de cascalho e arêa, que ha no pontal do norte da ilha do *Povo* ou *Angical* e dirige-se então para esquerda.

Pela margem oriental, desembocam o rio *Verde* e um sangradouro.

Da foz d'este rio em diante, torna-se a navegação um pouco difficil, por causa dos numerosos madeiros existentes no leito do rio, e cuja remoção é urgente e indispensavel.

Encosta-se o canal ao banco de arêa e á ilha, que ha um pouco acima de *Pilão Arcado*; contorna-se a ponta de terra onde está assentado aquelle arraial; deixa-se á direita o porto das *Pedras*; prolonga-se com o barranco da ilha *Grande*, devendo ficar á direita a corôa da *Carnaúba Torta*. Toma-se então o porto do arraial.

Pilão Arcado, séde da villa até 1856, época em que foi ella mudada para o *Remanso*, fica na margem esquerda: tem 300 casas, 1.650 habitantes, duas igrejas: a —de *Santo Antonio*, antiga matriz, em ruinas, e a de *Nossa Senhora do Livramento*; uma pessima cadêa; uma escola publica primaria para o sexo masculino, frequentada por 35 alumnos.

Exporta o arraial annualmente:

6.000 cabeças de gado vaccum..	25$000	150:000$000
1.000 ditas de dito cavallar...	40$000	40:000$000
1.500 couros seccos..........	3$500	5:250$000
Sal da terra.................		20:000$000
	Rs.	215:250$000

E importa:

Fazendas sêccas..........	80:000$000	
Molhados................	15:000$000	
Ferragens...............	10:000$000	
Sal do mar..............	10:000$000	
Diversos objectos.........	6:000$000	121:000$000
Saldo a favor da exportação.	Rs.	94:250$000

Partindo-se do arraial do *Pilão Arcado*, o caminho é por perto da margem oriental da ilha *Grande*, ficando á direita os bancos de arêa da *Carnaúba*, *Correnteza* e *Alagadiço*.

O braço do rio, que parte do pontal do norte da ilha *Grande* e segue entre ella e a margem esquerda, é navegavel nas enchentes regulares; nas sêccas, porém, vogam por elle canôas unicamente. O mesmo tem lugar no canal que segue pela direita da ilha da *Correnteza*.

A ilha *Grande* tem habitantes.

Encosta-se o canal mais para o barranco da margem direita; ficam d'esse lado a ilha dos *Bois* e os bancos contiguos.

No pontal d'essa ilha, o rio apresenta dois caminhos: um por léste e outro por oeste d'ella, havendo no meio do rio uma grande corôa de arêa.

Qualquer d'essas passagens tem de $2^m,5$ a 4^m de profundidade e de 70^m a 80^m de largura.

Abaixo da ilha do *Estreito*, unem-se dois braços do rio, sendo, então, o canal pela margem direita da referida ilha, ficando do lado oriental não só a ilha dos *Traficantes*, mas tambem as corôas, que lhe são adjacentes.

Muda o canal para a esquerda ; ficam na banda opposta diversas grandes corôas, tendo a ultima, que é a maior, o nome de *Manduca*, e começa-se então a avistar a muito extensa e alta serra do *Boqueirão*.

Continúa a navegar-se pela esquerda ; deixam-se á direita o banco, que está situado em frente á povoação da *Praia*, e no meio do rio a corôa de cascalho e arêa, que confronta com o povoado do *Combro*.

Tendo-se passado a fazenda do *Boqueirão Grande*, tem o rio tres caminhos.

O primeiro, que é pela esquerda, deixa d'esse lado as ilhas, que existem em frente ao riacho do *Ferreiro*, e á direita as das *Cabras*, do *Meio* e do *Bento Pires*.

O segundo segue entre as primeiras ilhas e a *Grande* ou do *Taboleiro Alto*.

O terceiro, pela margem oriental, só dá passagem á canôas muito pequenas.

Acima da fazenda do *Carud*, os tres canaes confundem-se em um só, e logo abaixo d'ella apresentam-se dois caminhos.

O que passa entre a margem esquerda, e ilhas e corôas de *Bento Pires*, só é navegavel nas enchentes regulares.

O que segue de *Carud* para a direita, em demanda do lado occidental da ilha do *Taboleiro Alto*, tem agua sufficiente em todas as épocas do anno, pelo que é preferivel.

Deixa-se á esquerda a ilha do *Carrapato*, e, montada ella, navega-se pelo lado occidental, ficando á direita as ilhas do *Taboleiro* ou da *Feira* e a do *Mato Grosso*, as corôas adjacentes a estas ilhas, e mais além as do *Campo Largo* e do *Limoeiro*.

Passada a povoação d'este ultimo nome, deve-se seguir um pouco para a direita, de maneira que fique á esquerda o banco do *Riacho*, depois do qual desemboca no *S. Francisco* o sangradouro da *Enfiada*.

Em frente á ilha do *Riacho*, o rio tem dois braços, que se reunem um pouco abaixo d'ella: ambos esses canaes são limpos e desembaraçados.

Depois da união dos referidos dois canaes, segue-se pela margem oriental, passando-se por entre diversas pequenas corôas: deixa-se á esquerda o riacho de *Urubú* e tambem as corôas, que ha abaixo e acima de sua foz, guina-se para a esquerda, afim de contornar a ilha do *Sitio do Meio* e a grande corôa, que lhe é contigua.

Quer a ilha, quer a corôa, estão situadas um pouco acima da ipoeira do *Sitio do Meio*.

A pouco e pouco, approxima-se o canal da margem esquerda; acompanha a corôa adjacente á ilha do *Sitio do Meio*, e, depois de a ter montado, encosta-se de novo á direita, passando pela margem esquerda da ilha do *Cascalho*, em frente á ilha e corôas do *Noronha*.

Ha diversos páos encalhados no leito do rio; como, porém, o canal ahi é muito largo, não estorvam a navegação.

Prosegue o caminho por perto da ilha do *Cascalho*, e um pouco abaixo da do *Narciso*; carrega-se para a esquerda, ficando d'esse mesmo lado diversas corôas.

Logo depois das referidas corôas, ha umas pedras, que são perigosas para a navegação, pelo que devem ser destruidas.

Passadas essas pedras, continúa-se a seguir pela esquerda até confrontar com a embocadura do braço do rio, que corre entre aquella margem e a ilha da *Aldêa*.

Deixa-se á esquerda a ilha do *Soares* e uma corôa, em

frente á qual entra o riacho do mesmo nome ; passa-se por entre a ilha da *Aldêa* e o banco fronteiro, tendo-se cuidado com uma corôa que ha pouco abaixo do pontal da mesma ilha.

Prosegue o caminho entre o banco e a ilha do *Angical*, ficando á esquerda os bancos e ilhas do *Lamarão*, bem como as do *Meio*.

N'este lugar, é preciso dirigir a navegação muito cuida dosamente.

Em frente á ilha do *Angical* e na margem esquerda ha uma forte corredeira.

Vai o canal entre a margem direita e a ilha do *Angical*, em cujo pontal o rio bifurca-se, apresentando dois caminhos.

O que segue pela esquerda deixa a ilha do *Angical* e um grande banco de arêa, que lhe é adjacente, do mesmo lado, e, tendo montado o pontal do norte do referido banco, continúa entre aquella ilha e a corôa da *Tapérinha*.

O outro caminho, que é pela margem direita, é tambem navegavel.

Não é facil entrar no porto do *Remanso* e amarrar ao bar ranco. Quem pretender fazêl-o, deve dirigir a embarcação do modo que segue : continuar a navegar pela esquerda del uma grande corôa, que ha em frente áquella villa, e chegando abaixo de seu pontal inferior ou do norte, subir o rio, passando entre ella e o barranco da margem esquerda ; empregar a maior attenção e cuidado em evitar os numerosos baixios que alli ha ; seguir depois entre a mesma margem e a ilha do *Arraial*, e então ir directamente ao porto, porque não ha mais perigos a temer.

A villa do *Remanso*, elevada á tal categoria em 1856, tem uma igreja com a invocação de *Nossa Senhora do Ro-*

sario, que se começou a edificar em 1849 e ainda não está concluida, 420 casas, 2.400 habitantes, uma escola publica primaria com 84 alumnos, sendo 18 do sexo feminino.

Todo o municipio tem 9.000 habitantes e nove districtos de paz, a saber: *Remanso*, *Salemas de Santo Antonio*, *Pilão Arcado*, *Brejo do Zacarias*, *Zabelê*, *Riacho da Casa Nova*, *Santa Anna do Sobradinho*, *Ouricury* e *Salemas do Brejo*, que dão 64 eleitores.

A villa do *Remanso* tem collectoria geral e provincial, mas não tem agencia do correio.

No ultimo quinquennio, a collectoria geral teve os rendimentos que seguem:

Exercicio de 1866 a 1867.......	531$000
» » 1867 a 1868.......	506$500
» » 1868 a 1869.......	508$510
» » 1869 a 1870.......	528$830
» » 1870 a 1871.......	614$440

E a provincial:

Exercicio de 1866 a 1867......	2:783$204
» » 1867 a 1868......	2:920$400
» » 1868 a 1869......	2:803$758
» » 1869 a 1870......	2:849$520
» » 1870 a 1871......	3:001$130

O commercio de exportação do municipio do *Remanso* é annualmente o seguinte:

15.000 cabeças de gado vaccum.	20$000	300:000$000
2.000 ditas de dito cavallar....	40$000	80:000$000
12.000 couros seccos..........	3$500	42:000$000
Diversos objectos.............		8:000$000
	Rs.	430:000$000

E o de importação:

Fazendas sêccas..........	260:000$000	
Ferragens...............	12:000$000	
Molhados................	30.000$000	
Differentes artigos........	16:000$000	318:000$000
Saldo em favor da exportação	Rs.	112:000$000

No mesmo municipio dá-se uma anomalia notavel: a séde civil é no *Remanso* e a ecclesiastica no arraial de *Pilão Arcado*.

DA VILLA DO REMANSO Á DE SENTO SÉ

Sento Sé dista do *Remanso* 94 kilom. 350^{m}.

Sahindo-se d'esta villa em demanda d'aquella, é a navegação pela margem esquerda.

Em frente de umas pedras, que têm o nome de *Marcos*, deve-se seguir pelo meio do rio; fica á direita um banco de arêa, que confronta com as referidas pedras, e á esquerda a ilha do *Sobrado*.

Um pouco acima do pequeno povoado da *Tapérinha*, ha uma corredeira.

Dirige-se o canal a pouco e pouco para a direita e encosta-se á essa margem, deixando na opposta as ilhas do *Sobrado*, *do Porto dos Cavallos* e diversas corôas, que a ellas ficam contiguas.

Abaixo das corôas mencionadas, o caminho muda para a esquerda, deixando do lado contrario a ilha da *Tapéra do Muniz*, que é habitada. No pontal d'essa ilha, ha diversos baixios, que devem ser evitados cuidadosamente, e, mon-

tados elles, segue-se pela esquerda, ficando á direita as ilhas do *Imbuseiro*, *Pintada* ou *Grande*, *Zabelê*, e os grandes bancos que a ellas são adjacentes.

Proximo d'estas ilhas, ha diversos páos encalhados, que não difficultam a passagem.

Um pouco acima do sitio denominado *Catella*, volta o canal para o meio do rio ; deixa á esquerda a pequena ilha do *Zabelé* e diversos bancos ; muda para a esquerda, ficando do lado oriental uma corredeira.

Ao chegar á ponta meridional da ilha do *Cavallo Morto*, á cuja direita ha alguns baixios, o canal atravessa o rio diagonalmente e segue por perto da margem oriental ; ficam á esquerda a ilha do *Riacho* e uma corôa ao norte d'ella, passada a qual ha duas fortes corredeiras na esquerda.

Continúa o canal pela direita ; deixa do lado opposto as ilhas das *Trahiras*, *Varginha* e *Páo a pique*.

Logo que se montam as citadas ilhas, é o caminho pelo meio do rio ; ficam a oeste as pequenas ilhas de *Páo a pique ;* volta-se para a direita, deixando da banda contraria o grande banco situado entre as ilhas de *Sussuapara* e *Páo a pique*.

Na margem direita, estão assentadas as povoações da *Arêa Branca* e *Carapinas*.

Pelo meio do rio, e entre as grandes e pequenas corôas dos *Carapinas*, segue o caminho, encostando-se um pouco para a esquerda, ficando á direita as ilhas do *Mundo Novo* e da *Lagôa*, e á esquerda a da *Malhada*.

Ha, n'esta paragem, algumas pedras, que devem ser destruidas, porque são prejudiciaes á navegação.

Entre as ilhas da *Malhada*, *Santarem* e *Canafistula*, prosegue o canal, havendo proximo da direita uma corredeira.

Perto da margem occidental, ha um outro caminho, que só dá navegação franca nas grandes enchentes.

Ha pedras em uma e outra margem, que são muito perigosas, pelo que devem ser extrahidas.

Abaixo da ilha da *Canafistula* unem-se os dois braços, sendo então o canal pelo meio do rio, ficando á direita a ilha de *Porto Alegre*, entre a qual e a esquerda ha uma passagem para pequenas canôas.

Continúa a navegação a ser dirigida do mesmo modo, ficando á direita as ilhas dos *Bois*, de *Santa Catharina* e uma outra pequena, que não tem nome.

Do lado direito, o rio é bastante raso, e tem corôas e pedras.

Na margem esquerda estão situadas as povoações das *Caraibas*, *Curralinho* e *Cachoeira*.

Ahi o canal segue entre a margem direita e as ilhas ultimamente mencionadas.

Chega-se então ao porto da villa do *Sento Sé*, a cujo barranco se amarram as embarcações com a maior facilidade.

Sento Sé, elevada á categoria de villa em 6 de Julho de 1832, tem dois bairros ou povoados: um á margem do rio e o outro 1,520^{m} para o centro: este tem o nome de *Catinga*. Ambos têm 102 casas e 650 habitantes.

No segundo bairro, está a matriz, dedicada a *S. José*: foi edificada em 1793.

A villa tem uma escola publica primaria, que não funcciona, porque o professor nomeado ainda não se apresentou para entrar em exercicio.

No ultimo quinquennio a camara municipal rendeu:

Exercicio de 1866 a 1867......	162$490
» » 1867 a 1868.	391$570
» » 1868 a 1869......	189$000
» » 1869 a 1870......	343$245
» » 1870 a 1871......	211$520

No quinquennio findo a 31 de Dezembro ultimo foram qualificados :

Cidadãos votantes

Em 1867.........	1.812
» 1868.........	1.800
» 1869.........	1.805
» 1870.........	1.810
» 1871.........	1.808

Guardas nacionaes

Em 1870.........	1.806
» 1871.........	1.809

No que é relativo á igreja, effectuaram-se :

Baptizados

Em 1867.........	194
» 1868.........	137
» 1869.........	134
» 1870.........	196
» 1871.........	144

Obitos

Em 1867.........	68
» 1868.........	49
» 1869.........	50
» 1870.........	56
» 1871.........	42

Os rendimentos das collectorias geral e provincial são computados em 300$ annualmente cada uma.

A exportação annual de todo o municipio é a seguinte:

4.000 cabeças de gado vaccum	25$000	100:000$000
500 ditas de dito cavallar..	40$000	20:000$000
1.000 couros seccos........	3$500	3:500$000
Sal, algodão, etc...........		18:000$000
	Rs.	141:500$000

E a importação:

Fazendas sêccas..........	70:000$000	
Molhados.................	8:000$000	
Ferragens	4:000$000	
Artigos differentes.........	12:000$000	94:000$000
Saldo a favor da exportação.......	Rs.	47:500$000

O municipio de *Sento Sé* tem 6.000 habitantes.

DE SENTO SÉ AO JOAZEIRO E PETROLINA

Para ir de *Sento Sé* ao *Joazeiro* ou *Petrolina* tem de se percorrer a distancia de 110 kilom.

O caminho, que se deve seguir, é pelo meio do rio, havendo á direita algumas pedras,que devem ser destruidas.

Muda o canal para perto da margem oriental, onde estão assentadas as povoações do *Uricé de cima* e do *Baúna*, ficando á esquerda a ilha, que tem o mesmo nome da primeira povoação.

Entre essa ilha e o lado occidental, ha alguns páos encalhados, corôas de arêa e cascalho, e diversas pedras visiveis.

A pouco e pouco,afasta-se o caminho da margem direita,

procurando a opposta, banda a que devem ficar a ilha da *Capivara* e banco adjacente, e da contraria as ilhas do *Camaleão*, *Uricé de baixo*, *Velho Agostinho* e *Ferreiro*.

Ha canal entre as ilhas citadas em ultimo lugar e á direita; como, porém, em muitos pontos de seu curso, ha pedras pouco abaixo da superficie das aguas, só tendo a bordo pratico muito conhecedor de semelhantes escolhos, se deve seguir por elle, que é, realmente, perigoso.

O caminho mais seguro e desembaraçado segue do pontal da ilha do *Uricé de baixo*, encosta-se á extensa ilha do *Encaibro*, de cuja margem esquerda se approxima, passando por cima de algumas pedras bastante profundas, pelo que não servem de obstaculo á navegação.

Na margem esquerda, estão os povoados de *Uricé de baixo* e *Angicos*: por esse mesmo lado desembocam dois sangradouros.

Montado o pontal da mencionada ilha, segue o canal pela direita, unindo-se logo depois os dois braços do rio.

No ultimo braço, o do lado oriental, ficam as ilhas do *Vianna*, *Magdalena* e *Boqueirão*.

Pela margem esquerda, passadas essas ilhas, desaguam os riachos das *Canôas* e da *Casa-Nova*.

As pedras, de que acima fallei, entre as ilhas do *Velho Agostinho*, *Ferreiro*, etc., e á direita, estendem-se até as das *Canôas* e da *Casa-Nova;* em frente á esta, o rio bifurca-se, apresentando dois caminhos, dos quaes é melhor e mais franco o que vai entre á margem oriental e as ilhas da *Velha Ignacia* e do *Tamanduá* ou *Pacheco*. O outro segue entre as ilhas da *Casa Nova* e da *Velha Ignacia*, encostando-se um pouco á margem esquerda, sobre cujo barranco ficam o arraial do *Riacho da Casa Nova* e os povoados das *Entans*, *Queimada do Curral*, *Caissara* e *Casa Nova*: esta tem uma pequena capella.

Na margem direita,fica o sitio da *Espera*, nome oriundo, me parece, da circumstancia de ficarem alli as embarcações abrigadas, quando ha fortes ventanias, á *espera* de que ellas cessem ou diminuam de intensidade.

Entre a *Casa Nova* e o pontal da ilha do *Encaibro*, no lugar denominado *Largurão da Casa Nova*, a navegação é muito perigosa para as embarcações usadas no rio *S. Francisco*, na occasião das sobreditas ventanias.

O arraial do *Riacho da Casa Nova*, apezar de ser de fundação pouco antiga, está em via de prosperidade e engrandecimento.

Segue o caminho por entre a ilha da *Velha Ignacia* e a direita, na qual está assentada a povoação do *Tamanduá*, entrando dois sangradouros um pouco abaixo d'ella.

Antes de chegar ao pontal da ilha do *Tamanduá*, ha umas pedras no meio do canal, que devem ser tiradas, porque são perigosas.

Logo abaixo do pontal da ilha mencionada, unem-se os dois braços do rio.

N'este ponto, ha um cordão de pedras, que deve ser destruido, para tornar mais facil a navegação.

Continúa o canal entre a margem oriental e a ilha *Grande* ou das *Pedras do Mathias*.

O braço do rio entre a dita ilha e a margem esquerda, ainda que tenha bastante profundidade, não é frequentado, porque ha muitas pedras, que o tornam difficil e arriscado.

Muda o canal para o meio do rio ; deixa á esquerd- alguns pequenos bancos de cascalho e a *Pedra do Bode*, e abaixo dos ditos bancos diversas pedras, que devem ser destruidas, e á direita a pequena ilha da *Cachoeirinha*.

Continúa a seguir-se na mesma direcção ; fica á direita o braço do rio,que passa entre a ilha do *Junco* ou de *Santa Anna* e a direita ; vai-se por entre esta ilha, e o ilhote do

Junco e a esquerda, lado a que fica o povoado do *Curral de Arêa.*

Tendo passado as pequenas povoações do *Junco* e do *Pastorador*, o melhor caminho é entre a margem esquerda e a ilha do *Junco* ou *Santa Anna* até chegar ao pontal do sul da ilha da *Cachoeira*, d'onde se deve navegar entre esta e a esquerda.

Depois segue-se entre essa ilha e o ilhote do mesmo nome, encostando-se á ilha *Grande da Cachoeira.*

O outro braço do rio dirige-se entre o pontal da ultima ilha e a de *Santa Anna.*

N'esta paragem, conhece-se a approximação da famosa cachoeira de *Santa Anna* ou *Sobradinho*, porque as aguas do ultimo braço, precipitando-se em catadupas, mais ou menos notaveis, vão unir-se ás do outro, que deslisam-se mansamente entre a ultima ilha e o lado oriental.

Feita a união dos dois braços, prosegue o rio em continuadas catadupas, provenientes das pedras estarem muito pouco abaixo da superficie das aguas.

A altura d'essas catadupas oscilla entre $0^{m},33$ e $0^{m},39$, sendo sua maior elevação no promontorio formado, na direita, pelas referidas pedras.

Ahi fica a cachoeira da *Volta.*

Do mencionado promontorio, parte um cordão de pedras, que atravessa o rio até a ilha de *Santa Anna*, sendo interceptado, aqui e alli, por pequenos braços, os quaes todos se despenham em cachoeiras mais ou menos altas, seguindo depois as aguas pacificamente por um e outro lado da ilha do *Mandacarú*, e por entre pedras, que atravessam o rio em toda sua largura.

Todos esses differentes braços reunem-se, abaixo do pontal da ilha da *Cachoeira*, ao que passa entre ella e a margem esquerda.

No lado occidental do braço da *Volta* ficam os sitios do *Barracão*, *Porto-Alegre*, *Corredor*, *Lanço das Almas*, e *Porto dos Cavallos*.

Por esse lado não passa nenhuma embarcação no tempo das sêccas; nas enchentes, porém, algumas o tentam fazer, mas muitas vezes é fatal o resultado.

Um pouco mais abaixo, na margem esquerda, estão assentadas as povoações de *Santa Anna*, *Sobradinho* e *Marqueiros*, nenhuma das quaes é importante.

O povoado do *Canul* é na ilha da *Cachoeira*, cujos habitantes mineram o sal, que é de excellente qualidade.

Montada essa ilha, avista-se a cachoeira de *Santa Anna* ou *Sobradinho*, cujo aspecto é magestoso.

Ha n'ella dois canaes: o primeiro entre uma das pedras que concorrem para a formatura do *Caixão* e outras que ha na margem occidental; e o segundo entre aquella pedra e uma outra, as quaes fazem um estreito, que tem o nome de *Caixão*.

A largura d'esse estreito ou canal depende, essencialmente, da altura do nivel das aguas do rio, de modo que por elle só se póde navegar com segurança na época das enchentes.

Nas vasantes, as grandes barcas, que por alli tentam passar, correm grandes riscos, porque suas bordas tocam quasi as mencionadas duas pedras.

O canal, de que me estou occupando, nunca tem menos, ainda nas grandes sêccas, de $1^{m},32$ de profundidade; e, pelo que fica exposto, vê-se muito claramente que sua difficuldade apenas consiste na deficiencia da largura, inconveniente facil de remover e com despeza não muito avultada.

E sendo, como effectivamente é, de grande conveniencia melhorar-se a passagem pela cachoeira do *Sobradinho*, é urgentissimo proceder-se a esse trabalho.

Na cachoeira e suas proximidades as aguas correm com grande velocidade.

Passado o *Caixão*, o caminho é por perto da ilha da *Cachoeira*, seguindo-se entre grandes pedras, até chegar á cachoeira *Criminosa*. Ha pedras submergidas em grande numero, que, não sendo visiveis, têm occasionado a perda de muitas embarcações.

Chegando-se ao pontal do norte da ilha da *Cachoeira*, segue se proximo á esquerda, onde ha pedras, que se devem destruir, porque difficultam o caminho.

A' direita ficam algumas corôas.

Montadas ellas, muda o canal para o meio do rió; ao lado oriental fica o serrote de *Santa Rita* e em derredor d'elle muitas pedras, algumas das quaes devem de ser tiradas, visto serem nocivas á navegação.

O pequeno povoado de *Santa Rita*, na margem esquerda, tem 30 a 35 casinhas.

Encosta-se o canal um pouco para a direita; deixam-se á esquerda as ilhas da *Tapéra* e bancos de cascalho, que lhe são adjacentes, e á direita a miseravel povoação da *Correnteza*.

No espaço do canal, comprehendido entre este ultimo povoado e o de *Santa Rita*, ha muitas pedras, umas submergidas e outras pouco acima da superficie das aguas, que arriscam as embarcações, pelo que devem ser tiradas.

A' esquerda do caminho, ficam as ilhas do *Coqueiro* e *S. Gonçalo*.

Confrontando com a ilha de *S. Gonçalo*, navega-se por perto da direita, devendo-se desobstruir o canal de algumas pedras, que o embaraçam.

A' esquerda do caminho, ha diversas corôas de arêa e cascalho, e as ilhas da *Lagôa* e do *General*, e defronte da que tem o nome de *Curiaçá* ficam as ilhas do *Rodeador* e um banco de cascalho.

Ha ahi numerosas pedras, por entre as quaes os praticos mais habeis e afoutos dirigem as embarcações.

Seria da maior utilidade e conveniencia melhorar essa parte do canal, porque assim a navegação se tornaria muito mais franca e segura.

Segue o caminho entre a direita e as ilhas do *Rodeador*; afasta-se d'aquella margem, afim de evitar as pedras do *Mauricio* e diversos bancos de arêa, que ha entre ellas.

N'essa paragem deve haver o maior cuidado, porque o canal é difficil e perigoso.

Um pouco mais abaixo, encontram-se as pedras do *Marcellino*, por entre as quaes se passa, empregando a maior attenção.

O caminho deve ser desobstruido, quer n'essas ultimas pedras, quer nas do *Mauricio*.

Montadas as pedras do *Marcellino*, segue-se pelo meio do rio.

Ao approximar-se do pontal do norte da ilha do *Fogo*, navega-se directamente ao porto de *Joazeiro*, a cujo barranco se amarra a embarcação sem difficuldade.

Joazeiro, elevado á categoria de villa em 18 de Maio de 1833, está assentada na margem direita, em agradavel e pittoresca posição; tem 550 casas, 3,100 habitantes, uma igreja sob a invocação de *Nossa Senhora das Grotas*, velha e pequena, uma outra edificando-se e com a mesma invocação, um cemiterio, duas escolas publicas primarias, uma para cada sexo, mas que não funccionavam, na época em que alli estive, porque os respectivos professores estavam licenciados, e tres ditas particulares para os dois sexos, frequentadas por 73 alumnos.

A villa de *Joazeiro* tem uma praça espaçosa que, com pequeno dispendio, se tornaria uma das mais regulares do Imperio; uma pessima cadêa, edificio particular, casa da

camara municipal nas mesmas e identicas circumstancias, agencia do correio, e collectorias geral e provincial.

E' a cabeça da comarca.

O municipio do *Joazeiro* tem quatro districtos de paz: *Villa, Salitre, Curaçá* e *Riachinho* com 7.500 habitantes, dando 18 eleitores.

Póde-se dizer que não ha lavoura, em razão da esterilidade do terreno, pelo que são importados quasi todos os generos alimentares.

A villa de *Joazeiro* é um verdadeiro entreposto commercial no rio *S. Francisco*, e da mesma fórma a villa da *Barra* o é tambem em relação ao rio *Grande* e seus affluentes.

O rendimento da collectoria provincial orça por 3:200$ annualmente, e o da geral por 3:000$000.

A camara municipal no ultimo quinquennio rendeu:

Exercicio de 1866 a 1867...........	1:456$675
» » 1867 a 1868...........	1:570$660
» » 1868 a 1869...........	1:294$991
» » 1869 a 1870...........	1:672$853
» » 1870 a 1871...........	2:141$870

No quinquennio findo, no que diz respeito á igreja, effectuaram-se os seguintes:

Baptizados

Em 1867......................	286
» 1868......................	280
» 1869......................	326
» 1870......................	334
» 1871......................	328

Obitos

Em	1867	76
»	1868	79
»	1869	88
»	1870	78
»	1871	82

O commercio de exportação de todo o municipio é, annualmente, o seguinte:

18.000 cabeças de gado vaccum	25$000	650:000$000
3.000 ditas de dito cavallar	35$000	105:000$000
30.000 couros sêccos	3$500	105:000$000
Fazendas sêccas		160:000$000
Ferragens		10:000$000
Molhados		30:000$000
	Rs.	1.060:000$000

E o de importação:

Fazendas sêccas	750:000$000	
Molhados	100:000$000	
Ferragens, etc.	30:000$000	
Sal	80:000$000	
Diversos artigos	10:000$000	
Generos alimentares	40:000$000	1.010:000$000
Saldo a favor da importação	Rs.	50:000$000

Em frente ao *Joazeiro*, na margem esquerda, está situada a villa da *Petrolina*, pertencente á provincia de *Pernambuco*. Tem essa villa, que nem merece ser arraial, 50 casinhas, uma igreja, edificando-se, dedicada á *Santa*

Maria Rainha dos Anjos, 280 habitantes e uma escola particular com 18 alumnos de ambos os sexos.

Todo o municipio da *Petrolina* tem 4.500 habitantes, sendo que apenas 53 crianças dos dois sexos frequentam escolas de primeiras letras.

Ha alli agencia do correio, collectorias provincial e geral, camara municipal e uma fraquissima cadêa.

DA VILLA DO JOAZEIRO AO ARRAIAL DA BOA VISTA

Sahindo-se da villa do *Joazeiro*, aguas abaixo, deve-se navegar pelo meio do rio, empregando-se, porém, o maior cuidado em evitar as pedras, umas pouco submergidas, outras pouco acima da superficie das aguas, que ha no canal.

A' direita do caminho, que é pelo meio do rio, como fica dito, deixa-se a ilha do *Joazeiro Velho*.

Estando perto do porto da *Pedra*, segue-se um pouco pela margem direita, entre ella e a ilha *Grande*.

Depois d'esta ilha, ha uma forte corredeira proximo ao lado occidental.

Continuando-se na mesma direcção, fica á direita a ilha do *Manoel Francisco*, e á esquerda umas ilhotas e corôas de cascalho, que ha em frente do mesquinho povoado, que tem o nome de *Urubú*.

O canal segue encostado á ilha do *Martins* : existem n'esse ponto muitas pedras assaz perigosas, de fórma que por alli só póde passar quem d'ellas tenha pleno conhecimento. E' indispensavel destruil-as.

Prosegue o caminho por entre as ilhas *Grande* e do *Martins* ; procura o meio do rio, encostando-se á ilha de *Antonio Badeca* ; fica á direita o banco de cascalho e arêa, e a ilha do *Estreito*.

Segue-se depois entre as ilhas de *Santa Luzia* e do *Pancaurahy.*

Todo o canal está inçado de pedras, de modo que, nas sêccas, a passagem é extremamente difficil e perigosa, e ás vezes totalmente impossivel.

Depois de montadas as duas ilhas referidas em ultimo lugar, navega-se pela margem esquerda; em seguida, e antes de confrontar com as corôas e pedras da *Independencia*, approxima-se um pouco da direita, andando-se por entre as pedras da barra do *Pancaurahy* e da *Tapéra.*

Deixando-se ao lado oriental as corôas do *Braúna* e a ilha do *Pico*, segue-se pelo braço, que corre entre a ilha do *Jatobá* e a margem direita.

Ha um outro canal entre a referida ilha e a esquerda; é, porém, muito cheio de pedras, de fórma que, nas enchentes ordinarias,offerece muito serias difficuldades.

Continua-se na mesma direcção acima indicada, passa-se entre as ilhas das *Conchas* e do *Pico*, depois pelo meio da forte corredeira d'aquelle nome; deixam-se á esquerda as ilhas dos *Couros* e dos *Bois*, bem como um pequeno banco de arêa e cascalho.

O caminho entre a margem esquerda e a ilha do *Pico* é extremamente perigoso, em consequencia da grande velocidade, com que alli correm as aguas, pelo que deve ser evitado com o maior cuidado.

Passada a corredeira, deve-se ir procurando a direita a pouco e pouco; ficam do lado contrario a ilha de *Cima*, as da *Cachoeira* e a do *Gato*, seguindo-se entre a direita e a ilha de *Manizova.*

Continua-se a navegar proximo á margem oriental: ao approximar-se, porém, da fazenda de *Paulo Affonso*, pouco abaixo da ilha de *Manizova*, é necessario e indispensavel,

afim de evitarem-se pedras, que ha d'aquelle lado, procurar o meio do rio.

Na margem occidental, está assentada a povoação de *Itaparica*, passada a qual o caminho melhor e mais desimpedido é por muito perto da esquerda; ficam d'essa banda diversas corôas de arêa e cascalho, e da contraria a ilha do *Pontal*.

Ha outro canal entre esta ilha e a margem direita. Este braço do rio, porém, é muito cheio de bancos, que tornam a passagem assaz difficil e perigosa.

Logo abaixo da ilha dos *Guanhans*, começa uma cachoeira muito perigosa, de modo que só nas enchentes as maiores embarcações empregadas na navegação do rio podem passar por ella.

Montada essa cachoeira, segue-se por entre a ilha do *Pontal* e a margem esquerda. Passada a povoação da *Cruz*, na referida margem, procura-se o meio do rio, encontrando-se aqui e alli diversas pedras.

Muito perto da ponta do norte da ilha do *Pontal*, segue-se pela cachoeira da *Missão*, que atravessa diagonalmente o rio.

E' então o caminho pela direita, deixando a esse lado a ilha do *Pontalinho* e a do *Rato*.

Esta passagem, que é a mais segura, deve ser desobstruida de algumas pedras.

Na margem esquerda, estão assentadas as povoações da *Pedra Branca* e do *Genipapo*.

Continúa a navegação a ser por perto da direita e sempre por meio de pedras; fica á esquerda a ilha do *Velho José*, pouco abaixo da qual começa a sentir-se a influencia da correnteza da cachoeira do *Genipapo*.

Deixam-se á esquerda a ilha da *Malhada Real*; segue-se pelo meio de um cordão de pedras; ficam do lado occi-

dental algumas ilhotas, e do opposto a ilha do *Curaçá Pequeno.* N'este ultimo lado está a decadente povoação da *Barra dos Poções.*

As pedras acima apontadas, e entre as quaes têm de passar as embarcações, são muito nocivas e perigosas, pelo que sua destruição é indispensavel.

Segue-se, depois do ultimo povoado, entre a margem oriental e a ilha de *Curaçá Pequeno*; á direita deixa-se uma corôa de cascalho, e, montada ella, encosta-se á esquerda, afim de evitar umas pedras, que ha em frente ao povoado das *Corôas* e se estendem até mais de metade do rio.

As ilhas do *Curaçá* ficam á direita.

D'este ultimo lado, estão as pequenas povoações das *Corôas* e do *Páo Ferro*, perto da qual desagua o riacho do mesmo nome e pela margem contraria o da *Malhada.*

Muda o caminho para o meio do rio, deixando á direita a ilha da *Barra.* Ahi existem numerosas pedras, que devem ser tiradas; para evital-as, é preciso encostar-se o mais possivel ao lado oriental.

Continúa a navegar-se pela direita, ou por cima ou por entre pedras; á esquerda fica um cordão de pedras e a ilha da *Barrinha*, e á direita a barra do *Genipapo.*

Seguindo-se do mesmo modo, chega-se ao *Capim Grosso*, elevado á categoria de villa por lei da assembléa provincial da *Bahia* de 6 de Junho de 1853.

Tem essa pequena villa 109 casas, 550 habitantes, uma igreja sob a invocação do *Senhor Bom Jesus do Capim Grosso*, uma pessima cadêa, em casa particular, casa de camara municipal, uma escola publica de primeiras letras, com 32 alumnos, sendo 8 do sexo feminino.

O professor publico, João José de Andrade Dantas, abriu uma escola nocturna para adultos, a qual já conta 16 alumnos.

Nos fundos da matriz, ha um acanhado cemiterio, que póde admittir até 12 cadaveres, mandado fazer á sua custa pelo major Manoel Gonçalves Torres,

Distante da igreja 440^m, e sobre uma collina, está se edificando um outro cemiterio com 39^m, 60 de comprimento e 27^m,65 de largura.

A despeito de haver lugar apropriado para a inhumação de cadaveres, ainda se dá sepultura dentro da igreja, desde que a familia do morto póde pagar certa esportula.

Os dinheiros, d'ahi provenientes, o respectivo parocho os applica á compra de alfaias e paramentos para a matriz.

Todo o municipio do *Capim Grosso* tem, approximadamente, 8.000 habitantes, e é dividido em quatro districtos de paz, a saber : *Villa*, *Pambú*, *Mucururê* e *Patumeté*, os quaes dão 26 eleitores.

Seu commercio de exportação é annualmente o seguinte :

3.000 cabeças de gado vaccum.	25$000	75:000$000
900 ditas de dito cavallar...	40$000	36:000$000
Sal......................		18:000$000
	Rs.	129:000$000

E o de importação :

Fazendas sêccas............	90:000$000	
Molhados..................	10:000$000	
Ferragens	4:000$000	
Artigos diversos.	6:000$000	110:000$000
Saldo a favor da exportação.	Rs.	19:000$000

O sal é tirado do riacho *Tarraxil* ; a grande lavra, porém, é o riacho *Tintim*, cujas cabeceiras são na *Serra Negra*, 185 kilom, 180^m distante da villa.

Sahindo-se do *Capim Grosso* com destino ao povoado da *Boa Vista*, deve dirigir-se a navegação pela margem direita até confrontar com a povoação e ilha do *Morcego*; d'ahi toma-se pela opposta, afim de ficar-se livre das pedras, que ha na primeira, um pouco acima da ilha da *Capivara*.

Do lado direito, ficam os povoados do *Jatobá* e *Barra do Morcego*, e do opposto os do *Barro Alto* e *Corôas*.

Deixando á direita as pedras adjacentes á ilha da *Capivara*, continúa a navegar-se pela esquerda, e depois segue-se entre a ilha das *Caraibas* e a povoação de igual nome.

Proximo da ilha do *Tomaquiú* é o caminho pela direita, devendo ter-se muito cuidado com as pedras alli existentes em grande numero, umas pouco mergulhadas e outras acima da superficie das aguas.

Ao lado oriental, deixam-se as ilhas de *Cajueiro*, *Pdo Preto* e *Surubim*, e ao contrario as das *Cabras* e *Goyaz*.

As pedras, que ultimamente foram notadas, não podem deixar de ser destruidas, visto como são de grande embaraço á navegação.

Segue o canal ainda pela direita por entre diversas pedras, que é urgentissimo extrahir; do lado occidental ficam as ilhas da *Guixaba*, *Umbuseiro*, *Grande*, *Garças*, *Lontra* e *Icó*.

Passada a ultima d'essas ilhas, muda o canal para o meio do rio; deixa á esquerda a ilha dos *Angicos* e á direita as da *Lagôa*, que ficam em frente á *Boa Vista*.

Esta povoação, em grande decadencia, pertence ao municipio da *Petrolina*; tem cerca de 90 casas, 450 habitantes e uma igreja dedicada á *Nossa Senhora da Conceição*.

Aqui termino esta parte do presente relatorio por ter sido *Boa Vista* o ponto mais septentrional do rio *S. Francisco* onde estive com o vapor *Saldanha Marinho*.

VIII

A desobstrucção do rio das *Velhas* é a satisfação de uma necessidade momentosa, que não póde e nem deve ser adiada.

Os trabalhos da estrada de ferro de *D. Pedro II* proseguem com bastante celeridade, e dentro de poucos annos, necessaria e indubitavelmente, chegará ella a algum ponto d'aquelle tão notavel affluente do grandioso *S. Francisco*, porquanto de todos os projectos sobre o prolongamento da referida estrada, o mais razoavel, mais economico e que em menos tempo póde ser levado a effeito, é o que a faz terminar em *Macaúbas*, como está sobejamente demonstrado.

E, pois, cumpre que aquelle rio seja posto em condições de offerecer navegação desimpedida e constante, afim de que, ligada á estrada de ferro, d'ahi aufira o paiz todas as vantagens que se devem esperar.

Em minha opinião, cuja incompetencia sou o primeiro a reconhecer, esse trabalho — a desobstrucção — deve ser feito por meio de arrematação, dividindo-se o rio em quatro secções, a saber :

1.ª Do ponto em que tiver de tocar a estrada até a fazenda da *Casa Branca* ;

2.ª Da *Casa Branca* até *Bom Successo.*

3.ª *Do Bom Successo* até a barra do *Paraúna* ;

4.ª Finalmente, da *Barra* do *Paraúna* até *Guaícuhy.*

Em cada uma das secções haverá um engenheiro hydraulico, nomeado pelo governo imperial, de reconhecidas e provadas habilitações, para inspeccionar os trabalhos.

E' natural, certo quasi, que os abastados fazendeiros das margens do rio das *Velhas,* alguns possuidores de

numerosa escravatura, concorram á arrematação, guiados não só pela esperança do lucro directo, que d'ahi possam tirar, como do que lhes provenha do ouro,que encontrem, e cuja existencia no rio das *Velhas* está exuberantemente provada.

Os escolhos e embaraços, que se têm de destruir, estão bem conhecidos: acham-se minuciosamente apontados e descriptos no luminoso relatorio do illustrado e distincto Dr. Em. Liais. Não ha, portanto, a meu vêr, necessidade de novos estudos.

As despezas, que se têm de fazer tambem são sabidas: constam do referido relatorio sobre o rio em questão.

Quando, porém, o que deixo dito não seja aceito, e administrativamente se tenha de proceder á desobstrucção, proponho que parta ella da foz do rio das *Velhas* para as suas cabeceiras.

Ha, para esta minha proposta, uma razão de grande peso.

As provincias da *Bahia* e *Minas Geraes* têm cada uma um vapor no rio *S. Francisco*.

Ora, não é licito admittir que ellas abandonem e desprezem as sommas um pouco avultadas, em que importam hoje os vapores *Presidente Dantas* e *Saldanha Marinho*, e, portanto, é muito de presumir que, dentro de pouco tempo, a parte ora navegavel do *S. Francisco* seja percorrida a vapor. Realizando-se essa hypothese, é claro e intuitivo que a desobstrucção do rio das *Velhas*, do modo que lembro, será vantajosissima, porque a navegação a vapor a pouco e pouco irá entrando por elle.

§

O rio *S. Francisco*, em suas actuaes circumstancias, offerece, na estação das enchentes, 1,493 kilom. de nave-

gação livre e desimpedida, isto é, desde o arraial de *Pirapóra*, na provincia de *Minas Geraes*, até a povoação da *Boa Vista*, na de *Pernambuco*. Nas vasantes, porém, só póde ir de *Guaicuhy* até o arraial do *Riacho da Casa Nova*, na *Bahia*, uma distancia de 1,270 kilom.

Se, porém, se fizerem os melhoramentos indicados, ainda nas sêccas, o *S. Francisco*, essa via fluvial que interessa á tantas provincias, será navegavel desde *Pirapóra* até *Boa Vista*.

A despeza com a extracção dos páos ha de ser feita quasi todos os annos, porque as enchentes, solapando os barrancos pela base, quando as aguas se escôam, dão-se desmoronamentos, que arrastam comsigo, ás vezes, grandes madeiros, que vão depositar-se no leito do rio, obstruindo o canal.

Em minha volta da *Boa Vista*, encontrei páos encalhados em diversos pontos do caminho, que não existiam na occasião em que desci, e em frente á villa de *S. Romão* uma enorme gameleira, levada pelo esboroamento do barranco, difficultando assaz a navegação.

§

As despezas com a desobstrucção do *S. Francisco* e seus mais notaveis affluentes:—rios das *Velhas*, *Paracatú*, *Urucuia*, *Corrente* e *Grande*, são, por sem duvida, muito avultadas.

Considerando-se, porém, nas immensas riquezas, que alli estão completamente desaproveitadas;

Considerando-se, que, por falta de meios de transporte rapidos, faceis e economicos, não são exploradas as minas dos diversos mineraes, que ha no extensissimo valle do *S. Francisco* e affluentes ;

Considerando-se que os fretes são tão elevados, que, se semelhantes artigos fossem conduzidos para os mercados do littoral, a importancia de sua venda seria insufficiente para fazer face ás despezas do transporte ;

Considerando-se que uma população crescida vive, póde dizer-se, de todo em todo segregada do mundo civilisado, quasi que no estado primitivo ;

Considerando-se que n'aquellas invias regiões, a acção da autoridade superior faz-se sempre sentir muito tardiamente;

Considerando-se, digo, todas essas circumstancias e muitas outras que fôra longo enumenar, não haverá quem, affirmo, negue a conveniencia e urgentissima necessidade de desobstruir os rios, de que me tenho occupado, afim de que, unindo sua navegação a vapor com as estradas de ferro, umas em via de execução, em projecto outras, ponha-se o nosso centro em contacto com o littoral.

§

A 26 de Março do anno findo, dirigi ao ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, em obediencia a uma das clausulas das minhas instrucções, um officio (appenso n. 2), apresentando o meu modo de pensar ácerca do destino que se devia dar ao vapor *Saldanha Marinho*.

Em resposta, aquelle ministerio dirigiu-me um aviso, em data de 30 de Junho (appenso n. 3).

A experiencia de mais 15 mezes, e o estudo da questão durante todo esse tempo, me confirmam na idéa, que então manifestei, isto é, de que, por emquanto, não é possivel formar-se no rio *S. Francisco* uma companhia que se encarregue de sua navegação a vapor, porquanto, a despeito do facto consummado, do exemplo pratico, ainda ha quem descreia d'elle.

Assim, insisto em dizer que a navegação a vapor do *S. Francisco* só poderá ser levada a effeito, ou pelo governo imperial, ou pelos das provincias da *Bahia* e *Minas Geraes*.

Se a questão fôr resolvida por qualquer d'esses dois modos, os pontos de escala devem ser: na provincia de *Minas Geraes* — villa de *Guaicuhy*, villa de *S. Romão*, arraial das *Pedras dos Angicos* e cidade da *Januaria*; na da *Bahia* — villa da *Carinhanha*, arraial do *Senhor Bom Jesus da Lapa*, villa do *Urubú*, arraial do *Bom Jardim*, villa da *Barra do Rio Grande*, arraial do *Pilão Arcado*, villa do *Remanso*, villa de *Sento Sé*, arraial do *Riacho da Casa Nova*, e villas do *Joazeiro* e do *Capim Grosso*; e na de *Pernambuco*, villa de *Petrolina* e povoação da *Boa Vista*.

Do *Riacho da Casa Nova* para baixo, porém, as viagens terão lugar unicamente na época das enchentes.

Os depositos de lenha serão nas seguintes localidades: *Guaicuhy*, *Pedras dos Angicos*, *Carinhanha*, *Urubú*, *Barra do Rio Grande*, *Remanso*, *Riacho da Casa Nova*, *Petrolina*, *Capim Grosso* e *Boa Vista*.

E' fóra de toda duvida que a receita dos vapores não chegará, talvez, para metade das despezas: os sacrificios, porém, que ora se fizerem, serão, no futuro, sobejamente compensados.

§

A fertilidade dos terrenos banhados pelo rio *S. Francisco* acaba no municipio do *Urubú*: d'ahi para baixo são estereis, á excepção das ilhas e barrancos, que, nas vasantes, são uberrimos.

Para demonstral-o, basta dizer que a mandioca que, em

outro qualquer solo, necessita de um anno, para ficar em estado de ser transformada em farinha, nas *vasantes*, como as chamam os naturaes do paiz, exige apenas quatro ou cinco mezes.

E' claro, pois, que os terrenos do *Urubú* para baixo não são apropriados para o estabelecimento de nucleos coloniaes, dando-se o inverso d'aquelle municipio para cima.

As terras do rio *Grande*, 24 kilom. para o interior de sua margem direita, são de alguma uberdade; os meios de irrigação, porém, além de pouco abundantes, são difficeis. As banhadas pelos rios das *Velhas*, *Paracatú*, *Urucuia* e *Corrente*, são prodigiosamente ferteis. Para ellas, pois, se deve estabelecer uma corrente de immigração, logo que haja navegação a vapor e estradas de ferro, para dar prompta e rapida sahida aos productos.

As vias de communicação e transporte são elemento importantissimo na resolução do grandioso problema — colonisação — e por isso entendo que, emquanto as não houver, será em pura perda toda e qualquer tentativa, que se faça, no sentido de introduzir colonos no *S. Francisco* e seus affluentes.

§

E' detestavel o systema de construcção naval seguido nos mencionados rios.

As barcas, tosca e grosseiramente fabricadas, são em extremo fracas. Suas bordas são muito baixas; e os donos e fretadores, guiados pela avidez do ganho, as carregam tão barbaramente que, quando muito, ficam $0^m,05$ acima da superficie das aguas, de maneira que, assim que o vento refresca e o rio começa a agitar-se, são forçadas a procurar abrigo, afim de não se inundarem.

E' interessante e curioso, ainda que um pouco brutal, o modo por que são lançados ao rio.

Logo que qualquer barca fica prompta, faz-se um plano fortemente inclinado pela sua pôpa e collocam-se taboas de certa em certa distancia. Convida-se grande numero de pessoas, e a pouco e pouco tiram-se uns madeiros informes pretenciosamente denominados picadeiros. Depois, no meio de grande alarido e de foguetes, que atroam os ares, á força de braço a vão impellindo até que dois terços, pouco mais ou menos, de seu comprimento exceda á aresta superior do plano, e n'essa occasião a largam, e, saltitando, vai ella tomar conhecimento com as aguas do rio.

Tive occasião, por experiencia, de tomar a reboque do vapor *Saldanha Marinho* diversas barcas, e, a despeito de mandar andar á meia força, a guarnição d'ellas occupou-se constantemente em esgotal-as, tal era a quantidade de agua que recebiam.

Uma d'ellas abriu-se pela prôa.

§

A principal navegação do rio *S, Francisco* e seus affluentes é feita pelas barcas, de que acabo de fallar.

E' atroz e barbaro o modo por que são conduzidas. De 6 a 12 homens, conforme sua grandeza, vestidos apenas com um saiote, que vai da cinta até o meio das côxas, todos armados de uma comprida vara ferrada, que encostam ao peito, percorrem acceleradamente as coxias, que ha de um e outro bordo das barcas, que levam, muitas vezes 18.000 kilogr. de carga, e até mais, e assim a impellem.

Durante todo o tempo, que estive n'aquellas paragens, não vi uma só embarcação fazer uso de velas, que são conhecidas *unicamente* da villa de *Joazeiro* para baixo e empregadas em grandes canôas denominadas *paquetes*.

Assim, ainda que o vento seja de feição, logo que refresca, as barcas, cujo numero no rio *S. Francisco* e seus mais notaveis tributarios é computado de 250 a 300, encostam-se immediatamente ao barranco, afim de se abrigarem, perdendo occasião de adiantar a viagem.

§

Pelo appenso n. 4 vê-se que os doze municipios, onde estive, das margens do *S. Francisco*, têm o seguinte commercio:

De importação.......	3.009:400$000	
De exportação.......	3.401:650$000	
Saldo a favor da exportação..........		392:250$000

A quantia de 392:250$ em favor do commercio de exportação é a prova mais irrefragavel de que o valle do rio *S. Francisco* está em via de prosperidade.

E' fóra de toda a duvida, e não póde ser seriamente contestado, que aquellas cifras terão augmento prodigioso quando a navegação a vapor e as estradas de ferro forem realidade.

O futuro o mostrará.

De todos os municipios, cuja exportação é maior que a importação, e que, segundo os principios inconcussos da sciencia, adiantam-se e progridem, os unicos que o mostram, pelo aspecto da séde de suas villas, são: *Urubú*, *Barra do Rio Grande*, *Chique-Chique*, *Remanso* e *Joazeiro*: todos os mais parecem estar na maior decadencia.

Esta anomalia, um pouco sorprendente por certo, tem, aliás, explicação facilima.

Semelhantes localidades são dedicadas quasi de todo á criação de animaes e á agricultura. Seus habitantes mais abastados moram em suas fazendas, não sabem o que é o luxo, desconhecem o *confortavel* da vida e só *per accidens* vão ás villas, onde poucos têm morada propria, de fórma que a povoação de taes lugares pertence, em sua maxima parte, ao pauperismo. D'ahi o aspecto tristonho e decadente que apresentam.

§

Sendo (appenso n. 5) 137.000 o numero de habitantes dos doze municipios do *S. Francisco*, desde *Guaicuhy* até *Capim Grosso*, suas escolas primarias, particulares e publicas, são frequentadas unicamente por 1.376 crianças de ambos os sexos, isto é, de 100 habitantes apenas um recebe o pão do espirito !

Esta proporção, que talvez se não dê no paiz dos hottentotes, nada tem de lisongeira.

Attribuo semelhante facto á grande pobreza que ha pelos nossos sertões, de maneira que, até nos lugares onde ha escolas publicas, muitas crianças deixam de frequental-as, porque a seus pais faltam os meios até para vestil-os.

Me parece que as camaras municipaes deviam olhar para isto, empregando parte de seu rendimento em soccorrer esses meninos, dando-lhes instrucção primaria.

Causou-me a mais desagradavel impressão observar que, em todas as escolas de primeiras letras, tanto particulares como publicas, a despeito dos regulamentos em vigor, dos conselhos municipaes, etc., a implacavel ferula, esse instrumento vil e ignobil, que serve unicamente para matar nas crianças os sentimentos de brio e pundonor, impera altiva e despoticamente.

Em certa localidade, cujo nome não declino, vi eu o professor publico em mangas de camisa, de chinelos, sem gravata e sem meias, jogando gamão em uma casa fronteira á escola, estando os meninos entregues a si mesmos.

Quando acabou de *divertir-se*, dirigiu-se para a aula e ao pé da porta da rua começou a tomar lição aos alumnos, trabalhando a ferula sem a menor piedade.

E' preciso acabar com isso de facto, já que de direito o está ha muito tempo.

§

Os povos da classe mais baixa do rio *S. Francisco* e seus affluentes são de uma indolencia e preguiça, que causam espanto e até nojo.

Confiados na abundancia de peixe, do *mandacurú*, *chique-chique*, *cabeça de frade*, *mari* e outras feculas agrestes, fogem do trabalho, entregam-se ao ocio.

Unicamente sob a pressão de alguma necessidade urgentissima é que se prestam a servir; mas, n'este caso, pedem pelo salario de um dia o que razoavelmente poderiam ganhar em oito ou dez, procurando dest'arte, á custa da bolsa de quem d'elles necessita, resarcir o tempo perdido.

Para incutir-lhes o amor ao trabalho, seria necessario que a Providencia, durante alguns annos, fizesse desapparecer o peixe e as feculas mencionadas, ou então que os fosse governar e dirigir por algum tempo um homem de vontade e braço de ferro, como Francisco Solano Lopez, de execranda memoria.

§

Fiz experiencia das madeiras mais fortes e apropriadas

para combustivel de vapores, e classifico-as na seguinte ordem:

1.ª Jurema preta;
2.ª Candeia;
3.ª Aroeira;
4.ª Angico.

Tratando d'esta materia, aliás importantissima, diz o engenheiro Halfeld que, estabelecendo-se a navegação a vapor do *S. Francisco* e seus affluentes, poderão suas matas fornecer combustivel de 15 a 20 annos, e que passado esse tempo terá elle de ser conduzido dos portos do littoral.

Tenho opinião diversa. Entendo que durante seculos, ou antes *sempre* haverá madeira de boa qualidade e em abundancia para ser empregada nos vapores.

Em todo o rio das *Velhas*, *Paracatú*, *Urucuia*, *Corrente* e *S. Francisco* até *Carinhanha*, abundam a aroeira e o angico; de *Carinhanha* até *Urubú*, a jurema preta, que é a melhor, a aroeira e o angico; do *Urubú* até *Boa Vista* ainda a jurema preta.

Cumpre aqui observar que nos terrenos estereis, desde *Urubú* até *Boa Vista*, a ultima madeira produz de modo muito admiravel.

Além d'isso, occorre a circumstancia de que, levando-se a effeito a navegação a vapor, os fazendeiros, com a mira nos lucros, plantarão, nas margens dos rios e suas proximidades, as arvores apropriadas, e assim jámais haverá falta de combustivel.

§

Tratando-se de navegação a vapor e estradas de ferro, os dados estatisticos das diversas localidades são de grande

importancia. Convencido d'isso, empreguei o maior zelo e empenho em colher o maior numero que me fosse possivel, e sinceramente sinto que os que apresento não sejam tão completos como fôra para desejar.

Em uns lugares deixei de obtêl-os por não haver archivos, em outros pela ausencia dos respectivos empregados, em outros por falta de escripturação, e em outros, finalmente, por........ má vontade.

Afianço, porém, que os contidos n'este relatorio não estão muito longe da verdade, porque á sua acquisição presidiu o maior escrupulo.

Rigorosamente exactos não são e nem podem ser. Se em nossos grandes centros populosos se não consegue uma boa estatistica, quanto mais em nossos sertões!

§

O serviço do correio, n'aquellas regiões, é pessimo.

Nas agencias quasi sempre ha falta de guias, sellos, certificados, etc. Por mais de uma vez e em mais de um lugar, querendo registrar correspondencia, tanto official como particular, não o pude fazer, porque as agencias não tinham os papeis necessarios.

Para mostrar quanto são difficultosas as communicações entre localidades proximas de uma mesma provincia, basta o exemplo que vou citar.

A villa da *Barra do Rio Grande* dista de *Chique-Chique* 83 kilom., espaço que um estafeta a pé transpõe em dia e meio. Pois bem, se qualquer pessoa tiver de mandar correspondencia do primeiro para o segundo ponto, e não houver algum portador particular, tem ella de ir para a cidade da *Cachoeira*, 720 kilom. de distancia e 13 dias de viagem, demorar-se alli quatro dias e seguir então para *Chique-*

Chique, 780 kilom. que são percorridos em 15 dias, isto é, a correspondencia, que poderia chegar a seu destino em 36 horas, se houvesse communicação directa, gasta nada menos que 32 dias! Em metade d'esse tempo recebem-se n'esta côrte noticias da Europa.

E não é tudo.

Ha pouca exactidão nos dias de chegada e sahida dos correios, e não é raro que os estafetas se demorem um, dois e até mais dias a pedido de algum amigo do respectivo agente, que por negligencia, esquecimento, falta de tempo ou impossibilidade de qualquer outra ordem, não preparou a tempo sua correspondencia.

Em abono da verdade, devo declarar que vi alguns agentes cumprirem zelosamente seus deveres.

§

Em nossos sertões não ha verdadeiro espirito religioso: ha—ou desrespeito, ou fanatismo e superstição.

A presença de um missionario torna o povo supersticioso e fanatico; sua ausencia o faz desrespeitoso.

Os sacerdotes, incumbidos da muito melindrosa missão de explicarem ao povo do centro a nossa religião, apenas chegam á qualquer localidade fazem erigir a cadeira evangelica.

Chegada a hora aprazada para a predica, sobem á tribuna, e em lugar de fazerem ouvir a palavra branda e convincente de Christo, atroam os ares com a descripção dos horriveis tormentos por que passam as almas condemnadas ao inferno; em lugar de fallarem á razão, de se dirigirem ao entendimento, despertam as paixões.

Não persuadem —intimidam; não convencem— aterrorisam, tornando o povo, que não sabe descriminar a ver-

dade do erro, extremamente supersticioso; e ai d'aquelle que tenta arrancar-lhe dos olhos a venda que lhe é posta em nome da religião!

E quanto mais habil, mais intelligente e mais illustrado é o padre revestido dos poderes necessarios para doutrinar o povo, tanto mais perigoso é, se não comprehende e desempenha sua difficil e espinhosa tarefa com a mais escrupulosa consciencia, tendo sempre em lembrança os preceitos prégados por Deus.

Alguns sacerdotes, convem dizêl-o, empregados nas missões, procedem de modo honroso, digno dos maiores louvores; a maioria, porém, abusa de sua posição, perverte o povo em vez de moralisal-o.

Além do que deixo exposto, em relação aos missionarios que fanatisam e tornam supersticiosas as classes mais baixas de nossa sociedade, cumpro um dever de consciencia, tornando saliente o procedimento de alguns parochos, que, mentindo á sua sacro-santa missão, tornam-se verdadeiros mercadores, d'aquelles que Christo enxotou do templo.

As tabellas dos bispados são para elles letra morta.

Um conheço eu que se não presta a fazer a encommendação de um cadaver se porventura lhe não pagam previamente uma esportula, e para casar um individuo, por pauperrimo que seja, exige a bagatela de 20$000!

Ha mais de um que não tem o livro competente para registrar os baptizados, que celebra. Ora, sendo esse o unico meio que, no Brasil, tem um individuo para provar seu estado civil, comprehende-se perfeitamente a grandeza da falta de semelhantes padres, que saberão tudo, menos o que seja caridade e cumprimento de deveres.

Não é, pois, de sorprender, á vista de taes exemplos, que o povo os desrespeite.

Não ha sociedade bem organisada sem que tenha por base a religião, mas não a que os missionarios prégam do pulpito, não a que alguns vigarios praticam, mas sim a verdadeira — a que foi ensinada por Christo a seus apostolos.

§

E' pessima a edificação em todo rio *S. Francisco*. Apenas na *Januaria*, *Urubú*, *Barra do Rio Grande*, *Chique-Chique*, *Remanso* e *Joazeiro*, se encontram casas regularmente construidas.

Os proprietarios, por mal entendida economia, receiando sempre os effeitos das grandes enchentes, fazem suas casas de tijolo crú ou adobo e barro, afim de terem o menor prejuizo possivel.

E' um erro.

Casas de pedra e cal, com boa liga, resistirão galhardamente ás inundações, e não reclamarão tão repetidos concertos, ou antes verdadeiras reedificações.

As ruas de todos os lugares, onde estive, são tortuosas, mais ou menos cheias de mato e pouco asseiadas.

Animaes de toda a especie, á excepção do gado vaccum, vagam soltos por ellas, o que concorre, em não pequena parte, para a falta de limpeza.

§

Ha no rio *S. Francisco* e seus tributarios uma urgente necessidade que cumpre prover: refiro-me aos tripolantes de barcas, ajoujos e canôas.

A falta de um regulamento, que ponha pêas aos desmandos dos praticos e remeiros, é demasiado sensivel.

Alli nenhum dono ou fretador de barca póde precisar o momento da partida ; andam á mercê da guarnição, dependem d'ella, que apresenta-se quando quer e bem lhe parece.

A' hora aprazada para a sahida faltam dois ou tres remadores ; um offerece-se para ir chamal-os ; vai, vem um dos outros, mas o ultimo fica e assim levam em um verdadeiro *vai-vem*, até que o patrão, desesperado, transfere a viagem.

Em segunda-feira, não ha hypothese de sahir qualquer barca : ha o preconceito de que é dia *aziago*, *fatal* a quem n'elle enceta viagem.

Quer o proprietario ou fretador da embarcação queira, quer não, ao chegar ao arraial do *Senhor Bom Jesus da Lapa* ha de necessariamente atracar, porque a guarnição o faz independente de autorisação ou ordem de quem quer que seja.

Logo que se contratam para qualquer viagem, a primeira cousa que fazem é pedir dinheiro adiantado, muitas vezes a soldada inteira, e por qualquer circumstancia, *máo humor* por exemplo, pegam na caixa e retiram-se sem sciencia do patrão, que fica sem dinheiro e sem remador.

Os praticos têm procedimento analogo.

E' incontestavel que semelhante estado de cousas não póde e nem deve subsistir.

Não proponho a creação de uma *capitania do porto*, porque recordo-me, que, tendo o finado almirante visconde de Inhaúma, de saudosissima memoria, quando ministro da marinha, creado uma em *Mato Grosso*, por decreto n. 2762 de 16 de Março de 1861, foi ella supprimida por outro n. 4006 de 26 de Outubro de 1867.

Lembro, porém, a conveniencia de estabelecer-se o seguinte :

1.° Os praticos, que deverão primeiramente provar suas habilitações por meio de attestados dos patrões com que tiverem andado, e os remadores, serão alistados na delegacia de policia do lugar onde embarcarem. A delegacia lhes dará um certificado ou matricula, pelo qual pagarão os primeiros 1$ e os segundos 500 rs. ;

2.° Serão obrigados, sempre que chegarem a qualquer porto, onde haja autoridade policial, a apresentar-se, para que ella ponha o *visto* na matricula ;

3.° Nenhum pratico ou remador poderá embarcar sem ajuste, por escripto, com o proprietario ou fretador da embarcação, no qual se especifiquem as condições, isto é, se é por mez, por viagem simples ou redonda, de um porto a outro, etc. ;

4.° Os praticos e remeiros não poderão tomar lugar em qualquer barca ou ajoujo, sem que apresentem uma declaração escripta e assignada pelo patrão d'aquella d'onde sahiram, provando que estão justos de contas e que o desembarque foi por accôrdo mutuo ou por se ter acabado o tempo do contrato ;

5.° No caso de desintelligencia entre qualquer pratico ou remador e o patrão, a questão será resolvida por arbitros nomeados pelas partes contendoras ;

6.° Quando qualquer pratico ou remeiro retirar-se devendo ao patrão, este poderá usar do recurso da acção ordinaria que no caso couber.

Estas idéas, ampliadas e desenvolvidas convenientemente, melhorariam, a meu vêr, o estado da navegação do rio *S. Francisco* e seus tributarios.

§

Em toda a grande extensão d'aquelle rio, desde *Pira-*

póra até *Boa Vista*, vi grande numero de crianças do sexo masculino, completamente desvalidas, famintas e semi-nuas, cuja occupação é pescar e tomar banho no rio.

São futuros réos de policia, que se estão formando, cidadãos nocivos e prejudiciaes á sociedade, ao passo que, bem dirigidos e educados, poderiam ser muito uteis á sua patria.

E' geralmente sabido que o governo imperial, por intermedio das presidencias das provincias, tem muito instantemente recommendado ás autoridades judiciarias e policiaes que remettam esses meninos para as capitaes, afim de assentarem praça nas companhias de aprendizes marinheiros.

Essas autoridades, porém, que me conste, ainda não mandaram uma que seja.

E nem póde ser de outro modo.

Não ha uma só d'essas crianças que não tenha um tio, um padrinho, um primo, que não fazendo d'elle nenhum caso, não duvidará apresentar-se como seu extrenuo protector, se por ventura a autoridade quizer envial-o para a capital, em respeito e obediencia ás ordens do governo.

Ora, esse protector *improvisado* tem importancia na localidade em que reside, goza de consideração e estima, pelo que o delegado e subdelegado vêm-se, máo grado seu, na necessidade de ceder.

E', porém, fóra de toda duvida que se devem aproveitar esses meninos, que, inconscientes das acções que praticam, estão-se preparando um futuro que nada tem de agradavel.

A creação de uma companhia de aprendizes marinheiros, denominada do rio *S. Francisco*, tendo seu centro ou séde na villa da *Barra do Rio Grande*, uma secção na cidade da *Januaria* e outra na villa de *Petrolina*, cujo commandante e subalternos sejam officiaes que saibam alliar a energia com a benevolencia, o rigor e rispidez da

disciplina militar com a humanidade, vendo nas crianças confiadas á sua direcção entes debeis e fracos, que carecem de protecção e carinho, incumbidos de recrutar, de accôrdo com as autoridades judiciarias e policiaes, meninos desvalidos, será um serviço ingente prestado ao valle do *S. Francisco*.

Será tambem um meio para, a pouco e pouco, lentamente, arrancar a classe mais baixa dos povos d'aquellas regiões do estado de preguiça e indolencia em que jaz, porquanto, receiando o recrutamento, as proprias crianças talvez procurem trabalho, que lhes afiance o presente e as habilite para, no futuro, não serem pesadas, nocivas e prejudiciaes á sociedade.

§

As medidas de capacidade em todo o rio *S. Francisco* variam de modo extraordinario.

Essa variação dá lugar não só a muitos enganos, e reclamações continuadas e repetidas, como ainda a notaveis differenças nos preços dos generos.

E', pois, indispensavel, que as medidas sejam uniformes, uma e a mesma em todas as localidades.

O systema metrico decimal, que deve ser posto em execução no 1° de Julho do anno vindouro, é de todo em todo desconhecido nas paragens em que estive, não tendo as camaras municipaes os respectivos padrões.

Para que sejam cumpridas as disposições legislativas e governamentaes a semelhante respeito, ha de ser necessario, a meu vêr, empregar muita energia, quiçá severidade.

§

Quer no rio das *Velhas*, quer no *S. Francisco*, os valores das terras dependem da estimativa em que as têm

seus proprietarios e da necessidade de quem as quer comprar. Assim, não é possivel estabelecer um termo médio para o preço dos terrenos ; é questão que se resolve do momento.

§

Os trabalhos do Dr. Em. Liais sobre o rio das *Velhas* e do engenheiro Halfeld com relação ao *S. Francisco* honram muito seus autores.

São ambos bastante minuciosos e verdadeiros.

O do primeiro tem sobre o do segundo uma grande superioridade : — a determinação de pontos astronomicos, o que é de summo interesse para a geographia do paiz.

Um e outro, no desempenho de minha commissão, me foram de grande auxilio e utilidade, pelo que dirijo a seus illustrados e distinctos autores um voto de reconhecimento.

IX

Em todas a localidades, onde estive, recebi inequivocas provas de consideração e apreço, que jámais esquecerei.

A todos, que assim me obsequiaram, agradeço com a maior abundancia de coração.

Dos incommodos de espirito que soffri, dos sacrificios que tive de fazer, e, mais que tudo, de minha saude estragada, para sempre por ventura, de tudo isso, digo, me considero sobejamente recompensado, porque tenho consciencia de haver empregado todos os esforços, de que sou capaz, para cumprir satisfatoriamente a muito espinhosa e difficil tarefa, que me foi commettida.

Terminando aqui o meu relatorio, reconheço que tem

elle não pequeno numero de imperfeições e lacunas: espero, porém, ser desculpado, porquanto :

Quod potui feci, faciant meliora potentes.

Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1872 — *Francisco Manoel Alvares de Araujo.*

APPENSO N. 1

Inventario do vapor « Saldanha Marinho » e todos os seus sobresalentes

O vapor *Saldanha Marinho* tem 28^m de comprimento, 7^m, de bocca, $0^m,35$ de calado d'agua descarregado e $0^m,50$ carregado, e é de 25 cavallos de força.

Tem dois porões, um á ré e outro á prôa, com capacidade para receberem 51,400 kilogr. de carga, uma camara com quatro camarotes, um salão á ré, dois camarotes ávante d'ella, duas despensas, duas latrinas e um rancho á prôa para a guarnição. Todas as portas têm fechos, ferros e fechaduras, e a camara é envidraçada.

O citado vapor é de ferro, sendo as chapas do costado de $0^m,035$ de grossura, e acha-se em bom estado de conservação e navegabilidade. A elle anda annexo uma barca de ferro de 32^m de comprimento.

OBJECTOS DA CAMARA

Mesa de jantar forrada de baeta azul, uma. .	1
Tamboretes de couro, dez.	10
Ditos de palhinha, quatro	4
Cabidos de metal, cinco.	5
Colchões, nove.	9
Colchas de chitão, oito	8
Lençóes de morim, treze.	13
Fronhas de morim, quinze.	15
Travesseiros, nove.	9
Castiçaes de vidro, estando um quebrado, dois.	2

Mangas de vidro, sendo uma quebrada, duas. .	2
Bandejas diversas, tres	3
Terrina para sôpa, uma.	1
Pratos cobertos, sendo um sem tampa, tres. .	3
Compoteiras de vidro lapidadas, duas. . . .	2
Garrafas, idem, idem, duas	2
Pratos travéssos, dois.	2
Dito côvo para arrôz, um.	1
Ditos fundos e rasos, dezoito.	18
Apparelho de café, um	1
Copos de vidro, seis.	6
Latas de folha para assucar e café, seis . . .	6
Cafeteira de metal, uma.	1
Colher de tirar sôpa; de metal, uma. . . .	1
Dita de tirar arroz, de metal, uma.	1
Dita de tirar assucar, de metal, uma. . . .	1
Ditas de sôpa, de metal, dez.	10
Ditas de chá, de metal, quatro.	4
Talheres, seis	6
Ourinoes de louça, com tampa, dois	2
Toalhas de mesa, quatro.	4
Castiçal de metal, um.	1
Garrafões, dois.	2
Bandejinha de metal com tesoura, uma. . .	1
Caixão com medicamentos, um.	1
Potes para agua, quatro.	4
Licoreiro incompleto, um	1

OBJECTOS DA COSINHA

Fogão de ferro, um.	1
Cassarolas de ferro estanhadas, quatro. . . .	4
Caldeirões de ferro estanhados, quatro. . . .	4

Frigideira de ferro estanhada, uma	1
Chaleiras de ferro estanhadas, tres.	3
Grelha de ferro, uma.	1
Moinho de café, um.	1
Faca de cosinha, uma.	1

OBJECTOS DA MACHIÑA E CONVÉS

Fio de vela, quinze kilogrammas.	15
Agulhas de coser lona e brim, cento e cincoenta.	150
Dedaes, doze	12
Linha crúa um kilogramma e oitocentos e trinta e cinco grammas	1,835
Borracha em lençol, noventa e um kilogrammas e setecentas grammas	91,700
Linha de barca, onze kilogrammas e novecentas e trinta e uma grammas.	11,931
Merlim, quatorze kilogrammas e seiscentas e oitenta e quatro grammas.	14,684
Sondareza, seis kilogrammas e oitocentas e oitenta e tres grammas	6,883
Arrebem, doze kilogrammas e trezentas e noventa grammas.	12,390
Cabo de linho alcatroado, duzentos e oitenta e quatro kilogrammas	284
Forjas completas (uma em máo estado) duas. .	2
Bigornas, duas.	2
Lampeões de cobre, quatro.	4
Cadernaes de madeira para alcear e ferrados, doze	12
Ditos grandes de ferro, de tres gornes, quatro .	4
Moitões de madeira para alcear e ferrados, doze.	12

Caixa completa de machos e cossinetes, uma. .	1
Pharóes, cinco.	5
Almotolias de folha, dez.	10
Bomba pequena, uma.	1
Mangote be borracha, um	1
Mangueira de lona, uma.	1
Escovas de tubos, vinte e quatro	24
Tubos de vidro para nivel d'agua, trinta e seis.	36
Tubo de borracha, um.	1
Picaretas, sete.	7
Chapas para o côrte da barca, seis.	6
Grelhas de ferro fundido e batido para a fornalha, cento e vinte e nove.	129
Tubos de ferro para a caldeira, dezeseis. . .	16
Pás para as rodas, oito	8
Ferro de diversas especies, cento e quarenta e seis kilogrammas	146
Aço redondo e quadrado, vinte e nove kilogrammas e trezentas e setenta e nove grammas.	29,379
Cobre em folha, quatorze kilogrammas e seiscentas e oitenta e quatro grammas. . . .	14,684
Catracas, tres	3
Ferramentas de cravar, quatro.	4
Badames, seis	6
Serrote para bronze, um.	1
Dito para ferro, um	1
Talhadeiras, cinco.	5
Rebites, cravos, e parafusos diversos, cento e vinte e sete kilogrammas.	127
Chapas de ferro, quinze.	15
Raspas para a caldeira, seis.	6
Rodos, cinco	5

Hastes para escovas de tubos, seis. 6
Chumbo em lençol, cento e quarenta e seis kilogrammas 146
Solda prompta, dez kilogrammas. 10
Mialhar branco, quarenta e quatro kilogrammas. 44
Brocas, vinte e tres. 23
Feltro, trinta kilogrammas. 30
Papel de lixa, cento e quarenta e cinco folhas. . 145
Limas sortidas, trinta e tres. 33
Chaves inglezas, quatro. 4
Tórnos de bancada e seus pertences, tres. . . 3
Malhos de forja, dois. 2
Ferros de soldar, dois 2
Marreta, uma 1
Martellos de mão para ferreiro, tres. . . . 3
Arame de bronze, um rolo. 1
Dito de cofre fino, meio dito. 1/2
Tijolos inglezes, vinte e cinco. 25
Raspas para costados, doze. 12
Púa para ferro, uma. 1
Ditas para madeira, duas. 2
Pontas de Paris, tres kilogrammas. 3
Graxa, oitenta e oito kilogrammas e cento e oito grammas 88, 108
Azeite doce, vinte e tres litros novecentos e cincoenta e oito millilitros. 23, 958
Peças de lona e brim, sendo tres em um grande encerado para cobrir a machina, oito. . . 8
Escovas inglezas, oito. 8
Baldes de madeira, doze. 12
Pares de machos, cinco. 5
Alcatrão, meio barril. 1/2
Breu, meio dito 1/2

Lanternas de patente, seis.	6
Ditas de vistas, sete.	7
Caixa com ferramenta de carpinteiro, uma. .	1
Latas de tinta branca, verde e preta, dezoito. .	18
Zarcão, cento e dezoito kilogrammas. . . .	118
Oleo de linhaça, cincoenta e oito ditos. . . .	58
Agua-raz, quinze ditos	15
Seccante, sete ditos	7
Bandeiras nacionaes, tres.	3
Fileli azul, branco e encarnado, vinte e nove metros e setenta centimetros.	29,70
Broxas e pinceis, dezenove.	19
Balança grande com os competentes pesos, uma.	1
Peças de artilharia, de calibre quatro, com todos os seus pertences, duas.	2
Chaves diversas para a machina, dez. . . .	10
Molas para o cylindro, duas.	2
Copos para graxa, dois.	2
Hastes da bomba, duas.	2
Corta-frio, dois.	2
Grampos grandes, dois	2
Parafusos grandes, dois.	2
Martellos, dois.	2
Serrote um.	1
Lanternas de vidro, duas.	2
Desandadores, dois	2
Machos de atarraxar, oito.	8
Jogos de fazer rosca e a competente caixa, tres.	3
Valvulas de bronze, cinco	5
Verrumas, duas	2
Tenazes, tres	3
Cunhas de aço, tres.	3
Machados, seis	6

Alavanca, uma.	1
Empanadas de algodão americano trançado, em pessimo estado, vinte e quatro.	24
Braços das rodas, dez.	10
Circulo das rodas, cinco.	5
Folhas de Flandres, dez.	10
Ancoras com as competentes amarras, duas. .	2
Tubos de vidro para os pharoes, dois.	2
Guindaste de ferro grande, um.	1
Taboas de cedro de trinta palmos em uma prancha, duas	2
Encerados de algodão americano trançado no tombadilho, tres	3
Espias de cabo de linho, duas.	2
Enveloppe para tubo de nivel d'agua, um. . .	1
Registro da chaminé e haste de ferro, um. . .	1
Calóte espherica de cobre para cobrir a caixa do vapor, uma.	1
Escadas de cedro, tres.	3

Como vereadores e membros da commissão nomeada pela camara municipal d'esta villa, em sessão extraordinaria de 4 do corrente mez, recebemos do Sr. primeiro tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo o vapor *Saldanha Marinho*, a barca de ferro e todos os sobresalentes mencionados n'este inventario. Guaicuhy, 18 de Junho de 1872. (Assignados) — *Camillo José dos Santos.— Sabino Duarte de Oliveira.*

APPENSO N. 2

Copia.— Commissão exploradora dos rios *S. Francisco*, *Paracatú* e *Grande*. Villa de *Guaicuhy*, 26 de Março de 1871.

Illm. e Exm. Sr.— A 16ª clausula de minhas instrucções me determina que, finda a viagem de exploração, entregue eu n'esta villa o vapor *Saldanha Marinho* á pessoa, que fôr designada pela presidencia da provincia de *Minas Geraes*, devendo previamente informar qual o melhor destino a dar ao navio.

Duas são as hypotheses figuradas na referida clausula.

Primeira : « Se convém vender o vapor. »

Segunda : « Se empregal-o em uma viagem regular, por conta do governo, ou por meio de alguma empreza particular, cumprindo-me, n'este caso, apresentar as condições para a arrematação do serviço. »

E' fóra de toda duvida que não póde haver navegação a vapor sem o competente e indispensavel auxiliar — uma officina de machinas—porquanto, se partir-se alguma peça do machinismo do navio, tem elle necessariamente de ficar parado por não ter onde reparar a avaria.

Sendo assim, como realmente é, é claro que não haverá quem compre ou frete o vapor, porquanto uma officina de machinas em ponto pequeno exige, pelo menos, o seguinte

PESSOAL

Um bom machinista, mestre da officina ;

Um ajustador de machinas ;

Um modelador ;
Um caldeireiro de ferro ;
Um bom ferreiro ;
Um torneiro ;
Um fundidor.

MATERIAL

Machina motriz para a officina, uma ;
Dita de aplainar, uma ;
Dita de furar, uma ;
Dita de virar chapas, uma ;
Dita de cortar, uma ;
Fundição de metal e ferro, uma ;
Torno de tornear, um ;
E a ferramenta necessaria á officina.

Ora, tendo o pessoal de vir do *Rio de Janeiro*, necessariamente exigirá ordenados crescidos ; e o material, que alli mesmo custa caro, só poderá estar n'estas regiões importando em quantia muito subida, á vista dos elevadissimos fretes, que os tropeiros exigem.

Por mais fabulosos, pois, que sejam os lucros que um vapor possa auferir, é absolutamente impossivel que cheguem para pagar os ordenados dos operarios, os juros do capital empregado nas machinas, no valor do navio ou fretamento e em seu custeio, quanto mais para deixar algum interesse.

Eis no que me fundo para dizer que não haverá quem compre ou frete o vapor *Saldanha Marinho*.

A mesma officina, porém, póde facilmente occorrer ás necessidades de quatro ou cinco vapores, pelo que, havendo uma companhia regularmente organisada, protegida e coadjuvada pelo governo, a despeza será subdividida pelos refe-

ridos vapores, havendo apenas o augmento do dispendio com material, e á ella, com certeza, se venderá o vapor *Saldanha Marinho.*

Como é sabido, porém, o espirito de associação ainda não está bem desenvolvido em nossos grandes centros populosos, e em nossos sertões ninguem acredita nos interesses que d'ahi podem provir, e ainda menos, pelo que tenho observado, nas grandiosas vantagens da navegação a vapor.

Em minha viagem no rio das *Velhas*, fallei aos fazendeiros mais ricos e importantes na formação de uma companhia de navegação a vapor, convidando-os para d'ella fazerem parte.

A resposta era uma e unica ; parecia que tinha havido combinação prévia : « Essa navegação, diziam-me, durante alguns annos só aproveita aos habitantes do *S. Francisco*, e por isso não posso ser accionista. »

Aqui chegado, continuei na mesma propaganda, e conversando com o capitão Antonio Hyppolito Gomes de Magalhães, fazendeiro rico e muito bem conceituado, disse-lhe que a minha intenção era que as acções fossem de 50$ cada uma, em prestações de 25 %, afim de que todos, ricos e pobres, podessem subscrever.

Achou muito boa a minha idéa, accrescentando que estava prompto a assignar quatro acções !

E note V. Ex. que, quando aqui cheguei, todos, *una voce*, me disseram, que o referido capitão Antonio Hyppolito Gomes de Magalhães era *fanatiço* pela navegação a vapor do rio *S. Francisco.*

A meu vêr, pois, o que cumpre conseguir, e com urgencia, é innocular no animo dos povos d'estas ricas e ferteis regiões o espirito de associação, e demonstrar praticamente as grandes vantagens e enormissima superioridade dos vapores sobre as barcas, que, termo médio, levam tres mezes para vir do *Joazeiro* á esta villa.

Para conseguir semelhante *desideratum*, proponho a V. Ex. que o vapor *Saldanha Marinho* seja empregado em viagens regulares entre esta localidade e o *Joazeiro*, tocando nos mais importantes pontos, e sendo os preços das passagens e fretes das cargas 50 °/ₒ mais elevados que os que recebem as barcas.

O commandante, além do ordenado, terá 25 °/ₒ do valor das passagens para sustento dos passageiros.

Cumpre-me aqui ponderar que o vapor em questão, ficando n'esta villa entregue á pessoa incompetente, sem ter quem trate de seu casco e machina, se arruinará a pouco e pouco, e dentro de pouco tempo, certo, será necessario, para que possa funccionar, fazer despeza talvez avultada.

A' vista de quanto fica exposto, V. Ex. resolverá o que julgar o mais acertado, dignando-se transmittir-me suas ordens, que serão pontualmente cumpridas.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, ministro da agricultura, commercio e obras publicas. (Assignado) — *Francisco Manoel Alvares de Araujo*, encarregado da commissão.

APPENSO N. 3

Copia.—N. 51. 3ª secção.—Ministerio dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas. Rio de Janeiro, em 31 de Junho de 1871.

Em resposta ao seu officio de 26 de Março ultimo, declaro a Vmcê. que o governo não póde resolver sobre sua proposta para o estabelecimento da navegação a vapor do rio *S. Francisco* emquanto não tiver meios para as respectivas despezas e não adquirir o vapor *Saldanha Marinho*, pertencente á provincia de *Minas Geraes*, para cuja acquisição n'esta data entende-se com o respectivo presidente.

Entretanto convem que Vmcê. continue com as explorações a seu cargo, e á proporção que necessitar de novos recursos para realizal-as os requisitará d'este governo por intermedio da presidencia da provincia em que se achar.

Deus guarde a Vmcê. (Assignado)—*Theodoro M. F. Pereira da Silva.*—Sr. 1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo.

APPENSO N. 4

Resnmo do commercio de exportação dos doze municipios das margéns do rio S. Francisco, desde Guaicuhy até Capim Grosso

MUNICIPIOS	PROVINCIAS	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	SALDO A FAVOR DA EXPORTAÇÃO
Guacuhy	Minas Geraes	48:000$	124:500$	
S. Romão	»	63:000$	86:400$	
Januaria	»	265:000$	144:500$	
Carinhanha	Bahia	80:000$	68:500$	
Urubú	»	330:600$	355:000$	
Villa da Barra	»	450:000$	550:000$	
Chique-Chique	»	160:000$	225:000$	
Remanso	»	318:000$	430:000$	
Sento Sé	»	94:000$	141:500$	
Joazeiro	»	1.010:000$	1.000:000$	
Petrolina	Pernambuco	81:000$	87:250$	
Gapim Grosso	Bahia	110:400$	129:000$	
	Somma	3.009:400$	3.401:650$	392:250$

Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1872.—*Francisco Manoel Alvares de Araujo.*

APPENSO N. 5

Resumo dos habitantes dos doze municipios das margens do rio S. Francisco desde Guaicuhy até Capim Grosso, e do numero de alumnos de ambos os sexos, que frequentam as escolas primarias, quer publicas, quer particulares.

MUNICIPIOS	PROVINCIAS	NUMERO DE HABITANTES	NUMERO DE ALUMNOS DE AMBOS OS SEXOS QUE FREQUENTAM AS ESC.
Guaicuhy	Minas Geraes	5.000	83
S. Romão	»	9.000	135
Januaria	»	28.000	197
Carinhanha	Bahia	14.000	94
Urubú	»	15.000	103
Villa da Barra	»	11.000	329
Chique-Chique	»	20.000	185
Remanso	»	9.000	119
Sento Sé	»	6.000	0
Joazeiro	»	7.500	73
Petrolina	Pernambuco	4 500	53
Capim Grosso	Bahia	8.000	32
	Somma	137.000	1.376

Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1872.—*Francisco Manoel Alvares de Araujo.*

MEMORIA

SOBRE O

ASSEDIO E A RENDIÇÃO DA PRAÇA DA COLONIA DO SANTISSIMO SACRAMENTO

Em Maio de 1777

com um mappa

PELO BACHAREL

PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Socio do Instituto Historico

I

A Colonia do Sacramento, fundada pelos portuguezes em 1680 na margem esquerda do Rio da Prata, em frente á ilha de S. Gabriel, foi por largos annos o pomo da discordia entre os governos de Portugal e da Hespanha.

Esta possessão, isolada da America portugueza, passou por muitas vicissitudes: sitiada, tomada por assalto e por diversas vezes restituida a Portugal, foi-lhe afinal entregue em 27 de Dezembro de 1763 em virtude do tratado de Paris de 10 de Fevereiro do mesmo anno.

Persistindo, porém, o governo da Hespanha em considerar, a despeito d'esse tratado, parte do territorio do Rio Grande do Sul como paiz conquistado; mas julgando seus briosos habitantes dever repellir tão insolita quão injusta pretenção, tomaram a offensiva; deliberou aquelle governo fazer partir de Cadiz em 1776, com destino ás costas do Brasil, uma formidavel expedição, cujo commando foi con-

fiado a D. Pedro Ceballos, nomeado vice-rei e governador-geral de todas as povoações da jurisdicção da audiencia de Charcas.

Fazendo-se essa expedição de vela, surgiu a 20 de Fevereiro de 1777 no canal formado pelo continente do Brasil e a ilha de Santa Catharina, e tendo conseguido o seu chefe em poucos dias a rendição d'essa ilha, seguiu em 28 de Março para o sul, com a intenção de effectuar um desembarque na enseada de Castilhos; contrariado, porém, por um temporal arribou a Maldonado, onde deliberou ir atacar a praça da Colonia do SS. Sacramento. Assim, depois de refazer-se em Montevidéo, chegou a 22 de Maio á referida Colonia, desembarcando o seu exercito, da força de 5000 homens, no dia 28, no arroio de los Moluios, uma legua a léste da praça, rompendo immediatamente o fogo contra ella.

II

Sciente o governador da praça da *Colonia do Sacramento*, o coronel Francisco José da Rocha (copias 1 e 2), por avisos do vice-rei do Brasil de 30 de Outubro de 1776, do destino d'essa expedição; e constando-lhe posteriormente haver-se apoderado o seu chefe das suas cartas de 14 de Janeiro e 18 de Fevereiro do anno seguinte, em que reclamava a remessa de 3.300 homens, artilharia munições e principalmente viveres, porquanto os que havia na praça apenas chegariam até 20 de Março, e bem assim das cartas do vice-rei e dos soccorros que este enviara á praça; facilmente comprehendeu o perigo que o ameaçava, prevendo além d'isso que para *uma praça nas circumstancias em que*

aquella se achava, considerada pelas leis militares prisioneira de guerra, não se podia esperar concessões favoraveis, tanto mais,e quanto era notorio o odio que o sitiante votava aos portuguezes e a seus alliados.

Observando tambem o governador que o sitiante, ao mesmo tempo que effectuava o seu desembarque, approximava-se da estacada NNN., que *limitava a possessão do terreno entre as duas corôas, além da qual não lhe podia ser hostil, em presença da recommendação contida no citado aviso de* 30 *de Outubro*, em que se lhe recommendava que, *emquanto não houvesse alli movimento maior, não se mexesse, e que havendo-o,se conservasse n'uma restricta neutralidade defensiva* ; e, podendo o sitiante assim, pelas disposições que tomava, atacar dentro de meia hora o cavalleiro e a muralha da praça, e tomal-a; embora tivesse guarnição e viveres sufficientes, deliberou escrever-lhe, solicitando que declarasse quaes eram as suas intenções; porquanto tinha ordem do seu governo para *manter a boa amizade com os vassallos e as tropas da Hespanha*, afim de com a sua resposta tomar algumas providencias, e exhibir o protesto que antes lhe enviára o vice-rei,para ser apresentado ao general Vertiz, se este porventura tentasse tomar aquella praça. O sitiante, porém, detendo o official mensageiro até á noite, despediu-o, dizendo-lhe que no dia seguinte responderia ao governador. Facil era, pois, de prever que o seu intento era ganhar tempo para tomar mais facilmente a praça de assalto.

Sem esperança, portanto, de poder ser soccorrido a tempo, pelo conhecimento que tinha da rendição da ilha de Santa Catharina, e de achar-se inteiramente sitiado por terra e por agua, o governador convocou em conselho os officiaes, da patente de capitão para cima, aos quaes, expondo as circumstancias em que estava a praça, pediu-lhes

que declarassem, se *julgavam preferivel e mais injurioso para as armas portuguezas entregal-a ou pôl-a em defesa, sem outra esperança que a de sua perda, bem como a da maior parte da tropa e dos paisanos, e de seus bens, ficando ainda ao sitiante a gloria de havêl-a conquistado pelas armas.* Manifestando-se elles pela apresentação da capitulação; e verificando em seguida o governador não poderem os moradores do campo fornecer-lhe os viveres de que carecia a praça, onde havia farinha e sal sómente para tres dias, dirigiu-se para a muralha, conservando-se alli toda a noite sem ser inquietado pelo sitiante, o qual entretanto se occupava em transferir o seu acampamento e artilharia para outro lugar mais proprio, para fazêl-a transpôr a estacada com promptidão, e effectuar mais rapidamente os seus aproxes; assim, certo de que se intentava o assalto da praça para o dia seguinte, percorreu todas as baterias, começando pelas do baluarte S. Miguel, apontando a artilharia para os lugares por onde presumia que o sitiante podesse encaminhar-se, percorrendo da mesma fórma todas as outras e deixando o terreno livre; ordenou ás suas guardas de campo, que impedisse-o de n'aquella noite approximar-se desapercebidamente das muralhas da praça. Avançando entretanto o sitiante em tres columnas por terra, e outra pelo rio em direitura á prainha interior do baluarte S. Miguel, com o fim de aproveitar-se da falta da muralha, para tomar o corpo da guarda principal dos postos pela retaguarda, e assenhorear-se não sómente da praça, como da guarda do cavalleiro, proximo do qual se achava; foi rechaçado pelo fogo das baterias da praça, fogo que o governador fez cessar, para poder descortinar a posição que tomaram as forças *sitiantes* e batêl-as; destacou uma companhia de bombeiros, mandou recolher uma peça de artilharia que estava no alto do cavalleiro, e conservou toda

a guarnição da praça em armas. No dia seguinte, porém, ao amanhecer avistaram-se as trincheiras e baterias MMM, que o sitiante, valendo-se da grandeza e escuridão da noite, logrou levantar, ameaçando um dos lados da praça que nunca fôra atacado (lado esse no qual o governador, prevendo a possibilidade de que podesse sêl-o, mandára construir merlões em toda a sua extensão, afim de guarnecêl-o com as peças de calibre 18 e 24, que requisitára, mas que não haviam ainda chegado); começando o sitiante immediatamente o bombardeamento contra a praça sem que d'ella fosse possivel desalojal-o, nem impedir que se assenhoreasse do alto do *cavalleiro*, moinho que ficava tambem a cavalleiro da praça. Constava o parque *do sitiante* de 24 peças de calibre 24, seis morteiros de calibre 6, oito peças de bronze de calibre 8, para abalar rochas; entretanto nas baterias d'aquelle lado da praça havia nove peças de calibres 4, 6 e 8, e uma de calibre 9; nas do baluarte S. Miguel tres peças de calibre 24 e duas de calibre 12, que não podiam apontar convenientemente, por ser a sua direcção dirigida ao canal para defender a entrada dos navios; nas do baluarte Santo Antonio havia sómente duas peças de calibre 12, que apontavam para o lado de terra, porém com pouco effeito, por não serem os seus tiros nem directos, nem de enfiada, e estarem demais dominadas pela elevação que ficava a cavalleiro da praça. Quanto á artilharia grossa restante das outras baterias, além de ser n'ellas necessaria, não podia ser *n'ella* assestada na cortina ameaçada, sem que se demolisse os travessões, que se construiram para cobrir os seus respectivos flancos. D'esta fórma, não podendo a praça soffrer um sitio formal á vista das disposições do inimigo para tomal-a de viva força, e não se podendo esperar que uma segunda sortida fosse tão bem succedida como a primeira, o governador, julgando-se ir-

remediavelmente perdido por todos esses motivos, tomou sob sua responsabilidade offerecer capitulações ao sitiante; mas este, retendo ainda o official mensageiro, e aproveitando-se de todo esse tempo (certo de que da praça se lhe não faria fogo), para mandar occupar por dois corpos de infantaria o terreno que se estendia a 200 braças em frente ás suas baterias, despediu-o tarde, dizendo-lhe que no dia immediato responderia ao governador; e continuando durante a noite os seus trabalhos de aproxes, depois de ultimados, declarou-lhe que não aceitava as capitulações, por serem extensas ; intimando-lhe em seguida e formalmente que se entregasse prisioneiro de guerra dentro de 24 horas, responsabilisando-o pelas perdas e damnos de todos que se achassem na praça.

Como ordinariamente a uma praça que se acha sem viveres, não se lhe concede capitulações, sem que previamente a sua guarnição se entregue prisioneira, e estivesse o sitiante sciente d'essa circumstancia, enviou-lhe o governador segundas capitulações mais summarias, que tiveram a mesma sorte das primeiras; declarando-lhe então o sitiante verbalmente que consentia que se retirassem os officiaes e mais pessoas da praça, levando o que lhes pertencesse, menos os soldados, que ficariam prisioneiros de guerra: assim confiando em sua palavra o governador o mandou entrar na praça no dia 31 de Maio de 1777 (1).

Julgando, porém, o governador que não lhe seria louvado apresentar-se no Rio de Janeiro, deixando ficar na praça toda a tropa prisioneira sem nenhum official que a protegesse, declarou ao sitiante que por certos motivos preferia partilhar da sua sorte; e que assim quando ella se

(1) Pelo tratado de paz e limites, denominado de S. Idelfonso 1777 (1º de Outubro de 1777), se fixaram novos limites ao Brasil, perdendo Portugal a Colonia do SS. Sacramento.

retirasse elle o faria tambem, solicitando então aquartelamento em Buenos Ayres, no que elle assentiria se não houvesse algum inconveniente.

III

Esta succinta noticia foi fielmente extrahida das cartas do coronel Francisco José da Rocha, ex-governador da praça, juntas por copia, justificando-se da sua rendição.

Mais tarde requereu (copia 2 e 3) o mesmo coronel do governador de Buenos-Ayres os meios necessarios para transportar-se com as suas tropas, e os paisanos que quizessem acompanhal-o, para o Brasil.

Consta, finalmente, que o coronel Francisco José da Rocha, sendo processado, fôra condemnado á morte, commutando-se-lhe depois essa pena na de degredo para Angola, onde fallecêra.

Rio de Janeiro, 7 de Agosto de 1868.

Copia n. 1.—Illm. e Exm. Sr. marquez vice-rei. (Lançada á fl. 102)—Muito meu senhor.—N'esta occasião tenho a honra de pôr-me na presença de V. Ex., fazendo lhe assim certo o estado em que me acho na companhia dos prisioneiros, assim soldados como paisanos, que sahimos da praça da Colonia pela ter capitulado ao general Cevallos em o dia 31 de Maio de 1777. Eu não deixo de conhecer o quanto seria a V. Ex. sensivel o vêr-me obrigado por força a capitular a praça sem soffrer o segundo assalto, porém tambem me persuado que V. Ex. não ha de deixar de reflectir, a mim me seria mais, se a puzesse nos termos de a perder, sem procurar salvar pelo menos a tropa e vassallos de Sua Magestade, com tudo o que lhe pertencesse,

o que difficultosamente ou de nenhuma fórma podia conseguir se arriscasse outro, pois V. Ex. sabe muito bem, que eu não tinha gente competente para soffrer um assalto geral, como a V. Ex. tinha representado por duas vezes, dizendo-lhe que precisava infallivelmente para defesa da praça de tres mil e trezentas pessoas, segundo as suas defesas, por ser sua circumferencia grande e as suas obras irregulares, nem mantimentos para poder soffrer um sitio formal; e como me não era possivel por fórma nenhuma conserval-a por não ter os ditos mantimentos, e n'este genero ter chegado ella ao estado de maior necessidade, como fiz vêr a V. Ex. pelas certidões passadas pelos officiaes-maiores da guarnição, que mandei examinar o que havia, assim nas casas dos particulares, como no trem de Sua Magestade, tendo ao mesmo tempo eu a certeza, de que o meu conquistador estava certo, de que eu não tinha mantimentos, por ter apanhado as minhas cartas, as de V. Ex., e o mantimento e mais generos que V. Ex. mandava para sua defesa, motivos pelos quaes elle não só sabia a tinha segura, mas até me não concederia capitulação nem graça alguma, pois V. Ex. sabe que uma praça que não tem mantimentos é pelas leis militares prisioneira de guerra, e se lhe não concedem capitulações senão a beneplacito do conquistador; via-me ao mesmo tempo obrigado a reflectir, e attender ao genio e circumspecção conhecida com que em todo o tempo Cevallos não soube ou não pôde disfarçar o grande e implacavel odio, que no seu coração domina contra a nação portugueza e seus alliados, o que mostrou evidentemente em 1762 na mesma praça, quando mandou fazer fogo sobre os pobres naufragados, que, pela infelicidade do incendio que teve a sua embarcação, procuravam salvar as vidas nas mãos dos seus inimigos, dirigindo-se ás praias vizinhas da dita, cuja ordem suspendeu a rogos de um offi-

cial que lhe disse elle obrava com uma inhumanidade nunca praticada em tempo nenhum, nem ainda nas nações mais barbaras. Via ao mesmo tempo que, depois que elle fez o seu desembarque, procurava approximar-se á estacada, sitio que terminava a porção de terreno entre as duas corôas, em o qual eu lhe não podia fazer hostilidade alguma; assim como, porque elle podia responder estava nas terras de el-rei seu amo, como tambem porque eu tinha recebido a ordem de V. Ex. de 30 de Outubro, que diz assim: « Devo dizer a V. S. que, emquanto não houver por lá movimento maior não bula comsigo; que, havendo, deve conservar-se em uma rigorosa defensiva; bem visto que tambem se entende como tal o amparar-me d'aquelles postos que julgar poderem dar maior facilidade de ser atacado pelo inimigo; isto tudo, porém, se entende depois d'elles se declararem e principiarem as suas hostilidades. » Ora, é, e está bem claro que, observando eu esta ordem como ella expressa nas suas ultimas regras, nem n'àquelle lugar lhe podia eu principiar as hostilidades, nem em outro algum, sem que elle as principiasse primeiro, e d'esta fórma não as principiando elle, attendendo á boa harmonia que na mesma se me recommendava, podia dentro em meia hora vir sobre o cavalleiro e muralha, tomar-me a praça sem eu lhe poder ser bom, ainda que ella estivesse cheia de gente e de mantimentos. Determinei escrever-lhe, mandando-lhe perguntar o que queria, ou se intentava alguma cousa contra a praça me mandasse dizer, pois que eu não tinha outras ordens que as de conservar a boa harmonia com os vassallos e tropas de Hespanha; em ordem a vêr se me dava assim lugar com a sua resposta a tomar algumas medidas e resoluções que me fossem convenientes, e juntamente para remetter-lhe uma carta de protesto, que V. Ex. me havia mandado em outro tempo para entregar

ao general Vertis, caso elle viesse tomar a praça; porém a isto me elle não deu lugar, porque demorou-me o portador até a noite, e não respondeu a carta, promettendo sim fazêl-o em o dia seguinte. Logo previ que o seu intento era, mediante aquelle espaço de tempo dispôr-se a tomar a praça por assalto, sem a mandar pedir nem conceder capitulação alguma; verificando assim a ordem que trazia de queimar e arrasar a praça, e entulhar-lhe o porto e canal, de fórma que ainda que em outro tempo, os portuguezes a tornassem a possuir, se não podessem servir d'ella (cuja noticia e copia da ordem se me tinha remettido de Montevidéo quando alli chegou a primeira embarcação com a primeira noticia de ter sahido a esquadra de Cadiz, o que participei immediatamente a V. Ex., porém com a infelicidade de não chegarem estas noticias a essa capital, por sorprenderem os castelhanos a embarcação que as conduzia, como V. Ex. verá do livro do registro, e copiador das minhas ordens e cartas); e como em materia de tanta ponderação era preciso não perder tempo algum, para poder resolver com melhor acerto (*ex-vi* de não ter recebido resolução alguma das partes que tinha, e ao general do Rio Grande dando-lhe conta do estado em que me achava, para que, fazendo-o certo assim a V. Ex., me determinasse o que fosse servido sobre aquelle respeito), chamei os officiaes todos, de capitão para cima, á minha casa, e lhes propuz (como é obrigação de todos os governadores) as circumstancias em que se achava aquella praça e o estado em que achavamo-nos, para que julgassem ao mesmo tempo se ella se podia defender, e que julgando se não podia fazer a sua defesa, dissessem se lhes parecia melhor e menos injurioso ás nossas armas entregar-se por falta de mantimento, visto não o haver, ou pôl-a em defesa sem haver outra esperança que a de sua perda, e a da maior parte da tropa e vassallos, com

tudo o que possuissem; dando ao mesmo tempo a gloria ao conquistador de a ter tomado com a espada na mão; conhecendo-se visivelmente que aquelle era o seu projecto, pois sabia muito bem que a praça não tinha mantimentos, e que para a tomar não era preciso mais que cercal-a por mar e terra, ou tomar-lhe os mantimentos em Montevidéo, o que já tinha praticado havia perto de tres mezes, dando as ordens precisas para isso em Santa Catharina,logo que alli chegou ; e assentando em que capitulasse *ex-vi* de as circumstancias e falta de mantimentos, passei immediatamente a fazer as capitulações, para as ter feitas antes que alguma occasião improvisa me não desse ou permittisse o não poder fazer, ou se as fizesse fosse com tanta pressa,que me não desse lugar a circumstancial-as, expondo n'ellas todas aquellas condições que pela sua falta se poderia ao depois soffrer algum prejuizo irremediavel. Mandei ao mesmo tempo a todos os officiaes que alli se achavam fossem ao trem e armazens de Sua Magestade, depois á casa de todos os moradores da praça examinar o mantimento que havia, do que cada um de per si me havia de passar uma certidão, jurada aos santos Evangelhos, para vêr se assim se podia tirar algum mantimento que servisse de uns para outros, isto é, para repartir, tirando dos que tivessem para os que não tivessem ; e, vindo com effeito da diligencia a que os tinha mandado, apresentaram as certidões que remetti a V. Ex., declarando n'ellas não havia mantimento nenhum nos moradores, e que no trem de Sua Magestade só se achava o mantimento para tres dias, que eu tinha mandado guardar,para vêr se podia vencer as capitulações, e que além d'isso não havia outro que farinha e sal. Findas aquellas diligencias fui para a muralha, d'onde estivemos toda a noite sem inquietação do inimigo, porque n'este tempo cuidava elle em mudar a sua artilharia e campo

para outro lugar, senão mais perto, mais proprio a fazêl-a passar com promptidão á estacada, para assim mais rapidamente formar os seus aproxes ; concluida aquella diligencia mandou a um official com a resposta vocal, dizendo que S. Ex. me mandava comprimentar ; e dizia que alli o outro dia daria a resposta á minha carta por officio, persuadindo-se assim de que eu não entenderia o enigma, e que pondo-me em descuido faria o assalto a seu salvo ; porém não succedeu assim, porque logo que despedi o dito official passei a correr as baterias, principiando no baluarte de S. Miguel, d'onde se achava o segundo tenente de artilharia Gonçalo Antonio, e alli eu mesmo, elle e os seus soldados, andei apontando a artilharia para aquelles lugares por onde julguei haviam de vir os inimigos; e assim corri todas as baterias, deixando, porém, ficar terreno livre, e marcando as minhas guardas de campo para se retirarem, quando fossem atacadas sem que da praça se lhes fizesse hostilidade, avisando-os e que n'aquella noite infallivelmente era o assalto, e que logo que escurecesse se retirassem dos corpos da guarda, e que sem perder estes de vista, se puzessem dispersos uns dos outros por traz dos muros, com muita vigilancia, e logo que vissem os castelhanos atacavam os ditos corpos de guarda lhes atirassem, para fazer assim o alarma, e se retirassem pelos caminhos e lugares que se lhes indicavam,para se livrarem assim dos tiros da nossa artilharia,e de serem sorprendidos pelo inimigo, o que executará, seja Deus bemdito, com tanta promptidão, eacerto, que sendo um dos primeiros objectos de Cevallos sorprender-me as guardas e chegar á muralha sem ser presentido, foi tanto pelo contrario que, sendo das 8 para as 9 horas da noite, depois de tocar a recolher, tocando-se uma arma das suas, que se disparou na mão de um soldado, que passando uma parede se esburralhou com

ella, e ao mesmo tempo descarregaram uma fuzilaria sobre uma das nossas guardas : foi tanto e tão rapido o fogo da nossa artilharia, que lhe cahiu em cima por toda a parte, que foram obrigados a retirarem-se em desordem, não obstante o virem....tanta,que se encaminhavam tres columnas a dar-me um rebate falso por terra, outra por mar, em direitura á prainha do interior do baluarte de S. Miguel, para alli aproveitarem a falta de muralha que havia e tomarem o corpo da guarda principal das portas pela retaguarda, fazendo-se assim em pouco tempo senhores da praça e juntamente da guarda do cavalleiro, que já estavam quasi sobre ella. Era a noite escura e grande, e como não se percebia nada, mandei parar o fogo para examinar o lugar onde se achava o inimigo, para aquelle sitio dirigir os tiros de artilharia, ou para examinar se se encaminhavam á muralha para se defender o assalto.

Deitei bombeiros fóra para examinar no campo os lugares onde se achava o inimigo, e um official com alguns soldados para recolher uma peça que tinha ficado empantanada no alto do cavalleiro, e se recolheram todos, dando-me parte de que no campo não apparecia ninguem, nem se ouvia trabalhar em parte alguma ; assim estivemos toda a noite sobre as armas até que ao romper do dia vimos as suas baterias e trincheiras, formadas sobre uma valla immediata á fazenda do tenente-coronel João de Azevedo, lugar por d'onde aquella praça nunca foi atacada nem ninguem imaginava que por alli o seria (excepto eu que sempre assim o julguei, e por isso mandei concertar e fazer morlões em toda a muralha que olhava para aquelle lugar, para qual mandei pedir peças a V. Ex. do calibre de 18.....28, que não vieram, para alli as montar, porque para isso as não tinha),pois das.....que lugar apenas se viam os morlões da praça, sendo esta a razão que mais

os favorecia para bombordear-me, sem eu lhes poder romper a sua trincheira e baterias, como evitar-lhes o approximarem-se e fazerem-se senhores do alto do moinho, que é o cavalleiro da praça e duplo a alguns lugares d'ella. Tinha sido informado pelo tenente Silveira no dia antecedente, de que elles tinham formado o seu parque, e que este se compunha de vinte e quatro peças de bronze do calibre 28, seis morteiros do de 6, e oito peças de bronze do de 8 para bala rocha; e eu não tinha na bateria que defendia aquelle lugar (que era a que mandei concertar de novo), senão nove peças, e essas todas pequenas, que se compunham do calibre de 9, 6 e 8, e uma de 9 : havia no cavalleiro de Santo Antonio tres de 28 e duas de 12, que nenhuma d'ellas podia atirar para quelle lado, por ser a sua posição dirigida ao canal para defender a entrada dos navios que se encaminhassem a elle ; havia no baluarte de S. Miguel duas de 12, que podiam atirar para terra, porém com muito pouco effeito, porque não estavam nem se podiam pôr parallelas ás baterias do inimigo; e de mais eram expostas e dominadas do alto, que era cavalleiro á praça. Se quizesse tirar artilharia grossa de outros lugares para guarnecer a cortina, não só me fazia igual falta, mas até alli se não podia montar sem desmanchar as travéssas que tinha mandado fazer para cobrir o flanco das mesmas baterias. N'este miseravel estado a que me via reduzido, considerando o que em outros tempos tinha succedido a outros governadores, que tinham sido mal succedidos por commetterem temeridades, assim como succedeu na defesa da praça de Zitau ao principe de Brumswik, e depois ao commandante da dita, Derick, que mandou-lhe dizer o duque de Lorena entregasse a praça ; não querendo elle capitular, foi dentro em muito poucas horas reduzida á cinzas a maior parte d'ella, e a tropa dispersa e fu-

gida das ruinas do fogo, causadas pelo incendio das bombas; de fórma que, quando elle chamou o tambor para bater a chamada, se achou prisioneiro, perdendo assim tudo o que pertencia a el-rei, e ao commercio, e mais moradores, que importava em muito cabedal;merecendo ao depois aquelle governador o conceito ao principe Henrique, e a todos os generaes de um outro exercito, de não poder dispensar-se aquelle official o deixar de passar palas leis da guerra, por ter commettido tão prejudicial temeridade. Era impossivel no caso em que me achava, deixar de lembrar-me do que succedeu ao barão de Houss, quando perdeu a praça de Leipsick, quando foi atacado pelo general Klee-felt por um exercito superior, que mandando-lhe dizer entregasse a praça sem o obrigar a dar um tiro de canhão, offerecendo-lhe ao mesmo tempo capitulações, que aceitou só afim de salvar o povo e tropa, na esperança de que aquella mesma podia servir em outra occasião mais propicia para a sua restauração (e foi esta determinação tomada pelos generaes de um e outro exercito, e em toda a parte pela mais prudente e acertada ; porém deve-se advertir aqui que aquella praça era consideravel, que dentro em si tinha muita tropa e mantimento, e que o duque teve a prudente attenção de a mandar pedir ; e a que eu governava não tinha mantimento nem tropa para soffrer um sitio formal ; e além d'isto já fica dito e mostrado : o modo de pedir-m'a o general Cevallos foi com a espada na mão). Ora, era-me preciso ponderar que no segundo assalto ou ataque não seria tão bem succedido como no primeiro, e que vendo-me obrigado por tantos motivos a perder a praça, sem remedio, me seria desculpado offerecer capitulações antes do segundo assalto ou ataque, na esperança de conseguir assim o mesmo favor que conseguiu o governador do forte de S. Pedro do almi-

rante Rodney, quando tomou a Martinica; que offerecendo capitulações por não ter mantimentos, e se achar cercado por mar e terra, lhe foram concedidas. Via-me proximo á precisão de perder tudo á discrição, assim como succedeu a Mr. de Lally, que, sendo governador da ilha de Bourbon, se entregou á discrição por ter poucos mantimentos; e vendo-me eu n'este estado, cheio de considerações, (não tendo ao mesmo tempo um só official com instrucção capaz de me ajudar a tomar e.....resolução (senão pelo que viam), razão pela qual dizia eu a V. Ex., na parte que lhe dei da tomada da praça, que se havia culpa n'aquelle modo de proceder, a tinha eu e não elles; resolvi a offerecer capitulações, e vindo para casa com todos os officiaes competentes a assignal-as, lh'as mandei, afim de livrar pelo menos a tropa e povo das hostilidades, e conservar ou fazer sahir a cada um com o que fosse seu. Seriam 10 horas do dia quando os mandei, e, fiado elle general em que eu lhe não havia de fazer fogo emquanto se tratava de capitulações, mandou avançar dois corpos de infantaria cousa de trezentas braças adiante da sua trincheira, fazendo-se assim senhor de toda a baixada que medeava entre aquella e o alto que servia de cavalleiro á praça, retendo-me ou demorando-me o official, o qual mandou muito tarde, dizendo no outro dia responderia. Toda aquella noite trabalhou, e apparecendo no dia seguinte com novas trincheiras; depois de acabadas mandou dizer não aceitava as capitulações por conterem muitos capitulos, respondendo formalmente ás minhas cartas, dizendo, me entregasse prisioneiro de guerra, para cuja resolução me dava 48 horas de tempo, e se dentro d'ellas me não resolvesse, eu responderia pelas vidas e prejuizos de todos os que estivessem dentro. Ora, é opinião commum, de se não admittirem capitulações a uma praça que não tem mantimentos, sem que se entreguem

prisioneiros de guerra; e como eu julgava que elle tinha aquelle conhecimento, fiz immediatamente outras capitulações com menos capitulos, e lhe escrevi recommendando muito ao meu major da praça o lisongeasse com algumas expressões, para vêr se conseguia assim pelo menos salvar a tropa e povo com tudo o que possuissem. Não quiz assignar nem as segundas capitulações, porém mandou-me dizer de palavra,concedia o sahirem todos com o que possuissem, menos os soldados, que esses haviam de ficar prisioneiros, da mesma fórma que tinha concedido aos de Santa Catharina ; e n'esta conformidade aceitei a sua palavra e o mandei entrar. Estando todos na resolução de irmos para o Rio de Janeiro, passados dois dias me fizeram assignar um termo de não pegarmos em armas contra a Hespanha durante a guerra; e n'este caso, considerando eu que me não seria louvado apresentar-me n'essa capital, deixando ficar aqui toda a tropa prisioneira, sem que ficasse com ella algum official que lhe servisse de respeito e apoio, me resolvi a dizer ao general me era mais conveniente, por alguns motivos particulares, ficar prisioneiro com a tropa, e que quando elles se retirassem, me retiraria eu ; pedindo-lhe ao mesmo tempo o quartel de Buenos-Ayres por assistencia, a que elle respondeu assim o ordenaria emquanto não houvesse algum inconveniente. E' de advertir que os motivos particulares, com que requeri a Cevallos me era conveniente ficar prisioneiro, eram para conseguir o animar os soldados a não perderem a esperança de serem restituidos, pois sabia que o objecto era dispersal-os, e pôl-os em figura de que perdendo elles aquella esperança, e pondo-os ao mesmo tempo em necessidade, elles se veriam obrigados a casar, povoando assim com elles as suas terras ; e é bem verdade que se eu declarasse estes motivos, e então me não concederia a ficar

prisioneiro, e por isso fiz assim. Ao general Cevallos pedi assistencia logo que aqui cheguei ; não se me deu razão, pelo qual me vi obrigado a vender os meus trastes, não só para me sustentar a mim, como a minha familia, com aquella decencia de um official portuguez e da minha graduação, mas tambem para acudir a muitos portuguezes e portuguezas, que, uns por não terem,e outros por terem sido roubados pelos marinheiros hespanhoes, se achavam sem ter que comer, e algumas mulheres sem poderem sahir á missa; por cuja razão me vi obrigado a vestil-as, e, seja Deus bemdito, os tenho remediado aqui, assim como fazia na Colonia, se bem que com menos meios, como a V. Ex. constará logo que elles ahi chegarem; sem que se possa dizer,tenham servido de injuria á nação portugueza; mas antes bem pelo contrario. Aqui recebi noticias por escripto de um official hespanhol, as quaes mostrarei a V. Ex., em que se me diz,que os officiaes da guarnição da praça da Colonia tem.....a V. Ex. que eu era o culpado da perda d'aquella, e que V. Ex. assim mesmo o tinha posto na presença de el-rei, o que não acredito por dois motivos : o primeiro, porque me capacito de que esta noticia é toda artificiosa e dirigida a outros fins, que ao depois se farão certos ; o segundo, porque estou na intelligencia de que V. Ex. não ha de deixar de conhecer que em semelhantes casos é sempre preciso a todos os Srs. generaes, como juizes superiores, contrapesarem, e balancearem semelhantes partes com a mais prudente e morosa indagação, para assim se fazerem senhores de toda a verdade, pois em commum faltam a ella todos aquelles que procuram fazer a sua fortuna na infelicidade dos chefes que os governam, ou já para se acreditarem bravos e valorosos, ou para satisfazerem assim alguma paixão particular ; porém a este respeito tenho duas esperanças apoiadas nos sublimes e os

mais circumspectos talentos de V. Ex. : a primeira que V. Ex. conhece que eu não ignoro que a fortaleza viveu sempre separada dos muitos, e em todo o tempo unida aos pouco bem disciplinados ; assim me considerava eu, e creio V. Ex. não ignorava ; tinha reduzido a todos os que me obedeciam á mais rigorosa disciplina e obediencia, por cuja razão esperava n'elles progressos de valor e honra : a segunda, porque estou certo de que os conhecimentos de V. Ex. não são tão superficiaes, que deixem de saber que os successos da guerra são poucas vezes semelhantes e quasi sempre desiguaes, e que muitas vezes sem attenderem a estas circumstancias, por informações menos reflexionadas e mais ligeiras, se tem feito desgraçados a muitos officiaes adornados de valor e sciencia militar, sem se attender a que a maior parte das vezes as occasiões e as circumstancias têm desbaratado os planos mais bem ajustados e dirigidos, dos quaes se julgam victimas infalliveis : tambem fico certo em que V. Ex. sabe de que o triumpho com gloria verdadeira sempre se tirou de forças iguaes ; de que nunca foi louvado nenhum chefe sem temeridade por expôr-se a combate, forças desiguaes; assim como tambem por investir ás desiguaes. Seguro a V. Ex. por tudo quanto posso segurar-lhe,que n'aquella occasião não tive medo nem falta de honra e valor, e ainda hoje assim me considero : tive sim todas as circumstancias que acabo de ponderar a V. Ex., pelas quaes me capacitei de que se obrasse differentemente mereceria o desagrado de el-rei nosso senhor, por não procurar pelo menos salvar-lhe a tropa e povo, que em outras occasiões lhe podiam ser muito uteis, visto não me ser possivel por nenhum modo defender-lhe a praça. Tinha tomado a resolução de fazer toda a diligencia, pelo modo que me fosse possivel, para tirar do inimigo as vantagens que consegui pelas se-

gundas capitulações, e caso me não concedesse partido nenhum, abraçar aquella desesperação, que muitos têm tomado, não com a esperança de poder defender a praça, porque ella de toda a fórma era perdida, porém sim para vingar-me de algum modo da irregularidade e falta de attenção com que aquelle general procurava tomar-me a praça, que naturalmente podia possuir sem dar um tiro nem arriscar um só homem (este pensamento não o posso eu provar, porque vivia centrificado com muitos outros, que não tinha obrigação de manifestar aos meus sujeitos) no meu particular; porém, todos os meus capitulos e palavras, que contém esta minha carta de defesa, peço a V. Ex. que, lidos elles na presença de todos os officiaes d'aquella guarnição e paisanos que ahi se acham, assim como tambem na presença de todos os que d'aqui forem, se tire uma rigorosa devassa e faça novo conselho de guerra, e se se achar alguma cousa contra o que aqui exponho, não será necessario mais que annunciar-me a pena para eu a tomar pelas minhas mãos; advertindo, porém, que para decidir materia tão delicada peço, e nomeio, se me é possivel, ao general Böhm, ao marechal Femq e ao general que se acha commandando em chefe as armas na côrte, n'esta capital; não porque aos outros faltem aquellas circumstancias que se devem suppôr nas suas pessoas e graduações, porém sim porque os considero sem a pratica de defenderem praças com tão attendiveis circumstancias. A experiencia me tem mostrado e dado a conhecer os piedosos sentimentos que rodeam o magnanimo coração de V. Ex.; razão pela qual não tomo este partido por desconfiar de que V. Ex. deixe de reflexionar muito nas superiores e mais justificadas razões que me acompanham; porém póde ser que aquelles se achem de tal fórma envolvidos com os mais acertados projectos do nosso ministerio,

e que a V. Ex. lhe não seja possivel, como juiz d'esta causa, favorecer-me; porém posso segurar a V. Ex. que me considero tão illeso de culpa, que me persuado acabar de obrar uma acção que me havia de servir de mais gloria que condemnação; e se bem que tudo no mundo é fallivel, menos a verdade, que ou mais tarde ou mais cedo sempre apparece, quando Deus a julga conveniente! Espero no Senhor dos exercitos ha de permittir que o meu credito não tenha o mais minimo deslustre no conceito de todos aquelles senhores que, ou pela sua instrucção, ou pela pratica, possam decidir em materia tão grave por sua naturéza.

Illm. e Exm. Sr. — A' Illm. e Exm. pessoa de V. Ex. guarde Deus muitos annos. Buenos-Ayres, 20 de Março de 1778. — *Francisco José da Rocha.*

Confere — *P. T. Xavier de Brito.*

Copia n. 2.—Lançada á fl. 117.—Illm. e Exm. Sr. — Muito meu senhor, tenho tido a honra de escrever a V. Ex. algumas cartas depois da perda da Colonia. Na primeira, que foi conduzida pelo coronel Domingos Corrêa de Mesquita e pelo meu secretario Manoel dos Santos Pereira, dizia á V. Ex. os motivos que me tinham obrigado a capitular a praça antes de soffrer segundo assalto; e persuadido de que tinha obrado em tudo com acerto, por estar rodeado de tão superiores razões, de que bastaria a que acabava de ponderar a V. Ex. para se julgar tinha obrado com acerto em tudo, não dizia mais. Na segunda mostrava a V. Ex. os mũitos casos que têm succedido de semelhante natureza á outras praças, ainda que sem razão, tão forte como aquella que eu governava, para que V. Ex. com mais madura indagação podesse melhor formar o seu conceito. Na terceira contava a V. Ex. radicalmente todo o facto da perda d'aquella praça, para que V. Ex. por todos os capitulos e

palavras que ella continha me mandasse fazer novo processo, porque me consta aqui pelos castelhanos que os meus camaradas officiaes se tinham desculpado comigo, dizendo á V. Ex. que eu tinha a culpa da perda da praça, e que assim V. Ex. o tinha posto na presença de el-rei. Agora que chegou aqui o coronel Vellasco com commissão de conduzir os prisioneiros, e os mais generos pertencentes á praça que eu governava, tenho noticia certa de que alguns dos meus camaradas me fizeram a culpa de capitular a praça com antecipação, e de que se fizesse fogo mais tres dias,conseguiria capitulações mais vantajosas e razoaveis. Por estas razões, vejo-me obrigado á mostrar a V. Ex. com mais precisão, os motivos que acompanharam aquelle proceder, manifestando-os ao mesmo tempo pelo plano incluso, para que V. Ex. venha com mais propriedade no conhecimento da superancia que tinham aquelles que alli existiam, e tambem conhecerá ao mesmo tempo que nenhum dos meus camaradas conhecia aquelles que pela sua falta de applicação ou instrucção, exceptuando o serviço jornaleiro de regimento, não adiantam os seus pensamentos militares um passo adiante do commum; e tambem verá V. Ex., conhecendo n'elles a propriedade que acabo de dizer d'elles, não podiam nem podem julgar senão céga e temerariamente de um caso que elles ainda que dentro d'elle, não viam nem conheciam a gravidade das suas circumstancias, por isso conhecendo n'elles, por essas razões, não havia falta de honra nem de valor, e só sim pouco conhecimento da causa em que se achavam ; por isso dizia a V. Ex. que nenhum d'elles tinha culpa ; que se a havia a tinha eu ; porém, bem entendido, este meu modo de dizer parece não explica o que V. Ex. entendeu. E' certo, senhor, que por aquella phrase fallei a V. Ex., porque entendi que n'isto mesmo obrava uma acção, que me seria

depois muito louvada, porque não havendo culpa, nem em mim nem n'elles, se achou esse seria de mais honra recebêl-a eu antes do que fazêl-a a nenhum dos meus camaradas, porque me persuadi que todo o superior, chefe, ou homem honrado qualquer que seja, deve em todo o tempo procurar, quanto cabe na sua autoridade,fazer certa a felicidade dos seus subditos e não a sua ruina; porém já vejo que me enganei, porque assim elles, como V. Ex., tomaram em diverso conceito e pensamento. N'esta mesma occasião poderia dizer a V. Ex. a este respeito mais alguma cousa; porém como os pensamentos que me animam agora são os mesmos que me animavam n'aquella occasião, pondo de parte aquelle modo de desculpar-se dos meus camaradas na presença de V. Ex., digo sómente á V. Ex. que deve reflectir, e ponderar como juiz; que ordinariamente sempre n'estes casos apparecem sujeitos que, ou por satisfação propria, por desculpa ou para persuadirem e capacitarem os superiores da sua honra e do seu valor, afim de conseguirem por aquelle meio a sua fortuna, que em semelhantes consternações é o braço de que se costuma servir aquelles que procuram fazêl-o, tirando aos outros. Todas estas razões e outras que vou dar, guardava eu para as pôr pessoalmente na presença de V. Ex., porque não queria, sem lembrar-me dos meus principios, que V. Ex. dissesse, que eu procurava desculpar-me fazendo culpa aos outros; e por esta razão faço todo o estudo em mostrar á V. Ex. a vêrdade com aquella prudencia e moderação que me fôra possivel. Não póde V. Ex. duvidar de que dei sempre á V. Ex. as mais exactas contas do estado em que achei aquella praça, desde o dia 18 de Outubro de 1775, que foi quando n'ella entrei, até 18 de Janeiro de 1777, assim do que se precisava para sua defesa, como para sua manutenção, sem que por esta parte se me possa formar culpa nem de omissão; porque tudo o que eu pedia a V. Ex., tudo

que V. Ex. me mandava, se acha registrado nos livros da fazenda real e almoxarifado ; e seguindo sempre este meu modo, não me lembro de que deixasse de ponderar-lhe em todo o tempo as precisões que tinha a praça para sua existencia, repetindo sempre esta mesma obrigação, ainda depois de receber a carta de V. Ex. de 30 de Outubro de 1776, em que me dizia, sahia a armada hespanhola a atacar alguns dos nossos portos da America, como se póde vêr das cartas ou avisos que fiz á V. Ex. em 19 e 21 de Setembro de 1776 e de 14 de Janeiro e 19 de Fevereiro de 1777. Dizia-me V. Ex. n'aquella carta que a armada hespanhola vinha á Santa Catharina ; que era natural seria derrotada, porque vindo de fazer uma longa viagem havia de trazer muitas doenças e falta de mantimentos ; que a nossa tropa, que se achava alli descansada, e a nossa armada a poderia pôr em estado de não poder continuar os seus progressos, e que quando os continuasse, se encaminhava ao Rio Grande, fazendo os desembarques ao norte e ao sul do dito ; que alli lhe seria pela mesma razão impossivel poder superar o nosso exercito, que se achava n'aquelle lugar aclimado, descansado ; que naturalmente seriam derrotados alli os inimigos, ou não poderiam proseguir as vantagens que desejavam; e que sendo assim havia com os restos do seu exercito atravessar : que na Colonia já eu tinha polvora, balas e mantimentos para oito mezes ; que me defendesse alli, que a nossa armada viesse tomar satisfação das injurias commettidas no Rio da Prata. Estimei muito estas noticias, e ainda que V. Ex. não mandava com que fortificar-me, nem a artilharia que lhe pedi para a cortina do baluarte de Santo Antonio e S. Miguel, continuei as obras da fortificação, tendo tão poucos meios para isso, como todos viram e sabem. N'esta mesma occasião me avisou o almoxarife, que V. Ex.

dizia que o mantimento que vinha com o que havia era para oito mezes, e que lhe parecia era engano de V. Ex. ; mandei logo examinar o mantimento que havia no trem de Sua Magestade pelas pessoas a quem pertencia esta indagação, e achou-se que o mantimento que tinha vindo, com o que havia, segundo as praças que se municiavam, quando muito até 20 de Maio : e de tudo isto e das mais precisões, que havia na praça, dei immediatamente conta á V. Ex.; e quando eu esperava o soccorro do mantimento e a resposta das minhas cartas, me vi fortemente bloqueado por mar e terra, com a triste noticia de se ter tomado a ilha de Santa Catharina, sem perderem n'ella os inimigos nenhum só homem, e de que tinha apanhado Cevallos as embarcações que traziam mantimentos para a praça, e as cartas de V. Ex. as embarcações que eu mandava de aviso á V. Ex. e as minhas cartas ; que a nossa armada se tinha retirado para o Rio de Janeiro, e que a sua se encaminhava para Montevidéo, para alli cortar o passo a alguma das nossas que quizessem soccorrer á Colonia. N'estes termos sabe V. Ex. muito bem, que não ha general, ou official algum que tendo instrucção ou sendo militar, não saiba que um pequeno contrario tem sido muitas vezes effeito da ruina dos planos mais combinados, e posto em desordem os projectos de que se suppunham victorias infalliveis ; e se isto se não póde duvidar, como não faria mudar á V. Ex. ou a mim de projecto um acontecimento tão fatal e tão inesperado, como o da perda de Santa Catharina : quantas vezes tinha eu tido a honra de ouvir dizer a V. Ex. que um official, qualquer que seja, e ainda mesmo um ajudante de ordens, quando ajudava aquelles que se achavam sobre este ou aquelle posto, tem obrigação ou autoridade de póder remediar por si os acontecimentos contrarios que sobrevieram depois de passadas as ordens que conduzia ?

E' certo, senhor, que se o nosso ministerio ou V. Ex. soubessem, quando fizeram o plano de defesa da Colonia, que tinha succedido em Santa Catharina aquella fatalidade, e que eu me achava sem mantimentos, e aquella praça bloqueada fortemente por mar e terra, com todas as communicações cortadas, e sem esperança de ser soccorrido, de sorte que sem mais manobra que o bloqueio, com a pêrda da Colonia á discrição, a não poder ser soccorrida, então me diria V. Ex. : Creio eu que fizesse toda a diligencia por salvar pelo menos o povo e tropa das hostilidades, da fórma que me fosse possivel, ou me diria que capitulasse a praça (fallando militarmente) sem perda de tempo, seguindo assim o exemplo dos hanoverianos, quando o governador de Hamelen capitulou a praça sem receber um tiro de canhão, por ter perdido o duque de Cumberland a batalha de Hastembeck, cujo exercito cobria e protegia aquella praça : ou me diria seguisse o exemplo do governador de Bragança e Chaves, quando entregaram as chaves d'aquellas ao marquez de Harrino sem mais motivo que a perda da praça de Miranda que as cobria. Eu estive com estes exemplos muito tentado a fazer outro tanto, porque se aquelles tiveram razões para fazerem assim, estando ellas dentro de seus proprios circulos e protegidas por um exercito, parece maior razão tinha eu para fazer o mesmo n'aquella governança, que se achava tão distante da sua capital e da linha de circumferencia dos seus dominios, concentrada em um paiz inimigo, e tão longe de ser soccorrida e protegida, e tambem porque não podia eu já n'aquelle tempo dar parte á V. Ex. d'aquella fatalidade, nem do perigo em que se achava a praça ; parece recahia em mim naturalmente a autoridade para poder arbitrar o que julgasse mais conveniente ao Estado e exercito ; que se o fizesse faria melhor, porque evitando ao inimigo o trabalho, o risco e a despeza

de irem alli, me concederia o sahir com mais alguma vantagem ; porém occorria-me que, sabendo elle já (como sabia) o mantimento que a praça tinha, não faltaria ás capitulações na condição de que me achava, para se fazer senhor da dita praça, bloqueio forte por terra, entrando depois por mar e terra, e além d'isso, lembra-me, me diria V. Ex. me tinha adiantado, porque devia sempre esperar ser soccorrido e por isso não fiz. Não obstante continuei as obras com a esperança de poder defender-me, caso fosse soccorrido ; principiei a diminuir as rações para ir assim vencendo tempo, e vêr se este punha por alguma casualidade o inimigo em estado de dar-me a liberdade de poder avisar a V. Ex. do estado em que me achava, para soccorrer-me ou determinar-me o que havia de obrar ; porém nunca Deus assim o quiz, porque nem me proporcionou occasião de poder sahir uma embarcação com aviso a V. Ex., na qual mandava o commandante Francisco Antonio Bithencourt. Ora, qual será o official, que vendo a praça da Colonia rodeada de tão más circumferencias, deixe de conhecer e vêr bem ao longe a sua perda inevitavel, e sem remedio, sem mais manobra que o bloqueio, esperando se lhe acabassem os mantimentos sem que por esta razão se désse Cevallos ao trabalho de ir atacal-a, como eu esperava fosse, e por muitas razões, e todos os militares? Não obstante, quando eram quasi passados tres mezes de bloqueio, e que eu já quasi não podia occultar aos castelhanos a nossa falta de mantimentos que havia, pois era geral, chegou-me a noticia por um dos meus espias que Cevallos se resolvia, o que eu estimei muito, e tive aquella resolução em Cevallos por um favor do céo, porque me capacitei que era o unico meio que n'aquella occasião Deus me poderia offerecer, para vêr se de algum modo não rendia a praça totalmente á discrição ; considerei logo que se aquelle general

me atacava pelo sul, o que era natural, porque já conhecia a fraqueza que a praça tinha por aquelle lado, e o poder que sobre ella tinha o cavalleiro que a dominava; e que sendo assim me não servia de nada o uso da força, porque com ella não podia evitar o fazer-se elle senhor d'aquelle; e por esta razão passei a mandar fazer umas minas falsas, para ao abrigo d'ella vêr se conseguia alguma vantagem, caso me fosse possivel enganar primeiro os meus, fazendo-os passar entre elles por verdadeiras, para assim poder enganar aos outros; porque pelos meios naturaes, sabendo Cevallos a falta de mantimentos que havia na praça, a difficuldade de ser soccorrida, a fraqueza que tinha por aquelle lado, e a facilidade com que senhorear-se do cavalleiro, era natural não admittir capitulações, depois de se fazer senhor d'aquelle lugar, sem que houvesse alguma outra razão ou força que o puzesse em respeito. Quando eu tinha as minas feitas e estava considerando que tal general não ia atacar-me, porque não tinha precisão d'isso, apparece elle em o dia 20 de Maio, a sua famosa armada, e desembarcou ao sul da praça, no alto aonde eu não lhe podia fazer damno algum, por ser fóra do tiro de canhão e estar além da estacada, que dividia a possessão do terreno das duas corôas, como mostra a linha de piques no plano incluso, por ter eu ordem de V. Ex. de não principiar as hostilidades primeiro. Assim julgou, fazendo o seu desembarque n'aquelle dia e noite; e vendo pela proximidade em que se achava, me podia vir na consequente ao cavalleiro L sem me dar lugar a protestar-lhe a praça, escrevi-lhe me mandasse dizer, se intentava alguma cousa contra a praça, para se assim, me dava lugar a protestar-lhe, na fórma que fez, aviso a V. Ex. na carta de 20 de Março; não me respondeu, e mudou ao mesmo tempo o seu campo para o lugar P, de cuja mudança senão podia presumir outra causa

que o ter mais prompto a poder passar com mais facilidade a estacada com o seu parque, e atacar-me de improviso o cavalleiro e fazer-se senhor d'elle, como tinha dito. Sem eu poder remediar, porque ainda que eu quizesse soccorrer aquelle ou reforçal-o com mais gente, não podia fazer; porque a que tinha, toda ella empregada não chegava para se defender os outros lugares da praça, por estar ameaçada por toda a parte. Todos estes motivos eram equivalentes para pôr-me na precisão de cuidar em ter as capitulações feitas,para salvar com ellas,pelo menos,o povo e a tropa das hostilidades, e a praça de ser arrasada, que era a ordem que elle trazia, como já tenho dado conta a V. Ex. ; digo livrar a praça, porque, recebendo-a elle sem ruina alguma, ficava a nossa côrte com o direito de entregal-a da mesma fórma que a tinha recebido, e de pagarem os prejuizos que artificiosos e voluntariamente lhe tivessem feito; porque já se sabe que os que são feitos pela violencia das armas,não ha razão forte para que se paguem ou se peçam. Por estas considerações, que me parecem não eram para desprezar, chamei os officiass á minha casa e lhes expuz o estado em que nos achavamos, e as circumstancias que nos rodeavam; e como eu n'aquella occasião ia cuidar em capitular formalmente, afim de animal-os, vali-me do pretexto de ponderar-lhes entre dois extremos qual seria melhor ; se capitular a praça pela fome ou falta de mantimentos, visto que não os havia, ou rendêl-a ás armas hespanholas; dando, emfim, a gloria ao conquistador de a têr tomado com abatimento de nossas armas, pois se via claramente aquelle era o seu vanglorioso pensamento, quando para a possuir uns e outros sabiam não precisar de nenhuma outra manobra que o bloqueio. Entenderam alguns de meus camaradas d'aquella minha exposição, que eu queria já de prompto

offerecer capitulações, e poucos a meu pensamento ; entraram a votar, uns que era melhor ceder á falta de mantimentos, outros que seria melhor ceder á fome e não dar ao conquistador a gloria que pretendia: e emfim os que se capacitavam de que eu queria capitular, já diziam que seria melhor acabar primeiro os mantimentos, porque estando nós em 27 de Maio poderia chegar o que já se pediu, distribuindo pela tropa para cinco ou seis dias pouco mais ou menos, segundo o meu entender ; outros disseram com mais tino, observassemos primeiro a direcção que tomava o inimigo, e que depois de se lhe fazer algum fogo se capitularia, para que se não dissesse, que se perdia a praça sem dar um tiro de canhão ; votaram outros temeraria e indiscretamente, como se podesse vêr das mesmas capitulações talvez só o fim de procurarem a sua saude particular e não a do bem commum ; não obstante, tudo me pareceu muito bem, e tudo era de louvar ; porém como a maior parte d'esses officiaes, se bem que muito honrados e valorosos, não conheciam pela sua pouca instrucção (exceptuando o tenente-coronel e o commandante do regimento, que este bastava-lhe só a pratica de se ter achado em tres funcções d'aquellas) a superioridade e o poder que tem um terreno que commanda outro, e que se adqueriu aquelle general só com ganhar o cavalleiro ; despedi-os e fui immediatamente fazer as capitulações, para estarem feitas antes que alguma occasião impropria não me desse lugar, e assim esperaria com o projecto de que se viesse atacar-me pelo norte...... p.... tinha feito, como se vê as baterias R... fogo aquelles dias que me permittisse a possibilidade;porque,por aquelle lado não podia approximar-se-me da praça sem ser visto: porque não tendo esta praça na guerra passada senão cinco pessoas, que guarneciam para aquelles ataques, a tinha

agora feito servir para as ditas vinte e duas ; forçosamente o havia de obrigar a pedir-me a praça, e a conceder-me capitulações mais vantajosas; porque a praça e a muralha para aquelle lado era mais forte, e tinha maior poder sobre os seus ataques, porque os dominava; bem entendido que ainda atacando a praça, este mesmo lado, acabado que fosse o mantimento, que estando nós em 27 de Maio, como acima disse ter sòmente para cinco ou seis dias, não havia outro remedio senão render a praça, e em tal caso havia de ser pela fórma que o inimigo quizesse; porque sabendo que não havia mantimentos, não havia de suppôr capitulava por outra razão ;...... se eu visse que se encaminhava ao cavalleiro, offerecer-lhe capitulações antes que chegasse a elle, porque não havia outro remedio de salvar das hostilidades e da perda total, como já tinha dito. Na noite immediata atacou-me o cavalleiro com o projecto de sorprender-me a praça, fazendo-se senhor primeiro d'aquella, como tenho a honra de dizer á V. Ex. na carta de 20 de Março; e vendo ao romper do dia as suas trincheiras formadas, N, em lugar tão proprio a bombardear-me a praça, sem que esta de nenhuma fórma podesse desbaratar-lhe aquellas; porque para se vêrem bem, era preciso subir-se uns sobre os outros do baluarte de S. João, e via que dentro em mui pouco tempo seriam senhores, principiaria a bombear-me a praça, e que na noite que se seguia me atacaria o cavalleiro ; o que podia conseguir com mais fortuna que na antecedente; e depois de o ganhar, elle não concederia graça nenhuma, pela superioridade que n'este lugar havia: vim para casa, chamei os officiaes todos, de capitão para cima, e lhes propuz os capitulos, o que já não faltava senão assignal-os, para que feita esta diligencia sem perda de tempo e offerecendo-lh'os puzessem em diversão o seu intento e o demorasse, para que eu,

tendo tempo, entretanto me desse lugar a poder tratar de conseguir industrialmente alguma graça ao abrigo das minas que era a minha unica esperança, porque á força, sendo a praça atacada por aquelle lado, não tinha lugar nenhum. Vieram os ditos officiaes á minha casa, deram seus votos, escreveram-os como quizeram e assignaram, sem que eu lhes fizesse a mais pequena violencia. Depois de tudo feito, entraram, primeiramente o meu major, a dizer se deveria fazer mais se quiz dois dias, porque assim seriam......, o que eu respondi, fiado nas supposições que me acompanhavam, que nenhum d'elles...... poderia por elles o que elles não podem duvidar, e não dizer com verdade que eu lhes disse estar antes de ajuizar,ou que as assignaram movidos d'aquella expressão; e se o fizeram assim foi para se desculpar na presença de V. Ex. ou para fazer-me cargo de alguma cousa por alguma outra razão particular. Todos elles geralmente conheciam,que a praça estava perdida sem remedio; porém como n'aquellas occasiões sempre ha alguns que procuram tal ou qual motivo de poder livrar-se, o meu major e outros valeram-se d'aquelle que eu tinha dito; respondeu por elles, sem se lembrarem de que se era verdade que a praça podia defender-se, em tal caso não deveriam estar pelo que eu dissesse, mas antes sim prenderem a mim e tomarem a defesa da praça, por querer offerecer capitulações com antecipação; porém isto não ousaram elles, porque bem conheciam em si a razão porque o diziam; eu não deixava de reflectir n'aquella occasião,com razão,por attenderem á propria saude e não a da Colonia em geral,porém tambem me lembrava a poderiam..... assim por alguma idéa, louca ou temeraria presumpção, esta não devia seguir nem consentir, lembrando-me que os seus defeitos foram em todos os tempos os que fizeram e têm feito,muitas vezes,a perda dos exer-

citos e dos Estados. Não obstante tudo isto, quer fosse verdade têl-os eu obrigado a assignar as ditas capitulações, em tal caso, conhecendo a sua remissão e os fins para que o faziam, não só os devia persuadir com palavras, mas obrigal-os com a espada na mão se fosse preciso; porque eu não devia attender, estando a praça rodeada de circumstancias perigosas, senão áquellas obrigações que tem todo o governador ....general e todo o official honrado, de fazer quantas diligencias lhes são precisas para tirar do inimigo, ainda os de maior consternação aquellas vantagens que lhe póde permittir a occasião. Ora, agora ha de V. Ex. ter paciencia, e attender-me com vagar e reflexão, ás razões e aos motivos que me obrigaram, n'aquella occasião, a capitular a praça; os quaes mostro, e tenho a honra de pôr na presença V. Ex. pelo plano incluso e com elle na mão, e á presença de todos os meus camaradas, peço a V. Ex., com aquella humildade que devo, vá averiguando, se tudo que exponho n'este é assim na realidade; e chegará tambem no verdadeiro conhecimento de que nenhum dos meus camaradas tem sufficiente instrucção para conhecer, nem estas razões, nem o perigo em que se achavam; e me parece que até elles fazendo-os á V. Ex. conhecer, não deixarão de confessar que, se eu não obrasse como obrei, elles e o povo eram sacrificados na praça, perdida sem remedio; dando assim a liberdade ao conquistador de irem os que escapassem com vida sem cousa alguma, tratados como lhe aconselhasse sua vingança e odio conhecido que tem á nação portugueza. Amanheceram, como tenho dito á V. Ex., no dia seguinte á noite que me atacaram, feitas as trincheiras N, formadas sobre uma valla ou fosso natural, que o beneficio das aguas e a natureza tinha feito, pelo qual podiam communicar-se até a nossa guarda do sul 4, e d'alli, sem a praça lhe poder fazer fogo, se communicarem com o caval-

leiro L, e ao abrigo d'este estar acampado todo o seu exercito no espaço de terreno L 4, tendo demais este a circumstancia de estar cortado de vallas e ribanceiras, tão proprias ao seu intento (das quaes se aproveitaram, porque até então não foi possivel destruil-as), que a arte as não podia conseguir melhores, para poderem pela mesma razão formar as baterias M sem a praça poder evitar, porque não tinha para aquelle lado artilharia competente a desmanchar-lhe seus trabalhos; e ainda que houvesse, como elles podiam estar acampados junto aos proprios lugares em que levantaram as suas beterias, se podessemos embaraçal-os de dia, não podiamos embaraçal-os de noite, que bastava uma, pela sua grande extensão que então tinham para a favor d'ella as levantar e fazer praticaveis. Fazendo-se o inimigo senhor d'aquelles lugares, era preciso e indispensavelmente necessario attender ás forças que lhe oppunham os baluartes de S. João, Santo Antonio e de S. Miguel; estes tres, que eram os que podiam afastar os inimigos d'aquelles lugares ou os que haviam de soffrer maiores trabalhos; eram acompanhados das circumstancias seguintes: o de S. João podia menos, porque os seus tiros não eram parallelos,nem ainda em linha obliqua, podiam bem defender ou fazer afastar os inimigos,e destruir as obras que se levantassem no cavalleiro L; o mesmo succedia ás duas peças que tinha a sua reentrante, que além de serem pequenas para guardar o flanco e a face do baluarte de Santo Antonio. O baluarte de Santo Antonio, que era o opposto aos ataques LM, tambem a sua artilharia não era parallela aos ditos *fogos*, e ainda que o fosse,era preciso considerar, que aquelle baluarte dos seus merlões é para baixo uma escarpa tão grande, como se vê do perfil A; porque, não sendo a sua altura exterior mais de DE, quiz o major Vicente da Silva augmentar-lhe a quantidade

MC para assim se descobrir a campanha; e porque a face da muralha exterior A era composta de terra e pedra sêcca, e por conseguinte com pouca força para poder com o peso dos merlões, diminuiu a distancia... e formou por esta razão a escarpa FG, pela qual se descobriam não só os soldados, como tambem as outras pessoas que quizessem fazer; e, como a altura da muralha DE era pouca, algumas vezes succedeu pelo seu reentrante fugirem alguns soldados, o que não succederia com facilidade, se lhe não permittisse a esta e dita escarpa; e como a mesma facilidade havia em descer, podia haver em subir o inimigo, valendo-se de pequenas escadas para a poder montar; remediei aquelles defeitos logo que cheguei á praça, porque estavam os merlões arruinados desde o tempo da guerra até a linha H e precisavam muito de serem concertados, não só porque este era o baluarte que fazia frente ao cavalleiro L, mas porque a sua ruina era inevitavel por todos os hespanhoes que viessem á praça; porque a estrada de sua communicação entestava frente á frente com a do baluarte. Além do que fica dito, merecia toda a consideração serem os ditos merlões Q construidos sobre adobos ou terra amassada desde a linha II, e tão fracos por sua natureza, que o inverno os tinha deitado abaixo por tres vezes, botando-lhe a terra fóra dos proprios merlões, e demais que assim este baluarte com a cortina que percorria todo aquelle lado, até o baluarte de S. Miguel, era dominado directamente pelo cavalleiro L, e batido desde a raiz da terra para cima por uma das baterias M, porque não tinha fosso nem esplanada que o cobrisse por acabar aquelle como este em CD, como mostra o mesmo plano. O cavalleiro L com a sua bateria M, composta de mortões, peças de bater de calibre de 24 e com oito peças de 8 para uso de balas incendiarias, era bastante para dentro em mui poucas horas

fazer render a praça, ainda que ella fosse das mais fortes, tivesse dobrada guarnição e estivesse cheia de mantimentos até mais não poder admittir, porque d'alli dominava a praça e cortava as linhas de defesa de todos os baluartes, como mostram as linhas de pontos L C, e ficavam expostos por esses lados aos tiros das balas ardentes todos os armazens de polvora H, e só podiam existir os dois I emquanto não fosse abaixo o baluarte de Santo Antonio, que não podia durar muito tempo em pé, assim pela sua natureza, como porque era o que havia de soffrer mais forte ataque; o de S. Miguel, que não tinha senão duas ou tres peças de 12, que podia atirar com muita difficuldade para a bateria M, porque aos primeiros tiros que désse logo o cavalleiro L, que o dominava inteiramente, e ainda mesmo das baterias M, ou desmontavam as do baluarte, ou lhes faziam sobre um fogo tão violento, que n'elle se não poderia parar ninguem, e o mesmo havia de succeder infallivelmente a toda a sua cortina, porque toda ella era dominada pela mesma fórma; e depois de arruinados os merlões d'esta passavam as balas, assim das baterias M, como do cavalleiro L, a lavar todo o baluarte de Santo Antonio sem que n'elle podesse existir ninguem para poder defender a praça; e eu não podia deixar de reflectir assim, que conhecia a superioridade que o cavalleiro tinha sobre este lado, deixasse de os conhecer da mesma fórma o meu conquistador; porque não havia muito tempo a tinha conquistado *percorrendo* todo aquelle terreno. Nada d'isto podia succeder, se esta praça fosse atacada pelo norte, como mostram as baterias R, porque aquelle lado não podia bater senão o baluarte do Carmo, e a sua cortina até o baluarte de S. João, como mostram as linhas de pontos R B, e o reducto do Corrêa, que mostram as mesmas linhas R O, e assim não só ficavam expostos os

armazens de polvora H, mas até se lhe podia fazer um fogo que puzesse o inimigo em respeito, porque as muralhas por aquelle lado eram fortes, e eu tinha feito servir sobre ellas vinte e duas peças, que atiravam sobre ataques, como fica dito. Ora, senhor, ou estas razões e os motivos que exponho são verdadeiros ou falsos. Se são verdadeiros, bem conhecerá V. Ex. e todos aquelles que tiverem autoridade de julgar, e fazer juizo sobre esta materia (ainda que lhes falte a primeira essencia, que é a do conhecimento do terreno), o perigo em que se achava a praça, sendo atacada pelo sul e cavalleiro L; sendo assim estou bem certo que se ha de vêr mais perto de mim o merecimento que a culpa, e de que ha de V. Ex. persuadir-se, assim como todo o official que tem senso militar, de que eu tinha toda a razão para offerecer as capitulações antes do inimigo montar o dito cavalleiro; e se é mentira o que exponho, e os meus camaradas conheciam e viam que a praça por alli, com aquellas circumstancias, se podia defender ou fazer mais fogo, para ao abrigo d'elle conseguir mais honrosas e vantajosas capitulações, então não fizeram o que deviam, porque n'este caso deviam prender-me e tomarem a si a defesa da praça: deixou de haver porventura quem lh'os lembrasse? E' certo que não, que respondam elles, porque não fizeram. Estou bem persuadido que se V. Ex. ou outro qualquer habil general se achasse n'aquelle caso, se lembraria de obrigal-os assignar com a espada na mão, principalmente quando conheciam que a sua obstinação não era fundada em outra razão que a de sua particular conveniencia, por julgarem lhes succederia o mesmo, por aquella que succedeu na guerra passada ao tenente-coronel do regimento Pedro Fructuoso; com tudo isto eu os desculpo, assim como os desculpava, porque não via n'elles falta de honra nem de valor, porém sim de conhecimento;

que este era tão pouco n'aquelle caso,que se persuadiram, que o offerecer capitulações,é o mesmo que entregar-se á discrição; sem advertirem, que quando se chega o caso de offerecer aquellas, é sempre para vêr se se póde tirar por ellas as vantagens que se julgavam perdidas,ou para vêr se se evita uma perda total. Póde ser que haja alguem que faça o juizo,que, recebendo elle as capitulações, e debaixo d'ellas mandar avançar as suas guardas, eu lhe devia fazer fogo, não duvidando que eu cahisse n'essa simplicidade se Deus me não tivesse favorecido e posto em estado de olhar para aquelles casos com outros olhos. Eu não ignorava o que diz Antonio Deville em semelhantes casos, porém não ignorava tambem o que dizem outros de igual reputação, e é quando a um governador chega o triste caso, e se vê na triste situação de se lhe não quererem admittir capitulações sem que a praça se renda prisioneira de guerra, que então é preciso e se convem commummente em que se trate o inimigo com toda a docilidade; e n'aquelle tempo parece já se não podia duvidar que as não poderia dar, porque na noite antecedente tinha atacado esta praça. Depois de estar sobre o cavalleiro escreve-me..... hão de ir alli por ordem de el-rei seu amo a tomar satisfação das injurias commettidas pelos nossos irmãos no posto de Santa Tecla e Rio-Grande, e que me entregasse prisioneiro de guerra e lhe entregasse a praça, mostrando-lhe primeiro os lugares onde se achavam construidas as minas ; e como vi e conheci, que elle estava capacitado de que estas eram verdadeiras,e que era a unica cousa que lhe fazia respeito, fez immediatamente outras capitulações pequenas para vêr se conseguia pelo menos sahir como exponho n'ellas... dem de palavra, respondendo assim ás primeiras e segundas, que sahiriam eu e os officiaes que quizessem com o que fosse seu, menos os soldados, que alli haviam de ficar pri-

sioneiros como os de Santa Catharina; porém que elle não assignava as capitulações, porque não podia; e aproveitando-me eu d'aquella occasião da sua palavra, porque não podia esperar mais vantagens, o mandei entrar. Na mesma occasião, indo-lhe entregar a minha espada como prisioneiro, me respondeu na presença de todos os meus camaradas, do vigario e mais pessoas distinctas da praça, não aceitava, porque não havia razão nenhuma para a perder; que todo aquelle facto se não devia attribuir nem a mim, nem a elle; que estava persuadido era tudo obra immediata de Deus, que me não assignava as capitulações; porque temia que os mesmos officiaes generaes, que alli se achavam lhe fizessem culpa para com el-rei seu amo de as conceder a uma praça, que se não podia defender, por não ter sido soccorrida nem ter mantimentos; que elle sabia não haver senão até 20 de Maio, e que por essa razão não sahira de Montevidéo senão no dia 21. Este mesmo dia me vi bastante combatido, porque não sabia de tantas cousas que se me representavam, qual elegesse por melhor; considerava primeiro que tudo que, se aquelle general dava liberdade de sahirem o povo e os officiaes, afim de ficarem os soldados dispersos e abandonados para melhor se capacitarem de que não podiam nunca ser restituidos aos seus paizes; que ainda que elle dava liberdade de sahirem os moradores que quizessem, era mera politica, porque evitaria todo o modo de poderem fazer. Lembrava-me que V. Ex. me tinha ordenado que ficasse com o povo, quando mandou sahir da praça o regimento e mais guarnição para essa capital; via tambem pelo officio que tinha recebido de Cevallos que aquella guerra era toda de satisfação, e que geralmente se dizia não tardava muito a suspensão das hostilidades: discorria por todas estas razões, que me não seria louvado abandonar o povo e a tropa, porque era

conhecido não ser outro o pensamento d'aquelle general que povoar com os portuguezes as terras de Hespanha: porém considerava, que ainda que eu quizesse ficar com a tropa e o povo, aquelle general não me daria licença para isso, se lhe declarasse aquellas circumstancias; não obstante, como via se podia julgar em presumir mal, e fazer suspeitosa a minha ficada n'aquella occasião, puz-me prompto e ir com os mais, como todos sabem. Depois de se passarem dois ou tres dias, dá-se-me ordem de que fosse assignar junto com os officiaes um termo de não pegarmos mais em armas durante aquella guerra contra a Hespanha; e para que V. Ex. lhes não podesse fazer presos os seus navios, e se lhes desse o mantimento preciso para seguirem á Hespanha. Não quiz eu por estas razões assignar o termo; e valendo-me d'esta occasião para poder ficar sem que elle presumisse de minha ficada, porque em tal caso podia presumir muito, lhe fiz um requerimento, dizendo n'elle era inconveniente por motivos particulares ficar presioneiro com os soldados, para o que lhe pedia me concedesse o quartel de Buenos-Ayres por assistencia, o que me concedeu, dizendo-me alli estaria emquanto não houvesse algum inconveniente. Dei aviso a todos os meus camaradas; respondem-me alguns que ficavam tambem, porque elles não largavam o seu governador; depois d'isto resolvem-se a dizer, que não ficavam, e que assignasse eu o termo, quando não sahiriam elles; porque mostrava não o querendo assignar, que não queria que elles fossem; a isto lhes disse as razões por que não ia; que assignava o termo para que não julgassem de mim tão temerariamente; porém que a mim me parecia muito vergonhoso de ir eu para o Rio de Janeiro, e deixar ficar o povo e tropa prisioneira sem.... nenhum, e elles.... as suas companheiras abandonadas, porém que fizessem o que

quizessem. Isto é, meu senhor, tudo o que se passou n'aquella praça até o tempo do meu embarque para Buenos-Ayres ; agora o que eu aqui obrei com os soldados e paisanos portuguezes a beneficio de minha honra, póde ser me não acreditem, e só me toca dizer que quando veiu a noticia de que vinha Vellasco a buscar-nos, já eu tinha determinado sahir com os que me quizessem acompanhar, como se vê do requerimento incluso, e da resposta do mesmo junta; para o que já tinha antecipado a V. Ex. a carta de 3 de Junho, e em que dizia me não podia demorar mais que até os fins de Junho. Não se persuada agora V. Ex. que a minha intenção é e foi, pelo que acabo de dizer, culpar aos meus camaradas ou á outra alguma pessoa; porque conheço a não tem ninguem, e poucos haverá que deixem. de conhecer que os casos inesperados, assim como foi todo aquelle caso, são immediatamente effeitos de Deus : só elle os póde remediar e não a humanidade E' certo que elles não disseram na presença de V. Ex. a verdade, como ella é e eu mostro ; porém de homens tão honrados como elles, não se podia julgar outra cousa,quando a não fallam senão que se não dizem aquella,é porque não conhecem. Tambem póde ser que hajam alguns olhos mais perspicazes que os meus, a vejam em mim sem que conheça ; se assim fôr, parece-me seria mais louvavel e de mais prudencia attribuil-a á falta de pratica, do que aos principios que V. Ex. por nenhuma fórma podia considerar em mim. Não obstante, senhor, se V. Ex. ou o nosso ministro julgam ser preciso servir-me da minha infelicidade, para que a patria ou o Estado consigam glorias venturosas, eu aqui estou ; disponham de mim como forem servidos, com tanto que não padeça o meu credito, e dos meus filhos e parentes, que com semelhante caso façam a V. Ex. responsavel na presença de Deus de não indagar

com aquella prudencia que pede materia de tanta consideração como esta. Eu não peço a V. Ex. que me faça favores ; peço-lhe sim que me faça justiça em mandar averiguar se tudo o que eu digo é verdade; e que depois me mande sentenciar por outro, porque não quero que se diga que V. Ex. me livrou ou favoreceu por ser creatura sua.

A' Illma. e Exma. Sra. pessoa de V. Ex. guarde Deus muitos annos.— *Coronel Francisco José da Rocha.*

Confere. — *P. T. Xavier de Brito.*

Illm. e Exm. Sr. — Muito meu senhor. Representa a V. Ex. o governador que foi da praça da Colonia, Francisco José da Rocha, que elle ficou prisioneiro com os soldados d'aquella guarnição, em virtude das segundas capitulações que, em palavra de honra,lhe concedeu o Illm. e Exm. Sr. vice-rei D. Pedro Cevallos, dizendo-me não assignava segundas, por não incorrer em crime que na presença de el-rei, seu amo, lhe podiam fazer os muitos generaes que o acompanham, porque todos sabiam, assim como elle, que a praça não tinha mantimentos senão até o dia 20 de Março, e que por isso elle não viéra senão no dia 21 ; que me concedia tudo o que comprehendiam os capitulos das segundas capitulações e das primeiras : sahirem os moradores que quizessem,e os officiaes com tudo o que possuissem, menos os soldados que... haviam de ficar prisioneiros da mesma fórma que os de Santa Catharina, como não obstante o estar elle comprehendido na mesma graça de poder retirar-se com os mais officiaes e paisanos á sua capital, vendo que os soldados ficavam sem official algum, que podesse, pelo menos, esperançal-os no seu regresso, para com aquella esperança se não extraviarem, nem dispersarem, entendendo que V. Ex. os mandava conservar na fórma do capitulo III, que diz que os sol-

dados não seriam dispersos, nem apartados do seu regimento, e assim como tambem na fórma do IV, que diz,que a guarnição será conduzida a Buenos-Ayres ;...... assistirá prisioneira de guerra, se resolveu a dizer e a pedir á V. Ex., elle não ia com os mais officiaes, e que exigia antes ficar prisioneiro, assim como os soldados, para se retirar com elles quando lhe fosse permittido, o que S. Ex. lhe concedeu. E como agora, em virtude dos capitulos II e VII dos preliminares, que mandam se possa retirar o governador da Colonia com os soldados e paisanos que o quizerem acompanhar, e retirar-se *aos dominios* de Portugal, elle vê que os soldados se vão extraviando de varios modos, sendo um d'elles,o do se pôrem em marcha sem apoio algum, afim de se introduzirem pelo sertão, para não tornarem ao serviço de el-rei seu amo; assim como tambem lhe consta, que não falta quem os capacite, que fiquem n'este continente, sendo ao mesmo contra o capitulo VI das mesmas segundas capitulações concedidas, que diz : « Todas as vezes que a guarnição despejar a praça não será permittido aos hespanhoes escandalisar aos soldados ou a movêl-os por algum incidente a desertar do seu regimento. » Estes motivos me pôem na precisão de pedir a V. Ex. seja servido, em observancia dos mesmos preliminares, mandar-me dar transporte de embarcações e viveres, para transportar-me com os soldados e paisanos que quizessem acompanhar-me d'aqui para Maldonado, e alli mandar-nos continuar o transporte por terra até o Rio Grande, dando-nos viveres, carretas e as cavalgaduras competentes á custa de el-rei; ficando comprehendida n'esta mesma graça todos aquelles paisanos e soldados que não queiram ir agora, por alguma impossibilidade, o queiram fazer depois que o julgarem conveniente; sendo uns e outros escoltados por aquellas tropas

que V. Ex. julgar conveniente para os livrar dos insultos do campo.—*Coronel Francisco José da Rocha.*

Confere. — *P. T. Xavier de Brito.*

Fundando V. S. su representacion en los articulos 2° y 7° de los preliminares, si bien añade otros referentes á unas segundas capitulaciones que me dice haber hecho con el capitan-general D. Pedro Cevallos al tiempo de rendir la plaza de la Colonia, me pide V. S. los transportes, carruages y viveres necesarios para conducirse hasta el Rio Grande con los soldados y paisanos que quieran acompañarle, expresando-me tambien que no con otro fin que el de evitar su extravio, que dispersandose habia quedado en ésta, aun podiendo retirarse con los demas oficiales de la guarnicion de la plaza. En cuya consecuencia podrá V. S. contar con todo lo que necesita à su transporte, y de las tropas y paisanos que quieran libremente seguirle, para que exprese haberse determinadamente quedado.

Dios guarde a V. S. muchos años. Buenos-Ayres, 22 de Agosto de 1778. — *Juan Joseph Vertis.* — Al coronel D. Francisco José da Rocha.

Confere. — *P. T. Xavier de Brito.*

ZOOPHONIA

MEMORIA ESCRIPTA EM FRANCEZ PELO SR. HERCULES FLORENCE NO ANNO DE 1829

E TRADUZIDA EM 1877

POR

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Observação

Encontrando annexa ao interessante trabalho do meu estimavel amigo o Sr. Hercules Florence, que a *Revista* do Instituto acaba de publicar sobre a *Viagem do consul Langsdorff*, a presente memoria, a qual sem duvida póde servir de base a curiosas e ainda não encetadas investigações scientificas, julguei opportuno vertêl-a igualmente para a lingua vernacula, proporcionando a quantos se dedicam aos estudos zoologicos leitura capaz de abrir horizontes novos áquella importante parte dos conhecimentos humanos. E' em todo caso evidente manifestação do atilamento e espirito de observação d'aquelle singelo e veridico viajante, homem, aliás, de variado fundo de instrucção, e cújo poder inventivo talvez para seu nome tivesse trazido invejavel reputação, caso lhe corresse a vida em circulo mais vasto e proprio para que tivessem completa expansão todas as suas qualidades de perspicacia e paciencia. Com effeito o Sr. Hercules Florence imaginou diversos meios, todos engenhosos, de imprimir; inventou a *polygraphia*, o *papel inimitavel* e, antes das primeiras tentativas de

Niepce e Daguerre, descobrira, para assim dizer, a arte que originou a photographia. Vivendo porém no interior d'uma provincia em que de certo não tanto lhe faltavam os elementos com que proseguir em suas indagações, como principalmente o incitamento da competencia e do applauso, deixou em simples rudimento idéas que cumpria tornar realidade ou, quando as levou por diante, achou que outros, em mais felizes condições, lhe tinham tirado o valor da prioridade. D'ahi o desanimo e o retrahimento. E assim se perdeu uma aptidão notavel que talvez só por falta de circumstancias relativamente insignificantes não pôde conseguir a illustração a que tinha direito, dotando ao mesmo tempo a humanidade de importantes descobertas a bem do seu progresso e civilisação.

Rio de Janeiro, 3 de Abril de 1877.

Alfredo d'Escragnolle Taunay.

ZOOPHONIA

A ninguem occorreu ainda a idéa de tornar a voz dos animaes assumpto de estudos e cuidadosas observações, como sem duvida é sua historia natural. Entretanto, d'entre todas as magestosas ou suaves harmonias da esplendida e nunca assaz admirada natureza é a *zoophonia* unicamente que fere nossos sentidos por meio de notas musicaes. Dir-se-ia que preside á todas as scenas tão interessantes da vida animal, como ás festas, alegrias ou tristezas do homem a musica em suas multiplas manifestações. Sem ella, teria o deserto mais uma solidão.

Ainda quando não servisse esse estudo mais do que para méro entretenimento do espirito, não devêra merecer indifferença e pouco caso; mas não é isso só que n'ella acharemos, encontrando tambem côres novas e vivas, faces de verdadeiro valor scientifico e juntando sem contestação o tão apregoado util ao agradavel. Quando o sabio examina cuidadosa e lentamente tudo quanto o cerca; quando o mais insignificante insecto não escapa á sua analyse, que perscruta até o mundo microscopico, não lhe deve parecer inutil e despido de qualquer vantagem apreciar, debaixo de determinadas regras, não direi a linguagem, porém sim a voz dos animaes.

Se é motivo bastante para tratar de semelhante assumpto simples curiosidade, não deixam as razões que acabo de expôr duvidar de sua importancia.

Por occasião de minhas viagens pelo interior do Brasil, tive muitos ensejos de observar as mudanças que, segundo as zonas e até as provincias, experimenta a voz dos animaes.

Depois de passarmos de uma região para outra, sorprehendiam-nos os gritos de viventes que nos eram desconhecidos, ao passo que desappareciam outros que já se nos tinham tornado familiares ou, se continuavam a se fazer ouvir, era já com modificação sensivel no orgão vocal. Embora tivessemos, no correr da expedição que já deixei contada, occasião de ouvir innumeros chamados, pios, cantos e urros de animaes de toda a especie, não me acudiu ao pensamento a zoophonia, pelo que de muito poucos tenho lembrança bem perfeita. Assim a *araponga*, bello passaro de plumagem branca muito commum em S. Paulo, pousa nas franças das arvores e produz um canto metallico que recorda exactamente o bater, ao longe, de um martello sobre a bigorna do ferreiro. A *saracura* parece monologar na solidão. O *socó-boi*, de manhã e á noite, á beira dos pantanos e lagôas, faz lembrar o mugido das vaccas. O *mutum* annuncia as primeiras barras do dia com pios rouquenhos e abafados. O canto de um passarinho, cujo nóme se me riscou da memoria, faz crêr que são dois a se desafiarem em duello musical. O da *anhuma-póca*, grande e bella ave, semelha o som de um sino de aldêa, nas margens alagadas e inhabitadas do rio Paraguay. O *aracuan* grita como uma gallinha assustada, ao passo que a inseparavel companheira repete alternadamente as mesmas notas. A *arara* fende os ares, atirando de sua aspera garganta syllabas que seu nome formam, e bandos innumeros de *papagaios*, sobretudo com o cahir da tarde, soltando gritos agudos, atordoam o viajante.

Quando subiamos o manso curso do Paraguay, ouviamos por vezes uma especie de canto guttural de alguns *bugios*, que se reuniam em uma das arvores da floresta. De repente cessava a singular harmonia; um d'elles recomeçava e os outros, cada um por sua vez, entravam novamente no con-

certante. Um grito rouco e fortemente repetido duas ou tres vezes annunciava-nos a presença de outro animal, o *jacaré;* ou então urros, quaes gigantescos miados, avisavam-nos da approximação da *onça;* vozes totalmente diversas, indicadoras do genio dos sêres que as produziam e tão differentes do quasi relincho da pacifica *anta* que, lembrando o do cavallo, d'elle comtudo tanto se differença no seu modo de assoviar.

Quando eu atravessava os floridos campos de Villa Maria, de manhã recreava-me o alegre cacarejar da *seriema*, e á tarde entristecia-me o melancolico piar da esquiva *jaó.* No Diamantino ouvi o *macaudn*, o *caracará* e o *kirikiri*, nomes onomatopaicos do modo de gritar d'essas aves.

Nas margens do Juruena e Tapajóz, mudaram com o aspecto das zonas os cantares. Então notei a frequencia de um passarinho que a camaradagem chamava *tropeiro*, porque parece arremedar o assovio de um almocreve. Ao cahir a noite, eramos incommodados pelo coachar dos *sapos*, tão forte que imitava os sons de um tambor de batuque de negros.

Mais uma observação n'este preambulo que já vai demais longo.

Sem contestação harmonisa-se a voz dos animaes com as localidades e a hora em que se faz ouvir. No Spitzberg os echos não repercutirão jámais senão lugubres accentos proprios d'aquella desolada solidão; ao passo que nos paizes tropicaes, em que a natureza se expande luxuriante de viço e explendores, mil canticos alegres, mil ruidos e gritos animados ainda mais encantos incutem ás arrebatadoras paizagens. Em meio das aridas e ardentes arêas da Arabia, as ouças do viajante, que morto de sêde e de cansaço se arrasta penosamente, não serão acariciadas pela voz dos innumeros volateis que povoam o interior e o littoral do viridente Brasil.

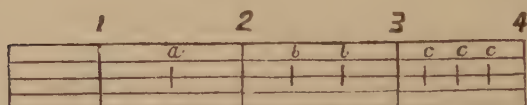
No rochedo escalvado que surge em meio do oceano, pousam aves de longo vôo e alteroso viso, cujos gritos só se casam com o soluçar dos ventos, dos temporaes e das ondas.

As horas ardentes do dia não serão assignaladas pela voz de nenhum animal vertebrado, mas sim pelo chiar da *cigarra*, cujo monotono bruido mais augmenta para o viandante a impressão que lhe produz a intensa reverberação do solo.

SIGNAES E CONVENÇÕES

Não tendo a voz dos animaes regra na sua duração, basta um unico tempo, o de um segundo.

Quanto ao valor das notas, é representado por uma nota de uma unica especie: a do segundo, tomada como unidade de tempo e modificada do seguinte modo:

Figura n. 1.ª

1 2 3 4

a b b c c c

Os intervallos comprehendidos entre as barras 1, 2, 3, 4 valem um segundo. As barrazinhas *a*; *b*, *b*; *c*, *c*, *c*; valem meio segundo, um terço de segundo, um quarto de segundo.

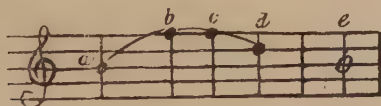
Figura 2.ª

A nota torna o valor da barra ou barrasinha em que estiver collocada, e tem o nome de segundo *a* ou meio se-

gundo *b*, terço de segundo *c* e quarto de segundo *d*, segundo a respectiva posição.

Figura 3.ª

As notas ligadas por uma curva são continuas. Se essa curva é sempre igual como em *a*, a voz é de intensidade igual. Se torna-se mais accentuada como em *b*, é que augmenta de força; se se afina, é que pelo contrario enfraquece-se o som.

Figura 4.ª

As notas marcadas n'uma curva, como *a*, *b*. *c*, *d*, são syncopadas, não tendo portanto nenhuma distincção de som. Só servem para indicar até que ponto a voz sobe ou desce e quanto tempo pára.

Nas notas pretas toma-se respiração. A branca *e* indica aspiração, regra applicavel a alguns quadrupedes, aos gansos e cobras, quando enraivecidas.

Exemplo da combinação dos signaes

Figura 5.ª

Fere-se a nota *sol*; depois ha um silencio de tres segun-

dos; depois sôa o *si*, com outro silencio ahi de um segundo, findo o qual pronuncia-se seis vezes e com precipitação o *ré;* novo silencio de um segundo. Após elle *si*, atacado uma vez e subindo até *fa* e parando em *ré;* recomeçando duas vezes de *si* para *fa*, mas com intensidade diversa, na primeira vez diminuindo de *si* para *fa*, na segunda augmentando. O ultimo *si* é aspirado.

Sabe-se que ha quadrupedes e sobretudo passaros que gritam ou cantam com intervallos iguaes.

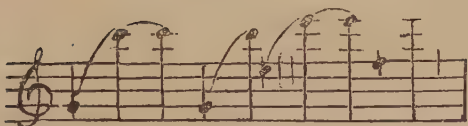
VOZ DE ALGUNS ANIMAES DO BRASIL

Canto da jaó

Esta ave repete o canto todos os vinte segundos, desde o pôr do sol até 10 e 11 horas da noite. Longe de imitar o gorgeio dos passaros diurnos, faz mais resaltar o silencio das trévas, não sem encanto especial, sobretudo quando a lua báte de chapa em alguma corrente ou lagôa, e que a gente se entrega á melancolia, que essa voz plangente desperta.

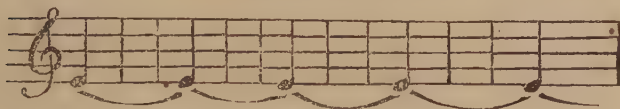
Canto do João-corta-pdo

Muitas vezes acham os *Caipiras*, a seu bel prazer, que o canto de certos passaros corresponde á determinadas palavras. D'ahi provém a denominação d'este. Pelos signaes vêr-se-ha se é justificada a antonomasia.

Canto do tropeiro

No caminho do Diamantino para o Grão-Pará é que se ouve com frequencia este passaro.

Coachar de um sapo á margem dos rios do Pará

Só se ouve á noite, mas ininterrompidamente durante largo tempo.

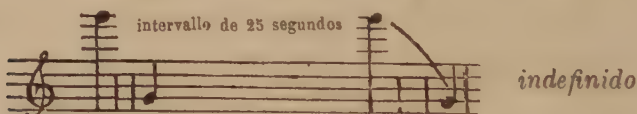
Grito do bugio

A ligadura n'este exemplo indica que a voz tem, sem cessação nem mudança de nota, uma alternativa regular de força e diminuição, circumstancia que unida a um orgão constituido de uma papeira ôca e relativamente enorme, dá á essa voz accento lugubre e monotono, ainda mais tristonho, quando se reunem muitos d'esses quadrumanos. Por esta razão chamam os *Caipiras* a esse ajuntamento « *capella de bugios* » alludindo ao côro dos padres a entoarem o cantochão.

Canto da araponga

«Chamam-n'o tambem *ferreiro* e *serralheiro*, porque semelha o ranger da lima a trabalhar em ferro sonoro.

O canto d'este bello passaro, tão frequente em toda a provincia de S. Paulo, é um dos mais bellos ornamentos das florestas virgens. Difficil é descrever a impressão que no viajante causa aquella voz metallica, tão estridente de perto que ensurdece, ao longe pelo contrario pura e doce com um som argentino.

A ligadura tremida indica que a voz tremelica como faz a lima no ferro, ruido a principio fraco, sonoro e agradavel que termina por uma nota agudissima como se o malho cahisse com todo o peso na bigorna.

A palavra *indefinido* que apparece no exemplo complementar, quer dizer, que o passaro continúa seu canto durante muito tempo, quasi indefinido. A's vezes acaba em *sol, si;* outras repentinamente em *la* 2/8 *sol*, grito que de perto põe as ouças a tinirem.

Contam os *Caipiras*, mestres tambem em improvisar engenhosas fabulas, que entre a *onça* e a *araponga* houve um dia uma aposta para saberem qual das duas se assustava com o maior grito que soltassem. A onça começou primeiro e com toda a força deu tremendo urro, mas o passaro nem sequer pestanejou. Por seu turno encetou seu canto de *sol-si*, *sol-si*, tão tremido e suave, *rein*, *rein*, *rein*, *rein*, *rein* ... « Olá, comadre, disse a onça, então não é senão isto? » « Espere um poucochinho, » replicou a

ave e recomeçou novamente, *rein, rein, rein*.... o que fez com que a outra insensivelmente pegasse a cochilar. Ahi a *araponga* feriu o *la* 2/8 *sol* com tal intensidade, que a onça de assustada deu formidavel pulo.

Se levassem um d'esses passaros para Paris e o expuzessem n'um lugar publico, todos, sem duvida, parariam, estranhando o metallico de sua voz, mas o brasileiro que por acaso o ouvisse sentiria fundo abalo, voltado repentinamente o pensamento para a querida e longinqua patria.

Canto da anhuma-póca

Habita esta alterosa e bella ave as margens do Paraguay; cujos echos repercutem sua voz forte e sonora sobretudo pela manhã.

Canto da saracura

De manhã muito cedo, ou nas horas temperadas do dia, ouve-se á beira dos rios, lagôas e pantanos a voz da *saracura*, precursora da chuva.

Canto do aracuan e da femea

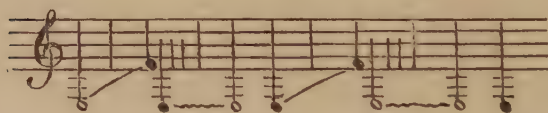
Como já dissemos, semelha o modo de gritar d'esse gallináceo com o de uma gallinha apavorada. A femea que sempre está junta o repete alternativamente.

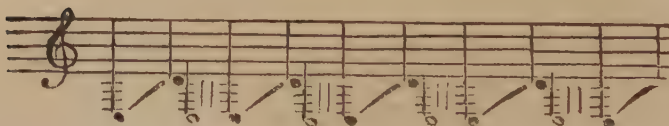
Canto do bem-te-vi

Durante o dia e até ás 10 ou 11 horas da noite é que canta. A cada meio minuto repete seu canto.

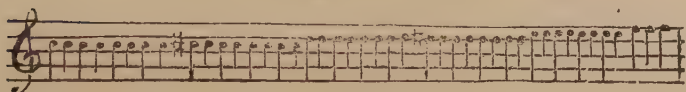
Urro da onça

A onça é o tigre da America. Algumas vezes ouvimos-lhe o urro de dia e mais frequentemente no silencio das noites. Então sua voz, imitando o mugido do touro, tinha um que de assustador.

Urro da onça irritada

A figura tremida mostra que a onça uproduz um gaguejar aspirado e rapido, semelhante ao do cão, quando resmunga contra outro cão.

Grito do jacaré

Grito da ariranha

Com o chôro de uma criança do peito parece-se o grito d'essa lontra. E' um amphibio que quando sahe da agua grita uns quinze a vinte segundos e depois mergulha. Nossos remadores imitavam-lhe perfeitamente a voz, estirando o pescoço e batendo rapidamente e com a ponta dos dedos unidos á garganta.

Canto do surucuá

Canto melancolico e suave, que percorre exactamente, durante vinte e quatro segundos, a escala chromatica.

Chilro de um insecto

Voz semelhante á da cigarra e que tambem se ouve nas horas quentes do dia.

Grito da gaivóta

Grito de tres segundos, semelhante ao bater de um tachozinho.

Quando caminhavamos em praia de arêa, onde essas aves tinham enterrado seus ovos, ouviamos seus agudos gritos de anciedade; voavam e gritavam em torno de nós, appro-

ximando-se algumas tanto, que receiavamos levar bicadas na cara.

OBSERVAÇÕES

Ha vozes de animaes que mudam de nota, como faz a clarineta. Outras chegam a articular, como os carneiros a balarem.

A's vezes ouvem-se peixes de grandes proporções como que roncarem debaixo dos navios. Será geral a todos os peixes produzir voz? Terão tambem os insectos essa propriedade? Não poderei responder.

Serpente com raiva

Uma vez eramos tres pessoas a atirarmos pedras n'uma *jararáca* sem acertarmos nunca. A cobra entrou em tal furia que chegou a levantar-se verticalmente na ponta da cauda, olhando-nos rapidamente um após outro, e produzindo com as fauces abertas um ruido, comparavel com o que fazem os gatos, e que os inglezes chamam « escarrar fogo. » Entretanto é commum dizer-se o sylvo das serpentes. Será para exprimir um facto real? O Brasil, como todo o paiz cuja vegetação é vigorosa, está cheio de serpentes, de entre as quaes contam-se as maiores e as mais venenosas; nada, porém, observei que induzisse a considerar exacta a expressão tão empregada de *sibillo*, applicada a esses reptis.

Assovio da anta

Se as cobras não têm a faculdade de assoviar, cousa que não me é dado affiançar; comtudo o affirmo a respeito da anta, grande e gracioso quadrupede peculiar á fauna brasi-

leira. No Pará vi no pateo do Dr. Lacerda, naturalista distincto, uma d'essas que de vez em quando no dia assoviava.

Particularidade dos tangaras

E' geralmente sabido na provincia de S. Paulo, que o passarinho *tangara*, quando canta, dansa tambem. Enfileiram-se n'um mesmo ramo pouco mais ou menos horizontal uma porção de machos; no meio fica uma femea. D'esta se approximam aquelles, e o que fica mais perto vôa a tomar a ponta da fileira. Vão assim revezando, cada um por sua vez; de modo que semelhantemente se os vêm dansar, cantar e vôar. A femea canta e dá pulinhos, mas sempre no mesmo lugar.

CONCLUSÃO

Dizia-me em 1846 no Rio de Janeiro o Sr. de Rugendas a proposito de suas viagens: « Dirão que perdi meu tempo, mas terei sempre assaz philosophia para responder: diverti-me e tanto basta. Demais não somos tão inuteis como pensam, nós artistas. Olhe o pesado carro do Chile está rareando, substituido pelos aligeirados vehiculos da Europa; o *chiripá* dos filhos do Prata não apparece mais senão no fundo das missões. Quem conservaria para a historia esses typos dos povos e das épocas, se não fôra o pintor? »

Assim, tambem, diremos nós.

Vêde, por toda a parte n'este immenso Brasil tombam aos golpes do destruidor machado e a poder de fogo e do incendio dilatadas e seculares florestas, abrigo de innumeros quadrupedes e volateis. Perdidos os sombrios recantos

que lhes são precisos, tornar-se-hão cada vez mais raros, esquivos; e por fim de todo sumir-se-hão, innocentes victimas da conquista do homem á solidão. Quem conservará a exacta representação do modo por que exprimiam esses sêres seus sentimentos ou modulavam seus cantos, se não fôr a *zoophonia?*

O

DR. JOÃO BAPTISTA BADARO'

MEMORIA ESCRIPTA PELO

DR. JOAQUIM ANTONIO PINTO JUNIOR

Membro effectivo do Instituto Historico Geographico Brasileiro

---

Faz hoje 46 annos que foi vil, covarde e traiçoeiramente assassinado com um tiro de pistola, na cidade de S. Paulo, o Dr. João Baptista Badaró, sendo sua unica culpa o seu estremecido amor pela liberdade, e a coragem verdadeiramente romana com que defendia as doutrinas liberaes que professava sem olhar a compromettimentos, sem attender a perigos.

A vida de um homem illustre por suas virtudes e talentos, e sobre tudo pelos relevantes serviços prestados á causa da humanidade, tem sempre um valor real, um merecimento intrinseco, que não poderá desmerecer pela debilidade da pena que se incumbiu de traçal-a.

Este trabalho, que ahi lançamos á luz da publicidade, sem outro merecimento mais do que o da verdade, nós o offerecemos á illustre nação italiana, que tão sentidas lagrimas derramou então pela perda de um de seus filhos mais illustres ; saiba ella que o nome d'esse martyr da liberdade ainda se conserva acompanhado de sincera gratidão no coração dos brasileiros.

Sirva este opusculo para relembrar as virtudes d'este apostolo do progresso, e para firmar a verdade dos factos, adulterada n'aquella época pela justa indignação de uns, pela perversidade de outros, e geralmente pelo espanto que seguiu-se á noticia de tão revoltante, quanto inesperado crime.

O Dr. João Baptista Libero Badaró (1), filho d'esse bello paiz que tantos homens notaveis tem offerecido ao mundo em todos os ramos dos conhecimentos humanos, a *Italia*, nasceu nos fins do seculo passado em Laigueglia, pequena villa maritima da ribeira occidental do ducado de Genova, que n'aquelle tempo formava a republica Ligura.

Seu pai, o Dr. André Badaró, medico illustre, altamente conceituado, tendo occupado os mais importantes cargos na republica, entre outros o de membro do corpo legislativo, favorecido da fortuna e collocado em elevada posição pelo seu nascimento, e pela estima e respeito de seus concidadãos, não descurou da educação de seu filho.

Depois de o haver iniciado nas linguas latina, italiana, franceza e ingleza, que eram a ambos familiares, e nas maximas e conhecimentos da philosophia, destinou-o á honrosa profissão de medico, em que elle proprio se distinguia; a sua passagem pelo estudo das sciencias medicas foi uma serie de não interrompidos triumphos, e a universidade de Pavia lhe conferiu o honroso titulo de doutor, que foi confirmado pela de Turim.

O Dr. João Baptista Badaró, iniciado nos arcanos das sciencias medicas, espirito activo e emprehendedor, alma robusta destinada para grandes commettimentos, fez taes

(1) A *Astréa*, jornal que se publicava n'esta côrte, diz que desde a pia baptismal foi o Dr. Badaró consignado por seu pai á liberdade: tal é a significação do nome *Libero* que este lhe pôz no tempo em que a liberdade raiava no horizonte de sua patría.

progressos nos estudos a que praticamente se entregou, que mereceu em sua patria a estima e a privança dos illustres naturalistas *Viviani*, *Moreti* e *Bertoloni*.

A applicação e o estudo não eram mais para o Dr. Badaró um estado passivo do espirito ; elle detestava a rotina, e a acção e o exercicio em que o seu espirito desenvolvia todo o elasterio de suas faculdades o faziam adquerir novos conhecimentos, devidos a si proprio e aos trabalhos de uma aturada reflexão.

Os principios e as doutrinas medicas que bebêra em seu tirocinio não o fascinaram ao ponto de imprimirem, como ordinariamente acontece, um timbre particular a todas as opiniões de sua vida ; as doutrinas ensinadas nas differentes escolas italianas que frequentou, não escureceram a seus olhos o merecimento da doutrina phisiologica, para a qual o seu espirito tinha natural pendor, se bem que um prudente eclectismo regulava os passos de sua pratica.

A zoologia e a botanica mereceram-lhe sempre a preferencia nas suas continuas investigações, e esta ultima lhe é devedora de conhecimentos relativos a algumas especies e variedades que elle illustrou nas suas excursões nas montanhas da Liguria, no Piemonte e na ilha Sardenha.

Escreveu varios opusculos conhecidos na Europa, e teve a distincta honra de ser citado pelo insigne *De Candoïe*.

O Dr. Badaró, descendente de uma familia notavel, gozando a estima e a consideração dos primeiros sabios de sua patria, possuia entretanto um espirito exaltado, emprehendedor e avido de novidade : a Italia era para elle um theatro limitado ; a America offerecia-lhe um mundo novo a investigar ; elle quiz, pois, examinar por si a magnificencia d'este solo abençoado, e sem outro incentivo mais do que o amor da sciencia, sem outro movel que não fosse a sua vontade robusta, com desgosto mesmo de seus parentes,

expatriou-se e veiu para esta côrte em 1826, onde continuou nos mimosos arrabaldes da capital do Imperio as suas observações e o estudo aturado da botanica, que constituia então a sua particular occupação ; a familia dos *convolvolos* e dos *fétos* mereceram-lhe um estudo especial : colleccionou e desenhou muitas especies no empenho de publicar sobre ellas uma monographia.

Corriam placidos e serenos os dias para o Dr. Badaró ; o estudo das sciencias naturaes, e principalmente da botanica, tão rica de attractivos, lhe amenisava a vida e abria um horizonte ás suas investigações scientificas ; estimado e admirado por todos os que o conheciam de perto, elle passava n'esta côrte uma vida feliz, e outro teria sido o seu destino se a necessidade de continuar os seus estudos de botanica em um theatro mais rico, e o desejo de exercer a sua profissão medica, o não tivessem instigado a ir estabelecer-se na cidade de S. Paulo.

Por essa época levantava-se rico de esperanças,e firmado sobre as mais solidas bases o curso juridico d'aquella provincia.

A mocidade brasileira corria de todos os recantos do Imperio a alistar-se nas fileiras dos adeptos da sciencia do direito, e o Dr. Badaró, moço ainda, viu-se logo rodeado de uma grande parte dos innumeros talentos que então surgiam no horizonte brasileiro. O curso juridico de S. Paulo não se compunha então, como ultimamente, de moços no verdor dos annos, alheios ás paixões politicas, illesos da lepra dos partidos ; de toda a parte corriam a matricular-se nas aulas de direito homens feitos, sahidos da vida pratica para o estudo da sciencia ; os estudantes tinham, pois, uma autonomia propria, e uma intervenção directa e talvez perigosa nos negocios publicos ; alguns exerciam até cargos de eleição popular.

« O enthusiasmo ardente d'essa mocidade que para alli affluia a uma escola nascente (diz o redactor da *Astréa*), trazendo, para assim dizer, a flôr e o sumo das doutrinas liberaes de todas as partes do Imperio, communicou-se ao seu espirito e abalou seu coração, que sempre ardêra pelo amor da liberdade, debaixo de cujos auspicios nascêra. Suas virtudes e sua instrucção o tinham disposto a prestar-se naturalmente para tudo o que fosse dirigido a beneficiar a especie humana ; e a esperança de lhe ser util com seus conhecimentos, unida aos convites de uma grande multiplicidade de vozes, que se erguiam de toda a parte contra os inimigos do systema politico estabelecido e jurado, o determinaram a desposar a causa d'este mesmo systema, e a levantar como escriptor publico a espada sobre as indignidades e as machinações dos perversos, fazendo-se para com os povos o interprete da razão e da lei, e o orgão geral dos sentimentos da gente livre e cordata ! »

Eis o seu grande crime !

O Dr. Badaró foi, pois, arrastado pela onda que n'aquella briosa provincia se levantava então altaneira e robusta para derrocar e aluir pelas bases o edificio que um partido retrogrado pretendia erguer de novo.

Ao lado dos Santa Barbara Garcia, do (hoje senador Silveira da Motta) redactor então do *Federalista*, e de tantos outros talentos brilhantes votados á defesa das liberdades publicas, figurava o Dr. Badaró como redactor do *Observador Constitucional*. Estrangeiro era elle, mas o seu espirito cosmopolita, votado á defesa da liberdade desde os seus mais verdes annos, adoptou a causa do Brasil como sua, e este Imperio então nascente contou desde logo entre as victimas sacrificadas á sua grandeza futura o nome d'esse estrangeiro illustre, que escreveu com tanto tino, tanta dedicação e tanto amor pela causa publica ; que

« o Brasil acolheu das mãos de um estrangeiro o *Observador Constitucional* como uma producção do seu solo: tanto os principios n'elle expendidos eram brasileiros e sãos! » (Assim se expressava a *Astréa*, jornal politico da época.)

O redactor do *Observador Constitucional* era homem talhado para as grandes lutas; alma generosa, sacrificava tudo pela idéa, e em seu enthusiasmo foi levado até a beira do abysmo sem sentir a rapida inclinação do terreno em que descansava os pés.

O bispo diocesano D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, então vice-presidente em exercicio na provincia, o ouvidor desembargador Candido Ladisláo Japi-Assú, e muitos outros funccionarios publicos, soffreram mais ou menos energicas censuras no *Observador Constitucional*.

O Imperador Pedro I, já em fins do anno de 1830, aggredido pelo partido que desde então preparava o 7 de Abril soffreu igualmente os ataques d'aquelle escriptor politico (2).

(2) A linguagem das folhas periodicas d'aquelle tempo, resentia-se das proximidades de uma grande revolução, ou, para fallar com mais exactidão, promovia e preparava essa revolução.

O ouvidor nomeado (o desembargador Candido Ladisláo Japi-Assú) incorreu desde logo no desagrado popular pela maneira por que executou a nova lei sobre a liberdade da imprensa, e não só o *Observador Constitucional*, como o *Pharol Paulistano*, o aggrediram violentamente.

Tinha-se por essa época creado a Sociedade Philantropica, a qual o governo imperial, por informações do vice-presidente da provincia, o bispo D. Manoel, negára permissão, em portaria de 17 de Agosto de 1830, cujos estatutos approvára mais tarde em 26 de Outubro do mesmo anno.

O governo imperial fôra informado pelo vice-presidente, em officio de 29 de Julho, de uma maneira pouco explicita, « parecendo por isso pouco favoravel ao estabelecimento, que por certo

A excitação dos animos tinha subido de intensidade, e o espirito publico debatia-se nos prodromos de uma revolução eminente e realizada poucos mezes depois: foi debaixo d'esses auspicios que, pelas 10 horas da noite de 20 de Novembro de 1830, a população da capital de S. Paulo sobresaltou-se ao estrondo de um tiro de pistola, que no silencio da noite foi distinctamente ouvido em quasi toda a cidade.

A notìcia de que o Dr. Badaró tinha sido assassinado correu como uma centelha electrica, e minutos depois um numeroso concurso de estudantes de direito corria a chamar nosso prezado pai o cirurgião-mór Joaquim Antonio Pinto, para que fosse prestar os soccorros da sciencia ao seu infeliz collega; nós o acompanhámos, e ao chegar á pequena casa terrea em que habitava a victima, na rua de S. José, difficilmente podemos atravessar a onda de povo que litteralmente enchia toda a rua.

Badaró estava deitado sobre um leito, alagado em sangue, pallido, com essa pallidez da morte que lhe estava proxima, a larga fronte banhada de um suor frio, o pulso linear, mas o rosto sereno e a palavra sonora. Aos amigos que o cercavam, aos collegas que o procuravam illudir ácerca da gravidade do ferimento (rotura por uma bala de um ramo importante da arteria iliaca), elle respondia tranquillo: *Não me illudem; eu sei que vou morrer, não importa!* MORRE UM LIBERAL, MAS NÃO MORRE A LIBERDADE.

não promettia prosperar a cargo de pessoas que só se indicavam por estudantes: » taes são as palavras que copiamos do aviso imperial de 26 de Outubro de 1830, assignado por José Antonio da Silva Maia. Este aviso concluiu por uma reprehensão ao vice-presidente por não terem sido as suas informações *explicitas, claras e francas*, como devem ser as de todos os empregados publicos.

Este aviso ainda mais excitou os animos contra o governo da provincia, e a Sociedade Philantropica foi solemnemente installada.

Palavras memorandas que a tradição conserva ainda cheias de vida, e que as successivas gerações levarão á mais remota posteridade para que todos conheçam com quanta resignação morre aquelle que se sacrifica por uma causa santa.

Lia-se a consternação e o desanimo no rosto dos facultativos que correram a prestar os soccorros da sciencia ao infeliz collega; pairava em todos os espiritos a triste e desanimadora realidade: *Badaró está mortalmente ferido!* A multidão immensa que se apinhava na frente da casa conservava um aspecto doloroso, mas imponente; não houveram vociferações em torno ao leito do moribundo, porém lagrimas, soluços abafados e solemnes protestos contra os assassinos, que apontavam sem rebuço!

A's 11 horas da manhã do dia 21 lhe foi levado o sagrado Viatico acompanhado de um numeroso concurso, no qual se achavam (salvas muito poucas excepções) todos os academicos de então.

O Dr. Badaró recebeu o sacramento e as consolações da igreja christã com o maior recolhimento, com o mais profundo respeito, com a veneração de uma alma pura em presença do Deus unico verdadeiro, em cujos preceitos santos tinha sido educado!

Suas palavras eram todas de mansidão; uma só vez não proferiu elle os nomes dos algozes executores do barbaro assassinato de que era victima. Dôres crueis, ardente sede, martyrio prolongado, soffreu o infeliz Badaró, e 24 horas depois do attentado, pelas 10 horas da noite de 21, na idade de 32 annos, inclinou a cabeça e dormiu para sempre o somno dos justos!

No dia seguinte eram conduzidos, a braços, da casa de sua residencia, á rua nova de S. José, para a igreja do Carmo, os restos mortaes d'esse martyr da liberdade; era

tão numeroso o concurso, que ainda o caixão não havia sahido da casa e já o prestito entrava no templo situado no outro extremo da cidade e á grande distancia!

A luz tremula das tochas mortuarias, os sons abafados e plangentes da musica, os soluços dos innumeros amigos do finado, o susurro doloroso e consternador de centenares de familias pobres que faziam alas á passagem d'aquelle sacerdote da medicina, cercaram aquella solemnidade funebre de uma verdadeira e imponente magestade!

Quem póde reunir em torno do seu leito de morte uma população inteira, grandes e pequenos, ricos e pobres, levados alli não por mera curiosidade, mas por immenso pezar, a não ser uma alma justa, um coração grande e generoso?!

Vivemos em S. Paulo mais de 40 annos (quasi a nossa vida inteira), e nunca assistimos a um sahimento funebre tão concorrido, tão solemne, tão repassado da mais pungente dôr!

O Dr. João Baptista Badaró não era sómente um enthusiasta pelas idéas livres, que começavam então a conquistar a America; elle era além d'isto um homem bom, illustrado, cheio de virtudes e sobretudo levita do templo da caridade; comprehendia como poucos os sagrados deveres do medico!

A cidade de S. Paulo passou desde o dia 20 de Novembre de 1830 até o dia 24 no mais completo sobresalto; as ruas adjacentes á casa em que residia o ouvidor desembargador Candido Ladisláo Japi-Assú estavam apinhadas de povo, pela maior parte estudantes. Grupos de mais de 100 pessoas percorriam diversas direcções, reclamando a prisão dos indigitados assassinos, o allemão Stock e outro companheiro, prisão que realizaram por si e sem intervenção de autoridade, exigindo ao mesmo tempo a prisão do ouvidor como mandante do crime!

Japi-Assú, tendo aproveitado o momento em que o povo corria para o lado da estrada de Santo Amaro, em consequencia do boato adrede espalhado de que os allemães d'aquella colonia vinham no empenho de libertar os dois allemães já presos, passou-se para a casa do governador das armas o coronel Carlos Maria de Oliva, onde se conservou até o dia 24, e ás 2 horas da tarde, sahindo da casa, a cavallo, em companhia do bravo capitão Amaro José Soares, que o governo da provincia havia nomeado para acompanhal-o, seguiu a galope na direcção da cidade de Santos, onde embarcou no Cubatão com sua familia em uma canôa de voga, sendo acompanhado pelo Dr. Ignacio Manoel Alves de Azevedo (e sua familia), o qual era então um dos poucos estudantes que adhériram á causa do ouvidor perseguido e calumniado (3).

Chegado á côrte, soffreu o desembargador Japi-Assú um processo em cuja discussão, a sua innocencia foi reconhecida e provada (4).

O allemão Stock, porém, sujeito a julgamento foi condemnado em S. Paulo, e acabou de cumprir a mais iniqua das penas no presidio de Guarapuava, situada

(3) Não foi sem grande risco e verdadeiro soffrimento que o ouvidor Japi-Assú e as pessoas de sua comitiva realizaram uma viagem pela costa em uma canôa de voga, devendo ainda aos esforços do juiz de fóra de S. Sebastião o não ser alli preso á reclamação de varias pessoas do lugar.

(4) Não é possivel transcrever n'este opusculo todas as peripecias d'este importante julgamento; nós o temos lido, e cada vez nos convencemos mais de que a paixão e o odio são os primeiros elementos para desvairarem e entorpecerem a acção da justiça!

Japi-Assú e Stock foram duas victimas sacrificadas em favor do verdadeiro assassino, que recolhido viu correr o tempo e approximar-se o fim da vida, sem que a justiça humana o descobrisse, attingisse e punisse.

ao sul de S. Paulo em territorio hoje da provincia do Paraná.

Vinte e poucos annos depois d'este attentado apeavamo-nos em uma estalagem situada á beira da estrada, entre as cidades de Itapetininga e Itapéva da Fachina, e, sorprendidos pelo nome de Stock dado ao allemão dono da estalagem, procurámos entreter com elle conversa, e verificámos ser o mesmo que fôra accusado e condemnado pelo assassinato do Dr. Badaró.

Ouvimos de sua propria boca a narração da perseguição atroz que soffreu, a injustiça de sua condemnação, erro grave e fatal, que desvairou as vistas da justiça, protegendo assim o verdadeiro criminoso!

Não é o povo, na excitação e no delirio, ainda pelo motivo o mais justo, o melhor conselheiro na applicação da justiça.

Os animos irritados pelos acontecimentos politicos da época exploraram este crime, no empenho de responsabilisarem por elle o ouvidor que havia de ha muito incorrido em seu desagrado (5).

(5) Pela linguagem dos jornaes da época se póde conhecer a exaltação dos animos. O *Pharol Paulistano*, em uma correspondencia assignada *A sentinella*, parodiou as invectivas de Cicero contra Catilina, applicando-as ao desembargador Japi-Assú e concluindo por alegrar-se, porque « a sua *figura*, a sua *presença* e o seu *halito* já não impestavam aquella cidade! » E a par d'esta linguagem inconveniente e desabrida, um vacuo immenso, nem um argumento, nem uma prova contra o incriminado ouvidor!

Depois do julgamento dirigiu o desembargador Japi-Assú a seguinte carta aos italianos:

« Signori italiani. — Alcuni miei infami nemici, crudelissimamente m'imputarono l'assassinio del vostro infelice compatriota Giovanni Battista Badaró!

« M'accusarono d'un delitto orribile, che eglino soli, anime vili, potevano commettere senza ribrezzo.

Era, porém, uma quadra de ebulição essa que precedeu á revolução de 7 de Abril; por isso não admira que o Imperador Pedro I fosse tambem recebido poucos mezes depois em Barbacena e outros lugares, quando dirigia-se á provincia de Minas, a dóbres de sino e officios de defuntos pela alma do assassinado Badaró !...

O Dr. Badaró baixou á sepultura sem ter outra culpa que não fossem as suas opiniões politicas, sem contar um inimigo pessoal; e os desatinos de 1830, obscurecendo o horizonte da justiça com a poeira levantada nos momentos de exaltação e delirio, cobriram e protegeram o *verdadeiro assassino!*

Vinte annos depois tivemos occasião de vèr e observar

« Io sempre vi amai di vero cuore: e non mi par possibile lasciar di amare uomini che parlano la dolce e elegante lingua di Metastasio, Petrarca, Cesarotti, Dante, Ariosto, Tasso e Guarini; uomini nati nella patria di Virgilio, d'Orazio e d'Ovidio; di Tito, d'Antonino, d'Aurelio e de' Cincinnati; di Beccaria, di Filangeri e di Alfieri; di Ganganelli, Michel Angelo, Raffaello e Rossini. Discendenti tutti di tanti eroi e di una patria alfine, che avendo dettato leggi al mondo, oggi lotta per rompere le catene che iniquamente posero alla sua indipendenza.

« Molto desidero que tutti conoscano la mia innocenza, peró molto più che i miei figliuolini non ricevano la triste eredità di un cattivo nome che uomini perversi vollero dare al loro padre. Questi poi sono i motivi perchè rimetto alle vostre biblioteche esemplari della mia difesa, perchè può anche succedere che un giorno, volendo voi scrivere la vita del vostro disgraziato compatriota, e non sapendo che la mia unica colpa fu *un'ingiusta persecuzione*, diceste al mondo che io sia stato il carnefice dell'infelice.

« Leggetela, como spero, a sangue freddo, e con imparzialità; e concorrete nel sentimento e nell'orrore che m'inspirano gli infami che l'assassinarono.

« Colla maggiore simpatia sono il vostro ammiratore. — *Candido Ladisldo Japi-Assú.* »

junto á barra da Bertióga, na cidade de Santos, em uma situação pobre e isolada de vizinhos, um velho de longas barbas brancas, alquebrado pelos annos, senão pelos remorsos; a velhice, que chama a attenção de todos e inspira respeito, n'aquelle vulto sinistro incutia repugnancia, senão verdadeiro terror!

Eis alli o executor do assassinato do infeliz Badaró, alguem nos segredou aos ouvidos!

Seu nome não o esquecemos nós, mas preferimos que fique encerrado na poeira da campa em que hoje descansa aquelle miseravel.

Que motivos o levaram a commetter tão grande crime?

Mysterio! Obedeceria á vontade de um mandante! Seria elle, o primeiro fanatico que, armando por si o braço homicida, de um punhal ou de um bacamarte, commettesse um crime horrendo julgando praticar uma virtude?!

O fanatismo politico não é menos nocivo e prejudicial do que o fanatismo religioso.

Esse desgraçado fez cahir ensanguentado a seus pés um apostolo da liberdade, e não *achando* depois quem approvasse ou premiasse semelhante crime, corrido de remorsos, vergado ao peso da reprovação geral, foi viver vida obscura e desprezada na solidão das matas, d'onde nunca devêra ter sahido.

Victima e assassino descansam hoje na mansão dos mortos.

Ao primeiro a saudade, a gratidão de um povo inteiro, reconhecido aos seus serviços.

Ao segundo a compaixão que não deve desamparar até os maiores criminosos.

Figurai um monstro que a natureza tenha conhecido só para se horrorisar de seus crimes; uma féra de fórma humana e de instinctos de panthera; uma lagrima gerada

no intimo do coração d'esse monstro, atravessando caminhos que Deus fez e que só Deus conhece, rebentará de seus olhos, inundando-lhe as faces, e essa lagrima será bastante para lavar todas as nodoas de uma vida criminosa!

O arrependimento!

Se elle o teve verdadeiro e sincero que sua alma descanse tambem na mansão dos contrictos e arrependidos!....,

Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1876.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1876

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 17 DE MARÇO DE 1876

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala das sessões do Instituto os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, conego Manoel da Costa Honorato, conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Cesar Augusto Marques, senador Candido Mendes de Almeida, Felizardo Pinheiro de Campos, Antonio Alvares Pereira Coruja, Rozendo Muniz Barreto e tenente-coronel Francisco José Borges, o Sr. Dr. Macedo, 1° vice-presidente, abriu a sessão e disse que, achando-se doente e impossibilitado de comparecer o Exm. Sr. presidente visconde de Bom-Retiro, este o encarregára de convocar a presente sessão, para o fim de nomear-se uma commissão para comprimentar e despedir-se de SS. MM. Imperiaes antes de sua viagem para fóra do Imperio ; e, estando plenamente convicto de que essa moção merece a geral adhesão de todos os membros do Instituto, deixa, por isso, de sujeital-a á discussão, o que, sendo unanimemente aceito por acclamação, nomeou em seguida a referida commissão, composta de todos os socios presentes e d'aquelles que, não tendo comparecido, quizerem fazer parte d'ella, convidando-os a reunirem-se no paço imperial da cidade no dia 24, ás 5 horas da tarde, para o seu desempenho, e manifestar a S. M. o Imperador sua gratidão pela constante protecção que tem dispensado

ao Instituto, comparecendo a todas as sessões, e animando os socios a proseguirem em seus trabalhos em honra e proveito da historia, geographia e ethnographia patrias.

Dr. Moreira de Azevedo,

2º SECRETARIO SUPPLENTE.

———

1ª SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE ABRIL DE 1876

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala das sessões do Instituto os Srs. Drs. Joaquim Antonio Pinto Junior, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, João Ribeiro de Almeida e José Tito Nabuco de Araujo, abriu-se a sessão, occupando a presidencia, na falta do 1º vice-presidente, o socio presente mais antigo Sr. Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, e os lugares de 1º secretario o Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, e o de 2º o Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

Participaram não poder comparecer por doentes o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo e o Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja.

Apresentou-se e leu-se a seguinte proposta :

« Sendo esta a primeira sessão d'este Instituto, depois do passamento do nosso illustrado consocio o conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, propomos que se faça na acta menção do profundo pezar que sente esta associação por tão sentida perda, levantando-se a sessão. — *Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior. — Dr. Manoel*

Duarte Moreira de Azevedo. — Dr. João Ribeiro de Almeida. — Carlos Honorio de Figueiredo. — José Tito Nabuco de Araujo. »

Approvada a proposta, levantou-se a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

2ª SESSÃO EM 11 DE MAIO DE 1876

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala das sessões do Instituto os Srs. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Tito Nabuco de Araujo, Felizardo Pinheiro de Campos, Antonio Alvares Pereira Coruja, Drs. José Vieira Couto de Magalhães, Agostinho Marques Perdigão Malheiro, João Ribeiro de Almeida e Cesar Augusto Marques, o Sr. 1° vice-presidente Dr. Macedo abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, secretario supplente, servindo de 2° secretario, leu a acta da antecedente, a qual, posta em discussão e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, tambem secretario supplente, servindo interinamente o cargo de 1° secretario, deu conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. director da 2ª directoria da secretaria de Estado dos negocios do Imperio, solicitando, de ordem do Sr. ministro d'aquella repartição, uma collecção das *Revistas* d'este Instituto.

Outro do Sr. presidente da provincia de Santa Catharina, remettendo um exemplar da *Falla* dirigida á assembléa provincial em 21 de Março ultimo, e um exemplar do officio com que o seu antecessor Dr. João Thomé da Silva passou a administração da mesma provincia ao Sr. vice-presidente.

Outro do Sr. presidente da provincia do Ceará, enviando dois exemplares dos *Annexos* ao relatorio que apresentou á assembléa provincial no dia 2 de Julho ultimo, por occasião da abertura da sua sessão ordinaria.

Outro do Sr. presidente da provincia das Alagoas, remettendo um exemplar da *Collecção de leis* d'aquella provincia, promulgadas no anno proximo passado.

Outro do Sr. Dr. Manoel Buarque de Macedo, chefe da directoria das obras publicas da secretaria de Estado dos negocios da agricultura, dirigido ao Sr. presidente d'este Instituto, offerecendo para a bibliotheca do mesmo o seguinte: *Carta* da provincia de Goyaz; *Mappa* da região principal da provincia de S. Paulo, e *Exposição dos trabalhos historicos, geographicos e hydrographicos*, organisados pelo Sr. conselheiro barão da Ponte Ribeiro.

Outro do Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira, offertando um exemplar da sua *Memoria* sobre a provincia da Bahia.

Outro do Sr. Francisco Manoel Alvares de Araujo, mandando por parte da commissão superior da exposição nacional, para serem distribuidos do modo mais conveniente, 50 exemplares da *Carta physica* e 50 ditos dos *Subsidios*, trabalhos do Sr. conselheiro Homem de Mello; 50 da obra

O Imperio do Brasil na exposição universal de 1876 em Philadelphia; 20 da *Memoria* do Sr. Manoel Jesuino Ferreira, e 20 ditos de igual trabalho do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, este sobre a provincia do Maranhão, e aquelle sobre a da Bahia.

Carta do Sr. A. C. Teixeira de Aragão, datada de Lisboa, offerecendo o *Relatorio* sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade de Tavira, e a obra *D. Vasco da Gama e a villa de Vidigueira*, declarando o mesmo senhor que tendo ha tempos feito e enviado igual offerta, e julgando-a extraviada, repetia por isso a sua remessa, assim como tambem offereceu, por intermedio de seu irmão Francisco Teixeira de Aragão, residente n'esta côrte, um exemplar da obra que está publicando, com o titulo *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal.*

Carta do consocio o Sr. conselheiro Filippe José Pereira Leal, acompanhando outra dirigida pelo Sr. coronel de engenheiros Wisner Morgenstern, em que offerece a este Instituto o *Mappa topographico*, por elle organisado, do territorio da republica do Paraguay.

Dita do Sr. E. Uricoechêa, datada de Paris, em 12 de Março do corrente anno, agradecendo a este Instituto o titulo de socio correspondente.

Dita do Sr. Clemente Barrial Posada, datada de Montevidéo, offerecendo uma *Informação descriptiva e explicativa* do reconhecimento geographico e geologico d'aquella parte do continente do sul americano, trabalho este em que gastou oito annos, continuando em suas investigações.

E a carta seguinte, que o Instituto, a pedido de seu autor, resolveu fosse transcripta na acta:

« Illm. Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo. — Meu caro e illustre collega. Procuro o seu valioso intermedio

para offerecer á bibliotheca do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil um exemplar impresso de cada uma das interessantissimas obras escriptas desde o anno de 1864 até o presente pelo Sr. Domingos Soares Ferreira Penna, a respeito de assumptos que muito de perto interessam á geographia e historia da provincia do Pará, sob os seguintes titulos :

« 1.ª *O Tocantins e o Anapú*, 1864.

« 2.ª *A região occidental da provincia do Pará*, 1869.

« 3.ª *Noticia geral sobre as comarcas de Gurupá e Macapá*, 1874.

« 4.ª A *Ilha de Marajó*, 1876.

« O Sr. Ferreira Penna é natural da importante provincia de Minas Geraes, mas acha-se domiciliado na do Pará ha muitos annos. N'esta serviu elle o cargo de secretario do governo durante oito annos. No exercicio laborioso d'esse importante cargo, e depois dedicou-se o Sr. Ferreira Penna ao estudo consciencioso de diversos ramos de administração publica, de sciencias naturaes, e da geographia e historia da provincia, ora desempenhando commissões do governo provincial, com a dedicação, criterio e intelligencia que ninguem lhe poderá negar ; ora viajando de conta propria, e sem esmorecer diante das difficuldades financeiras e dos riscos de vida que o cercavam, por lugares insalubres e contaminados das febres de máo caracter, que tanto têm dizimado a população de quasi todo o interior d'aquella provincia.

« Não conheço quem mais do que o Sr. Ferreira Penna se tenha dedicado ao estudo consciencioso da historia e geographia do Pará. O Sr. Baena prestou, é innegavel, relevante serviço, coordenando os elementos officiaes que encontrou nos archivos publicos, e com elles escrevendo o *Ensaio corographico* e as *Eras da provincia*. O Sr. Ferreira

Penna não se tem limitado ao exame de documentos existentes nos archivos: visita as localidades e n'ellas verifica os factos, o que dá ás suas obras duplo merito.

« São, pois, muito relevantes os serviços prestados pelo Sr. Ferreira Penna á administração, á geographia e historia da provincia do Pará; e eu, o mais humilde dos membros do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, commetteria uma falta grave, que importaria n'uma ingratidão, se, ao offerecer-lhe as obras d'esse distincto mineiro, deixasse de assignalar os seus serviços, que a parte sensata e illustrada da provincia reconhece agradecida.

« Nada podem as minhas palavras acrescentar á sciencia nem ao merito do Sr. Ferreira Penna; falla, porém, altamente em seu abono o apreço em que a « American Geographical Society de New-York, » e a Sociedade de Aclimação de Paris, inscrevendo-o, como o fizeram, na classe de seus membros correspondentes.

« Terminando, rogo ao meu illustre consocio que me faça o favor de lêr esta carta em sessão do Instituto, e, se fôr admissivel, a contemple integralmente na acta respectiva.

« Felicito-me por ter esta opportunidade de subscrever-me de V. S. menor criado, affectuoso consocio, collega e amigo obrigado. — *João Wilkens de Mattos.* — Rio, 10 de Abril de 1876. »

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pela secretaria de Estado dos negocios da agricultura, *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa na 4ª sessão da 15ª legislatura pelo Sr. ministro e secretario de Estado conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, e *Annexos* ao mesmo *Relatorio.*

Repertorio (2°) *addicional* sobre estradas, carris de ferro, obras publicas, navegação maritima e fluvial, por Luiz Francisco da Veiga.

Pela secretaria do Imperio: *Relatorio* apresentado á assembléa legislativa provincial do Rio de Janeiro, na sessão de 8 de Setembro de 1875, pelo Sr. presidente da provincia conselheiro Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja.

Falla com que o Sr. presidente da provincia do Piauhy, Dr. Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque, abriu a assembléa legislativa da provincia no dia 4 de Junho de 1875, acompanhada do *Relatorio* com que passou-lhe a administração da mesma provincia o 1° vice-presidente tenente-coronel Odorico Brasilino de Albuquerque Rosa, no dia 28 de Abril do mesmo anno.

Falla com que o Sr. Dr. José Bernardo Galvão Alcanforado Junior abriu a 2ª sessão da 20ª legislatura da assembléa provincial do Rio Grande do Norte em 23 de Julho de 1875.

Falla com que o Sr. conselheiro José Pereira da Graça, 2° vice-presidente da provincia do Maranhão, abriu a assembléa provincial em 8 de Junho de 1875.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial de S. Paulo pelo Sr. presidente da provincia Dr. João Theodoro Xavier.

Dito apresentado á assembléa legislativa provincial de Goyaz pelo presidente da provincia Sr. Antero Cicero de Assis.

Dito apresentado á assembléa legislativa provincial de Minas Geraes pelo Sr. presidente Dr. Pedro Vicente de Azevedo em 9 de Setembro de 1875.

Leis e resoluções da assembléa provincial das Alagoas do anno de 1875.

Collecção de leis da provincia do Grão Pará de 1874.

Ditas da provincia do Amazonas, de 1875.

Ditas e *Regulamentos* da provincia do Paraná, tomo 22, 1875.

E *Leis* da provincia de Matto Grosso,do anno de 1875.

Pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo: *Monographia do algodoeiro*, escripta pelo Dr. Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque.

Relatorio apresentado á assembléa geral dos accionistas da companhia Ferro Carril Fluminense na reunião de 23 de Janeiro de 1875, pela directoria.

S. Paulo Railway Company (*limited*),pretenções do visconde de Mauá—carta-circular do presidente da companhia dirigida aos accionistas em 23 de Junho de 1876.

A exposição de obras publicas de 1875.

Melhoramento dos portos do Brasil,relatorios de Sir John Hawkshaw, publicação official.

Caminhos de ferro do Rio Grande do Sul, competencia com as vias de communicação existentes n'essa provincia e nas republicas do Prata.

Relatorio apresentado á assembléa geral dos accionistas da companhia União e Industria em 4 de Fevereiro de 1874.

Exposição universal de Vienna em 1873, relatorio sobre zootechnia, por Luiz Caminhoá.

Exposição nacional do Brasil em 1875, pelo Sr. Augusto Emilio Zaluar.

Pelo Sr. Wilkens de Mattos: *Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá*, por Domingos Soares Ferreira Penna;

O Tocantins e o Anapú, relatorio do secretario da provincia do Pará Domingos Soares Ferreira Penna.

A região occidental da provincia do Pará, resenhas estatisticas das comarcas de Obidos e Santarem, por Domingos Soares Ferreia Penna.

E a *Ilha de Marajó*, relatorio apresentado ao Sr. presi-

dente da provincia do Pará, por Domingos S. Ferreira Penna.

Pelo Sr. Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior: *Razões de recurso*, offerecidas perante o egregio tribunal da relação da côrte pelo advogado do estudante da escola polytechnica João Capistrano da Cunha.

Pelo Sr. Agostinho de Vedia, a obra *La déportacion à la Habana en la barca « Puig, »* historia de un atentado celebre. Buenos-Aires, 1875.

Pelos autores, os Srs. Drs. Capanema, Baptista Caetano e J. Barbosa Rodrigues, a revista com o titulo *Ensaios de sciencia*. Rio de Janeiro, 1876, 1° folheto de Março do corrente anno.

Pelo Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, a sua *Revista* dos mezes de Outubro a Dezembro de 1875 e Janeiro de 1876.

Pelo Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto, Director da secretaria da camara dos Srs. deputados : *Annaes do parlamento brasileiro*, camara dos Srs. deputados, 4° anno da 15ª legislatura, sessão de 1875, sete volumes.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, o seu *Boletim* do mez de Novembro de 1875.

Varios jornaes e periodicos remettidos por diversas redacções.

Todas as offertas foram recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e remmetteu-se ao Sr. thesoureiro para informar, um officio do Sr. director do archivo militar, pedindo o pagamento da quantia de 1:200$, de despeza feita pelo Instituto n'aquelle archivo com a gravura, papel e impressão de 500 exemplares da carta da provincia de Goyaz e 500 ditos do mappa do reconhecimento do rio Macacú.

Leu-se a seguinte proposta :

« Proponho que se mande tirar o retrato ou fazer o busto do finado consocio conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro para ser collocado na sala das sessões do Instituto Historico. Sala das sessões do Instituto, em 11 de Maio de 1876.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.* » —Foi approvada, encarregando o Instituto aos Srs. thesoureiro e ao autor da proposta de combinarem no meio mais conveniente de sua execução.

Leu-se e approvou-se tambem a presente proposta :

« Proponho que o Sr. 1º secretario indague quaes as bibliothecas principaes das provincias que não recebem a *Revista* do Instituto Historico,afim de serem incluidas na distribuição d'essa revista.Sala das sessões do Instituto,em 11 de Maio de 1876.—*Dr.Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*»

Resolveu o Instituto que o mappa topographico da republica do Paraguay, offerecido pelo Sr. Francisco Wisner de Morgenstern, fosse remettido á commissão de geographia para sobre elle dar parecer.

Remetteram-se ás respectivas commissões as duas seguintes propostas :

1.ª « Propomos para membros correspondentes do Instituto Historico os Srs. Dr. Manoel Jesuino Ferreira e o 1º tenente da armada Francisco Manoel Alvares de Araujo, servindo de titulo de admissão para aquelle a sua *Memoria* sobre a provincia da Bahia, e para este o *Relatorio* da viagem de exploração dos rios das Velhas e S. Francisco, feita por elle, por ordem do ministerio da agricultura de 28 de Setembro de 1871. Sala das sessões do Instituto, em 11 de Maio de 1876.—*Felizardo Pinheiro de Campos.—Joaquim Norberto de Sousa e Silva.—A. A. Pereira Coruja.—Homem de Mello.—Carlos Honorio de Figueiredo.—J. Tito Nabuco de Araujo.* »

2.ª « Propomos para membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. Domingos Soares Ferreira Penna, servindo de titulo de admissão, na fórma dos estatutos, os seus trabalhos relativos á historia e geographia da provincia do Pará. Sala das sessões do Instituto Historico, 11 de Maio de 1876.—*Homem de Mello.* —*A. M. Perdigão Malheiro.* — *Couto de Magalhães.* »

Achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2º SECRETARIO SUPPLENTE.

3ª SESSÃO EM 1º DE JUNHO DE 1876

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Agostinho Marques Perdigão Malheiro, senador Candido Mendes de Almeida, conego Manoel da Costa Honorato, José Vieira Couto de Magalhães, João Ribeiro de Almeida, Joaquim Antonio Pinto Junior, Rozendo Muniz Barreto, João Wilkens de Mattos, José Maria da Silva Paranhos e Alfredo d'Escragnolle Taunay, o Sr. 1º vice-presidente Dr. Macedo abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente, a qual foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Carta da Sociedade de Geographia Commercial de Paris, convidando a este Instituto para associar-se a ella, compondo uma commissão internacional, que apresente seu parecer sobre a grande questão, que se agita, da abertura de um canal inter-oceanico no isthmo da America.

Depois de uma discussão, em que tomaram parte varios socios, resolveu o Instituto que a carta fosse enviada á commissão de geographia para esta tomal-a em consideração e emittir parecer.

Os seguintes impressos, enviados pela secretaria do Imperio :

Relatorio apresentado pelo Sr. Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, presidente da provincia do Pará, á assembléa provincial em 15 de Fevereiro de 1876.

Dito que o presidente da provincia do Maranhão, Sr. Dr. Frederico José Cardozo de Araujo Abranches, apresentou ao 1º vice-presidente o senador Luiz Antonio Vieira da Silva, ao passar-lhe a administração da mesma provincia, em 17 de Janeiro do corrente anno.

Dito com que o Sr. coronel barão de Diamantino, vice-presidente da provincia de Matto Grosso, passou a administração da mesma ao Sr. general Hermes Ernesto da Fonseca no dia 5 de Julho de 1875.

Dito apresentado á assembléa legislativa provincial de S. Paulo pelo presidente da provincia Dr. Sebastião José Pereira em 2 de Fevereiro do corrente anno.

Leis e resoluções das provincias da Bahia, Alagôas, Ceará, Maranhão e Santa Catharina do anno de 1875.

Regulamento de 31 de Dezembro de 1875 para as agencias fiscaes da Parahyba do Norte, 1876.

E as seguintes obras offerecidas por seus autores:

Pelo Sr. Guilherme Candido Bellegarde, *Memoria justificativa dos planos apresentados ao governo imperial para a construcção da estrada de ferro de Porto Alegre á Uruguayana.*

Pelo Sr. Francisco Manoel Alvares de Araujo: *Relatorio da viagem de exploração dos Rios das Velhas e S. Francisco*, feita no vapor *Saldanha Marinho.*

Pelo Sr. Dr. Rozendo Muniz Barreto: *Notas e observações sobre a exposição nacional de* 1875.

Pelo Sr. Augusto Emilio Zaluar: *Exposição nacional do Brasil em* 1875.

Pela redacção do Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, a sua *Revista* dos mezes de Fevereiro e Março do corrente anno.

Pelo Sr. Luiz Sanojo, da cidade de Caracas: *Instituciones de derecho civil venezolano*, 4 vol. *Exposicion del codigo do commercio con su texto.*

Varios jornaes e periodicos, enviados pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se a seguinte indicação:

« Indicamos que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro encarregue uma de suas commissões de formular o plano, segundo o qual deve ser escripto, em cada provincia do Imperio, um opusculo ácerca da geographia, ethnogra-

phia e estatistica da respectiva provincia, devendo d'esses trabalhos serem encarregadas pessoas habilitadas nas diversas provincias, as quaes, não sendo socios correspondentes do Instituto, serão, pelo facto da nomeação, consideradas como taes, depois do parecer das respectivas commissões, ficando as suas admissões dependentes sómente de approvação dos trabalhos por elles confeccionados. S. R. Rio de Janeiro, 1° de Junho de 1876.—*Dr. Pinto Junior.—João Ribeiro de Almeida.* »

Depois de breve discussão, foi remettida á commissão de geographia, com o seguinte additamento: « Contemple-se a historia patria de cada uma das provincias. S. R.—*Candido Mendes.* »

Remetteu-se á commissão de ethnographia a presente proposta: « Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, servindo de titulo de admissão os seus *Apontamentos* sobre a lingua guarany. Sala das sessões do Instituto, 1° de Junho de 1876.—*Dr. José Vieira Couto de Magalhães.—A. M. Perdigão Malheiro.—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.* »

Approvou-se, e ficou a mesa encarregada da execução da seguinte proposta:

« Proponho:

« 1.° Que se publique na *Revista* do Instituto as cartas dos jesuitas do seculo XVI, que ainda se acham ineditas, da collecção da bibliotheca nacional.

« 2.° Que outro tanto se faça com os opusculos colleccionados por Barbosa Machado no volume *Noticias da America*, que tambem se acha na mesma bibliotheca.

« 3.° Que se solicite do governo imperial a sua intervenção afim de se obter do governo portuguez uma copia authentica das cartas dos mesmos religiosos no dito seculo,

ainda ineditas, da collecção que existe na bibliotheca de Lisboa, que fórma o 2° volume das referidas cartas.

« 4.° Que se tome uma resolução afim de se organisar o indice alphabetico da *Revista* do Instituto, nomeando, se fôr preciso, uma commissão para levar a effeito este trabalho indispensavel e urgente. S. R.— *Candido Mendes de Almeida.*

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, obtendo a palavra, leu parte do seu trabalho, intitulado *Motim politico do mez de Dezembro* de 1833, no Rio de Janeiro: e estando a hora adiantada o Sr. 1° vice-presidente levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

4ª SESSÃO EM 23 DE JUNHO DE 1876

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. I. REGENTE E DE SEU AUGUSTO ESPOSO

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo

A's 6 1/2 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes de Almeida, Drs. Cesar Augusto Marques, Maximiano Marques de Carvalho, José Vieira Couto de Maga-

lhães, José Tito Nabuco de Araujo, Miguel Antonio da Silva, João Wilkens de Mattos, Abilio Cesar Borges, Felizardo Pinheiro de Campos, Rosendo Moniz Barreto, Joaquim Pires Machado Portella e José Maria da Silva Paranhos, annunciou-se a chegada de S. A. I. Regente, acompanhada de S. A. R. o Sr. conde d'Eu, presidente honorario do Instituto, que foram recebidos com as honras que lhes são devidas, e tomando assento o Sr. 1° vice-presidente Dr. Macedo abriu a sessão, e em breve discurso agradeceu aos Augustos Principes haverem honrado com sua presença a sessão do Instituto.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2° secretario, leu a acta da anterior, a qual, posta em discussão e não havendo sobre ella observações, deu-se por approvada.

EXPEDIENTE

O expediente, apresentado e lido pelo Sr. 1° secretario interino Dr. Carlos Honorio, constou do seguinte:

Um aviso da secretaria de Estado dos negocios do Imperio, declarando haver S. Ex. o Sr. ministro d'essa repartição ficado inteirado, pelo officio que o Sr. 1° secretario d'este Instituto dirigiu-lhe, das pessoas que foram eleitas para os differentes cargos e commissões, que têm de servir no corrente anno social.

Um officio do Sr. presidente da provincia do Pará, remettendo um exemplar do *Relatorio* que apresentou á assembléa provincial em 15 de Fevereiro do corrente anno, e um dito da *Collecção de leis* e actos do governo da provincia do anno de 1874.

Dois officios do Sr. presidente da provincia do Maranhão, enviando dois exemplares do *Relatorio* que o Dr. Frederico José Cardoso de Araujo Abranches apresentou ao

1° vice-presidente senador Luiz Antonio Vieira da Silva em 17 de Janeiro ultimo, e dois ditos da *Collecção de leis* d'aquella provincia do anno de 1875.

Officio do Sr. presidente da provincia do Ceará, enviando dois exemplares da *Collecção de leis provinciaes* do anno proximo passado.

Dito do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo dois exemplares do *Relatorio* com que no dia 1° de Maio do presente anno abriu a assembléa provincial.

Dois ditos do Sr. presidente da provincia de Santa Catharina, enviando um exemplar da *Falla* com que abriu a assembléa provincial em 1° de Março ultimo; um exemplar das *Leis provinciaes* do anno de 1875, e um dito do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, enviando um exemplar do *Relatorio* com que no dia 20 de Março ultimo abriu a assembléa provincial.

Um officio do Sr. official-maior da secretaria do senado, remettendo, de ordem da mesa, a collecção dos *Annaes* d'aquella camara correspondentes ás sessões legislativas de 1875; um exemplar do tomo 12° de pareceres e um dito da synopse dos trabalhos pendentes de deliberação.

Dito do Sr. director da repartição hydrographica, communicando a installação da mesma e promettendo os seus serviços a este Instituto.

Um officio da directoria da bibliotheca pitanguense, na provincia do Paraná, pedindo o auxilio d'este Instituto e enviando os mappas das obras que já possue e das que foram consultadas pelo publico durante os mezes de Junho a Dezembro do anno proximo passado.

Dito do Sr. 1° secretario da bibliotheca publica Pelotense, na provincia de S. Pedro, communicando a sua installação em 5 de Março do corrente anno, e solicitando d'este Instituto as suas publicações.

Carta dos Srs. presidente e secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa, communicando a este Instituto a sua installação definitiva e pedindo permuta das publicações.

Leu-se e remetteu-se á commissão de geographia uma carta do congresso internacional dos americanistas, datada de 25 de Fevereiro do corrente anno, solicitando o concurso d'este Instituto para a organisação geral do congresso, cuja 2ª sessão será celebrada de 10 a 13 de Setembro de 1877 em Luxemburg, e n'ella serão tratadas as seguintes questões sobre a America:

Historia. — Legislação civil comparada dos mexicanos debaixo do Imperio dos aztecas e dos peruvianos á época dos Incas; — exame critico sobre a historia dos povos da America central; — descoberta e colonisação do Brazil; — em que época e porque motivo o novo continente recebeu o nome de America?

Archeologia. — Dos caracteres geraes de architectura maya no Yucatan; — do emprego do cobre na America precolombiana, etc.

Linguistica. — Caracteres particulares da familia *Tupy-Guarany* — das linguas americanas comparadas sob o ponto de vista grammatical com as linguas ditas ouralo-altaiques; —dos dialectos esquimozes comparados com as linguas da America propriamente dita e da Asia.

Paleographia. — Decifração das inscripções e dos manuscriptos mayas;—do elemento phonetico na escriptura mexicana; — qual o periodo da civilisação americana connexo com as pinturas ditas;—hierogliphos mexicanos, etc.

Anthropologia e ethnographia. — Da antiguidade do homem na America; — a tradição do diluvio na America do Norte, e particularmente no Mexico; —classificação ethnologica dos indigenas de Goyanas.

OFFERTAS

Houve as seguintes offertas :

Pelo Sr. Dr. Joaquim José de Campos de Medeiros e Albuquerque, o seu *Relatorio* e trabalhos estatisticos apresentados ao Sr. conselheiro Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira em 1872.

Pelo Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella, *Constituicão politica do Imperio do Brasil*, confrontada com outras constituições e annotada por elle offertante.

Pelo Sr Francisco Ramos Paes. — *Ganganelli. A Igreja e o Estado*, por J. Saldanha Marinho, 4ª serie, e *Boletim do Grande Oriente Unido*, de 1875.

Pelo Sr. Luiz Dominguez, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da republica Argentina, *Acta de la Academia Nacional de Sciencias Exactas* da universidad e de Cordova, tomo 1º. Buenos-Ayres, 1875.

Pelo Sr. Luciano Cordeiro, as seguintes :

Thesouro da arte, relances de um viajante. Lisboa, 1875 ;

Estros e palcos. Lisboa 1874 ;

Viagens.— França, Baviera, Austria e Italia. Lisboa, 1875.

Viagens. — Hespanha e França. Lisboa, 1874 ;

Livro de critica — Arte e litteratura portugueza de hoje, 1868—1869, dois vol.

De la découverte de l' Amérique. Lisbonne et Paris 1876 ;

Dos bancos portuguezes — A questão do privilegio do banco portuguez. Lisboa, 1873 ;

Pela Sociedade de Geographia de Paris, o seu *Boletim* de Março do corrente anno.

Pela Sociedade de Geographia de Londres, os *Boletins* dos mezes de Março e Abril do corrente anno, dois numeros.

Pela Sociedade de Geographia de Hamburgo, a sua *Revista* dos annos de 1874—1875.

Pela Sociedade de Geographia de Madrid, *Reglamento de la Sociedad*, aprobado en la junta general celebrada el 24 de Marzo de 1876.

Pelo Instituto de Coimbra, a sua *Revista* scientifica e litteraria, XXII anno. — Janeiro 1876.

Pelo Sr. Dr. Joaquim Maria dos Anjos Esposel, a *Revista* mensal das decisões proferidas pela relação da côrte em processos civeis, commerciaes e criminaes. Os numeros de Fevereiro, Abril e Maio do presente anno.

Varios jornaes remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leram-se as seguintes propostas :

1.ª « Proponho que a bibliotheca do Instituto seja aberta todos os dias desde as 8 1/2 horas da manhã até as 10 da noite sem interrupção, e franqueada ao publico, creando-se para esse fim o pessoal necessario dentro das forças e fundo da associação, solicitando-se, se fôr necessario, o auxilio do governo ;

« Que se addite o catalogo existente impresso em 1860 com as obras novamente adquiridas, mediante impressão;

« Que assignem-se as *Revistas* das associações mais notaveis da Europa e America, que especialmente occupam-se da ethnographia, linguistica, theogonia e povoamento da America antes da descoberta de Colombo. S. R.—*Candido Mendes de Almeida.* » — Remettida á commissão de orçamento.

2.ª « Proponho que continue a publicar-se na *Revista* do Instituto a obra do padre João Daniel, intitulada *Thesouro*

descoberto no rio Amazonas. S. R. — *Candido Mendes de Almeida.* — A' commissão de redacção da *Revista.*

« 3.ª Proponho que em todos os volumes da *Revista* do Instituto, que de ora avante se publicarem, contemple-se a lista dos socios segundo as classes, ficando separada a lista necrologica. —*Candido Mendes de Almeida.* »

« Additamento : — Proponho que a proposta do Sr. senador Candido Mendes, de ser publicada a lista dos socios, vá a uma commissão especial. Sala das sessões, etc.—*Dr. J. V. Couto de Magalhães.* »

Postos em discussão a proposta e o additamento, fallaram diversos socios, sendo por fim approvado o additamento, pelo que nomeou o Sr. presidente uma commissão composta dos Srs. Candido Mendes, Couto de Magalhães e Moreira de Azevedo, devendo ser ouvido o Sr. thesoureiro.

4.ª « Proponho que os pareceres das commissões, sempre que fôr possivel, sejam apresentados á discussão por ordem chronologica, maxime, os que respeitam a approvação de novos socios. S. R.—*Candido Mendes de Almeida.* »—Foi approvado.

5.ª « Proponho que se envie á bibliotheca da cidade de Maceió uma collecção da *Revista* do Instituto Historico. Sala das sessões, em 23 de Junho de 1876.— *Dr. Moreira de Azevedo.* »— Approvada.

Remetteram-se á commissão subsidiaria de trabalhos historicos as tres seguintes propostas para admissão ao gremio do Instituto, como socios correspondentes, dos Srs. Dr. Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, Augusto Emilio Zaluar e Luciano Cordeiro de Sousa :

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro o Sr. Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, doutor em direito, director da secretaria de Estado dos ne-

gocios do Imperio, deputado á assembléa geral legislativa pela provincia do Maranhão, de onde é natural, de 49 annos de idade, servindo de titulo os seus trabalhos sobre estatistica ultimamente publicados. Sala das sessões, em 23 de Junho de 1876. — *Carlos Honorio*. — *Dr. Cesar Augusto Marques*. — *Felizardo Pinheiro de Campos*. — *Dr. Miguel Antonio da Silva*. — *João Wilkens de Mattos*. »

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. Augusto Emilio Zaluar, brasileiro naturalisado, de 50 annos de idade, litterato geralmente conhecido, servindo de titulo, na fórma dos estatutos, os seus trabalhos litterarios e especialmente o seu livro *O Globo, A Exposição Nacional Brasileira* de 1875. Sala das sessões, em 22 de Junho de 1876.— *Carlos Honorio de Figueiredo*.—*Joaquim Norberto de Sousa e Silva*.—*Dr. Cesar Augusto Marques*.—*Felizardo Pinheiro de Campos*.— *Dr. Miguel Antonio da Silva*. »

« Propomos para socio correspondente do Instituto o Sr. Luciano Cordeiro de Sousa, distincto litterato portuguez, residente em Lisboa, servindo de titulo para admissão as obras que offerece. Sala das sessões, em 23 de Junho de 1876.—*Joaquim Norberto de Sousa e Silva*.— *Dr. Cesar Augusto Marques*.— *Carlos Honorio*.— *Felizardo Pinheiro de Campos*. — *Dr. Miguel Antonio da Silva*. »

Approvaram-se e remetteram-se á commissão de admissão de socios os seguintes pareceres :

1.º A commissão subsidiaria de trabalhos geographicos examinou cuidadosamente os opusculos que sobre o valle do Amazonas apresentou o Sr. João Barboza Rodrigues como titulo de admissão ao gremio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e á vista do grande numero de interessantes informações chorographicas e ethnographicas

que encerram aquelles trabalhos, por sem duvida dignos de elogio, é de parecer seja aceito o candidato que, pelas disposições que mostra, está em condições de prestar importantes serviços á historia e geographia do Brasil. Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1876 —*Alfredo d'Escragnolle Taunay. — Pedro Torquato Xavier de Brito.* »

2.° « A' commissão subsidiaria de trabalhos geographicos d'este Instituto foi presente o trabalho do Sr. Hercules Florence, intitulado *Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil desde Setembro de* 1825 *até Março de* 1829, e impresso em parte na *Revista Trimensal*, depois de vertido em lingua vernacula.

« Dando conta singela e pittoresca de uma viagem, de que não existiam senão imperfeitissimas informações, e narrando minuciosamente todos os incidentes da penosa navegação dos rios Tieté, Paraná, Pardo, Camapuan, Coxim, Taquary, Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá, para chegar á capital de Mato Grosso, e depois da dos rios Preto, Arinos, Juruema e Tapajoz para alcançar o magestoso Amazonas, foi o Sr. Hercules Florence sempre prudente em suas apreciações, veridico e escrupuloso nos variados episodios de tão longa exploração, e animado na descripção das grandes scenas da natureza. E' em summa trabalho de importancia e que sempre será lido com grata satisfação.

« Assim, pois, julga a commissão o seu autor digno de merecer a distincção que almeja, sendo admittido na qualidade de socio correspondente ao gremio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1876. — *Alfredo d'Escragnolle Taunay. —Pedro Torquato Xavier de Brito.* »

3.° « A commissão de historia, considerando a proposta de 5 de Novembro do anno proximo findo, assignada pelos illustres consocios conselheiro Homem de Mello, Drs. Ri-

Ribeiro de Almeida, Carlos Honorio e Fernandes Pinheiro, é de parecer que a obra intitulada *A provincia de S. Paulo*, trabalho estatistico, historico e noticioso, pelo senador do Imperio Dr. Joaquim Floriano de Godoy, tem meritos bastantes para servir de titulo de admissão ao seu estudioso autor, constituindo por si só um importante auxiliar ao futuro historiador d'essa provincia. Sala das sessões, em 22 de Junho de 1876. — *Dr. Cesar Augusto Marques*, relator. — *Dr. Rozendo Muniz Barreto.— J. M. da Silva Paranhos.* »

O Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo obteve a palavra e leu a biographia de Fr. Rodovalho, bispo de Angola.

A's 8 horas o Sr. presidente, obtendo venia de S. A. I. Regente, levantou a sessão.

Dr. Cesar A. Marques,

SERVINDO DE 2° SECRETARIO.

5ª SESSÃO EM 7 DE JULHO DE 1876

Presidencia do Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

A's 6 1/2 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. Felisardo Pinheiro de Campos, Carlos Honorio de Figueiredo, Cesar Augusto Marques, José Tito Nabuco de Araujo, João Wilkens de Mattos, Antonio Alvares Pereira Coruja, conego Manoel da Costa Honorato, Maximiano Marques de Carvalho, Ladisláo de Sousa Mello e Netto, José Vieira Couto de Magalhães, senador Candido Mendes de Almeida, Joaquim Antonio Pinto Junior, Migüel Antonio da Silva e João Ribeiro de Almeida, e não

tendo comparecido nenhum dos Srs. vice-presidentes, na conformidade do art. 15 dos estatutos assumiu a presidencia, como socio mais antigo, o Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, e abriu a sessão nomeando, na fórma do mesmo art. 15, para servir de 2.° secretario, que tambem não se achava presente, o Sr. Dr. Cesar Augusto Marques. Lida por este a acta da antecedente, foi approvada sem debate.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, 1.° secretario interino, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. official-maior da secretaria do senado, enviando, em cumprimento de deliberação da mesa, um exemplar da collecção dos *Annaes* do mesmo senado, correspondente ás sessões legislativas do anno passado ; um dito do tomo 12° dos pareceres, contendo o *Relatorio* da mesa e a *Synopse* dos trabalhos pendentes de deliberação.

Officio do Sr. Dr. Manoel Buarque de Macedo, chefe da directoria das obras publicas da secretaria de Estado dos negocios da agricultura, dirigido ao Sr. presidente d'este Instituto, acompanhando dois exemplares da carta do Imperio do Brasil, organisada pela commissão da carta geral.

Dito do Sr. Luiz Antonio de Padua Fleury, secretario da legação do Brasil na republica Argentina, offerecendo um exemplar do *Registro estatistico* d'aquella republica durante os annos de 1872—1873.

Dito do Sr. barão de Teffé, director geral da repartição hydrographica, communicando a installação da mesma e offerecendo os serviços que ella puder prestar a este Instituto.

Dito do Sr. Manoel Jesuino Ferreira, enviando um exemplar da *Memoria* sobre a provincia da Bahia e navegação do rio S. Francisco, que seu autor o Sr. Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, por seu intermedio, offerece a este Instituto.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. 1.° Tenente d'Armada Francisco Calheiros da Graça, um exemplar da carta reduzida da costa do Brasil e das Guyanas, entre o cabo Gurupy e o rio Surinam, demarcando as sondagens feitas pela corveta brasileira *Vital de Oliveira*.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, o seu *Boletim* do mez de Abril do corrente anno.

Pelo Sr. Dr. Couto de Magalhães: *O Selvagem*. — 1.° Curso da lingua geral e lendas tupis. — 2.° Origens, costumes, religião selvagem, etc. Trabalho preparatorio para aproveitamento do selvagem e do solo por elle occupado no Brasil. Rio de Janeiro, 1876.

Pela typographia nacional: *Collecção de leis* do Imperio do Brasil de 1831; dita das *Decisões* do governo, do mesmo anno, reimpressas agora, dois volumes.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e remetteu-se á commissão de geographia a seguinte proposta:

« Propomos para socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o 1° tenente da armada nacional Francisco

Calheiros da Graça, servindo de titulo á admissão a sua *Memoria* impressa em brochura sobre a origem e causa do aquecimento das aguas do *Gulf stream*, o seu *Plano* ou mappa da sondagem para o cabo transatlantico e as suas investigações sobre instrumentos destinados aos trabalhos hydrographicos do Imperio. Sala das sessões do Instituto Historico, em 7 de Julho de 1876. — *Ladisláo Netto*. — *Couto de Magalhães*.— *J. Tito Nabuco de Araujo*.— *C. Honorio*. »

Leram-se os seguintes requerimentos :

1.° « Requeiro que se nomeie dois membros *ad hoc* para a commissão de geographia, que sirvam durante o impedimento dos que têm faltado.— S. R. *C. Mendes de Almeida*. »

Entrando em discussão fallaram varios socios, requerendo o Sr. Dr. Cesar Marques a votação do requerimento por se achar elle sufficientemente discutido. Indo se votar, pedio o Sr. Dr. José Tito o addiamento até a proxima sessão ; não passando este, foi o requerimento approvado, votando contra os Srs. Carlos Honorio, José Tito, Wilkens de Mattos e Coruja, pelo que o Sr. presidente nomeou para substituirem os dois membros ausentes os Srs. Dr. Maximiano Marques de Carvalho e J Wilkens de Mattos.

2.° « Requeiro que seja remettida para a provincia do Maranhão, com destino á importante bibliotheca popular, a collecção completa da *Revista* do Instituto. S. R. Rio, 7 de Julho de 1876. —*Dr. Cesar Augusto Marques.* » — Foi approvado.

« 3.° Requeiro que o Instituto Historico envie uma collecção de suas *Revistas* á bibliotheca da escola polytechnica. Sala das sessões, 7 de Julho de 1876. — *Miguel Antonio da Silva.* — » Foi approvado.

Foi remettido á commissão de admissão de socios o seguinte parecer, dado pela commissão de archeologia e ethnographia acêrca da obra *Apontamentos sobre a lingua Abañeênga, tambem chamada tupi ou guarani*, que serve de titulo de admissão ao Sr. Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

« A commissão, tendo sido solicitada por officio do Sr. secretario Dr. Carlos Honorio de Figueiredo de 3 do corrente para interpôr seu parecer acêrca da obra acima mencionada, vem cumprir esse dever nos termos que se seguem.

« O trabalho de que se trata é parte de um mais extenso, que não está ainda publicado.

« A parte publicada póde ser dividida em duas secções; uma em que seu autor mostra com accurada e detalhada analyse a seguinte these: as differenças que se encontram nas diversas linguas escriptas que com os nomes de tupi e guarani foram conservadas nas obras dos antigos missionarios jesuitas, nas dos historiadores e viajantes que se occuparam da geographia e historia da America do Sul devem ser antes levadas em sua maioria á diversidade de orthographia com que escreveram, do que á diversidade real de sons.

« Na segunda parte o autor trata de fixar a orthographia, segundo a qual julga elle que deve ser escripta a lingua, com o fim de evitar no futuro duvidas, que se não poderão esclarecer, se não existir então um meio certo para julgar-se do valor das letras, que representarão uma lingua que estará desapparecida do uso vivo para só permanecer nos nomes de lugares, rios, montanhas, plantas, animaes, e em muitas phrases do portuguez popular do Brasil.

« Depois de maduro e detido exame do trabalho em questão, a commissão é de parecer que elle preenche

perfeitamente a condição exigida pelos nossos estatutos, servindo de titulo de admissão, e isto não só pelo assumpto de que trata, como pela maneira porque o assumpto foi tratado, o que passa a mostrar.

« Sendo a nossa associação especialmente destinada ao estudo da historia, geographia e ethnographia, podia parecer á primeira vista, que um trabalho de linguistica excedia aos limites impostos á nossa actividade intellectual em tanto quanto associação litteraria, com fim limitado por seus estatutos.

« No entretanto o exame da materia mostrará logo, que semelhante opinião não é legitima, visto como a historia de nossa patria em suas origens, a geographia em mais de dois mil nomes, a ethnographia no estudo das raças não podem prescindir a cada passo de esbarrar com nomes da lingua fallada por aquelles que povoavam esta terra antes de ter ella sido conquistada e invadida pela raça aryana, e basta vêr os trabalhos de illustres consocios nossos para vêr o quanto importante é ás vezes para esclarecer uma questão de historia, geographia ou ethnographia o texto da lingua que mais geral foi na America do Sul, com o progresso que a geographia, historia e ethnographia, hão feito em nosso seculo; vai-se diminuindo o dominio da rhetorica e do palavreado para só attender-se aos dados positivos que não são susceptiveis de alteração, nem pelo espirito de partido ou seita, que tantas vezes obscurecem a verdade, nem pela memoria ou tradição que tantas vezes se alteram no decurso dos seculos.

« Um dos mais importantes repositorios para a historia, geographia e ethnographia de um povo, é o ministrado pela lingua ou linguas falladas por esse povo; e para que se nos não taxe de exagerados repetiremos aqui as palavras proferidas no congresso dos antiquarios do norte, celebrado em

Londres, e que se lêm no prologo do alphabeto phonetico do Sr. Magnus Lepsuis; Londres, 1863 ; diz elle :

« One of the grandest aims of modern science, and one wich it has only lately been in a position to attempt, is the attainment of an accurate knowledge of all the languages of the earth. The knowledge of languages is the surest guide to a more intimate acquaintance with the nations themselves, and this not only because language is the medium of all intellectual intercommunication but also because it is the most direct, the most copious and the most lasting expression of the whole national mind. »

« A' vista d'estas reflexões fica provado que, sendo como são os apontamentos sobre o guarani um estudo da lingua aborigene que mais em contacto esteve com a nossa, pela alliança, a principio das duas raças, e depois pela sua mistura, fica provado, repetimos, que elle fornece importantes dados para a historia, geographia e ethnographia do Brasil, assumptos sobre os quaes especialmente se dirige a attenção e estudo da nossa corporação.

« E' quanto se nos offerece dizer respeito á propriedade do assumpto da obra do candidato.

« Quanto ao modo por que esse assumpto foi tratado, o juizo da commissão continúa ainda a ser muito lisongeiro, apezar de não julgar dever adoptar por emquanto como materia fóra de duvida uma das opiniões ahi emittidas, isto é, que as differenças que se notam entre o tupi do Amazonas, o da costa e o guarani, não constituem differenças de linguas e não têm outro valor além das que se notam, por exemplo, entre o portuguez fallado pelo povo do norte e pelo povo do sul do Imperio.

« A esse respeito a commissão tem algumas duvidas, e, no estado actual dos nossos conhecimentos a respeito do

grande *stock* tupi guarani, o que lhe parece verdadeiro é o seguinte:

« Houve sem duvida alguma um tronco commum, de onde provieram as linguas tupis do Alto Amazonas, o tupi da costa e o guarani do sul, e muitas outras linguas mais ou menos semelhantes a esta, pela mesma fórma porque houve outr'ora na Asia uma lingua commum, de onde provieram o sanskrito, o grego, o latim, a extensa familia emfim de linguas designadas com a expressão de indo-européas.

« Mas, assim como pelo facto de provirem do mesmo tronco o francez, o italiano e o portuguez, não seria acertado pretender que elles formam uma só lingua, assim tambem pelo facto de descenderem de um tronco commum americano se não podem reputar identicas, linguas que não são entendidas reciprocamente por aquelles que as fallam.

« Parece á commissão que nas differenças que se notam entre o guarani do sul, o tupi da costa e o nhehengatú do Alto Amazonas, nem todas resultam de diversidade de orthographia, e algumas são de subido alcance e demonstram profundas alterações na phonetica d'essas linguas.

« Os linguistas notam que, quando o som de uma lingua é systematicamente reproduzido em uma outra por um som diverso, sempre o mesmo, este facto denota uma evolução e não uma corruptela.

« Comparando-se o guarani do extremo sul com o tupi do extremo norte, notam-se entre outras as seguintes alterações de sons: *mb* do guarani faz *m* no nhehengatú; assim a palavra arma de fogo em guarani é *mbocá;* no tupi do Amazonas *mucana.* O *b* não nasal do guarani é representado por *u* no tupi do norte:

EXEMPLOS

Guarani	*Tupi*
Má, homem	*Auá*
A'ba, cabello	*A'ua*
Mati, milho	*Auati*, etc.

« O *g* explosivo do guarani é representado no norte por um *u*, assim *guaçú* em guarani (*uaçú* em tupi), ás vezes por um *ç*, como *guaçú* veado em guarani, *çuaçú* em tupi; *og*, casa; *oca*, tupi.

« O *j* guarany, que tem quasi o som do *dj* é representado no tupi do norte por *i*; assim *jajucá*, nos matamos, faz em tupi *iaiucá*.

« O *o* fechado do guarani, converte-se em *u* no tupi do norte: *monhã*, *munhã*, fazer; *poú*, apanhar, *puú*, etc.

« O *e* fechado do guarani é representado no norte por um *i*.

« N'estes casos vê-se que os sons de uma das linguas são representados na outra ora dentro, ora fóra das respectivas classes; quando dentro das respectivas classes, certamente que não indicam uma alteração que importe diversidade de lingua; mas quando sahem fora das proprias classes, quando, por exemplo, a consoante explosiva de uma lingua é representada na outra por uma vogal, então a differença é já essencial e denota uma alteração profunda do som primitivo.

« Entre estas ultimas alterações de sons, uma ha que se nota tambem em linguas pertencentes á familia indo-europêa: é a do *h* aspirado do guarani, o qual achamos representado no tupi pelo *s* ou *ç* brando sibilante:

Guarani	*Tupi*
Hauson, esperar	*çaarú*
Halere, chamuscar	*çabereca*
Hacamby, forquilha	*çacamby*
Hacú, quente	*çacú*
Haihú, amar	*çaiçú*

« Estas alterações de sons nada têm de caprichosas ; effectuam-se, não segundo a vontade individual de qualquer pessoa, mas segundo leis a que o espirito humano está sujeito no desenvolvimento da poderosa faculdade das linguas.

« Esta alteração do *h* aspirado do guarani pelo *ç* brando ou *s* sibilante do tupi nota-se, por exemplo, entre o sanskrito e linguas congeneres da familia indo-européa. Franz Bopp, em sua *Vergleichende grammatik des sanskrit, send, armenichen, etc.*, nota-a entre o sanskrito e o persa.

O Sr. Abel Hivelacque, em sua obra *La Linguistique*, Paris, 1876, nota-a igualmente á pag. 223, nas linguas zend e no persa ; diz elle : « *Tous deux, en principe, ont changé en* h *la sifflante* s *de l'indo européen commun* : le sanskrit dit—asmi—, je suis, et le lithuanien—esmi le zend dit—ahmi.—»

« O grego tambem mudou em *h* aspirado o *s* do tronco commum, da mesma fórma pela qual o guarani converteu em *h* aspirado o *s* do tupi. Eis-aqui o que diz o escriptor acima citado á pag. 233 : « Uma palavra, que começa por *s* no sanskrito primitivo, o grego substitue esse *s* por um espirito rude que se transcreve ordinariamente por um *h* : é assim que *hedus* doce em grego corresponde em sanskrito a *suadus* ; *hepta sete* corresponde ao latim *septem* ; *kekuros* sogro, corresponde ao latim *socer*.

« Além das conclusões linguisticas a que estas alterações

de sons nos levariam, existe uma conclusão historica de não pequena importancia, e é: na ordem do desenvolvimento phonetico de uma lingua o *c* sibilante precede chronologicamente o *h* aspirado, e assim como os linguistas concluem que o grego é mais moderno e menos primitivo do que o sanskrito, porque o *c* do sanskrito se acha representado no grego por um *h* aspirado, assim tambem nós os americanos podemos concluir que a lingua do Amazonas está mais vizinha do tronco commum do que o guarani, porque o *c* sibilante d'ella está representado no guarani por um *h* aspirado.

« A's differenças que resultam de sons a commissão podia ajuntar outras que resultam da grammatica; é assim, por exemplo, que o tupi é muito mais escrupuloso do que o guarany em manter os prefixos pronominaes que nas linguas aglutinantes indicam as pessoas dos verbos, assim como em manter todas as raizes que entraram na aglutinação, ao passo que o guarani, menos correcto, abandona esses prefixos e aquellas raizes em uma multidão de exemplos que a commissão não cita para não estender de mais este trabalho.

« Portanto, embora a commissão entenda que algumas das conclusões geraes do trabalho do Dr. Baptista Caetano não possam desde já ser aceitas como materia corrente em linguistica americana, conclue:

« Os apontamentos sobre o *Abañeênga* constituem um trabalho consciencioso, methodico, scientifico, que honrarão o nome Brasil nos esforços que a sciencia moderna está fazendo, para destrinchar a meada obscura das leis que presidem na humanidade o desenvolvimento da poderosa faculdade das linguas, e portanto que está plenamente no caso de servir de titulo de admissão ao gremio d'esta sociedade a seu illustre autor. Sala das sessões do Instituto

Historico no paço imperial da cidade, 23 de Junho de 1876.— *Dr. J. V. Couto de Magalhães.* — *Dr. Miguel Antonio da Silva.— Ladisldo Netto.* »

O Sr. senador Candido Mendes leu uma parte das suas *Notas para a historia patria. Os primeiros povoadores. Quem era o bacharel de Cananéa?*

Terminada a leitura, o Sr. presidente levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,
2.° SECRETARIO SUPPLENTE.

6ª SESSÃO EM 21 DE JULHO DE 1876

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Alvares Pereira Coruja, tenente-coronel Francisco José Borges, Drs. Maximiano Marques de Carvalho, José Tito Nabuco de Araujo, senador Candido Mendes de Almeida, João Wilkens de Mattos, conego Manoel da Costa Honorato, Drs. Cesar Augusto Marques, Miguel Antonio da Silva, Agostinho Marques Perdigão Malheiro, José Vieira Couto de Magalhães e João Ribeiro de Almeida, o Sr. Joaquim Norberto, 2° vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2° secretario, leu a acta da antecedente, e, posta em discussão, compareceu n'este acto o Sr. Dr. Macedo, 1° vice-presidente, e assumiu a presidencia; continuando a discussão da acta, fallaram sobre ella varios socios, sendo afinal approvada com uma emenda do Sr. Coruja, declarando serem *ad hoc* os membros que foram nomeados, conforme o requerimento

do Sr. senador Candido Mendes, para servirem na commissão de geographia durante o impedimento dos que têm faltado.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, 1° secretario interino, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do presidente da provincia de Sergipe, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o vice-presidente passou-lhe a administração da provincia, e de outro com que abriu a assembléa provincial em 1° de Março d'este anno.

Officio do Sr. visconde de Santa Isabel, director da faculdade de medicina d'esta côrte, offerecendo, por intermedio do Sr. 1° vice-presidente d'este Instituto, um exemplar do 2° *Relatorio* do lente de chimica organica d'aquella faculdade Dr. Domingos José Freire Junior.

Um exemplar do 1° volume da *Revista academica de sciencias e letras* da cidade do Recife, offerecido pela redacção.

As offertas são recebidas com agrado.

O Sr. Dr. Miguel Antonio da Silva, pedindo a palavra, declarou que tendo de seguir para a Europa, onde pretende imprimir para uso dos alumnos da escola polytechnica d'esta côrte, da qual é lente de chimica e physica, a sua obra, com o titulo *Diagramma ou côrte ideal figurativo da crosta terrestre*, com a indicação graphica de todos os terrenos e effeitos plutonicos, neptunianos e de origem organica, que contribuiram para o relevo actual da superficie da terra (texto e mappa), pedia permissão ao Instituto para dedicar-lhe este seu trabalho. O Sr. 1° vice-presidente agradeceu em nome do Instituto Historico.

A requerimento do Sr. Borges, membro da commissão de fundos e orçamento, foi nomeado o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho para servir no impedimento do Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, relator da mesma commissão, que se acha ausente em Philadelphia.

Para a commissão de admissão de socios foi designado, a requerimento de seu relator, o Sr. Dr. Perdigão Malheiro para servir no impedimento do mesmo Sr. Dr. Nicoláo Moreira.

ORDEM DO DIA

Leu-se e remetteu-se á commissão de historia a seguinte proposta :

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil ao Sr. Dr. Alberto de Carvalho, natural do Rio de Janeiro, formado em direito, autor de differentes escriptos, e juntamos como titulo para a sua admissão os seus trabalhos publicados em Paris relativos á guerra do Paraguay e outros sobre a emigração para o Brasil. Sala das sessões do Instituto, 21 de Julho de 1876.—*Carlos Honorio de Figueiredo.—Miguel Antonio da Silva.— A. M. Perdigão Malheiro.—João Wilkens de Mattos.* »

Leram-se e ficaram sobre a mesa os seguintes pareceres :

1.° « A commissão de fundos e orçamento, a quem foi presente a proposta do illustrado consocio senador Candido Mendes de Almeida, offerece á consideração do Intituto Historico e Geographico Brasileiro o seu parecer baseado nas razões que passa a expender :

« O art. 1° da proposta, com quanto contenha uma idéa de grande conveniencia publica pela facilidade que offereceria a quem desejasse consultar e estudar a nossa historia

patria, tem contra si a impossibilidade de sua realização pela falta de fundos necessarios para manter o pessoal indispensavel, que acarretaria grande acrescimo de despeza, e em vista da exiguidade de sua receita só com o auxilio do governo se poderá approvar a medida proposta.

« Os arts. 2º e 3º estão no caso de merecer a approvação do Instituto Historico, consignando-se nos futuros orçamentos as quantias que se puder dispôr annualmente para impressão do catalogo das obras novamente adquiridas, e das *Revistas* das associações mais notaveis da Europa e America, que especialmente se occupam das materias constantes da referida proposta. Rio, 21 de Julho de 1876.— *Francisco José Borges.*--*Maximiano Marques de Carvalho.* »

2.º « A commissão de historia, apreciando devidamente a proposta que lhe foi enviada, de 10 de Maio do corrente anno, na qual os illustres consocios conselheiro Homem de Mello, e Drs. Perdigão Malheiro e Couto de Magalhães apresentaram para membro correspondente d'este Instituto o Sr. Domingos Soares Ferreira Penna, vem hoje dar o seu parecer.

« Nos escriptos *Estudos sobre o Tocantins e Anapú*, sahidos dos prelos em 1864, *Região occidental da provincia do Pará*, publicada em 1869, e *Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá*, dada á estampa em 1874, revelou o Sr. Penna espirito investigador, applicação e gosto, pelos estudos da geographia e historia patria, colligiu muitos dados estatisticos relativos á industria e á lavoura de diversas localidades, offerecendo aos seus leitores varios conhecimentos sobre a fauna e a flora d'aquellas vastas e riquissimas regiões. Mostrando-se assim digno successor dos distinctos historiadores da provincia, e nossos consocios, o coronel Ignacio Accioli e o major Ladisláo Baena, de saudosas memorias, tem o Sr. Penna requisitos bastan-

tes para ser admittido ao gremio d'este Instituto. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 21 de Julho de 1876.—*Drs. Cesar Augusto Marques*, relator.—*Rozendo Muniz Barreto.* »

3.° « Proposto em 5 de Novembro de 1875 para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. Dr. Joaquim Floriano de Godoy, servindo-lhe de titulo de admissão o seu trabalho estatistico, historico e noticioso, intitulado *A provincia de S. Paulo*, sobre o qual deu a commissão de historia parecer favoravel, julga a commissão de admissão de socios que o mesmo senhor póde ser admittido n'esta associação.

« Filho legitimo do sargento-mór Joaquim Floriano de Godoy e de sua mulher D. Ignacia Xavier Pinheiro, nasceu o Sr. Joaquim Floriano de Godoy na provincia de S. Paulo em 4 de Janeiro de 1826, recebeu o gráo de doutor na faculdade de medicina do Rio de Janeiro, teve assento na assembléa provincial de sua provincia, na camara dos deputados, e actualmente pertence á camara dos senadores, tendo occupado, entre outros cargos politicos, o de presidente da provincia de Minas Geraes. Sala das sessões, em 21 de Julho de 1876.— *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.— Dr. João Ribeiro de Almeida.* »

O Sr. senador Candido Mendes terminou a leitura de suas *Notas para a historia patria a respeito dos primeiros povoadores de S. Paulo, e quem era o bacharel de Cananéa.*

O Sr. presidente nomeou uma deputação de todos os membros presentes, sendo orador o Sr. Dr. José Tito, para comprimentar a S. A. I. Regente no dia 29 do corrente, seu anniversario natalicio; e, estando adiantada a hora, levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,
2° SECRETARIO SUPPLENTE.

7ª SESSÃO EM 4 DE AGOSTO DE 1876

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. I. A REGENTE E SEU AUGUSTO ESPOSO

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva.

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Alvares Pereira Coruja, senador Candido Mendes de Almeida, Drs. José Vieira Couto de Magalhães, José Tito Nabuco de Araujo, Cesar Augusto Marques, João Wilkens de Mattos, conego Manoel da Costa Honorato, Joaquim Pires Machado Portella e Ladisláo de Sousa Mello e Netto, e, recebidas Suas Altezas com as honras do estylo, o Sr. conselheiro Homem de Mello, 3º vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente; que, posta em discussão, foi approvada.

N'este acto compareceu o Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, 2º vice-presidente e assumiu a presidencia.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, occupando o cargo de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Carta do consocio o Sr. Dr. Miguel Antonio da Silva, communicando não poder comparecer á sessão por justo impedimento.

Officio do Sr. director geral da secretaria de Estado dos negocios estrangeiros, transmittindo um exemplar do *Novo mappa da Guyana Ingleza*, que o governador d'aquella

colonia offereceu a este Instituto por intermedio do Sr. ministro do Brasil em Londres, e enviado por este áquella secretaria de Estado para ter o conveniente destino.

Dito do presidente da provincia do Paraná, remettendo um exemplar do *Relatorio* que apresentou á assembléa provincial na abertura da sessão do corrente anno.

Dito do bibliothecario da bibliotheca municipal d'esta côrte, offerecendo collecções dos relatorios, orçamentos, balanços, boletins e codigo de posturas da Illma. camara municipal, constantes de uma relação annexa.

Carta do Sr. C. Pradez, offerecendo, como titulo de sua admissão a este Instituto, a sua obra *Nouvelles études sur le Brésil.*

Dita do director da bibliotheca de Stuttgart, pedindo uma collecção da *Revista* do Instituto Historico para aquella bibliotheca.—Resolveu-se que o 1° secretario enviasse a referida collecção.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pela secretaria de Estado dos negocios do Imperio, de varios relatorios de presidentes de provincia e a *Collecção de leis* da do Amazonas, do anno de 187 .

Pelo Sr. administrador da typographia nacional, a *Collecção de leis* do Imperio do Brasil e decisões do governo, do anno de 1875.

Varios jornaes remettidos pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

Terminado o expediente, o Sr. Dr. Cesar Augusto Marques pediu a palavra e declarou que, por impedimento do Sr. Dr. José Tito, relator da commissão nomeada pelo Instituto para, no dia 29 de Julho proximo passado, felici-

tar a S. A. I. Regente pelo seu feliz anniversario natalicio, dirigiu-se ao paço imperial da cidade, e alli, unido à referida commissão, pronunciou um discurso de congratulação por tão faustoso motivo, dignando-se S. A. Imperial dispensar ao Instituto benevolas palavras.

A resposta de S. A. Imperial foi recebida com profundo respeito e acatamento.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e entrou em discussão, o parecer da commissão de fundos e orçamento, dado sobre a proposta do Sr. senador Candido Mendes a elle annexa, transcripto na acta da sessão passada. Depois de fallarem sobre o assumpto os Srs. senador Candido Mendes, José Tito, Moreira de Azevedo e Coruja, pediu este o adiamento por não se achar presente nenhum dos membros d'aquella commissão; e posto a votos o adiamento foi approvado.

Foi approvado, e remettido á commissão de admissão de socios, o parecer da de historia, relativo aos trabalhos do Sr. Domingos Soares Ferreira Penna para titulo de sua admissão. Ficaram sobre a mesa os seguintes pareceres da commissão de geographia:

1.° Sobre os trabalhos que servem de titulo de admissão do Sr. 1° tenente da armada Francisco Manoel Alvares de Araujo.

2.° Relativo á *Memoria* do Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira para o mesmo fim de ser admittido como membro correspondente.

3.° Sobre as *Memorias* publicadas pelo Sr. João Barbosa Rodrigues, para titulo de sua admissão no Instituto.

4.° Para que se formule um plano, pelo qual deve ser

escripto, em cada provincia do Imperio, um opusculo acêrca da historia, geographia, ethnographia e estatistica, encarregando para isso aos membros do mesmo Instituto ou á pessoa habilitada em cada provincia, etc.

1.° « Foi presente á commissão de geographia a proposta de varios membros do Instituto, de 11 de Maio d'este anno, e entregue á commissão em 23 de Junho proximo findo, indicando para membro correspondente ao 1° tenente da armada Francisco Manoel Alvares de Araujo, servindo como titulo de admissão o seu *Relatorio* da viagem de exploração dos rios das Velhas e de S. Francisco nas provincias de Minas Geraes, Bahia e Pernambuco.

« A commissão de geographia examinou o trabalho do mesmo 1° tenente, o que lhe competia na supradita proposta, e é de parecer que é mui importante, seja em relação á parte geographica propriamente tal, seja em relação á estatistica dos povoados que visitou, do ponto de partida de sua viagem no arraial da *Quinta do Sumidouro*, na provincia de Minas Geraes, até a cidade da *Boa-Vista* na provincia de Pernambuco.

« Este relatorio, que acompanhou a proposta e vai annexo a este parecer, pelo seu real merecimento parece á commissão digno de ser reproduzido em sua *Revista*, para ser mais vulgarisado, até mesmo porque, hoje, difficilmente se encontrará um exemplar além dos que acompanham os relatorios do ministerio da agricultura de 1869, mui raros. Sala do Instituto, em 7 de Julho de 1876. — *Candido Mendes de Almeida.* — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* — *Guilherme S. de Capanema.* »

2.° « Foi presente á commissão de geographia a proposta de varios membros do Instituto, indicando para membro correspondente ao Dr. Manoel Jesuino Ferreira, servindo de titulo de admissão a sua *Memoria* sobre a provincia

da Bahia, ultimamente publicada, com destino á exposição de Philadelphia.

« A commissão de geographia examinou essa *Memoria*, que acompanhou a proposta, e tem por titulo *A provincia da Bahia*, apontamentos por Manoel Jesuino Ferreira, natural da mesma provincia — publicação official.

« Por este titulo não se reconhece logo que trata-se de um trabalho geographico, mas desde a leitura do seu primeiro capitulo essa verdade manifesta-se, comprehendendo a obra dados estatisticos e historicos de summa importancia.

« E' a *Memoria* do Dr. Manoel Jesuino Ferreira uma resumida, mas succulenta chorographia de sua provincia, cuja falta de ha muito se sentia.

« A commissão de geographia é de parecer que essa obra é digna do acolhimento de nossa associação. Sala do Instituto, em 7 de Julho de 1876. — *Candido Mendes de Almeida*. — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho*. — *Guilherme S. de Capanema*. »

3.° « A' commissão de geographia foi presente uma proposta assignada por diversos membros do Instituto, e lida em 9 de Julho do anno passado, afim de ser admittido como membro correspondente d'esta corporação o Sr. João Barbosa Rodrigues, servindo-lhe de titulo de admissão as *Memorias* que tem publicado, e outros trabalhos sobre orchidéas e investigações no valle do Amazonas.

« Esta proposta foi remettida á commissão com o officio do Sr. 1° secretario, de 20 de Abril d'este anno, acompanhando tres exemplares das *Memorias* sobre os rios Yamundá, Capim e Trombetas, com quanto no mesmo officio se enumere outras sobre os rios Urubú e Jatapú, e a denominada *Enumeratio palmarum*, que não recebeu, e por isso não acompanham este parecer.

« Pelo exame que fez a commissão das *Memorias* supra

notadas, e que revelam da parte de seu autor serio estudo, e muito merecimento em relação sobretudo á parte geographica que nos interessa, é a commissão de parecer que esses trabalhos são dignos do acolhimento do Instituto. Sala do Instituto, em 23 de Junho de 1876.— *Candido Mendes de Almeida.— Guilherme S. de Capanema.* »

4.° « Foi presente á commissão de geographia uma indicação assignada por dois illustres membros do Instituto, tendo por fim o encarregar uma de nossas commissões de formular um plano, segundo o qual deve ser escripto em cada provincia do Imperio um opusculo acêrca da geographia, ethnographia e estatistica da respectiva provincia, devendo esses trabalhos ser encarregados a pessôas habilitadas nas diversas provincias, as quaes, não sendo socios correspondentes do Instituto, serão, pelo facto da nomeação, consideradas socios depois do parecer das respectivas commissões, ficando suas admissões dependentes sómente da apuração dos trabalhos por ellas confeccionadas; additando-se a esta indicação uma emenda afim de tambem contemplar-se a historia peculiar de cada provincia.

« Antes de poder a commissão de, por sua parte, dar o respectivo parecer, precisa que o Sr. 1° secretario, examinando as actas d'este Instituto, informe quaes as decisões anteriormente tomadas sobre taes assumptos e premios decretados.

« Outrosim requer a commissão que, tratando-se tambem na indicação de estatistica e de historia, sejam convidadas as commissões a que estas materias estão confiadas para, de igual sorte, interpòrem seu parecer, formulando o plano que se pede. Sala do Instituto, 23 de Junho de 1876. — *Candido Mendes de Almeida. — G. S. de Capanema.* »

Votou-se, por escrutinio secreto, o parecer da com-

missão de admissão de socios, favoravel à admissão do Sr. senador Dr. Joaquim Floriano de Godoy, que pelo Sr. presidente foi proclamado socio correspondente.

O Sr. senador Candido Mendes, obtendo a palavra, leu o seu trabalho intitulado *Notas para a historia patria — João Ramalho, o bacharel de Cananéa, precedeu a Colombo na descoberta da America?*

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de SS. AA. Imperial e Real, levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRATARIO INTERINO.

8ª SESSÃO EM 18 DE AGOSTO DE 1876

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. REAL O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 1/2 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Carlos Honorio de Figueiredo, senador Candido Mendes de Almeida e José Vieira Couto de Magalhães, e, sendo recebido S. A. o Sr. conde d'Eu com as honras do estylo, o Sr. Dr. Macedo, 1° vice-presidente, abriu a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da antecedente.

EXPEDIENTE

O expediente apresentado e lido pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, constou do seguinte :

Aviso do Sr. ministro do Imperio, declarando que o governo imperial, tomando em consideração o pedido feito por este Instituto em officio de 5 de Junho ultimo, expediu as convenientes ordens para, na bibliotheca publica d'esta côrte, darem-se cópias dos documentos mencionados n'aquelle officio; e dirigiu aviso ao ministro do Brasil em Lisboa, afim de obter do governo portuguez cópias dos manuscriptos que se acham na bibliotheca d'aquella cidade.

Carta do consocio o Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, offerecendo as collecções do *Correio Mercantil* de 1854 a 1868 e do *Jornal do Commercio* de 1835 a 1875, encadernadas, á excepção dos sete ultimos annos da collecção do *Jornal do Commercio.*

Officio do secretario da bibliotheca publica Pelotense, agradecendo a collecção da *Revista* do Instituto Historico, que foi-lhe remettida para uso do publico n'aquella bibliotheca.

Dito do secretario do Instituto Pharmaceutico d'esta côrte, transmittindo a lista dos membros eleitos em 29 de Julho ultimo para a directoria que tem de funccionar durante o anno social de 1876—1877.

Dito do Sr. consul-geral do Brasil em Montevidéo, communicando a remessa, no paquete *Rio Grande*, de um caixão com livros, que o bibliothecario da bibliotheca publica d'aquella cidade offerece a este Instituto.

OFFERTAS

Houve as seguintes offertas:

Pelo Sr. senador Candido Mendes de Almeida, dos dois primeiros volumes da *Revista Academica.*

Pelo Sr. Dr. Moncorvo de Figueiredo, de um exemplar da

obra com o titulo — *Do ainhum* — Algumas considerações sobre esta molestia a proposito de um caso communicado á Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, 1876.

Pela Sociedade de Geographia de Londres, a sua *Revista* de Junho de 1876.

Pela Sociedade Americana de Paris, *Annuaire de la Société Américaine, publié avec le concours de la commission de redaction*, 1874. Paris, 1875.

Varios jornaes remettidos pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Continuou adiado o parecer da commissão de fundos e orçamento, dado sobre a proposta do Sr. senador Candido Mendes, sobre a conveniencia de ser, durante o dia, aberta ao publico a bibliotheca do Instituto, bem como de se additar ao catalogo impresso as obras novamente adquiridas, e para que o Instituto faça acquisição das *Revistas* das associações da Europa e America que occupam-se especialmente da ethnographia, linguistica, theogonia, etc.

Foi á commissão de geographia uma carta e programma da sociedade de viagens á roda do mundo, dirigida a este Instituto; e outra dos Srs. Charles Weyprecht e Wilcezek sobre explorações arcticas, acompanhada de um discurso pronunciado por aquelle na assembléa dos naturalistas e medicos allemães em Graz. Vienne, 1875.

Enviou-se á commissão de historia o parecer da de geographia a respeito do plano a adoptar-se para se escrever a historia, geographia, etc., em cada provincia do Imperio.

Foram approvados e remettidos á commissão de admissão de socios os tres pareceres que se achavam sobre a

mesa, dados pela commissão de geographia, relativos á admissão ao gremio do Instituto dos Srs. Manoel Jesuino Ferreira, João Barbosa Rodrigues e Francisco Manoel Alvares de Araujo.

O Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, obtendo a palavra, começou á leitura de um trabalho de comparação entre o *guarani* e *tupi* antigos, o *guarani* fallado no Paraguay e o *tupi* fallado no Amazonas.

A's 8 horas levantou-se a sessão, á qual esteve presente, por convite de S. A. Real, o Sr. ministro da Austria, barão Gustavo Schreiner.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

9ª SESSÃO EM 15 DE SETEMBRO DE 1876

Presidencia do Sr.. Joaquim Norberto de Sousa e Silva.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Alvares Pereira Coruja, senador Candido Mendes de Almeida, desembargador Olegario Herculano de Aquino e Castro, Joaquim Antonio Pinto Junior, conego Manoel da Costa Honorato, José Vieira Couto de Magalhães, conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Cesar Augusto Marques e Ladisláo de Sousa Mello e Netto, o Sr. Joaquim Norberto, 2° vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente, que, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Dr. Perdigão Malheiro;

« Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de accusar o recebimento do officio de V. Ex. de 24 do corrente, em que se dignou de communicar-me a resolução do Instituto sobre a offerta que tomei a liberdade de fazer-lhe, conforme a carta de 18 do mesmo mez.

« Aceitando-a o Instituto causou-me verdadeiro prazer, e deu a mais elevada prova de consideração e valor ao mimo que lhe fiz. N'esses livros está a historia do Brasil desde 1835, além de outros muitos elementos archivados dia por dia.

« Na bibliotheca do Instituto estão elles em sagrado deposito para todo o sempre, e poderão servir aos estudiosos e escriptores.

« Agradeço ao mesmo Instituto as palavras de benevolencia que por intermedio de V. Ex. me dirige. Devo tantas attenções ao Instituto, tanto favor por suas repetidas provas de sympathia ao ultimo de seus membros, que diz-me a consciencia ficar-lhe a dever de modo a não poder libertar-me. Só me resta o reconhecimento e a gratidão.

« Consinta, porém, o Instituto que não aceite a modificação por elle feita á ultima parte da minha carta, relativa á despeza com a encadernação dos sete ultimos annos do *Jornal do Commercio*. Essa modificação altera a minha intenção, e não desejo que o donativo fique dest'arte redu-

zido. Insisto, pois, em satisfazer eu essa despeza, com o que me dará o Instituto mais um motivo de prazer.

« Reitero os meus agradecimentos, e protesto a mais viva e sempiterna gratidão.

« E a V. Ex. o meu profundo respeito e estima.

« Deus guarde a V. Ex.—31 de Agosto de 1876.—Illm. e Exm. Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. —O socio honorario, *Agostinho Marques Perdigão Malheiro.* »

Officio do Sr. barão da Ponte Ribeiro, membro da commissão de geographia, devolvendo os papeis relativos ao pedido dos Srs. Carlos Weyprecht e conde Wilczek sobre estabelecimentos de estações scientificas nas latitudes mais proximas dos pólos para observações synchronicas, com relação á meteorologia e aos estudos do magnetismo terrestre, e o parecer dado sobre o assumpto pelo relator da mesma commissão o Sr. senador Candido Mendes, com o qual concorda integralmente.

Carta do consocio o Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos, offerecendo o 2° volume da obra com o titulo *Á guerra da triplice alliança* (Imperio do Brasil, republica Argentina e republica Oriental do Uruguay) *contra o governo da republica do Paraguay* (1864—1870), por L. Schneider, e traduzida do allemão por Manoel Thomaz Alves Nogueira e por elle offertante annotada.

OFFERTAS

Houve as seguintes offertas:

Pelo Sr. Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior, *Estudos historicos*, pelo conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, dois volumes.

Pelo Sr. Theotonio Meirelles, a sua obra *A marinha de guerra brasileira durante a campanha do Paraguay.*

ORDEM DO DIA

Leram-se e ficaram sobre a mesa os dois seguintes pareceres da commissão de geographia : o primeiro, relativo ao convite que ao Instituto fizeram os Srs. Carlos Weyprecht e conde Wilczek para o estabelecimento de uma estação scientifica para observações synchronicas, relativas á meteorologia e ao magnetismo terrestre; e o segundo, dado sobre a carta da Commissão de Geographia Commercial de Paris, relativa á questão da abertura de um canal interoceanico.

1.° « Foi presente á commissão de geographia o officio da directoria geral do ministerio dos negocios estrangeiros, datado de 18 de Agosto corrente,remettendo ao Sr. secretario d'este Instituto, por ordem do Sr. ministro d'aquella repartição, e a pedido da legação da Austria-Hungria, uma carta lithographada com alguns exemplares impressos que ao Sr. presidente do mesmo Instituto dirigiram os Srs. Carlos Weyprecht, official de marinha d'aquelle paiz, e o conde de Wilczek, com quanto na primeira não venha por olvido a assignatura do segundo.

« Estes dois sabios austriacos fizeram parte da celebrada expedição que do porto de Bremen se dirigiu ao pólo arctico em 1872, e descobriu as regiões hoje conhecidas pelo nome de *Terra de Francisco José*, nas latitudes boreaes de 80° a 83° 50', e longitude oriental do meridiano de Paris de 43°, a 75°, conquistando por isto merecido renome entre os cultores da sciencia.

« A carta que foi remettida ao Instituto contém para elle um honroso convite, cujo proposito é prestar seu auxilio ao projecto que formularam estes dois illustres sa-

bios, tendo por fim crear estações scientificas, por ora de duração annua, nas latitudes mais proximas dos pólos, onde se possam fazer, no interesse da sciencia, observações synchronicas, sobretudo com relação á meteorologia, ao estudo do magnetismo terrestre e á theoria das auroras boreaes; commettimento importantissimo, tendo sómente por mira o progresso das sciencias naturaes, *desideratum* que debalde se poderia alcançar mediante observações isoladas, sem nexo.

« Acompanha esta carta, como memoria comprobativa, o discurso que o mesmo Sr. Weyprecht pronunciou perante a quadragesima oitava assembléa dos naturalistas e medicos allemães em Gratz, cidade da Styria, no Imperio da Austria, onde o autor desenvolve com amplidão a materia do projecto que apresentou com o conde de Wilczek, e estabelece o modo pratico porque póde ser elle proveitoso ao ideal que com tanto zelo e admiravel abnegação procuram attingir.

« Assim, o Sr. Weyprecht e seu tão distincto consocio entendem que os resultados do seu projecto serão tanto mais decisivos quanto maior fôr o numero das respectivas estações. Mas acrescentam que, no interesse das observações magneticas, seria preciso que ficassem distantes umas das outras mais de 90 gráos de longitude, e que uma das estações ao menos fosse collocada na proximidade do *maximum* de intensidade magnetica.

« Pelo que respeita ás observações meteorologicas, torna-se indispensavel que essas estações estejam, tanto quanto fôr possivel, ao abrigo das influencias locaes. Por isso recommendam que taes estações devem ser estabelecidas junto de terras pouco elevadas, banhadas pelos grandes mares, escolhendo-se de preferencia pontos facilmente accessiveis, situados na mais alta latitude possivel.

« Para realizar-se o seu primeiro ensaio, os illustres autores do projecto propôem as seguintes estações nas latitudes arcticas.

« 1.ª Na ilha de Spitzberg, em quasi 80° de latitude.

« 2.ª Na costa da Siberia, na vizinhança da foz do rio Lena, em quasi 71° da mesma latitude, preferindo-se uma das ilhas do archipelago de Liakoff (*Nova Siberia*).

« 3.ª A estação de invernagem que occupou Maguire perto da ponta ou cabo Barrow, a léste do estreito de Behring, 71° de latitude.

« 4.ª Em Upernawick (*Groenlandia occidental*), na latitude 73°.

« Como estações intermediarias :

« I. A ilha de Nova Zembla em quasi 76° de latitude.

« II. Uma na costa oriental da Groenlandia.

« III. Outra dependente, estabelecida na região do Finwark-Noruego, necessaria para ligar as estações do Spitsberg ás do continente europeu.

« Nas regiões *antarcticas*, e que particularmente nos interessam, julgaram os dois illustres sabios conveniente estabelecer ao menos uma estação, pois esperam que, operando de harmonia com as estações arcticas, fará adiantar muito e seriamente o estudo do magnetismo terrestre.

« Com esse proposito ambos lembram o ponto de Aukland, archipelago ao sul da Tasmania ou Nova-Zelandia, talvez uma das ilhas mais meridionaes d'esse grupo, senão a propria Aukland, que offereça uma posição favoravel por sua vizinhança do maximo sul de intensidade magnetica.

« No projecto que a commissão tem á vista, estão consignadas, em resumo, as principaes questões que sobre os tres assumptos, tão elevados, convem estudar n'essas estações com o auxilio de instrumentos da mesma qualidade e perfeição; sendo as observações em tempos identi-

cos effectuadas, cuidadosamente fiscalisadas, tudo de harmonia com as respectivas instrucções.

« Em relação ao pessoal que convirá empregar em tão importante commissão e methodo a seguir, eis como se exprimem os illustres autores do projecto.

« A experiencia têm-nos ensinado que quatro observadores, auxiliados por um pessoal pouco numeroso, bastariam perfeitamente ao desempenho de todos estes trabalhos. As despezas seriam minimas comparativamente ás que se faziam com expedições arcticas anteriores, e ficariam ainda notavelmente reduzidas para as estações que não dependessem de um vaso armado, especialmente em vista de uma missão d'esta natureza.

« Afim de obter-se resultados positivos e certos, os methodos das observações deveriam ser absolutamente identicos para todas as estações. Conviria d'esde logo confiar a uma commissão, eleita por todas as potencias interessadas nas expedições, o encargo de elaborar um programma que regulasse as instrucções, e indicasse os instrumentos a empregar e os methodos a seguir.

« Quanto a algumas das questões,no projecto assignaladas, bastaria uma serie de observações feitas durante um anno. Em relação a outras, esse lapso de tempo seria mui limitado, e para satisfazer completamente seria mister estabelecer estações permanentes, cujos trabalhos se prolongariam muito além do periodo indicado.

« Mas, em razão da incerteza que ainda reina em muitos pontos relativos á exploração arctica, julgamos que seria prematuro estabelecer actualmente estações permanentes.

« E' mister antes de ordenar-se a creação de estações definitivas, resolver as questões preliminares relativas ao fim que se pretende alcançar, aos methodos a adoptar-se, á escolha das estações as mais favoraveis, etc. Ora, obser-

vações por nós propostas e cuja duração será de um anno, bastarão provavelmente para a solução de todas essas questões. »

« Concluindo, dizem os assignatarios da carta que, visto o interesse que tem sempre manifestado o nosso Instituto pelas explorações das regiões arcticas, bem como o ardor com que o governo imperial auxilia as emprezas scientificas de toda a especie, pedem que o Instituto se mostre favoravel, em principio, a uma participação a esse commettimento, apoiando perante o mesmo governo o projecto da creação de uma estação de observação durante um anno nas vizinhanças do cabo de Horn.

« A commissão de geographia do nosso Instituto, para emittir o seu voto sobre a materia, teve de examinar duas questões : o merecimento da idéa do projecto, e sua praticabilidade, não tanto do lado das regiões do pólo arctico, como das do antarctico, no ponto que mais particularmente nos interessa.

« Eis o fructo dos seus estudos no breve espaço que lhe foi permittido em razão da urgencia pedida.

« A commissão de geographia deixa de parte algumas das razões com que na sua *Memoria de Gratz* procura o Sr. Weyprecht justificar o projecto que elaborou, sobretudo quanto á preferencia de explorações em relação a descobertas propriamente geographicas, e dos grandes dispendios que n'essa intenção têm feito certos paizes, maxime n'este seculo, sobre as scientificas, as quaes, segundo o mesmo sabio, mais promettem pelo progresso que nos coconhecimentos humanos mais se póde esperar, sem os perigos e dispendios das outras.

« A commissão está persuadida de que ambas as descobertas muito merecem, e não se prejudicam marchando juntas, podendo em muitos casos, ou na sua quasi totali-

dade, mutuamente auxiliar-se, com inapreciavel vantagem da sciencia humana.

« Em principio, a commissão de geographia não póde deixar de prestar sua completa adhesão ao projecto dos Srs. Weyprecht e Wilczek, convencida como está da proficuidade dos resultados que se esperam para o adiantamento de nossos actuaes conhecimentos, em vista da brilhante e solida demonstração exhibida pelo primeiro no seu discurso proferido em Gratz, e de outras muitas considerações que o assumpto naturalmente desperta.

« Em verdade a idéa d'este projecto, a idéa cardeal, não é uma novidade. No ultimo congresso de geographia, reunido em Paris, o Sr. Nicoláo Latkin, russo, communicou que se propunha a crear Estações meteorologicas nas regiões do pólo arctico, estabelecendo uma á sua custa no littoral da Nova-Zembla. E' um sabio e dedicado meteorologista, notavel por uma brochura contendo estudos de muita importancia sobre o interior e o littoral da Siberia.

« Este proposito do sabio moscovita revelava já a necessidade de observações synchronicas para a meteorologia, indispensaveis para um estudo comparativo de proficuos e solidos resultados.

« Mas o projecto dos Srs. Weyprecht e Wilczek, tem outro alcance, devemos confessal-o : não se limita á meteorologia ; alarga o seu horizonte com o estudo mais profundo do magnetismo terrestre, e do phenomeno tão admiravel, e tão pouco conhecido, das auroras boreaes ou melhor, polares, fallando com mais exacção.

« E nem ahi pára a missão dos estabelecimentos de observação que se projectam : os estudos accessorios não são vedados, e podem ainda alargar mais a esphera do alvo a que se propõem os autores ou iniciadores do projecto.

« O commettimento dos dois já tão illustres sabios aus-

triacos foi muito bem acolhido por outros não menos distinctos em França e na Allemanha, nações que, como sabe o Instituto, marcham na vanguarda da civilisação.

« Em França a Sociedade de Geographia de Paris não fez esperar o seu *verdict*, e muito applaudiram o projecto os Srs. Levasseur e Babinet, nomes tão conhecidos nas sciencias que cultivamos.

« Na Allemanha a these, tão luminosamente defendida em Gratz, teve ainda mais assignalada demonstração. Não se limitou sómente aos cultores da sciencia, que em geral se pronunciaram pelo projecto: o governo do novo Imperio interessou-se seriamente pela idéa, á solicitação de uma sociedade que, em Berlim, se organisou para levar a bom termo uma expedição ás regiões polares do outro hemispherio.

« Com esse intuito o governo imperial allemão creou uma commissão de 13 professores, naturalistas de primeira nota, cada um dos mais proficientes em sua especialidade, afim de discutirem a conveniencia de taes expedições, e com relação ao interesse que colheria a sciencia. Essa commissão já deu o seu parecer, que foi bem acolhido pelo chanceller do Imperio, o principe de Bismarck, dependendo os respectivos resultados do voto do parlamento allemão, que se julga favoravel.

« N'esse documento a commissão nomeada, não se mostrando adversa a investigações geographicas n'essas regiões, pronuncia-se clara e decididamente contra semelhantes expedições se se limitarem á pura descoberta geographica, exemplo: a da passagem, denominada do Noroeste, pelos mares polares arcticos. Estão convencidos os seus membros, que as vantagens que se devem colher de taes explorações podem-se obter por meios menos perigosos e mesmo mais seguros, não sendo ellas diri-

gidas a demandar um resultado dependente absolutamente do acaso, como a descoberta pura e simplesmente geographica. Como se vê é esta doutrina a justificação do projecto austriaco.

« Como esta opinião é muito autorisada, a commissão de geographia pede ao Instituto permissão para, em resumo, expendêl-a, conforme um jornal geographico francez *L'Explorateur*, em cuja inteireza descansa :

« A commissão é unanimemente de parecer que as regiões as mais remotas do norte offerecem meios, senão de resolver de um modo decisivo, ao menos de desenvolver e esclarecer grande numero de problemas os mais importantes das sciencias naturaes.

« A *Meteorologia*, por exemplo : observando a volta periodica dos phenomenos arcticos, assim como os desvios da regra ordinaria que alli podem ser observados, ficaria em condições de descobrir as razões da alternativa da tempestade e da calmaria no equador.

« E' sómente sob as latitudes elevadas que é possivel estudar a connexão que existe entre o magnetismo terrestre e a electricidade atmospherica, as correntes magneticas e a aurora boreal ; ao passo que as leis que regem o magnetismo terrestre, propriamente, nunca serão apreciadas completamente emquanto se não tiver verificado as variações do magnetismo no extremo norte.

« Se passamos á *Astronomia*, a theoria da refracção, as linhas caracteristicas do espectro solar, a relação entre os cometas e as estrellas cadentes (*filantes*), exigem, para ser melhor conhecidas, observações continuas na vizinhança do pólo.

« Quanto á *Geodesia*, com o auxilio da medida dos gráos e da observação do pendulo, chegar-se-ha á conclusões mais precisas relativamente á forma do globo.

« A *Geographia*, independentemente de detalhes topographicos a verificar nas localidades, obterá informações geognosticas mais preciosas de uma nova serie de estudos.

« E' sómente por longas observações dos effeitos do gelo sobre as superficies que as noções, que até hoje se tem adquirido do periodo gelado da terra, poderão ser completadas e corrigidas no que ellas têm de erroneo.

« Além dos progressos que as investigações polares não podem deixar de produzir nos diversos ramos das sciencias naturaes, as sciencias, propriamente ditas *descriptivas*, têm tambem muito a ganhar.

« A *Geologia*, a *Paleontologia*, a *Mineralogia*, a *Botanica* e a *Zoologia* aproveitarão consideravelmente de explorações constantes, tanto no pólo do norte, como no do sul; ao passo que a *Physiologia* e a *Biologia* extrahirão preciosos recursos na descoberta das condições da vida n'essas regiões glaciaes.

« E' mister não esquecer a *anthropologia*: houve um tempo em que o homem do centro da Europa mantinha uma existencia a que são hoje condemnados o Laponio e o Esquimó.

« Procurar conhecer a vida moral (costumes), os habitos e religião, os caracteres physicos e psychicos das raças polares, é conhecer o passado da nossa Europa; e, com o auxilio d'estes conhecimentos, conseguir-se-ha provavelmente explicar muitas cousas que são ainda inintelligiveis da nossa historia dos primeiros tempos. »

« Esta manifestação da sciencia germanica já havia sido bem comprehendida no programma scientifico da recentissima expedição britannica ao pólo arctico nos navios *Alert* e *Discovery*.

« Portanto, em principio, o projecto dos Srs. Weyprecht e Wilczek, se acha bem e plenamente justificado; e a com-

missão de geographia do nosso Instituto adopta como suas as conclusões tão proficientemente deduzidas pela sciencia européa.

« E n'este sentido ella não póde deixar de acompanhar as aspirações dos autores do projecto, aconselhando ao Instituto Geographico Brasileiro que, por meio do seu digno presidente, solicite do governo imperial a maior e mais completa coadjuvação ao projecto em questão, de modo que ao Brasil caiba tambem a gloria mui invejavel de haver por sua parte concorrido zelosa e efficazmente ao complemento de um tal *desideratum*, de que nós, assim como toda a humanidade, colheremos proveito.

« Mas resta a questão da praticabilidade, sem a qual todos os projectos d'esta ordem não passariam de simples devaneios da imaginação dos homens da sciencia. E ainda n'este ponto não póde a commissão de geographia escusar-se de ouvir a opinião tão autorisada da commissão scientifica de Berlim, que tambem exhibirá, extrahida do resumo do jornal francez,a que já se referiu. Ei-la :

« Será sempre impossivel, dizem aquelles sabios, de antemão conhecer o estado do gelo, o qual é no final de contas o primeiro dado do problema em uma viagem como as que se tem o habito de emprehender ; pelo menos, se ha symptomas que nos permittem calcular a quantidade e a disposição das massas fluctuantes e geleiras, são-nos ainda desconhecidos em razão da deficiencia de conhecimentos que temos de taes latitudes. O que sobretudo importa, é firmar-mo-nos no meio mais seguro de obter uma experiencia mais intima da natureza e das variações do gelo, e, por consequencia, dos meios de penetrar gradualmente na extremidade septentrional do globo.

« Por isso a commissão recommenda o estabelecimento nas regiões arcticas de estações fixas (permanentes), faceis

de abordar sem perigo ou de abandonar a qualquer momento.

« Essas regiões se estendem por largo espaço ao norte, de sorte que permittem estudar de um modo util e instructivo os phenomenos boreaes.

« Para começar, fundar-se-hiam muitas estações no littoral oriental da Groenlandia, ao oeste do Spitzberg e na ilha de João Mayen, situada no mar intermedio.

« Uma recente expedição allemã (a austriaca, dirigida pelos Srs. Payer e Weyprecht) provou que estes pontos são perfeitamente abordaveis: e, pois, edificar-se-hiam casas com todas as precauções necessarias contra o rigor do clima.

« Em cada uma d'estas casas a commissão propõe mandar um grupo de homens de sciencia, maritimos e outras pessoas de espirito emprehendedor, que alli habitassem por um certo numero de annos: de tempos em tempos iriam até lá navios para lhes levar provisões e trazer noticias.

« Far-se-hia o possivel afim de contratar Laponios e Esquimós para o serviço de taes pessoas; e quando, no fim de alguns annos, o grupo dos primeiros exploradores voltasse para a Allemanha seria substituido por outros; dando-se tambem premios á criadagem que se quizesse contratar para o serviço domestico do estabelecimento. »

« Por esta exposição dos meios praticos que a Allemanha, paiz de zona temperada, com população habituada a um frio que desconhecemos, julga indispensaveis para levar-se a effeito o estabelecimento de estações de observação nas regiões polares arcticas, devemos calcular quaes serão os que teremos de empregar afim de manter um estabelecimento da mesma natureza nas regiões polares antarcticas.

« Estas regiões são de clima mais inhospito que as boreaes

em latitudes iguaes, e ainda inferiores, e sem recursos tão faceis como as ultimas, mais vizinhas da Europa, e tendo, mesmo n'essas regiões, pontos habitados, mui proximos, para um prompto refugio, como sejam o litoral da Russia, da Noruega, o archipelago de Fœroœ, nos mares da Europa. Contam ainda a Islandia, o litoral da Groenlandia (nos estabelecimentos de pesca), da America Britannica e dos Estados-Unidos; sem notar a abundancia de navios que se empregam na pesca dos cetaceos e mesmo do bacalháo, e a população dos Laponios e Esquimós, mais intelligentes e mais cultos que os Pescherez da Terra do Fogo, mais brutos, talvez, que os Boschiomans da Africa austral.

« Os ultimos territorios da area americana meridional, banhados pelos mares polares antarcticos, são deshabitados, com excepção da grande ilha denominada *Terra do Fogo* e outras de certa importancia, onde vagam algumas tribus pouco numerosas de selvagens Pescherez ou Yacananús. São regiões mui conhecidas por seu asperrimo clima, eriçadas de montes volcanicos e cobertas de gelos eternos, e portanto sem cultivo, baldas de todo o recurso, e sem as vantagens das boreaes.

« E' certo que os pontos designados para a Estação a cargo do governo imperial parecem faceis de abordar, porque o mar por alli de todo não gela de fórma a embargar o accesso na estação invernosa ; e portanto são bem faceis de abandonar em qualquer tempo, não obstante as medonhas tormentas que assolam aquelles mares, e os perigos das pavorosas bancadas de gelo, destacadas das regiões polares e por alli derramadas ; enormes castellos fluctuantes, espectaculo horrivel-grandioso, que se não vê em tanta copia nos outros mares.

« Os dois illustres sabios, autores do projecto, escolheram para estações nos mares antarcticos dois pontos : — um na

ilha Auckland, do archipelago do mesmo nome, em 51 gráos escassos de latitude ao sul da Nova-Zelandia ; o outro nas immediações do cabo de Horn, em qualquer das ilhas que se escolha.

« O ponto de Auckland tem facilidades de vida e de communicações com muitos dos pontos habitados da grande ilha meridional (*Te-Vahi-Pounamou*) do archipelago Novo-Zelandez, com especialidade de Dunedin, e outros ainda mais meridionaes, que talvez não distem 80 a 100 leguas d'aquelle ponto ; não sendo, alli, os mares tão tempestuosos, tão cheios de perigos, como entre os cabos de Horn e da Boa Esperança.

« O ponto onde deveremos manter a estação ainda não foi designado com toda a certeza ; é mister de antémão escolhêl-o, mediante uma expedição maritima para esse fim enviada. Em todo o caso deverá ser em uma das ilhas d'aquelle archipelago, ou mesmo pela sua latitude na de Horn, com tanto que tenha um bom e seguro ancoradouro, e agua potavel em qualquer tempo

« Mas, qualquer que seja o ponto preferido, o certo é que ficará mui arredado do nosso litoral, maxime d'este porto, pelo menos 700 leguas maritimas, tendo como recursos proximos as ilhas Falkland, possessão britannica, onde ha um importante estabelecimento colonial (*Stanley-harbour*), e Punta-Arenas, povoado chileno, na costa oriental da peninsula de Brunswick, no estreito de Magalhães, escala dos navios que seguem para o Pacifico. Este ponto ficará mais proximo que o primeiro da estação projectada, mas talvez de difficil accesso na época do inverno se gelarem as aguas do estreito n'aquelle local.

« Portanto qualquer desarranjo que possa haver na remessa de recursos para a estação brasileira, que assim já podemos chamal-a, pòde crear serios embaraços á popu-

lação que alli fôr viver; ou ainda qualquer outro grave e inesperado acontecimento no ponto da propria estação, não havendo em sua circumvizinhança, em clima tão inhospito, um abrigo facil e seguro.

« Estas considerações entende a commissão de geographia que é seu dever fazel-as ao Instituto, visto que a elle caberá a responsabilidade de recommendar ao governo imperial o projecto que sujeitou ao nosso estudo.

« E por isto, não obstante ser já esta região a indicada para o ponto da estação, que ao nosso governo competirá prover, entende a commissão de geographia que, visto por ora tratar-se de um ensaio, o ponto preferivel seria o de Punta-Arenas, em latitude assaz elevada, e mesmo superior á de Auckland, com todas as vantagens para as observações que se desejam, e sem os inconvenientes que, em um ponto ainda incerto e deshabitado, necessariamente se encontrará. N'este ponto, até por ser habitado e com policia local, não será necessario solicitar permissão para um tal estabelecimento, como será, talvez, preciso no que estiver em circumstancias differentes, afim de que não pareça um acto de posse e de dominio contra o direito das nacionalidades que se julgam senhoras de tão desoladas regiões.

« Tal é o parecer da commissão de geographia quanto á praticabilidade do projecto, e com relação ao serviço que se nos pede.

« Em resumo, a commissão de geographia é favoravel ao projecto dos illustres Srs. Weyprecht e conde de Wilczek, e presta á sua doutrina e á fórma de execução geral toda a sua adhesão, tomando na mais subida consideração o convite honroso que fizeram ao nosso Instituto, e cujo procedimento se deverá louvar e agradecer.

« N'este sentido a commissão, como já declarou em outro

lugar, propõe que se solicite do governo imperial, em favor do projecto de tão eminentes sabios, sua tão poderosa e efficaz cooperação, bem certa de que haverá para o nosso paiz, não só honra no deferimento, mas muita gloria a colher, maxime se na escolha que se fizer da commissão destinada a tão arduo desempenho, houver todo o cuidado e indispensavel tino.

« Concluindo :

« A commissão de geographia julga de toda a conveniencia que, tanto a carta dos Srs. Weyprecht e Wiclzek, como a memoria que a acompanha e instrue, sejam traduzidas e estampadas em nossa *Revista*, para conhecimento de todos os socios d'esta corporação, tratando-se, como se trata, de um alto commettimento, tendo por nobre incentivo o progresso da sciencia, com especialidade das que tanto interessam e se relacionam com a geographia; e como demonstração de muita cortezia e do elevado apreço em que tem o merecimento de sabios que tanto já têm feito, e continuam a fazer, em pró do adiantamento scientifico do mundo, por suas descobertas geographicas, e trabalhos de incontestavel valor nas sciencias naturaes. Sala do Instituto, 1º de Setembro de 1876. —*Candido Mendes de Almeida.*»

« A' exacta e luminosa exposição que ao Instituto Geographico apresenta o nosso consocio o Exm. Sr. senador Candido Mendes de Almeida, sobre o pedido dos Srs. Carlos Weyprecht e conde Wilczek, só tenho a confirmar como conhecedor pratico do cabo de Horn e do estreito de Magalhães, o emittido parecer, de que a pretendida estação não poderá ser estabelecida senão em *Punta Arenas* ou no proximo inhospito *Porto Famine.* — *Barão da Ponte Ribeiro.* »

2.º « Foi presente á commissão de geographia uma carta da commissão de geographia delegada pela Sociedade de

Geographia e as camaras syndicaes de Paris, assignada pelos Srs. Meurand e C. Hertz, presidente e secretario-geral da referida commissão, e dirigida ao Sr. presidente d'este Instituto cujo teor é o seguinte:

« Paris, 21 de Abril de 1876.— Sr. presidente do Instituto Historico e Geographico do Brasil.— A commissão de geographia commercial, delegação da Sociedade de Geographia de Paris e dos principaes grupos do commercio francez, tem a honra de chamar de uma maneira mui particular vossa attenção e da sociedade que tão dignamente presidis sobre o lado geographico da questão da abertura de um canal inter-oceanico.

« Até hoje tem-se apresentado numerosos projectos de abertura, cujos autores têm debalde solicitado o apoio das sociedades scientificas. Era difficil, em verdade, pronunciar-se por tal ou tal projecto, quando os dados topographicos, da ordem mais geral, faltavam á sciencia.

« O Congresso Internacional das sciencias geographicas, cuja segunda sessão teve lugar no palacio das Tulherias, em Paris, no mez de Agosto de 1875, examinou esta questão principal e formulou o voto:— de que os governos dos Estados interessados n'esta grande empreza proseguirão os estudos com a maxima actividade possivel e se inclinariam aos traçados que apresentassem á navegação as maiores facilidades de accesso e de circulação.

« Em nota se diz que sobre este assumpto póde-se consultar o volume II do *Explorador*, á pag. 176, onde se acham impressos os processos verbaes adoptados na sessão do Congresso e publicados pelo secretario do grupo em 19 de Agosto de 1875.

« O Sr. Fernando de Lesseps foi encarregado da redacção e da leitura d'este voto em sessão geral do Congresso, cuja sancção obteve-se á sua simples enunciação.

« Sem prejuizo das decisões ulteriores, a commissão de geographia commercial entendeu que era de seu dever acompanhar este voto, na medida modesta de suas luzes e do seu credito, e concluiu por esta consideração, que—a primeira medida e a mais indispensavel á solução do problema era o reconhecimento dos terrenos considerados hoje como os mais favoraveis á abertura de um canal interoceanico.

« Pareceu-lhe, em verdade, que este reconhecimento, quando mesmo não produzisse a solução tão desejada da abertura de um canal maritimo, encaminharia ao conhecimento de regiões, cuja situação geographica é da maior importancia.

« Foi n'estas condições que um dos seus membros, o Sr. Leão Drouillet, engenheiro, entregou-se á laboriosa compilação das publicações que têm tratado d'esta grave questão. De seus resultados colheu-se um relatorio que alcançou na sua primeira leitura a approvação da commissão, a qual annexamos a esta carta.

« A commissão não julgou dever limitar-se a uma simples approvação. Ella entendeu que era caso, segundo o voto formulado no Congresso Internacional de Geographia, de aproveitar o concurso de todas as corporações scientificas dos—Estados interessados n'esta grave empreza ; — e fez mais. A commissão reconheceu que era urgente organisar em Paris um dos grupos da commissão (*comité*) internacional, que se dispuzesse ao exame do problema, acreditando que cada uma das sociedades de geographia creadas nos differentes Estados do globo se esforçaria por organizar grupo ou commissão analoga.

« Do complexo e do accordo dos differentes grupos resultaria um *comité* geral ou antes um congresso scientifico internacional, encarregado provisoriamente de promover a

realização de uma exploração geographica, tão rigorosa e tão completa quanto fosse possivel das partes mais interessantes do grande isthmo americano.

« O grupo ou commissão que a commissão de geographia commercial organisou, mediante uma eleição por escrutinio e á quasi unanimidade de votos, compõe-se dos seguintes membos :

« Os Srs :

« *Fernando de Lésseps*, presidente, membro do Instituto, director da companhia do canal de Suez.

« O almirante *Barão de la Roncière le Noury*, senador, presidente da Sociedade de Geographia de Paris.

« *Meurand*, presidente honorario da Sociedade de Geographia, presidente da commissão de geographia commercial, director dos consulados no ministerio dos negocios estrangeiros.

« *Delesse*, engenheiro em chefe das minas, ex-presidente da commissão central da Sociedade de Geographia.

« *Malte-Brun*, presidente actual da commissão central da Sociedade de Geographia.

« *Levasseur*, membro do Instituto, vice-presidente da Sociedade de Geographia.

« *Daubrée*, membro do Instituto, director da escola de minas, vice-presidente da Sociedade de Geographia.

« *Foucher de Careil*, senador, membro da Sociedade de Geographia e da commissão de geographia commercial.

« *Cotard*, engenheiro, membro da Sociedade de Geographia e da commissão de geographia commercial.

« *Henrique Bionne*, antigo official de marinha, membro da Sociedade de Geographia e da commissão de geographia commercial.

« *Maunoir*, secretario geral da Sociedade de Geographia, membro da commissão de geographia commercial.

« *Hertz*, secretario geral da commissão de geographia commercial, membro da Sociedade de Geographia.

« *Leão Drouillet*, engenheiro, membro da Sociedade de Geographia commercial e autor do projecto.

« A commissão de geographia commercial de Paris julgar-se-ha feliz, Sr. presidente, vendo o Instituto Historico e Geographico do Brasil prestar o seu concurso á realização do voto formulado na segunda secção solemne do Congresso Internacional das Sciencias Geographicas, organisando uma secção á sua vontade, cujo directorio entre provisoriamente em relação com o da secção que acaba de organisar-se em Paris.

« A séde definitiva do *comité* internacinal, o programma dos seus trabalhos, o lugar e o theor de suas deliberações. serão ulteriormente determinados, conforme o accordo que se estabelecer em consequencia das propostas das differentes secções.

« A commissão de geographia commercial de Paris, desejosa de em nada prejudicar as decisões do *comité* internacional para a exploração do territorio do grande isthmo Americano, julga dever declarar que ella se considera como que chegada ao termo de sua missão, e que se limitará ao papel de intermediaria nas relações que se estabelecerem entre as secções francezas e as secções dos outros paizes, até o momento proximo em que uma primeira secção do *comité* entrar em funcções.

« Dignai-vos, Sr. presidente, de aceitar e transmittir a vossos honrados collegas as seguranças de nossa alta consideração.

« O presidente da commissão, director dos consulados e dos negocios commerciaes no ministerio dos negocios estrangeiros, presidente honorario da sociedade de geogra-

phia.—*Meurant.*— O secretario geral da commissão.— *C. Hertz.* »

« Esta carta annuncia a remessa de um annexo impresso, o *Relatorio* do Sr. Leão Drouillet; mas este documento importante não foi presente á commissão, e por isso sobre elle não dará parecer.

« Em resumo, o presidente da commissão de geographia commercial deseja que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro acompanhe no seu empenho o Congresso Internacional de Sciencias Geographicas e a Sociedade de Geographia de Paris, de que é parte integrante a commissão de geographia commercial, afim de que se estudem os meios de levar-se a effeito o canal inter-oceanico americano pela cooperação de uma grande commissão scientifica internacional, a saber: um congresso, elegendo cada instituto ou corporação geographica uma pequena commissão para este fim.

« Estas pequenas commissões, que serão como que secções do Congresso por meio de seus directorios, se entenderão com a commissão de Paris já nomeada, e que já tomou a iniciativa para levar a termo a reunião do Congresso. A commissão de Paris ou franceza compõe-se de treze membros, em geral notabilidades em geographia, além de outros titulos que os distinguem. A' sua frente se acha o justamente celebrado Sr. Lésseps, que realizou a abertura do canal de Suez, emprehendedor tenaz, o que é segura garantia da realização da idéa, se fôr exequivel; e faz tambem parte da mesma commissão o engenheiro Leão Drouillet, o organisador do projecto que obteve o acolhimento d'aquellas tão illustres, como competentissimas corporações.

« A idéa da realisação de um canal interoceanico, traçado no territorio da America central ou nos das republicas da

Colombia e do Mexico, occupa de ha muitos tempos a attenção do mundo commercial, e todos os dias se robustece com o maior desenvolvimento das relações commerciaes.

« Por esse lado, acredita a commissão, nosso interesse não é tão grande e immediato como o das nações assentadas e vizinhas d'aquelles territorios, sobretudo as que são banhadas pelas aguas do mar Pacifico e as que na Europa mantêm alentado commercio externo e dispôem de larga navegação ; mas como nação americana, e necessitando tambem abrir para os nossos productos outros mercados além dos que já possuimos e cultivamos, tomamos pela realização d'essa idéa o empenho que um tal melhoramento em todos disperta.

« Por isso é a commissão de parecer que o Sr. presidente responda em nome do Instituto á attenciosa e delicada carta que recebeu, aceitando o convite ; e proponha a nomeação da indicada commissão, que bastará compôr-se de sete membros, cujos nomes serão contemplados na resposta para conhecimento da commissão que fez o convite, e promova a reunião do Congresso.

« Essa commissão, pelo Instituto nomeada, por sua parte se entenderá com a de Paris, mediante o seu directorio, emittindo o seu voto sobre os projectos em estudo, quando puder compenetrar-se do merecimento de cada um, e assignalar o que deva ser preferido Para isto é necessario que na nossa *Revista* seja o trabalho do Sr. Leão Drouillet impresso, depois de traduzido.

« Se no futuro o Congresso poder levar a effeito, o Instituto, pelo orgão de seu presidente, se entenderá com o governo imperial sobre os meios de poder a commissão, ou um ou alguns de seus membros que forem indicados, concorrer ao ponto da reunião que fôr designado por accordo das differentes commissões ou secções do Congresso, que

de tão elevado assumpto se occuparem. Sala do Instituto, em 7 de Julho de 1876 (Assignado) — *Candido Mendes de Almeida.* — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

Entrou em discussão e approvou-se o seguinte parecer da commissão de geographia :

« A' commissão de geographia foi presente a carta dos Srs. Wurth-Paquet e Dr. Schœtter, presidente e secretario da commissão de organisação da segunda sessão do Congresso Internacional dos Americanistas, datada da cidade de Luxemburgo, do grão-ducado do mesmo nome, em 25 de Fevereiro d'este anno, e dirigida aos Srs. presidente e vice-presidente d'este Instituto, concebida nos seguintes termos :

« Senhores.—Em vista da decisão do Congresso Internacional dos Americanistas, que se reuniu em Nancy (França) em Julho de 1875, foi a cidade de Luxemburgo designada para ser a séde da segunda sessão, que terá lugar de 10 a 13 de Setembro de 1877.

« O Instituto Real Grão-Ducal, aceitando da commissão (*comité*) de Nancy o mandato de constituir outra commissão de organisação em Luxemburgo, contou com o benevolo e sympathico concurso das associações scientificas da America, e sobretudo do Instituto Historico do Rio de Janeiro. Este concurso, temos a convicção, não nos faltará.

« Portanto é com toda a confiança que tomamos a liberdade de vos dirigir, inclusos, os documentos relativos ao futuro congresso, e de recorrer á vossa graciosa attenção afim de communicar o seu contexto aos membros da associação que presidis.

« Dignai-vos designar um membro de vossa respeitavel associação, que, aceitando o titulo de delegado do Congresso, se encarregue de colhêr assignaturas (*souscriptions*) e de distribuir diplomas de membro do Congresso.

« A commissão de Luxemburgo ficará mui penhorada

se o Instituto Historico do Brasil quizer associar-se a uma obra, cujo interesse não póderia desconhecer um publico illustrado, e em geral as pessoas que não são indifferentes ao progresso das sciencias.

« Aceitai, senhores, a segurança de nossa alta consideração. Pela commissão de organisação.—*Wurth-Paquet*, presidente.—*Shœtter*, secretario. »

« Os documentos impressos, que acompanham esta carta e voltam com este parecer, contêm o seguinte:

« 1.º A resolução do Congresso dos Americanistas de Nancy, determinando que a segunda sessão do mesmo Congresso terá lugar em Luxemburgo, e ahi se indica quaes as pessoas que podem ser membros ou adherentes da mesma corporação, o tempo fixado para as discussões e o programma das questões que interessam á parte do mundo que habitamos, e que se deverão tratar n'essa sessão.

« 2.º Os estatutos definitivos do Congresso.

« 3.º Os nomes dos membros da commissão (*comité*) de organisação em Luxemburgo, bem como os das delegações estrangeiras, onde o Brasil ainda não occupa lugar.

« As questões que o Congresso dos Americanistas tem de tratar em 1877, comprehendem: a historia da descoberta da America e anterior ao commettimento de Colombo; archeologia, linguistica e paleographia; anthropologia e ethnographia, occupando-se o Congresso, em cada dia determinado, dos assumptos do programma concernentes á essas sciencias, começando pela historia.

« Em quasi todas ha assumptos que directamente interessam aos estudos do nosso Instituto; taes os que respeitam á descoberta e colonisação do Brasil; em que época e porque motivos o novo continente recebeu o nome de *America*; caracteres particulares da familia *tupi-guarani*; *linguas americanas* comparadas no ponto de vista gram-

matical com as linguas chamadas *ouralo-altaicas* ; antiguidade do homem na America ; classificação ethnologica dos indios das Guayanas, comprehendendo-se sob esta denominação o territorio delimitado entre a foz do Amazonas e o delta do Orenoco.

« A commissão de geographia, em vista do que acaba de expôr, é de parecer :

« 1.° Que se aceite o convite da commissão de organisação da cidade de Luxemburgo, respondendo n'este sentido os Srs. presidente e 1° vice-presidente do Instituto á carta que lhes foi dirigida.

« 2.° Que se nomêe o membro de nossa corporação que deverá servir de delegado d'aquella commissão, e para o fim que tem ella em vista.

« 3.° Que as questões de historia, archeologia, linguistica, anthropologia e ethnographia, que mais directamente interessam á nossa patria, e que serão tràtadas em 1877 no Congresso dos Americanistas, em Luxemburgo, se communique aos membros do nosso Instituto, convidando-os para que não só as estudem, mas escrevam memorias esclarecendo-as.

« 4.° Que se publique em nossa *Revista* integralmente, além da referida carta e respectiva resposta, os documentos annexos (traduzidos) para conhecimento de todos os membros do Instituto, e ainda dos leitores que se occupam com o estudo das cousas da parte do mundo que habitamos, e principalmente como prova do apreço que goza no estrangeiro a nossa corporação, e do valor e consideração que damos ás questões de que o Congresso dos Americanistas vai promover o estudo e a elucidação. Sala do Instituto, em 7 de Julho de 1876.—*Candido Mendes de Almeida.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.—Guilherme Schuch de Capanema.* »

Ficou adiada para outra sessão a nomeação do delegado por parte do Instituto para a commissão do Congresso; e sobre a mesa, para serem votados na proxima sessão, os dois seguintes pareceres da commissão de admissão de socios:

1.° « Tendo sido proposto para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. Luiz de França Almeida e Sá, servindo-lhe de titulo de admissão o seu *Compendio de geographia da provincia do Paraná*, que á commissão de geographia pareceu de muito merecimento, julga a commissão de admissão de socios que o candidato póde ser recebido n'esta associação. Sala das sessões, em 4 de Agosto de 1876.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—Dr. João Ribeiro de Almeida.—Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.* »

2.° « Proposto em Julho de 1875 para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. João Barbosa Rodrigues, servindo-lhe de titulo de admissão seus opusculos sobre o valle do Amazonas, e outros trabalhos ethnographicos e corographicos, que, examinados pelas commissões de geographia e subsidiaria de trabalhos geographicos, foram elogiados, é de parecer a commissão de admissão de socios que o mesmo senhor póde ser admittido n'esta douta associação. Sala das sessões, em 1 de Setembro de 1876.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—A. Marques Perdigão Malheiro.—Dr. João Ribeiro de Almeida.* »

O Sr. senador Candido Mendes de Almeida continuou a leitura de sua memoria, com o titulo *Notas para a historia patria—João Ramalho, o bacharel de Cananéa, precedeu a Colombo na descoberta da America?* »

As 8 horas levantou-se a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

10ª SESSÃO EM 29 DE SETEMBRO DE 1876

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes de Almeida, Antonio Alvares Pereira Coruja, Drs. Joaquim Antonio Pinto Junior, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Maximiano Marques de Carvalho, Miguel Antonio da Silva e Rozendo Muniz Barreto, o Sr. Dr. Macedo, 1º vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente, que foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. presidente da provincia de Goyaz, remettendo um exemplar da *Collecção das leis* da mesma provincia, promulgadas no anno proximo passado.

Dito do Sr. presidente da provincia do Ceará, remettendo o *Relatorio* com que lhe passou a administração da dita provincia o Sr. Dr. Esmerino Gomes Parente no dia 22 de Março do corrente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia de Sergipe, en-

viando dois exemplares das *Leis provinciaes* do presente anno.

Dito do Sr. director da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, offerecendo um exemplar do *Relatorio* apresentado áquella faculdade pelo substituto da secção de sciencias cirurgicas Dr. Claudio Velho da Motta Maia, em commissão na Europa.

Dito do Sr. José de Vasconcellos, agradecendo ao Instituto o haver-lhe admittido em seu gremio como socio correspondente e accusando a recepção do respectivo diploma enviado pelo Sr. 1º secretario.

Carta do Sr. Luiz Augusto de Padua Fleury, secretario da legação brasileira na republica Argentina, offerecendo o 1º tomo dos *Anales de la Sociedad Scientifica Argentina*, recentemente fundada na cidade de Buenos-Ayres.

Dita do secretario geral da Sociedade Geographica Romania, communicando a installação da mesma em 15 de Junho do anno proximo passado, sob a protecção de S. A. o principe Carlos de Romania, remettendo os seus estatutos e os cinco primeiros *Boletins*, e pedindo o bom acolhimento d'este Instituto e a troca de suas publicações.

Tres cartas do Sr. bibliothecario da bibliotheca publica da cidade de Montevidéo: na primeira, datada de 8 de Agosto, communicando haver remettido ao consul do Brasil, n'aquella cidade, com destino a este Instituto, um caixão com livros; na segunda, datada de 4 de Setembro, a remessa que faz de quatro pacotes, contendo 43 folhetos de publicações nacionaes; e na terceira, de 7 do mesmo mez de Setembro, enviando tambem por intermedio do Sr. consul brasileiro, 59 volumes.

OFFERTAS

Houve as seguintes offertas :

Pelo Sr. José Frederico da Costa, secretario do Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, um exemplar do *Relatorio* dos trabalhos da escola de humanidades e sciencias pharmaceuticas, do anno de 1875.

Pelo Sr. bacharel Luiz Raphael Vieira Souto, a sua obra *Melhoramento da cidade do Rio de Janeiro*, critica dos trabalhos da respectiva commissão.

Pelo Sr. Dr. Americo Brasiliense, por intermedio do Sr. conselheiro Olegario H. de A. e Castro, a sua obra: *Lições de historia patria*, impressa em S. Paulo.

Pela Illma. camara municipal da côrte , *Relatorio* da commissão de contabilidade e orçamento sobre o balanço da mesma Illma. camara.

Pelo Sr. bacharel Joaquim Maria dos Anjos Espozel, *Revista mensal das decisões proferidas pela relação da côrte em processos civeis, commerciaes e crimes*.

Pelo Club Litterario Coritibano da provincia do Paraná, os seus estatutos.

Pela Sociedade de Sciencias Naturaes de Cherbourg : *Mémoires de la Société Imperiale des Sciences Naturelles de Cherbourg*. Tomos 7° a 19°—13 volumes e catalogo das mesmas.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

O Sr. presidente nomeou uma deputação, composta dos membros presentes, sendo orador o Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, para no dia 15 de Outubro felicitar a SS. AA. Imperial Regente e Real o Sr. conde d'Eu, pelo felicissimo primeiro anniversario natalicio do serenissimo principe do Grão Pará, e ao mesmo tempo designou o Sr.

conselheiro Olegario para substituir na commissão de historia ao Sr. Dr. J. M. da Silva Paranhos, que se acha ausente.

ORDEM DO DIA

Leram-se e remetteram-se ás respectivas commissões as seguintes propostas :

« 1.ª Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro ao Sr. barão de Schreiner, ministro de S. M. o Imperador da Austria e Hungria n'esta côrte. Sala das sessões do Instituto Historico Brasileiro, 29 de Setembro de 1876.—*Homem de Mello.—Joaquim Manoel de Macedo. —C. Honorio de Figueiredo,—Candido Mendes de Almeida.— O. H. de Aquino e Castro.— Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.*

2.ª « Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro ao Sr. Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, advogado e escriptor, residente na cidade de S. Paulo, servindo de titulo de admissão o seu trabalho historico, recentemente publicado n'aquella cidade, com o titulo *Lições de historia patria.* Sala das sessões do Instituto, aos 29 de Setembro de 1876. — *O. H. de Aquino e Castro. — Homem de Mello. — Joaquim Manoel de Macedo. — Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.*»

Ficaram sobre a mesa, para serem discutidos e votados na proxima sessão, os seguintes pareceres :

1.º « Tendo sido proposto para socio correspondente do Instituto o Dr. Manoel Jesuino Ferreira, servindo-lhe de titulo de admissão a memoria por elle escripta, intitulada *A Provincia da Bahia*, que, examinada pela commissão de geographia, foi considerada digna do acolhimento

do Instituto, julga a commissão de admissão de socios que o mesmo senhor póde ser recebido n'esta associação.

« O Dr. Manoel Jesuino Ferreira, filho legitimo de João Gonçalves Ferreira e de D. Francisca Barbara Ferreira, nasceu na capital da provincia da Bahia aos 3 de Janeiro de 1833. Completos os estudos de humanidades matriculou-se na faculdade de direito de Olinda, e graduado em sciencias sociaes e juridicas em 1854, regressou para sua provincia natal; serviu interinamente os cargos de promotor e delegado de policia da capital; fundou com seu cunhado o Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho o *Diario da Bahia*, empreza que deixou para vir estabelecer-se na côrte em 1857, onde, nomeado official da secretaria da Justiça, foi removido em 1861 para a do Imperio, como chefe interino da secção dos negocios ecclesiasticos, que passou a fazer parte d'este ministerio. Occupou por duas vezes o cargo de secretario da presidencia da Bahia, foi em 1866 redactor; do *Diario Official*, actualmente exerce o lugar de sub-director do ministerio do Imperio. Tem publicado os seguintes trabalhos: *Regimento de custas*, *Promptuario eleitoral*, dois livros de leitura para uso de seus filhos, diversas poesias avulsas, a traducção em verso do *Templo de Gnido* de Montesquieu, e está a concluir a traducção do poema de Dante a *Divina comedia*. Sala das sessões, em 15 de Setembro de 1876.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. — Agostinho Marques Perdigão Malheiro.— Dr. João Ribeiro de Almeida.* »

2.° « A commissão de fundos e orçamento tem a honra de submetter á consideração do Instituto o resultado do exame das contas do anno social de 1875.

« Dos livros e documentos apresentados pelo Sr. thesoureiro, vê-se que:

« A receita importou em Rs. 20:539$091

« A saber :

Saldo de 1874..............	11:840$991	
Consignação do thesouro....	7:000$000	
Juros de 10 apolices........	600$000	
Ditos da caixa economica....	99$300	
Cobrança da divida activa....	156$000	
Dita da dita corrente........	636$000	
Venda de *Revistas*..........	206$800	20:539$091
A despeza effectuada........		8:565$500
Saldo...... Rs.		11:973$591

« Demonstração do saldo :

Em 10 apolices.............	10:000$000
Em deposito na caixa economica................	1:731$475
Em dinheiro..............	242$116
	11:973$591

« Comprovam as despezas 35 documentos legaes. A escripturação acha-se em dia, pagas todas as despezas do anno social. Sala das sessões, 21 de Julho de 1876.—*Francisco José Borges.* — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

ORÇAMENTO PARA 1876

E' orçada a receita em	Rs.	8:946$000
§ 1.° Prestação do thesouro..	7:000$000	
§ 2.° Juros de 10 apolices...	600$000	
§ 3.° Ditos na caixa economica	106$000	
	7:706$000	
§ 4.° Cobrança da divida activa	200$000	
§ 5.° Joias................	40$000	
§ 6.° Vendas de *Revistas*.....	300$000	
§ 7.° Annuidades dos socios...	700$000	8:946$000

E' fixada a despeza:

§ 1.° Impressão da *Revista*...	3:500$000	
§ 2.° Reimpressão.........	500$000	
§ 3.° Encadernação e compra de livros.............	1:300$000	
§ 4.° Vencimentos dos empregados................	2:800$000	
§ 5.° Trabalhos de lythographia..................	200$000	
§ 6.° Expediente e despezas diversas.............	646$000	8:946$000

« E' de parecer a commissão que, dando-se por approvadas as contas do anno social de 1875, louve-se ainda esta vez ao Sr. thesoureiro pelo zelo e dedicação com que desempenhou tão ardua commissão Sala das sessões, 21 de Julho de 1876.— *Francisco José Borges.— Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

Ficaram adiados até que fossem publicados pela imprensa os dois pareceres ultimamente apresentados e lidos pelo Sr. relator da commissão de geographia.

Foram approvados por escrutinio secreto os dois pareceres da commissão de admissão de socios, que haviam ficado sobre a mesa, favoraveis aos Srs. Luiz de França Almeida e Sá e João Barbosa Rodrigues, sendo estes senhores proclamados pelo Sr. presidente, membros correspondentes do Instituto.

O Sr. senador Candido Mendes de Almeida terminou a leitura de suas *Notas para a historia patria — João Ramalho, o bacharel de Cananéa, precedeu a Colombo na descoberta da America?*

Finda a leitura, levantou-se a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

11ª SESSÃO EM 13 DE OUTUBRO DE 1876

Presidencia do Exm. Sr. conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Cesar Augusto Marques, senador Candido Mendes de Almeida, Maximiano Marques de Carvalho, Antonio Alvares Pereira Coruja e Miguel Antonio da Silva, o Sr. conselheiro Homem de Mello, 3° vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, procedeu á leitura da acta da antecedente, a qual, posta em discussão e não havendo quem fizesse observações sobre o seu conteúdo, o Sr. presidente deu-a por approvada.

EXPEDIENTE

O expediente, apresentado pelo Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, constou da communicação do Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, de não poder comparecer á sessão por se achar ausente da côrte; e das seguintes

OFFERTAS

Pela secretaria da agricultura: *Memorial* sobre uma via ferrea inter-oceanica do Rio de Janeiro á Lima, por Ch. Palm, traduzido do inglez;—*Estradas de ferro da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul*: *Pareceres* do engenheiro Eduardo José de Moraes.

Pela Sociedade Real de Geographia de Londres, *Proceedings of the Royal Society*. London, 1876.

Varios jornaes remettidos pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Entrou em discussão e approvou-se o parecer da commissão de fundos e orçamento, dado sobre as contas apresentadas pelo Sr. thesoureiro, relativas ao anno findo, e orçando a receita e despeza do presente exercicio, bem como as duas seguintes emendas :

1.ª « Elevem-se os vencimentos do escripturario e do encarregado da bibliotheca a 1:000$, visto a exiguidade d'estes vencimentos em relação aos serviços prestados por esses empregados. S. R.—*C. H. de Figueiredo.* »

2.ª « Proponho que o porteiro, que serve de continuo, em lugar de 600$ tenha annualmente 720$. 13 de Outubro de 1876.—*A. Coruja.* »

Approvou-se unanimemente, por escrutinio secreto, o parecer da commissão de admissão de socios, favoravel á admissão ao gremio do Instituto do Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira, sendo o mesmo senhor declarado socio correspondente.

Approvou-se e remetteu-se á commissão de geographia a seguinte proposta :

« Tendo o presidente do Instituto Geographico de Vienna d'Austria convidado ao Instituto Geograhico Brasileiro a auxiliar o estabelecimento de estações scientificas para fazerem-se observações e estudos synchronicos em relação á meteorologia, magnetismo terrestre, e apreciações das auroras boreaes e austraes, segundo o projecto proposto pelos sabios Mr. Weyprecht e conde de Wilczek, o qual foi bem recebido pelas sociedades geographicas de Paris e de Berlim ; aquelles sabios propôem que as estações scientificas sejam installadas nas regiões polares de 70° a 80° de latitude, no pólo boreal, como no austral ; que ao menos uma das estações esteja muito proxima dos pólos, que é o ponto onde existe o maximo de intensidade magnetica.

« Sendo este convite acolhido favoravelmente por este Instituto Geographico Brasileiro, como foi pelas sociedades de geographia de Paris e Berlim, e como é aconselhado pela commissão de geographia d'este Instituto, proponho que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, por intermedio de seu presidente, solicite do governo imperial as pro-

videncias necessarias para se estabelecer na ilha de Marajó, no Pará, uma estação scientifica ou observatorio astronomico e meteorologico, semelhante aos dos professores Palmieri no Vesuvio, em Napoles, e do padre Secchi em Roma. Indico essa região na foz do Amazonas por estar debaixo do equador, e se dar alli o *maximo* de irradiação magnetica ou a linha *neutra*.

« A razão em que me fundo é a seguinte: se a reunião das forças magneticas nas regiões polares produz phenomenos meteorologicos importantes para a sciencia, como são as auroras boreaes e austraes, tambem as irradiações magneticas, em seus *pontos maximos* até a linha neutra nas regiões equatoriaes, produzem phenomenos igualmente importantes, os quaes póde-se chamar *crepusculo* equatorial, e são dignos de serem observados e estudados.

« O crepusculo equatorial apresenta uma immensa curva luminosa, onde se observam côres muito variadas, e são mais constantes : a luz vermelha na base, a verde-clara no centro e a amarella côr de ouro nas extremidades. Esta curva representa um oceano de luz, onde fluctuam montanhas, bosques, valles, crateras e catadupas, todas illuminadas e com variadas côres.

« Estes quadros se observam muitas vezes nas proximidades do equador, das 4 ás 8 horas da tarde, e por circumstancias meteorologicas os raios luminosos e as côres se assemelham ás que apresentam as auroras boreaes e austraes.

« Em segundo lugar produzem-se no valle do Amazonas phenomenos atmosphericos de electrisação tão importantes, e certamente os mais consideraveis no continente americano, e portanto dignos de serem estudados. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 12 de

Outubro de 1876.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* —*Carlos Honorio de Figueiredo.* »

Discutiram-se e approvaram-se os dois pareceres da commissão de geographia lidos na ultima sessão, versando um sobre a carta dos Srs. Weyprecht e conde de Wilczek, convidando o Instituto a proceder observações scientificas nas latitudes mais proximas dos pólos, com relação á meteorologia, ao estudo do magnetismo terrestre e á theoria das auroras boreaes; outro a respeito da carta dos membros da commissão de geographia commercial, delegada da Sociedade de Geographia e camaras syndicas de Paris, solicitando a attenção d'este Instituto para a importante questão da abertura de um canal inter-oceanico na America, e a nomeação de uma commissão que entenda-se com a de Paris e formule seu voto sobre esse projecto em estudo.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo continuou a leitura da sua memoria sob o titulo *Motim politico do mez de Dezembro de* 1833 *no Rio de Janeiro.*

Finda a leitura, levantou-se a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,
2° SECRETARIO SUPPLENTE.

12ª SESSÃO EM 27 DE OUTUBRO DE 1876

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. I. REGENTE E DE SEU AUGUSTO ESPOSO

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 1/2 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Carlos Honorio

de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes de Almeida, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Felizardo Pinheiro de Campos, José Tito Nabuco de Araujo, Antonio Alvares Pereira Coruja, Manoel Jesuino Ferreira, Maximiano Marques de Carvalho e Rozendo Muniz Barreto, annunciou-se a chegada de S. A. I. Regente, acompanhada de S. A. R. o Sr. conde d'Eu, presidente honorario d'este Instituto, que foram recebidos com as devidas honras, e, tomando assento, o Sr. 1° vice-presidente Dr. Joaquim Manoel de Macedo abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2° secretario, leu a acta da antecedente, a qual, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1° secretario, deu conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Carta do Sr. visconde de Porto Seguro, pedindo que, na reimpressão do vol. XIV da *Revista* d'este Instituto, no qual está escripta a vida de Gabriel Soares, editada e commentada por elle, se tenham em conta, corrigindo primeiro, não sómente as erratas que se acham no mesmo volume, como outras que desde 1851 têm encontrado e serão presentes, conjunctamente com algumas paginas que envia, como additamento á nova edicção, contendo importantes dados biographicos acêrca do mesmo Gabriel Soares.—Remetteu-se á commissão de redacção.

Duas cartas do Sr. Henrique Laemmert, consul do Estado de Baden n'esta côrte, e socio d'este Instituto, pedindo para a bibliotheca grã ducal de Carlsruhe, na capital d'aquelle Estado, uma collecção de *Revistas*, e outra para o

sabio professor Wapaus, em Gottingen, conhecido por seus trabalhos litterarios relativos ao Brasil.— Resolveu-se que se dessem as collecções solicitadas.

O Sr. presidente nomeou o Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos para representar o Instituto nas sessões do Congresso dos Americanistas em Luxemburg.

O Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira, em breves palavras, agradeceu ao Instituto o haver-lhe admittido em seu gremio como socio correspondente, promettendo empregar esforços para corresponder á confiança e benevolencia d'esta associação.

O Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo pediu a palavra e communicou ao Instituto que a commissão encarregada pelo mesmo de felicitar a SS. AA. Imperiaes, pelo anniversario natalicio do principe do Grão Pará, dirigiu-se no dia 15 do mez proximo passado ao palacio Isabel, e ahi cumpriu sua missão, pronunciando elle, como orador da dita commissão, a seguinte allocução:

« Senhora.—O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, cheio do mais vivo jubilo vem felicitar a V. A. Imperial, a seu augusto consorte e á familia imperial, pelo primeiro anniversario natalicio do principe do Grão Pará, dilecto fructo do feliz consorcio de V. A. Imperial e seguro penhor da paz publica, da consolidação da dynastia imperial e do systema monarchico representativo, que providencialmente nos rege.

« Herdeiro de um nome illustre, descendente de duas casas soberanas, que têm exaltado a purpura dos reis e a cruz preciosa da religião immortal do christianismo, o principe infante, filho do bravo principe que conquistou o titulo de brasileiro no campo da honra, neto de um rei sabio e magnanimo, bisneto do heroico fundador do Imperio, e primogenito da adorada e excelsa princeza, pre-

destinada pelo seu patriotismo, religião e virtude, a cingir o diadema imperial, será no porvir o idolo e orgulho de seus augustos pais, e a gloria do Imperio sul americano. Palacio Isabel, 15 de Outubro de 1876.—O orador interino do Instituto, *J. T. Nabuco de Araujo* »

S. A. Imperial dignou-se responder que agradecia muito ao Instituto Historico Geographico Brasileiro.

O Sr. presidente declarou que a resposta de S. A. Imperial era recebida com o maior acatamento.

OFFERTAS

Houve as seguintes offertas :

Pelo Sr. Charles Pradez: *Nouvelles Études sur le Brésil.* Paris, 1876.

Pelo Sr. Dr. Paula Ramos: o 1° vol. da sua obra *Commentario ao codigo criminal brasileiro.* Rio de Janeiro, 1875.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, o seu *Boletim* do mez de Julho do corrente anno.

Pelo Sr. Francisco Ramos Paz: *Noticia do archipelago dos Açores*, por Accurcio Garcia Ramos. Lisboa, 1871.

Pelo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho, residente na cidade do Porto, um exemplar do *Relatorio* que apresentou á commissão iniciadora de uma escola para surdos-mudos, precedido de uma carta do Sr. Dr. Antonio Luiz Ferreira Girão, lente de chimica da academia polytechnica. Porto, 1875.

Pela Sociedade, *Canal interocéanique sans écluses en Tunnells à travers le territoire du Darin entre les golfes d'Uraba et de St. Mihhel* (États-Unis de Colombie). Paris, 1876.

O n. 5. do periodico *Lanterna*, offertado pela redacção.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.
As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leram-se e remetteram-se ás respectivas commissões as seguintes propostas:

1.ª « Proponho para membro correspondente d'esta associação o Sr. Alberto Tootal, em vista de sua traducção da obra de Hans Staden, em inglez, de que offereceu um exemplar para a bibliotheca do Instituto. S. R.— *Candido Mendes de Almeida.* »

2.ª « Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro ao Sr. Charles Pradez, natural da Suissa, residente no Brasil desde 1843, negociante d'esta praça, servindo de titulo para sua admissão o seu trabalho *Novos estudos sobre o Brasil.* Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 27 de Outubro de 1876.—*Carlos Honorio de Figueiredo.* —*Homem de Mello.*—*O. H. de Aquino e Castro.* »

3.ª « Reconhecendo os valiosos serviços prestados a este Instituto pelo muito prestimoso socio o Illm. e Exm. Sr. senador Candido Mendes de Almeida, o propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Sala das sessões, 27 de Outubro de 1876.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*—*O. H. de Aquino e Castro.* —*J. T. Nabuco de Araujo.* — *Carlos Honorio de Figueiredo.* »

Ficaram sobre a mesa, para serem votados na proxima sessão, os seguintes pareceres da commissão de admissão de socios.

1.° « Proposto para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil o 1° tenente da armada

o Sr. Francisco Manoel Alvares de Araujo, servindo-lhe de titulo de admissão o seu *Relatorio* da viagem de exploração dos rios das Velhas e de S.Francisco,nas provincias de Minas Geraes,Bahia e Pernambuco,o qual, examinado pela commissão de geographia, foi considerado mui importante e digno de ser reproduzido na *Revista* do Instituto, julga a commissão de admissão de socios que o mesmo senhor póde ser admittido n'esta douta associação.

« O Sr. Francisco Manoel Alvares de Araujo, filho legitimo de Manoel Eleuterio Alvares de Araujo, nasceu em 24 de Fevereiro de 1829 na cidade da Cachoeira, provincia da Bahia. Tendo estudado humanidades, matriculou-se em 1846 na academia de marinha, e terminando o curso, com approvações plenas, seguiu a carreira da marinha de guerra, chegou a 1° tenente, posto em que se reformou em 1861. Encarregado pelo governo imperial, explorou os rios das Velhas e S. Francisco, e apresentou o competente relatorio ; redigiu e collaborou em diversos periodicos : é autor de varias obras; entre outras, dos dramas *De ladrão a barão* e *Dedicação*, membro do conselho fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, cavalleiro da ordem da Rosa e tem a medalha da campanha do Paraguay. Sala das sessões, em 13 de Outubro de 1876.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.* — *Agostinho Marques Perdigão Malheiro.* »

2.° « Apresentado por seis conspicuos membros d'este Instituto para socio honorario o Sr. barão G. Schreiner, ministro da Austria n'esta côrte, o qual, além de haver-se distinguido na carreira diplomatica, é provecto nas letras e sciencias, e mui versado nas litteraturas grega e latina, julga a commissão de admissão de socios que o mesmo senhor é digno do honroso titulo para o qual foi proposto. Sala das sessões, em 13 de Outubro de 1876.—*Dr. Manoel*

Duarte Moreira de Azevedo. — Agostinho Marques Perdigão Malheiro. »

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo concluiu a leitura de sua memoria *Motins politicos no mez de Dezembro de* 1833 *no Rio de Janeiro.*

Finda a leitura, levantou-se a sessão.

J. T. Nabuco de Araujo,

SERVINDO DE 2° SECRETARIO.

13ª SESSÃO EM 10 DE NOVEMBRO DE 1876

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. I. REGENTE E DE SEU AUGUSTO ESPOSO

Presidencia do Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, senador Candido Mendes de Almeida, José Tito Nabuco de Araujo, Maximiano Marques de Carvalho, Joaquim Antonio Pinto Junior, Benjamim Franklin Ramiz Galvão, tenente-coronel Francisco José Borges e conego Manoel da Costa Honorato, annunciou-se a chegada de S. A. I. Regente e de seu augusto esposo o Sr. conde d'Eu, que foram recebidos com as honras do estylo.

Não tendo comparecido nenhum dos vice-presidentes, o Sr. Dr. Carlos Honorio, como membro mais antigo e na fórma dos estatutos, abriu a sessão e nomeou ao Sr. Dr. José Tito para servir de 2° secretario interino, o qual procedeu á leitura da acta da antecedente, que, posta em discussão, foi approvada.

EXPEDIENTE

Constou o expediente do seguinte :

Communicação dos Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Cesar Augusto Marques e Antonio Alvares Pereira Coruja, de não poderem comparecer á sessão por justo impedimento.

Aviso e copia annexa do ministerio de Estrangeiros :

« Secção central.—Rio de Janeiro. Ministerio dos Negocios Estrangeiros, 2 de Novembro de 1876.—Com o officio que V. S. serviu-se dirigir-me em 16 de Outubro recebi a copia do parecer com que se conformou o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e que lhe foi dado pela sua commissão de trabalhos geographicos sobre o projecto de estações scientificas apresentado pelos Srs. Weyprecht e conde de Wilczek.

« Agradecendo a communicação d'esse parecer, inclusa remetto a V. S., para conhecimento do Instituto, copia da nota que passei ao ministro da Austria-Hungria.

« Aproveito a opportunidade para offerecer a V. S. os protestos da minha perfeita estima e consideração.—*Barão de Cotegipe.*—Ao Sr. conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, vice-presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. »

« *Copia annexa ao despacho de 2 de Novembro de* 1876. —Rio de Janeiro. Ministerio dos Negocios Estrangeiros, 28 de Outubro de 1876.— Secção central n. 8.—De conformidade com o desejo que o Sr. barão de Schreiner, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. I. e R. Apostolica, manifestou na sua nota de 14 do corrente, e como tive a honra de certificar-lhe na minha res-

posta de 19 do referido mez, transmitti sem demora ao Instituto Historico a carta do Sr. Weyprecht, que lhe era dirigida, e os documentos a ella annexos.

« No parecer, constante da inclusa copia, adheriu o Instituto ao projecto dos Srs. Weyprecht e conde de Wilczek, apoiando-o perante o governo imperial. Tomou este em consideração o assumpto, mas não póde pronunciar-se definitivamente, embora reconheça a sua importancia, sem saber quaes os meios de que os referidos senhores dispôem para a execução de um projecto dependente de avultada despeza, que se tornará permanente se elle tiver todo o seu desenvolvimento, e qual a parte que tocará ao Brasil.

« Na opinião do governo imperial o projecto não póde ser levado a effeito senão com o accordo e coadjuvação de diversos governos; e em taes condições não se apresenta elle, nem mesmo por parte do de S. M. I. e R. Apostolica. Logo, porém, que o governo do Brasil se convença da exiquibilidade do projecto, pela adhesão de um ou mais Estados, examinará até que ponto lhe será permittido prestar a sua coadjuvação, e para isto confia que o Sr. barão de Schreiner lhe communicará o que occorrer.

« Tenho a honra de reiterar ao Sr. ministro as seguranças da minha alta consideração.—*Barão de Cotegipe.*—Ao Sr. barão de Schreiner. Conforme. — *Barão de Cabo Frio.* »

OFFERTAS

Officio do Sr. director da secretaria de estrangeiros, enviando, de ordem de S. Ex. o Sr. ministro da mesma repartição, os primeiros cinco volumes da obra intitulada *Documentos para a historia da vida publica do libertador da Colombia, Perú e Bolivia.*

Carta do Sr. José A. Tavolara, bibliothecario da bibliotheca publica de Montevidéo, remettendo a ultima parte do tomo 3° e o 4° (ultimo) da *Legislação vigente da republica Oriental do Uruguay*, declarando o mesmo senhor que para complemento da obra faltam alguns fasciculos do primeiro volume, já enviado a este Instituto, e que opportunamente élle os remetterá.

Dita do mesmo senhor, avisando que autorisou ao Sr. consul geral d'aquella republica n'esta côrte para receber a collecção de *Revistas*, e outros documentos historicos que solicitou d'este Instituto para a bibliotheca publica de Montevidéo.

Carta do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, transmittindo um documento que lhe foi enviado com destino a este Instituto pelo Sr. visconde de Porto Seguro, a respeito de Antonio Teixeira de Mello, o restaurador do Maranhão do poder dos hollandezes.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leram-se e ficaram sobre a mesa, para serem discutidos e votados na proxima sessão, os dois seguintes pareceres, dados pela commissão subsidiaria de historia sobre os trabalhos que servem de titulos de admissão aos Srs. Dr. Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque e Augusto Emilio Zaluar.

1.° « A commissão subsidiaria de trabalhos historicos examinou, como lhe cumpria, os trabalhos apresentados como titulo á admissão do Exm. Sr. Dr. Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque ao lugar de socio correspondente d'este Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Avulta como obra capital o *Recenseamento da população do Imperio*, feito, como se sabe, sob sua immediata direcção, e de accordo com o plano organisado por S. Ex. para este importantissimo trabalho.

« E' geralmente reconhecido que, em obras d'esta natutureza, afóra o trabalho material e as minucias de execução, que muito concorrem para a exactidão dos dados, o plano, a direcção é tudo. Ora, a commissão folga de reconhecer que esta parte, toda feita sob o influxo immediato do Exm. Sr. Dr. Campos de Medeiros, é um verdadeiro modelo de trabalhos de recenseamento, capaz de entrar em competencia com os mais bem acabados do velho mundo, onde tanto desvelo se tem dispensado a esta ordem de estudos.

« A commissão não ignora que os resultados numericos obtidos, e que constam dos muitos volumes da estatistica do Imperio já publicados, estão ainda um pouco longe de ser a fidelissima expressão da verdade ; mas sabe tambem que essa deficiencia é toda filha de causas locaes, difficeis de remover-se, e completamente independentes do plano felizmente concebido. E' outrosim inconcusso que semelhante imperfeição dos resultados está por assim dizer intimamente ligada aos trabalhos estatisticos de grande vulto, em que pretender uma exacção mathematica é pretender o impossivel.

« O ultimo recenseamento do Imperio, pois, não obstante suas leves maculas, honra o illustrado Sr. Dr. Campos de Medeiros e Albuquerque, e constitue um legitimo titulo á sua admissão n'este Instituto.

« A commissão folga entretanto de confessar que, já pelos seus escriptos (politicos ou não), publicados em cêrca de vinte jornaes de Caxias, do Maranhão, do Recife e d'esta côrte, já pelas suas annotações á obra de Dupin *Reflexões*

sobre o ensino e estudo do direito (Recife, 1868, in-4° pequeno), já pelas utilissimas *Taboas chronologicas*, que está presentemente organisando, o Sr. Dr. C. de Medeiros e Albuquerque se fazia credor da nossa attenção.

« A commissão é, pois, de parecer que a referida proposta está no caso de ser approvada pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Sala das sessões, 10 de Novembro de 1876.—*Dr. B. Franklin Ramiz Galvão*, relator.—*José Tito Nabuco de Araujo.* »

2.° « A' commissão subsidiaria de trabalhos historicos foi presente a proposta do Sr. Augusto Emilio Zaluar para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, servindo-lhe de titulo á admissão os seus trabalhos litterarios, e especialmente o livro que ultimamente publicou sob o titulo *A Exposição nacional brasileira de* 1875.

« Não são desconhecidas á commissão as differentes obras com que firmou o Sr. A. E. Zaluar seus creditos de litterato, e fôra, repetir o que a critica tem dito de sobejo, encarecer ainda uma vez o valor d'essas producções. O Sr. Zaluar é dos bons poetas de nossa geração, e na especie litteraria, recentemente cultivada com tanto brilho por J. Verne em França, estreiou elle ha pouco o seu talento, dando-nos o *Doutor Benignus*, que é um feliz ensaio de applicação d'aquella moderna fórma de romance ás cousas de nosso paiz e á descripção de nossa natureza.

« Seu ultimo trabalho *A Exposição nacional brasileira de* 1875 é uma prova da perspicacia e da variada illustração que adornam o talento do Sr. Zaluar, e, posto que a rigor se não possa intitular uma obra historica tal como a exigem os nossos estatutos para titulo de admissão ao gremio d'esta nobre associação, é todavia até certo ponto um documento historico para os annaes da industria nacio-

nal e um lucido commentario de nossas riquezas naturaes.

« A commissão é, pois, de parecer que a proposta está no caso de ser approvada, e ousa esperar muito da applicação do talento do Sr. A. E. Zaluar ao genero especial de estudos que constitue a nossa divisa e o nosso legitimo empenho. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 10 de Novembro de 1876.—*Dr. B. Franklin Ramiz Galvão*, relator. — *José Tito Nabuco de Araujo.* »

Foram unanimemente approvados por escrutinio secreto os dois pareceres da commissão de admissão de socios, que haviam ficado sobre a mesa, favoraveis aos Srs. barão de Schreiner e Francisco Manoel Alvares de Araujo, sendo estes senhores admittidos ao Instituto, aquelle como socio honorario e este como correspondente.

O Sr. Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior pediu a palavra, e leu um trabalho biographico sobre o Dr. João Baptista Badaró e seu assassinato na provincia de S. Paulo.

Finda a leitura levantou-se a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2º SECRETARIO SUPPLENTE.

14ª SESSÃO EM 24 DE NOVEMBRO DE 1876

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, conselheiro Francisco

Ignacio Marcondes Homem de Mello, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Felizardo Pinheiro de Campos, Nicoláo Joaquim Moreira, João Wilkens de Mattos, tenente-coronel Francisco José Borges, Antonio Alvares Pereira Coruja, Maximiano Marques de Carvalho, Benjamim Franklin Ramiz Galvão, Francisco Manoel Alvares de Araujo, João Ribeiro de Almeida, senador Candido Mendes de Almeida, José Tito Nabuco de Araujo e Dr. Luiz Francisco da Veiga, o Sr. 1° vice-presidente Dr. Macedo abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo leu a acta da antecedente, a qual, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1° secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, communicando que, por incommodos de sua saude, não póde comparecer á presente sessão.

Dito do Exm. Sr. barão G. Schreiner, ministro da Austria n'esta côrte, agradecendo ao Instituto o haver-lhe admittido em seu gremio como membro honorario, e accusando o recebimento do respectivo diploma.

Requerimento de D. Francisca da Costa Ferreira Lagos, viuva do Dr. Manoel Ferreira Lagos, pedindo que se lhe mande dar uma attestação ou certificado dos serviços prestados por aquelle seu finado marido a este Instituto.—Resolveu-se que os Srs. presidente e secretario deferissem como entendessem, para o que tinham a necessaria autorisação.

OFFERTAS

Houve as seguintes offertas:

Pela secretaria da Agricultura: *Breve noticia sobre a provincia do Maranhão*, escripta pelo Sr. Fabio Hostilio de Moraes Rego.

Pelo Sr. Dr. José Avelino Gurgel do Amaral: *Uma these constitucional*, a suspensão e demissão dos magistrados pelas assembléas provinciaes.

Pelo Sr. bacharel Joaquim Maria dos Anjos Esposel: a *Revista* do mez de Setembro do corrente anno das decisões proferidas pelo tribunal da relação d'esta côrte nas causas civeis, commerciaes e crimes.

Pela secretaria de Estado dos negocios da marinha e ultramar: *Constituição e regulamento* da commissão central permanente de geographia. Lisboa, 1876.

Pelo Sr. Lino de Almeida: os nove primeiros numeros do jornal *Imprensa industrial* do corrente anno.

Pelo Sr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão, bibliothecario da bibliotheca publica d'esta côrte, o primeiro fasciculo dos *Annaes* da mesma.

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca publica de Montevidéo, *Estudos geraes sobre a contadoria geral* da republica do Uruguay; *Cathecismo do curso de agricultura*, com estampas, por Antonio F. Caravia, 4ª edição corrigida, e *Instituições da Fazenda Publica* da republica Oriental do Uruguay, por Luiz Ricardo Fors.

Pelo Sr. Affonso de Figueiredo, por intermedio do Sr. Dr. Carlos Honorio; *Le Portugal*, considérations sur l'état de l'administration des finances, de l'industrie et du commerce de ce royaume et de ces colonies. Lisbonne, 1873.

Pelo Sr. U. do Amaral : *Discurso* proferido a 11 de Agosto de 1876 no salão do Grande Oriente Unido, e *Dis-*

curso proferido pelo grão-mestre e grande commendador da ordem Joaquim Saldanha Marinho por occasião da posse das administrações das lojas Confraternidade Beneficente e Ceres, em Cantagallo.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e remetteu-se ás commissões de geographia e redacção da *Revista* a seguinte proposta :

« Dispondo o art. 3º dos estatutos d'este Instituto que se publique de tres em tres mezes um folheto, que tenha pelo menos 12 folhas de impressão, com o titulo seguinte : *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tendo esta revista até hoje publicado sómente trabalhos historicos, propomos que d'esta data em diante seja publicado em todos os numeros d'esta *Revista Trimensal* uma carta geographica, topographica ou hydrographica, das differentes regiões do Brasil, principiando desde já pelas ineditas, as mais importantes e esclarecidas com os nomes dos lugares, lagos, rios, montanhas, portos, cidades, etc., de fórma que indiquem perfeitamente estas regiões. Muitas d'estas cartas ineditas, e algumas publicadas em resumida edição, acham-se na livraria d'este Instituto, na bibliotheca publica e no archivo da secretaria de Estado dos negocios estrangeiros. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 24 de Novembro de 1876. —*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.—Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão.* »

Ficaram adiados a proposta e parecer seguintes :

« Proponho que se comprem para a bibliotheca do Instituto as obras publicadas pela Sociedade Hakluyt, que têm relação com a historia e geographia da America, enu-

meradas na ultima noticia publicada pela mesma sociedade, e outras que acompanham a mesma noticia sobre a geographia e historia da Asia Occidental e Africa.—*C. Mendes de Almeida.* »

« A commissão de fundos e orçamento, concordando com a proposta supra, é de parecer que se autorise ao Sr. thesoureiro a comprar as obras publicadas pela Sociedade Hakluyt, deduzindo-se da verba correspondente do orçamento vigente a quantia necessaria. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 24 de Novembro de 1876.—*Francisco José Borges.—Dr. Nicoldo Joaquim Moreira.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*»

Leu-se, e ficou sobre a mesa para ser discutido e votado na primeira sessão, o seguinte parecer :

« A commissão de historia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo examinado o livro que, sob o titulo de *Lições de historia patria* pelo Dr. Americo Brasiliense, acaba de ser publicado em S. Paulo, vem, de conformidade com o disposto nos estatutos que regem esta associação, emittir o seu parecer sobre o merecimento d'este trabalho litterario.

« Não é um tratado o livro do Sr. Dr. Americo Brasiliense ; simples, e modesto na fórma e no objecto, representa apenas o patriotico e louvavel intuito da parte do autor de coadjuvar os esforços de um instructor da mocidade no bom desempenho de sua nobre missão.

« Compõe-se o volume de 36 prelecções feitas em 1873 em um collegio particular, e mais tarde compiladas e dadas á luz da publicidade pelo editor José Maria Lisboa.

« Sendo a intenção unica do mestre implantar no animo dos seus jovens alumnos o amor pelo estudo das cousas patrias, e despertar a attenção dos ouvintes para um assumpto que tão de perto interessa á educação, destinan-

do-se a ensinar sem fadiga e esclarecer sem pretensão, bem se vê que não podiam deixar de ser as breves lições que dictava limitadas pelo fim a que se propunha o instituidor, e adequadas ás circumstancias que as motivavam.

« Nem se podia exigir mais, tendo-se em mente quanto é difficil discorrer sobre assumpto de tão transcendente importancia, quando tem o autor consciencia da responsabilidade que assume perante a actualidade, que o attende, e a posteridade, que o aguarda, para julgar a causa da verdade com a isenção de animo que muitas vezes falta ao observador contemporaneo.

« O criterio da historia é a verdade. E' a historia, na phrase de A. Herculano, uma sciencia social, destinada a enriquecer o futuro com a experiencia do passado.

« Não a escreve aquelle que sómente narra, mas quem, narrando, traça com fidelidade e rigor as feições caracteristicas dos tempos que percorre e dos homens que apresenta, investigando com judiciosa critica a origem e a natureza dos acontecimentos, a época e o lugar em que se deram, os resultados que produziram, e a influencia social e politica que exerceram sobre os destinos da humanidade inteira.

« Grave e melindrosa é a missão do historiador philosopho, observador e analysta, que apprehende os factos, estuda-os e classifica-os, assignalando as relações que entre si guardam para deduzir, de causas certas e principios verdadeiros, effeitos legitimos e consequencias necessarias.

« Só não conhece a gravidade do encargo quem não comprehende o espirito e a sublimidade da historia.

« Se muitos são os que a escrevem, poucos os que de historiadores podem merecer o justo titulo.

« Não seja, pois, de estranhar-se que ainda raros se mostrem entre nós os bons trabalhos historicos, quando

sobrelevam as difficuldades com que lutam aquelles que ousam emprehendêl-os.

« Nem se attribua a pouquidade da colheita á falta de engenho e disposição dos cultores ; sobeja o talento ; espalha-se a instrucção; fulgura o genio nos provectos da sciencia ; surge brilhante e auspiciosa a geração nova, expandindo-se á luz da liberdade e do progresso ; mas, ainda assim, cede o esforço ao desalento, porque não ha incentivo que anime, nem força que resguarde o commettimento d'aquelles que propôem-se a desenvolver a nossa ainda rudimentaria litteratura.

« Segundo a observação de um sabio escriptor dos nossos dias, a litteratura d'este seculo tem perdido em profundeza o que tem ganho em extensão. O serviço do Estado e dos partidos não consente os longos e severos estudos. Cumpre que o talento seja como o relampago, que fulge e passa ; a terra chama por elle.

« Não é a culpa sómente d'aquelles que pretendem que o architecto dê a traça do edificio e carrêe para elle, como alguem já o disse, a pedra e o cimento ; mas sim de todos quantos, podendo, não concorrem com a efficacia dos meios de que dispôem para o desenvolvimento moral da sociedade por meio de protecção ás letras, favor ao estudo e apoio ás vocações, que ahi mangram á mingua de conforto e animação.

« Se, pois,não é muito o que hoje nos dá a reconhecida aptidão do digno prelector o Sr. Dr. Americo Brasiliense, nem por isso se deixe de reconhecer o merito da obra, já favoravelmente acolhida pela imprensa illustrada do paiz.

« Percorrem as lições o largo espaço que vai das arrojadas viagens de Christovão Colombo e Pedro Alvares Cabral até aos ultimos e memoraveis successos da historia dos nossos dias.

« Na cuidadosa investigação das primitivas chronicas, na deducção dos factos, desenvolvimento das idéas e exacta apreciação dos caracteres, guarda o autor a invariavel segurança e manifesta imparcialidade com que devem ser tratados os assumptos historicos.

« Em mais de um ponto, e sem quebra da verdade historica, se revela a tendencia que impelle o democrata á defesa afervorada das ideas liberaes; mas quem será aquelle que, na quadra em que vivemos, pretenderá impôr barreiras á livre expansão do pensamento?

« Quem poderá condemnar o escriptor que pugna pelos nteresses da humanidade, quando defende a santa causa da liberdade, que é tambem a causa da justiça?

« Ha nas primeiras lições muita noticia, muita noção exacta sobre a divisão de raças aborigenes, colonisação e catechese, missão dos jesuitas, influencia que exerceram sobre os povos que doutrinaram, e muito subsidio valioso para a histor ia dos tempos coloniaes.

« São, porém, de não menor proveito as ultimas lições, que comprehendem o periodo da historia contemporanea. Destaca-se ahi a parte relativa aos movimentos reaccionarios de 1842, illuminada por esclarecimentos, informações e documentos ainda pouco conhecidos, e sempre necessarios para que se possa bem julgar no futuro a causa que debateu-se no passado em nome da opinião e do poder.

« Pronunciando-se sobre factos de palpitante interesse para a politica do paiz, não esqueceu o autor o sensato conceito do conde de Ségur, quando nos diz que o melhor meio de escrever a historia de uma época notavel e agitada é expôr com franqueza e imparcialidade aos differentes partidos os erros que commetteram e os excessos a que se entregaram.

« As paixões, surdas á voz da justiça, não sabem conter-se sob o influxo do odio ou do enthusiasmo. Tudo o que póde favonear a paixão partidaria é innocente ; tudo o que a póde contrariar é criminoso. Tambem nos tempos de commoção e de lutas a moderação, culpada aos olhos dos homens de partido, não vem a ser justificada e absolvida senão pelo voto da posteridade.

« Emfim, conclue a commissão que o livro do Sr. Dr. Americo Brasiliense é digno da attenção do Instituto, não só pelo valor historico que encerra, como pelo fim a que se destina, e ao qual se mostra perfeitamente accommodado ; e n'estes termos julga de seu dever recommendal-o á consideração do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Sala das sessões, 24 de Novembro de 1876.— *O. H. de Aquino e Castro.—Dr. Cesar Augusto Marques.* »

Entraram em discussão, foram approvados e remettidos á commissão de admissão de socios os dois pareceres da commissão subsidiaria de historia, lidos na sessão antecedente, sobre os trabalhos dos Srs. Dr. Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque e Augusto Emilio Zaluar.

O Sr. 1.° vice-presidente Dr. Joaquim Manoel de Macedo leu a introducção e parte da *Biographia* que está escrevendo do fallecido e illustre brasileiro Evaristo Ferreira da Veiga, redactor da *Aurora Fluminense*.

O Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga leu em seguida um capitulo de uma obra que está concluindo, á qual deu o titulo *O Primeiro reinado estudado á luz da sciencia ou a revolução de 7 de Abril de 1831 justificada pelo direito e pela historia*, abrangendo este trabalho 36 capitulos.

Levantou-se a sessão ás 9 horas da noite.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÕES EM 21 DE DEZEMBRO DE 1876

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Tito Nabuco de Araujo, João Wilkens de Mattos, Antonio Alvares Pereira Coruja, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, Francisco Manoel Alvares de Araujo, Cesar Augusto Marques, Manoel Jesuino Ferreira, Francisco José Borges e João Ribeiro de Almeida, o Sr. Dr. Macedo, 1º vice-presidente abriu a sessão em assembléa geral para a eleição dos membros da mesa e das commissões que têm de funccionar no anno de 1876, e nomeou para escrutadores os Srs. Drs. Moreira de Azevedo e José Tito. Passando-se ao processo eleitoral, na fórma dos estatutos, foram eleitos os senhores :

PRESIDENTE

Visconde do Bom-Retiro.

1º VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

2º VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Sousa e Silva.

3º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.

1º SECRETARIO

Conselheiro Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes (para servir dois annos, na fórma dos estatutos).

2º SECRETARIO

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
José Tito Nabuco de Araujo.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

THESOUREIRO

Antonio Alvares Pereira Coruja.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Tenente-coronel Francisco José Borges.
Dr. Nicoláo Joaquim Moreira.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA « REVISTA »

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Cesar Augusto Marques.
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Dr. José Tito Nabuco de Araujo.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão.
Commendador João Wilkens de Mattos.
Dr. Rozendo Muniz Barreto.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Senador Candido Mendes de Almeida.
Conselheiro Guilherme Schuch de Capanema.
Dr. Miguel Antonio da Silva.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Capitão de mar e guerra José da Costa Azevedo.
Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães.
Dr. Ladisláo de Sousa Mello Netto.
Dr. Nicoláo Joaquim Moreira.

COMMISSÃO DE ADMISSAO DE SOCIOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
Dr. João Ribeiro de Almeida.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Senador Candido Mendes de Almeida,
Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.
Dr. Manoel Jesuino Ferreira.

Finda a eleição, o Sr. presidente, depois de agradecer a assiduidade e serviços prestados pelos socios do Instituto no corrente anno, levantou a sessão, declarando que o Instituto entrava em férias ; pediu então a palavra o Sr. Dr. Cesar Augusto Marques e propôz um voto de louvor á mesa administrativa pela maneira porque soube dirigir os trabalhos a contento do Instituto : esta moção foi unanimemente approvada.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1879.

DISCURSO

DO SR. PRESIDENTE DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

Senhora. — A munificencia imperial, abrindo as salas d'este paço á exposição annual dos trabalhos do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro, conferiu a esta sociedade, além de tão distincto favor, o prestigio de circumstancias locaes e adequadas, que emprestam certo enlevo ás suas sessões solemnes anniversarias.

Este palacio tem voz, voz que falla precisamente ao Instituto Historico, a voz da historia de mais de cem annos, que em sua passagem foram deixando lembranças memoraveis que os echos vindos do passado repetem, e furtando á indiscrição d'esses echos segredos politicos que a posteridade em suas conquistas de luz arrasará ou não.

N'este palacio, o conde de Bobadella apadrinhou a installação da academia dos *Selectos*, a primeira sociedade litteraria que teve o Rio de Janeiro, e de uma das janellas d'elle o mesmo Gomes Freire de Andrada assistiu ao embarque dos jesuitas fulminados pelo banimento que o marquez de Pombal conseguira de D. José I.

N'este palacio, o conde da Cunha deixou lição dolorosa d'aquella cegueira que foi a illimitada confiança em subal-

terno tornado arbitro do governo; o conde de Azambuja resvalou esteril por ephemero vice-reinado; o marquez de Lavradio, o vice-rei estadista, decretou futuros, mandando plantar o cafezeiro, e creando ou protegendo industrias novas; Luiz de Vasconcellos, o obreiro, ordenou que se abrisse uma rua onde havia um espigão de uma serra, e que se improvisasse bello jardim onde havia lagôa pestifera, e deu á cidade agua, flôres e noites de festa; o conde de Rezende dissolveu a Academia Scientifica, fez prender alguns de seus membros, e perseguiu aos outros a sonhar conjurações, e deixou o Rio de Janeiro e o Brasil como em noite de tempestade; D. Fernando José de Portugal foi aurora facilmente risonha depois do vice-reinado das trévas, e o conde dos Arcos apenas teve tempo de improvisar hospedagem para receber em 1808 a familia real portugueza, a fugir das aguias de Napoleão em frenesi de irresistivel vencedor.

Afóra o conde de Bobadella, sete vice-reis, e quarenta e cinco annos de vice-reinado com um *bastão* por symbolo do poder. Sete despotas e oppressores; mas dois ao menos fazendo perdoar o despotismo e a oppressão por grandes beneficios publicos, que realizaram.

Agora em duas épocas, trinta annos apenas distantes, dois contrastes, duas contradicções politicas sobre a mesma idéa, primeiro crime de forca; depois monumento á benemerencia.

Em 1792 desceu pela escadaria, e sahiu pela porta principal d'este palacio, o vice-rei conde de Rezende para assistir ostentoso no campo do Rosario á execução de Joaquim José da Silva Xavier, o Tira dentes, morto na forca pelo crime de conjuração para a independecia de sua patria; e a 7 de Setembro de 1872 desceu pela mesma escadaria e sahiu pela mesma porta o Imperador o Sr.

D. Pedro II para ir inaugurar na praça de S. Francisco de Paula a estatua de José Bonifacio, o principal ministro da revolução da independecia do Brasil.

D'este palacio partiu o manifesto em que o principe regente, depois rei D. João VI, elevou a sua voz do seio do novo Imperio que viéra erguer; d'aqui levou o conde de Linhares a serie de decretos creadores de instituições condignas da nova capital da mornachia e da civilisação do paiz que já deixára de ser colonia.

De uma d'estas janellas, que olham para aquella praça, foi repetido ao povo em multidão fervente o faustoso — *Fico no Brasil* — a 9 de Janeiro de 1822, primeiro élo da corrente gloriosa que teve por ultimo annel o 7 de Setembro.

Ainda cem recordações antigas e modernas ; mas é força cerrar ouvidos á voz dos echos do passado, que, tornados cantos de serêas, nos levariam para longe da linha que nos cumpre seguir.

Cale-se a memoria, como o cyrio do templo que se apaga ; antes, porém, de apagar-se, o cyrio cedendo ao sôpro dobra sua flamma e extingue-se, deixando extremo raio de luz em despedida.

E' a ultima lembrança da memoria que se fecha. Em 1839 o Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro, de poucos mezes fundado, teve aqui seu berço de aguia nas magestosas alturas da hospedagem imperial.

Essa distincção insigne, que faz d'este palacio alcaçar da historia patria, mais de 30 vezes renovada, hoje, como sempre, munificente se repete, pondo em disputa de primazia o orgulho e a gratidão do Instituto.

A' presente sessão solemne e anniversaria falta, como faltou ás nossas sessões ordinarias d'este anno, a augusta presença ; e por que não o diremos bem democratica-

mentę ?... o fraternal concurso de S. M. o Imperador, desde Março ultimo ausente do Imperio ; ao partir, porém, (em viagem) de coração e de intelligencia, o Sr D. Pedro II deixou-nos suavissima consolação e instante recommendação de solicitudes.

A consolação suavissima está alli radiando na cadeira de seu augusto pai.

A recommendação instante, dez vezes reiterada, insistente na despedida : — Cuidem do nosso Instituto Historico — nós temos a consciencia de activo zelo em procurar desempenhal-a, lembrando o imperial protector, e cumprindo o nosso dever em todo caso de generoso tributo de patriotismo.

Levou-nos comsigo o Imperador o nosso presidente o Sr. visconde do Bom-Retiro, que não pôde ter substituição interina que mitigasse as impressões desalentadoras, filhas de inexoravel comparação ; e tambem o Sr. Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes, nosso 1° secretario por morte do illustrado conego Fernandes Pinheiro, que o era ; mas ainda bem que foi aquelle substituido interinamente pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, que em fulgores de intelligencia e em apuramentos do esmero o mais dedicado, sem diminuir saudades do irmão finado, bem serviu ao nosso Instituto, como nenhum outro dos seus prestimosos antecessores mais e melhor se glorificou n'aquelle oneroso cargo de multiplices e diarias tarefas.

A infeliz interinidade do actual presidente do Instituto obrigou á do orador, igualmente interino : essa, porém, foi afortunado evento que deu o lugar da velhice abatida e rugosa á juventude lucifera e florentemente viçosa ; á fallas rotineiras, fatigadas e fatigantes, eloquencia arrebatadora do enthusiasmo da idade das flôres e das erupções deslumbrantes de espirito, que ainda não quebrou as azas

batendo nos gelos petreos das desillusões, e que ainda é sol de brilhantes esperanças que zomba das nuvens negras do horizonte, e nem lembra, porque está ao meio-dia, o occaso, que é sepultura do sol.

No anno social de 1876 o Instituto cultivou solicito o campo da respectiva seára em suas sessões ordinarias, e por vezes se desvaneceu graciosamente, honorificado por S. A. I.a Regente e por S. A. R. o Sr. marechal conde d'Eu, seu esposo, que ambos chegaram a olvidar em mais de um caso o estado de sua saude perturbada para pessoalmente trazer animação e incentivo aos nossos labores.

Avultou não pouco o numero de trabalhos sobre assumptos de historia, geographia e ethnographia, apresentados e lidos por diversos socios, além de luminosos pareceres de commissões, cujo elevado merecimento foi com razão applaudido.

Cresceu sem exageração a lista dos membros do Instituto com a admissão de alguns candidatos, que se fizeram justamente recommendar por obras já impressas ou memorias manuscriptas de sua lavra, e relativas á historia e geographia patria. Além d'esses o Instituto se additou, offerecendo o diploma de seu socio honorario a S. Ex. o Sr. barão de Schreiner, enviado e ministro plenipotenciario do Imperio de Austria Hungria, no Brasil, cavalheiro tão illustrado, como venerando, e que, com o encanto da victoria celere de Cesar conquistou todas as nossas attenções e todas as nossas sympathias pelo radiar de sua sciencia em clarões abertos de passagem, e pelas delicadezas da mais fina cortezia.

A *Revista Trimensal do Instituto* manteve a regularidade da sua publicação, e cada dia mais estimada; tem disso a prova no almejo de possuil-a que manifestam as bibliothecas, e instituições scientificas e litterarias do nosso paiz, da Europa e da America.

Desenha-se risonha, e reputar-se deve segura em seus modestos limites, a situação financeira do Instituto, graças ao favor e auxilio do poder legislativo, e aos desvelos infatigaveis e habilissima direcção do nosso exemplar thesoureiro.

De todos estes assumptos, em que se revela palpitante a nossa vida social, vai dar amplas e circumstanciadas informações o esclarecido *Relatorio* do prestimoso e digno 1º secretario interino.

Mas nem tudo correu em tecido de flôres para o nosso Instituto, ou então com as rosas que se abrem á aurora vieram misturar-se goivos, que são lagrimas dos vivos sobre as sepulturas que se fecham. A morte chegou-nos á porta, assaltou-nos a casa, e roubou-nos thesouros em irmãos preclaros e illustres. O eloquente orador prenderá nossa attenção, fazendo ouvir o elogio dos nossos consocios finados, e n'esse elogio mostrará quebrado o sceptro e revogado o poder da morte em face do anjo da immortalidade, que perpetúa a memoria dos benemeritos.

Agora todo o Instituto Historico falla em nossa debil voz, embora silencioso lamente a insufficiencia do seu não calculado orgão.

Senhora. O Instituto, profundamente reconhecido, agradece a V. A. Imperial a immensa bondade com que se dignou de conceder-lhe a graça de sua presença para dar o mais precioso realce á sua sessão solemne anniversaria. V. A. Imperial exprime, exalta e sublima n'esta assembléa dois sentimentos transbordantes do coração de brasileira e do coração de filha; o amor da patria e a saudade do pai: o amor da patria, que honorifica a sociedade cultivadora da historia do Brasil; a saudade do augusto pai, a lembrar aquelle que hoje sem duvida está lembrando-se do Instituto.

Senhor! A' V. A. Real tributo igual de suave gratidão.. O Instituto sente-se não menos penhorado pelo honrosissimo concurso do principe magnanimo, que se adunou ao Brasil pelos abençoados laços da ternura mais santa, e que já, benemerito brasileiro, constantemente atarefado no serviço da patria, e fulgurante de glorias pelas lides de rigida campanha e pelos heroicos louros de triumphal victoria, tem o direito de responder a este rude agradecimento, dizendo altivo e nobre: —*Nostra res agitur.*

E' tempo de concluir.

No anno social de 1876 o Instituto Historico póde e deve lamentar não ter feito mais do que fez no desempenho dos seus fins; mas licito lhe é ufanar-se do que laborioso produziu.

A mesa da administração do Instituto houve de lutar com as contrariadoras condições de tres interinidades, que por interinidades corriam o perigo de amesquinhamento de força moral: O mais dedicado e generoso apoio, a mais magnanima confiança de todos os socios, sem uma unica excepção, aplainaram as difficuldades anormaes, alentando-se, firmando o apoio, legitimando a confiança nas provas evidenciadas da aptidão, que logo se manifestou mestria de duas d'essas interinidades.

Uma, porém, aspera nota desafinada no meio de harmonia haydenica; infeliz figura acanhada e desgeitosa, prendida á força no primeiro plano de painel buonarotico, cheio de vultos homericos; misera negação da esthetica na exposição do bello, ruga de velhice afeiadora de formoso rosto juvenil, o presidente interino foi a unica sombra do quadro resplendente.

Acanhou-o a convicção da propria defficiencia; esmagou-o lembrança implacavel, imposta pela memoria do passado.

Depois de tres presidentes, que foram o visconde de S. Leopoldo, um sabio ; o marquez de Sapucahy, outro sabio, e o Sr. visconde do Bom Retiro, ainda outro sabio ; tres notabilidades prestigiosas, tres gigantes, coube por infortunio ao Instituto a presidencia interina de mediocridade quasi ignorada, de individualidade obscura.

Depois do Itatiaya e ao pé do Itatiaya, a mais baixa collina. Era, foi de esmagar.

Mas não vos queixeis do vosso presidente interino, porque é elle que esmagado se queixa de vós.

O unico senão d'esta assembléa explendida é obra vossa.

Icaro innocente, nós vos responsabilisamos, e vos accusamos pelas azas de cêra, que não desejámos nem pedimos, e que nos d'estes.

De hoje a seis dias tereis recurso infallivel ; aproveitai-o.

Fazei acto de contricção e votai melhor.

N'estas confusões de hoje o presidente interino não é o vosso confundidor, é o vosso martyr.

E todavia perdoai-lhe, porque tambem elle vos perdôa.

RELATORIO

DO 1º SECRETARIO INTERINO DR. CARLOS HONORIO DE FIGUEIREDO

Nas sessões magnas do Instituto Historico e Geographico Brasileiro foi esta cadeira occupada, em um periodo de mais de dezoito annos, por um vulto distincto, que, com a clareza de sua elocução e os dotes de uma vastissima intelligencia, relatava os factos mais notaveis occorridos em seu gremio no anno que tocava o seu termo; expunha-os em linguagem amena e estylo castigado, causando o mais vivo interesse áquelles que o ouviam.

Mas, ó! fatalidade! A mão devastadora da inexhoravel morte fechou para sempre seus labios para não mais pronunciar as expressões de sabedoria e singeleza com que nos deleitava. Esse fatal acontecimento, e a viagem do nosso augusto e sabio protector, de cuja comitiva faz parte o nosso prestante e illustre 2º secretario o Sr. conselheiro Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes, levaram-me a occupar interinamente esta cadeira, ennobrecida por algumas das nossas mais notaveis illustrações, que porfiaram eleval-a ao brilho a que attingiu, e que hoje, obscurecida por fatal transição, ha de produzir sem duvida desagrado pela insufficiencia d'aquelle que, indevidamente, n'ella se acha collocado e d'ella vos dirige a palavra; mas que certo está de vossa benevolencia por não poder acompanhar aos que o precederam.

As associações scientificas e litterarias foram, e serão em todos os tempos, o calendario que marca o gráo de civilisação e engrandecimento dos diversos povos do mundo pela missão sublime de seus adeptos, que em suas constantes lucubrações procuram a resolução dos mais difficeis problemas das sciencias humanas, captando a admiração

pelas maravilhosas descobertas, devidas ás suas accuradas investigações e pesquizas, fazendo reviver na memoria os factos olvidados pelos tempos passados, confrontando-os com os presentes e reunindo-se em commum amplexo com seus irmãos de trabalho para as conquistas do porvir.

Tal é, senhores, a missão honrosa e patriotica do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que, animado por um Trajano do nosso seculo, seu protector desvelado, trabalha incessantemente para sua elevação e gloria da patria.

Em cumprimento, pois, da lei organica de nossa associação, venho hoje, ainda que com pallido reflexo, dar-vos uma breve resenha dos principaes assumptos que prenderam a attenção do Instituto.

Celebrou elle, durante o anno que vai a terminar, uma sessão extraordinaria e quatorze ordinarias. N'aquella manifestou a sua gratidão e rendeu preito de homenagem aos augustos monarchas, ao deixarem as plagas do Brasil para percorrerem a maxima parte do mundo habitado pelo homem civilisado.

A S. M. o Imperador, protector assiduo e constante do Instituto, na animação que dava aos seus membros de proseguirem na espinhosa, mas gloriosa tarefa de investigar e recolher preciosos documentos para a elucidação de factos de nossa historia e geographia, essa protecção, sem duvida, não podia ser olvidada pelo Instituto, manifestando na vespera de sua partida sua eterna gratidão.

O favor assignalado que S. M. o Imperador se dignou benignamente conceder ao Instituto, quando no dia 19 de Março de 1839 pediu-lhe a graça de ser o seu immediato protector, enche-o de gloria.

A nossa litteraria associação achará sempre motivos bem justos para desempenhar fielmente os gloriosos fins a que se endereça por seus estatutos.

O nome do Sr. D. Pedro II será acrescentado ao dos grandes principes que têm promovido a illustração de seus povos. A historia, agradecida a tão augusta protecção, empenhará sua penna em eternisar em paginas indeleveis o nome e os feitos do monarcha que a honra na terra de Santa Cruz.

Os beneficios que do throno se diffundem sobre os litteratos reunidos em utilidade publica, accendem luzes que abrilhantam os principes que os protegem.

A lembrança das virtudes de nossa excelsa Imperatriz, constante protectora da pobreza desvalida, enxugando suas lagrimas, amparando-a na adversidade e exercendo constante caridade, essa sublime missão do christianismo, não podia tambem ser esquecida pelo Instituto, que, com jubilo, registra esses factos da historia da monarchia brasileira. Uma deputação composta de todos os membros presentes á essa sessão, convocada pelo seu digno e illustre presidente, e d'aquelles que, não tendo comparecido, quizessem fazer parte d'ella, cumpriu sua missão, dirigindo-se para esse fim ao paço imperial da cidade no dia 24 de Março.

A primeira sessão ordinaria, celebrada em 20 de Abril, foi esteril: nenhum dos collaboradores da nossa historia e geographia, então presentes, se achava em estado de exhibir trabalho, pois estavam sob a pressão da mais pungente saudade, lembrando-se do prematuro passamento de um dos mais dignos obreiros, cuja cadeira se achava vasia. Quereis que vos lembre esse tão pranteado consocio? Basta exhibir a seguinte moção, unanimemente approvada: « Sendo esta a 1ª sessão d'este Instituto depois do passamento do nosso illustrado consocio o conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, propomos que se faça na acta menção do profundo pezar que sente esta associação por tão sentida perda, levantando-se a sessão.

—*Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior*, servindo de presidente.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*— *Dr.João Ribeiro de Almeida.*—*Carlos Honorio de Figueiredo.*—*José Tito Nabuco de Araujo.* »

Na verdade, senhores, foi o devido tributo rendido á memoria do conego Fernandes Pinheiro, que por espaço de tão longos annos illustrou a cadeira de 1° secretario, e produziu trabalhos de merito real, tanto para a historia patria, como para a litteratura.

Philosopho, historiadòr e distincto classico da nossa lingua, o Sr. conego Fernandes Pinheiro deixou no Instituto Historico um vacuo bem difficil de preencher. N'elle perdeu a nossa academia um amigo sincero e trabalhador, e o paiz uma das suas illustrações.

Grande alma e grande talento, robustecido por um rico cabedal de erudição, o seu espirito viverá eternamente na luz que verteu sobre a humanidade.

Quando se revê na humanidade, segundo o distincto orador hespanhol, e se morre na gloria, o sepulchro é como que uma transfiguração. O seu feretro foi rodeado por tudo quanto ha de illustre n'esta terra, desde os anciãos avergados pelos seus gloriosos trabalhos até os jovens cheios de vividas esperanças.

Uma patria livre offerece eterna segurança aos seus ossos ; o espirito nacional eterno agradecimento aos seus serviços. Morrer assim é desapparecer no tempo para reapparecer perennemente na immortalidade (Palavras de E. Castellar).

O Instituto agradecido tratou de mandar collocar o seu busto na sala de suas sessões.

Brevemente ouvireis pelo orgão do nosso orador quaes esses trabalhos, que tanto o ennobreceram.

Não obstante o máo estado de sua saude, o nosso saudoso

collega jámais se olvidou de cumprir os deveres inherentes a seu cargo.

Raras vezes deixava de comparecer aos trabalhos do nosso Instituto, e um mez antes de abandonar o envolucro terrestre, para receber das mãos do Eterno a corôa de gloria a que tinha juz, elle proferiu o discurso por occasião da distribuição dos premios do collegio de D. Pedro II, como professor de rhetorica, e illuminou a cadeira em que se assentára, e que tanto soube honrar com os reflexos magestosos da eloquencia e da sabedoria.

Veneremos a sua memoria e procuremos imital-o.

Antes de fazer-vos a resenha dos trabalhos que preoccuparam os membros do Instituto nas subsequentes sessões, cumprimos o imperioso e grato dever de, em nome de todos os nossos collegas, dirigir a S. A. I. Regente e a seu augusto esposo, nosso presidente honorario, um voto de profunda homenagem e gratidão pelo vivo interesse que minifestaram, assistindo a algumas de nossas sessões; era natural que a herdeira do mais illustrado monarcha e assiduo protector d'esta associação se lembrasse de que a sua presença constituia um penhor de grata e saudosa lembrança, que nos recordava a ausencia, se bem que temporaria, de quem, para nos animar a proseguir em nossas lucubrações, consideravamos uma necessidade na constancia de nossos serões academicos.

O nosso dedicado e laborioso consocio o Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, com aquella perseverança reconhecida em revolver os archivos, e tirar do esquecimento dos tempos passados e entregal-os á recordação do presente os factos mais notaveis de nossa historia politica, leu uma memoria sobre as peripecias originadas pela destituição do tutor do nosso Imperador em sua minoridade, á qual intitulou *Motim politico no Rio de Janeiro em Dezembro de* 1833.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo tomou sobre si a difficil tarefa de analysar os documentos officiaes d'aquelle anno, lêr e meditar sobre as questões politicas agitadas em periodicos e jornaes, que então se publicavam, mais ou menos descomedidos e quasi todos incendiarios.

A assembléa geral legislativa, usando de sua autonomia e irresponsabilidade, não quiz confirmar a nomeação do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, feita pelo Sr. D. Pedro I quando abdicou o throno, para tutor de seu augusto filho o principe D. Pedro.

Tratando então a camara de eleger outro tutor, recahiu a maioria de votos no mesmo que não havia sido por ella reconhecido !

Organisado no Rio de Janeiro o partido restaurador, e julgando a representação nacional não ser o conselheiro José Bonifacio estranho ás aspirações d'esse partido removeu-o do cargo de tutor, e, levada ao senado a questão da remoção, cahiu ella por um voto. As considerações que a esse respeito faz o Sr. Dr. Moreira de Azevedo são de subida importancia ; abundando em revelações e esclarecimentos interessantes sobre a luta dos partidos politicos, e disturbios havidos n'esta côrte em Dezembro de 1833, fez o nosso digno collega a narração dos conciliabulos nocturnos, as exaltações populares entre brasileiros e portuguezes, os factos occorridos na Sociedade Militar, a existencia do partido caramurú ou restaurador, e consequente destituição do conselheiro José Bonifacio do cargo de tutor e substituição do marquez de Itanhaen, acto este que mereceu a approvação do corpo legislativo.

Retirado o sabio varão, e um dos benemeritos de nossa emancipação politica, para sua casa na ilha de Paquetá, encontraram-se na quinta da Boa-Vista armas e pessoas suspeitas occultas ; pairando por este facto duvida sobre a in-

fidelidade de José Bonifacio ao juramento prestado, de velar na guarda e educação do augusto pupillo, ou se devida á traição de seus inimigos, instaurou-se-lhe processo criminal, e, levado ao tribunal do jury com outros cidadãos, foi a sua absolvição victoriosamente applaudida pelo povo em massa, que se achava dentro e fóra do edificio em que funccionou o tribunal. Por esse tempo já não tinha razão de ser o partido restaurador: elle havia desapparecido com a morte do ex-Imperador o Sr. duque de Bragança.

O nosso laborioso collega fez justiça e reconheceu a bravura dos defensores da lei, do erro d'aquelles que de boa fé e só pelo bem da patria foram victimas sacrificadas á parcialidade, que em fatal desvario se arrojaram ao vertice da illegalidade.

Logo na seguinte conferencia apresentou-se o Sr. Dr. José Tito Nubuco de Araujo, um dos mais incansaveis adeptos da sciencia, e admirador dos grandes varões de nossa patria que floresceram pela sua profunda erudição e serviços prestados á humanidade, especialmente d'aquelles que, com a cruz na mão e a palavra nos labios, levavam o balsamo da vida e da alma a seus irmãos, entranhando-se nas mais intrincadas brenhas e remotas plagas, arrostando as maiores privações e arriscando a propria vida, e que já ha muito desappareceram do turbilhão mundano para os gozos de além-tumulo.

A elle devemos a bem traçada biographia de um brasileiro, que por seus talentos e virtudes honrou a patria e illustrou o claustro: esse varão foi Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho, bispo de Angola, que floresceu pelos annos de 1762 até principios d'este seculo; nasceu na cidade de S. Paulo, fez parte de seus estudos no convento da ordem de S. Francisco, e ahi conquistou por seus gran-

des talentos e dedicação constantes os louros das victorias alcançadas na tribuna evangelica com admiração geral.

Que poderia dizer eu sobre um trabalho que se recommenda por sua erudição, senão remetter os que me ouvem para *O Globo* de 3 de Julho do corrente anno, jornal onde elle se acha publicado?

O piedoso biographo de Fr. Francisco de Santa Theresa, de Fr. Pedro de Santa Marianna, bispo titular de Chrisopolis, encarou Fr. Antonio Rodovalho como professor de philosophia durante dez annos, em que occupou essa cadeira, e bem assim como distincto litterato, theologo, philologo e orador sagrado.

Rodovalho era um homem sabio: conhecia diversas linguas e era professor jubilado no seu convento.

O principe regente o Sr. D. João honrou o orador eloquente com o titulo de prégador régio de sua real capella.

Fez mais: em 25 de Abril de 1810, anniversario natalicio da princeza D. Carlota, o nomeou bispo de Angola!

Mont'Alverne foi um dos discipulos de Rodovalho, e repetia sempre, disse outro biographo, o nosso illustre consocio Dr. Moreira de Azevedo, que esse seu mestre havia sido o homem mais douto que conhecêra em seu convento.

O sabio franciscano era homem de uma simplicidade evangelica: ignorava a fraude, o dólo: havia no seu coração essa sinceridade perfeita e pura dos primeiros tempos da humanidade. Todos o podiam enganar; elle dizia sempre:—Eu não sei definir um velhaco.

No Brasil tudo é prodigio, tudo é maravilha. Este sol, que fecunda nossos campos e perpetúa nossa primavera, escalda a imaginação de seus filhos e realiza estes portentos de intelligencia, que fazem dos brasileiros um objecto de admiração e espanto.

Os portuguezes, disse o eloquente Mont'Alverne, des-

cendo em 1808 á margem austral da bahia de Nictheroy, foram tomados de pasmo, encontrando no Rio de Janeiro uma mocidade brilhante e avida de saber, que só aguardava os meios de elevar-se á altura que lhe promettiam seus talentos. A côrte viu com assombro homens eminentes nas sciencias ecclesiasticas, que sem ter sahido do seu paiz, sem os recursos das universidades e as vantagens que offerecem hoje as academias, lyceus e escolas bem organisadas, não receiavam mostrar-se, e fallar com distincção e mesmo com superioridade, perante os homens de pergaminhos. Nós estamos ainda muito perto dos acontecimentos ; mas a posteridade reconhecerá como verdadeiro fundador do Imperio o principe regente, porque a sua chegada foi saudada como presagio da grandeza e futura independencia do Brasil : os grilhões coloniaes estalaram um a um entre as mãos do principe.

Tudo que o Brasil possue em estabelecimentos de publica utilidade teve n'elle sua origem.

Arsenaes, academia militar, escola de marinha, theatro, museu, archivo militar, chafarizes, thesouro, imprensa, bibliothecas, praças publicas, tudo é devido á sua beneficencia e á sua solicitude.

As artes, a industria, o commercio, floresceram á sombra do genio creador d'este monarcha generoso, para quem o Brasil era o sonho mais agradavel de sua vida. Possuimos ainda pessoas que se lembram d'estes dias tão memoraveis e tão ricos de esperanças n'estes conventos, tão ferteis de illustrações scientificas ; d'este clero secular tão distincto por suas luzes e tão fecundo em virtudes. Era o clero instruido e educado pelo Sr. D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, que sem duvida seria digno de ser comparado com os bispos dos primeiros seculos da igreja, se elle não fosse bispo na sua patria.

Um dos cuidados do principe regente, chegando ao Rio de Janeiro, foi realçar o explendor e a magestade do culto. Habil politico, o principe sabia que só á religião é dado sustentar os Imperios e fortificar as instituições. A fundação da capella imperial, monumento immortal da piedade do Sr. D. João VI, foi a arena onde se mostrou com toda a sua pompa o genio brasileiro. Podemos affirmar com testemunhos valiosos, com todo o orgulho da verdade, que nenhum prégador transatlantico excedeu os oradores brasileiros. A' riqueza da dicção reunia-se a pureza de estylo e força da argumentação; e, para que não faltasse uma só belleza, a doçura, a amenidade da expressão, augmentavam os encantos e a magia da acção.

O Sr. D. João VI costumava dizer, que elle possuia no Rio de Janeiro uma selecção de prégadores, que não lhe permittia lembrar os que deixára em Portugal.

Quando algum escriptor quizer um dia descrever os factos mais notaveis que assignalaram aquella época, poderá dizer com o velho Chactas, no sublime episodio de Atala, fallando de sua viagem á França no reinado de Luiz XIV, que elle assistiu ás festas da côrte do Rio de Janeiro e ás orações funebres de Fr. Francisco de Sampaio.

Não foi só o Rio de Janeiro o theatro onde brilharam tantos vultos.

Pernambuco é porque está summamente esquecido de suas glorias.

Seus filhos em todos os tempos têm galhardamente sustentado seus fóros.

Immensos nomes passam em olvido.

A tribuna sagrada foi sempre honrada por muitos sacerdotes carmelitanos, franciscanos, benedictinos e S. Filippe Nery.

Os cursos de humanidades haviam creado a muitos sacerdotes um nome celebre, e ainda os estudos aridos, como as mathematicas, tinham profundos conhecedores no claustro. A poesia sacra era tambem cultivada.

Na época em que florescia Rodovalho no Rio de Janeiro floresceram em Pernambuco Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca e Fr. Carlos de S. José, tão distinctos escriptores e professores, quanto amenos poetas e geometras.

Fr. João Baptista da Purificação, franciscano, homem de subido talento e poeta ;

Padre João Baptista da Fonseca ;

Padre João Rodrigues de Araujo, distincto professor de philosophia, e seu irmão padre Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, depois conde de Irajá e bispo do Rio de Janeiro ;

Fr. Miguel do Sacramento Lopes Gama, professor de eloquencia e poetica, e escreveu posteriormente o *Carapuceiro*, jornal critico e joco-serio, por cuja antonomasia ficou conhecido ;

Francisco Ferreira Barreto, conhecido por —Doutorzinho. Já a provincia imprimiu suas obras ;

Padre João Baptista Cordeiro, um dos martyres da revolução de 1817, nos carceres da Bahia firmou o seu nome de poeta.

A mente cheia de vida e de idéa, era o poeta ardente e improvisado ; seus bellos versos e faceis têm a expressão e energia do sentimento.

Com a facilidade do improviso jogava acertadamente o epygramma, ora contra os companheiros, ora contra os verdugos.

Foi redactor de diversos jornaes, e escreveu os dramas *Arco Verde ou a Gloria dos Taybarês.*

Se nos recordamos do abandono a que por tão longo tempo esteve entregue a nossa patria, logo após o seu descobrimento, não devemos estranhar se mostrem as primeiras paginas da sua historia ainda hoje tão obscuras, sujeitas á incessantes controversias entre aquelles que hão prestado o inapreciavel serviço de inquirir da verdade historica.

Não é mais objecto de duvida,que ainda encerram as primeiras épocas da nossa historia multiplices problemas a resolver ao lado de assertos inexactos, que a critica severa e imparcial, a consulta das boas fontes, tenderão pouco e pouco a corrigir e apurar.

Sabeis, senhores, que outro não é o objectivo d'este Instituto, á frente de cujo programma se distingue o aperfeiçoamento da historia nacional.

Na verdade muito já ha elle feito, muito já tem polido esse diamante que lhe foi dado a lapidar ; mas ainda é o brilho deste embaciado por outros pontos obscuros que não deixam reflectir a luz em todo seu explendor. E como para lapidar o diamante outro é preciso, pois só um dá lustre a outro, congratulamo-nos com esta sabia companhia pela rara fortuna de haver tido sempre em seu seio os mais conspicuos e laboriosos cultores da historia patria, aos quaes tanto deve ella as conquistas que a illustram hoje. Não trazemos, porém, senhores, o intuito de avivar a vossa memoria com a menção de todos esses nossos benemeritos companheiros ; as palavras que acabam de acudir-nos despertou-as n'este momento um nome que já não pertence hoje só ao Instituto Brasileiro, pois que se illustrou igualmente fóra d'elle. Queremos nos referir ao Sr. senador Candido Mendes de Almeida, a quem tanto tambem já deve a geographia do nosso vasto Imperio.

Este infatigavel consocio tem conquistado a gratidão d'esta nossa academia pelo inexcedivel zelo e interesse, com que se ha consagrado ao seu progresso e engradecimento, já pelos seus luminosos pareceres, lançados sobre as ingentes questões sujeitas á apreciação d'esta corporação, já pelos valiosos subsidios trazidos com suas memorias originaes para o esclarecimento de pontos litigiosos da historia brasileira.

Durante o corrente anno tivestes occasião de ouvir a leitura por elle feita, sob o modesto titulo de *Notas para historia patria*, de duas muito valiosas memorias, que, como todos os productos de sua lavra, trazem o cunho da investigação e do estudo serio das nossas chronicas.

Versou a primeira d'estas memorias sobre o exame de uma obscura questão da historia da provincia de S. Paulo, relativa ao individuo portuguez encontrado em 1531 em Cananéa, e geralmente conhecido sob o titulo de bacharel de Cananéa, e do qual faz menção Pero Lopes de Sousa em seu *Diario*. Não são as opiniões dos nossos historiadores accordes no que diz respeito ao personagem a quem de facto pertence tal titulo. O nosso illustre consocio, compulsando todos os escriptores de boa nota, examinando com a maior minucia os documentos referentes a este dubio assumpto, tanto nacionaes, como estrangeiros, chegou á seguinte conclusão:

Que João Ramalho, o primeiro colono de S. Vicente, era effectivamente o bacharel de Cananéa, que Diogo Garcia ahi encontrou em 1527, e mais tarde em 1531 Martim Affonso de Sousa em companhia de seu irmão Pero Lopes de Sousa.

Do profundo estudo a que se consagrou o Sr. senador Candido Mendes resultou a elucidação de dois factos, firmada nos documentos a que recorrêra e particularmente

ás cartas de Americo Vespucio, ficando por esta fórma demonstrado :

1.° Que João Ramalho foi lançado como degradado nas praias de S. Vicente, juntamente com outros, a respeito de cujos nomes e identidade com os primeiros colonos que se reuniram aos de Martim Affonso de Sousa, nada se tem podido definitivamente averiguar.

2.° Que João Ramalho desembarcára em S. Vicente, em 1502, da frota em que viéra como cosmographo Americo Vespucio, ou em 1510 a 1512 de outra frota lusitana, segundo se infere das obras de Schmidel e de Simão de Vasconcellos.

A segunda *Memoria* a que nos referimos foi destinada á rectificação de uma opinião firmada pelo autor das *Memorias* para a historia da capitania de S. Vicente, Fr. Gaspar da Madre de Deus. Este benedictino natural de Santos e ahi residente por muitos annos, faz crêr, n'essas suas *Memorias* transcriptas em nossa *Revista* (tomo 2°), que João Ramalho, o bacharel de Cananéa, como quer o Sr. senador Candido Mendes, desembarcára em Santos em 1490, isto é, dois annos antes de Christovão Colombo em Guanahani a 12 de Outubro de 1492, opinião esta baseada em testamento do mesmo Ramalho, lacrado a 3 de Maio de 1580 em S. Paulo, e do qual possuia cópia.

Nosso infatigavel consocio, em sua memoria sob a epigraphe *João Ramalho precedeu a Colombo na descoberta da America?* propôz-se a demonstrar, com grande cópia de documentos e muito judiciosas considerações suscitadas por outros factos, o nullo fundamento de tal hypothese, bem como a falsura do testamento de 1580, quando havia fallecido João Ramalho em 1558, na villa de Santo André, que elle proprio fundára.

Na discussão d'estes factos revelou o autor d'estes

substanciaes trabalhos uma grande somma de erudição, raros e profundos conhecimentos historicos, ethnographicos do paiz, o mais elevado criterio, além de exemplar imparcialidade, ornamento que mui realça o historiador.

As lucubrações, pois, do nosso sabio e estimado consocio são preciosos dons, que saberá sempre aquilatar, na medida do seu elevado merito, o Instituto Historico do Brasil.

Ao Brasil pertence um dos maiores e melhores pedaços incultos do nosso planeta, que mesmo a nação brasileira, e ainda menos o resto do mundo civilisado, ainda não póde bem avaliar a doçura do seu clima, a variedade de seus productos naturaes e a fertilidade de suas terras na extensão de 100,000 leguas quadradas, cortadas de um sem numero de canaes naturaes de navegação. E esta parte importante do Imperio do Brasil e do nosso planeta, ainda tão desviada dos progressos da civilisação moderna, compõe-se do sul da provincia de Minas Geraes, e principalmente das vastas provincias de Goyaz e Mato Grosso. A um distincto brasileiro, intelligencia robusta, compenetrado do amor de sua patria, cabe a gloria da navegação do Araguaya. Os desertos d'esta parte do Imperio começam a ser invadidos por emigrantes nacionaes, que alli se têm estabelecido, e o é ainda de mór valia a ser roteadas as terras por indios mais ou menos domesticados, sendo certo que maior ainda seria o numero d'estes se se podesse obter mais alguns missionarios capuchinhos ou sacerdotes de qualquer outra regra.

O numero de indios conquistados á sociedade civil excede já de 4,000 individuos, sendo de 3,170 almas a população civilisada que alli se tem estabelecido e fundado ás margens do rio, na extensão de 200 leguas.

Ao digno e illustrado consocio que foi o iniciador da

linha fluvial do Araguaya, creada no intuito de povoar o immenso sertão que margêa o rio do mesmo nome, devemos a leitura de um trabalho lido na sessão de 18 de Agosto ultimo.

O Sr. general Dr. Couto de Magalhães apenas começou a leitura de mais uma producção sua, a saber: *Comparação entre o Guarani e Tupi antigos, o Guarani fallado no Paraguay e o Tupi fallado no Amazonas.*

Nenhum juizo por ora podemos emittir, não só porque nos falta competencia, como tambem por não haver nosso distincto collega terminado tão bello trabalho.

Entretanto seja-nos ao menos permittido declarar, que com grande satisfação foi ouvida a leitura de um assumpto de tão elevada transcendencia de um dos mais prestantes e assiduos socios do Instituto, a quem admiramos e não podemos nomear sem prologos de louvor.

Furtando alguns momentos aos seus pesados labores profissionaes, traçou o nosso assiduo collega o Sr. Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior uma apreciada memoria, que recebeu por titulo *O assassinato do Dr. João Baptista Badaró*, e cuja leitura ouviu o Instituto em sessão de 10 de Novembro do corrente anno.

O nosso digno companheiro descreveu-nos com scintillantes côres a vida d'esse varão illustre por suas virtudes e talentos, declarado apostolo da causa da liberdade.

Pagando um devido tributo á memoria de tão esforçado patriota, teve sobretudo em vista o Sr. Dr. Pinto Junior salvar a verdade dos factos, adulterada pela justa indignação de uns, perversidade de outros, e mais que tudo pelo subito abalo que produziu a inesperada noticia de tão revoltante crime.

Badaró, inscrevendo-se entre os obreiros da imprensa, foi d'ella um athleta denodado. Sua penna nunca exhau-

riu-se na defesa da liberdade, então calcada, opprimida e suffocada. Este inclyto campeão levantou-se como um gigante sobre as iniquidades e as machinações dos reprobos, tornando-se o interprete da razão e da lei, o orgão de um povo offendido em seus direitos. E tal foi o seu grande crime!

O Dr. Badaró não era sómente um ardente propugnador das idéas livres, pelas quaes se tornou martyr: era mais que isso, um homem recommendavel pelos seus não vulgares conhecimentos e modesta pratica da caridade. Comprehendia, como poucos, na phrase do Sr. Dr. Pinto Junior, os sagrados deveres de medico.

Não se poderá sobrepujar o autor da memoria a que alludimos na fidelidade e minucia com que descreveu as occurrencias do assassinato da sempre lembrada victima, a excitação que em S. Paulo despertou tão fatal acontecimento, a profunda magoa que a elle se seguiu, e finalmente o sahimento funebre tão concorrido, tão solemne, tão repassado de pungente dôr.

Na ultima sessão d'este anno leu nosso respeitavel 1° vice-presidente, o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, o começo de uma extensa biographia, que escreveu, do fallecido e illustre brasileiro Evaristo Ferreira da Veiga, redactor da *Aurora Fluminense*.

O nosso benemerito consocio apenas nos permittiu apreciar, como deixamos dito, o principio de seu notavel trabalho.

A soberba introducção que precede a biographia, portico que annuncia colossal edificio, e as paginas iniciaes da biographia propriamente dita, a primeira pejada de considerações historicas magistraes, principalmente sobre a grande revolução franceza do fim do seculo passado e sobre a situação politica d'este Imperio, de 1822 a 1828,

e as segundas illuminadas por conceitos graves e judiciosos sobre a educação da mocidade, que revelam um nobre moralista, tudo isto formulado em um estylo terso e vernaculo, e alternativamente viril, suave, singelo e ornado das galas de esplendida imaginação, fazem adivinhar mais um livro de subido valor (pela intima afinidade da biographia referida com a historia do paiz durante igual periodo de tempo), devido á conhecida proficiencia d'aquelle nosso laureado consocio, que em si realiza ou reune o preceito de Quintiliano : « *Vir bonus, dicendi peritus.* »

O Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga, a quem já deve o paiz algumas publicações valiosas, leu tambem um pequeno capitulo de uma longa e importante obra que está escrevendo, trabalho este que, segundo nos communicou seu autor, é baseado em 113 obras differentes e mais 17 outras fontes de informações (revistas e folhas politicas), havendo numerosas citações de todas essas obras e das referidas outras fontes de informação.

O livro está quasi concluido : consta de 36 capitulos e tem o seguinte titulo : *O primeiro reinado, estudado á luz da sciencia, ou a revolução de 7 de Abril de 1831 justificada pelo direito e pela historia.*

O assumpto é grave e delicado ; seria temeridade nossa o querer aquilatar e julgar uma grande peça inteiriça ou um grande todo, onde cada parte concorre para a harmonia d'esse mesmo todo, sómente por uma das partes constitutivas e integrantes.

Seria um erro palmar.

O estylo correcto, vivo e incisivo, patentêa um escriptor adestrado e uma grande convicção fortificada por accurado estudo.

Aguardemos a publicação do livro.

As nossas commissões trabalharam activamente na colla-

boração de importantes pareceres, entre os quaes farei rapida menção dos seguintes :

O que formulou o relator da commissão de geographia o Sr. Dr. C. Mendes sobre o convite que ao Instituto fez a commissão de geographia commercial, delegada da de Paris, para o estudo da questão da abertura de um canal interoceanico. A maioria da nossa commissão de geographia (visto a divergencia de um de seus membros) considerou o problema por todos os lados da sua conveniencia e desconveniencia, e do profundo estudo analytico sobre a sua resolução concluiu que, se bem que para o Brasil não haveria tão grande vantagem com a abertura d'esse canal na America Central, em territorio das republicas colombiana e mexicana, como para as nações banhadas pelo Pacifico, comtudo o Brasil, como nação americana e precizando alargar o seu commercio, deve aceitar o convite do *comité* de França, nomeando, para esse fim, uma commissão para represental-o no congresso de Paris. Este parecer mereceu a adhesão do Instituto, que o julgou digno das paginas de sua *Revista*.

Outro parecer de longo folego e de profundo estudo nos deu o illustre relator da mesma commissão de geographia, o Sr. Dr. Mendes de Almeida, a respeito do conteúdo da carta dirigida ao Instituto pelos Srs. Carlos Weyprecht e conde Wilczek, em que pedem a nossa coadjuvação sobre o projecto do estabelecimento de estações scientificas nas latitudes mais proximas dos pólos, para observações synchronicas em relação á meteorologia, ao estudo do magnetismo terrestre e theoria das auroras boreaes, etc. Acompanhou a carta d'estes sabios austriacos o discurso ou memoria que aquelle primeiro pronunciou sobre o assumpto perante a assembléa dos naturalistas e medicos allemães em Gratz, estabelecendo o modo pratico de se levar a effeito

a idéa que conceberam, e indicando os pontos principaes onde devem ser estabelecidas as estações ou observatorios, e trabalhos preliminares a respeito.

A commissão de geographia, depois de acurado estudo e minucioso exame a respeito da exequibilidade do projecto, concluiu julgando de grande conveniencia a sua adopção, e que a carta dos Srs. Weyprecht e Wilczek, e a *Memoria* que a acompanha, fossem traduzidas e impressas na *Revista* do nosso Instituto para conhecimento d'aquelles que se interessam pelo progresso das sciencias, e especialmente da geographia, com a qual têm estreitas relações aquellas que resultam das observações projectadas.

Conformando-se o Instituto com as idéas de sua commissão, e não estando em suas forças a concurrencia com outras associações para a realização do projecto, o remetteu ao governo imperial para o tomar na devida consideração; este, reconhecendo a sua importancia, mas dependendo de avultada despeza, que se tornará permanente se tiver todo o seu desenvolvimento, e não sabendo qual a parte que tocará ao Brasil, visto que na sua opinião não póde ser levado a effeito senão com o concurso de diversos governos, sem o qual não póde por ora prestar seu auxilio, fez sciente ao Instituto da impossibilidade em que se acha de não poder tomar deliberação alguma a semelhante respeito.

Ainda elaborou o illustre Sr. senador Candido Mendes na referida commissão de geographia um luminoso parecer sobre a carta dos Srs. Wurth-Paquet e Dr. Schaetter, presidente e secretario da commissão de organisação do Congresso Internacional dos Americanistas de Luxemburgo, do grande ducado do mesmo nome, convidando ao Instituto Historico Geographico Brasileiro a nomear um membro que, como delegado d'aquelle Congresso, tome parte nas

deliberações que fazem o seu programma, os quaes interessam á America por versarem sobre a historia de sua descoberta, da archeologia, linguistica, paleographia, anthropologia e ethnographia ; prendendo-se a estas questões outras de não menos importancia para a historia, como o investigar-se porque motivo o novo continente recebeu o nome de America ; caracteres particulares da familia *Guarani*, linguas comparadas, antiguidade do homem na America, etc., etc. Considerando o mesmo relator da commissão de geographia todos estes assumptos, que têm de ser elucidados e resolvidos pelo Congresso Internacional dos Americanistas, foi de parecer que se aceitasse o convite feito por elle, e se nomeasse o membro que n'elle representasse o Instituto, e que as questões que forem elucidadas sejam communicadas aos membros d'este Instituto, afim de as estudarem e escreverem memorias esclarecendo-as.

Tendo o Instituto de nomear seu representante no Congresso dos Americanistas, recahiu a nomeação no seu illustre consocio o Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos, nosso consul em Liverpool.

Além de eruditos pareceres da commissão de geographia, a que nos referimos, a commissão de historia elaborou obras de subido valor, a saber : o parecer sobre a memoria historica, estatistica e noticiosa, que o Sr. senador Joaquim Floriano de Godoy publicou, sob o titulo *A Provincia de S. Paulo*, merecendo seu autor, por este importante trabalho, que o Instituto, por unanime votação do parecer d'aquella commissão, o admittisse como seu membro correspondente.

O parecer emittido sobre o merecimento das *Memorias* escriptas pelo Sr. Domingos Soares Ferreira Penna. N'ellas revela o autor conhecimentos não vulgares sobre a provin-

cia do Pará, adquiridos por uma applicação assidua e estudo aprofundado, sobretudo da região occidental d'aquella provincia; e tambem da sua topographia, especialmente do territorio banhado pelos rios Tocantins e Anapú, dando além d'isso uma circumstanciada noticia das comarcas de Gurupá e Macapá.

Louvando a constante applicação do Sr. Ferreira Penna, a commissão julgou o mesmo Sr. digno de ser admittido ao gremio do Instituto.

Solicita sempre pelo bom desempenho da tarefa que se impôz, a mesma commissão de historia contribuiu ainda com o seu juizo para o exame da interessante brochura sobre a provincia da Bahia, devida ao Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira, e que já merecêra a aceitação da commissão superior da exposição nacional.

Este trabalho, e varios outros sobre differentes assumptos litterarios e juridicos, com que brindou o Sr. Manoel Jesuino Ferreira o nosso Instituto, abriram-lhe as portas d'esta corporação.

Não se afastando do seu imparcial criterio, examinou a mesma commissão as *Lições de historia patria*, escriptas pelo Dr. Americo Brasiliense e offerecidas como titulo de admissão. Procedeu n'este parecer a commissão a uma judiciosa analyse ás 36 prelecções proferidas pelo Dr. Brasiliense aos seus alumnos no magisterio particular. Abundando considerações de muito valor sobre o ensino da historia patria, e attenuando algumas lacunas encontradas n'essas uteis lições, que começam pelas viagens de Colombo e Cabral, e chegam até os nossos dias, conclue julgando a obra digna de attenção do Instituto. Este parecer, lido na ultima sessão ordinaria, ficou adiado, na fórma dos estatutos.

Foram tambem approvados dois luminosos pareceres

da commissão subsidiaria de historia, emittidos á vista dos trabalhos estatisticos e litterarios que lhe foram submettidos, como titulos de admissão dos Srs. Drs. Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque e Augusto Emilio Zaluar, pareceres que ficaram pendentes do estudo da commissão de admissão de socios, conforme preceituam os nossos estatutos.

Ao exame consciencioso da commissão de geographia foram sujeitas as *Memorias* escriptas, offerecidas pelos Srs. João Barbosa Rodrigues e 1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo.

Havendo sido ellas acolhidas favoravelmente, e por subsequentes pareceres da commissão de admissão de socios, foram estes cavalheiros admittidos no gremio do nosso Instituto, conjunctamente com o Sr. Luiz da França de Almeida e Sá.

O Sr. João Barbosa Rodrigues, amador das sciencias naturaes e attrahido pelas riquezas que exornam o valle do Amazonas, n'elle se embrenhou por longo tempo e colhendo importantes dados sobre a chorographia, ethnographia e botanica d'essa uberrima região, confeccionou com ellas *Memorias* cheias de interesse, que lhe valeram o ingresso ao nosso seio.

Inferior merito não tem o trabalho do Sr. 1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo sobre a exploração dos rios das Velhas e S. Francisco, que foi o objecto de um importante relatorio seu.

Não menos de seis pareceres sobre candidatos elaborou a nossa illustrada commissão de admissão de socios, os quaes constam das respectivas actas, folgando de noticiar-vos que mereceu immediata annuencia do Instituto o parecer elevando á categoria de socio honorario o Sr. barão Gustavo de Schreiner, ministro da Austria-Hungria n'esta côrte.

Pende do parecer da commissão de geographia a carta e programma da Sociedade de Viagens à Roda do Mundo, dirigida a este Instituto.

Da commissão de historia ficou pendente o parecer da de geographia a respeito do plano a adoptar-se para se escrever a historia, geographia, etc., etc., em cada provincia, segundo propôz o Sr. Dr. Pinto Junior e bem assim o Sr. senador Candido Mendes de Almeida.

Empenhámo-nos este anno, como nos cumpria, em manter as relações d'esta digna corporação com as diversas associações scientificas e litterarias do velho e novo continente, que têm procurado a nossa alliança, de todas havendo recebido inequivocas provas de apreço e benevolencia.

Preciosos documentos, livros, opusculos, cartas, mappas e jornaes, vieram enriquecer a nossa bibliotheca. A todos os doadores profunda gratidão.

Encontrareis appenso a este relatorio o minucioso catalogo de todos estes valiosos donativos.

Conformando-nos, porém, com o uso preestabelecido, de alguns faremos menção, sem a idéa de selecções nem preferencias.

A magistral obra do nosso 1° vice-presidente, *Anno biographico*, onde se acham resumidas 365 biographias dos mais notaveis brasileiros que se illustraram nos differentes ramos da actividade humana. As vozes da nossa imprensa foram unanimes no applauso com que acolheram mais esta primicial da inesgotavel fertilidade de tão mimoso romancista, quanto profundo historiographo. Producções como estas, senhores, honram aos seus autores e ás associações em cujos disticos se acham gravados seus nomes.

O fulgor do seu estylo, a vivacidade de suas imagens, a imparcialidade de seus juizos, são outros tantos predicados

que consolidam n'ellas o merito julgado do Sr. Dr. Macedo, um dos mais activos collaboradores do nosso progresso litterario.

Louvores sejam dados, pois, ao nosso egregio consocio, que, animado pelo fogo inextinguivel do inquebrantavel labor, reuniu em florido ramalhete esparsas tradições de tantas glorias nacionaes.

Subsidios para a organisação da carta physica do Brasil: eis o titulo com que encobriu a modestia do nosso fecundo e prestimoso 3° vice-presidente o Sr. conselheiro Homem de Mello uma producção original de inestimavel valor. Entregando-se ás mais aridas pesquizas, interrogando os elementos esparsos para conhecimento do nosso tão extenso, quanto desconhecido territorio, abriu o Sr. Dr. Homem de Mello uma senda nova e attrahente, que seguirão com verdadeiro successo os que se propuzerem ao estudo ameno das condições physicas d'este grandioso paiz.

Não saberemos, senhores, tornar patente a vossos olhos o alcance immenso que se liga a este verdadeiro commettimento admiravel,com que soube mostrar este nosso illustre consocio,de quanto é capaz o talento aproveitado de um brasileiro.

Para deixar-vos apenas a idéa do vasto plano que abraçou o nosso respeitavel consocio n'esta gigantesca obra, limitar-nos-hemos a reproduzir-vos as seguintes palavras suas que n'ellas se lêm : « No trabalho que encetei estendi o estudo a todo o continente da America do Sul, porque só assim se póde acompanhar em suas ultimas ramificações os systemas orographicos e hydrographicos do Brasil. Para a republica Argentina servi-me dos trabalhos de Martin de Moussy. Para a Bânda Oriental, do mappa de D. José Maria Reys ; e para o restante, do mappa do abalisado geo-

grapho Patterman, primor de obra no que diz respeito ao relevo do solo. »

Esses dados, todos confrontados entre si, illuminam-se reciprocamente, e desenham diante de nós o relevo exacto d'este grande continente, aberto a todos os mares, porventura, a região desconhecida, de que nos falla o grande philosopho do seculo, onde « por sua configuração variada, por sua temperatura exquisita, pela mistura de mares e de terras, de montanhas e de planicies, a civilisação virá depôr os thesouros que recolheu em seu caminhar, encontrando aqui um vasto theatro propicio ao desenvolvimento harmonico e completo da humanidade. »

A nossa incompetencia não nos permitte, senhores, nenhuma sentença sobre este primoroso producto de um engenho patrio ; vós bem sabeis qual foi o acolhimento que dispensou-lhe no grande certamen intellectual das nações, que acaba de ter lugar na cidade de Philadelphia, esse ingente povo do progresso, o povo americano. O seu triumpho já está firmado.

Tributando a mais justa homenagem á memoria do seu respeitavel parente, nosso nunca assaz pranteado 1° secretario, o Sr. conego Fernandes Pinheiro, colligiu o Sr. Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro as memorias esparsas d'aquelle nosso saudoso companheiro, que já tinham visto a luz da publicidade nas paginas da nossa *Revista*. Formou com ellas dois preciosos volumes, sob o titulo generico de *Estudos Historicos*, com os quaes presenteou a nossa associação. O que ellas valem é inutil dizer-vos, porque as conheceis de sobra, vós que admirastes no seu autor o exemplo vivo de perseverante estudo e assiduo trabalho, pois elle era um apostolo dedicado d'este Instituto que tanto amava.

O *Selvagem* é um dos mais opulentos livros da moderna litteratura brasileira.

Comprehende : primeiro, um curso da *lingua geral*, segundo o methodo de Ollendorff, estribado em formosas lendas tupis, que despertam curiosidade e o desejo de ambas as linguas, isto é, a dos indigenas aprender pelos brasileiros, e a nacional pelos indigenas ; segundo, informações amplas e fidedignas sobre as origens, os costumes e a região occupada pelos selvagens ; terceiro, methodo a empregar para amansar os mesmos selvagens por intermedio de colonias militares e do interprete militar.

E' este um importante *trabalho preparatorio* para o aproveitamento do homem-selvagem e do solo por elle occupado.

A população até hoje desaproveitada excede de um milhão de almas, e o territorio brasileiro tambem desaproveitado poderia ser o de um grande e florescente Imperio.

Utilisar tão deslumbradora opulencia é o nobre e patriotico empenho do benemerito Sr. brigadeiro Dr. Couto de Magalhães, espirito simultaneamente theorico e pratico, credor do respeito e das sympathias de todos os brasileiros que amam verdadeiramente sua portentosa patria.

Corre-me o dever de consignar aqui um importante donativo feito por um activo e illustrado consocio, que ha longos annos presta relevantes serviços á nossa associação, já em successivos trabalhos de commissões e já em doal-a com exemplares de obras que tem publicado.

O Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, que de nossa bibliotheca não se olvida, acaba de enriquecel-a com as collecções, encadernadas, do *Correio Mercantil* dos annos de 1854 a 1868, e das do *Jornal do Commercio* de 1835 a 1875. Ninguem desconhece a preciosidade d'estas collecções, repositorio de variadissima noticias para a historia patria.

Sobresahe entre os donativos feitos ao Instituto a pri-

morosa offerta do nosso illustre collega o Sr. Dr. Rozendo Muniz Barreto, com o titulo *Exposição Nacional de* 1875. N'este importante trabalho o nosso digno consocio tratou da tendencia caracteristica do seculo, da importancia das exposições universaes no engrandecimento dos povos, da festa internacional de Philadelphia, da vantagem do Brasil n'esse congresso e dos objectos que foram expostos nas salas que foram destinadas á exposição no mencionado anno.

O Instituto recebeu com prazer mais este precioso mimo do digno cultor das letras patrias do laureado poeta da abençoada terra primogenita de Cabral, antiga Athenas do Brasil, que tem tido o privilegio de vêr nascer em seu seio alguns dos mais conspicuos varões que na politica, nas sciencias e nas letras, têm brilhado.

As sociedades geographicas de Paris, de Londres e da Russia, a Academia Imperial das Sciencias de S. Petersburgo, de Bruxellas e outras, merecem especial menção entre as instituições scientificas que se mostraram benevolas para com o nosso Instituto durante o corrente anno. Os *Boletins* que d'estas sabias academias recebemos regorgitam de interesse e de merecimento.

Remetteu-nos o Sr. bibliothecario da bibliotheca da cidade de Montevidéo uma preciosa collecção de documentos impressos sobre economia com applicação á administração publica d'aquella Republica do Uruguay, sobre historia, litteratura, etc.

Pelo nosso consocio o illustrado Sr. Dr. Benjamim Francklin Ramiz Galvão, bibliothecario da bibliotheca publica d'esta côrte, foi offerecido o 1º fasciculo dos *Annaes* d'aquella bibliotheca.

Para vulgarisar as riquezas bibliographicas existentes n'aquelle estabelecimento, que só eram conhecidas dos

empregados e de poucos estudiosos, veiu ella prestar um importante serviço, tanto aos nacionaes, como aos estrangeiros.

Seria fastidioso enumerar, um por um, os importantes donativos feitos durante o anno ao Instituto : elles constam de uma relação annexa a este relatorio.

Continuou o Instituto a merecer dos altos poderes do Estado toda a protecção que ainda este anno lhe foi largamente dispensada, pela acquisição que fez de codices de subido valor, remettidos pelas secretarias, de ordem dos Srs. ministros, sobresahindo notavelmente os donativos feitos pelas da agricultura, imperio e estrangeiros, bem como das presidencias das provincias ; recebendo todo o acolhimento e sympathia sempre que, para solução das questões de que nos occupamos, recorremos ao auxilio das altas autoridades do paiz.

Muitas foram as propostas lidas durante as sessões d'este anno : umas para admissão de socios, obreiros que vinham preencher os claros abertos em nossas fileiras pela mão fatal da morte, ou pela retirada dos que têm direito ao repouso no occaso de uma vida laboriosa.

Não são menos de seis que na mansão dos justos foram gozar o premio de suas virtudes. Ouvireis d'aqui a pouco do nosso eximio orador, com a arrojada eloquencia que o caracterisa, o elogio d'aquelles benemeritos que já pertencem ao passado.

Diversas outras propostas foram apresentadas, a saber :

1.ª Que se mande fazer o busto do nosso finado 1º secretario conego Fernandes Pinheiro para ser collocado na sala de nossas reuniões.

2.ª Que a secretaria envie ás bibliothecas das capitaes das provincias do Imperio collecções de *Revistas*.

3.ª Da abertura da bibliotheca do Instituto ao publico

todos os dias, das 8 horas da manhã ás 9 da noite. Dependendo, porém, a resolução d'esta proposta de meios pecuniarios, que a verba do Instituto não comporta, e ouvida a respeito a commissão respectiva, ficou adiada.

4.ª Que se assigne as *Revistas* das associaçoes mais notaveis da Europa, que tratam de ethnographia, linguistica e descobrimento da America antes de Colombo.

5.ª Que se consigne em todos os numeros da *Revista* que se publicarem a lista dos socios do Instituto.

6.ª Que se organise o indice das *memorias* contidas nas nossas *Revistas*.

7.ª Que se comprem as obras publicadas pela Sociedade Kakluyt.

8.ª Que d'esta data em diante seja publicada em todos os numeros da nossa *Revista* uma carta geographica, topopographica ou hydrographica das differentes regiões do Brasil.

9.ª Que se additem ao catalogo impresso as obras novamente adquiridas.

Cada vez mais credor se faz da nossa gratidão o nosso digno thesoureiro pelo infatigavel zelo com que procede á arrecadação da renda e escrupulosa solicitude com que fiscalisa a despeza; graças a tão solicitos cuidados, mantem-se o equilibrio em nosso orçamento sem que tenha sido necessario recorrermos ao nosso pequeno fundo de reserva.

Folgo, outrosim, de declarar que os empregados que dos nossos cofres recebem estipendio não decahiram do lisongeiro conceito que d'elles formava meu predecessor, emulando no exacto cumprimento dos seus deveres.

Com a possivel brevidade vai sendo publicada a nossa *Revista*. O favor com que ella é recebida na Europa e America, e a curiosidade e o interesse que desperta entre

os nossos compatriotas, devem ter naturalmente alguma significação.

O Instituto continuou a receber dos poderes supremos a mesma protecção e a benevolencia com que desde a sua fundação tem sido tratado, e das autoridades em geral. A uns e a outros importa que reiteremos nossos agradecimentos.

Conclusão.—Seguindo o preceito indicado por um notavel pensador e critico, Labruyère, para quem o menor defeito de um orador era o de ser breve, aqui ponho termo, senhores, a este rapido e mal elaborado *Relatorio* que chegamos a lêr-vos, vencendo a emoção e fraqueza dos nossos recursos.

Vós, que tivestes a indulgencia de confiar-nos tão elevado encargo, sabereis ser generosos para relevar a imperfeição do desempenho. Pelo rapido e mal colorido esboço do movimento d'este Instituto durante o ultimo anno lectivo podereis aquilatar, embora imperfeitamente, do seu incessante progredir, dos sasonados fructos que colheu na vasta zona que ha tanto rotêa elle, graças á espontanea e valiosa cooperação d'estes ardentes campeões, cujos nomes fazem o seu maior orgulho.

Se a messe não foi muito farta n'esta ultima phase da vida social, sobrepujou ao numero o valor das gemmas que a enriquecem, lamentando nós que a pallidez da nossa phrase não deixasse reflectir-se o fulgor com que ellas brilham.

A missão d'esta nobre instituição é demasiadament vasta, e muitos thesouros, inaccessiveis hoje, pertencer-lhe-hão mais tarde, se é licito augurar do seu futuro pelo seu passado glorioso e presente cheio de esperanças.

Que os nossos ardentes votos pelo seu grandioso porvir, que são tambem os de todos vós, oxalá se realizem. Assim devemos crêr. O futuro é do Brasil. Rio, 15 de Dezembro de 1876.

DISCURSO

DO ORADOR INTERINO JOSÉ TITO NABUCO DE ARAUJO

Uma voz eloquente, e afinada pelos primorosos accordes de vasta illustração e eleita intelligencia sagrada pela admiração dos contemporaneos, á qual estou acostumado a applaudir como discipulo desde os bancos da escola ; uma voz habituada aos applausos da tribuna e da imprensa, e cujo echo ainda sôa n'este augusto recinto, devia abrilhantar d'este lugar, como sempre, a sessão magna anniversaria do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil. Essa voz, porém, fez-se ouvir de mais culminante posto, e esplendidamente descerrou a aurora d'este dia solemne, obscurecendo a tosca linguagem do presente orador, humilde e desconhecido, e que, chamado pelo concurso das circumstancias a este lugar de honra, implora a benevolencia do auditorio para poder condignamente preencher a sua ardua tarefa. Seja-me, porém, antes de proseguir, permittido cumprir um grato e honroso dever.

O Instituto Historico e Geographico do Brasil, no grande dia de sua commemoração, não póde deixar em olvido o jubilo de que se possuiu, vendo em seu seio a excelsa e adorada Regente d'este Imperio e seu augusto consorte, animando com suas graciosas presenças os trabalhos do Instituto, seguindo assim o exemplo de nosso sabio e magnanimo monarcha, sempre assiduo e solicito companheiro de nossas lucubrações, constante promotor do desenvolvimento e progresso da primeira associação litteraria do Brasil, e que n'este momento orgulha a nação com o seu preclaro renome nos atheneus da Asia, visitando sob o céo

de Smyrna, nas margens do Méles, um dos sete berços do immortal Homero.

O Instituto, saudoso pela ausencia do seu augusto protector, sentiu com verdadeiro enthusiasmo a graça que lhe dispensou a Serenissima Princeza Imperial Regente e seu illustre consorte, e, profundamente reconhecido á tamanha distincção, agradece reverentemente a SS. AA. Imperiaes, cujos nomes serão sempre venerados e bemditos pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Depois do mavioso gorgeio de harmonioso rouxinol, cantando a manhã serena e bella, é penoso ouvir o aspero e rude canto da ave nocturna, annunciando a noite entre os cyprestes e tumulos dos obreiros, que durante a jornada de 1876 foram descansar dos longos dias de provação e trabalho no campo dos mortos e á sombra da cruz.

E' forçoso, porém, cumprir o doloroso dever de espargir algumas flôres—saudades e goivos— no grande dia do Instituto, sobre a lousa dos que entre nós foram destacados pelo anjo da morte para subirem ao tribunal dos posteros e comparecerem á barra da eternidade.

Ha trinta e sete annos que alguns cidadãos amigos, devotados da sciencia, tendo á sua frente o Imperador, ergueram este monumento litterario, composto pedra á pedra, columna á columna, por infatigaveis operarios, que se succedem uns aos outros, ao som dos triumphos do pensamento e dos hymnos festivaes que annualmente memoram n'este dia solemne sua vida, progresso e gloria.

Na longa e gloriosa viagem pelo mundo das sciencias e das letras, muitos thesouros têm sido descobertos, muitos primores e brilhantes de crystallina agua expostos á luz do sol e á admiração dos contemporaneos. O monumento vai-se elevando com progressivo impulso ; os operarios não cansam nem desanimam ; denodadamente con-

tinuam a obra legada pelos seus antecessores, redobrando de esforços, abnegação e coragem. Nada lhe falta : possue a luz esplendida de talentos distinctos pela patria, a voz eloquente de oradores eleitos pelos seus pares, e no seio da officina litteraria ouve-se o gorgeio dos passaros de nossos bosques, as lendas dos primitivos senhores da terra do Brasil, os hymnos entoados á sombra dos troncos seculares das virginaes florestas dos sertões, e que antes só ferira o coração das matas, o fundo dos valles, as moitas floridas dos vergeis, ou as impetuosas e soberbas catadupas em que se banham as tribus do povo indigena, adoradoras da natureza, do dia, da noite, do trovão e do raio, isto é, da consubstanciação de Deus, do infinito, da immortalidade.

O monumento ahi está de pé, altivo e a entestar com as nuvens do céo. E' construido por grande numero de operarios : uns que se foram a outros destinos ; estes que permanecem na area da terra : d'estes, dos mais activos, tem o relator annual do Instituto dado grata noticia ; d'aquelles, o orador n'este dia solemne, honra a memoria.

Esses operarios, oriundos de diversos paizes, fallando varias linguas, percorrendo differentes estradas, chegaram todos á terra da promissão, saudaram a mesma aurora, viram o mesmo dia, illuminarám-se com a mesma luz e desceram ao mesmo occaso.

Deixemos os que á luz do dia ainda trabalham ; os obreiros de hoje, que prosigam a jornada de amanhã ; desçamos ao valle de lagrimas, vamos á noite dos mortos, osculemos os leitos dos que descansam e dormem para dizer-lhes que os caminheiros que sobreviveram caminham ainda, caminharão sempre, enviando-lhes o derradeiro adeus, e aguardando, como elles aguardaram, o seu dia de repouso, a sua hora de partida.

Cumpramos nós, os operarios de hoje, para com os

companheiros de hontem o que os nossos irmãos de amanhã cumprirão por nós.

O anjo da morte, sempre cégo e fatal, esvoaçou no nosso campo, e roçou com a aza negra infatigaveis lidadores e vultos eminentes.

Cobriu de crepe uma corôa ducal, um solio episcopal, a cruz da espada de um marechal, e duas pennas sempre aparadas e irmãs na investigação da sciencia e no cultivo das letras.

O primeiro lidador que cahiu ao córte da gelida e lethal fouce foi o secretario d'este Instituto, tão lembrado n'este dia solemne, em que tanto se distinguia pelo relatorio dos trabalhos, elaborado com a imparcialidade e rectidão que distinguia seu caracter.

O conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, presbytero secular, doutor em theologia pela universidade de Roma, conego honorario da imperial capella, professor de rhetorica, poetica e litteratura do Imperial Collegio de Pedro II, membro do Instituto Historico de França, das Academias de Sciencias de Madrid e Lisboa, da Sociedade Geographica de Paris e Nova-York, 1° secretario do Instituto Historico e Geographico do Brasil e commendador da ordem de Christo, exhalou o derradeiro suspiro no dia 15 de Janeiro do corrente anno, pelas 10 1/2 horas da noite.

Extremoso amigo do Instituto, ao qual prestou muitos e preciosos serviços, o conego Fernandes Pinheiro, perseverante e assiduo, dedicava-se ao progresso d'esta associação, que de coração amava, organisando o trabalho da secretaria e do archivo.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro aos 17 de Junho de 1825, sendo filho do major Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e de sua mulher D. Maria Philadelphia Fernandes Pinheiro, habilitou-se no seminario de S. José com os es-

tudos necessarios para o estado ecclesiastico, ordenando-se de presbytero aos 23 annos de idade. Mais tarde foi chamado pelo seu prelado, bispo conde de Irajá, para exercer as funcções de seu secretario particular, regendo ao mesmo tempo, como substituto, as cadeiras do curso theologico do seminario episcopal. Em 1852 passou a ser professor de rhetorica, poetica e historia universal, examinador synodal, recebendo por decreto de 2 de Fevereiro a murça de conego da imperial capella.

No fim do referido anno de 1852 fez o illustre conego Fernandes Pinheiro uma viagem á Europa, visitou o Vaticano, beijou o annel do pescador e obteve o gráo de doutor em theologia, regressando á patria em 1854; teve pouco depois a nomeação de capellão e vice-director do Instituto dos Meninos Cégos, ultimamente creado no paiz.

Pelos serviços prestados ao Instituto dos Meninos Cégos obteve a commenda de Christo. Precedendo concurso, tirou a cadeira de rhetorica e poetica do Imperial Collegio de Pedro II, e em 1859 foi reger tambem a primeira cadeira do seminario de S. José, que é a de theologia moral. Fernandes Pinheiro publicou as seguintes obras: *Carmes Religiosos*, dedicados ao Sr. bispo capellão-mór, conde de Irajá, edição in-8°, de 1850; a *Tribuna Catholica*, *Melodias Campestres*, *Apontamentos Religiosos*, *Ensaios sobre os jesuitas no Brasil*, *França Antarctica ou bosquejo historico da invasão franceza*, *Manual do Parocho*, diversas grammaticas, *Apostillas de Rhetorica e Poetica*, *Cathecismo Constitucional*, *Meandro Poetico*, *Curso de Litteratura*, *Resumo de Historia Lusitana*, *Estudos Historicos*, *Resumo da Historia Contemporanea*.

Por ordem de S. M. o Imperador assumiu a direcção do jornal *Guanabara*, que desempenhou desde Setembro de 1855 até o fim de 1856, tomando parte activa na direc-

ção de alguns jornaes diarios, entre elles o *Jornal do Commercio*, *Diario* e *Globo*.

Fernandes Pinheiro fez ouvir a sua palavra da tribuna sagrada, avantajando-se n'ella mais pela fria argumentação do philosopho do que pela eloquencia, pelo que não a frequentou, dando publicidade a alguns sermões, que correm esparsos.

Era tambem chronista do Imperio.

O conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro não abraçou a carreira religiosa por vocação. Moço estudioso, cheio de aspirações, entendeu que só pela igreja podia satisfazêl-as, attendendo aos poucos recursos da familia. Mais tarde devia pesar-lhe com horrivel pressão esse voto tremendo proferido diante do altar e da sociedade. Com effeito, o sacerdocio era superior ás suas forças em razão de ter abraçado o catholicismo liberal e não saber afivelar a mascara da hypocrisia.

Abandonou a carreira ecclesiastica e dedicou-se inteiramente ao ensino da mocidade fluminense, sacerdocio tambem sublime, nobre e santo.

Fernandes Pinheiro era homem de coração e sentimento; como Jocelyn sentiu a alma elevar-se na admiração dos grandes moldes da natureza e do bello: o padre lutava heroicamente contra o homem, o coração e a alma.

Estava cheio de vida, de fé, de esperança e de futuro; tudo lhe impellia para diante, mas uma voz grave, austera e imponente; a voz para a qual não ha surdez, nem olvido, a voz da consciencia, lhe bradava aos ouvidos: Pára, sacrifica-te; e o martyr deixava pender a fronte condemnada pela profissão da mais cruente agonia.

Quanta emoção não pezaria sobre aquella alma no combate da razão e do sentimento! O coração quer, o dever ordena; a natureza falla e o altar fulmina! Adão arrojado

do paraiso pela serpente social no pelago profundo de um soffrer indescriptivel. O homem com todos os seus attributos encaminhando-se para a vida, a familia, a sociedade, e o padre apontando para o pó da terra, que é a morte, o nada, o esquecimento.

Fernandes Pinheiro foi um martyr: lutou e morreu no combate de sua alma, na provação de sua paixão e na agonia de seu Calvario. Respeitemos o mysterio de dois tumulos abertos no espaço de sete dias.

Nunca mais celebrou, e só vestia os hâbitos sacerdotaes quando ia examinar os discipulos do Imperial Collegio de Pedro II.

Philosopho, remontou sua alma a Deus, e na oração suprema do crente a fé ungiu os labios do christão, que morreu contricto e resignado.

Durante sua vida emprehendeu varias obras, que não levou a effeito por falta de materiaes e tempo, como, por exemplo, um *Diccionario francez-portuguez*, que abandonou na letra —G— um *Diccionario encyclopedico* e o *Phantheon Brasileiro,—historia biographica do Brasil*, cuja idéa tambem abandonou, substituindo-a pela de escrever os *Annaes do Imperio.* No desempenho de seu mister de chronista tinha o illustrado conego combinado com o director do archivo publico para iniciar essa importante obra no anno que agora expira. E' para lamentar que não visse a patria esse trabalho, consumindo o activo escriptor todo o seu tempo no estudo da historia patria. Fernandes Pinheiro, referindo-se ao projectado *Annaes do Imperio*, dizia, a exemplo de *Menandro—que estavam promptos ; só faltava escrevêl-os.*

Quando em Dezembro do anno passado preparava-se elle para publicar as suas *Postillas de Rhetorica*, convertendo-as em um verdadeiro compendio, aggravaram-se os

seus padecimentos do figado, de que soffria desde a idade de nove annos, obrigando-o a procurar nos ares de Petropolis, Nova-Friburgo e Juiz de Fóra, algum allivio. De uma viagem que fez ha tres annos passados ao norte do Imperio gravou as impressões no *Diario Official.*

Succumbiu afinal de um abcesso no figado.

Terminou o caminheiro a sua romaria; não mais o veremos nas nossas fileiras. Desceu ao tumulo no cemiterio de S. João Baptista da Lagôa, sobre o qual o Instituto derramou lagrimas e desfolhou saudades, representado por uma commissão de que foi orador o consocio Escragnolle Taunay.

Prosigamos por entre os chorões do cemiterio, e paremos ante uma lousa respeitavel, a do marechal de campo Antonio Nunes de Aguiar. Descendente de uma nobre familia portugueza, nobilitado por seu avô Manoel Nunes de Aguiar, filho do major Antonio Nunes de Aguiar, conceituado negociante, o joven Aguiar revelou nos primeiros annos o que havia de ser no futuro. O brilhantismo dos seus estudos preparatorios, continuados no anno superior da academia militar, pronunciava já que o estudante Nunes de Aguiar havia ser um brasileiro illustre.

Seguindo a vocação que o chamava para a carreira das armas, sentou praça em um batalhão de artilharia na independencia do Imperio, sendo discipulo, na academia de mathematicas, sciencias naturaes, e arte de guerra, fundada por el-rei D. João VI e pelo grande ministro Coutinho, dos notaveis professores Fr. Pedro, Cordeiro Torres, Fr. Custodio Serrão, Silveira Caldeira e João Paula, cujas sabias lições ouviu com notavel aproveitamento.

Correspondendo á espectativa de seus mestres, entrou em concurso e obteve o posto de 2° tenente em 1823, o de 1° tenente em 1824 e o de capitão em 1829.

Occupou depois o importante lugar de 2º commandante da praça de guerra S. João.

O capitão Nunes de Aguiar não devia ficar esquecido no terceiro degráo de sua carreira. Seu merecimento era apregoado ; escolhido para lêr na cadeira de calculo infinitesimal da academia militar, houve-se com reconhecida vantagem e geraes applausos do corpo docente.

Assim distincto, desempenhou mais o capitão Nunes de Aguiar os cargos de director da fabrica de polvora, instructor da artilharia da guarda nacional, membro da commissão de exames dos officiaes estrangeiros ao serviço do Brasil, merecendo louvores do general, que em ordem do dia o mencionou pelo desvelo, intelligencia, prestimo, assiduidade e energia, com que soube manter a disciplina e subordinação. Transferido para o corpo de engenheiros, encarregado das obras do torreão do quartel do campo da Acclamação, da academia militar, do pharol da ilha Rasa, desempenhou todos esses encargos com pericia, zelo e actividade.

Por esses bons serviços obteve em 1827 a promoção de major, e a escolha para reorganisar as fortificações do Rio-Grande do Sul. N'essa provincia recebeu logo a nomeação de quartel-mestre e ajudante-general junto ao exercito que debellava a revolução.

Tinha chegado o momento do baptismo de guerra para o filho de Marte ; o novel guerreiro ia mostrar o brilho de sua espada no campo da honra ; a estrella da victoria havia de illuminar com seus raios de luz a fronte do valente defensor da patria.

Até alli combatêra pela sciencia ; ia agora combater pelo pavilhão nacional, em prol do respeito ás instituições juradas, estremecidas pelas convulsões lamentaveis da guerra civil. Escolhido para defender o rio S. Gonçalo e as forti-

ficações da esquerda das forças imperiaes, de tal sorte se houve que alcançou em 1838 a patente de tenente-coronel.

Coroado com os louros do triumpho, foi o bravo soldado chamado para a divisão da direita, que debellava os revoltosos. O tenente-coronel, recebido com enthusiasmo pelos generaes, foi collocado ao lado d'estes, consultado para o plano da campanha, vendo aceitos os seus conselhos, coroados do mais feliz successo com a tomada da villa do Rio Pardo do poder dos rebeldes.

Pelo brilho de seus feitos militares e pela sciencia da arte da guerra, d'ahi por diante o tenente-coronel Nunes de Aguiar occupou a primeira linha das notabilidades do campo, e suas opiniões foram ouvidas com respeito e consideração.

O flagello da guerra civil, fomentada e alimentada pelos chefes politicos exaltados no transviamento das idéas democraticas ; os falsos principios lançados no seio da massa popular pelos espiritos insensatos, semeadores do mais perigoso veneno no seio da patria, cujo coração procuram envenenar para fazerem depois a partilha dos cargos, honras, proventos e dignidades, tentando até, para tão nefastos fins, com mão sacrilega, abalar as columnas da igreja unica e indivisivel, contra a qual não prevalecerá nunca o poder satanico do inferno, convulsionava os espiritos e transviava o povo, que, sem sciencia nem consciencia, era imolado e afogado em seu proprio sangue pelas mãos crueis dos ambiciosos aventureiros politicos.

O archote da revolta incendiava o Imperio, os horrores da anarchia sombreavam com sinistras côres os horizontes do Brasil, e a provincia do Maranhão via correr o sangue precioso de seus filhos.

N'essas situações graves precisa o governo do apoio e da espada dos bravos defensores da patria, e o tenente-co-

ronel Nunes de Aguiar foi designado para servir alli junto ao general Lima, hoje duque de Caxias, encarregado de pacificar o norte do Imperio.

Assignalou-se n'essa espinhosa commissão o bravo militar, aproveitando as horas de repouso para escrever uma importante memoria sobre todas as fortificações da provincia, sendo depois da pacificação recommendado pelo general ao Imperador.

Nunes de Aguiar ainda tinha de fazer brilhar a sua honrosa espada. De volta da provincia do Maranhão o general barão de Caxias, seguindo para S. Paulo em defesa das instituições juradas, abaladas profundamente pela rebellião d'aquella provincia, exigiu que o tenente coronel Aguiar o acompanhasse como seu ajudante de ordens.

A capital da provincia, que ouviu o brado de independencia soltado pelo heroico principe fundador do Imperio, via-se seriamente ameaçada pelos revoltosos. Nunes de Aguiar, lembrado para organisar sua defesa, desempenhou essa commissão com tanta pericia, que os paulistas, amigos da paz, ordem e progresso, julgaram-o digno da gratidão nacional.

Sem descanso o bravo e incansavel soldado marchou em seguida para a provincia de Minas Geraes, onde tinha soado o brado da revolta, acompanhando ainda, na qualidade de ajudante de ordens, o general Caxias, encarregado de pacificar aquella provincia.

Ambos mereceram alli as bençãos da patria, e Nunes de Aguiar, pelos serviços prestados e memorados em diversos orgãos importantes da provincia, foi condecorado com o officialato da ordem da Rosa.

Em Santa Luzia, na memoravel campanha de 20 de Agosto de 1842, o valoroso official conquistou uma corôa de louros imarcessiveis ; os proprios revoltosos, vencidos

pelas forças do barão de Caxias, commandadas pelos coroneis Galvão e Alvarenga, depondo as armas, e entregando-se á divisão, entre os quaes se achavam Limpo de Abreu, José Pedro Dias de Carvalho, conego Marinho, conego Geraldo Soares de Meirelles. França Leite e Theophilo Ottoni, depois julgados e proscriptos, confirmaram publicamente ter encontrado em Nunes de Aguiar, não um vencedor rancoroso, mas um generoso cavalheiro e delicado compatriota, digno de sua estima e gratidão.

Era uma das mais virentes corôas colhidas pelo distincto guerreiro na sua carreira, na qual teve accesso ao posto de coronel em remuneração d'esses serviços.

Assim elevado pelo proprio merecimento, o novo coronel, chamado a exercer novas commissões, como a de formular os regulamentos e instrucções para os serviços das fortalezas e todas as armas do exercito, despertou a attenção do ministro da guerra Jeronymo Francisco Coelho, elegendo-o para organisar e dirigir a repartição de obras militares, havendo-se n'essa commissão com a costumada pericia e circumspecção.

Deixou as obras militares em 1840 para tomar conta do commando das armas da provincia de Minas Geraes, por ser alli preciso um homem energico e estimavel, que podesse antepôr um dique seguro á perniciosa exaltação dos animos que agitava a provincia, ameaçando de novo convulcional-a. Coroada essa missão do melhor successo, voltou o coronel para a côrte, encontrando a nomeação de commandante da fortaleza de Santa Cruz, primeira praça de guerra do Imperio, que reclamava um official habil, provecto e disciplinador.

Fulgiu a estrella do nobre e illustre coronel, quando foi em 1848 encarregado pelo governo de libertar os escravos que na provincia do Rio Grande do Sul pegaram em

armas, impellidos pelas extraordinarias circumstancias dos acontecimentos revolucionarios.

Era espinhosa, delicada e difficil a commissão.

Em frente da grande causa da religião e da liberdade estavam os interesses particulares dos que consideram a propriedade e o ouro como o sangue e a vida.

Nunes de Aguiar esteve na altura d'aquella actualidade: foi o grande vulto da situação, e honrou a civilisação do seculo sagrando a liberdade e os direitos do homem.

Voltou laureado com immortaes louros, os quaes ainda n'este momento refulgem memorando a sua vida, conferidos pelos unanimes applausos da patria, do governo e da opinião. Por esses assignalados serviços nomeou-o o governo presidente da provincia das Alagôas e seu commandante de armas.

Era essa a mais significativa confiança do Imperador em época assaz melindrosa por ter a revolução tomado proporções assustadoras na capital da provincia, sem recursos de defesa, e que em 1844 fôra ameaçada pelo famigerado Vicente Ferreira de Paula, por antonomasia o Chefe das Matas, obrigando o benemerito presidente de então, Bernardo de Sousa Franco, esse gigante da tribuna e da politica brasileira,a refugiar-se em um navio de guerra. Nunes de Aguiar correspondeu plenamente á eleição que d'elle fizeram: pacificou a provincia, curando do interesse da lavoura e da industria; impediu a destruição das matas; melhorou a instrucção publica; desenvolveu as vias de communicação e garantiu o voto livre.

Estes serviços soube a provincia agradecer, elegendo o illustre administrador para representaI-a na assembléa geral legislativa. Com assento na camara dos deputados em 1850, sua voz por vezes se fez ouvir com vantagem, merecendo os seus discursos o applauso dos collegas, pela

firmeza dos principios, nunca mentindo á consciencia e ao dever, deixando muitas vezes de acompanhar o governo em votações importantes, negando-lhe francamente apoio e voto, que fundamentava com coragem e civismo. Nomeado em 1853 chefe do quartel-mestre-general, fez a reforma d'aquella repartição, restabelecendo a ordem e fiscalisando os dinheiros publicos.

A academia militar não podia deixar de orgulhar-se dos louros colhidos por um dos seus filhos mais distinctos: conferiu-lhe o gráo de bacharel em sciencias exactas.

De 1855 a 1862 Nunes de Aguiar recebeu tres galardões conquistados na carreira publica pelos relevantes serviços prestados ao Estado: foram elles a commenda de Aviz, a patente de brigadeiro e a carta de conselho.

Nobilitado, e vendo fulgurar em seu fardão os bordados e honrosas divisas de general, como as veneras que distinguem o verdadeiro merito e bravura, o novo official-general não adormeceu encostado ao copos da espada laureada pela patria; redobrou de esforços, e procurou cada vez mais provar que os tinha merecido. Tendo grangeado no circulo dos homens praticos e venerados a reputação de habil administrador, encontrára recursos onde pareciam elles impossiveis.

Existe n'esta côrte uma associação militar de beneficencia, conhecida pelo titulo de Irmandade da Cruz dos Militares, da qual é protector S. M. o Imperador; o brigadeiro Nunes de Aguiar, eleito provedor em uma época de completo abatimento da irmandade, por tal fórma administrou que em poucos annos a renda bruta excedeu annualmente a 40:000$, augmentando elle as pensões das viuvas e dos orphãos dos militares, seus companheiros de armas.

A viuvez e a orphandade abençoaram o illustre bemfeitor, que lhes augmentára o pão e a vida, enxugando o

mais pungente dos prantos, o pranto da necessidade. Não podiam os irmãos da Cruz ficar indifferentes a tamanho beneficio, e o honesto provedor teve a satisfação de vêr o seu retrato a oleo, em tamanho natural, collocado no consistorio da igreja da Cruz dos Militares.

A posteridade encontrará alli a imagem do administrador benemerito, como nas paginas da historia patria o seu nome immortalisado.

Em 1864 foi chamado a tomar assento no primeiro tribunal do paiz— o conselho supremo militar de justiça, de que é presidente o Imperador, e em 1865 nomeado commandante geral do corpo de engenheiros e director do archivo militar.

Estava ainda reservada ao brigadeiro Antonio Nunes de Aguiar uma honrosa distincção: foi escolhido em 1866 para assumir o lugar de encarregado do movimento do pessoal e material do exercito brasileiro em Montevidéo. Foram taes os serviços prestados pelo general n'essa commissão, que recebeu louvores não só do gabinete de S. Christovão, como do governo da republica, sendo agraciado, em attenção áquelles serviços, com a dignitaria da ordem da Rosa e a patente de marechal de campo.

Honrado e distinguido na republica Oriental do Uruguay com a habilidade com que evitava ferir susceptibilidades exageradas, harmonisando os interesses do seu paiz com o respeito ás autoridades da republica, de tal modo se popularisou alli que, ao retirar-se em 1868 para o Brasil, foi o alvo das maiores manifestações de apreço, não só do governo oriental, como de todo o corpo diplomatico e de seus concidadãos que alli se achavam. Acercou-o um numeroso e luzido acompanhamento ; uma guarda de honra saudou-lhe o embarque ao som das salvas de artilharia do forte de S. José, correspondida por todos os navios de guerra surtos

no porto, e das acclamações do povo, reproduzindo-se e expondo-se o seu retrato nas principaes casas de commercio.

O que mais é preciso para elevar no coração da patria um altar de admiração e respeito?

De volta ao Rio de Janeiro reassumiu o marechal os seus cargos de commandante geral do corpo de engenheiros e director do archivo militar, recebendo então as ultimas honras que lhe foram conferidas: a nomeação de conselheiro de guerra e o fôro de fidalgo cavalheiro da casa imperial.

De 1868 por diante occupou-se o marechal de campo Nunes de Aguiar em plano de melhoramento para o archivo militar, que desejava elle elevar ao mais alto gráo de prosperidade, como nucleo de consulta e de estudos para o corpo de engenheiros.

Esquecido desde 1868, o velho marechal, que nos ultimos annos de sua vida tinha-se tornado expansivo e sociavel em extremo, procurava distrahir as preoccupações do espirito nos circulos festivos da cidade, onde era sempre encontrado, ameno, generoso, cortez e jovial.

O marechal tinha completado sua carreira e preenchido seu destino: succumbiu inesperada e repentinamente, victima de uma apoplexia fulminante.

Inhumado a 18 de Julho do corrente anno, acompanharam o corpo um numeroso cortejo de collegas, amigos e subordinados, seus admiradores, prestando-se ao illustre finado todas as honras devidas a seu elevado posto e posição social.

As provincias do Rio Grande, Maranhão, S. Paulo, Minas Geraes e Alagòas, têm o nome do venerando marechal de campo gravado em caracteres indeleveis nos annaes dos contemporaneos.

Sobre seu tumulo ergue-se o maior de todos os monu-

mentos: a modesta corôa de sempre-vivas, perpetuas e saudades, unico adorno que distingue a sepultura do pobre.

Elevado á grandeza social, não legou fortuna; preferiu a honra á riqueza: é esse o maior thesouro que póde deixar um pai a seus filhos.

Honra e gloria ao velho marechal; sobre a sua nobre campa desfolhe por sua vez o Instituto saudades sinceras de envolta com o adeus da despedida.

Mais um tumulo que se abre; mais uma inscripção funebre; mais um campeão estendido no pó do cemiterio.

O Innocencio, do *Diccionario Bibliographico* já não existe.

Innocencio Francisco da Silva, o inventariante dos preciosos bens e thesouros litterarios do Brasil e Portugal, o celebre autor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, estudos applicaveis aos dois paizes irmãos, foi riscado do quadro dos vivos e passou para o quadro dos mortos.

A morte do eminente bibliographo portuguez foi pranteada por toda a imprensa americana e européa, cobrindo-se de luto a portugueza, que condignamente memorou tamanha perda.

O Brasil foi objecto de minuciosas pesquizas e estudos do illustre finado; a elle devemos vêr honrados com distinctas noticias biographicas importantes cidadãos brasileiros, muitos d'elles membros d'este Instituto, entre os quaes resplende o nome do illustrado cavalheiro que preside n'este momento a sessão magna anniversaria.

O illustre portuguez tinha adquirido um titulo de no-

breza, que só o talento confirma, e que foi authenticado pela opinião: era geralmente conhecido pelo Innocencio do *Diccionario Bibliographico*, obra esta á qual dedicou a melhor parte de seus dias, votando ás gerações do futuro um precioso legado, composto de nove volumes, sete do corpo da obra e dois do supplemento, ficando na letra G.

Innocencio Francisco da Silva nasceu na cidade de Lisboa, e era filho de um negociante pobre, official das antigas ordenanças e o primeiro mestre que teve Innocencio, e com quem aprendeu as primeiras letras.

Cursou humanidades na escola publica do Bairro-Alto, forçado a abandonar por falta de meios, cursando depois a aula do commercio, onde foi approvado em 1830, tendo vinte annos de idade. Iniciou-se depois no conhecimento da litteratura franceza, analysando as doutrinas da philosophia do seculo XVIII, que fez a revolução tremenda, da qual brotou a flôr da liberdade, regada pelo sangue de tantos martyres sacrificados ás consequencias logicas do syllogismo da historia, que registrou a atrocissima oppressão e demasiada licença de muitos monarchas, ministros e régulos.

João Jacques e Raynal eram seus philosophos e narradores favoritos; tanto não lhe merecia Voltaire, porque o illustre philologo era verdadeiro crente, e não admittia em materia de religião as heresias com que se celebrisou o annotador da Biblia.

Ensaiou tambem o seu estro poetico, procurando imitar alguns poetas classicos, mas não continuou n'esse genero de litteratura.

De 1830 a 1833 cursou os tres annos de mathematicas na extincta academia de marinha, obtendo premio nos dois primeiros annos, *nemine discrepante*, e cabendo-lhe no ultimo menção honrosa.

Restaurado em Portugal o regimen liberal, alistou-se no 4° batalhão movel de Lisboa, prestando assim sua adhesão á politica dominante, e bons serviços á causa publica, como provam os louvores que recebeu, assim como honrosos attestados.

As necessidades da familia desviaram Innocencio da Silva da carreira militar para seguir o magisterio. Tinha o pobre pai ancião e enfermo, cégo e paralytico: era preciso voar em soccorro dos velhos progenitores, a quem coadjuvava com o subsidio das lições de commercio e mathematicas, mister este em que se occupou com perseverança até 1837.

N'esse mesmo anno foi nomeado amanuense extraordinario na administração geral de Lisboa, hoje governo civil, sendo admittido no quadro em 1842. José de Torres, biographo do illustre bibliographo, diz que no lapso de vinte e nove annos Innocencio Francisco da Silva redigiu mais de vinte e seis mil cartas e officios, afóra milhares de outros documentos.

N'esse emprego aproveitou elle muito para a elaboração do *Diccionario*, inspirando-o talvez n'esse lugar a idéa d'essa obra importante e difficil. A quantidade de obras descriptas no *Diccionario Bibliographico* alcança o algarismo 19,328.

Que difficuldades, quantas decepções e amarguras não passaria Innocencio para realizar empreza tão gigantesca?

A minuciosa descripção d'essas obras póde ser vista nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, volume primeiro, fasciculo n. 1.

Além do *Diccionario*, Innocencio Francisco da Silva publicou mais quatorze volumes diversos, descriptos e analysados no perfeito trabalho biographico que a respeito do

distincto philologo fez o Sr. Valle Cabral, á pag. 165 dos referidos *Annaes*.

A Academia Real de Sciencias de Lisboa nomeou-o, por unanimidade, seu socio correspondente de segunda classe em 24 de Fevereiro de 1859, passando a effectivo em 6 de Abril de 1862.

Innocencio da Silva não teve o prazer de vêr terminada sua grandiosa empreza; distrahido para outros commettimentos, não menos valiosos para as letras, viu-se forçado a interrompêl-a, deixando, porém, grande somma de material prompto e preparado para muitos volumes, devendo o governo portuguez aproveitar os preciosos autographos, e com o concurso dos amigos e consocios do illustre finado terminarem o monumento litterario erigido por Innocencio em honra da patria e das letras.

Essa divida de honra, se a esquecer Portugal, deve cumpril-a o Brasil, co-irmã d'aquella nação, e que tanto mereceu do bibliographo portuguez n'aquelle importante *Diccionario*, onde se acham inscriptos e biographados quasi todos os brasileiros illustres.

A publicação de uma monographia especial sobre o episodio de Ignez de Castro, muito adiantada em 1862, concorreu assaz para o adiamento do *Diccionario Bibliographico*.

Muito tempo e paciencia tambem lhe roubou o trabalho intitulado *Memoria para a vida intima e particular de José Agostinho de Macedo*, e a *Biographia do grande poeta portuguez Francisco Manoel do Nascimento*, assim como outros ineditos importantes, que ficaram no fundo de sua bibliotheca; e praza a Deus não sejam devorados pela traça das estantes ou arrebatados pela mão audaz do trapeiro litterario, coordenando os portuguezes amigos do illustre finado os apontamentos que elle deixou para

a conclusão de suas obras: Innocencio da Silva era pouco sociavel, escravo do methodo e captivo do trabalho.

As horas vagas empregava-as no estudo, assentado diante dos livros em sua bibliotheca particular. Ahi levava elle horas esquecidas, mergulhado em profunda meditação, aprofundando, quem sabe, os impenetraveis mysterios do sêr e do não sêr, da vida e da morte, do infinito e da immortalidade. Na solidão do gabinete, de que era muito amigo, procurava fugir ao importuno ruido das festas, contribuindo esse isolamento a que se condemnava para a asperidade na enunciação de suas opiniões e censuras, e a rude franqueza que manifestava nos conselhos: era, em compensação, dotado de uma grande alma e de um caracter geralmente venerado.

Pela sua vasta illustração, opulencia e thesouro de conhecimentos historicos, prompta e fiel memoria, citações a tempo e repentinas applicações de textos, como narração de episodios, ainda os mais occultos, das vidas dos heróes e homens de letras de Portugal, foi chamado por alguns contemporaneos *a bibliotheca animada.*

Innocencio da Silva teve o presentimento da morte.

Era predestinado, e o anjo do exterminio, a quem foi confiada pelo Senhor a ampulheta da vida dos mortaes, mostrou ao venerando philologo que os ultimos residuos iam cahindo no véo da morte.

Na obra *Feira dos Annexins*, publicada em 1875 por Francisco Manoel de Mello, diz Innocencio nas paginas preliminares, que serviram de prologo, o seguinte:

« De longos annos data este nosso empenho de prestar ás letras patrias mais um pequeno *e talvez ultimo serviço.*»

No inedito supplementar, relativo a um artigo do *Diccionario*, tomo X, acrescenta: *« Se ainda me fôr dado trazêl-o a lume.* »

Consultado por el-rei D. Luiz para tomar conta da bibliotheca particular da Ajuda, não aceitou a nomeação por falta de tempo para o desempenho dos deveres d'aquelle lugar.

O presentimento do illustre bibliographo verificou-se.

No inteiro gozo de suas faculdades mentaes, sentia dia a dia ir-se enfraquecendo a organisação. O corpo do athleta estava cansado e morbido; os explendores do dia iam-lhe fugindo dos olhos, ameaçando-o com a noite perpetua, e Innocencio da Silva ainda queria lutar, revoltando-se contra a lei da destruição, sujeitando-se com difficuldade a ficar em casa e a medicar-se, quando ultimamente atacado pela terrivel enfermidade, depauperadora das forças do infeliz, pouco a pouco descarnado por ella, apezar de todos os esforços da sciencia, e dos desvelos da familia e dos amigos.

A 21 de Junho do corrente anno já o extenuado escriptor soffria horrivelmente, sentindo fugir-lhe a falla, assim como lhe tinha fugido a vista.

Ao lado do seu martyrio, que soffreu com a maior resignação e coragem, estava, entre outros amigos, testemunhas de sua provação, o popular escriptor Pinheiro Chagas.

Estendido em vasta poltrona, entre estantes e livros, tendo a fronte apoiada n'uma almofada collocada sobre alguns volumes, a cabeça coberta de cans e as mãos descarnadas, esse esqueleto de martyr, envolvido em um chale-manta, saudou os amigos que o visitaram e assistiram ao acto solemne da approvação do seu testamento, ordenando tudo sem proferir um queixume, sem exhalar um gemido, e com a maior serenidade de espirito.

No dia 27 de Junho a molestia diagnosticada, cachexia paludosa, attingiu sua derradeira crise. O corpo dobrava-se dolorosamente procurando seu ultimo pouso, e successivos espasmos prenunciavam a vizinhança do tumulo.

A's 2 horas da tarde pôde a custo pronunciar algumas palavras : era o pedido para que se chamasse o seu compadre Brito Aranha, que bem de perto lhe velava a agonia. Approximou-se este, encobrindo as lagrimas ; ao sentil-o perto, Innocencio da Silva, já moribundo, apertou-lhe a mão e despediu-se, proferindo estas palavras : « Adeus ! acabou o martyrio ! » Recebeu a extrema-uncção ás 6 horas da manhã, e expirou, com a imagem do Redemptor diante dos olhos, ás 9 horas e 7 minutos da manhã.

Estava tudo consummado para o elevado bibliographo portuguez.

Effectuou-se o seu funeral a 28, depois das 11 horas da manhã, concorrido por todo o mundo illustrado de Lisboa, que assim honrou sua memoria.

O Marquez de Avila e de Bolama, o conde de Paraty, os viscondes de Castilho e de Faro, o conselheiro Martens Ferrão, Gama Barros, Bulhão Pato, Pinheiro Chagas, a *high life* da republica das letras portuguezas, tiveram a honra de tomar as borlas do caixão, ficando o corpo depositado no jazigo perpetuo do Sr. Gonçalves Coutinho, empregado do governo civil e muito respeitador do illustre finado.

Innocencio Francisco da Silva teve as honras correspondentes ao grão de official da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito.

Era tambem cavalleiro da imperial ordem da Rosa, chefe da 4ª repartição da secretaria do governo de Lisboa, socio effectivo da Academia de Sciencias da mesma cidade, socio correspondente do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil, e de outras muitas associações scientificas e litterarias nacionaes e estrangeiras.

O illustre bibliographo e philologo portuguez erigiu em vida o maior monumento que lhe podia illustrar e memorar a campa. Sobre aquella lousa não se levanta o custoso artefacto de marmore e ouro; não está a columna de purissimo jaspe, nem os florões da riqueza, denunciando a vaidade dos homens, mesmo diante da cidade dos mortos: o que alli se ergue immortalisando a sepultura do bibliographo portuguez, é uma bibliotheca, o renome, a immortalidade, diante da qual se curvarão com profundo respeito e admiração os posteros.

Diante d'essa bibliotheca, envolta agora no crepe, inclina-se pezaroso o Instituto Historico e Geographico do Brasil.

Tenho agora diante de mim dois grandes vultos, duas campas illustres: sobre uma brilha a corôa ducal, um bastão de marechal, pergaminhos e honras; sobre a outra está uma mitra viuva, um baculo envolto em fumo, um anel episcopal humedecido por cinco mil lagrimas.

Dois grandes tumulos que encerram dois grandes homens: um duque-parente e um principe da igreja. O duque e o bispo eram ambos socios honorarios d'este Instituto.

O marechal duque de Saldanha, D. João Carlos Gregorio Domingos Vicente Francisco de Saldanha de Oliveira e Daun nasceu em Lisboa em 17 de Novembro de 1780, e eram seus pais os condes do Rio Maior, sendo pelo lado materno neto do celebre ministro de D. José I, Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, depois marquez de Pombal, o restaurador da cidade de Lisboa, o exterminador dos jesuitas em Portugal e no Brasil, que morreu decahido e exilado, em 1782, quando seu neto contava apenas dois annos de idade.

Era tambem neto, pelo lado paterno, de Bernardo del

Carpio, o defensor da Hespanha contra Carlos Magno, e da infanta D. Ximena, irmã de Affonso o Casto, rei de Castella.

Fez seus estudos primarios no collegio dos nobres de Lisboa, completando os superiores na universidade de Coimbra.

O primeiro cargo que exerceu foi o de membro do conselho de administração das colonias. Segundo a opinião de alguns biographos, entre elles *Vaporeau*, o duque de Saldanha ficou em Portugal quando a familia real veiu para o Brasil, aceitando sem resistencia a dominação franceza. Casou com D. Maria Theresa Margarida Horan Fitzgerald, filha legitima de Thomaz Horan e Isabel Fitzgerald, nascida em Dublin e morta na cidade de Cintra em 12 de Agosto de 1855.

Entrou em serviço militar com vinte e cinco annos de idade, commandando um batalhão na campanha de Bussaco, e uma divisão em Tolosa, conquistando pela sua bravura nos combates postos e louros.

D. João VI, Fernando VII e Jorge IV condecoraram o valoroso soldado com diversas medalhas de honra e merito.

Foi feito prisioneiro pelos soldados de Wellington e transportado para a Inglaterra, sendo-lhe então permittido passar para o Brasil.

Chegando ao futuro Imperio, n'esse tempo colonia de Portugal, na qualidade de capitão-general do Rio Grande do Sul, fez a guerra de Montevidéo e do Rio da Prata, commandando tres divisões do exercito portuguez, desbaratando os esquadrões de Artigas, pelo que foi promovido a brigadeiro.

Em 1825, escolhido por D. João VI para ministro dos negocios estrangeiros, resignou depois esse cargo, em

consequencia da recusa da nomeação de governador do Brasil, commandante das forças de mar e terra, com o titulo de vice-rei. Essa recusa, considerada pelo governo como uma desobediencia, deu motivo a que o general duque de Saldanha fosse recolhido ao castello de S. Jorge, não chegando a responder a conselho de guerra pela victoria da reacção, que abriu as portas de todas as prisões.

Depois da morte de D. João VI, e durante a regencia da infanta Isabel, obteve a nomeação de governador do Porto, comprimindo energicamente n'esse posto as tentativas miguelistas, dirigidas e acoroçoadas pela rainha-mãi. N'essa cidade proclamou a carta constitucional em frente de toda a guarnição.

Convocadas as côrtes pela infanta regente D. Isabel, tomou assento como deputado, e em 1 de Agosto de 1826 assumiu a pasta da guerra.

Conservou-se no ministerio modificado em 9 de Junho de 1827 ; mas, querendo impôr á regencia a demissão de alguns funccionarios suspeitos, deu a sua demissão e retirou-se para a Inglaterra.

A usurpação de D. Miguel, disfarçada com o nome de regencia, chamou o nobre duque de novo a Portugal, e alli pôz-se elle á frente do movimento liberal.

Votado ao bem da nação que lhe viu o berço, animado pelo impulso das idéas liberaes, procurou n'essa situação, por todos os meios, dar uma batalha decisiva ; abandonado por suas tropas, desgostoso e vencido, voltou o nobre general de novo á Inglaterra e depois á França, tendo alli feliz occasião de entreter relações com o general La-Fayette, o commandante geral da guarda nacional de Paris, o herôe de 17 de Outubro de 1791 no campo de Marte.

Em 1829, vindo o illustre general acompanhado de

novecentos emigrantes municiados e promptos para engrossar o exercito liberal na Ilha Terceira, foi cercado no mar pelos inglezes, que metralharam as embarcações dos emigrandos, forçados por esse imprevisto acontecimento a se refugiarem em França, chegando a Brést em 29 de Janeiro.

Teve em 1832 algumas desintelligencias com o principe D. Pedro, o que deu causa a que a expedição franco-portugueza, que partiu de Belle-Isle, não o contasse em seu seio nem entre seus chefes.

Em 1833, porém, reconciliado com seu augusto e generoso companheiro de armas, penetrou na cidade do Porto, bloqueada por D. Miguel, e tornou-se com o titulo de generalisimo e chefe do estado-maior um dos conselheiros intimos e privado amigo do principe D. Pedro.

No explendor de tão assignalados feitos, vendo fulgir cada vez mais deslumbrante o seu destino, proseguindo na elevada missão que lhe foi confiada pela Providencia, perseverante e incansavel no nobre e patriotico empenho de libertar a patria dos grilhões do captiveiro, e sacudir, ao som do hymno da liberdade, um jugo absoluto e oppressor, o general-duque concebeu e executoù de parceria com o seu collega duque da Terceira, a memoravel e brilhante expedição dos Algarves, estreiada com muitas victorias e terminada pelo victorioso assalto de Lisboa.

Coroados dos louros do triumpho, o invicto general sitiou Santarem e assignou com D. Miguel em 1834 a decisiva capitulação de Evora, que o elevou em consequencia d'esses brilhantissimos successos ao eminente accesso de unico chefe do exercito por ter dado a sua demissão o duque da Terceira.

O general-duque, accusado por muitos publicistas de seu tempo de incostante e versatil em suas opiniões politicas, tomou assento nas côrtes em 1834, constituindo-se logo

chefe da opposição, aceitando em 27 de Maio de 1835 a presidencia do conselho com a pasta da guerra.

A desharmonia com seus collegas e a incerteza de obter uma maioria obrigaram-n'o a retirar-se do gabinete.

Fallecendo o duque de Bragança, e derrubada a carta pela revolução de 1836, viu o bravo marechal mallograda a tentativa da restauração com a perda da batalha de Ruiváes, que deu lugar á convenção de Chaves e á retirada do valoroso chefe para o estrangeiro, fatigado e desgostoso.

Em 1840 foram-lhe dadas duas importantes missões junto ás côrtes de Madrid e Londres, honrando-o o governo portuguez em seguida á essas missões diplomaticas com a embaixada á côrte de Vienna.

Voltando a Portugal em 1846, para chorar a morte de seu filho o conde de Almoster, pediu exoneração do cargo de conselheiro de Estado; recusou a corôa aceitar a exoneração do nobre duque.

Envolvido de novo na politica do paiz, preferindo ao *Deus nobis hœc otia fecit* a actividade e a luta em prol da causa publica, presidiu ainda o gabinete; mas, respondendo a cidade do Porto com o grito de guerra ao programma do novo ministerio, seguiu-se uma serie de acontecimentos politicos, terminados pela intervenção estrangeira depois da brilhante batalha de Torres Vedras.

Voltou mais uma vez ao poder em 18 de Outubro de 1847 cedendo o lugar em 18 de Julho de 1848 ao conde de Thomar.

A politica de Portugal tumultuava a ponto tal n'essa occasião que o velho e nobre duque, constrangido a collocar-se em 1858 á frente do partido regenerador, alcançou com o auxilio das tropas e o concurso da Inglaterra

dar um golpe de Estado, do qual resultou o banimento do ministro Costa Cabral, ascendendo novamente ao poder o infatigavel chefe politico, e conservando durante cinco annos de paz e prosperidade o timão da náo do Estado, apezar das difficuldades de uma menoridade e de uma regencia.

Foi ainda distinguido em 1862 com a embaixada de Roma.

No anno de 1870, regressando a Portugal, impellido pela imposição do partido e o imperio dos acontecimentos, presidiu o movimento revolucionario de 19 de Maio.

Seria longo analysar aqui esse commettimento politico que pertence ao dominio da historia ; preferimos não reproduzir n'este momento o juizo de alguns illustres biographos e publicistas contemporaneos.

Aceitando a embaixada de Londres, ahi, victima de uma congestão cerebral, no dia 21 de Novembro, quatro dias depois de seu anniversario natalicio, se finou o embaixador ancião : era umas das glorias militares e politicas da patria de Camões ; tinha os cabellos cobertos da neve de oitenta e seis invernos, o peito semeado de estrellas de todos os céos do globo e a fronte laureada pela patria agradecida.

Venerado pelo duque de Bragança, D. Pedro I do Brasil e quarto de Portugal, mereceu d'este o mais precioso legado, e a mais eloquente prova de amizade e confiança que póde dar um rei a seu subdito.

Na extrema ancia da morte, no ultimo soluço da existencia, D. Pedro, o heroico fundador d'este Imperio, o inclyto restaurador da dymnastia portugueza, apertando a mão do marechal, volvendo-se quasi moribundo para a sua extremosa filha, herdeira e successora, a Sra. D. Maria II, disse-lhe com os olhos rasos de lagrimas : *Maria, aqui te deixo teu pai.*

Era a apotheose do marechal-duque.

Um telegramma de 22 do mez proximo passado annunciou ao Imperio a morte do grande estadista portuguez. A descripção de seu funeral, que havia ser celebrado em Lisboa com a pompa e as honras devidas ao grandioso nome que possuia, e ás distincções conquistadas nos altos postos que occupou, não chegou ainda a esta côrte.

Acabaram para elle as glorias ephemeras da terra ; começa a sua ascensão para a região immortal.

O Instituto derrama lagrimas sentidas sobre o illustre campa do eminente finado.

O duque de Saldanha era par do reino, conselheiro de Estado, mordomo-mór da casa real, marechal do exercito ; tinha as honras de duque-parente. Era grão-cruz de quasi todas as ordens dos Estados principaes da Europa e do Brasil, e membro honorario de diversas academias.

Grã-cruz da Torre e Espada, de Christo e de S. Thiago, de S. Fernando da Hespanha, de Carlos III, de Leopoldo da Belgica, de Ernesto Pio, de Saxe Coburgo Gotha, de S. Gregorio Magno de Roma, de S. Mauricio e S. Lazaro da Italia, da Legião de Honra da França, de Salvador da Grecia, do Leão dos Paizes-Baixos, da Aguia Branca da Russia, de Alberto o Valoroso da Saxonia e de Leopoldo da Austria :

Cavalleiro da Annunciada de Italia, e de S. João de Jerusalem e do Tosão de Ouro ;

Commendador da ordem da Conceição ;

Medalhas portuguezas do commando do Bussaco, S. Sebastião e Nive ;

Medalhas britannicas : de Bussaco, S. Sebastião e Nive ;

Medalhas hespanholas do Octaia, S. Sebastião, Nive e Tolosa ;

Cruz com algarismo 6 das campanhas da guerra peninsular;

Estrella de ouro da guerra de Montevidéo;

Medalha com o n. 9 das campanhas da liberdade;

Medalhas militares de ouro por valor militar, bons serviços e comportamento exemplar.

Ouço agora uma musica celeste; parece que meus olhos, extacticos, contemplam um quadro maravilhoso: vejo um tumulo cercado de cherubins e anjos, desferindo em harpas eólias canticos sagrados; o perfume da myrrha embalsama a atmosphera; uma luz semelhante á da electricidade refulge no marmore; o orvalho bemdito das lagrimas de milhares de justos, douradas pelo reflexo da luz divina, cahem como chuva de ouro sobre uma fronte adormecida e cercada da aureola dos eleitos do Senhor.

Quem é esse santo que dorme?

De quem é essa lousa convertida em throno de gloria?

E um côro angelico, como jámais ouvirei na terra, glorificou o nome de um justo e sagrou um santo.

O justo, o santo, que os archanjos memoram no céo, chamava-se entre os vivos D. José Antonio dos Reis, bispo de Cuyabá.

D. José Antonio dos Reis, bispo diocesano de Cuyabá, do conselho de S. M. o Imperador, commendador da ordem de Christo, bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela faculdade de direito de S. Paulo, e pela mesma premiado com a medalha de ouro, bispo assistente ao solio pontificio, prelado domestico de Sua Santidade, conde Palatino, presidente honorario do Instituto de Africa em Paris, socio honorario do Instituto Historico e Geographico do Brasil e da academia das bellas-artes, veiu á luz no dia 10 de Janeiro de 1798 na cidade de S. Paulo, e era filho de uma honrada, mas pauperrima familia, que possuia

como unico titulo de nobreza a honra e a virtude. Eram seus pais desconhecidos e obscuros. Tendo a infelicidade de perdêl-os ainda em tenra idade, foi para a companhia de um tio, conego da Sé, ancião e paralytico, que pouco sobreviveu a seus irmãos, deixando o sobrinho em perfeito desamparo, e submerso nos horrores da orphandade e da miseria.

O desventurado menino não se abate nem aterra. Coberto de andrajos, com os pés nús, exhausto de fome, gelado pelo frio e pela sêde, soffrendo dias inteiros a falta de nutrição pelo vexame que tinha de estender a mão para pedir, não faltava comtudo ás suas aulas, curando de alimentar o espirito com mais preciosa seiva, merecendo pela assiduidade, estudo e applicação, a attenção de seus mestres e compatriotas.

D'ahi por diante tornou-se mais suave a posição do pobre estudante, que recebia, a titulo de presente, livros e roupas, estudando assim os preparatorios para as sciencias ecclesiasticas.

Sabendo o bispo D. Matheus da virtude e necessidade de Antonio dos Reis, mandou vir o estudante á sua presença, nomeando-o altareiro da Sé de S. Paulo.

Estudava então Reis o curso superior de theologia em um dos conventos da cidade, distinguindo-se alli pela modestia, docilidade de espirito e excessiva humildade.

As horas vagas empregava o excellente moço em remendar no fundo do aposento, e com suas proprias mãos, os sapatos e a roupa; sentado sobre uma pelle de carneiro, que lhe servia de leito, tecia meias para vender e assim minorar sua miseria.

Quantas lagrimas não humedeceria a pelle em que Antonio dos Reis descansava os membros alquebrados pelas

provações do dia, e martyrisado muitas noites pelas tetricas insomnias do pobre ?

Quanto pranto, quantos sonhos, quanto gemido de dôr sublime e profunda? Que ouro precioso não estava o Senhor preparando n'aquelle negro crysol, para com fino e inexcedivel quilate ornar no futuro um solio episcopal?

Fazendo os mais rapidos progressos nos estudos, prestou exame de theologia dogmatica, e, approvado com muitas distincções e louvores, foi proposto pelo proprietario da cadeira para lente substituto.

Os condiscipulos murmuraram muito da proposta ; repugnava-lhes, diziam elles, vêr na cadeira magistral um homem tão pobre, que nem tinha para vestir-se decentemente.

D. Matheus foi surdo á censura e fez a nomeação, mas *gratis pro labore*, percebendo apenas Antonio dos Reis 7$200 do bolsinho do cathedratico ; passando amargas provações e conservando-se n'esse lugar, conseguiu Reis completar os seus estudos e ordenar-se sacerdote.

A provincia natal negára-lhe os meios de conserval-o em seu seio, e o novo levita, não encontrando no fructo de suas ordens, recursos para viver com a decencia devida á sua nova posição, retirou-se para a provincia de Minas, afim de dedicar-se ao magisterio publico, leccionando rhetorica e theologia moral.

N'esse tempo fundára-se em S. Paulo uma bibliotheca e o capitão-general pediu ao bispo D. Matheus que lhe propuzesse um bibliothecario. D. Matheus recordou-se do antigo altareiro da Sé, do pobre substituto de theologia, e eis de novo o padre Reis em S. Paulo, nomeado bibliothecario e organisando a nova bibliotheca.

Consta do archivo do palacio do governo de S. Paulo os relevantes serviços e os innumeros desgostos que soffreu n'esse cargo.

A nomeação de capellão do convento das religiosas de Santa Theresa de S. Paulo veiu unir-se á de bibliothecario.

Estava reservado ao padre José Antonio dos Reis a peior phase de sua vida, o mais angustioso transe. No novo encargo o digno e virtuoso sacerdote foi alvo de mil injurias e doestos, perseguições e calumnias, porque as pretenções illegitimas e inconfessaveis dos grandes da terra partiam-se como o vidro diante da muralha de ferro que na portaria do convento de Santa Theresa lhes antepunha a mão firme e sagrada do corajoso capellão, columna inabalavel da fé, da virtude e da castidade religiosa. Seria mais facil morrer do que vêr apagada pela corrente tumultuosa do vicio a chamma pura e sacrosanta do altar e da cruz velada pelas virgens do Senhor.

Guardava a porta do claustro, como o archanjo a porta do paraiso.

Valeu-lhe isto todas as affrontas.

Em um dia que o respeitavel ministro do Senhor atravessava a rua de Santa Theresa, de cima de um sobrado, habitado por distincto personagem, arrojaram á face do digno sacerdote uma bacia de rosto com agua.

Muitas outras desfeitas soffreu o venerando padre n'essa capellania.

Eram os passos de sua paixão ; como o Divino Mestre, devia soffrer a injuria dos judeus, no meio das praças, até que se erguesse o seu Calvario na derradeira collina do martyrio e da morte.

No dia 11 de Agosto de 1826 installou-se o curso juridico de S. Paulo. José Antonio dos Reis, sempre votado á sciencia e ás letras, desejava ardentemente matricular-se ; faltavam-lhe, porém, os meios para pagar a matricula, e ia já abandonar a idéa quando o Senhor vem em seu auxilio.

Um ecclesiastico velho e dinheiroso forneceu-lhe os meios para realizar as matriculas. A maneira porque o virtuoso padre se distinguiu no curso juridico prova o esplendido sucesso de obter a medalha de ouro, premio raras vezes concedido e conquistado, pela sua assiduidade, progresso e dedicação pela sciencia.

Cursava ainda o padre José Antonio dos Reis o quarto anno do curso juridico de S. Paulo em 1831, quando a prelazia de Cuyabá, erecta em bispado pela bulla *sollicita catholica gregis cura* do papa Leão XII, achava-se *séde vacante*, por não ter aceitado a nomeação de bispo para essa diocese o conego da imperial capella Placido Mendes dos Santos.

No dia 8 de Setembro d'esse mesmo anno ministrava o padre José Antonio dos Reis em uma missa solemne, no convento de Santa Theresa, como diacono, quando o sorprendeu a nomeação pela regencia, em nome do Imperador, de bispo da diocese de Cuyabá.

N'esse grande dia para o pobre sacerdote, que assim via recompensadas tantas fadigas, trabalhos e dôres, téve elle a maior dita com que o podia premiar o Senhor, vendo o bispo eleito, e dependente ainda da confirmação da Santa Sé, converter-se a cidade de S. Paulo em theatro de esplendida ovação publica e enthusiastica manifestação de prazer, saudando e acclamando o novo principe da igreja, como os povos da antiga Roma saudavam os seus Imperadores.

N'esse grande dia D. José Antonio dos Reis, bispo de Cuyabá, havia achar bem doces as lagrimas que o indigente estudante Reis derramára na tréva da noite do pobre, sobre a pelle de carneiro do obscuro aposento do convento de S. Paulo, testemunha das amarguras profundas que soffreu na triste aurora da existencia.

As glorias que mais se apreciam e perduram são as que se conquistam á custa de muita dôr, provação e martyrio.

D. José conclue seus estudos juridicos em 1832, e recebe o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes já revestido das vestes prelaticias.

N'esse mesmo anno exerceu o cargo de juiz de paz da cidade de S. Paulo, lugar de difficil desempenho n'essa época vertiginosa.

Foi confirmado bispo de Cuyabá e proclamado pelo Santissimo Padre Gregorio XVI no consistorio de 2 de Junho de 1832, e no dia 8 de Dezembro do mesmo anno celebrou-se na cathedral de S. Paulo a sua sagração, officiando n'esse acto solemne como celebrante o Exm. bispo de S. Paulo D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, e como ministros assistentes os Rvs. Dr. arcediago Antonio Joaquim de Abreu e conego chantre Lourenço José Ferreira, provisor e vigario geral.

Logo depois de sagrado partiu a tomar conta de sua diocese, fazendo o *magnus saccerdos* a sua entrada solemne na capital de Mato Grosso em 27 de Novembro de 1833, cercado de brilho, respeito e admiração.

Na noite de 30 de Maio de 1834, no lamentavel successo de mata-portuguezes, de funesta recordação para a provincia, prestou o extremoso pastor importantes serviços á religião e ao Estado. Amado e venerado por todos os seus diocesanos, ouvido em todos os negocios, consultado em todos os embaraços, ganhou D. José dos Reis a geral estima publica, sendo espontanea e unanimemente eleito deputado geral em 1834, seguindo para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1842 por ter merecido a reeleição para o honroso cargo de representante da nação.

No periodo de oito annos, em que esteve afastado do seu rebanho, para viver no explendor da côrte, teve ainda

momento de distinguir-se, tomando parte na sagração de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, pelo que lhe foi offerecida a commenda da ordem de Christo, coadjuvando o Sr. bispo D. Manoel do Monte Rodrigues na questão de precedencia suscitada entre o bispo capellão-mór e o illustrado arcebispo da Bahia D. Romualdo de Seixas.

Uma noticia biographica do illustre bispo de Cuyabá, publicada no *Apostolo* de 29 de Novembro do corrente anno, denuncia um facto que não podemos aceitar, pela sua manifesta improcedencia, e em face da notoria illustração do fallecido bispo do Rio de Janeiro, conde de Irajá, respeitado pelo seu escrupuloso procedimento e proverbial caracter, incapaz de commetter acção diametralmente opposta á reconhecida humildade e integridade de caracter notoriamente venerado.

Diz aquelle biographo que a apregoada obra *Theologia moral*, geralmente conhecida e propalada entre nós, não é da penna do conde de Irajá, e sim do bispo de Cuyabá, escripta por este illustre prelado em latim e offerecida ao seu collega quando deputado geral.

Não reflectiu, porém, o mesmo biographo, precipitando tão grave juizo, que elle proprio confessa « *ser o trabalho feito de commum accordo ; que ambos resolveram mudar o plano da obra, encontrando-se entre os papeis do fallecido bispo D. José algumas apostillas feitas por elle —augmentando, restringindo e corrigindo mesmo, alguns capitulos escriptos pelo Sr. padre Monte.* »

Ora, se é o proprio denunciante quem confessa ser o conde de Irajá (padre Monte) *autor dos capitulos da obra*, como foi ella escripta pelo bispo de Cuyabá em latim e offerecida áquelle ?

Manda a logica concluir em contrario, e da deducção dos factos, da analyse, da decomposição do pensamento reve-

lado pelo biographo anonymo, denunciante do imaginado plagio, assim como da tradição nunca desmentida, resulta a forçosa consequencia de que o que se deu foi, quando muito, a audiencia do bispo de Cuyabá, solicitada pela excessiva modestia do conde de Irajá e seu demasiado escrupulo. Mas como affirmar que os capitulos da obra do bispo do Rio de Janeiro receberam as restricções e corrigendas do bispo de Cuyabá?

Se a obra foi escripta em latim e offerecida de mimo ao bispo D. Manoel, como fez o bispo D. José corrigendas em capitulo que o biographo confessa ser d'aquelle bispo?

Não procurem espiritos precipitados em seus juizos marear a gloria posthuma que illumina o vulto eminente do conde de Irajá. O *laude postera* do velho Horacio cabe ao sabio prelado com todo direito, verdade e justiça.

A *Theologia moral* do padre Monte, geralmente conhecido e popularisado no Imperio, compõe-se de 1620 paragraphos, comprehendendo dois grossos volumes e um notavel appendice, e foi indubitavelmente escripta pelo prelado fluminense, incapaz, senão fosse elle o autor, virtuoso, integro e humilde como era, de fazer em 1846, quatro annos depois do regresso do bispo D. José á diocese de Matto Grosso, uma nova edição do seu compendio de theologia, correcta, revista e augmentada por elle, accrescendo mais n'esta edição a lithurgia de cada um dos sacramentos e um appendice sobre o estado religioso, varias decisões pontificias ácerca da usura e uma tabella razoada das materias do compendio.

Tinhamos o imperioso dever de fazer este protesto no momento solemne em que celebra o Instituto a commemoração do bispo de Cuyabá, não só porque vejo o vulto venerando do illustre finado erguer-se entre nós n'este momento solemne, protestando contra este falso juizo, como

porque era tambem o conde de Irajá nosso consocio, e o Instituto derramou sobre aquella lousa preciosa sentidos carmes e ardentes lagrimas.

Continuemos a esboçar o brilhante estadio percorrido pelo bispo de Cuyabá, farto de propria gloria para que se lhe emprestem alheios louros.

Espontaneamente honrado o eminente prelado pelo Santissimo papa Gregorio XVI, por breve pontificio de 17 de Dezembro de 1841, com as honras de prelado domestico, bispo assistente e conde Palatino, conservou cautelosamente secretas estas mercês até o anno de 1858, no qual, annuindo a muitos pedidos de amigos, solicitou beneplacito a S. M. o Imperador para receber essas graças pontificias e usar as respectivas insignias.

No dia 7 de Dezembro de 1858 benzeu o bispo de Cuyabá e lançou a primeira pedra do seminario episcopal da Conceição, com a presença do respectivo presidente da provincia Joaquim Raymundo De-Lamare.

Excessivamente caritativo, o santo varão despendia todos os seus proventos em beneficiar aos pobres ; tirava de si para enxugar as lagrimas dos desvalidos e matar a fome dos necessitados.

Era um anjo-pastor, e cordeiro sempre immolado pela felicidade do rebanho.

O preclaro e santo bispo era humilde de coração. Tinha diante dos olhos o preceito do Divino Mestre, em S. Matheus, cap. 20, v. 16 :

« *Sic erunt novissimi primi, et primi novissimi. Multi enim sunt vocdti, pauci vero electi!* »

« Assim, serão os ultimos os primeiros e primeiros os ultimos, porque são muitos os chamados e poucos os eleitos. »

Enraizára no seu espirito o venerando prelado, pela ob-

servação dos factos humanos, e a multidão de inducções e deducções do raciocinio, a idéa de que o mundo, a sociedade e os homens, nada mais são que o grão de mostarda lançado no chão, que depois germina e brota, mais tarde cresce e ergue-se arvore esplendida, sobre as ramas da qual vêm os passaros do céo cantar os hymnos da manhã: chega após a geada, as folhas cahem, as ramas seccam, o tronco mirra e estala, e a arvore pende para o chão d'onde se ergueu.

E' a historia da vida da humanidade, do destino dos individuos, das nações e dos povos.

Lei fatal, linha traçada pela mão omnipotente de um Deus, e que será impossivel ao homem penetrar por falta de ar e luz, quer elle remonte além da atmosphera, ou mergulhe nos subterraneos do mar, ou escave abysmos na terra.

Não lhe foi dado transpôr a mysteriosa barreira, erguida nos extremos da esphera pela omnipotencia divina.

O homem será asphyxiado, procurando solver problemas insoluveis, desde o primeiro reflexo da aurora da creação, no *fiat*, até o derradeiro raio de luz do ultimo occaso do orbe, quando se confundirem os pólos e fôr submersa a natureza e o globo no horroroso cahos do *consumatum est.*

D'aqui até lá, o *diœs irœ*, consideremos o mundo como elle é: vasto jardim de flôres, grandissimo theatro, immensissimo palco.

No jardim colhem-se açucenas, magnolias, bogarins e violetas; perfumam-nos o berço e o tumulo, a manhã e a tarde; formam os lindos ramos, que á noite, no baile, ornam o seio da virgem e o collo da princeza, e que logo na manhã seguinte, fanados e murchos, servem-lhes de tapete ás delicadas pantuflas.

Todas aquellas flôres eram formosas e beijadas pela brisa da tarde e o orvalho da manhã: todas ellas murcharam.

Assim os personagens no palco da vida, no grande theatro universal, apparecem e somem-se, vivem e morrem, lutam e cahem.

Cada um d'elles representou o seu papel nas variadissimas scenas do seu destino ; vagiu no berço, expirou no tumulo, deixando os vestuarios fornecidos pela sorte no vasto e profundo camarim da morte, até que novos actores venham substituil-os nos futuros dramas e comedias sociaes.

O illustre bispo convencia-se profundamente que só no desprezo dos bens terrenos e na ardente aspiração da bemaventurança estava o verdadeiro destino do homem.

Não podia comprehender como era que um sêr intelligente e livre, meditando n'esse quadro eloquente da natureza, o grande livro da verdade, aberto diante de seus olhos desde o crepusculo da manhã até o crepusculo da tarde, desde o cahir da noite até o alvorecer do dia, ensinando aos homens o nada das cousas humanas, vendo perto da rosa o goivo, do noivado a morte, da opulencia a miseria, da ventura e do amor a infelicidade, o desprezo e a morte, perseverasse tanto no caminho do erro, descurando de preparar a sua salvação, na rapida passagem pelo planeta terrestre, estrada transitoria para a viagem de além tumulo.

Consubstanciando sua alma nas maximas elevações do espirito, não comprehendia que houvesse amor superior ao de Deus e do proximo, e procurava mostrar ás suas ovelhas, praticando a caridade, a humildade e a virtude, que só na perfeição da alma póde o homem approximar-se do seu verdadeiro destino.

Consolava os desgraçados, reconciliava os inimigos, assistia em pessoa aos moribundos com a uncção nos labios, a fé nos olhos e a esperança da salvação no coração.

Durante quarenta e tres annos de prelazia o bispo de Cuyabá a unica distincção que trouxe foi a cruz peitoral sobre a sotaina do padre.

Administrava os sacramentos como o mais humilde coadjutor de freguezia a todo e qualquer diocesano sem distincção de classe.

As portas do seu palacio foram em par abertas para receber os miseros enfermos, flagellados com a peste da bexiga. Era elle o capellão, o enfermeiro e o amigo que cerrava as palpebras dos mortos.

Elle mesmo, o principe da igreja, levava o Sagrado Viatico á casa dos particulares, e, para dizer tudo em uma só palavra, o bispo D. José era o mais prompto e dedicado captivo de seus subditos.

O pastor estava cansado, procurou amparar-se na baixada do caminho e cahiu exhausto de forças no marco derradeiro. Tinha soado a sua hora ultima.

O santo varão inclinou a fronte para o gelido leito no dia 11 de Novembro pela uma hora e um quarto, no meio das lagrimas, das preces e das benção de seus diocesanos.

Succumbiu victima de uma hepatite aguda, que sobreveiu depois de varios soffrimentos rheumaticos e do estomago.

O seu espirito angelico vôou da terra, e por entre o perfume do alóes e ao som de canticos sagrados pousou no paraiso.

O sahimento do prelado de Cuyabá foi a procissão de um santo, a divinisação de um justo, a sagração de um martyr.

Por todas as ruas por onde passou o santo corpo do finado, acompanhado por perto de cinco mil pessoas, era o transito interrompido pelas ondas do povo, que queriam tocar os frios restos do pastor adormecido.

De todas as casas ouviam-se gritos e prantos, como se tivessem perdido o pai, o irmão, a mãi ou a esposa.

Recebeu o santo prelado todas as honras funebres devidas á sua alta categoria, prestadas pelo 21° corpo de infantaria, e ao redor do cenotaphio erguido na Sé cathedral, do qual pendia o retrato do elevado cidadão e todas as suas insignias episcopaes, estava o Exm. general presidente da provincia, o clero, os desembargadores, juizes de direito, chefe de policia, todas as repartições civis e militares, todas as pessoas gradas da capital e grande concurso de povo.

Não morreu, glorificou-se!

O herói, o martyr, o justo, que se eleva á suprema ascensão, perdurará até que se parta a derradeira columna do orbe, e se amalgamem os pólos na convulsão final do mundo creado.

Seu nome, engastado em letras de ouro no marmore branco da igreja catholica, não será dissipado como a vaidosa fumaça de um dia de poder vão e ephemero pela inconstante brisa da fortuna, nem pelo bramido do tufão, nem pelo horrido estampido do raio.

O homem que se immortalisa não expira: dorme e desperta; morre e resuscita. Acerca-se da noite do tumulo, deita-se no leito dos mortos, dorme no campo das cruzes e dos cyprestes, e desperta ao clarão de uma aurora perenne; vê erguer-se o sol deslumbrante da eternidade, illuminando o dia perpetuo da gloria.

As gerações que se levantam e se succedem infinitamente encontram o seu vulto imponente no oriente das academias, envolto na tunica gloriosa da immortalidade e laureado com os mythos da sciencia.

E' a maxima conquista dos sêres immortaes.

O terminio augusto e sagrado do destino do homem,

que no completo aperfeiçoamento de suas faculdades, feito á imagem de Deus, ascende até elle na mansão etherea, não mais um homem, impuro e contingente, mas um semi-Deus perfeito no seu molde.

Os cinco campeões que cahiram na arena do combate não pertencem mais ao circulo da terra : completaram os seus destinos, tomaram a palma dos eleitos bemaventurados e partiram para a região celestial ; foram ouvir o côro angelico e sublime dos cherubins, sagrando em hymnos immortaes o Deus dos exercitos nas supremas alturas do céo.

Seus nomes pertencem á posteridade.

Nas suas sepulturas vicejam as corôas depostas pela patria agradecida.

Demos a boa noite cheios de respeito, consideração e saudade, aos illustres finados.

Glorifiquemos a sua partida.

Saudemos a sua ascensão.

Sejam essas louzas venerandas os marcos brilhantes de porvir e gloria, apontando o caminho da immortalidade ás gerações que se erguem no berço da patria.

Boa noite, immortaes consocios !

Boa noite.

MAPPAS, CARTAS, ETC., OFFERECIDOS AO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1876.

PELO SR. FRANCISCO WISNER DE MORGENSTERN

Carta topographica da republica do Paraguay feita de 1846 a 1858 por observações trigonometricas astronomicas.

PELO MINISTERIO DA AGRICULTURA

Carta da provincia de Goyaz, organisada em 1874 pelo capitão de engenheiros Joaquim R. de M. Jardim. Rio de Janeiro, 1875.

Mappa da região principal da provincia de S. Paulo.

PELO SR. 1° TENENTE DA ARMADA NACIONAL FRANCISCO CALHEIROS DA GRAÇA

Carta reduzida da costa do Brasil e das Guyanas, entre o cabo Gurupy e o rio Suriman, demarcando as sondas feitas pela corveta brasileira *Vital de Oliveira*, organisada por ordem do governo imperial, 1874.

PELO SR. BARÃO DE PONTE RIBEIRO

Carta do Imperio do Brasil, organisada pela commissão da carta geral, sob a presidencia do general H. de Beaurepaire Rohan, com a coadjuvação do Sr. barão de Ponte Ribeiro, 1875.

PELO SR. GOVERNADOR DA GUYANA INGLEZA

Map of British Guiana, compiled from the surveys executed under Her Majestys commission from 1841 to 1844 and under the direction of the Royal Geographical Society, by Sir Robert H. Schombugh, 1875.

RELATORIOS E DOCUMENTOS REMETTIDOS PELAS SECRETARIAS DE ESTADO EM 1876.

SECRETARIA DO IMPERIO

Falla com que o Sr. presidente Dr. Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque abriu a assembléa provincial do Piauhy no dia 4 de Junho de 1875, acompanhada do relatorio com que lhe passou a administração da mesma provincia o 1° vice-presidente tenente-coronel Odorico Brasilino de Albuquerque Rosa no dia 28 de Abril do mesmo anno.

Falla dirigida á assembléa provincial de Santa Catharina em 21 de Março de 1875 pelo presidente Dr. João Thomé da Silva. Cidade do Desterro, 1875.

Falla com que o Sr. Dr. José Bernardo Galvão Alcanforado Junior abriu a 2ª sessão da 20ª legislatura da assembléa provincial do Rio Grande do Norte em 23 de Julho de 1875. Rio de Janeiro, 1875.

Falla com que o Sr. conselheiro José Pereira da Graça, 2° vice-presidente da provincia do Maranhão, abriu a assembléa provincial em 8 de Junho de 1875.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial de Goyaz pelo Sr. Antero Cicero de Assis, presidente da provincia, em 1° de Junho de 1875.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial de Minas Geraes pelo Sr. presidente da provincia Dr. Pedro Vicente de Azevedo em 9 de Setembro de 1875.

Leis e resoluções da assembléa legislativa provincial das Alagôas de 1875. Maceió, 1876.

Collecção de leis da provincia do Grão-Pará, tomo 36, parte 1ª, anno de 1874. Pará, 1874.

Collecção das leis da provincia do Amazonas de 1875. Manáos, 1875.

Collecção das leis e regulamentos da provincia do Paraná, tomo 22. Coritiba, 1875.

Collecção das leis provinciaes de Matto Grosso do anno de 1875. Cuyabá, 1875.

Leis e resoluções da provincia da Bahia, de 1875.

Leis e resoluções da provincia das Alogoas de 1875. Maceió, 1876.

Collecção de leis da provincia de Santa Catharina de 1875. Cidade do Desterro, 1876.

Idem, idem da provincia do Ceará de 1875. Fortaleza, 1876.

Idem, idem da provincia do Maranhão, 1875. Maranhão, 1876.

Idem, idem da provincia do Amazonas, 1874.

Regulamento n. 19 de 31 de Dezembro de 1875 para as agencias fiscaes da Parahyba do Norte. Parahyba, 1876.

Relatorio apresentado pelo Sr. Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, presidente da provincia do Pará, á assembléa legislativa provincial em 15 de Fevereiro de 1876.

Relatorio que o Sr. presidente da provincia do Maranhão Dr. Frederico José Cardoso de Araujo Abranches apresentou ao Sr. 1º vice-presidente senador Luiz Antonio Vieira da Silva, ao passar-lhe a administração da provincia no dia 17 de Janeiro de 1876.

Relatorio com que o Sr. coronel barão de Diamantino, vice-presidente da provincia de Matto Grosso, passou a administração da mesma ao Sr. general Hermes Ernesto da Fonseca no dia 5 de Julho de 1875.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial de S. Paulo pelo presidente da provincia Dr. Sebastião José Pereira em 2 de Fevereiro de 1876.

Relatorio apresentado pelo Sr. Dr. Esmerino Gomes

Parente ao passar a administração da provincia do Ceará ao Sr. desembargador Francisco de Faria Lemos em 22 de Março de 1876.

Relatorio apresentado ao Sr. Dr. Manoel José de Menezes Prado pelo Sr. coronel Manoel Ribeiro Coutinho Mascarenhas, ao passar-lhe a administração da provincia do Espirito Santo, em 3 de Janeiro de 1876, dois exemplares.

Relatorio com que o Sr. Dr. Cypriano de Almeida Serrão passou a administração da provincia de Sergipe ao Sr. Dr. João Ferreira de Araujo Pinho em 24 de Fevereiro de 1874.

Relatorio apresentado ao Sr. vice-presidente da provincia do Espirito Santo, coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas, pelo Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto ao passar-lhe a administração da provincia.

Appensos ao Relatorio apresentado á assembléa provicial d'aquella provincia pelo Sr. Dr. João Thomé da Silva em 8 de Setembro de 1875.

Relatorio com que ao Sr. Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay passou a administração da provincia de Santa Catharina o Sr. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho em 1876.

Falla dirigida á assembléa legislativa da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul pelo Sr. presidente Dr. José Antonio de Azevedo Castro, e Annexos, 1876.

Falla com que o Sr. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho abriu a 1ª sessão da 21ª legislatura da assembléa provincial de Santa Catharina em 1° de Março de 1876.

SECRETARIA DA AGRICULTURA

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na 4ª sessão da 15ª legislatura pelo ministro e secretario

de Estado dos negocios da agricultura José Fernandes da Costa Pereira Junior, e Annexos ao mesmo Relatorio.

Segundo repertorio addicional sobre estradas, carris de ferro, obras publicas, navegação maritima e fluvial, por Luiz Francisco da Veiga. Rio de Janeiro, 1875.

A Exposição das obras publicas em 1876 — Publicação official. Rio de Janeiro, 1876.

Melhoramento dos portos do Brasil—Relatorio de Sir John Hawkshaw, publicação official. Rio de Janeiro, 1875.

Estradas de ferro da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul—Pareceres do engenheiro Eduardo José de Moraes. Rio de Janeiro, 1876.

Memorial sobre uma via ferrea interoceanica do Rio de Janeiro á Lima, por Ch. Palm, traduzido do inglez. Rio de Janeiro, 1876.

Breve noticia sobre a provincia do Maranhão. Rio de Janeiro, 1875.

SECRETARIA DE ESTRANGEIROS

Documentos para la historia de la vida publica del libertador de Colombia, Perú y Bolivia, publicados por disposicion del general Guzman Blanco. Caracas, 1876 — 5 volumes.

RELATORIOS E DOCUMENTOS ENVIADOS POR ALGUNS PRESIDENTES DE PROVINCIAS.

RIO GRANDE DO SUL

Falla dirigida á assembléa legislativa provincial pelo Sr. presidente Dr. José Antonio de Azevedo Castro na 2ª sessão da 16ª legislatura. Porto Alegre, 1876.

SANTA CATHARINA

Falla com que foi aberta pelo Sr. presidente da provincia a assembléa provincial em 1º de Março de 1876 ;

E officio com que passou a administração da mesma ao Sr. 1º vice-presidente, etc.

Collecção de leis da provincia de Santa Catharina, do anno de 1875.

PARANÁ

Relatorio apresentado pelo Sr. presidente da provincia á assembléa legislativa provincial na abertura da sessão de 1876.

RIO DE JANEIRO

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial do Rio de Janeiro na sessão de 8 de Setembro de 1875 pelo Sr. presidente da provincia conselheiro Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja. Rio de Janeiro, 1875.

GOYAZ

Collecção de leis e resoluções da provincia de Goyaz do anno de 1875, tomo 41.

BAHIA

Leis e resoluções da provincia da Bahia de 1875.

SERGIPE

Relatorio com que o Sr. Dr. Cypriano de Almeida Sebrão passou a administração da provincia ao Sr. presidente Dr. João Pereira de Araujo Pinho em 24 de Fevereiro de 1876.

Relatorio com que o Sr. presidente Dr. João Pereira de Araujo Pinho abriu a assembléa legislativa provincial de Sergipe no dia 1º de Março de 1876.

Collecção de leis e resoluções da provincia de Sergipe do anno de 1876.

ALAGÔAS

Collecção de leis da provincia das Alagôas promulgadas no anno de 1875.

CEARÁ

Relatorio apresentado á assembléa legislativa da provincia do Ceará pelo presidente da provincia no dia 2 de Julho de 1875, por occasião de sua installação, e Annexos ao mesmo Relatorio.

Collecção de leis de 1875.

Relatorio apresentado pelo Sr. Dr. Esmerino Gomes Parente ao passar a administração da provincia ao Sr. Desembargador Francisco de Faria Lemos no dia 22 de Março de 1876.

MARANHÃO

Relatorio que o Sr. presidente Dr. Frederico José Cardoso de Araujo Abranches apresentou ao Sr. 1º vice-presidente Luiz Antonio Vieira da Silva, ao passar-lhe a administração da provincia, em 17 de Janeiro de 1876.

Collecção de leis provinciaes de 1875.

PARÁ

Relatorio apresentado pelo Sr. Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, presidente da provincia do Pará,

á assembléa legislativa provincial na sessão de 15 de Fevereiro de 1876.

Collecção de leis da provincia do Grão-Pará, tomo 36, parte 1.ª Anno—1874.

OBRAS OFFERECIDAS AO INSTITUTO EM 1876

PELO SR. FRANCISCO MANOEL ALVARES DE ARAUJO

Relatorio da viagem de exploração dos rios das Velhas e S. Francisco, feita no vapor *Saldanha Marinho*.

PELO SR. DR. ANTONIO PEREIRA PINTO

Annaes do parlamento brasileiro—Camara dos Srs. deputados, 4° anno da 15ª legislatura, sessão de 1875, sete volumes. Rio de Janeiro, 1875.

PELO SR. DR. JOAQUIM JOSÉ DE CAMPOS DA COSTA MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Relatorio e trabalhos estatisticos apresentados ao Exm. Sr. Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira, ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. DR. JOAQUIM PIRES MACHADO PORTELLA

Constituição politica do Imperio do Brasil, confrontada com outras constituições e por elle annotada. Rio de Janeiro, 1876.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE PARIS

Boletins dos mezes de Novembro e Dezembro de 1875, Janeiro, Fevereiro, Março, Abril e Maio de 1876.

PELA SOCIEDADE AMERICANA DE PARIS

Annuaire de la Société Américaine, publié avec le concours de la commission de redaction, 1874. Paris, 1875.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LONDRES

Boletim do mez de Abril de 1876.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE HAMBURGO

Revistas dos annos de 1874 e 1875.

PELA SOCIEDADE DE MADRID

Reglamento de la sociedad, aprobado en la junta general celebrada el 24 de Marzo 1876.

PELA COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL, DELEGADA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE PARIS

Les isthmes américains.—Projet d'une exploration géographique internacionale des terraines qui semblent presenter le plus de facilités pour le percement d'un canal maritime inter-océanique, par M. Leon Drouillet, ingenieur. Paris, 1876.

PELO INSTITUTO DE COIMBRA

Revista scientifica e litteraria, XXII anno, Janeiro. 1876.

PELO SR. LUIZ L. DOMINGUEZ, ENVIADO EXTRAORDINARIO E MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DA REPUBLICA ARGENTINA

Acta de la academia nacional de sciencias exactas existente na universidade de Cordova, tomo 1.° Buenos-Ayres, 1875.

PELO SR. J. EWBANK DA CAMARA

Caminhos de ferro do Rio Grande do Sul—Competencia com as vias de communicação existentes n'essa provincia e nas republicas do Prata. Rio de Janeiro, 1875.

PELOS SRS. DRS. CAPANEMA, BAPTISTA CAETANO E BARBOSA RODRIGUES

Ensaios de sciencia por diversos amadores—Revista, 1° folheto de Março. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. AGOSTINHO DE VEDIA

La deportacion à la Habana en la barca *Puig*—Historia de um attentado celebre. Buenos-Ayres, 1875.

PELO INSTITUTO PHARMACEUTICO DO RIO DE JANEIRO

Revista dos mezes de Outubro, Novembro e Dezembro de 1875 e Janeiro, Fevereiro, Março, Abril e Maio de 1876.

Relatorio da escola de humanidades e sciencias pharmaceuticas. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. FRANCISCO RAMOS PAES

Ganganelli. —A Igreja e o Estado, por Joaquim Saldanha Marinho, 4ª serie. Rio de Janeiro, 1876.

Boletim do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil, 1875.

Discurso proferido pelo grão-mestre, grande commendador da ordem, Joaquim Saldanha Marinho, por occasião da posse das administrações das lojas Confraternidade Beneficente e Ceres, em 20 de Março de 1876, na cidade de Cantagallo. Rio de Janeiro, 1876.

Noticia do archipelago dos Açores, por Accurcio Garcia Ramos. Lisboa, 1871.

PELO SR. U. DO AMARAL

Discurso proferido a 11 de Agosto de 1876 no salão do G∴ Oriente Unido. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. LUCIANO CORDEIRO

Thesouro da arte—Relances de um viajante. Lisboa, 1875.

Estros e palcos. Lisboa, 1874.

Viagens.—França, Baviera, Austria e Italia. Lisboa, 1875.

Viagens—Hespanha e França. Lisboa, 1874.

Livro de critica—Arte e litteratura portugueza de hoje, 1868, 1869 e 1871. Porto, 1871—2 volumes.

Dos bancos portuguezes—A questão do privilegio do banco portuguez. Lisboa, 1873.

De la découverte de l'Amérique. Lisbonne et Paris, 1876.

PELA SECRETARIA DO SENADO

Annaes do senado do Imperio do Brasil, 4ª sessão da 15ª legislatura, 1875, seis volumes.

Relatorio dos trabalhos do senado, apresentado em 11 de Março de 1875.

Synopse dos objectos pendentes de deliberação do senado em 10 de Outubro de 1875.

PELO SR. DR. JOSÉ MARIA DOS ANJOS ESPOSEL

Revista mensal das decisões proferidas pela relação da côrte em processos civeis, commerciaes e crimes. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. GUILHERME CANDIDO BELLEGARDE

Memoria justificativa dos planos apresentados ao governo imperial para a construcção da estrada de ferro de Porto Alegre á Uruguayana. Rio de Janeiro, 1875.

PELO SR. COMMENDADOR JOÃO WILKENS DE MATTOS

Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá, por D. S. Ferreira Penna. Pará, 1874.

O Tocantins e o Anapú—Relatorio do secretario da provincia Domingos Soares Ferreira Penna. Pará, 1864.

A Região occidental da provincia do Pará — Resenhas estatisticas das comarcas de Obidos e Santarem, por D. S. Ferreira Penna. Pará, 1869.

A Ilha de Marajó—Relatorio apresentado ao Sr. presidente da provincia por D. S. Ferreira Penna. Pará, 1876.

PELO SR. DR. CARLOS HONORIO DE FIGUEIREDO

Relatorio apresentado á assembléa geral dos accionistas da companhia União e Industria em 4 de Fevereiro de 1874.

Exposição universal de 1873—Relatorio sobre zootechnia, por Luiz Caminhoá. Rio de Janeiro, 1874.

Monographia do algodoeiro, pelo Dr. Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque. Rio de Janeiro, 1863.

Relatorio apresentado á assembléa geral dos accionistas da companhia de Ferro Carril Fluminense na reunião de 23 de Janeiro de 1875 pela directoria.

S. Paulo Railway Company (limited)—Pretenções do vis conde de Mauá—carta circular do presidente da companhia dirigida aos accionistas em 23 de Junho de 1875. Rio de Janeiro.

PELO SR. MONSENHOR JOAQUIM PINTO DE CAMPOS

A Igreja e o Estado—o catholico e o cidadão. Rio de Janeiro, 1875.

PELO SR. AUGUSTO EMILIO ZALUAR

Exposição nacional no Brasil em 1875. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. DR. JOAQUIM ANTONIO PINTO JUNIOR

Razões de recurso, offerecidas perante o egregio tribunal da relação da côrte pelo Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, advogado do estudante da escola polytechnica da côrte João Capistrano da Cunha. Rio de Janeiro, 1876.

O assassinato do Dr. João Baptista Badaró—46° anniversario, biographia pelo Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. LUIZ SANOJO

Instituciones de derecho civil venezolano. Caracas, 1873. —4 volumes.

Exposicion del codigo de commercio con su texto. Caracas, 1874—2 volumes.

PELO SR. DR. ROZENDO MUNIZ BARRETO

Notas e observações sobre a exposição nacional de 1875. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. DR. MANOEL JESUINO FERREIRA

Exposição de Philadelphia—Provincia da Bahia. Apontamentos. Rio de Janeiro, 1875.

PELO SR. DR. MANOEL BUARQUE DE MACEDO

Exposição de obras publicas em 1875. Rio de Janeiro, 1876.

O Imperio do Brasil na exposição universal de 1876 em Philadelphia. Rio de Janeiro, 1875.

PELO SR. THOMAZ GARCEZ PARANHOS MONTENEGRO

A Provincia da Bahia e navegação do rio S. Francisco. Bahia, 1875.

PELO SR. DR. JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES

O selvagem : 1º Curso da lingua geral segundo Ollendorff, comprehendendo o texto original de lendas tupis. 2º Origens, costumes, religião selvagem, etc.—Trabalho preparatorio para o aproveitamento do selvagem e do solo por elle occupado no Brasil. Rio de Janeiro, 1876.

PELA TYPOGRAPHIA NACIONAL

Collecção de leis do Imperio do Brasil de 1831 e dita das decisões do governo, do mesmo anno. Rio de Janeiro, 1876—2 volumes.

Dita de leis de 1875. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. LUIZ AUGUSTO FLEURY, SECRETARIO DA LEGAÇÃO DO BRASIL NA REPUBLICA ARGENTINA

Registro estatistico de la Republica Argentina bajo la direccion de Damian Hudson—tomo 7º, año 1872 y 1873. Buenos-Ayres, 1875.

PELO SR. C. PRADEZ

Nouvelles études sur le Brésil. Paris, 1876.

PELO SR. SENADOR CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

Revista academica de sciencias e letras da cidade do Recife—os 1os numeros. Recife, 1876.

PELO SR. DIRECTOR DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

Relatorio apresentado á faculdade de medicina do Rio de Janeiro pelo Dr. Domingos José Freire. Rio de Janeiro, 1876.

Dito apresentado á mesma faculdade pelo Dr. Domingos José Freire Junior. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. DR. LUIZ RAPHAEL VIEIRA SOUTO

O melhoramento da cidade do Rio de Janeiro—critica dos trabalhos da respectiva commissão, etc. Rio de Janeiro, 1875.

PELO SR. BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA MUNICIPAL DA CÔRTE EM NOME DA MESMA

Tombo das terras municipaes organisado pelo Dr. Roberto Jorge Haddok Lobo, tomo 1.º Rio de Janeiro, 1863.

Balanços do movimento das caixas a cargo da Illma. camara municipal da côrte dos annos de 1843 a 53, 1868, 69, 71, 72, 73 e 74.

Relatorios apresentados á Illma. camara municipal da côrte nos annos de 1853, 1864, 1865, 1869, 1873 e 1876.

Boletins da Illma. camara municipal da côrte dos annos de 1856, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68 69, 70, 71, 72, 74 a 76.

Codigo de posturas da Illma. camara municipal do Rio de Janeiro e editaes da mesma camara. Nova edição.

Relatorio da commissão de contabilidade e orçamento sobre o balanço da Illma. camara municipal do Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. DR. AGOSTINHO MARQUES PERDIGÃO MALHEIRO

Collecções encadernadas do Correio Mercantil dos annos de 1854 a 1868 e do Jornal do Commercio de 1835 a 1875.

PELO SR. LUIZ LEOPOLDO FERNANDES PINHEIRO JUNIOR

Estudos historicos pelo conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Rio de Janeiro, 1876, 2 volumes.

PELO SR. THEOTONIO MEIRELLES, OFFICIAL REFORMADO DA ARMADA BRASILEIRA

A Marinha de guerra brasileira durante a campanha do Paraguay. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. DR. JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

A Guerra da triplice-alliança (Imperio do Brasil, republica Argentina e republica Oriental do Uruguay) contra o governo da republica do Paraguay (1864—1870), por L. Schneider, traduzido do allemão por Manoel Thomaz Alves Nogueira e annotado pelo Dr. José M. da Silva Paranhos. Rio de Janeiro, 1876, o 2° volume.

PELO SR. DR. AMERICO BRASILIENSE, POR INTERMEDIO DO SR. CONSELHEIRO OLEGARIO HERCULANO DE AQUINO E CASTRO

Lições de historia patria. S. Paulo, 1876.

PELO CLUB LITTERARIO CORITIBANO DA PROVINCIA DO PARANÁ

Um exemplar dos seus estatutos. Rio de Janeiro, 1876.

PELA SOCIEDADE DE SCIENCIAS NATURAES DE CHERBOURG

Mémoires de la Société Imperiale des Sciences Naturelles de Cherbourg, tomos 7 a 19. Paris, 1860—1875, 13 vols.
Catalogue de la bibliothèque de la société, 1870—1873.

PELO SR. MOTTA MAIA

Breves apontamentos para o estudo do ensino medico em Paris—Relatorio. Paris, 1876.

PELO SR. BARÃO DE WILDIK

Le Portugal— Considérations sur l'état de l'administration des finances, de l'industrie et du commerce de ce royaume et de ses colonies. Lisbonne, 1873.

PELO SR. LINO DE ALMEIDA

Os nove primeiros numeros do jornal *A imprensa industrial.*

PELO SR. DR. J. AVELINO GURGEL DO AMARAL

Uma these constitucional—a suspensão e demissão dos magistrados pelas assembléas provinciaes. Recife, 1876.

PELA SECRETARIA DOS NEGOCIOS DA MARINHA E ULTRAMAR

Trabalho da commissão central permanente de geographia, constituição e regulamento geral. Lisboa, 1876.

PELO SR. BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA PUBLICA DA CÔRTE

Annaes da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro. 1876—1877, vol. 1°, 1° fasciculo. Rio de Janeiro, 1876.

PELA COMMISSÃO SUPERIOR DA EXPOSIÇÃO NACIONAL

Carta physica do Imperio do Brasil, e Subsidios—Trabalhos do Sr. conselheiro Homem de Mello. Rio de Janeiro, 1876.

O Imperio do Brasil na exposição universal de 1876 em Philadelphia.

Apontamentos sobre a provincia da Bahia pelo Dr. Manoel Jesuino Ferreira.

Memoria sobre a provincia do Maranhão pelo Dr. Cesar Augusto Marques.

PELO SR. CLEMENTE BARRIAL POSADA

Informação descriptiva do reconhecimento geographico e geologico da parte do continente (Montevidéo) sul-americano. Montevidéo.

PELA SOCIEDADE COLOMBIA

Canal inter-océanique sans écluses in Tunnells à travers le territoire du Darin entre les golfs d'Uraba et de San Michel (États-Unis de Colombie). Paris, 1876.

PELO SR. A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO

Relatorio sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade de Tavira.

D. Vasco da Gama e a villa de Vidigueira.

Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal.

PELO SR. JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO

Relatorio apresentado á commissão iniciadora de uma escola para surdos-mudos, precedido de uma carta do

Sr. Dr. Antonio Luiz Ferreira Girão, lente de chimica da academia polytechnica. Porto, 1875.

PELA REDACÇÃO

A Lanterna—os cinco primeiros numeros. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA PUBLICA DE MONTEVIDÉO

Estudos geraes sobre a contadoria geral da republica do Uruguay. Montevidéo, 1873.

Catecismo del curso de agricultura con laminas, por Antonio T. Caravia, 4ª edição. Montevidéo, 1865.

Instituciones de la fazenda publica de la republica Oriental del Uruguay, por Luiz Ricardo Fors. Montevidéo, 1867.

SOCIOS ADMITTIDOS AO GREMIO DO INSTITUTO NO ANNO DE 1876

MEMBRO HONORARIO

Barão de Schreiner.

CORRESPONDENTES

Senador Joaquim Floriano de Godoy.
João Barbosa Rodrigues.
Luiz da França Almeida e Sá.
Dr. Manoel Jesuino Ferreira.
Francisco Manoel Alvares de Araujo.

FIM DO TOMO XXXIX, PARTE SEGUNDA.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXIX

PARTE SEGUNDA

TERCEIRO TRIMESTRE

PAG.

QUARTO TRIMESTRE

PAG.